



Nana Pauvolih

Série
Segredos

Volume 4

Rendida



Rendida

(Livro 4 da Série
Segredos)

Nana Pauvolih

Série Segredos:

Livro 1 – Proibida.

Livro 2 – Ferida.

Livro 2.5 – Ferida 2.

Livro 3 – Seduzida.

Livro 4 – Rendida.

Copyright © 2015 Nana
Pauvolih
1ª Edição Maio de 2015

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução em todo ou parte
em quaisquer meios sem autorização
prévia escrita da autora.

Título

Rendida

Autora

Nana Pauvolih

Capa

Eliane Sales

pauvolih@outlook.com

<http://nanapauvolih.blogspot.com.br/>

<https://www.facebook.com/livrosnanapref=ts>

<https://www.facebook.com/AutoraNanapref=ts>

Agradecimentos:

Primeiro, agradeço a todos os meus leitores e em especial às minhas “nanetes”, para quem quero sempre dar o meu melhor.

Agradeço também e muito, às minhas lindas que me ajudam em tudo:

Meninas amadas que

administram minhas páginas, como Wanessa Rocha, Patrícia Da Silva e Joycilene Santos.

Querida Eliane Sales, que fez as capas lindíssimas dos livros da Série Segredos.

Queridas da minha equipe tática e “nanática”, que divulgam meu trabalho e estão comigo em todas as horas: Catiele Reis, Emolly Furtado, Patrícia da Silva, Josie Mari e Joycilene Santos (que além de tudo, faz quotes e flyes lindos e ainda cuida do meu blog com o maior carinho do mundo). Obrigada. De

coração.

A Ana Aragão, minha amiga querida e leitora beta, que me deu seus “pitacos” sempre maravilhosos e mergulhou comigo nesta viagem.

Gostaria de agradecer também a todas que de uma maneira ou de outra me ofereceram ajuda e às advogadas e pessoas ligadas a advogados, que me orientaram muito em uma questão que eu tinha dúvidas: Josiane Mourão, Daniela Guardalini, Fernanda Morales, Núbia Maria V. Santos, BF Moreira (e seu

marido e ótimo advogado, Arlem) e Eliane Santos, que se orientou com a advogada Lucy Figueiredo.

Obrigada a todas. Milhões de beijos.

Nanetes, amo vocês!

Nana Pauvolih.

Dedicatória:

Dedico o livro RENDIDA as duas “LARAS” que conheci enquanto escrevia:

A você, “Lara”, que me contou as suas dores. Obrigada pela confiança, por abrir seu coração, por acreditar em mim. Não tenho palavras para dizer o

quanto tudo me tocou, o quanto eu queria que fosse diferente. E o quanto me orgulho de você. RENDIDA é meu e seu.

E a você, a outra “Lara”, que me contou seus amores. Também sinto muito orgulho em saber que assumiu seus dois amores e vive com eles há 45 anos. Obrigada por confiar em mim, por nossas conversas e mensagens, por me fazer acreditar, cada dia mais, que o amor é o melhor sentimento do mundo.

Minhas duas “Laras” queridas e corajosas,

Espero que gostem.

Beijos.

Um pedido

Antes que comecem a leitura de Rendida, eu gostaria de fazer um pedido.

Não leiam correndo. Não passem por cima de frases e emoções. Elas são reais. Elas podem acontecer e

muitas já aconteceram um dia.

Apenas isso.

Sintam.

PRÓLOGO

MARÇO DE 1993

PEDRO FALCÃO

Eu sorria enquanto galopava em direção ao casarão da fazenda naquela tarde ensolarada e fresca de início do outono. Estava animado como sempre ficava quando tinha algum plano e o

colocava em ação. Por isso a pressa e a alegria em vê-lo logo se realizando.

Praticamente pulei do cavalo ao parar em frente a casa e subi os degraus da varanda de dois em dois. Irrompi na sala, já gritando pelo meu irmão um ano mais novo do que eu:

- Heitor! Heitor!

Estava tudo quieto por ali e na mesma hora me dirigi para a cozinha, de onde vinha um cheiro delicioso de comida sendo preparada. Rosa, a empregada que ajudava Tia, estava lá lavando louça e sorriu ao me ver.

- Oi, Pedrinho.

- Oi, Rosa. Viu o Heitor por aí?

- Não. Pergunte à Tia, ela deve saber. Está nos jardins com sua mãe.

- Obrigado. – Acenei e saí pela porta dos fundos aberta, sabendo que, como todo dia, minha mãe estaria lá fora olhando para os jardins, mas sabe-se lá vendo o quê. E não me enganei.

Recostada em uma cadeira larga de vime na varanda, Tia bordava panos de prato, atenta a Micah e Joaquim, que jogavam bola mais à frente, em um terreno amplo e gramado. Joaquim tinha

só cinco anos, mas vivia atrás de Micah, com doze, para onde quer que ele fosse. E recebia sempre sua atenção. Era uma ajuda a Tia, que cuidava deles e também estava sempre fazendo companhia à minha mãe e tomando conta do que acontecia na casa.

Sentada de frente para os jardins que plantou, usando um simples vestido azul e com os cabelos presos em uma longa trança, minha mãe tinha os olhos perdidos à frente e uma expressão plácida no rosto. Aos 45 anos, continuava linda. A mulher mais bonita

que já vi em minha vida, com um tipo de beleza que nem o tempo e as mazelas da vida seriam capazes de apagar. Eu quase conseguia entender a obsessão do meu pai por ela, aquele amor louco e incondicional. Quase.

Uma sensação ruim me envolveu e nem cheguei perto dela. Há dois anos, desde que minha mãe tinha mergulhado naquele estado catatônico, eu apenas a olhava de longe. Ao contrário do meu pai, de Tia e dos meus irmãos, que sempre se dirigiam a ela e tentavam de alguma maneira chamar a sua atenção,

eu me mantinha afastado. Não conseguia esquecer o que tinha feito e, bem dentro de mim, achava que era sua escolha. Uma escolha que mostrava bem seu egoísmo.

Sempre fui louco por ela. Desde pequeno, quando sorria para mim e me pegava no colo, ou quando andava de mãos dadas comigo pelo quintal, eu a olhava como se fosse um anjo, com aquela voz suave e aquele cheiro único, feminino, doce. Adorava ser abraçado por ela, saber que tinha seu amor. Até ficar mais velho e começar a perceber

que não era tão amado assim. Que em alguns momentos, ela se fechava em si mesma e ignorava o mundo, a todos e a mim.

Intercalava momentos de pura felicidade quando tinha sua atenção, com outros em que ela nem parecia saber que eu ou meus irmãos estávamos ali, com o olhar perdido e triste para o horizonte. Nesses momentos eu a olhava de longe, a admirava e rezava para que sorrisse e olhasse para mim, para que fosse feliz novamente. Não sei o que ela tinha, se era aquela sua distância que

instava uma certa obsessão em mim, mas, a exemplo do meu pai, eu era louco por ela. E me tornava a pessoa mais feliz do mundo quando tinha sua atenção.

A parte prática de ser mãe sempre coube mais a Tia. Nos arrumar para irmos à escola, cobrar deveres de casa, brigar quando era necessário. Minha mãe intercalava momentos de atenção com outros de distração e melancolia. Até que, nos últimos anos, algo pareceu mexer com ela e se tornou mais presente do que nunca. Sorria mais, conversava, nos fazia companhia. Saía

todas as tardes para cavalgar com meu pai e o olhava como se o amasse. Naquele período, fomos uma família de verdade e nunca me senti tão feliz. Até quase três anos atrás, quando tudo mudou de repente.

Foi a pior decepção da minha vida. Vi meu pai se arrasar, meus irmãos sofrerem e algo pareceu me rasgar por dentro, mas nunca demonstrei. Apenas me fechei em mim mesmo e soube que minha confiança tinha sido esmagada. Vi a dor do meu pai como se fosse minha ao descobrir que ela o havia traído com

Pablo Amaro, seu maior inimigo. E ali eu disse a mim mesmo que nunca amaria ou confiaria em uma mulher. Nunca.

O escândalo não se espalhou, mas dentro de casa todos nós soubemos e fomos afetados. Minha mãe se desesperou, suplicou ao meu pai, chorou como nunca a vi fazer. Pediu perdão, olhou-nos com arrependimento, mas não negou a traição. E para coroar toda a tragédia, tentou se matar. Para mim foi a prova final do seu egoísmo, da sua falta de amor conosco. Ela não pensou no marido louco por ela nem nos filhos.

Covardemente tentou se esconder do medo e da vergonha, fugir. Não morreu, mas ficou com sequelas. E o que havia sobrado dela era aquele olhar distante, a mudez, os dias sem nem ao menos saber o que se passava a sua volta. Ela simplesmente nos abandonou. Me abandonou.

Eu tinha sentido muita raiva. A dor e a decepção demoraram a se aquietar dentro de mim. E ainda agora, quando a fitava, eu não a perdoava. Não queria chegar perto dela nem demonstrar como tinha me afetado, me feito sentir

deserdado, sem importância. Dediquei meu amor a quem merecia, ao meu pai, à Tia e aos meus irmãos. Principalmente Heitor, que era meu melhor amigo e aquele que parecia me entender perfeitamente, sem que eu precisasse pronunciar uma só palavra. Sempre nos demos bem, mas depois de tudo aquilo, nos tornamos unha e carne, amigos inseparáveis.

- Pedro. – Tia sorriu para mim, parando um pouco seu bordado. – Veio lanchar?

- Não. Estou procurando Heitor.

– Olhei-a, ignorando minha mãe ali ao lado, que continuava quieta olhando para frente, sem nem ao menos notar que eu estava ali.

- Ele deve estar nos estábulos. Tinha acompanhado seu pai no campo ao norte, para ver o nascimento de umas reses. Mas agora Mário foi à cidade conversar com Theo no escritório e Heitor disse que ia cuidar do seu cavalo. Aconteceu alguma coisa?

- Não, Tia. Só quero chamá-lo para dar uma volta.

- Está aprontando alguma? – Ela

me observou desconfiada, na certa notando meu ar agitado. Conhecia a mim bem demais e sorri para disfarçar, me inclinando sobre ela e depositando um beijo em sua testa.

- Claro que não. Sabe que sou comportado.

- Ah, sim, muito comportado! – Ironizou e sacudiu a cabeça. – Juízo menino! Se não fosse Heitor para te colocar no eixo, não sei o que seria de você!

- Ele que tem que agradecer a mim, por tirá-lo do eixo! – Ri e acenei,

já me afastando apressado pela varanda.
– Vou falar com ele. Tchau, Tia.

- Se cuida! – Ela ainda gritou e eu sorri ainda mais, correndo para meu cavalo.

Montei e galopei em direção ao estábulo, pensando o que ela diria se soubesse que eu estava planejando uma boa ação para meu irmão. Heitor tinha me deixado preocupado com seus papos românticos e eu via nele um possível sofrimento no futuro, se continuasse com aquela mentalidade. Como era a pessoa que eu mais amava no mundo, meu

melhor amigo, resolvi dar uma mão e torná-lo mais duro, mais preparado para lidar com aquele bicho dissimulado que era uma mulher. Se dependesse de mim, ele nunca sofreria por uma. Não como meu pai sofreu por minha mãe e nós mesmos com sua traição. Eu faria de Heitor um homem tão duro quanto eu.

Aos 17 anos já sabia muito bem como enlouquecer uma mulher. Eu transava com elas desde que meu pau ficou ereto pela primeira vez e nem estava totalmente formado ainda. Saí com as meninas, as casadas, as solteiras,

todas que dessem sopa na minha frente. Aprendi a tocar e beijar, a satisfazer seus corpos e deixá-las loucas, ter e dar-lhes um prazer absurdo. Era praticamente um viciado em sexo e transava todos os dias, até mesmo mais de uma vez no mesmo dia. Sendo um Falcão, fogoso e com minha aparência, mulher nunca me faltou.

Por isso ficava inconformado que Heitor, com 16 anos, optasse por se manter virgem até encontrar uma garota de quem gostasse de verdade. Era um sacrilégio, até porque a mulherada

praticamente se jogava diante dele, se oferecia, e ele com aquele pensamento atrasado, bobo, perdendo tempo. Era tolice se guardar para uma fulana qualquer que faria cara de boazinha e depois, na primeira oportunidade, cravaría uma adaga no peito dele e o trairía se assim quisesse. Depois do que minha mãe fez, não havia como confiar em nenhuma outra mulher. Eu nunca me colocaria nas mãos de uma delas. E nem deixaria meu irmão cair naquela armadilha. Eu tiraria de Heitor aqueles sonhos tolos e infantis que ele

acreditava e o ajudaria a se tornar um homem de verdade.

Desci do cavalo em frente aos estábulos e o encontrei escovando sua sela, sem seu tradicional chapéu, os cabelos escuros mais longos do que deveriam. Nosso pai mandava ele cortar os cabelos, mas Heitor apenas sorria e continuava do jeito que gostava. Seu jeito manso muitas vezes escondia sua determinação. Eu sabia que nada poderia obriga-lo a fazer o que não queria, por isso sempre dava um jeito de engabelá-lo sem bater de frente,

enrolando-o como podia. Nem sempre dava certo, mas às vezes sim.

- E aí, cara? Vamos dar uma volta na fazenda?

Indaguei ao entrar e ele me olhou. Era o mais moreno da família e o mais alto. Já tinha quase um metro e noventa. Como gostava de lidar com a terra e trabalhava muito, sem se importar se era filho do patrão, tinha desenvolvido músculos de um homem feito. Muitas pessoas pensavam que era mais velho do que eu, que me preocupava mais com a aparência, era

loiro e vivia arrumado. Eu também era alto e forte, só que de uma maneira mais elegante.

- O que está planejando? – Foi direto ao ponto e quase soltei um palavrão por ele e a Tia me conhecerem tão bem. Mas disfarcei e sorri, sendo o mais natural possível:

- Fiquei a fim de cavalgar e apostar uma corrida. Que tal? Ou prefere ficar aí limpando sela e bosta?

- Não to limpando bosta. – Analisou-me um tempo e então sorriu. – Você está aprontando alguma. Esse seu

olhar não me engana, Pedro.

- Aprontando o que? Para de besteira. Vai ou não?

Por um momento, pensei que diria não e lembrei de Liliana, nos esperando linda perto da cachoeira. Já tinha combinado tudo com ela. Se nada desse certo, ao menos eu teria uma boa transa.

- Certo, vamos lá. – Afastou o cabelo negro do rosto, bem humorado, como se tivesse certeza de que eu armava alguma coisa.

- É assim que se fala! – Ri,

animado. – Pegue logo seu cavalo e vamos. Não vai se arrepender.

- Isso só vendo para saber. –
Mas me acompanhou.

HEITOR FALCÃO

Enquanto seguíamos para o noroeste em direção à cachoeira, num dos pontos mais afastados da fazenda, eu tinha certeza de que Pedro me levava para alguma aventura. Não era de hoje que eu conhecia aquele sorriso matreiro

e aquele olhar brilhante, ele sempre ficava agitado quando tinha alguma ideia. E eu podia jurar que agora tinha a ver comigo.

Cavalgando em um galope rápido, com o chapéu bem enterrado na cabeça, eu me divertia. No fundo confiava no meu irmão e sabia que, o que quer que fosse, era algo para me agradar. Mesmo sendo safado, arredio e debochado, era meu melhor amigo e pensava sempre no que fosse melhor para mim. Acho que ele acreditava que, sendo um ano mais velho, tinha certas

responsabilidades comigo. Mal sabia que muitas vezes era eu quem cuidava dele, mesmo quando nem percebia.

Às vezes eu achava que era um velho num corpo de rapaz. Minha mentalidade não era boba como de meus amigos. Eu já tinha minhas responsabilidades, meus desejos, minhas prioridades. Observador, normalmente mantinha longas conversas comigo mesmo, refletia sobre o que acontecia ou me cercava, gostava de ponderar os assuntos e normalmente só tomava uma decisão depois de analisar

o melhor caminho.

Pedro era totalmente diferente. Ele se jogava de cabeça nas coisas, agia por instinto, pensava depois, geralmente quando a merda já estivesse feita. Enquanto eu era controlado e precavido, ele tirava rápidas conclusões de tudo e se estressava, muitas vezes metia os pés pelas mãos. Talvez por isso nos déssemos tão bem, um conseguia um pouco mais de equilíbrio se espelhando no outro. Nossa convivência muitas vezes me deixava mais arrojado e ele mais prudente. Se é que se podia ser

prudente com 17 e 16 anos, ambos no auge da idade hormonal e do descontrole.

Eu entendia Pedro melhor do que ele poderia imaginar. E sabia que, de todos nós, parecia ter sido um dos mais afetados com os acontecimentos de dois anos atrás na nossa família. A descoberta da traição da minha mãe e sua consequente tentativa de suicídio tinham causado uma desgraça para cada um.

Como mais velho, Theo mergulhou ainda mais no trabalho e nas

suas responsabilidades. Aos 21 anos, já era o braço direito do nosso pai e assumia praticamente sozinho o escritório da cidade. Joaquim era pequeno demais para entender. Sentia falta de nossa mãe, mas tinha Tia para suprir suas necessidades. Eu sofria com tudo, mas há muito tempo compreendi que o ser humano era capaz de coisas inomináveis. E que cada um tinha seus defeitos e qualidades. Minha mãe me decepcionou e entristeceu, mas não a culpei ou deixei de amá-la por isso. Não a julguei. Só tentei entender.

Micah foi afetado porque não perdeu só nossa mãe naquele processo, mas se tornou alvo do ódio e do desprezo do nosso pai. Eu desconfiava que havia mais coisa ali, que talvez ele fosse fruto daquela traição, embora não tivéssemos certeza de nada disso. As datas do nascimento dele batiam com uma possível gravidez após nossa mãe ter se envolvido com Pablo Amaro. E por tudo, aquela era uma desconfiança minha, que eu achava que Theo e Pedro também tinham.

E Pedro mudou demais depois

de tudo. Ele sempre foi louco por nossa mãe. Fazia de tudo por ela, era realmente apaixonado. Acho que a via como um anjo, um ser de luz, algo além de erros e defeitos. Talvez isso explicasse sua decepção tão grande, sua dificuldade em aceitar que ela pudesse trair e ser infiel. Talvez se ela tivesse assumido e tentado reverter, as coisas se ajeitassem. Mas tentar se matar foi como nos abandonar de vez, deixar de se importar com os próprios filhos, ser covarde e fria. E isso o tinha nocauteado, como um marco na vida

dele. Eu sabia que ali Pedro tinha mudado radicalmente e se fechado emocionalmente.

Eu esperava que com o tempo ele se abrandasse e deixasse de ser tão cínico. Vivíamos uma idade difícil, mas eu acreditava que, tão logo fosse adulto e conhecesse uma boa mulher, se apaixonaria e esqueceria aquela decepção, seguindo em frente. Cada um sabia como lidar com suas próprias dores e eu tentava entender as dele, aliviar suas angústias, ser seu amigo sem falsos moralismos ou me meter

demais.

Não queria que ninguém fosse como eu, que pensava detidamente sobre tudo e observava o ser humano como ele era, não como eu queria que fosse. Para mim, a vida era um verdadeiro aprendizado e eu acreditava que ainda teria muito que viver para entender como as coisas deviam ser. Sofria, temia, mas não desanimava diante dos obstáculos que, com certeza, se apresentariam ainda diante de mim. Eu me sentia como um aluno, disposto a seguir em frente e aprender, evoluir,

simplesmente viver os bons e maus momentos.

Sorri comigo mesmo ao lembrar que Pedro às vezes me chamava de “velhinho”, revoltado pelo que ele achava ser conformismo, mas eu via como paciência. Que mal havia em ver o lado bom das coisas e ter esperança no futuro? Em não me revoltar? Para mim, mal nenhum. Mesmo na minha idade.

- Estamos chegando ao paraíso!
- Ele gritou, incitando seu cavalo a ir mais rápido depois que passamos de um conjunto de árvores e já podíamos ouvir

o barulho da queda d'água mais à frente, obviamente excitado.

Cavalguei mais rápido também e então, quando a enorme lagoa formada pelas águas cristalinas, rodeada de pedras e vegetação, nos recebeu, eu entendi o motivo de sua animação. Sentada sobre uma pedra plana, em uma pose sensual, com as pernas banhadas pela água, estava uma garota linda e morena, escultural, completamente nua. Ela nos viu e sorriu, como uma sereia prestes a nos seduzir, como se apenas nos esperasse chegar.

Puxei as rédeas ao chegar à clareira e parei meu cavalo, na hora sentindo o corpo reagir diante de tanta beleza, da pele nua e úmida tão exposta, tão pronta para mim. Meu sangue correu rápido nas veias e o coração pareceu deixar meus ouvidos surdos. Nem pisquei, fitando seus seios empinados e fartos com mamilos duros, as curvas graciosas, aquele triângulo escuro de pelos entre as suas pernas.

- É ou não o paraíso, irmão? – Pedro indagou ao pular do seu cavalo, sorrindo abertamente, amarrando-o em

uma árvore.

Eu mal o olhei. Os hormônios já guerreavam dentro de mim e senti, não pela primeira vez, minha decisão de manter minha virgindade fraquejar. Várias meninas se ofereciam a mim, tentavam de tudo para chamar minha atenção. Contudo, entre minhas divagações e reflexões internas, tinha decidido fazer da minha primeira vez algo especial, algo que eu pudesse relembrar mais tarde com saudade e alegria, com sentimentos envolvidos.

Como agora me lembrar disso,

quando meu corpo se tornava duro e teso, dolorido de tanta excitação? Quando eu ardia vivo como se uma fogueira se acendesse em meu interior diante daquele corpo perfeito, feminino, cheio de curvas e sensualidade? Era impossível manter minhas convicções e eu me vi perguntando por qual motivo deveria me conter. E não consegui racionalizar nenhum.

Desci do cavalo devagar, tirando meu chapéu, sem parar de olhar para Liliana, uma moça de 19 anos que era filha de trabalhadores da fazenda e que

era conhecida por ser fogosa. Pelo que eu sabia, era amante ocasional de Pedro e já tinha me dado uma ou duas cantadas, mas eu tinha resistido. Agora, vendo seus predicados, ficava mais difícil resistir. Muito mais.

- Heitor ... – Ela sorriu para mim, escorregando da pedra para a margem da lagoa, com água até as coxas bem feitas. Deu uma olhada sensual a Pedro e depois me estendeu a mão, com jeito doce, feminino, seus cabelos espalhados sobre os seios, grudando em sua pele: - Vem me fazer companhia?

E ali eu soube que estava perdido. Assim como soube que meu irmão já tinha deixado tudo preparado para que ficasse realmente difícil resistir. Eu podia ser um adulto emocionalmente, mas meu corpo era realmente de um rapaz no auge de seus 16 anos e da curiosidade sexual.

- Merda ... — Resmunguei, já abrindo minha camisa e ouvindo a risada de Pedro. Olhei para ele de cara feia, que apenas deu de ombros e foi se sentar em uma pedra para tirar as botas.

Não sabia quais eram as

intenções dele, mas as minhas já estavam bem claras quando me despi rapidamente e vi Liliana lambe os lábios, admirando meu corpo quando fiquei nu e caminhei decidido até ela, murmurando docemente:

- Que lindo! Beleza e pau grande são marcas da família Falcão? – Sorriu, obviamente excitada, seus mamilos arrepiados, os olhos brilhando ao me percorrerem por inteiro. – Você não tem nada de garoto ... Não dá nem para acreditar que vou ser a primeira a aproveitar essa delícia toda!

- Quem vai aproveitar sou eu.

Vem aqui. – E a surpreendi ao entrar na água e puxá-la bruscamente para mim. Podia ser virgem, mas já tinha tido minha cota de beijos, amassos e carícias para saber bem como pegar uma mulher.

Soltou um gritinho e na mesma hora me agarrou quando a coleí contra mim e saqueei a sua boca. Não fui calmo ou manso. Agora que eu tinha decidido me entregar aos desejos do corpo, parecia esfomeado, sem poder esperar mais. Com uma mão em seu cabelo e a outra agarrando sua bunda, fiz questão

que se esfregasse contra meu pau e gemi rouco quando miou e me beijou de volta, ansiosa, fascinada.

O mundo deixou de existir para mim. Eu a devorei em carícias e beijos, mordi seus lábios, sua garganta, seu ombro. Ergui-a um pouco contra mim e meus dedos foram em sua pele, seus seios, seus mamilos. Andei com ela pra margem com areia fina e só conseguia pensar na delícia que seria me enterrar pela primeira vez dentro de uma mulher. Não entendi como eu consegui esperar tanto e me xinguei intimamente de burro

por não ter antes provado aquela delícia toda.

Liliana gemia, se esfregava, agarrava meu pau. Quando paramos na margem com areia fina, ela caiu de joelhos aos meus pés e, gulosa, agarrou meu saco e me meteu na boca o máximo que conseguiu. Fechei os olhos e agarrei seus cabelos molhados, maravilhado, cheio de tesão, movendo os quadris para comer sua boca sem pestanejar. Eu quase explodia de tanto gozo acumulado, mas recorri a um parco autocontrole, sabendo que não poderia esperar muito.

Fui bruto e, antes que explodisse contra sua língua e lábios, empurrei-a contra o chão e ela caiu sentada na margem banhada pela água rasa e límpida. Fitei seu rosto e vi seus olhos acesos e sua boca entreaberta, numa respiração ofegante. Era a imagem da sedução, da beleza, da sexualidade. Rapidamente fui agarrando e abrindo suas pernas, caindo de joelhos entre elas, abocanhando pela primeira vez uma boceta e me deliciando com aquele sabor. Ali me viquei em cheiro e gosto de mulher, para toda a vida.

- Ai ... Ai, que gostoso ... que
tesudo ... – Liliana choramingava,
desabando sobre a margem rasa, se
esfregando em minha boca, toda aberta e
alucinada, me puxando pelos cabelos. –
Mete em mim, Heitor ... Mete em mim ...

Suplicou e, mesmo maravilhado
com aquela carne macia e molhada na
boca, eu estava a ponto de gozar. Afastei
a cabeça e já fui para cima dela, cego e
esfomeado, quando Pedro se aproximou
e falou, me fazendo lembrar que estava
ali:

- Nunca esqueça a camisinha,

irmão. – E me atirou um preservativo.

Ele sorria, orgulhoso, apenas de jeans, sentando-se ali perto e nos olhando, sem se incomodar em nos dar privacidade.

Não me importei, sem conseguir raciocinar direito, a cabeça de baixo me enlouquecendo. Coloquei a camisinha e quando vi aquela boceta aberta e ansiosa pra mim, investi com tudo, entrando nela, delirando quando a carne macia e escaldante me engoliu até as bolas e ela gritou, me arranhando.

- Ah, porra! – Rosnei

ensandecido, sabendo instintivamente o que fazer ao penetrá-la firme e forte, duro, enchendo-a com minha carne grossa e longa, meus dedos enterrados na areia molhada do chão enquanto eu a fodia maravilhado. – Porra, não vou querer outra vida!

Ouvi a risada de Pedro, assim como os gemidos de Liliana, que se debatia embaixo de mim e gozava como uma cadelinha, gemendo:

- Que gostoso! Tão grande! Tão duro!

E não aguentei mais. Olhei seu

rosto contorcido pelo prazer, seus cabelos espalhados, sua feminilidade doce e entregue me encantando. E seus olhos nos meus, escuros, lânguidos, refletindo meu prazer. Em alguma parte remota do meu raciocínio, soube que poderia não amá-la, mas gostava dela, era linda, gostosa, ferosa. E nem por um momento me arrependi de ter minha primeira vez com ela.

Entreguei-me de corpo e de alma e a comi até explodir em um gozo delirante e quente, o melhor que já tive na vida, apaixonando-me pela delícia

que era estar dentro de um corpo macio de mulher e me dar a ela. E naquele momento, deitei-me todo sobre Liliana e a beijei na boca enquanto me agarrava na nuca e retribuía, choramingando docemente.

Quando acabei, rolei para o lado e passei a mão pelo cabelo que caía em meu rosto, ainda abalado por tudo aquilo, fitando o céu azul diante de mim com a respiração entrecortada.

- Ai, delícia demais ... – A garota sussurrou, ainda aberta, satisfeita, sorrindo quando a olhei. – Gostou,

Heitor Falcão?

Encontrei seus olhos castanhos,
vi seu corpo nu e senti o pau ainda duro.
Meu corpo ainda ardia quando falei
baixo:

- Gostei tanto que quero mais.

Liliana sorriu sensualmente,
excitada. Mas então Pedro já vinha até
nós, completamente nu, colocando um
preservativo no pau ereto e dizendo
decidido:

- Guarda esse fogo, porque agora
fiquei no maior tesão. Abra as pernas
pra mim, Lili ...

- Sempre ... — Murmurou, olhando-o com a mesma fome.

Eu fiquei um pouco sem graça, mas não desviei os olhos quando vi meu irmão se deitar sobre ela com cara de tarado e meter em sua boceta. Minha ereção ficou dolorosa e me imaginei de novo dentro dela, comendo-a agora mais devagar, saboreando melhor aquela delícia toda.

Eles pareciam dançar, se devorando e acariciando, se fodendo, e era como ver um filme pornô ao vivo e em cores. Arranquei meu preservativo

cheio e me masturbei, excitado. Pedro sorriu para mim e resmungou:

- Sou ou não o melhor irmão do mundo?

- Não queria que ficasse ainda mais metido, mas é verdade. – Sorri e nossa amizade só pareceu aumentar ali, uma nova intimidade se somando a que já tínhamos, dividir Liliana parecendo nos unir ainda mais. Gemi excitado e indaguei, fitando-a: - Vai me aguentar de novo, Lili? Quero mais.

- Eu também quero mais ... – Seus olhos ardiam, suas bochechas

estavam coradas. Moveu-se sob as investidas de Pedro, gemendo, alucinada, a imagem de uma mulher feliz, acesa. – Vocês são gostosos demais ... Não aguento.

- Então, chupa meu pau. – Nem sei de onde veio a decisão, mas eu já me ajoelhava perto dela e erguia sua cabeça.

- Ah, Deus ...

E Liliana não se fez de rogada. Abocanhou meu pau e chupou firme, enquanto eu fodia sua boca e Pedro devorava sua boceta. Ela ficou louca.

Chorou, gemeu, suplicou. E acho que enlouquecemos todos. Como se tivéssemos combinado e feito aquilo a vida inteira, eu e meu irmão a dividimos.

Coloquei outro preservativo e, enquanto Pedro saía de dentro dela e ia chupar seus mamilos, eu comi de novo sua boceta.

Liliana foi nosso prato principal ali nas margens da cachoeira, saboreada até suplicar mais de uma vez e gozar sem poder parar. Alucinada, chupou a nós dois, deu-nos sua bocetinha e seus

mamilos, foi chupada em todo lugar. Obedeceu as ordens de dois jovens famintos e no auge do desejo sexual. Falamos muita putaria e fizemos pior ainda. Comemos sua boceta em pé, sentados, deitados. Por fim, montou em Pedro e o cavalgou desvairadamente enquanto pedia que eu a fodesse por trás. E é claro que o fiz, descobrindo no mesmo dia as delícias que era perder a virgindade, chupar uma boceta e fazer sexo anal.

Eu a fodi na bunda enquanto meu irmão entrava em sua boceta e dizia um

monte de sacanagem. Insanamente, Liliana gritou e se deu, fora de si, deliciosa, viciando-me de uma maneira irrevogável na arte de transar. Eu soube que não viveria mais sem aquilo e gozei até nos três cairmos exaustos nas margens, cada um para um lado.

Em nenhum momento ficou um mal estar entre mim e Pedro. Para dois irmãos que se amavam tanto, para dois amigos que se respeitavam acima de tudo, aquilo foi apenas mais uma ligação, mais uma amarra de nossas almas. Dividimos uma mulher como

dividíamos nossas vidas, nossos sonhos e esperanças um com o outro. Foi tão natural, que apenas fortaleceu nosso vínculo.

Não se tornou regra, mas nunca foi um empecilho. E quando era prazeroso para todos nós, compartilhamos e descobrimos o que era ter uma mulher totalmente à nossa mercê, enlouquecida por um tesão que só quem praticava ménage poderia entender o que era.

E descobri que nossa amizade, nosso vínculo de sangue e de amor,

duraria por toda a nossa vida. E nada, nem ninguém, nunca, poderia destruir aquilo.

PRÓLOGO 2

LARA

AGOSTO DE 2004

Era um típico almoço de domingo, quando parentes de longe vinham, se reuniam com os de perto e todo mundo acabava em um restaurante próximo ao apartamento onde eu morava na Taquara.

A mesa era imensa e nela cabiam 12 pessoas, que falavam alto, passavam pratos de comida de um para outro, riam contando casos. O clima que reinava era gostoso, de alegria e agradecimento, principalmente porque naquela semana minha mãe tinha sido definitivamente

constatada como curada do câncer que a tinha acometido anos antes. Depois da retirada de um seio e do útero, de sessões de quimioterapia e um acompanhamento longo, estava totalmente curada. E isso já era mais do que motivo para festa.

Aos 16 anos, entre minha melhor amiga Marcinha, da minha idade, e meus primos Ricardo e Rômulo, um de dezessete e outro de dezoito, eu me sentia leve e solta, sorrindo muito, implicando e sendo implicada por eles. Moravam no interior do Rio e nem

sempre nos víamos, mas quando isso acontecia, era farra na certa. Na verdade, eram meus primos de segundo grau, filhos da minha prima Danila, de 38 anos.

Minha mãe era a caçula de três irmãos e só foi me ter aos 40 anos de idade, assim, meus primos todos eram bem mais velhos. Os que se equiparavam à minha idade eram os filhos de Danila, sobrinha da minha mãe, filha da minha tia Julieta.

Enquanto os mais velhos ficavam em uma parte da mesa, nós ocupávamos

outra ponta, entre risadas e muito mais. Ricardo e Rômulo tinham levado dois amigos, um rapaz e uma moça, Gustavo e Raquel, gêmeos de dezessete anos. Raquel era namorada de Rômulo. E, enquanto rolava o maior clima de paquera entre Marcinha e meu primo Ricardo, eu sentia os olhares de Gustavo sobre mim. E sorria para ele, sentindo-me admirada e agraciada, já que era um gatinho.

Eu sabia que chamava atenção dos rapazes com um corpo cheio de curvas e com cabelos cheios de cachos

até a cintura. Onde passava, recebia cantadas e olhares. Gustavo não era diferente, parecendo encantado comigo, mal comendo para poder me observar, como se fosse paixão à primeira vista. Se eu dava atenção ou sorria para ele, ficava vermelho, sem saber ao certo o que dizer. Sua timidez era encantadora, me fazia sentir poderosa e feliz, ao mesmo tempo que me dava uma sensação boa de ser importante para alguém.

- Lara e Marcinha, o que podemos fazer depois do almoço? –

Indagou Ricardo, animado para uma boa farra. Só iam voltar para casa à noite e queriam aproveitar para se divertirem.

- Podemos ir com eles na praça do skate, não é, Lara? – Marcinha ria de orelha a orelha e, apesar de ser bem mais quieta do que eu, parecia incentivada com as atenções do meu primo, seu ombro colado ao dele.

- Ou ao cinema. – Opinei e, maliciosa, pisquei para Gustavo. – Está passando um filme de terror, mas pode ficar perto de mim, Gu. Protejo você e seguro sua mão se ficar com medo.

O rapaz branquinho ficou tão vermelho que até seu couro cabeludo abaixo dos fios de cabelos aloirados coraram violentamente. Todos riram e eu mais ainda, o que só o fez olhar em volta meio inseguro. Por fim, fitou-me nos olhos e afirmou:

- Não tenho medo. E garanto que eu é que posso proteger você, Lara.

Gostei muito daquilo, da maneira como parecia falar com sinceridade. Por um momento, deixei-me levar pelo seu olhar, pelo ar de bom moço e garoto responsável, ficando levemente

sonhadora. Em geral os garotos não me levavam a sério, pois eu estava sempre rindo, brincando, na verdade sentindo-me superior a eles. Era maliciosa e muito além da minha idade. Não me sentia uma adolescente comum e tinha meus motivos. Antes que eles ocupassem minha mente, empurrei-os para o fundo, decidida a me divertir naquele dia.

- Vamos ver quem segura a mão de quem primeiro. – Murmurei, o que só fez Gustavo corar ainda mais.

- Deixe meu cunhado em paz, sua

descarada. – Brincou Rômulo, dando-me uma cutucada e dizendo para ele: - Não ligue para minha prima. Sempre foi maluca e debochada. Vai por mim, ela não é mole!

- Olha quem fala! – Ri, mas no fundo algo me incomodou. Sem querer, senti-me como uma aproveitadora. Com certeza Gustavo não era páreo para mim e eu soube ali que não gostaria de magoá-lo. Afinal, eu era experiente naquilo, magoar a mim mesma e aos outros que acabavam no meu caminho.

Suspirei e encontrei os olhos

castanhos do rapaz, vendo ali sua admiração, sua vontade de saber mais sobre mim. Por um momento, deixei-me levar pela doçura e pelo interesse ali e relaxei, sonhando que éramos apenas dois adolescentes ingênuos atraídos um pelo outro. Como era boa aquela sensação de paquera, de ser foco de alguém, principalmente de um garoto que estava na cara ser gente boa, além de lindo!

Sorri e, enquanto meus primos, Raquel e Marcinha decidiam o que fazer após o almoço; Minha mãe, minha tia

Julieta e seu marido Valter, meu tio Marinho (irmão mais velho da minha mãe) e sua esposa Rosana, com minhas primas mais velhas Rosana, Danila e Daiana, falavam do bebê que Daiana esperava e do marido dela em viagem pela Aeronáutica. Enquanto todo pareciam ter o que dizer, eu apenas olhava para Gustavo calada e ele olhava para mim.

Por algum motivo eu estava gostando demais do jeitinho dele e de ser paquerada de modo ingênuo, puro. Uma alegria contagiante se espalhava

em meu ser, assim como uma esperança incipiente. Inclinei-me sobre a mesa, apoiei o queixo na mão e puxei assunto, querendo saber mais dele:

- Fale um pouquinho de você, Gu. Tem namorada?

- N... Não. – Ele parecia lutar contra sua timidez, sem desviar os olhos dos meus. – E você, Lara?

A vergonha veio violenta, mas não corei nem me alterei. Continuei a sorrir, minha vida desregrada passando como um flash diante de mim, enquanto eu tentava afastá-la. Lutei bravamente

para não pensar nas coisas que fazia, nos “namorados” que arrumava. E apenas sacudi a cabeça, dizendo a verdade:

- Não tenho namorado.

- Ela não tem por que não quer. –

Marcinha meteu-se na conversa. – Os rapazes fazem fila atrás dela!

- Fique quieta, Marcinha. –

Retruquei, lançando um olhar em sua direção.

Minha amiga parecia feliz, como se me fizesse um favor ao contar como eu era disputada, mas aquilo só

aumentava aquela sensação esquisita de vergonha que eu sentia.

- Mas é verdade. Lara, ele vai para o final da fila ou vai colocá-lo na frente? – Marcinha riu, brincando.

- Não tem fila. – Falei baixo, voltando a encarar Gustavo, querendo que ele acreditasse.

O rapaz estava quieto. Então apenas disse simplesmente:

- Tem sim. Estou na fila.

- Uhu! Depois dessa ... –
Começou Ricardo.

E eu apenas sorri, mais feliz do

que pensei que ficaria. Gustavo sorriu de volta e indagou:

- Vamos ao cinema?

- Vamos. – Falei sem pestanejar.

Na mesma hora todos se animaram para ir também e a agitação na mesa aumentou. Marcinha nem disfarçava sua alegria por ser par de Ricardo, enquanto eu indagava à minha mãe se podia ir e ela concordava.

Sorrimos uma para outra. Era um dia mesmo especial, ver minha mãe tão saudável e feliz no meio de seus irmãos, eu estar com meus primos e minha

melhor amiga e ainda por cima conhecer Gustavo. Suspirei, leve, solta, virando-me para continuar nas brincadeiras e implicâncias em volta da mesa, assim como na paquera com aquele rapaz lindo que mexia comigo.

Estava ansiosa, mil pensamentos passando por minha mente, enquanto Gustavo ria de um caso que Ricardo contava de quando éramos pequenos:

- Minha mãe levou a Lara para passar o fim de semana em nossa casa. Mas minha tia estava no hospital e ela não levou roupa, então minha mãe deu

banho na gente e colocou em Lara o meu macacão preferido. Tinha a cara de um cachorrinho na frente. Eu já fiquei com ciúmes, mas deixei. Então, saímos para brincar na rua. Lembro que tinha chovido e ficou com lama. Tinha uma poça grande e Lara cismou de andar pelo meio fio se equilibrando. Apavorado, falei pra ela parar, que ia cair na lama com meu macacão. Ela só ria da minha cara e abria os braços, fingindo desequilíbrio. Lembra disso?

- Lembro. – Comecei a rir sem parar, enquanto ele continuava:

- É claro que ela acabou caindo de verdade, espalhando lama para todo lado! Ah, que raiva!

- Ele chorou como um bebê. Quase me matou! – Ri tanto que fiquei com lágrimas nos olhos.

- Minha mãe teve que me segurar! – Ricardo também caiu na gargalhada. – Ela sempre foi fogo, só aprontava! Mas prima, lembro de outras coisas também. Às vezes você se dava mal com sua maluquice.

- Chega, Ricardo.

- Chega nada! Lembra daquele

dia que você cismou de prender o cabelo para a gente ir à pracinha perto da minha casa?

- Não lembro de nada! – Retruquei fingindo seriedade, quando minha vontade era de rir. Sabia que meu primo contaria tudo e meus lábios tremeram. – Não fala nada, seu cretino!

- Lara não conseguia domar essa juba. – Ele continuou, todo animado. Era daqueles que ia contar uma piada e já se acabava de rir antes, por isso já dava gargalhadas entre as falas, fazendo todo mundo rir mais dele do que dizia. –

Procurou nas coisas da minha mãe algo para passar no cabelo.

- Gel fixador, seu tonto! – Interrompi, fingindo-me ainda de ofendida, revirando os olhos.

- Ah, sei lá o nome dessas baboseiras! Só sei que minha mãe não tinha nada para usar. Aí a doida teve a brilhante ideia de passar shampoo, para deixar o cabelo durinho. – Ricardo se recostou na cadeira, com lágrimas nos olhos de tanto rir. – E assim ela fez. Ficou ridículo, mas tudo bem. Quando Lara cismava com uma coisa, não tinha

quem tirasse da cabeça dela.

- Ridículo nada. Ficou lindo o meu coque. Eu estava me sentindo a tal.
– Olhei para os outros e fiz uma pose, mostrando que me divertia com a sua lembrança.

- Lara, se jogasse uma pedra na sua cabeça, seu cabelo quebraria na hora, de tão duro que o shampoo deixou!
– E o engraçadinho voltou a rir como uma hiena.

- Ah, Ricardo, até que ela foi criativa. Nunca pensei nisso. Num sufoco, até que dá para quebrar um

galho. – Raquel falou, séria.

Meu primo, que já era o centro das atenções, com olhos brilhando por poder contar o ponto alto da história, prosseguiu:

- Mas o melhor vocês ainda não ouviram! Fomos todos para a pracinha e, de repente, caiu um pé d'água daqueles! Típica chuva de verão. Todos corremos para nos proteger sob uma marquise. Quando dei por mim, cadê a Lara? Tinha ficado para trás, no meio da praça. Voltei e, quando a vi, quase morri de tanto rir! – E ele gargalhou de novo,

contando entre risadas altas: - Os pingos da chuva eram tão grossos que começaram a fazer espuma na cabeça da Lara. Quanto mais ela se mexia, mais espuma fazia. Ela começou a gritar que os olhos estavam ardendo e que não enxergava nada.

- Eu não te perdoo até hoje, Ricardo. Eu, desesperada, e você rindo da minha cara.

- Também não te perdoo pelo meu macacão de cachorrinho! – Ele ria e agora todo mundo acompanhava, até eu. – A cena foi hilária, pessoal! O povo

todo começou a parar para olhar e eu tentando ajudar, mas me acabando de rir!

- Você quer acabar com minha imagem na frente do Gu! – Retruquei e o rapaz apenas sorria, como se a cada segundo se encantasse mais. O que só me deixou mais animada ainda. Não me lembrava de gostar tanto de uma paquera como aquela.

- Então, deixe eu contar uma de você também. – Começou Rômulo.

- Nem pensar! – Exclamei e todo mundo achava graça, até eu.

E então, toda felicidade daquele dia acabou como mágica. A alegria, a esperança, a vontade que eu sentia de ser uma adolescente feliz e normal, foram por água abaixo quando ouvi aquela voz grossa e ao mesmo tempo suave de homem:

- Eu consegui deixar a loja com um funcionário e vim. Não podia perder essa reunião familiar por nada.

Meus olhos chocados bateram nele e meu primo de 47 anos olhava diretamente para mim, com aquele seu sorriso meigo que agradava a todo

mundo. E aquele olhar era o de sempre, só para mim: íntimo, cúmplice, feliz. O olhar de uma pessoa que compartilhava com outra um segredo, um segredo só deles.

Foi como se uma faca me abrisse por dentro, fazendo escorrer para fora toda alegria e felicidade que pensei sentir. Na mesma hora desviei o olhar e o baixei para meu prato quase vazio sobre a mesa.

Enquanto todos faziam festa, meus tios o cumprimentavam, a mãe dele, Rosana, dizia toda feliz:

- Que bom que deu para vir, Rubinho. Só faltava você aqui. Querido, não dá para pensar só em trabalho.

- Eu sei, mamãe. Sobrou alguma comida para mim?

Eu ouvia os sons deles, do puxar da cadeira, das vozes alegres com sua presença, da sua maneira carinhosa que agradava a todos. Inclusive minha mãe. Assim como ouvi Rômulo começar a contar uma vez que comprei um peão e o rodei na rua, acertando a roda da bicicleta dele, fazendo-o cair e se ralar todo. Ele dizia a história com exageros,

para que todos rissem, tentando implicar comigo. Vi que Ricardo emendava coisas que tinham acontecido naquele dia, enquanto Marcinha ria e comentava algo. Além de tudo, eu sentia os olhos de Gustavo ainda sobre mim.

Doía. Tudo em mim doía. Meu peito, minha barriga, minha cabeça, meu ser mais profundo. A sujeira se espalhava dentro de mim, o mal que eu era e que eu vivia, a farsa da minha vida. Como pude me sentir normal, nem que por apenas alguns minutos?

Ergui os olhos e enchi-me de

vergonha ao me deparar com o olhar admirado do rapaz loiro, bonito, inquestionavelmente um adolescente aprendendo a viver. No auge da vida. Uma onda de nojo de mim mesma, de asco, me envolveu e não tive coragem de manter aquele olhar. Senti-me corrupta, mentirosa, uma farsa. Na mesma hora, virei para meus primos, Raquel e Marcinha. Todos jovens, vivendo suas idades. Menos eu. Eu não pertencia aquele lugar nem aquele meio. Eu era uma velha num corpo de dezesseis anos. Suja, suja, suja.

A agonia quase me sufocou. Quis sair correndo, me esconder, fugir. E ao mesmo tempo que o nojo de mim me engolfava, veio também uma onda de ódio. Eu odiei cada pessoa naquela mesa que ria, se divertia, não via nada do que acontecia. Odiava por terem permitido minha desgraça. Como ninguém notou? Como ninguém via agora? Eu estava ali, gritando silenciosamente, me rasgando em dor. E nem ao menos a minha mãe percebia ou se importava. Ninguém me protegia.

Mas eu o odiei mais do que tudo.

Aquele homem, que cada vez que chegava me lembrava do que fizemos, do que fomos cúmplices, do que ele me tornou. E embora não encostasse mais em mim, era como se o fizesse quando estava no mesmo local que eu e sorria para mim, sempre me fazendo recordar ainda mais e o que eu nunca esquecia.

Por quanto tempo mais eu suportaria sem surtar? Qual a saída que eu tinha?

- Vamos ao cinema que horas? –
Indagou, Marcinha, chamando-me: -
Lara, sabe que horas começa a sessão?

Eu a olhei, sem ver. E ali soube
que não haveria cinema para mim
naquele dia. Nem sonhos românticos
com um rapaz puro e bem intencionado.
Nem felicidade.

Só aquele vazio. E a dor, que me
ocupava cada vez mais.

CAPÍTULO 1

Final de janeiro de 2015

Lara Maria Avellar

*“(...)Eu preciso é ter
consciência*

*Do que eu represento nesse exato
momento*

No exato instante na cama, na lama, na

grama

*Em que eu tenho uma vida inteira nas
mãos.”*

*(Gonzaguinha – Ponto de
Interrogação)*

Eu cantava sozinha, o som
ecoando dentro de mim. A música
sempre teve poder de criar outras
realidades em minha vida, talvez por
isso eu a ouvisse quase que o tempo
todo. Letras e melodias se infiltravam
em minhas entranhas, giravam como um

rodamoinho em meu interior, me fazendo pensar em coisas que vivi e que queria esquecer; e sonhar com outras que desejava viver. Como um livro, que nos faz viajar em suas páginas e, por um momento, nos transporta para outro mundo. Assim era a música para mim, cada uma representando uma história diferente. Às vezes, uma história que não era a minha. Em outras, me revelando.

Adorava e, ao mesmo tempo, precisava daquilo. Poder viver fora de mim mesma, além do possível e até do

imaginável. Talvez por isso, entre tantas coisa que fiz na vida, ser cantora era o que eu amava mais do que tudo. Quando eu rolava as palavras em minha boca e soltava a minha voz, eu sentia a melodia como ondas em meu corpo e em minha alma, como se eu vivesse tudo aquilo e fosse outra pessoa. Era mágico, extraordinário, um sonho. Eu esquecia tudo e vivia de novo, livre, quase sem memória. Era uma catarse

Entretanto, como muitas coisas em minha vida, eu acabava não levando a sério e relegava a segundo plano. Não

por que não quisesse viver da música. Eu simplesmente seguia em frente, sem ousar me prender a nada, sem ousar desejar realmente algo para mim. Eu só ia, de acordo com a música, de acordo com o que acontecia, sempre seguindo, seguindo, seguindo. Sem porto, sem destino, sem condições de parar.

Mas às vezes eu parava e, mesmo contra a vontade, me via, me encontrava. Era como se um caminhão batesse de frente em mim e o choque me sacudisse, me fizesse abrir bem olhos e ver. Ver a mim mesma. Como naquele

momento.

Encontrava-me deitada na cama de um motel qualquer, barato, decadente, sujo. Estava nua, suada, coxas abertas para os lados enquanto aquele homem mais velho transava comigo. Ele gemia, estocava, se enterrava, dizia sacanagens. Era feio, levemente obeso, com cheiro de suor. Devia ter, pelo menos, quase trinta anos a mais que os meus vinte e sete.

Tinha entrado ali com ele vindo do bar onde eu trabalhava, rindo e meio bêbada. Parecia tão feliz! Ri demais,

deixei que arrancasse minhas roupas e tirei as dele, chupei-o, deixei que fizesse de tudo comigo, até quase eu mesma achar que queria aquilo. De tanto fingir eu já acreditava em minhas mentiras. Poderia até jurar que desejava estar ali. Poderia. Porém, há dias sentia o limite cada vez mais perto, a dor, a opressão em meu peito, aquela tristeza que crescia vertiginosamente e que, de repente, me derrubava. E a saudade...

Uma saudade de tudo e de nada.

Uma saudade de um sonho, de um desejo... Uma saudade de algo que nem

sei se vivi. Mas essa "saudade" fazia meu corpo tremer. Fazia a alma correr. Fazia algo crescer. Fazia uma dor romper. Uma saudade que me confundia; que se fechava em mim; que, por um momento ou dois, me fazia querer fugir; que me afastava de mim, que latejava como ferida; que pulsava querendo eclodir.

Essa "saudade" me assombrava. Perseguia-me. Afligia-me. Porque eu não sabia do que sentia saudade. Mas eu sentia que faltava algo. Algo que me pertencia; que fazia parte de mim; que

me era essencial; que me definia. Eu queria denominar, corretamente, essa "saudade". Queria a revelação do que me faltava. Queria não viver na expectativa desta sensação voltar. Mas, de vez em quando, aquela "saudade" me devorava e o que sobrava dela era aquela sensação horrível de incapacidade, de não ser quem eu queria, de não saber onde me encontrar.

O que eu era tinha ficado pelo caminho. E quando aquela saudade vinha, eu só podia achar que era de mim mesma, do que eu poderia ter sido se as

coisas fossem diferentes, de quem eu poderia ter me tornado se tudo não tivesse começado tão errado na minha vida. E então, como um reflexo daquele sentimento, a tristeza me nocauteava. Tão dolorida, tão real, que não havia mais para onde fugir. Às vezes eu ainda tentava me arrastar. Mas outras, eu simplesmente morria. Morria dentro de mim. Uma morte lenta, um lamento visceral, uma agonia pior do que tudo que já vivi.

Eu estava lá, morta, enquanto aquele homem enfiava seu pênis em

mim, pesava sobre meu corpo. Tentei encontrar uma música, seguir para outra realidade. Arranhei minha mente em desespero, quase que involuntariamente consegui lembrar de uma letra de Gonzaguinha:

*“(...)Eu preciso é ter
consciência*

*Do que eu represento nesse exato
momento*

*No exato instante na cama, na lama, na
grama*

*Em que eu tenho uma vida inteira nas
mãos.”*

Não consegui me concentrar e isso desencadeou mais dor, mais desespero e, então, comecei a chorar copiosamente, como uma criança, mais sozinha do que nunca, encolhida dentro de mim mesma, a ponto de soluçar. Dos meus olhos brotavam lágrimas e mais lágrimas, mas eu não os fechava. Num borrão, eu via a rachadura do teto. E, mesmo enquanto me sacudia com o choro, eu não fechava meus olhos.

Quis me agarrar na música e não consegui. Quis entender o que o homem

dizia em seus esguichos, quis empurrá-lo de cima de mim, quis morrer de verdade. Mas só fiquei lá, largada, soluçando, sofrendo, chorando de puro desespero, de uma tristeza que não tinha fim.

Por fim ele gozou, urrou, se sacudiu, terminou o que fazia. Então, ergueu a cabeça e escondeu a rachadura no teto, ocupando minha visão, seus olhos nos meus. Por um momento, quase me assustei ao me dar conta de que ele era real e de que estava ali, dentro de mim.

Sorriu, vermelho, suado, as bochechas roliças tremendo levemente. E disse todo satisfeito:

- Porra... chorando de tanto gozar, putinha?

Sem se dar conta do meu desespero e certo de que havia me levado à loucura, aquele velho nojento prosseguiu:

- Eu ainda vou meter muito em você, garota. Anota aí na sua agenda. Na próxima, você morre de tanto gozar, enterrada no meu pau. Pelo visto, nunca foi comida por um macho de verdade.

E então saiu pesadamente para o lado, já se levantando, tirando a camisinha, indo ao banheiro.

Olhei de novo a rachadura, já sem efeito nenhum do álcool em meu corpo e daquela alegria que esteve comigo nos últimos dois meses em que fiquei ali em Belo Horizonte. Um soluço escapou e lutei contra ele, levando a mão ao peito. Tentei parar de chorar, mas, como se uma represa tivesse sido aberta, não consegui. Dores antigas retornavam sem dó e me golpeavam.

Virei de lado e me encolhi,

corpo sacudido, finalmente sem aquele homem perto, podendo fechar meus olhos. Deixei de lutar e por um momento, só por um momento, eu desisti. Eu queria tanto relaxar ... tanto morrer ... Porque de uma coisa eu tinha certeza: sempre aquela dor estaria comigo. E eu não sabia o quanto mais eu poderia suportar.

- Vamos embora? Minha mulher tá me esperando em casa. – Ele voltou ao quarto, catando sua calça, vindo perto de mim.

Abri os olhos, chorando

baixinho agora.

O homem franziu o cenho e me espiou desconfiado.

- O que foi, gostosa? Não se recuperou? Ainda sentindo o meu pau em você?

E, com um sorriso de satisfação, disse:

- Essa é a primeira das muitas fodas gostosas que vou te dar, safada. Você é gostosa para cacete. Gostei de te comer. Agora vamos, já estou atrasado.

Eu o olhei em silêncio,

mergulhada em minha tristeza
aterradora. E me dei conta do que vinha
fazendo comigo, de como me punia, das
perversidades que fazia com meu corpo,
da dor que eu não conseguia abrandar,
da raiva que eu já não dominava, da
alegria mentirosa que eu vivia. Lembrei-
me dos homens que tive e senti nojo de
mim. E percebi, naquele momento, que,
além do pranto, nada mais me restava.
Olhei-o novamente e vi que era um dos
últimos a terminar de me enterrar
naquele estado, naquela prostração,
rachando a barreira invisível da falsa

felicidade que era a minha vida.

Engoli um soluço e soube que logo acabaria. As lágrimas passariam temporariamente. Eu respiraria fundo e seguiria em frente. E elas ficariam guardadas um bom tempo, enquanto meu sorriso brilharia. Mas não ali. Estava na hora de ir embora, de descobrir novos horizontes, de me afastar antes que me mostrasse demais.

Ele disse algumas coisas a mais, mas não ouvi. Senti alívio com a decisão de sair de Belo Horizonte e partir para um lugar novo. Respirei

fundo e deixei o ar sair devagar, mais controlada, aos poucos me recuperando. E foi ali que decidi ir para o interior de Minas Gerais, buscar algum lugar calmo e pacato, tentar, nem que fosse por pouco tempo, uma outra realidade, uma nova canção. E ser de novo uma completa estranha.

No dia seguinte, estava na rodoviária, olhando o painel com os destinos dos ônibus, uma grande mochila nas costas, uma bolsa de viagem aos meus pés, calçados num All Star impecavelmente branco. As pessoas

passavam à minha volta, falavam, seguiam apressadas, mas eu mal as notava, meus olhos buscando uma resposta. Para onde ir? Que destino me daria o alívio, ainda que pouco, que eu tanto precisava encontrar?

De manhã tinha saído do quarto pequeno que ocupei nos últimos dois meses e avisei ao dono do bar que teria que parar de trabalhar. Como não tinha carteira assinada e recebia semanalmente, não houve problema. Foi fácil simplesmente arrumar minhas coisas, que cabiam todas na mochila e

na bolsa, e sair. Agora ficava a dúvida para onde ir.

Eu sentia que precisava de um pouco de paz e descanso, de um lugar bonito para olhar, de coisas simples da vida. Por isso me fixei nos destinos para o interior e vi alguns locais perto do Triângulo Mineiro. Não sei porque, um nome me chamou atenção: Pedrosa. Lembrei-me do desenho dos Flintstone, na Idade da Pedra, que tantas vezes assisti quando pequena e adorava.

Sem querer, uma imagem veio à minha mente. Eu de joelhos no sofá, de

frente para a tevê, vendo um episódio do desenho. Era à tarde e minha mãe tinha saído para ir ao supermercado. E “ele” atrás de mim, punindo-me com uma raiva silenciosa, machucando-me como sabia bem fazer. Eu tentava me concentrar no que Fred e Barney diziam e assim fugir daquela realidade, mas o tempo todo estava bem consciente do que acontecia. A dor era grande demais para ser mascarada.

Arquejei, ali parada naquela rodoviária cheia, em uma plena sexta-feira. Sacudi a cabeça, o peito

angustiado, a raiva e a revolta me consumindo, quando tudo que eu queria era esquecer. Odiava quando tudo fervia daquele jeito, borbulhando na superfície, tornando difícil me controlar e até respirar. Meu desespero aumentou e fiquei irada por não ter um autocontrole, por me lembrar tanto naqueles dias o que lutava a vida inteira para esquecer.

Abaixei, agarrei irritada as alças da bolsa pesada e andei decidida até os guichês para comprar passagem, ficando na fila, respirando devagar para me

acalmar. Por fim, busquei uma música na mente e cantei baixinho “*Preciso me encontrar*”, do *Cartola*, só para mim mesma, me distraíndo:

*“Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Deixe-me ir
Preciso andar
Vou por aí a procurar
Rir pra não chorar
Quero assistir ao sol nascer
Ver as águas dos rios correr
Ouvir os pássaros cantar*

*Eu quero nascer
Quero viver (...)”*

Eu olhava as pessoas à minha frente e não as via. Sempre tive aquele poder de me desligar em alguns momentos, infelizmente não em todos. Mas quando a dor vinha feroz demais, eu encontrava meios de despistá-la.

Uma senhora, diante de mim na fila, virou-se e sorriu, escutando como eu cantava baixinho. Seu olhar era bondoso, com muitas rugas de riso ou, quem sabe, de sofrimento em volta dos

olhos, enquanto comentava:

- Poucos jovens conhecem Cartola, hoje em dia. Até sabem uma ou outra música, por causa das regravações, mas não sabem o cantor magnífico que foi. Uma pena. As músicas dele tocam a alma. Era um grande artista. Um poeta nato. Sou apaixonada por tudo dele.

Eu me calei e sorri, mas desviei os olhos um pouco sem graça, sem querer conversar naquele momento em que me sentia tão estranhamente triste, tão necessitada de alguma ajuda. Tinha

momentos em que eu nem conseguia olhar nos olhos de uma pessoa, com medo que ela notasse o que eu sentia, descobrisse o que eu escondia ou percebesse a farsa que eu era. Nessas ocasiões, eu me sentia tão na superfície que ficava prestes a abrir a boca e deixar sair tudo, os segredos, a culpa, a vergonha. Por isso, simplesmente recuava.

A senhora esperou que eu dissesse algo, mas fui salva quando chegou sua vez e foi comprar sua passagem. Eu me recuperei um pouco e

voltei a cantar baixo, sentindo a letra rolar em minha língua, as palavras dando-me um exemplo do que eu queria: “*Rir pra não chorar*”. Tinha que sair, buscar um novo porto, ser uma nova pessoa. Longe, bem longe. Quanto mais longe de mim mesma, melhor.

Quando acabou de comprar sua passagem, a senhora baixa e com pele escura se virou de novo para mim, ainda sorrindo. Eu me calei, empurrei minha bolsa com o pé para ir até o guichê e ela foi para o lado, mas não deixou de me olhar nem se afastou. Fingi não perceber

seu olhar atento e fui estendendo o dinheiro para comprar minha passagem. Antes que abrisse a boca para dizer o local, ela falou com certa candura:

- Bom, já que você gosta de Cartola, vou cantarolar a minha preferida, que é também a mais conhecida dele: “As Rosas não falam”. Quando ouvi você cantar e vi seu rosto, não sei por que, mas me lembrei desta música. Você é tão linda, tão frágil... seus olhos.... - E cantou baixinho, enquanto eu a olhava fixamente, paralisada: - *“Devias vir.... Para ver os*

meus olhos tristonhos.... E, quem sabe, sonhavas meus sonhos... por fim. ”

Ela se calou e por um momento fiquei muda, meu coração batendo forte, com medo de ter mostrado mais do que devia. Seu sorriso se ampliou e disse baixinho:

- Você parece mesmo uma rosa. Aceite uma sugestão desta velha: vá para uma cidade com nome de flores e finalize o que for preciso e recomece, menina. Lembre-se, a esperança nunca deve morrer. Nunca. Boa sorte.

E, então, se virou e se afastou

devagar, sorrindo para as pessoas à sua volta, cantarolando baixinho : “...*Bate outra vez... Com esperanças o meu coração... Pois já vai terminando o verão... Enfim.*”

Eu estava paralisada, muda, assustada. Não sei em que momento vi minha alma, mas fiquei abalada, com suas palavras rodopiando em minha mente.

- Para onde, senhorita? Qual horário? – Perguntou a moça atrás do guichê, impaciente.

- É sua vez ... – Alguém avisou

atrás de mim e na mesma hora tentei me recuperar, estendi o dinheiro, um pouco perdida, ainda abalada, sem entender o que havia acontecido.

- Para onde? – Perguntou de novo a moça, pegando meu dinheiro.

Abri a boca para dizer Pedrosa, mas lembrei do que a senhora disse e me vi perguntando:

- Tem alguma cidade com nome de flores?

- Como?

- Eu ... Ia para Pedrosa, mas tem alguma cidade com nome de Flores

perto? Ou...

- Antes de Pedrosa, há uma cidade chamada Florada. É só descer lá.

— Deu de ombros, já catando o troco. —

Vai no ônibus para Pedrosa, então?

- Sim, por favor.

- O ônibus sai daqui a uma hora.

Florada. Meu coração disparou e fiquei surpresa com a coincidência do nome, justo quando aquela senhora misteriosa falou em uma cidade com nome de flores e tão perto de onde eu já tinha decidido ir. Apesar de ser católica, nunca fui uma pessoa de muita fé ou de

acreditar em coincidências divinas, mas fiquei um tanto curiosa e abalada com tudo aquilo.

Quando a moça me entregou a passagem, eu a agarrei firme e me afastei, me abaixando para pegar a bolsa no chão cheia e pesada. Por um momento, apenas andei por ali, sem saber ao certo para onde ir, apenas seguindo em frente. Então parei a um canto, deixei a bagagem aos meus pés e tirei a mochila também, colocando-a ao lado no chão. Só então olhei para o papel na minha mão, com destino a

Pedrosa, horário, número do assento.

Quis sentir alguma coisa, uma premonição, uma certeza de que ia para o lugar certo, que talvez lá eu encontrasse o que a senhora falou: esperança e recomeço. Mas senti apenas medo. Medo do desconhecido e ainda maior do que me era tão real, tão vivido, tão marcado dentro de mim.

Fiquei um tempo olhando aquelas letras, apenas sentindo, sem poder pensar tão claramente como eu queria. Então, me senti ridícula por levar tão a sério palavras de uma

estranha que não sabia nada sobre mim. Devia ser uma dessas pessoas carentes e sozinhas, tão acostumadas a sua dor que a via refletida em cada rosto que encontrava. E, tentando travar amizades com estranhos, ocasionalmente tocava em algum ponto dolorido da alma alheia.

Ela aproveitou que eu cantava Cartola e falou qualquer asneira. E eu, boba, ainda acreditei. Rosa! Eu, Rosa? Só se fosse uma cheia de espinhos!

Irritada comigo mesma, tentando esquecer a senhora e tudo aquilo, enfiei a passagem no bolso e resolvi sair para

tomar um café. Assim como decidi descer em Pedrosa e não naquela cidade de Florada, pois o meu caminho quem escolheria seria eu.

Decidida, peguei minha bagagem e fui para a lanchonete ali perto.

A paisagem do interior era cada vez mais bonita. Depois de algumas horas dentro do ônibus, com um fone de ouvido, eu olhava pela janela os campos verdejantes, as árvores, os pássaros, os

animais pastando que passavam. Tínhamos saído de uma cidade e agora a estrada era cercada por fazendas dos dois lados.

Então, uma placa apareceu e meus olhos se cravaram nela:

FLORADA, 8 Km.

Meu coração disparou.

“Vá para uma cidade com nome de flores, finalize o que for preciso e recomece, menina”.

A voz cândida da senhora invadiu minha mente, mas permaneci no lugar, meus olhos agora olhando sem ver

nada mais. “Vou para Pedrosa”, disse a mim mesma, com raiva por sentir que havia mais ali do que eu poderia supor, curiosa, com medo, sabendo que uma pessoa em meu estado, cada vez mais a beira do próprio limite, poderia ser altamente influenciável.

Não queria ser uma tola. Não queria me agarrar em esperanças vãs. Eu devia simplesmente fazer como vinha fazendo há anos, saindo de um lugar para outro em minha vida nômade, seguindo em frente, buscando algo que nem eu sabia o que era. Talvez apenas

distância. Apenas um esquecimento, uma liberdade ao escolher meus próprios caminhos, ser dona dos meus passos. Ia para Pedrosa por que assim eu queria. Uma desconhecida não me faria mudar de ideia.

Naquele momento o celular começou a tocar em meu bolso e desliguei a música, puxando os fones de ouvido. Olhei o visor e vi que a chamada vinha do Rio de Janeiro, de um número que eu conhecia muito bem. Era o telefone da minha mãe.

Eu não falava com ela há mais

de uma semana. Por um momento, senti uma solidão absurda, uma vontade só de fechar os olhos e ouvir sua voz. Mas me sentia tão melindrada, tão sensível e descontrolada, que apenas desliguei o aparelho e o enfiei de volta no bolso, garantindo a mim mesma que outra hora ligaria para ela.

Voltei a olhar para a janela e percebi que o ônibus diminuía a velocidade. Na estrada, vi mais casas e uma entrada que dava em uma praça grande e bonita, rodeada de árvores frondosas e flores coloridas. Uma

pequena igreja branca em estilo barroco chamava atenção ao lado dela e, quando o ônibus parou e algumas pessoas começaram a descer, eu entendi que ali era Florada.

Meu coração disparou e não entendi por que. Fiquei imobilizada, mas meus membros formigaram, meu ventre se contorceu. Não entendi tudo aquilo.

“Bate outra vez, com esperanças o meu coração ...”

Afastei a música da mente, dizendo a mim mesma para continuar sentada. Vi a última pessoa prestes a

descer do ônibus e soube que logo ele seguiria em frente. Uma sensação de pânico me envolveu, uma certeza de que não era tolice, eu tinha que ficar ali. Nem que fosse para comprovar a mim mesma que o que a senhora disse era um monte de bobagens.

A maldita esperança, sentimento que eu nem devia ter mais, foi o que me impulsionou. Levantei às pressas, agarrando minha mochila, indo rapidamente pelo corredor em direção à porta, já pedindo ao motorista:

- Por favor, abra o bagageiro.

Vou ficar aqui.

- Está aberto, espero você pegar suas coisas.

- Obrigada.

Desci correndo, agitada, meu coração batendo tão forte que era a única coisa que eu ouvia. Aproveitei que algumas pessoas pegavam suas coisas e puxei rapidamente minha bolsa pesada. Deixei-a aos meus pés na calçada, junto com minha mochila, enquanto tentava respirar, me acalmar, sem entender o que era tudo aquilo, por que me descontrolava daquele jeito.

Fiquei lá parada. O ônibus fechou a porta e se afastou. As pessoas que desceram ali conversavam entre si, como velhos conhecidos, atravessando a rua calçada, deixando-me sozinha sob a marquise branca.

Meus olhos varreram a cidade à minha frente, tipicamente do interior, cercada de morros e de muito verde, mas linda e bem cuidada, com construções devidamente pintadas, muito limpa, quase como de um cartão postal. Era à tarde e as pessoas circulavam, crianças brincavam na praça, alguns

carros estavam estacionados por ali. Um homem passava de cavalo, com um chapéu enterrado na cabeça, uma charrete vinha em sentido contrário na rua. Era como se passado e modernidade se misturassem ali.

Respirei fundo, mais calma, gostando de tudo que via. Talvez fosse o que eu estava precisando mesmo, um lugar calmo e tranquilo, onde eu pudesse descansar e ter um pouco de paz. Uma parada, um descanso, uma cessação temporária. Até que eu pudesse seguir em frente novamente.

Peguei a mochila e a coloquei nas costas. Então, agarrei a bolsa pesada e atravessei a rua, caminhando em direção à cidade, olhando tudo com atenção e certa cautela. Caminhei pela calçada, senti que era alvo de olhares curiosos, recebi vários sorrisos de pessoas que passavam, como se me dessem as boas vindas.

Não fitei ninguém detidamente, mas sorri de volta. Havia algo extraordinário em me misturar entre estranhos, como se por um momento eu pudesse ser quem eu quisesse, sem

passado, sem futuro, apenas uma pessoa entre outras, alguém que eu escolhesse ser. E foi aquilo que começou a me dar mais determinação, mais força.

Caminhei até a praça e parei lá, analisando para onde seguir. Na mesma hora vi um bar grande do outro lado, com as portas abertas, tendo um letreiro grande onde se lia: “BAR E RESTAURANTE FALCONETES. Sorri para mim mesma e me dirigi para lá. Tinha muita prática como garçomete, era o trabalho mais fácil de arrumar. E o primeiro que eu procurava ao chegar em

algum lugar, embora já tivesse trabalhado em muitas coisas diferentes.

Era um belo e enorme restaurante, com mesas de sinuca, um palco bem montado que me fez sentir vontade de voltar a pisar em um deles e cantar, como há muito não fazia, além de um bar longo e de madeira. Havia uma mulher bonita e maquiada atrás dele, por volta dos quarenta anos, conversando com uma morena alta e elegante equilibrada em um dos bancos do bar, os cotovelos apoiados no balcão. Eu me

aproximei delas e ouvi o que a morena dizia:

- A casa fica longe. Ficar aqui em cima vai ser bem melhor e já posso descer preparada para os shows, sem me preocupar com locomoção de um lado para o outro.

- Está bem, Brunela. Vou devolver as chaves da casa. — A outra disse pacientemente, mas como se tentasse disfarçar certa irritação. Foi quando me viu e seus olhos bateram na minha bagagem.

- Oi, boa tarde. — Parei perto do

bar.

A morena bonita me olhou em silêncio. A que estava atrás do bar cumprimentou-me. E então indagou:

- Está de passagem pela cidade?

- Na verdade, pretendo ficar um pouco por aqui. – Sorri. – Vim ver se não tem uma vaga no restaurante. Tenho muita prática como garçonne e até cozinheira.

Ela me analisou detidamente. A morena se levantou, como se o assunto a entediasse. Avisou à outra:

- Vou descansar para a estreia

mais tarde. Com licença. – E afastou-se em direção a uma porta ao lado do bar, por onde sumiu. Nem me olhou, como se eu não merecesse nem um pouco de sua atenção.

A outra suspirou e comentou:

- Brunela é a nova cantora do Falconetes e vai se apresentar mais tarde pela primeira vez aqui. Está um pouco nervosa.

- Entendo. – Apoiei a bolsa no chão, pois estava bem pesada. Por um momento pensei em como deveria ser bom poder cantar ali, mas fui logo direto

ao ponto: - Tem alguma vaga para mim aqui?

- O lugar tem enchido muito e vai piorar agora com os shows nos fins de semana. Podemos fazer uma experiência.

- Que bom. – Aliviada, perguntei também: - Sabe de algum quarto que eu possa alugar?

- Conseguir aluguel aqui é meio complicado. – Ela me observava e indagou: - Você é de onde? Tem um sotaque meio diferente.

- Rio.

- Certo. Sou Abigail Castro. –

Estendeu-me a mão.

- Lara Maria Avellar. – Apertei a

dela.

- Então, Lara. Eu tinha alugado

uma casa para Brunela, mas ela não

gostou e acabou se hospedando em

minha casa aqui, em cima do bar.

Podemos descontar o aluguel do seu

salário e você fica com a casa. Vamos

combinar tudo?

- Claro. – Fiquei feliz, pois as

coisas estavam se resolvendo mais

fáceis do que esperei.

- Vou chamar minha irmã para ficar no bar para mim e a levo para ver a casa. Lá discutimos todos os detalhes.

- Perfeito. Espero por você lá fora, quero apreciar melhor a cidade. É linda.

- Vai gostar daqui. É um bom lugar para se viver.

Não disse a ela que minha intenção não era ficar muito. Enquanto ia chamar a irmã, saí com minha bagagem e parei na entrada do restaurante, olhando para a praça florida, a rua e as construções em volta, apreciando mais

uma vez cada detalhe. Havia um sensação de paz e aconchego ali e isso me fez relaxar um pouco, sentindo parte da tensão daqueles dias se dissipar.

Observei uma mulher que passava com um bebê no colo, algumas crianças fazendo algazarra no balanço, dois idosos jogando dama em volta de uma mesa da praça, distraída com meus pensamentos. Foi então que um movimento ali mais a frente chamou minha atenção e me deparei com um homem alto, moreno e lindo.

Ele usava jeans surrado

marcando o corpo musculoso e as pernas longas, com botas, além de uma camisa xadrez aberta no peito. Estava suado, despenteado, seus cabelos eram escuros e meio longos, dando-lhe um ar despojado e sensual. Tinha uma barba escura marcando o maxilar anguloso e o queixo decidido. Era duro, grande, forte, músculos do peito e da barriga aparecendo sob a pele morena e suada.

Fiquei completamente focada nele, encantada com sua beleza máscula e agressiva. Passei os olhos em seu rosto e algo mexeu comigo. Era que,

além da força bruta de sua aparência, percebi duas covinhas marcando suas faces com o sorriso aberto que dava, visíveis mesmo com a barba. Havia rugas em volta de seus olhos, como se fosse comum para ele rir muito. E como que a comprovar a doçura que havia sob o aço, ele parou em um ponto da calçada e se abaixou sobre o que parecia ser uma caixa de papelão a um canto.

Quando se levantou, trazia nas mãos um pequenino filhote de cachorro. O modo com ergueu o animal diante do rosto, me chamou a atenção. Aquele

homem demonstrava cuidado e, ao mesmo tempo, tinha um olhar atento e carinhoso. Após alguns segundos analisando o animalzinho, sorriu e, com uma voz grossa, rouca e terna - que chegou até mim e fez um arrepio percorrer minha coluna-, disse:

- Ei, companheiro, quem teve coragem de abandonar você assim, tão pequenininho? Porra, não dá pra entender uma maldade dessa..... Vamos lá, companheiro, não se preocupe, hoje é seu dia de sorte. Você acaba de ganhar um lar. E, a partir de agora, nada de

ruim vai acontecer a você. – E como a comprovar o que dizia, aconchegou o animal em seus braços, fazendo um afago em sua cabeça e, sem tirar os olhos dos dele, sorriu. O bichinho latiu, como se respondesse, balançando o rabo em alegria, fazendo o sorriso dele aumentar ainda mais.

Fiquei hipnotizada por aquela imagem, a força e a agressiva masculinidade do homem moreno e alto em contraste com a fragilidade do animal, e mesmo assim respeitando-a. Ele o segurava com cuidado, tão terno

como nunca vi um homem ser, como se fosse uma parte intrínseca sua, tão natural que combinava com sua força sem diminuí-la. Poderia matar o pequeno cachorro com um apertão de sua mão grande, mas o amparava, o protegia, sorrindo para ele também com os olhos escuros.

Meu coração bateu tão forte que o senti contra as costelas. Lembrei como a força de um homem podia machucar, ferir, marcar. Mas aquele cuidava, acarinhava, tinha uma ternura que me surpreendeu. Não consegui piscar nem

me mover. Tudo o que fiz foi olhar para ele, algo dentro de mim estalando, esquentando, se enchendo de sentimentos inexplicáveis, de uma brandura sem fim, de um calor que se espalhava lentamente.

Por um momento, me senti ali nos braços dele, segura, amparada, recebendo seu olhar e seu sorriso. Uma sensação inexplicável me invadiu, me fazendo acreditar que aquele homem seria capaz de cuidar de mim, não deixando o mal nunca mais me alcançar. O que senti foi tão forte, tão poderoso,

que meus olhos se encheram de lágrimas e dei um passo à frente, quase a suplicar que me acolhesse, que me desse sua atenção e proteção. Eu me senti pequena, frágil, necessitada, cansada da minha luta. Muito cansada.

Um senhor parou perto dele e sorriu, dizendo alto:

- Arrumou um novo amigo, Heitor?

O moreno lindo virou-se para olhá-lo, sem soltar o cachorrinho, dizendo com aquela voz rica que causava arrepios em minha pele:

- Abandonaram este filhote aqui.

Não me conformo com uma covardia dessas.

- É verdade. O que vai fazer com ele?

- Levar comigo para a fazenda, claro. – Acomodou com cuidado o filhote contra o peito, acariciando-o com os dedos longos, sorrindo para o senhor, que completou:

- Você não muda, Heitor. Desde pequeno se preocupando e salvando esses animais abandonados. – Deu um tapa amistoso em seu braço e se abaixou

para pegar a caixa de papelão. – Sempre um bom rapaz. Vamos, te acompanho até o carro. Como vão Pedro e seus irmãos? E seu pai?

- Todos estão bem, seu Oswaldo.

E para minha tristeza, deu-me as costas e se afastou conversando com o senhor, levando consigo o sortudo do cachorrinho entre os braços.

Eu me encostei sobre uma das colunas do Falconetes, meus olhos famintos acompanhando-o, enquanto atravessava a rua e ia até uma caminhonete preta. Senti como se me

deixasse, me abandonasse e fiquei um momento perdida, sem entender tudo aquilo. Então, ele se despediu do homem, acomodou o filhote na caixa e entrou no carro, com ele.

Lamentei sua perda. Mordi os lábios, piscando, tentando me recobrar enquanto a caminhonete sumia de vista.

Heitor. O nome rolou dentro de mim e o calor se expandiu mais. Heitor.

Eu sabia que não o esqueceria. Nunca me senti tão abalada por um homem, tão mexida. Foi além da sua bela aparência, da sua masculinidade

sexual e primitiva, do corpo. Foi aquele jeito, aquela voz, aquele olhar.

E mesmo quando Abigail saiu do bar e falou comigo, eu demorei a me recuperar. Quase perguntei a ela quem era Heitor, mas me calei, surpresa comigo mesma e com tudo aquilo. Falei com ela e nem sei sobre o que. Pois eu ainda estava com aquele homem me enchendo toda, marcando-me tanto, mas tanto, que cheguei a sentir medo de sentimentos tão desconhecidos.

Segui a outra mulher quase que mecanicamente. E soube que teria que

vê-lo de novo. Nem que fosse só mais
uma vez.



CAPÍTULO 2

HEITOR FALCÃO

*“(...) Há uma estrada de pedra
que passa na fazenda.*

É teu destino, é tua senda.

Onde nascem tuas canções.

*As tempestades do tempo que marcam
tua história*

Fogo que queima na memória

E acende os corações.(...)”

*(Jeito de mato – Paula
Fernandes – composição: Mauricio
Santini)*

Eu estava sentado sobre o muro baixo que rodeava a varanda, encostado em uma coluna, olhando a paisagem que se descortinava diante de mim. Era a penúltima sexta-feira do mês de janeiro, e a noite estava quente, com uma leve brisa, o céu cheio de estrelas

prenunciando um dia seguinte claro e reluzente como os daquela semana toda.

Uma sensação plena de paz me envolvia, enquanto meus olhos vagavam preguiçosos sobre os contornos e relevos sombreados pela noite e iluminados pela lua e pelas luzes espalhadas por ali. Eu conhecia tudo como a palma da minha mão. Cada plano, cada ondulação, cada árvore, que eu nunca cansava de admirar ou de notar.

Era um homem da terra, do chão, das coisas simples da vida. Nunca quis

muito mais do que eu tive e isso não significava que fosse acomodado, mas sim satisfeito. Para mim sempre era um prazer acordar a cada manhã e me deparar com aquela paisagem que já fazia parte de mim, da minha história, do que eu sentia como felicidade. Ali nasci, cresci, chorei e sorri, me formei como homem, me tornei quem eu era. Ali estava a minha família, que como a fazenda, era o que eu prezava acima de tudo.

Sabia que morreria ali também, minha seiva e minha essência enterradas

naquela terra, se misturando a ela, fazendo-me parte de tudo aquilo para sempre. Havia um pequeno cemitério na Falcão Vermelho para os empregados e pessoas da família, onde minha mãe e meus avós estavam enterrados. E para onde um dia eu iria, feliz na morte como fui em vida pelo simples fato de permanecer naquele chão.

Sorri comigo mesmo, sem qualquer medo do futuro ou do destino. Não era homem de me preocupar muito com o que estava reservado para mim, nem perder tempo lamentando o

passado. Tive minha cota de alegrias e sofrimentos em meus quase 38 anos de vida, como qualquer um. Lembranças doloridas ou saudosas às vezes voltavam, mas não me prendiam ou desanimavam. Apenas ajudavam a forjar quem eu era e a evitar os mesmos erros na caminhada. E eu sempre seguia em frente, seguro, tranquilo, preparado para tudo que viesse.

Meu sorriso se ampliou ao ouvir o barulho da moto e ver Pedro aparecer na estrada iluminada, deixando um rastro de poeira atrás de si, apressado

por estar atrasado. Sabia que eu o esperava e na certa tinha vindo como um louco pelo caminho, sempre agitado, dinâmico, querendo engolir a vida como se essa lhe escapasse por entre os dedos. Não havia pessoa com personalidade mais oposta à minha do que ele e, no entanto, não havia também amigo maior ou alguém com quem eu me desse melhor do que Pedro.

Eu amava todos os meus irmãos, sem distinção. Mas com Pedro era algo além. Era uma amizade e uma comunhão praticamente desde que nascemos, com

apenas a diferença de um ano entre nós. Éramos, acima de tudo, companheiros inseparáveis, almas gêmeas, unha e carne.

Tia dizia que não entendia como fogo e água poderiam se dar tão bem, mas era assim. Ele fogo, consumindo tudo, voraz, incendiando e deixando um rastro atrás de si. Eu, água, plácido, como um lago profundo e límpido, correndo lento pelas margens, banhando meu caminho. Nunca um anulava o outro, ao contrário, nos complementávamos, nos equilibrávamos. Quando ele estava

fora de controle, eu o continha; quando eu estava parado demais, Pedro me sacudia, me causava ondas. Era amor de irmãos, de amigos, de comunhão para toda a vida.

Observei-o parar a Harley-Davidson em frente ao casarão e já saltar, deixando o capacete pendurado nela, subindo os degraus de dois em dois, suado, com pressa.

- Porra, irmão, o treino demorou demais na academia hoje! – Parou perto de onde eu estava, fazendo cara feia, movendo os punhos. – Mas não esqueci

que combinamos de dar umas voltas hoje.

- Sei que não esqueceu. Deu socos hoje no saco ou na cara de alguém? – Indaguei bem humorado, pois ele treinava boxe e MMA em Pedrosa, para descarregar as energias, mas de vez em quando ainda se metia em confusão.

- No saco. – Sorriu, garantindo: - Mas depois do casamento do Micah vai ter uma luta minha lá. Não vejo a hora! To precisando cair na porrada com alguém.

- Merda, nada de beber hoje no

Falconetes. Quando fica assim, procura confusão. Guarde suas energias pra luta.

- Ou para o sexo! – Seu sorriso se ampliou automaticamente. – Aquela farra da semana passada não foi o bastante. Quero mais!

- Você sempre quer mais. E eu quero tomar uma cerveja. Então, vai se cuidar logo ou vou me mandar sozinho.

- Já vou! Calma aí! – E na mesma pressa com que chegou, entrou em casa.

Sacudi a cabeça. Maluco!

Voltei a deslizar os olhos pela

noite na fazenda, mas distraído, lembrando a despedida de solteiro de nosso irmão Micah no sábado passado. Tinha lotado o Falconetes de homem e sido a maior farra com bebida liberada e duas dançarinas de pole dance dando shows no palco. Elas eram lindas e tinham deixado todos loucos com as performances e rodopios, despindo-se até ficarem só de calcinha.

O Falconetes quase tinha vindo abaixo e o palco ficou cheio de dinheiro que os marmanjos jogaram para elas. Ao final de tudo, quando o bar foi aberto

para as mulheres também, o show terminou e Valentina apareceu lá para brincar puxando Micah pela orelha, como se fosse levá-lo embora. Mas ficou um pouco e se divertiu também.

Theo e Joaquim foram embora, ambos com Eva e Gabi esperando-os na fazenda. Fiquei lá com Pedro, alguns amigos e funcionários, Micah e Valentina, até que as dançarinas apareceram vestidas e se misturaram na farra. Cantadas não faltaram a elas, inclusive minhas. E ao final da noite saí do Falconetes com uma dançarina e

Pedro com a outra, direto para um Motel entre Florada e Pedrosa.

Nessas horas eu não era nada calmo. Teve uma época na minha vida que achei que sexo só deveria ser feito com amor, um pouco antes de experimentar pela primeira vez. Mas depois, quando descobri o quanto transar era bom, soube separar bem as coisas e aproveitar cada uma. Inclusive partilhar mulheres com meu irmão, até se tornar algo natural pra gente.

Não havia regras pré-estabelecidas. Eu tinha minhas mulheres,

Pedro as dele, mas era prazeroso demais ver como uma mulher ficava louca ao ser partilhada por dois homens. E como éramos amigos, irmãos, sem nenhuma bissexualidade entre nós, tudo acabava sendo confortável e natural. Assim, farra era com a gente mesmo. E surubas também, como a que fizemos com as duas dançarinas na madrugada da despedida de solteiro.

Transei com uma e Pedro com outra. Depois trocamos. Partilhamos a morena. Partilhamos a mulata. Tomamos uma cerveja enquanto elas se beijavam,

depois continuamos com uma, com outra, com as duas, até cada um de nós desabar para um lado, já amanhecendo o dia. Só depois que acordaram, exaustas, elas foram embora. E nós voltamos para a fazenda, satisfeitos, prontos para mais um domingo em família.

E era assim. Não havia mal estar ou diferença entre nós. Mesmo cheio de ciúmes de sua Harley-Davidson, Pedro nem ligava se eu a pegasse sem pedir. Assim como ele entrava em meu quarto e catava o que quisesse. Nunca brigamos. Havia um entendimento mútuo

e silencioso entre nós, um respeito explícito, que nos fazia saber sem precisar perguntar, até onde o outro poderia ir. Como foi com Francesca, irmã de Dalila e Abigail.

Ela saiu primeiro com Pedro. Depois comigo. E então com nós dois. Foi a única mulher da cidade que se tornou fixa em nossa vida. Os boatos correram soltos na época e nós três nos divertimos muito, sem ligar para isso. Até as coisas se complicarem. Eu me apaixonei. Ela se apaixonou. Pedro sacou na hora e simplesmente pulou

fora. Nada foi dito. Ninguém se magoou. Foi simples, fácil, até natural. E ficamos firmes juntos, até ela morrer.

Ainda doía pensar em Francesca. Tinha sido muito apaixonado por ela. Tinha pensado em me casar e formar família, como sempre desejei. Nunca me incomodou o fato dela ter transado também com meu irmão. Apesar de ser um homem do interior, eu tinha minha mente muito aberta e era totalmente a favor da liberdade sexual, tanto para homens quanto para mulheres. Hipocrisias, fingimentos e proibições

desnecessárias é que me incomodavam. Na minha cabeça, sexo era sexo e, se dava prazer, por que não fazer? Para que complicar?

As pessoas perdiam tempo demais se culpando, se contendo, tentando esconder seus desejos. Eu não. Era sempre muito sincero sobre meus sentimentos, sobre o que eu queria, sobre meus desejos. Talvez por isso não visse problema algum em dividir uma mulher com Pedro. Ou me deitar com duas mulheres. Talvez eu fosse meio que um dos animais da fazenda, sem falsos

pudores, mais instinto do que razão, deixando meu corpo ditar as regras da minha vida sexual. E isso sempre me fez bem.

Não fazia alarde de nada, não espalhava minhas aventuras para os outros nem me sentia um garanhão. Eu só aproveitava, me divertia, tirava o máximo prazer de uma situação quando era agradável para todos. E pouco me importava com opiniões alheias. Eu via a vida como uma chance de ser feliz e não perderia tempo complicando. Pelo contrário, eu a curtia demais. Do meu

modo.

Tranquilo, corri os dedos entre os cabelos escuros e um tanto longos, perdido em meus pensamentos, como gostava de fazer. Às vezes achava que era um filósofo de mim mesmo, pois quase que o tempo todo me via conversando interiormente, analisando as coisas à minha volta e o meu comportamento e de outras pessoas. O silêncio nunca me incomodou, embora gostasse de uma boa conversa. Eu sempre tinha sobre o que pensar.

Desencostei-me da pilastra e

levantei, esticando o corpo, me espreguiçando, imaginando a noite que teria pela frente. O tempo todo algo me incomodava e eu sabia o que era, mas não queria dar muita importância a isso. No entanto, havia certa ansiedade dentro de mim desde que soube que naquela noite seria a estreia da nova cantora no Falconetes. Ela tinha chegado à cidade e ficaria lá, contratada, sendo a estrela do restaurante. E isso me fazia lembrar a previsão de Dalila e imaginar até que ponto ela estaria certa.

PEDRO FALCÃO

*“Quando você entrou o ar foi
embora*

*E toda sombra se encheu de dúvida
Eu não sei quem você pensa que é
Mas antes que a noite acabe,
Eu quero fazer coisas más com você.
(...)”*

*(Jace Everett – Bad Things –
Coisas más)*

Cheguei ao Falconetes com Heitor e o local já estava movimentado, bem cheio devido à estreia da nova cantora contratada pela casa. Segundo corriam os boatos, finalmente Abigail havia conseguido fechar com uma boa artista, que animaria o restaurante nos finais de semana.

Enquanto cumprimentávamos conhecidos e íamos ocupar uma mesa, eu reparei como meu irmão olhava em volta com atenção e imaginei quem ele procurava. A cantora. Eu conhecia Heitor bem demais para saber que o que

Dalila tinha falado sobre ela no sábado passado o tinha deixado alerta e preocupado, embora não tivéssemos mais comentado sobre o assunto.

Se fosse honesto comigo mesmo, confessaria que também estava um pouco incomodado. Dalila era certa em suas premonições e, embora eu não acreditasse naquelas coisas, tinha tido provas no passado de que o que ela dizia se concretizava, sem nenhuma exceção. No entanto, não perdi meu tempo com aquilo. Só naquele momento lembrei o ocorrido.

Minha mente regrediu até a despedida de solteiro de Micah ali, há uma semana, quando chegamos ao local animado e eu havia indagado:

- Cadê as dançarinas?

- Ela vai chegar. – Dalila tinha dito de repente, enquanto nos servia uma cerveja.

Estava com aquele olhar parado e arregalado que não parecia dela, fixo em mim, o rosto pálido.

- Você quis dizer “elas”. Ou é uma dançarina só? – Perguntei, olhando-a com atenção.

- Não é a dançarina. É a cantora.

- Vai ter cantora aqui hoje? –

Observei, cauteloso. – Dalila?

Seus olhos arregalados foram de mim para Heitor e disse baixo, mas ouvimos no meio da balbúrdia:

- Ela está chegando. E vai mudar a vida de vocês. – Seus lábios tremeram, sua expressão ficou mais carregada, quase choramingou: - Mas traz muita dor com ela. Muito desespero. E essa dor vai tocar em vocês.

- Dalila ... – Heitor se inclinou sobre o balcão e segurou sua mão,

preocupado.

- Heitor ... — Seus olhos encheram-se de lágrimas. — Prepare-se para ela. Vai mudar a sua vida. E a de Pedro. Só o amor pode curá-la, Heitor. Só muito amor.

Todos ficamos calados, tensos. Por fim, ela pareceu despertar e piscou. Deu um passo para trás, respirando fundo, nervosa. Soltou-se da mão de Heitor, olhou para mim e depois para ele de novo. Murmurou:

- Estarei aqui, se precisarem de mim. — E praticamente afastou-se

correndo.

- Que merda foi essa? Uma premonição? – Eu me senti meio nervoso. – Não gosto dessas coisas.

- Dalila nunca erra. – Nosso irmão Joaquim falou, preocupado.

- Nunca erra. – Concordou Heitor, seu semblante carregado, seus olhos acompanhando Dalila. Murmurou, quase que para si mesmo: - De quem será que ela está falando?

Eu não disse nada. Nem toquei mais naquele assunto. No entanto, quando correu o boato de que a nova

cantora tinha chegado à cidade, um alerta soou dentro de mim e lembrei aquele episódio.

Agora, sentando em volta da mesa, fiz como Heitor e dei uma olhada em volta. Mas logo me irritei por me preocupar com aquilo. Não queria saber de premonição e muito menos de alguma mulher vindo cheia de dor para mudar nossas vidas. Assim, acenei para uma garçonete pedindo uma cerveja e encarei meu irmão, indo direto ao ponto:

- Viemos aqui tomar uma cerveja, não conferir se as premonições

de Dalila estão certas.

Ele me olhou de imediato, sério. Então, deu um leve sorriso e debochou:

- Eu não estou preocupado. Você está?

- Nem um pouco. – Dei de ombros e sorri também. – To mais preocupado em ver se tem alguma gata nova por aí.

- Tem. A cantora.

Eu sabia que era provocação. Mas antes que pudesse retrucar, a dona do Falconetes veio pessoalmente trazer nossa cerveja e sorriu, linda e maquiada

como sempre.

- Meninos, bom demais ter vocês aqui para a estreia desta noite. Seus irmãos não vêm?

- Oi, Abigail. – Eu sabia que “com seus irmãos” ela se referia a Theo. Mesmo sabendo que ele estava fora de seu alcance, obviamente ela não o esquecia.

Não sei por que as pessoas se apaixonavam. Só para sofrerem como condenadas, ficarem tolas e burras, enquanto podiam estar aproveitando a vida e se divertindo com tantas outras

peessoas diferentes. Aquilo não entrava na minha cabeça.

- Talvez Micah e Valentina apareçam por aí. – Heitor comentou, enquanto ela nos entregava a cerveja e se sentava um pouco à nossa mesa. Agarrei logo meu copo e tomei um gole da bebida gelada, enquanto meu irmão indagava: - E que horas começa o show?

- Daqui a pouco. A cantora está se preparando.

Observei seu ar desolado e ergui as sobrancelhas, indo direto ao ponto:

- Que cara é essa, Abigail?

Algum problema?

- Não. — Sorriu e se levantou, apontando com a cabeça em direção ao palco. — Acho que vai dar tudo certo. Olhem, ela chegou. Vou lá ver se precisa de alguma coisa e anunciá-la. Depois nos falamos, meninos.

Acenamos e olhei em direção ao palco. Heitor fez o mesmo.

A mulher estava ao lado dos degraus, alta e com queixo empinado, parecendo entediada em ser alvo dos olhares curiosos de todo mundo. Era muito bonita, por volta dos trinta anos,

morena, cabelos pretos brilhantes e totalmente lisos até os ombros, rosto maquiado, traços finos. Usava uma calça preta colada, blusa branca bufante e saltos altíssimos, além de colares, pulseiras e brincos chamativos de ouro. Começou a falar quando Abigail chegou perto dela, apontando para o palco, onde havia um tecladista da cidade e um outro rapaz, com violão, aguardando-a.

Observei-a e, apesar de ser bonita, bem cuidada, com ar elegante e fino de moça da cidade grande, não senti nada extraordinário. Relaxei totalmente,

dando-me conta de como fui tolo em ficar, nem que fosse só por um momento, preocupado que ela fosse de alguma maneira mexer comigo. Era apenas uma mulher bonita e nova por ali.

Como se lesse meu pensamento, Heitor disse baixo ao meu lado:

- Ela é bonita, mas ...

Meu sorriso se ampliou ao me virar para ele e completar:

- Entendi e pensei a mesma coisa. Ela fica lá e eu aqui. Bem simples. Mas se você quiser se aproximar e conferir se as previsões de

Dalila estão certas, fique à vontade.

- Obrigado, mas estou bem sozinho. – Ele terminou sua cerveja e se serviu de mais, tão relaxado quanto eu. A tensão que sentiu ao chegar ali tinha cedido, embora observasse a mulher, calado, como se indagasse a si mesmo como ela poderia ser importante.

Eu nem queria saber. Mulher para mim era sinônimo de diversão, prazer, gozo, belos momentos antes de partir para outra. Não queria complicações nem amarras na minha vida. Então, acreditando ou não no que

Dalila havia dito, eu já havia tomado minha decisão de nem chegar perto daquela cantora. E isso resolvia toda a questão.

Abigail subiu ao palco e cumprimentou os dois músicos, que geralmente tocavam ali e faziam parte da banda da cidade e da Igreja. Então, foi ao microfone e tomou a palavra:

- Boa noite a todos. Gostaria de apresentar a vocês a nova aquisição do Falconetes, uma cantora famosa de São Paulo que a partir de hoje nos dará o prazer de sua presença e seu talento no

palco do nosso restaurante. Uma salva de palmas para Brunela Lia.

O lugar estava cheio e todos comemoraram e aplaudiram, animados. A tal da Brunela subiu ao palco e tinha uma elegância nata, um jeito comedido, como se soubesse que era o centro das atenções e aceitasse esse papel. Acenou de leve com a cabeça e assumiu o microfone quando Abigail saiu. Esperou os aplausos terminarem e então começou a falar com uma voz fina, mas firme, límpida:

- Corrigindo Abigail, sou uma

cantora famosa não apenas em São Paulo, mas no Brasil inteiro. Já me apresentei inclusive fora do país, em Montevideú. Mas agora minha parada é em Florada e espero que possamos nos dar bem aqui. – Deu uma parada, observando o público com cuidado, sem sorrir.

Eu a analisei, calado. Não podia tirar conclusões precipitadas, mas achei que ela estava ali por falta de opção melhor. Não parecia muito feliz, embora sua expressão não dissesse muito do que pensava.

Era bem bonita, mas tentei não reparar naquilo, precavido, procurando ser bem imparcial em meus julgamentos. Talvez fosse uma mulher interessante, mas eu não me preocuparia em descobrir.

- Como Florada é uma cidade do interior, vou começar cantando algumas músicas sertanejas e country. Se tiverem pedidos, entreguem às garçonetes e vou tentar atender. Obrigada por me receberem bem aqui.

Embora não sorrisse, foi educada e recebeu vários aplausos.

Então, acenou com a cabeça para os músicos e o tecladista começou a tocar, para logo Brunela iniciar a canção “*Nuvem de lágrimas*”, de *Chitãozinho & Xororó*, com uma bela voz suave.

O Falconetes se animou. Parecia ainda mais cheio e a pista de dança lotou de casais, enquanto as pessoas cantavam junto com ela. Eu olhei de relance para Heitor, que prestava atenção no palco. Perguntei diretamente:

- O que achou dela?

- Talentosa. Bonita. Estou me decidindo ainda se é simpática, mas

acho que não.

- Também acho que não. – Meu sorriso se ampliou.

Tomei minha cerveja e pedi outra. Logo conversávamos sobre banalidades e com conhecidos que pararam para bater um papo. As músicas continuavam, tudo muito bom e tranquilo, mas comecei a ficar impaciente e a pensar se não teria sido melhor ir para Pedrosa, onde a noite traria mais opções de divertimento.

Olhei em volta e recebi vários olhares e sorrisos femininos, alguns

apaixonados. Como já tinha transado praticamente com todas as mulheres da cidade, evitava me aproximar de novo das que esperavam algo mais em troca. Por isso, quando queria minhas farras, preferia que fosse longe de Florada.

Naquela noite estava agitado e nem o treino de boxe mais cedo foi capaz de me fazer aliviar as energias. Eu era impaciente, tinha sangue quente, normalmente sentia muita falta de sexo e a semana tinha sido corrida. Precisava de uma mulher. De preferência uma bem quente e ferosa, que me aguentasse a

noite toda. E foi o que falei basicamente para meu irmão:

- Vamos esticar a noite em Pedrosa? Em uma boate? Isso aqui tá parado demais.

Heitor não parecia muito animado. Achei que algo o preocupava e o analisei um pouco mais. Havia sempre um entendimento mútuo entre nós, uma conexão que deixava claro, a um só olhar, se não estávamos bem. Percebi que ele ainda olhava pensativo para a cantora e me impacientei:

- Cara, a Dalila não é Deus. Ela

não sabe de tudo. Vai ver que teve uma premonição de que essa cantora ia chegar e que nos envolveríamos com ela, afinal, é carne nova no pedaço e gostosinha. Mas olha só, parece um pé no saco. É só a gente ficar longe e tudo se resolve. Pronto. Sem dramas.

- Você tem razão. – Acenou com a cabeça.

- Vamos para Pedrosa?

- Vamos.

- Certo, vou ao banheiro e já volto. Pede a conta aí. – E já me levantei, animado com a expectativa de

uma noite mais excitante.

Passei pelo local cheio, parando toda hora ao ser cumprimentado por alguém. De onde estava, nem conseguia ver o bar, as pessoas animadas pelo caminho, parecendo que a cidade toda estava ali. Já me aproximava da parede lateral, onde ficavam os banheiros, quando a cantora começou a cantar em um inglês perfeito uma música de Jace Everett que eu adorava, *Bad Things*, num tom sexy e quente.

Distraído eu virei a cabeça e a

busquei no palco, sem prestar muita atenção por onde ia. Naquele momento alguém passou na minha frente e senti um cheiro gostoso, floral e feminino, enquanto um corpo roçava o meu, na hora me despertando, me fazendo esquecer a cantora e me virar para ver quem era.

Uma mulher alta passava apressada equilibrando uma bandeja de bebidas entre as pessoas, metendo-se entre elas, apressada. Duas coisas me chamaram atenção de imediato: o seu andar sensual balançando os quadris e o

fato de ser nova ali. Eu conhecia todas as garçonetes do restaurante e franzi o cenho, meus olhos varrendo seu corpo escultural, perfeito, me deixando completamente concentrado naquela imagem.

Devia ter um metro e setenta de altura e seus cabelos castanhos estavam presos em um coque no alto da cabeça, mostrando sua nuca, deixando evidente as costas eretas, a elegância de suas formas. Usava uma blusa preta coladinha e um pequeno avental, marcando a cintura fina e as curvas

pronunciadas. Sua saia jeans era curta e se ajustava a uma bunda perfeita, empinada, firme, que me deixou doido. Rebolava ao andar, as pernas longas e perfeitas bem torneadas, dando em botas pretas sexys, de salto alto.

Senti o corpo reagir na hora, excitado, alerta. Sem pensar duas vezes, metendo-me entre as pessoas, eu a segui enquanto percebia vários homens se virando para olhá-la e dizendo gracinhas, no que a bela morena sorria e me mostrava seu perfil lindo, tão atraente quanto o resto dela. Mas não

parava, seguia em frente, ondulando o corpo, até chegar a uma das mesas e virar de lado, entregando as bebidas, simpática, se inclinando um pouco.

Notei os seios altos e empinados, assim como a bunda, tudo nela extremamente sensual e curvilíneo. Então fixei seu rosto, o formato suave do queixo e do nariz, os traços belos e bem feitos, o sorriso aberto e naturalmente sexy. Um turbilhão pareceu se concentrar dentro de mim com aquela visão e soube de imediato que precisava ver aquela mulher de perto, sentir de

novo seu cheiro de flores, sentir de novo seu cheiro de flores, tocar sua pele, provar seu gosto. Logo.

Eu me aproximava quando se virou de repente para mim, com a bandeja vazia, pronta para vir em minha direção. Então seu olhar encontrou o meu e, mesmo em meio à balbúrdia que nos rodeava, à música alta, ao falatório e pessoas que passavam de um lado para o outro, nós nos fitamos e uma corrente elétrica pareceu nos conectar. Fitei seus olhos arredondados, castanhos claros, e senti um baque por dentro, parando a

poucos metros dela.

Na mesma hora entendi aquilo como um tesão violento e meu pau reagiu, endurecendo, o sangue tornando-se quente e agitado. Era linda demais com aquele rosto angelical sendo desmentido por uma boca chamativa, onde o lábio superior era tão carnudo quanto o inferior, tendo como resultado uma boca polpuda e pecaminosa. Imaginei tudo o que faria com ela, como ficaria perfeita em torno do meu pau e não pensei duas vezes. Caminhei decidido em sua direção.

Ela me olhava sem piscar, mas quando me movi, pareceu reagir e seus olhos brilharam. Foi como ver refletido em sua face o mesmo desejo que me consumia, evidente no modo como me fitou de cima abaixo e respirou fundo, obviamente excitada, reagindo de imediato à atração que nos engolfou como uma onda.

Mordeu aqueles lábios carnudos com os dentes brancos, me deixando mais doido. Era como se algo acendesse em sua expressão, esquentasse, fervesse em seus olhos. Algo nela me alertava

que era quente como eu, ferosa, marcada pela paixão, pelo gozo e pelas delícias da carne. Mas então um alerta pareceu se refletir em seu olhar e, surpreendendo-me, deu-me as costas apressada e se meteu entre as pessoas.

Eu semicerrei os olhos, irritado com sua fuga, sem entender. Mas não parei para pensar sobre aquilo, fui atrás dela, sem perdê-la de vista enquanto se esgueirava para longe, passando quase diante do palco, na pista onde muitos casais dançavam. Em segundos eu a alcançava e agarrava seu braço, tão

perto que seu cheiro de flores me invadiu violentamente quando a virei para mim e puxei-a contra o meu peito.

Arregalou os olhos e arquejou, surpresa. Vi os raios dourados em suas íris, tão perfeitos, tão intensos, que algo dentro de mim estremeceu sem controle, ganhou uma magnitude absurda, deixou-me por um momento perdido naquele olhar. Uma energia vigorosa pareceu estalar entre a gente e eu a desejei com uma brutalidade que fez meu pau doer de tão duro, meus dedos crispando-se em sua carne, uma parte consciente do meu

cérebro irritando-se pela bandeja espremida entre nós. Eu não queria nada me impedindo de senti-la por inteiro.

Uma fome devoradora me engoliu, quase insuportável, deixando-me ansioso para comprovar aquelas sensações que despertava em mim, tão intensas e pulsantes. Fitando seus olhos, tive certeza absoluta que na cama nos devoraríamos como dois animais, sem pudores, sem controle, nos lambuzando um com o outro.

Abriu aqueles lábios cheios e indecentemente carnudos, como se

fizesse menção de falar, mas fui eu que indaguei, em uma exigência dura:

- Quem é você?

Minha boca estava perto da dela e, por um momento, fitou meus lábios com ar decadente, como se soubesse que seu lugar era ali, bem colada em mim. Suas pálpebras estavam pesadas, seu olhar era entregue, feminino, quente. Não lembrei de ter desejado tanto uma mulher antes e, esquecido de onde estava, puxei-a mais para mim.

Soltei um palavrão quando a bandeja me atrapalhou de senti-la e, na

hora, eu a segurei e entreguei para um cara ali perto, dizendo bruscamente:

- Segure isso.

Não sei se intimidado por mim ou por meu tom, ele obedeceu meio confuso, mas eu nem lembrava mais que ele existia ao sentir o corpo da mulher, macio e curvilíneo contra o meu, seus olhos acesos quando a encaixei na minha ereção enorme que quase rasgava a calça e doía desgraçadamente. Rosnei:

- Quem é você, morena?

Suas mãos se espalmaram em meu peito e seu toque fez meu coração

bater forte no peito, surpreendendo-me. Vi que vacilou, como se decidisse se deixava as coisas seguirem em frente ou me empurrava, mas eu não estava disposto a lhe dar nenhuma escolha. Mantive minhas mãos em seus braços e mergulhei em seus olhos, encantado, excitado. Um calor abrasador nos percorreu e soube que a teria, pois era óbvio que sentia e queria o mesmo que eu.

Mas então entreabriu os lábios e algo como um sorriso chegou aos seus olhos, sem se afastar, mas dizendo em

uma voz rouca e sexy que me sacudiu por dentro:

- Eu sou uma garçonete que acaba de ser agarrada pornograficamente no seu primeiro dia de trabalho. Acho que eu é que deveria estar perguntando quem é você. – Seus olhos ardentes e divertidos desceram até minha boca, queixo, peito, até nossos corpos colados, só para subirem de novo até os meus e provocar: - Por que o que você quer já está mais do que evidente.

Em meio ao desejo sexual que

nos engolfava, seu jeito espirituoso me agradou e eu a apertei ainda mais contra o corpo, resvalando a boca por sua face até a orelha e cantando baixinho o refrão da música que tocava:

- *I wanna do bad things with you* – “Eu quero fazer coisas más com você”.

Quando a olhei de novo, estava um tanto surpresa e murmurou:

- Gosta de música? De cantar?
- Só estou dizendo o que quero fazer com você.

- Coisas más? – Seu sorriso era

uma perdição, provocante, charmoso, mexendo com tudo dentro de mim. — Muito más?

- Lamber, chupar e comer você toda. Agora. Vem.

Não era um homem muito paciente e estava alucinado com aquela morena gostosa grudada em mim. Assim, dei um passo para trás e fiz menção de levá-la dali comigo, mas me surpreendeu ao empurrar meu peito com uma risada e se soltar, dando um passo para trás, dizendo alto em meio à música:

- Eu tenho que fazer uma coisa realmente má. Voltar a trabalhar. Mas foi bom conhecer você, garanhão.

- Aonde pensa que vai? – Franzi o cenho e avancei, mas ela se esgueirou para trás com bom humor e rodopiou sensualmente no ritmo da música, já pronta para fugir.

É claro que não deixei. Agarrei seu braço e puxei-a para mim, mas riu roucamente e dançou na minha frente, como se eu a divertisse. Fiquei meio puto e rosnei:

- Vai me pagar por toda essa

provocação. Venha logo. – E sem preâmbulos, comecei a andar e a levar atrás de mim, metendo-me entre as pessoas.

- Onde está me levando, seu mandão?

- Para a minha cama.

Riu de novo e parou, puxando o braço. Mas não deixei e a encurralei quase contra o palco às suas costas, fitando seus olhos com desejo e tesão, dizendo bruscamente:

- Não gosto que fiquem rindo de mim. Essa boca está precisando de uma

melhor ocupação. Quem sabe chupar meu pau a noite inteira?

Uniu os lábios, concentrada em mim, como se tentasse conter o sorriso. Por um momento, apenas nos olhamos, muito próximos, cheios de tesão. Mas não parecia abalada pelo que falei, pois retrucou:

- Não costumo sair por aí chupando pau de estranhos, garanhão.

- Se é por falta de apresentação, Pedro Falcão. Agora vem.

- Espere, Pedro Falcão. Não é assim ... – Seu sorriso se ampliou e

ficou ainda mais bonita. Havia nela uma sensualidade latente, uma beleza que saltava aos olhos, que poderia deixar um homem completamente louco.

- É exatamente assim, morena. Você vai pra cama comigo e vou te comer tanto, mas tanto, que amanhã a única coisa que vai conseguir falar é o meu nome. – Eu crispei os dedos em sua cintura e me aproximei a ponto de quase beijá-la, meus olhos cravando-se naquela boca.

- É tentador, Pedro Falcão. Gostei desse nome e com certeza não

vou esquecer. Combina com você. – Não fugiu, mas veio mais perto e passou a mão no meu peito, sedutora. – Mas realmente tenho que trabalhar. Preciso ir.

- Não.

- Sim.

Eu me irritei com a certeza em sua voz e o modo provocante de me olhar, a mão deslizando por meu braço até o pulso e então pousando sobre meus dedos. Tirou-os de sua cintura e murmurou:

- Nos veremos de novo por aí.

Mas não quero perder meu emprego.

- Porra, olha como você me deixou ... – Reclamei, segurando seus dedos, sentindo-me como um bebezão fazendo birra, meus olhos bem fundos nos dela. – Vou esperar você sair.

- Pedro, a noite vai ser longa.

- Eu espero.

- Você que sabe. – Sorriu suavemente e soltou minha mão, dando um passo para longe.

- Vai sair daqui hoje comigo, morena. – Afirmei e ela não retrucou. Fez um movimento gracioso com a

cabeça, lançou-me um olhar sexy e então se virou, afastando-se com o leve rebolado que quase me fez gozar na calça.

- Porra, puta merda, caralho ... – Xinguei, quase dando um soco na madeira do palco, meu corpo incendiado, cada parte minha ardendo de necessidade de foder aquela mulher.

Olhei-a até sumir de vista, sabendo que não havia muito mais o que fazer, mas decidido a só sair dali naquela noite com aquela morena, fazendo-a pagar por me fazer esperar e

me deixar daquele jeito.

I

CAPÍTULO 3

HEITOR

Eu já tinha pedido a conta e pagado quando vi Pedro voltar, seu cenho franzido com uma ruga entre as sobrancelhas, sua expressão de poucos amigos. Levantei, guardando a carteira no bolso e sentindo falta do meu chapéu que deixei em casa. Às vezes sair sem ele era como sair nu. Corri os dedos entre os cabelos e indaguei, quando chegou perto:

- Que bicho te mordeu?

- É assim que me sinto mesmo, como se tivesse levado uma mordida. —

Parou ao lado da mesa e me encarou. –
Vai entender quando eu te mostrar.

- Mostrar o que?

- Vamos pro outro lado do salão,
Heitor. Ela está lá.

- Ela quem? – Acabei dando uma
risada. – Eu já devia ter imaginado que
era uma mulher pra te deixar assim. Isso
significa que não quer mais ir para
Pedrosa?

- Em Pedrosa não tem essa
morena. Porra, precisa ver que gostosa,
irmão. Me deixou doido!

- Estou vendo. – Sacudi a

cabeça. – Está certo, já que encontrou diversão pra hoje, vou embora.

- Hei, que desânimo é esse?

- Sei lá. Acho que nem devia ter saído de casa. – Dei de ombros, mas era verdade.

Embora gostasse de sair para tomar umas cervejas, conversar com amigos, arrumar namoradas, eu andava meio cansado daquela vida de solteiro. Talvez fosse pelo fato de ver meus outros irmãos casados ou prestes a casar, como Micah, com filhos, tendo alguém que os amava e cuidava deles.

Eu não era como Pedro, com pavor de relacionamentos sérios e que adorava trocar de mulher. Tinha minhas aventuras, mas de todos nós, sempre fui o que quis se ajeitar e formar família, curtir o carinho de uma esposa, poder segurar os filhos no colo. Com quase 38 anos, continuava solteiro. E só tinha me apaixonado uma vez na vida. Desde que Francesca faleceu, há 6 anos, eu não me interessei seriamente por mais ninguém e já começava a achar que não ia acontecer mais.

Quando Dalila fez sua previsão

de que a nova cantora ia chegar e mexer não só com a minha vida, como a de Pedro também, cheguei a imaginar que talvez fosse a mulher que eu vinha esperando. Por um momento até tinha desejado que ela estivesse certa, que eu pudesse sentir de novo aquelas sensações únicas que só um homem apaixonado poderia sentir e que eu parecia ter enterrado com Francesca.

Talvez ainda acontecesse. Se eu conhecesse Brunela melhor, quem sabe me sentisse atraído. Por que, olhando para ela, nada tinha acontecido. Era

apenas uma mulher bonita e aparentemente um pouco pedante. Meu irmão parecia decidido a nem chegar perto dela, enquanto eu só me sentia um pouco decepcionado por não ter me sacudido como eu esperava. Por isso estava um pouco desanimado e preferia ir embora.

- Qual é, Heitor? A noite ainda nem começou e quero que veja essa garota. Vai me dar razão, é gostosa até dizer chega.

- Tá certo, mas não vou demorar muito.

Concordei e o segui para o outro lado do salão, onde estava a tal morena dele. Olhei para o palco e Brunela continuava cantando bem, emendando uma música em outra, animando as pessoas que finalmente tinham um bom show. Observei-a, mas continuei indiferente. Fiquei curioso, sentindo vontade de trocar algumas palavras com ela, saber como me sentiria com um contato maior. Sim, era isso que eu faria.

Cumprimentei várias pessoas pelo caminho, parei em alguns momentos quando conhecidos me

chamaram. Por fim, chegamos ao lado direito do palco e todas as mesas estavam ocupadas. Olhei para meu irmão.

- Vamos ficar em pé?

- Que merda, isso aqui hoje está um inferno!

- Que tal irmos para a mesa da sua morena? Cadê ela?

Pedro se virou para mim e explicou:

- Ela é garçonete. Hoje é o primeiro dia de trabalho dela aqui. – Olhou em volta, buscando-a. Mas então

seu semblante se animou: - Olha, vamos ali pra mesa do Francisco. É a área que ela serve.

Francisco era gerente do frigorífico e amigo de Pedro. Estava em uma mesa com outros vizinhos e ficou animado em nos ver. Logo estávamos sentados e em uma conversa animada.

Senti vontade de fumar um charuto, mas ali dentro não dava e olhei em volta, querendo pelo menos tomar uma cerveja. E foi então que ouvi a cantora dizer no palco que daria uma parada e logo voltaria. Ela se preparava

para sair do palco e senti que era hora de conhecê-la um pouco melhor, de ouvir sua voz de perto, de saber se, de alguma maneira, ela seria importante na minha vida.

Levantei e Pedro indagou de imediato:

- Aonde você vai?

- Já volto. Vou falar com uma pessoa.

Ele acenou com a cabeça e se virou para responder a algo que Francisco havia perguntado.

Caminhei entre as pessoas,

atravessando a pista de dança que começava a esvaziar com o fim do show, o fato de vários conhecidos falarem comigo atrasou-me em meu trajeto. Quando cheguei aos pés do palco, este estava vazio e nem sinal de Brunela. Observei atento em volta e caminhei até o bar, mas não a vi em lugar nenhum.

Parei e suspirei, imaginando que deveria ter ido descansar um pouco e recuperar a voz antes de retomar o show. Ainda pensei em perguntar por ela a Dalila ou Abigail atrás do bar, mas

estavam ocupadas e não quis chamar a atenção delas. O melhor era voltar para a mesa e esperar Brunela aparecer de novo.

Virei bruscamente, perdido em meus pensamentos, por isso não notei que havia uma pessoa vindo atrás de mim, até ser tarde demais. Esbarrei em uma garçonete e a bandeja que ela segurava quase foi ao chão, lotada de copos vazios e sujos que levava em direção ao bar. Agi por instinto, agarrando a bandeja e impedindo que desabasse por um triz, segurando-a com

firmeza. Sorri na mesma hora, feliz por ter evitado um desastre, erguendo os olhos para fitá-la.

Fui recebido por um par de olhos arredondados e castanhos claros, lindos e reluzentes em um rosto doce e perfeito de mulher. Um rosto que eu via pela primeira vez na vida, mas que parecia tão íntimo meu que por um momento só consegui encará-la, encantado e um pouco confuso.

A primeira sensação que tive foi de que nada era mais certo no mundo do que ficar ali, só olhando para ela. Seus

olhos se arregalaram um pouco, como se estivesse surpresa comigo, enquanto entreabria lábios carnudos e extremamente sensuais, sem piscar. Algo aconteceu entre nós. Algo que não soube explicar naquele momento e só senti, puro e quente dentro de mim, forte, intenso.

Tanto eu quanto ela segurávamos a bandeja, parados perto do palco, olhando-nos como se estivéssemos sozinhos no mundo. Uma sensação gostosa percorreu meu corpo e então comecei a perceber detalhes dela, meu

olhar lento percorrendo-a, admirando-a em silêncio enquanto não tirava os olhos de mim.

Era linda. Linda mesmo, do tipo escultural, que qualquer homem, em qualquer idade, notaria. O tipo que se olha e já se pensa em sexo suado e gostoso, em pele nua, em todo tipo de sacanagem que se possa imaginar. Pelo menos foi o que de imediato passou por minha cabeça diante de sua sensualidade nata. Então, concentrado, vi que aquilo era só uma parte dela, só a superfície.

Seus olhos luminosos e lindos

chamaram minha atenção, pois espelhavam mistos de sentimentos difíceis de decifrar, mas que me dava uma sensação de mistério, de sombras por trás da luz. O rosto era suave e angelical em meio ao aspecto puramente carnal do seu corpo e da sua boca polpuda, impossível de olhar e não pensar logo em beijar. O que senti foi como se uma menina habitasse um corpo de mulher, fragilidade e sexualidade dividindo minha atenção, me atraindo de maneiras diferentes. Fiquei encantado. Completamente encantado.

Ela piscou, como se tentasse se recobrar de um susto. Então disse baixo em uma voz rouca, linda:

- Você é o moreno do cachorrinho.

Por um momento não entendi e franzi a testa.

- Como?

- Eu vi você hoje de manhã na cidade, pegando um filhote de cachorro abandonado e o levando embora. — Lambeu os lábios rosados tão voluptuosos que não pude evitar de pensar de novo em beijá-la, meus olhos

por um momento se concentrando ali. Então, sorriu de leve e voltei a encarar seus olhos recônditos, que me davam a leve percepção de serem extremamente enigmáticos. – Ficou com ele?

- Sim, ele está na fazenda e uma das cadelas que teve filhotes o adotou como dela. Deu tudo certo. – Sorri devagar e não pude deixar de dizer, charmoso: - Estou aqui me indagando como não vi você na cidade hoje. Imperdoável isso.

Seu sorriso se ampliou, feliz com minhas palavras, completando

suavemente:

- Você estava preocupado demais com o cachorrinho.

- Deve ter sido isso. – Então me dei conta de algo e emendei: - Você é a morena do meu irmão.

- O que? – Franziu o cenho.

Mas nem tive tempo de explicar. Pedro estava ao nosso lado e dizia naquele seu tom decidido, de quem quer alguma coisa e nada, exatamente nada, o impede de pegar:

- Ela é a minha morena mesmo, Heitor.

Eu o conhecia desde que nasci. Conhecia sua arrogância, seu modo de querer as coisas à sua maneira, sua apreciação pela conquista e pela disputa. Era decidido e dificilmente recuava diante do que queria.

Olhei-o e sorri ainda mais, pois estava claro que se encontrava muito interessado na mulher a nossa frente. Tão interessado quanto eu. Mas isso não o impediria e nem a mim. Já tínhamos feito aquilo antes, gostar da mesma mulher e tentar conquistá-la. Em algumas vezes eu me dava bem e levava.

Em outras, ele era o vencedor. E em várias nós dois levávamos juntos e a disputa virava uma troca bem vinda. Só uma vez a coisa havia ficado séria e por isso Pedro havia recuado. Com Francesca.

Voltei a olhar para a bela garçonete que nos encarava curiosa e, obviamente, interessada e perguntei com bom humor:

- Você é a morena dele?

Ela fitou meus olhos. Então os dele. Por fim, deu um passo para trás, segurou a bandeja sozinha e sorriu de

uma maneira tão íntima, tão cheia de charme feminino e sensualidade, que ficamos os dois olhando fixamente para ela, esperando sua resposta.

LARA

Eu pensei comigo mesma se eu era uma danada de uma sortuda ou uma desgraçada de uma azarada. Diante daqueles dois machos extremamente lindos e viris, onde se lia “perigo”,

“calor”, “sexo” em cada parte deles, eu tentava me decidir onde errei ou acertei.

Tinha vindo para Florada em busca de um pouco de paz e de descanso do desespero que às vezes vinha incontrolável e me dominava a ponto de me prostrar em tristeza, em pensar que só havia solução para meu caso morrendo.

Os últimos dias foram difíceis. As lembranças, os fatos, as sensações de culpa e vergonha tinham vindo fortes demais, doídas, mostrando-me que as loucuras que fiz, a compulsão sexual que

sempre era a válvula de escape do meu corpo viciado, tinham me jogado no limbo, me deixado à beira do meu próprio limite. Por isso peguei minhas coisas e parti, decidida a passar um momento apenas sendo uma estranha, em minha companhia que eu não queria, mas que era melhor do que me dar tanto e continuar sozinha. No fundo, a solidão era o que sempre me fazia restabelecer as forças e continuar.

Era para isso que eu estava em Florada, aquela cidade calma e pacata no interior de Minas Gerais. Descansar

e esquecer um pouco quem eu era, dos meus vícios e defeitos, da minha imundície e de tudo que eu era capaz de fazer. Em busca de um pouco de paz, de uma respirada antes de continuar.

E mal chegava ali, no primeiro dia, eu me deparava com aqueles dois. Irmãos. Só podia ser brincadeira do destino, mais uma vez me colocando à prova, testando meus instintos e minha malícia, os limites que eu tentava me impor. Dois machos alfas que faziam meu corpo reagir sem controle, minha sensualidade aflorar, meu pior lado já se

manifestando e despertando de novo, antes que eu conseguisse abafá-lo. Sabia de tudo que eu era capaz e das minhas fraquezas. Por isso, um medo incipiente começou a surgir dentro de mim enquanto eu os olhava e tentava disfarçar como eu sabia bem fazer, atrás de uma aparência leve e sensual, dona da situação.

Dona da situação?! Era uma piada. Eu era completamente descontrolada. Uma maldita fêmea lasciva e suja, decadente, sem um pingão de comando ou direção dos meus

desejos ou da minha vida. Podia ser tudo, menos dona das situações que me cercavam.

Mesmo assim, ainda tentei resistir. Olhei para o moreno alto e musculoso que havia me encantado naquela manhã ao ser tão carinhoso com aquele animal abandonado, confirmando que era uma boa pessoa pelo modo como foi tratado pelo Senhor que o abordou depois. Pensei nele o dia todo, impressionada com sua doçura e também com sua beleza, sua masculinidade. Vê-lo de tão perto só me deixou ainda mais

abalada, sendo alvo de seu olhar escuro que em uma hora era extremamente quente e penetrante, para logo em seguida ser leve como um sorriso, abalando tudo dentro de mim.

Então, olhei para Pedro Falcão, o loiro alto, forte e musculoso que praticamente me encurralou naquela noite, deixando mais do que evidente tudo de pornográfico que queria fazer comigo. O modo que me olhava, faminto, devorador, me deixava de pernas bambas, fazia meu corpo incendiar, tornando tudo mais intenso e

viciante. Era atraente demais com aquele corpo másculo e duro, os ombros largos, as mãos firmes e grandes, o rosto anguloso e com traços bravios, onde uma sombra de barba dourada combinava com os cabelos louros escuros espetados e bem curtos, parecendo um Deus com os olhos azuis acinzentados lindos de morrer.

Se não soubesse da minha história, eu diria que era sortuda demais. Onde poderia imaginar que encontraria dois espécimes perfeitos daqueles numa cidade quase no fim do mundo? E ambos

mostrando-se mais do que interessados em mim?

Mas o que para alguns talvez fosse sorte, para mim podia ser uma maldição. Eu sabia que no fundo tudo era culpa minha, daquela aparência sensual que fui abençoada, um corpo que fazia os homens se transformarem, uma boca que parecia gritar “quero te chupar!”. Eu os tentava, eu os fazia cometerem loucuras. E meu jeito permissivo, minha lascívia tão cedo desperta, meu vício pelo sexo, quanto mais sujo e pecaminoso melhor, tudo

isso os incentivava.

Sorri, provocante, disfarçando bem os meus pensamentos, assumindo a personalidade de uma pessoa que aprendi a ser, leve, sensual, confiante. Uma farsa.

- Bem, pelo que eu sei, não sou morena de ninguém.

- Vai ser. — Pedro disse baixo, sem desgrudar os olhos de mim. Era arrogante, mas não parecia fazer de propósito. Era o jeito dele, direto e primitivo, pouco disfarçado pelas roupas elegantes e de grife que usava.

Eu senti o tesão invadir meu corpo diante do olhar e do jeito dele. Foi impossível não reagir, não me excitar imaginando o que faríamos em uma cama.

Lamentei ser nova ali e precisar tanto de uma trégua temporária para o que andava sentindo, um tempo para camuflar minhas feridas que tinham se aberto de novo. Quase joguei tudo para o alto e simplesmente me dei.

Olhei para Pedro e depois para Heitor. Apesar de ser mais suave em personalidade, tive certeza que me

pegaria de jeito. Era o tipo de homem que me beijaria todinha, me levaria ao céu, que só se saciaria se me visse tendo prazer. Soube daquilo como sabia que precisava respirar para sobreviver.

Minha calcinha ficou molhada por eles. Meus instintos mais básicos despertaram, me fizeram vacilar em minha decisão e me questionar qual dos dois eu escolheria. O duro e depravado Pedro? O gostoso e quente Heitor? Talvez pudesse sair com um e depois com outro. Eu era solteira, livre, desimpedida. Não devia satisfações a

ninguém naquela cidade.

Mas dentro de mim ainda fervia em banho-maria o desespero, as lembranças, a dor. Se eu não me controlasse, tudo explodiria. Eu precisava me fortalecer, recuperar meu equilíbrio, ter ao menos algum controle sobre tudo aquilo. E me envolver com aqueles dois ou com um deles, com certeza, só me desnortearia ainda mais. E sem limites, eu era capaz de tudo. Eu temia a mim mesma. Por isso fugi. Eu tinha que criar algum recomeço.

- Preciso trabalhar. – Recuei,

jogando charme. – Mas foi uma delícia conhecer os dois irmãos Falcão. Lembrem-me de parabenizar a mãe e o pai de vocês pela bela produção.

- Espere. – Pedro continuava sério, bem concentrado em mim. – Não esqueça que estou esperando você sair.

- Melhor não esperar. – Sorri para ele e então para Heitor: - Afinal, eu posso preferir os morenos.

O sorriso de Heitor virou uma risada. Pedro franziu o cenho, mas não se abateu, dizendo bem seguro de si:

- E eu posso fazer você mudar de

ideia.

- Eu já garanto que sua preferência tem razão de ser. – Heitor brincou, charmoso.

Eu mordi os lábios, excitada, lutando contra o desejo. Olhei de um para outro, pronta para jogar mais uma piadinha e escapar, mas Pedro deu um passo à frente, segurou meu braço e me puxou, de modo que fiquei bem perto deles e estremeci, abalada. Não me machucou, mas foi bem firme ao dizer perto do meu ouvido:

- É bem simples, morena. Não

precisa escolher agora. Sai daqui com nós dois e, depois que terminarmos com você, pode dar o seu parecer com conhecimento de causa.

Eu fiquei nervosa, um arrepio violento de tesão percorrendo minha espinha. Rapidamente me afastei deles, mantendo a bandeja precariamente nas mãos trêmulas, meus olhos se abrindo muito para eles. Já tinha feito muitas loucuras na minha vida, a maioria eu queria esquecer. Mas nunca tinha ido espontaneamente para a cama com dois homens. Pelo menos, não por minha

escolha. E, como se fossem donas de mim, as lembranças voltaram, naquele momento, a me assombrar.

Recuei e, por um momento, não consegui sorrir e provocar. Eu apenas os olhei, vendo que não se importariam absolutamente em me dividir e, só de imaginar aquilo, eu estava prestes a entrar em erupção. Imagens altamente pornográficas invadiram minha mente e demorei a me recuperar. Por fim, dei uma risada, um passo para trás e falei de modo espirituoso:

- É tentador, mas talvez em outra

ocasião. No momento, acho que não dou conta nem de mim mesma e da enorme quantidade de trabalho que tenho pela frente. Mas quem sabe um dia?

Pedro semicerrou os olhos e soube que não desistiria. Ele tentaria até me vencer pelo cansaço. O problema era que eu sabia que devia, mas não queria resistir. Já estava pronta para correr deles, quando Heitor perguntou de repente:

- Qual o seu nome?

- Lara.

- Lara. – Ele repetiu com uma

voz tão profunda, que imaginei como seria ouvi-lo dizer meu nome no ouvido enquanto penetrava meu corpo. Lutei duramente com o desejo. E fui salva quando um casal passou ao meu lado e o rapaz indagou:

- Não esqueceu da nossa bebida, não é?

- Claro que não. – Sorri para eles, aproveitando e recuando ainda mais, piscando para os dois irmãos que estavam fazendo um estrago na minha determinação. – Depois nos vemos por aí.

- Vamos nos ver, com certeza. –

Garantiu Pedro.

Eu dei-lhes as costas e fugi de verdade, abalada, pensando que a tranquilidade que fui buscar naquela cidade estava indo por água abaixo e eu tinha acabado de chegar ali. Aonde fui me enfiar?

Pelo resto da noite eu tentei evitá-los, mas foi impossível, já que se sentaram numas das mesas que eu servia. A cada vez que me aproximava de lá era recebida por olhares quentes e desconcertantes. Eu sorria para eles,

trocava palavras divertidas, até jogava charme. Mas sempre recuava, num misto de medo e excitação. Afirmando, para mim mesma, que me manteria firme em meu propósito de me reequilibrar naquele lugar e não arrumar mais problemas do que já tinha. Embora soubesse que eu e problemas fôssemos praticamente sinônimos.

Apesar de tudo, não pude evitar de admirá-los, de me encantar cada vez mais por eles, questionando a mim mesma de minha sanidade em resistir a tudo aquilo. Eu quase babava por Heitor

e me vi apreciando seu sorriso, pensando como seria correr os dedos naqueles cabelos escuros e roçar aquela barba, prestando atenção em como seu nariz afilado tinha personalidade. O desejo me envolvia quente e denso, deixando meu corpo desperto, lascivo, ansioso por mais do que eu dava a ele.

Pedro eu nem precisava falar. Era um macho dominador em sua essência, acostumado a pegar o que queria, com certeza me viraria do avesso. Senti seus olhos me queimarem a noite toda, sua promessa silenciosa de

me fazer pagar por pensar em rejeitá-lo, sua decisão de me devorar sem deixar uma parte sequer de mim para contar história. Até o roçar da minha calcinha úmida me incomodava a cada vez que encontrei seus olhos azuis claros naquela noite.

Mas consegui me manter firme e forte. Anos de experiência maquiando meus pensamentos, forjando uma Lara alegre e sexy, me ajudaram naquele momento. Eu usei tudo aquilo para mostrar a eles somente o que eu queria.

E quando o movimento no

Falconetes diminuiu e Abigail disse que eu estava dispensada, saí de fininho, sem que eles percebessem. E só me senti segura dentro da casa nova que aluguei.

Ao contrário do que pensei, não respirei aliviada. Eu me conhecia bem demais para saber que não esqueceria aqueles dois. E que seria uma luta inglória resistir, quando eu era mestre em me sabotar. Assim como tive certeza que Pedro não deixaria barato e investiria com tudo. E Heitor jogaria seu charme persuasivo para cima de mim. Não sei como soube, mas era como se as

cartas já tivessem sido dadas. Agora era esperar qual jogador venceria aquela rodada.

CAPÍTULO 4

PEDRO

No sábado, acordei cedo para tomar café com minha família, apesar de ter chegado de madrugada do Falconetes. Não tinha o costume de dormir até tarde, mas naquele dia tinha um compromisso que não podia faltar,

mesmo se eu quisesse. Uma vez por ano eu ia à Igreja para assistir a uma missa especialmente encomendada por minha família. Naquele dia, minha completava 15 anos que havia morrido.

Meu pai nunca esquecia e nos lembrava, sempre, de encomendar a missa, mas há anos não ia. Preferia ficar em sua cadeira de rodas no jardim, olhando as plantas que ela havia colocado ali e que continuavam cheias de vida, fazendo, de um modo próprio, seu ritual de homenagem à memória de minha mãe. Passava o tempo todo que

estávamos fora, olhando, adorando, cultuando cada pedacinho daquele espaço. Ficava absorto, parado, consumido em si próprio, numa introspecção absoluta. Talvez fazendo suas orações particulares ou apenas se recordando dela; revivendo a felicidade de sua presença ou sofrendo pelo tempo de sua ausência. Apesar de não ir à missa, não perdoava se um de nós não fosse. Então, era quase que uma obrigação e que cumpríamos, fielmente, nestes últimos quinze anos de nossas vidas.

Por mim, eu não ia. Nunca fui religioso e não via sentido em rezar por alguém que já havia morrido, ainda mais há tanto tempo. Ela não estava mais ali e isso era um fato. Aliás, não estive mesmo antes de morrer, quando, por escolha própria, mergulhou no estado catatônico. Perdi minha mãe quando tinha 14 anos, em 1990, quando ela tentou se matar e nunca mais foi a mesma, virando praticamente uma boneca. E não em 1999, quando faleceu.

Desci as escadas pensando naquilo, mas cumprindo minha

obrigação como filho de comparecer naquela reunião anual na Igreja de Florada. E embora tivesse minha opinião bem formada sobre aquilo, havia um aperto em meu peito, um incômodo dentro de mim, uma angústia que eu fazia o possível para ignorar. Eu lutava para não admitir para mim mesmo, mas eu ainda sentia alguns resquícios da presença dela em mim. E isso me revoltava, porque, na verdade, nunca a perdoei por suas escolhas.

Apesar de negar os sentimentos que ainda me corroíam o peito, sempre

que aquela data se aproximava, eu sentia minha mãe mais presente em mim. Sua imagem parecia vívida em minha mente, com aqueles olhos doces e até melancólicos, com o sorriso que, quando aparecia em seus lábios, parecia ter o poder de iluminar tudo. Lembro que, pequeno, eu me derretia quando recebia sua atenção, seus sorrisos, seu carinho, seu amor. Nunca entendi aquela dependência, aquele poder dela sobre todos nós, que a amávamos acima de tudo, e que nos mantinha sempre necessitados, como se precisássemos de

mais e ela não nos desse o bastante.

Eu tinha ódio quando me lembrava disso e daquela época. Nunca gostei de depender de ninguém para nada e isso só se fortaleceu com o tempo, ao ver como um homem podia ficar diante do poder de uma mulher. Nunca vi alguém amar tanto como meu pai, viver tão ligado a uma pessoa, ter tanta necessidade de um sorriso, de um olhar, de um amor retribuído como ele. Um homem forte, poderoso, dono de um império, com uma personalidade impressionante. E mesmo assim,

dominado pelo amor sem limites que tinha por minha mãe. Passou a vida esperando aquele amor. E ela virou as costas a tudo, traiu meu pai e preferiu se matar do que amá-lo, desistindo, ali, de todos nós.

Irritado, empurrei aqueles pensamentos e aquele aperto incontrolável no peito para o fundo, tentando ignorá-los ao entrar na grande cozinha e encontrar toda minha família ali reunida, tomando café da manhã. Até Micah, Valentina e Cacá tinham dormido no casarão, por que ele fez questão de

sair dali conosco e acompanhar nosso pai que, depois de muitos anos, iria também à missa. Era a primeira vez, nestes quinze anos da morte de nossa mãe, que todos íamos juntos à Igreja.

- Bom dia. – Puxei uma cadeira em volta da mesa enorme e farta e me sentei ao lado esquerdo de Theo, que ocupava uma das cabeceiras.

Todos me cumprimentaram. Havia uma sensação boa de família ali, mas também certa seriedade, talvez pela data.

Passei meus olhos rapidamente

por eles. Até Helena e Caio estavam ali, quietinhos em seus carrinhos, cada membro da família presente. Menos ela.

Imaginei como seria se tudo tivesse acontecido de maneira diferente. Se minha mãe nunca tivesse traído meu pai com Pablo Amaro. Se, mesmo naquele jeito frágil e melancólico dela, não tivesse tentado se matar. Poderia estar ali, hoje, com 67 anos de idade. Olhei a minha volta e vi a mesa rodeada por seus filhos e netos e fiquei imaginando o que Ela acharia de nossa família ou o que sentiria ao ver Cacá já

rapaz, os bebês bonitos e saudáveis que eram Helena e Caio, o nascimento do novo bebê de Eva e os gêmeos de Valentina. Os primeiros gêmeos da nossa família.

Indaguei a mim mesmo, quase que inconscientemente, se ela sentiria orgulho. Se meu pai estaria naquela cadeira de rodas ou toda aquela tragédia seria evitada. Se tudo seria diferente. Haveria felicidade ou tristeza naquela casa?

Eu não sabia e me irritava por não conseguir parar de pensar nela.

Servi-me de café, ouvi a conversa em volta da mesa, mas fiquei calado. Lancei um olhar ao meu pai e, apesar de tudo, ele parecia tranquilo e bem como há anos eu não o via. Desde que ele e Micah voltaram a se entender, que soube que era seu filho de sangue e das injustiças que cometeu, era como se ficasse em paz consigo mesmo. O olhar duro, a irritação, a revolta velada haviam sido substituídos por certo alívio e aceitação. Por uma alegria silenciosa que eu nunca tinha visto.

Mesmo naquele dia, que sempre

mexia com ele, havia algo diferente em seu semblante. Comia sozinho, com dificuldade, mas como se tudo e cada coisa estivesse em seu lugar. Era um homem impressionante.

- Tudo bem? – Heitor perguntou, do meu outro lado.

Eu o olhei e vi que me fitava, atento. Era incrível como nos conhecíamos. Dentre todos ali ele sentia que algo me incomodava, embora eu não demonstrasse nada. Era inexplicável aquela ligação que tínhamos. Era mais do que uma ligação de irmãos, estava

além do sangue. Era uma ligação almas. Não havia ninguém no mundo que me entendesse mais do que ele, mesmo que eu não dissesse nada.

Mesmo assim sorri e disfarcei:

- Claro, tudo bem. Com exceção de ter ficado na mão ontem.

Na hora ele sorriu também, lembrando-se da garçonete gostosa, Lara. Quando dei por mim, ela tinha sumido. E como já era tarde demais e não havia ninguém que me atraísse, acabei indo embora para casa. Tendo que abafar o tesão que ela havia

despertado em mim.

No início fiquei bem irritado, mas então prometi a mim mesmo que ela não me escaparia da próxima vez e acabei relaxando, gostando um pouco daquela sensação de caçada, embora preferisse partir logo para a ação. Aquele jeitinho sexy dela tinha me deixado doido. Quando a pegasse, me pagaria por ter me provocado para depois fugir.

Percebi que Heitor também tinha parecido muito interessado nela na noite anterior, acompanhando-a com os olhos,

aproveitando cada vez que ela se aproximava para deixar claro que estava a fim. Não tocamos no assunto, mas naquele momento indaguei, logo após tomar um gole do café:

- O que achou dela?

- Linda.

- Só isso?

Ele terminou de cortar um pedaço de pão e me lançou um olhar especulativo, erguendo uma das sobrancelhas:

- O que quer que eu diga? Ela é linda. Gostei dela.

- Sei que gostou dela. –

Resmunguei.

- Estão falando da cantora nova?

– Joaquim perguntou, entre divertido e meio preocupado. – Foi como Dalila disse?

- O que Dalila disse? – Gabi olhou-nos, curiosa.

Aliás, todo mundo pareceu prestar atenção na gente. Até nosso pai.

- Besteira. – Desconversei, sem querer dar atenção ao assunto.

- Mas como é a cantora? –
Continuou Gabi.

- É boa. – Disse Heitor.

- Boa? Em que sentido? – Micah sorriu safado e Valentina o olhou fingindo cara feia, o que o fez dar de ombros, explicando: - Em que sentido para eles, meu amor.

- Eu entendi. – Ela retrucou.

Cacá achou graça, trocando um olhar com o pai.

- Já vi que a cantora está na mira desses dois. – Gabi disse, corando.

- Na minha, não. – Falei logo. – Heitor pode ficar com ela.

- Agora escolhe as mulheres

para mim? – Heitor rebateu.

Os outros sorriram e Tia comentou:

- Não vejo a hora de vocês sossegarem esse facho e arrumarem uma boa moça para casar. Quero dizer, cada um arranjar uma moça. – Tão logo se explicou, ela ficou vermelha como um pimentão.

Eu abri um largo sorriso. Todos sabiam que de vez em quando nós saíamos com uma mulher só. E isso não era exatamente um segredo. Mas não era um assunto debatido por ali,

principalmente com a família reunida para o café da manhã.

- Nós entendemos, Tia. – Theo emendou, como se achasse graça, mas contivesse um sorriso para não constrangê-la ainda mais.

Por fim, paramos de falar sobre aquilo e o assunto foi sobre coisas da fazenda e o casamento de Micah e Valentina no próximo sábado.

Saímos de lá juntos, como se fosse uma caravana. Nosso pai foi acomodado ao lado de Theo no carro dele, enquanto Eva ia atrás com Helena

e Tia. Micah foi no carro de Valentina com ela e Cacá. Joaquim, Gabi e Caio foram no carro de Heitor e eu na minha moto.

Segui na frente de todo mundo, cortando a estrada da fazenda, mas voltando a sentir, de novo, aquele aperto no peito. Não quis, mas imaginei minha mãe ali, sua imagem invadindo minha mente. Porém, assim como veio rápido o pensamento, mais rápido ainda o afastei e segui correndo em frente, marcando o chão de nossas terras. Dando-me conta de que as coisas eram exatamente como

deviam ser. Simples assim.

LARA

Acordei antes das oito da manhã com meu celular tocando ao meu lado na cama. Irritada, eu o tateei e apertei o botão para parar a chamada. Já ia mergulhar no sono de novo quando voltou a tocar.

- Merda ... — resmunguei, abrindo os olhos e me virando para

pegá-lo. Cheia de sono, vi escrito “mamãe” no visor e na mesma hora despertei.

Por um momento fiquei parada, olhando o aparelho. Uma dúvida cruel me atacou, junto com vários sentimentos: culpa, saudade, mágoa, raiva. Mas não me decidi se atendia ou não. Vinha protelando falar com ela há um bom tempo, pois sabia como ficava depois. Já ia desligar o celular, quando a preocupação se juntou às outras emoções. E se tivesse acontecido alguma coisa e ela precisasse de mim?

Resvalei pela cama até me sentar e recostar nos travesseiros, uma agonia latejante já se espalhando em meu peito, ansiedade me corroendo com ácido, uma dor conhecida já se fazendo presente. Senti uma vontade quase incontrollável de arremessar aquele aparelho longe e acabar com o barulho, assim evitando ter que tomar a decisão de atender ou não.

Mas então somente agi e levei ao ouvido, aceitando a ligação, olhando fixamente para frente no quarto ainda banhado de sombras, com a janela e a

porta de madeira fechadas. Mas nada se comparava com a escuridão dentro de mim.

- Lara? Minha filha, até que enfim consigo falar com você! Estava morrendo de preocupação!

Aquela voz tão conhecida bombardeou todos os meus sentidos, descontrolando meu corpo e minhas emoções. Não pude evitar a saudade, nem a dormência das mãos, nem o nó na garganta. Eu não a via há muito tempo.

- Lara?

- Oi, mãe. – Consegui murmurar

e me acomodei melhor, tentando agir naturalmente. – Como andam as coisas por aí?

- Ah, filha ... – Havia certa mágoa ou desespero em sua voz, mas então se calou.

Nunca foi uma mãe muito carinhosa. Mas sempre cuidou de mim.

Fechei os olhos por um momento, quando a palavra “sempre” permeou meu pensamento e me dei conta do quanto era mentiroso. Não, não havia sido assim e eu, mais do que ninguém, sabia. Quando mais precisei, ela não

cuidou de mim.

Tive vontade de desligar de novo o telefone, quando a raiva se fez presente. Mas como sempre, nada era simples para mim, nada vinha sozinho. A culpa se sobressaiu também e lembrei sua doença, sua luta, como aquilo a havia desestabilizado na época.

Henriqueta não era uma mãe ruim. Quando meu pai morreu, ela se esforçou para ser minha família, para me dar boa educação e que não me faltasse nada. E o que fez depois ... depois, quando eu precisei tanto ... foi por que

estava com a cabeça cheia de preocupações devido ao seu câncer de mama. Por isso foi tão omissa. Ela errou, mas talvez mais por ignorância, burrice, medo, tentando não ver uma tragédia quando já enfrentava algo tão terrível; do que por maldade ou “cumplicidade”. Acho que ela se enganou, como ainda se enganava.

- Lara, você vai voltar para casa? Tem meses que não nos vemos ... anos. Onde está? Continua em Minas Gerais?

- Sim. E estou bem. – Falei

baixo.

- Mas quando você ...

- Mãe, não posso voltar agora.

Mas um dia desses apareço aí.

- Sempre diz isso! Vai de um lugar para outro e nunca mais veio me ver! – Reclamou, um tanto nervosa, tornando-se mais emotiva: - Suas coisas estão todas aqui. Seu quarto, suas roupas, seus discos. Todos sentem sua falta, filha!

Eu fiquei paralisada, suas palavras me fazendo recordar com clareza do meu belo quarto, com tudo

que uma pessoa podia desejar, assim como nosso apartamento na Taquara, onde vivi desde que nasci. A saudade foi relegada a segundo plano e massacrada por outras lembranças, que vieram sem que eu pudesse evitar. Aquelas paredes guardavam os segredos, os objetos foram testemunhas do que aconteceu lá dentro, dos anos silenciosos, dos fatos concretizados e marcados em mim indelevelmente.

Fiquei arrependida por ter atendido aquele telefonema. Eu não estava bem naqueles dias, precisava me

restabelecer e não ser invadida por recordações doloridas.

Odiava as lembranças. Odiava as sensações de medo e de vergonha que ainda sentia e que vinham mais fortes toda vez que algo do passado batia à minha porta. Mas não havia como esquecer e isso aprendi a duras penas. Eu podia ir para outro país, mas nada se apagaria da minha mente. Para seguir adiante, eu fugia e tentava substituir lembranças. E dores. Tentava arrumar dores maiores, frustrações maiores. Erros, perdas e abandonos também

maiores. Era uma forma de fazer o passado se tornar menos dolorido, ter menos importância.

- Lara, você está aí?

- Estou.

- Tem uma resposta para mim?

Querida, você é minha única família.

Você e o ...

- Mãe, preciso desligar, tenho que sair. — Falei rapidamente, interrompendo-a antes que falasse o nome “dele”. Comecei a tremer, fugindo das lembranças, lutando para esquecer. Levantei da cama meio cambaleante,

nervosa. – Está tudo bem aqui. Depois ligo para a senhora com mais calma.

- Você não vai ligar e nem atender meus telefonemas! – Reclamou, muito chateada. – É sempre assim, nunca tem tempo pra mim, parece que quer esquecer que tem mãe. E se eu estiver doente? E se meu câncer voltar?

- A senhora está curada, mãe, há anos.

Corri a mão pelo cabelo, andando pelo quarto só para me ocupar de algo.

- Mas sou idosa! E se eu ...

- Desculpe, preciso mesmo desligar. Juro que ligo essa semana. Um beijo.

- Lara!

E desliguei. Larguei o celular sobre o criado-mudo e praticamente corri para o banheiro. Bati a porta e me despi rapidamente, já me enfiando embaixo do chuveiro, não querendo ouvir se ele tocasse novamente. Fechei os olhos e me banhei, como se a água pudesse lavar toda a angústia que me consumia. E tudo que eu lutava tanto para arrancar de mim. Um dia eu

poderia ter paz? Eu poderia passar um dia inteiro sem nenhuma lembrança, livre, finalmente livre?

Comecei a chorar e lavei meu rosto, com raiva por meu descontrole, por estar tão sensível e abalada nos últimos dias, por não conseguir me manter ao menos em meu limite. Mas não me entreguei. Eu lutei. Aprendi a me mover, a seguir, a não parar para não ser consumida de uma vez. Contudo, após aquele telefonema, um desespero quase infantil me invadiu, trazendo perguntas e culpas, desnudando em palavras meu

lamento: “Por que eu? Por que fui a escolhida? Por que minha mãe não olhou por mim? Por que ninguém viu?”

- Ahhhhhh ...

Gritei para o banheiro vazio, com mágoa e ódio, engolindo o choro, furiosa.

Decidida, abri os olhos e me banhei, buscando uma distração para minha mente, tentando esquecer o que não podia ser mudado.

Uma música. Eu precisava de uma música, cantar e me desligar de tudo aquilo.

Busquei uma canção, mas nada me ocorreu, como se minha mente estivesse derrotada também. A agonia me consumia e então saí dali, me enxuguei às pressas, fui para o quarto como se mil demônios me perseguissem. Catei um jeans, uma camiseta, uma sandália qualquer. Penteei o cabelo longo molhado, peguei minha carteira e saí, deixando o celular em casa de propósito.

Eu queria algo pra me tirar daquele estado. Ver gente, andar, ir apenas comprar um pão. Mas que aquela

coisa ruim saísse de dentro de mim e me deixasse em paz.

Só de abrir a porta e ver o dia lindo eu já senti uma espécie de alívio. Caminhei até o portão e me dei conta da sorte que havia sido conseguir aquela casa. Cheguei em Florada pensando em alugar um quartinho, não a residência espaçosa de dois quartos, decorada, com um belo terreno, uma mangueira frondosa e até uma casa de árvore.

Pelo que entendi, os donos estavam viajando fora do Brasil e a casa foi alugada para um homem que acabou

indo morar com a namorada. Como a cantora nova ia chegar, Abigail alugou então a casa, mas Brunela não quis e ficou no apartamento da dona do Falconetes. Então, para não ficar totalmente no prejuízo, repassou o aluguel para mim, com um valor que eu pudesse pagar. No final das contas, acabei me dando bem. Ao menos a sorte sorriu para mim naquele lugar de alguma maneira.

Fui caminhando lentamente em direção ao centro da cidade, reorganizando meus pensamentos,

afastando minhas lembranças, expulsando meus fantasmas, deixando que a tranquilidade daquele lugar entrasse em mim.

Enquanto andava, respondi a cordialidade dos cumprimentos que recebi das pessoas que cruzaram meu caminho. A simplicidade daqueles gestos, abrandaram minha dor, trazendo, ainda que temporariamente, a sensação de normalidade para minha vida.

Já mais calma, comecei a repensar minha chegada à Florada e, sem que eu conseguisse me controlar, fui

invadida pela imagem dos dois irmãos Falcão no restaurante na noite passada, sentados em volta da mesa, olhando de modo quente e erótico para mim. O moreno e o loiro. Lindos, másculos, ambos a fim de mim. Sim, era fato que a sorte estava me sorrindo naquele lugar.

Um calor langoroso subiu por meu corpo e dividiu espaço com a angústia ainda latente. Imaginei-me naquele momento com um deles ou mesmo com ambos, como Pedro frisou no meu ouvido. Com certeza eles me ajudariam a substituir aquele mal-estar e

me fariam esquecer, pelo menos por alguns momentos, o que me atormentava. Meus instintos mais básicos gritaram e a lascívia ondulou. Sexo. Sim, ele sempre me chamava. Era minha fuga e minha maldição, meu vício e meu tormento, meu meio mais comum de esquecer e de lembrar.

Apressei o passo, tentando me conter. Por um momento, pensei nos olhos azuis e duros de Pedro e no sorriso quente de Heitor. E essas imagens mexeram comigo, fazendo-me imaginar o prazer que meu corpo teria

nas mãos daqueles irmãos.

No mesmo instante, me lembrei que fui para aquele lugar ficar mais calma, ter paz, não arrumar confusão. Sexo sempre me trazia um misto de nojo e necessidade, de compulsão, do meu lado mais sujo e baixo, mas o que eu usava mais e melhor. Lutei para pensar que o melhor era apenas ficar na minha, me conter, me segurar. Mas aquele não era um dia em que eu estivesse em meu melhor estado, nem pronta para ser racional.

Eu latejava, pulsava, sentia-me a

ponto de explodir.

Olhei as pessoas na rua e segui como uma estranha, sem que ninguém soubesse o que se passava dentro de mim, o que meu maldito corpo pedia, exigia, o que meus sentidos mandavam ou meu desespero precisava. Alívio. Onde eu encontraria aquele alívio? ONDE?

E foi então, logo após virar a esquina, que eu tive minha resposta.

Vi a moto primeiro, Harley-Davidson clássica e linda, parando em frente à Igreja bem movimentada àquela

hora. Uma parte de mim pensou distraidamente que as missas fossem aos domingos e não aos sábados, mas a minha maior parte se concentrou no homem alto e forte que descia da moto e tirava o capacete. O sol incidia em seu cabelo loiro escuro, na barba cerrada e dourada, na sua beleza quase que extraordinária. E parei perto de um poste, só olhando par ele.

Pedro. Masculinidade e arrogância extravasavam de seus poros. Seus traços duros davam a noção de uma pessoa decidida, de um homem

acostumado a ter as coisas da sua maneira.

Prendi a respiração, sem poder nem piscar. Meu corpo ardeu, esquentou, foi invadido por uma luxúria que parecia pingar e escorrer em cada canto meu. Ele não me viu, ficou pendurando o capacete, esperando. Pensei em ir até lá. Chamá-lo para minha cama, pedir para que saciasse meu corpo. Mas parei e me contive, pesando se isso realmente traria algum alívio para a angústia horrível que sentia.

E enquanto eu pensava aquelas

coisas, abalada, vi os carros luxuosos e 4x4 que paravam um atrás do outro em frente à Igreja, o que mais me chamou minha atenção foi ver Heitor descer de um deles, indo abrir a porta de trás. Vi como correu os dedos entre os cabelos escuros e levemente compridos, como parecia tão grande e musculoso no jeans justo e na camisa escura de botões. Terminei de arder, como se estivesse de vez sendo condenada ao inferno por meus pecados e ainda quisesse mais.

Meus mamilos doeram, aquele desejo doentio e incontrolável me

envolveu como um manto. Precisava desesperadamente de sexo._Eu me senti vazia, minha boca seca, o coração disparado. Tudo se misturou, a ponto de quase me fazer perder a razão. Só conseguia ver aqueles homens diante de mim, me chamando, imaginando tudo que fariam comigo, tudo que poderia me fazer ficar tão exausta a ponto de não me importar com mais nada.

Pedro se aproximou do carro. Heitor abriu a porta e uma moça jovem, linda e ruiva saiu com um bebê no colo, enquanto ele a ajudava. Por um momento

achei que fosse casado. Mas então um rapaz loiro e forte saiu pelo outro lado e passou o braço em volta dos ombros dela, que o olhou apaixonada.

Era lindo também, musculoso, um pouco parecido com Pedro. Eles falaram algo na calçada, parados, enquanto eu os olhava e então via as pessoas que saíam dos outros carros, entendendo que estavam juntos, que eram possivelmente da mesma família.

Um adolescente saiu com uma bela morena alta e com cabelos ondulados até o pescoço. Depois foi a

vez de um homem moreno sorridente e com cabelos espetados para todos os lados, que foi direto para o carro detrás. De lá saiu outro moreno, mais velho, imponente, com um olhar mal pronunciado por sobrancelhas escuras cerradas. Era elegante, viril, extremamente duro e ereto. Eu nunca tinha visto tanto homem bonito, gostoso e másculo junto. Fiquei sem ar, abalada, impressionada. Que porra de família era aquela?

Uma moça loira e lindíssima se juntou a eles com um bebê no colo, ao

lado de uma senhora. Pedro, Heitor, o moreno de olhar duro, o outro mais sorridente e o loiro mais novo cercaram o carro. Uma cadeira de rodas foi pega pelo de cabelos espetados. O mais velho se inclinou e pegou um idoso do carro, depositando-o na cadeira. Depois todos se dirigiram para a Igreja e foi Heitor quem empurrou o senhor em direção à rampa lateral, seguido pelos outros.

Eu olhava tudo, quieta, atenta. Até que todos entraram, cumprimentados por pessoas ali perto, que os seguiram.

Soube que devia seguir meu

caminho. Mas como nunca controlava a mim mesma, caminhei em direção aos degraus da Igreja e os subi, quase sem pensar. Impressionada pelos homens maravilhosos. Mas concentrada em apenas dois. Pedro e Heitor.

CAPÍTULO 5

LARA

A Igreja estava cheia. Pessoas se espalhavam e se acomodavam nos bancos de madeira. Sentei-me no último, ocupando uma ponta, meus olhos fixos na família que seguia pelo corredor até a frente, seus membros obviamente muito conhecidos, pois eram parados toda hora para serem cumprimentados com

sorrisos, semblantes respeitosos, principalmente o senhor na cadeira de rodas.

Observei atentamente Pedro, Heitor e todos os outros. Os primeiros bancos dos dois lados tinham sido reservados para eles, que começaram a se acomodar e deixaram a cadeira de rodas ocupando uma das pontas. As outras pessoas foram se sentando também, um burburinho correndo por ali, enquanto um padre bem idoso e em um manto branco se aproximava do altar.

Meus olhos varreram o teto branco e curvo com frisos dourados, as paredes com esculturas de madeira sequenciais penduradas contando o suplício de Jesus Cristo, a nave, a capela-mor e a sacristia. O corredor comprido era uma reta em meio às paredes e contornos mais curvos e às entradas ovaladas, com portadas esculpidas, em um estilo do barroco tipicamente mineiro, um pouco diferente do português por ser mais suavizado em suas arestas.

Era linda, com estatuários e

figuras de santos atrás do altar, tudo sensivelmente trabalhado em dourado, as figuras com olhares bondosos e cercadas de anjos. Por um momento apenas olhei tudo aquilo, dando-me conta que não entrava em uma Igreja há muitos anos.

Minha mãe sempre foi muito católica e era comum eu acompanhá-la. Fui batizada, fiz catecismo, primeira comunhão. Eu me sentia muito em paz e feliz dentro daquele ambiente sacro enquanto crescia. Até tudo começar a mudar.

Senti novamente uma pressão em meu peito e fiquei muito quieta, incomodada, com vontade de sair correndo dali. Não era aversão. Aos poucos minha fé inocente e natural foi se tornando decepção e eu passei a me sentir abandonada por Deus. Meus parentes, minha mãe, ninguém olhava por mim. Ninguém via o que acontecia. Nem Ele. Por mais que eu rezasse, só ouvia o silêncio. E, assim, eu me afastei. Eu parei de pedir e acreditar. E quando chegava a hora de pisar em uma Igreja, eu sempre tinha uma desculpa. Até

simplesmente me negar a ir, por mais que minha mãe reclamasse.

Agora eu estava ali, após tantos anos. Sentia-me surpresa pelo impulso e por permanecer em meu lugar, cercada pelo aquele ambiente sacro, religioso, cheio de fé. Uma parte minha ficou abalada, mesmo que eu continuasse decepcionada. E outros sentimentos se juntaram ao que já me consumia, onde se destacava a vergonha.

Era impressionante que, mesmo decidida a não acreditar em Deus, eu me incomodasse tanto com os preceitos

religiosos. No início, eu imaginava que Ele soubesse de tudo o que acontecia e de tudo o que eu fazia, por isso havia me abandonado. Havia me condenado. E hoje me punia. A vergonha que eu carregava me afastava de qualquer caminho que me levasse a Ele.

Mas naquela manhã, eu me sentia como que aniquilada e nem consegui me importar muito. Olhei para a imagem de Jesus e dos santos no altar e os encarei, como se esperasse uma crítica ou alguma mensagem. Mas só recebi aquele silêncio, aquela paz que não alcançava

minha alma. E fiquei apenas ali, talvez cansada demais para sair. Talvez apenas esperando, mesmo sem querer, um milagre.

O padre, que devia ter mais de noventa anos, desceu os degraus do altar com dificuldade e Pedro foi ajudá-lo, segurando seu braço. Notei como o idoso agradeceu e fez questão de ir cumprimentar toda a família, beijando a cabecinha dos bebês, detendo-se mais tempo com o senhor na cadeira de rodas e falando carinhosamente com ele. Mais uma vez me dei conta que deviam ser

muito importantes.

Então duas senhoras que estavam ao meu lado começaram a falar baixinho e entendi parte do que acontecia:

- Eu tinha muita coisa para fazer em casa, mas não podia perder a missa de 15 anos de falecimento de Alice Falcão. Que Deus a tenha em paz.

- Pois é. — A outra cochichou: - Confesso que estava um pouco curiosa também. Desde que Micael voltou, Mario tem aparecido mais na cidade. Eu tinha certeza que ele viria hoje, apesar de suas limitações. É bom ver a família

Falcão unida, ainda mais depois de tudo que passaram.

- Sim, é verdade.

- A cidade de Florada deve muito a eles.

- Se deve!

Elas se calaram, mas confirmaram a importância deles como poderosos locais. Acabei me dando conta que o nome do restaurante onde eu trabalhava ou era em homenagem a eles ou de sua posse. Falconetes. Falcão. Depois eu perguntaria a Abigail. Era mera curiosidade, porque, na verdade,

isso não fazia a menor diferença.

Voltei em direção aos bancos da frente e meus olhos fixaram-se na nuca de Heitor e em Pedro, que ajudava o padre a voltar ao altar. Aqueles dois não precisavam nem de poder nem de dinheiro para chamar atenção. Mas não dava para negar que lindos, ricos, poderosos e sexys acabavam tornando-se praticamente irresistíveis.

E não eram só os dois. Os outros três eram magníficos e calculei que fossem irmãos, havia certas semelhanças entre eles, e as mulheres deveriam ser as

esposas, mas eu poderia estar enganada. Possivelmente o senhor na cadeira de rodas era o pai. A senhora que os acompanhava podia ser a mãe deles ou então a falecida, para quem ocorria a missa.

Pedro voltou ao seu lugar e se sentou ao lado de Heitor. O padre começou a falar, agradecendo a presença de todos e dando início a celebração da missa pelo 15º ano de falecimento de Alice Falcão. Mas meus olhos continuavam em Pedro e Heitor, como se fosse difícil permanecerem

muito tempo longe deles. Meu corpo ainda ardia, pensamentos pecaminosos com eles passaram por minha cabeça e engoli em seco.

Perturbada, forcei-me a me acalmar, desviando os olhos, concentrando-me, novamente, nas imagens do altar. Senti-me indigna de estar ali, por quem eu era e pelos desejos que ardiam em meu corpo. Tinha ficado anos sem pisar em uma Igreja e agora entrava ali despudorada, atrás de dois homens. Não era nem um só. Dois de uma vez. E irmãos.

Lutei comigo mesma. Fitei-os novamente, tão fixamente, que tomei um susto quando Heitor virou a cabeça para trás com as sobrancelhas franzidas, como se soubesse exatamente onde eu estava, pois seus olhos escuros cravaram-se nos meus, apesar de termos, entre nós, um mar de gente.

Estávamos em pontas opostas, mas a distância não foi nada ali. Uma corrente invisível pareceu se estender entre nós e nos ligar. Havia surpresa nos olhos dele, como se, mesmo tendo ido direto em mim, ele não esperasse me

ver.

Travei a respiração com a intensidade com que me fitou e com os sentimentos que vi espelhados nele, tantos que ficava difícil desvendá-los. Nada pude fazer que não olhá-lo, sentindo-me mais perdida, mais abalada e mais sozinha do que quando entrei ali. Heitor baixou levemente os olhos e, quando tornou a me fitar, vi que algo nele se suavizou, como se soubesse mais de mim, como se me entendesse. Pareceu querer me dizer tanta coisa! Por um minuto, temi que se erguesse e viesse

ao meu encontro. Assim, desviei o olhar correndo, buscando em mim uma calma que eu não sentia. Percebi quando se virou novamente para frente e me vi olhando de novo seus ondulados cabelos escuros.

A celebração religiosa seguia seu rito e, apesar da interação de todos, me vi presa em mim, alheia a tudo que acontecia a minha volta. E, sem qualquer aviso, uma música invadiu minha mente e eu a cantei baixinho, quase num sussurro:

*“(...)Só ando sozinho e no meu
caminho*

*O tempo é cada vez menor
Preciso de ajuda, por favor me acuda
Eu vivo muito só*

*Se acaso numa curva
Eu me lembro do meu mundo
Eu piso mais fundo, corrijo num
segundo*

*Não posso parar(..)”
(As curvas da Estrada de
Santos, Roberto Carlos)*

Soltei o ar, confusa com a sensação de que Heitor me via mais do que eu queria ou eu permitiria ser vista ou notada. Era claro que ele não podia ver ou saber como eu me sentia, mas a intensidade de seu olhar me deu a impressão de ter sido invadida. Dei-me conta que meu coração batia com força e minhas mãos estavam dormentes, resultado do estranho poder que Heitor parecia ter de mexer com as minhas emoções mais prementes e íntimas. Tentei afastar aquelas sensações e a canção, calando-me e mergulhando num

silêncio estéril.

Lambi os lábios, muito dura em meu banco, sem poder me concentrar no que o padre dizia com voz bondosa. Forcei-me a tirar os olhos de Heitor, só para cravá-los em Pedro, em seu cabelo bem curto, na maneira altiva de sua cabeça. Meu coração continuou mais agitado do que eu queria, as reações físicas deixando-me abalada, mexida.

Segui o olhar para a moça de longos cabelos ruivos entre Pedro e o rapaz loiro musculoso, que tinha o braço protetoramente em volta de seu ombro.

Ela segurava o bebê e ambos prestavam atenção na missa. Ao lado do rapaz, sentava-se a senhora de curtos cabelos grisalhos, de cabeça baixa como se rezasse.

No outro corredor vinha a cadeira de rodas do senhor, ao lado dele sentado o homem alto de cabelos desgovernados e castanhos. Percebi que ele segurava carinhosamente a mão do idoso sobre o braço da cadeira, como se o protegesse. Era um gesto simples, delicado, demonstrando um amor muito intenso entre eles. Junto a ele, a morena

de cabelos curtos, virava a cabeça para olhá-lo, ficando de perfil para mim.

O homem retribuiu seu olhar, sorriu de leve e beijou suavemente sua face ao lado do lábio. Deu pra ver o quanto era amoroso, tocando o idoso e beijando a mulher. Eu admirei, silenciosamente, o modo apaixonado como se olharam. Aquela realidade era bem diferente da minha, o que poderia até me causar um certo cinismo, mas me deixou, no fundo, mais balançada ainda.

Vinha então o rapaz adolescente e ao lado dele a bela e jovem loira com

bebê no colo. Ela se sentava bem próxima do moreno de duros olhos azuis, elegante, que mesmo quieto, imóvel, parecia ter uma aura de energia e poder em volta dele. A bebê choramingou e na mesma hora ele a pegou no colo, cuidadoso, dizendo algo baixinho. Ela deu o que pareceu um gritinho, o que fez o casal sorrir um para o outro. O modo como se olharam era sensual, quente, cúmplice.

Era uma família. Obviamente de pessoas unidas, que se amavam. Eu, mais do que ninguém, sabia o quanto as

aparências podiam enganar. Mas algo entre eles era tão forte, tão vivo, que parecia real, de verdade. E isso só aumentou a sensação de vazio que eu sentia. Um peso maior se abateu sobre meus ombros e a tristeza veio mais forte, junto com a solidão. E com a culpa.

Eu não entendia o que fazia ali, cobiçando os dois irmãos que pareciam ter tudo o que eu não tinha: vida, dignidade, família, união. Eu era tão, mas tão menos do que tudo aquilo! Tão inferior, tão depravada, tão ordinária ... a ponto de nem ao menos me interessar

por apenas um, mas por ambos. Sim, eu havia sido desejada por eles, tentada. Recebido uma proposta nada ingênua ou pura. Mas daí a ficar daquele jeito, como uma cadela no cio, a ponto de entrar na Igreja numa missa de falecimento de uma mulher que possivelmente era a mãe deles apenas para segui-los, só demonstrava do que eu era capaz.

Senti-me esmagada ali dentro e meus olhos passaram, mais uma vez, por eles, por Pedro e Heitor, por sua família, pelos ícones da Igreja, pelo

Padre dizendo palavras bondosas e saudosas, pelas pessoas concentradas na pregação e eu ali, suja, fadada à perversidade, ao fracasso, a um poço sem fim de autodestruição. Era como me asfixiar aos poucos, me encolher, me debater inutilmente dentro de mim mesma.

Não me movi, embora a vergonha me fizesse querer sair correndo dali. Fechei os olhos por um momento, tentei me recobrar, me reconstituir o mínimo que fosse, para seguir em frente. Não era a primeira vez

que eu me sentia tão cansada, mas tão cansada, que a vontade era só de deitar e ficar, largada e esquecida em qualquer canto.

Não sei quanto tempo fiquei assim. Minutos ou uma eternidade. Só despertei quando as pessoas a minha volta começaram a se mexer, falar e se levantar. Então abri os olhos de repente e vi que a missa havia acabado.

Eu me levantei, pesada, tentando reagir. Olhei direto para frente e a família Falcão estava sendo cercada pelas pessoas. Alguém escondia Pedro

de mim, mas Heitor estava bem na minha direção, me fitando com o semblante atento e preocupado. Assustou-me, pois eu não sabia que ele me olhava. Na mesma hora fugi daquela força silenciosa, dei as costas e saí rapidamente da Igreja, do local sagrado no qual eu nunca deveria ter pisado.

HEITOR

A mulher quente e sensual da noite anterior parecia uma menina frágil e assustada naquela manhã. Foi a impressão que tive quando senti que minha nuca parecia queimar, como se alguém me chamasse. Quando virei a cabeça, ela me olhava tão abertamente, parecendo tão sozinha e perdida, que meu coração se apertou. Eu senti uma vontade quase incontrolável de levantar e ir até ela, sentar e abraçá-la, acarinhá-la, confortá-la, protegê-la. Assim como fiz, mal comparando, como muitos dos animais perdidos ou filhotes que

encontrei abandonados e levei para casa.

Mas então Lara desviou o olhar, como uma espécie de fuga. Era a missa da minha mãe, minha família estava toda ali, éramos praticamente estranhos. Só me restou virar para frente, mas permaneci com ela na mente. Por sua beleza estonteante, mas, principalmente, por aquele olhar que me encheu de preocupação.

Quando a missa acabou, a primeira coisa que fiz foi me levantar e buscá-la com os olhos, conferir se tudo

não havia sido apenas impressão minha. E o que vi me deu um aperto no peito inexplicável. Ela estava afundada no banco, ombros caídos, cabeça baixa, em uma posição de derrota.

Pessoas nos cercaram, falaram comigo, mas eu mal notei, dizendo a mim mesmo que talvez ela só estivesse concentrada, rezando. Então, ergueu-se assustada, o rosto retorcido em uma máscara de dor, os olhos como daqueles animais abandonados e machucados ao encontrar os meus. Foi muito rápido. Uma impressão, algo fugaz, que me deu

um baque. E na mesma hora ela se virava e saía apressada da Igreja.

- Já volto. – Falei para Joaquim, ao meu lado.

Pedi licença às pessoas e atravessei o corredor, meus passos largos levando-me logo para fora, para o dia claro e radiante de verão que me recebeu e me cegou por um instante. Desci os degraus da Igreja e então a vi, andando pela calçada, pronta para virar na esquina, seus cabelos longos e cacheados balançando nas costas.

Fui atrás dela. Mal virou e eu

estava ao seu lado. Na mesma hora me fitou assustada, arregalando os olhos cor de mel, parando abruptamente.

- Heitor ... – Murmurou e me dei conta novamente como sua voz era bonita, em um timbre ligeiramente rouco, sexy e linda, como toda ela.

- Lara.

Fitei-a atentamente, de perto, buscando tudo que senti naquela Igreja, a dor, a derrota, o pedido silencioso por algo que eu ainda não conseguia saber o que era. Pareceu abalada sob meu olhar e na mesma hora reagiu, tornando-se

mais relaxada, um sorriso se insinuando em seus lábios. Percebi o abatimento dos seus olhos em contraste e não me contive, indagando baixinho:

- Posso ajudar você?

Calada, disse mais do que se tivesse proferido mil palavras. Emoções ferozes e inexplicáveis passaram por seu rosto e por seus olhos, que se abriram para mim. Preocupado, me aproximei mais e, instantaneamente, ela recuou na calçada, quase encostando ao muro de uma casa.

Então, de repente, deu uma

risada. E disse de um modo tão à vontade, que por um momento achei que tivesse imaginado todo o resto:

- Heitor, por que diz isso? Estou com cara de quem precisa de ajuda?

- Está.

Minha franqueza a desconcertou. Mas manteve o sorriso nos belos lábios carnudos e levou na brincadeira:

- Posso saber por quê? Pareço aquele filhote abandonado que você encontrou ontem aqui?

- Talvez ache grosseria da minha parte admitir, Lara, mas foi exatamente

isso que pensei quando vi seu olhar na Igreja.

Ela riu. Quase me distraí com sua beleza. Quase. Continuava muito atento aos detalhes, a um nervosismo que ela parecia muito experiente em camuflar. Não sorri. Só continuei com meus olhos nos dela.

- Quer me levar para sua casa também? – Sua voz saiu ainda mais rouca, charme e sensualidade extravasando de cada poro.

Eu senti ali uma tentativa clara de me distrair com sedução e, mesmo

assim, fui seduzido. Ela tinha um jeitinho que mexia comigo, que fazia meu corpo reagir sem esforço, tornando-me bem consciente dos meus desejos. Ao mesmo tempo, me dei conta que éramos praticamente estranhos e, o que quer que a perturbasse, não contaria pra mim.

Desci o olhar até aquela sua boca que me enchia de vontade de beijar e não insisti no assunto anterior, mas levei adiante a sedução:

- Vamos?

Lara riu de novo. E recuou:

- Infelizmente, preciso ir para minha própria casa.

- Então, eu a acompanho.

- Não precisa. – Parecia mesmo mais relaxada, reluzente, agora sem qualquer vislumbre de tristeza.

Uma brisa suave fez mechas de seu cabelo esvoaçarem e senti uma vontade absurda de sentir nos dedos se aqueles cachos eram tão macios como pareciam. Desciam longos, emoldurando seu rosto, deixando-a mais sensual do que já era. O castanho tinha algumas luzes mais claras, que combinavam com

os raios dourados dos olhos arredondados.

Ela parecia saber que eu a admirava e correu os olhos por meu rosto, até meus lábios. Não disfarçou que me admirava também, nem que me desejava. Mas não fez nada sobre isso. Ao contrário, disse apenas, com suavidade:

- Heitor, seus familiares devem estar esperando você. Soube que hoje foi a missa de uma pessoa da sua família.

- Minha mãe. – Falei baixo,

enquanto nos olhávamos.

- Eu imaginei. Lamento. Quero dizer ...

- Já tem muitos anos que ela faleceu. E eles vão demorar um pouco na Igreja. Venha, vou acompanhar você. E assim, aprendo o caminho. – Sorri devagar.

Lara sorriu também e concordou.

- Certo. Vamos, então.

Começamos a caminhar pela calçada, mas era difícil manter meus olhos longe dela. Tudo em Lara me atraía. Seu corpo, seu rosto, seu cabelo,

sua voz. Seu sorriso feliz e seu olhar por vezes triste. Minha vontade era olhá-la longamente, cada pedacinho dela, cada nuance e expressão, cada parte visível e camuflada.

- Conte-me tudo sobre você.

Ela me olhou, o sorriso se expandindo.

- Tudo?

- Certo, vamos começar devagar.

De onde você vem, Lara?

- Rio de Janeiro.

- E o que a trouxe até aqui?

Não respondeu de imediato.

Olhou para frente, por onde andávamos.
Por fim explicou:

- Tirei um tempo para mim. Para viajar, conhecer um pouco alguns lugares. Estava em Belo Horizonte e resolvi vir para o interior. Peguei um ônibus e acabei descendo aqui. Só isso.

- Só isso? Simples assim?

- É, simples assim, Heitor Falcão. – Sorriu de novo. Aliás, não deixava de sorrir. – Nunca fez isso? Arrumar uma bolsa e sair pelo mundo?

- Nunca. Sou um homem da terra, caseiro, gosto do meu canto. O mais que

fiquei longe de casa foi quando fiz faculdade em BH e contei os dias para voltar para cá.

- Então, presumo que não seja um aventureiro. – Brincou.

- Não, esse é meu irmão Pedro, que você conheceu.

- Claro, Pedro. – Ela andava devagar, em um leve rebolado. Imaginei que devia ser sexy até escovando os dentes. Minha vontade de tocá-la era cada vez maior, o desejo dominando-me cada vez mais profundamente. – E o que faz para se divertir, Heitor? Imagino que

não tenha alguma balada na cidade e nada mais animado que o Falconetes.

- É verdade. Mas na cidade vizinha de Pedrosa há muita diversão. Embora, como eu disse, não seja muito de farras e aventuras. – Meu tom baixou e se tornou mais íntimo: – Tenho gostos bem particulares para me divertir.

Lara me olhou na hora, seus olhos brilhando, mordendo suavemente o lábio inferior, certa malícia em sua expressão. Retribuí o olhar, o meu quente, direto, excitado ao resvalar em sua boca. Um clima erótico se

estabeleceu e rolou entre nós.

- Eu imagino que sim, Heitor Falcão. Você parece saber exatamente como ... se divertir. – Murmurou.

- Se quiser, posso te mostrar, Lara.

Ficou claro que ela queria, pelo olhar que me deu, onde o desejo não foi mascarado. Disse baixinho:

- Assim fica difícil resistir.

- Não resista.

- E o que vai pensar de mim?

Cheguei à Florada ontem. Tenho uma reputação a preservar. – Brincou,

enquanto virávamos em outra rua.

Alguns conhecidos passaram por nós, me cumprimentaram e olharam curiosos para ela. Eu falei com eles cortesmente e então, quando passaram, comentei:

- Você é daquelas que não vai para a cama com o homem no primeiro encontro para que ele não pense mal dela?

Deu uma risada.

- E não deve ser assim?

- Não, não deve. Não concordo com essa sociedade onde o homem pode

pegar quantas mulheres quiser e, se a mulher faz o mesmo, fica mal falada. Por incrível que pareça, isso ainda é muito comum aqui. Hipocrisia. Se duas pessoas se desejam, ou três pessoas se desejam, ou quatro ... – Sorri para ela, que me olhava divertida. – Não precisa de contagem de tempo ou de disfarces. É muito simples.

- Simples como?

- É só saciar o desejo e ter prazer. Não há mal algum nisso. Ninguém tem que se meter.

- Eu concordo. Mas se metem. E

as línguas ferinas podem fazer um verdadeiro estrago. É isso mesmo que pensa ou tudo não passa de um discurso para me levar pra cama? Nós dois? Ou quem sabe nós três, se formos levar a sério o que seu irmão disse ontem? – Provocou.

- Pode levar a sério, não foi da boca para fora. – Garanti.

Lara não se assustou. Ao contrário, estava corada, visivelmente balançada com a possibilidade. Um desejo feroz tomou conta do meu corpo.

- E respondendo a sua pergunta,

eu penso realmente assim.

- Então ... sua alma é aventureira, Heitor. Mesmo que seu corpo prefira o chão de Florada.

Ela não deixava de ter razão. Muitas vezes me vi observando as atitudes mesquinhas das pessoas, que se achavam no direito de julgar os outros, de tomar conta do que uma pessoa fazia, de correr para criticar e condenar um comportamento. Simplesmente por que era diferente do seu ou, como acontecia muitas vezes, por que a outra pessoa tinha coragem de fazer o que o crítico

apenas desejava silenciosamente.

Para mim as coisas eram bem simples e tudo seria melhor se cada um cuidasse da sua vida e se houvesse um equilíbrio maior entre razão e instintos. Nem um nem outro em demasia. Desde o momento que nossos desejos não prejudicavam outras pessoas, eu não via por que não realizá-los.

Tinha meus defeitos, mas me meter na vida dos outros, dar uma de juiz e fazer julgamentos precipitados, não era um deles.

- Você é um homem muito

interessante. – Lara falou e despertou ainda mais minha atenção. Indaguei bem humorado:

- Como chegou a essa conclusão?

- Olhando e falando com você. Vive em paz consigo, não é, Heitor?

- E há maneira melhor de viver?
– Ergui uma sobrancelha.

Lara não me olhava e estava um tanto séria, como se pensasse. A impressão de que escondia alguma tristeza voltou e eu perguntei a mim mesmo se ela estava ali para esquecer

algun sofrimento ou perda. Então, deu de ombros e completou:

- Tem razão. Mas nem sempre é fácil. – E antes que eu dissesse alguma coisa, lançou-me um olhar avaliador, atento e comentou: - Gosta de música, Heitor?

- Claro. Mudando de assunto?

- Não! – Lara riu. – É que gosto de músicas e de imaginar qual combina mais com uma pessoa. Estou aqui me decidindo uma para você.

- Ah, é? – Achei graça naquilo e olhei-a detidamente quando parou em

frente à casa que Micah havia alugado antes de se mudar para a de Valentina. Mas não desviei a atenção de Lara, parado em frente a ela, sentindo seu olhar no meu.

Outros sentimentos me dominavam e deixei-os circular livres dentro de mim. Tive uma sensação forte de que ela seria importante pra minha vida e não sei de onde veio isso, assim de repente. Apenas senti. E então, uma música veio sem querer em minha mente e cantei baixinho:

*“Estou guardando o que há de
bom em mim
Para lhe dar quando você chegar
Toda ternura e todo meu amor
Estou guardando para lhe dar (...)”
(A Volta, Roberto Carlos)*

Lara ficou imobilizada, seus olhos ardendo nos meus. Entreabriu os lábios e pareceu um pouco confusa, surpresa, como se esperasse tudo, menos que eu cantasse. Ou talvez fosse a letra que, por incrível que pudesse parecer, era o que eu sentia.

Surpreendi-a ainda mais quando deixei que meus desejos falassem mais alto, como sempre, fiel a eles. Meu coração bateu mais forte, um arrepio percorreu minha coluna e eu diminuí a distância entre nós, olhando-a fixamente, mantendo-a presa e cativa pelo olhar.

Ergui a mão e toquei a pele suave da sua face, meus dedos seguindo e mergulhando em seus cabelos, comprovando que eram tão macios como eu havia imaginado. Não fui bruto, não a ataquei. Eu a senti, eu a adorei com meu toque e meu olhar, chegando tão perto

que meus lábios pairaram sobre os dela e senti sua respiração quente na pele, seus seios apenas roçando meu peito. Apesar de alta, eu era bem mais e a senti pequena contra mim, sendo invadido por um tesão absurdo, mas uma sensação de que deveria cuidar dela, protegê-la.

Não entendi nada. Não entendi por que eu me sentia tão abalado se mal nos conhecíamos, por que despertava tantas coisas dentro de mim. Só sabia que precisava de mais dela. Muito mais. E foi o que tive.

Beijei-a. Roci meus lábios nos

de Lara, tão macios e cheios, tão saborosos, que não pude mordê-los como eu queria. Teria que ficar para depois. Por que eu precisava de mais. Do seu gosto, da sua saliva, da sua essência única se misturando com a minha. Enterrei os dedos no cabelo em sua nuca, segurei-a e mergulhei minha língua em busca da dela. E quando a senti, quando a provei, foi como se um raio me atravessasse, me abalasse, me enchesse de energia. Me enchesse dela.

Inclinei a cabeça e beijei mais aquela boca deliciosa, minha outra mão

indo ao final de suas costas e colando-a em mim, com uma ternura que se mesclava ao desejo quente que deixava meu pau completamente ereto contra seu ventre. E ela me beijou de volta, movendo sua língua com a minha como se tivesse feito aquilo a vida toda comigo, um arfar suave escapando para dentro de mim, deixando-me ainda mais ligado nela. Suas mãos subiram por meu peito e meu pescoço e seus dedos agarraram-se ao meu cabelo, como se precisasse se segurar para não cair, para não rodopiar naquela intensidade

absurda de sentimentos, de troca, de sabor.

Esquecemos que éramos praticamente estranhos e que estávamos parados na calçada. Naquele momento fomos apenas Lara e Heitor, uma mulher e um homem, desejo carnal e sensações puras, bocas, línguas, pele, calor, ternura, conhecimento, reciprocidade, gosto, anseio, tudo junto, vindo de mim pra ela e dela pra mim.

O beijo foi delicioso, quente, profundo, fazendo nossas respirações se agitarem e nossos corpos se buscarem

mais, completamente colados, prontos um para o outro. Chupei sua língua, saboreei sua boca, delirei excitado com seu gosto. Ela mordeu meu lábio, sugou-me para dentro, gemeu baixinho em agonia, em uma entrega tão doce que me deixou doido, mais necessitado dela, precisando de mais.

Agarrei seu cabelo com força e o beijo se tornou mais exigente, mais esfomeado, meus dedos entrando sob a barra da camiseta e se espalhando em sua pele macia nas costas. O tesão me varreu tão violento que meu pau estava a

ponto de arrebentar a calça de tão duro e eu só pensava em colá-la naquele muro e me esfregar nela, em empurrá-la para dentro e poder sentir sua pele nua contra a minha, descer minha boca por seu corpo, penetrá-la tanto que ...

- Ahã ... Tio ... Tio, desculpe ...

A voz vacilante invadiu minha mente dopada pelo desejo. Eu e Lara paramos com nossas línguas unidas e quase gemi de desespero. Ia continuar, mas a voz insistiu:

- Tio ...

Porra. Lara descolou a boca da

minha e abriu os olhos pesados, perdidos, cheios de desejo. Estava ainda mais linda e não a soltei um milímetro sequer do meu corpo, sem poder ainda afastá-la de mim. Uma energia crepitante nos ligava, fazia nossas peles arderem, me ligava a ela de uma maneira intensa e inexplicável.

Mas eu sabia que tínhamos uma pessoa ali. Respirei fundo, lutando contra o tesão. Foi com custo que virei o rosto e olhei para Cacá, que muito vermelho e sem graça, segurava o portão aberto de sua casa ao lado e olhava para

todos os lados, menos pra gente. Como se soubesse que tinha nossa atenção, arrastou o tênis no chão e disse, parecendo falar com ele:

- Tá todo mundo lá na Igreja está procurando o senhor para ir embora e ... eu vim aqui ... vim pegar meu celular que esqueci e ... bem ... achei que o senhor devia saber, tio. Desculpe eu ... – Escancarou o portão e quase correu para dentro, dizendo antes: - Vou buscar meu celular ...

- Heitor ... – Lara largou meu cabelo e fez menção de se soltar. Eu não

deixei. Cheguei a sentir dor em ter que perder nem que fosse um pouco dela. Mantive-a contra mim e, quando meus olhos a fitaram profundamente, mostrando bem como eu me sentia e o que eu queria, ela gemeu baixinho e pareceu a ponto de aceitar. Mas sacudiu a cabeça. – Pare, Heitor.

- Não posso.

- A sua família ...

- Vou entregar a chave do carro para Cacá, Joaquim os leva para casa. Vamos entrar, Lara. – O desejo era enlouquecedor. Olhei sua boca, seco,

faminto, mas ela apoiou as mãos no meu peito como se impusesse distância, até que fitei seus olhos e vi lá, de novo, aquele misto de sentimentos, de dor e medo, de tesão e confusão. Foi tanta coisa ali que não pude fazer mais nada além de olhar para ela, dividido entre a vontade embriagante de fodê-la e a necessidade de entendê-la.

- Não, Heitor. Agora não.
- Eu sei que você quer, Lara.
- Sim, mas ... Por favor ...

Que vontade de insistir, de beijá-la de novo e convencê-la ... Mas aquele

desespero em seu olhar me parou, me desnorteou. Eu a soltei devagar e foi uma das coisas mais difíceis que fiz na vida. Quando saiu do meu corpo, da minha pele, senti como se perdesse uma parte de mim e isso me surpreendeu mais do que tudo. Olhei-a com intensidade, tentando entender, saber o que era aquilo.

- Por que não? Por que me olha assim? – Perguntei.

Ela respirou, se recuperou. Deu um passo para trás. Achei que mascaria tudo com sensualidade e sorriso, mas

parecia um tanto perdida. Mesmo assim, tentou. Olhou em volta, para a rua, as casas e então de novo para mim. Só então sorriu, embora os olhos continuassem me dizendo o que ela tentava disfarçar.

- Eu também tenho uma alma aventureira, Heitor. Mas acabei de chegar nessa cidade e não quero me precipitar. Eu só ...

E se calou de novo, como se não soubesse bem o que dizer.

Nós nos olhamos, silenciosos, mas muita coisa ali, borbulhando,

gritando.

Lara recuou mais, abriu o portão atrás de si. E murmurou:

- A gente se vê por aí.

Só isso. Sem mais explicações. Sem desculpas. E entrou.

Eu fiquei imóvel, até que sumiu de vista, dentro da casa que Micah havia vivido.

O desejo latejava no meu corpo. As dúvidas preenchiam minha alma. Soube ali que nada com aquela mulher seria simples. Mas não a segui e nem insisti. Ainda estava abalado demais. E

seu olhar havia me travado. Por
enquanto.

CAPÍTULO 6

PEDRO

Depois da missa, almoçamos todos juntos na fazenda.

Foi tudo tranquilo, em paz, a

família mais unida do que nunca. Meu pai estava com um semblante calmo, mas um olhar saudosos, silencioso. Até o último dia da sua vida, lembraria da minha mãe. E embora percebêssemos isso, não havia desespero nele. Olhávamos, ouvia a conversa, parecia em paz consigo.

Micah e Theo o acompanharam até a varanda dos fundos e os três ficaram lá, conversando, ele até que se esforçando para dizer algumas palavras, participar, mas seus olhos toda hora se direcionando para os jardins.

As mulheres ficaram com as crianças na cozinha, fazendo planos animados para o casamento de Valentina na semana seguinte. Joaquim saiu com Cacá para mostrar o cavalo que ele tinha ganhado do avô. Meu pai tinha nos pedido que separasse um especial para ele. Cacá, animado e todo feliz, tentava se decidir por um nome.

Eu estava um tanto impaciente, como se muita energia se acumulasse dentro de mim. Saí de casa pensando em dar uma volta a pé ou de moto, mas sabendo que não poderia ir muito longe,

pois aquele era um dia para a família ficar junta.

Foi então que vi Heitor sentado no sofá da varanda, muito quieto, com os pés apoiados na mesa de centro e os olhos perdidos na paisagem em frente. Fumava um charuto, coisa que fazia só de vez em quando, geralmente quando se sentia perturbado.

- O que aconteceu? – Desisti do passeio e fui me sentar na mureta, apoiando as mãos nela e encarando meu irmão atentamente.

Heitor apenas me olhou e soltou

uma baforada. Eu odiava fumar qualquer coisa, mas o charuto cubano tinha um cheiro agradável. Já tinha me acostumado com aquilo e não me incomodava.

Eu o observei, sabendo que estava assim desde de manhã, quando havia saído da Igreja logo após a missa e demorado para voltar. Só agora eu tinha oportunidade de conversar com ele. Sua seriedade chamava minha atenção.

- Lara estava na missa hoje.

- A morena? — Franzi as

sobrancelhas, surpreso. – Eu não a vi.

- Sei que não.

Na verdade, aquele dia, o fato de ser missa da minha mãe, tudo havia mexido mais comigo do que eu queria admitir. Eu mal tinha reparado o que estava a minha volta.

- Por isso sumiu? Foi atrás dela?

– Perguntei.

- Fui.

Calculei que, o tempo que ficou fora, não deu pra fazer muita coisa. Mas com certeza tinha sido o suficiente para perturbá-lo.

Pensei na morena que tinha mexido comigo e, por um momento, não falei nada. Nem sei o que senti. Eu vinha pensando nela desde a noite anterior e já tinha me decidido procurá-la naquele sábado e investir pesado, com todas as minhas armas para levá-la para a cama.

Era sexo, desejo, atração. Como sempre. Eu estava cheio de tesão. E ela havia me provocado, se insinuando e depois recuando. Mal a conhecia. Mas algo me dizia que ia ser gostoso pra caralho, que tanto eu quanto ela aproveitaríamos bem a transa. Seu olhar,

sua boca, seu sorriso e seu corpo escultural tinham me deixado doido.

E eu tinha reparado como Heitor também ficou ligado nela e ela nele. Por isso fiz a proposta do trio, que para nós era uma coisa comum. Lara bem que tinha ficado excitada com a possibilidade, isso ficou mais do que claro.

Mas eu conhecia meu irmão e, se pra ele fosse mais sério, eu pularia fora. Mesmo que estivesse excitado e ansioso para tê-la. E não me importasse nada em partilhá-la com ele. Perguntei de novo,

cauteloso:

- O que aconteceu, Heitor?

- Eu a beijei.

- Porra ... – Deixei escapar, um pouco puto. Não era ciúme, mas não queria sair daquela história sem pelo menos provar um pouco daquela mulher gostosa e provocante.

Heitor sorriu, sabendo exatamente como eu me sentia.

- É sério? – Perguntei. – Está a fim dela?

- Nós mal nos conhecemos, Pedro. Não precisa tirar o time de

campo por minha causa.

Acenei com a cabeça. Heitor me conhecia bem. Mas ele continuou, após fumar de novo o charuto, com uma ruga de preocupação na testa:

- Foi muito melhor do que imaginei. Lara mexeu comigo. Mas o que mais me deixou perturbado foi o jeito dela.

- Que jeito?

- Triste. Tinha que ver como estava na Igreja, parecendo arrasada.

- Lá vem você ...

- Lá vem eu, o que?

- Cara, acabamos de conhecer essa morena. Ela chegou aqui ontem. E em vez de você estar pensando numa maneira bem safada da gente se divertir, está aí questionando o jeito dela?

- Não estou questionando. Estou dizendo o que vi.

Suspirei. Mas não pude deixar de perguntar:

- Mas estava triste como? Chorando?

- Não. O olhar dela ... parecia pedir ajuda. Não sei. – Terminou seu charuto e o apagou no cinzeiro ao lado,

fitando-me de modo pensativo. – Fiquei com a impressão de que veio para cá fugindo de alguma coisa, de algo sofrido. Sei lá.

- Ou perda. Talvez não tenha mais o pai ou a mãe e na missa isso a deixou triste.

- Pode ser.

- Mais um motivo para a alegrarmos. Podemos fazer Lara esquecer rapidinho o que a entristece. Ou se você quiser ficar aí pensando e analisando tudo, eu vou lá e me ofereço pro serviço.

Heitor relaxou e acabou dando uma risada.

- Você é um safado filho da puta, Pedro.

- Sou apenas prático. – Dei de ombros, acabando por sorrir também. Mas meu olhar continuava atento: - Nem vou perguntar se o beijo valeu à pena. Pela sua cara, é óbvio que sim. Agora é sério, eu tô a fim dela. Quero um beijo também e muito mais. Só que, se você já estiver ligado nela ...

- Você é um durão só na carapaça. – Disse divertido. – Cheio de

tesão aí, mal se aguentando nas calças, e disposto a pular fora se eu disser que me apaixonei perdidamente à primeira vista.

- Pare de se divertir à minhas custas. Não está mais aqui quem falou. Agora é cada um por si e tenho certeza que ela vai sair do Falconetes hoje comigo. – Fui cínico de sacanagem e ele achou mais graça, retrucando:

- Isso nós vamos ver.

No final das contas, fomos separados para o Falconetes à noite, eu na minha moto e Heitor no carro dele.

Cheguei primeiro e o lugar já estava cheio. Pelo jeito tinha sido um bom investimento de Abigail trazer a cantora. Mas ela ainda não estava no palco. A música sertaneja que tocava vinha dos alto-falantes.

Vários conhecidos falaram comigo e alguns rapazes da fazenda me chamaram para ficar na mesa deles, mas eu os cumprimentei e segui em frente, para o lado do salão onde Lara tinha servido na noite anterior. E foi ali que a vi.

Meu corpo e meus sentidos

reagiram na hora. Servia uma mesa sorrindo para um grupo de mulheres, ainda mais linda do que eu me lembrava. Os cabelos estavam presos em um rabo-de-cavalo, que caía cheio de cachos nas suas costas. O rosto era uma graça com aqueles olhos redondos e dourados e a boca rosada tão carnuda que chegava a ser pornográfica, como era o corpo escultural no jeans justo, na camiseta preta e no pequeno avental que só fazia se colar em suas curvas.

Imaginei aquele corpo nu me servindo de todas as maneiras, aquela

bunda empinada e aqueles seios redondos fazendo estragos na minha libido e disse a mim mesmo que daquela noite não passava. Ela tinha que ser minha.

Sério, compenetrado, eu caminhei até ela. Lara me viu logo e senti o exato momento, pois além de abrir ainda mais aqueles olhos sedutores, sua respiração se alterou e ficou claro que eu mexia com ela, que seus sentidos se excitavam com minha presença. Gostei muito daquilo.

Afastou-se da mesa e não fugiu.

Veio em minha direção me dando uma boa olhada, desde meu cabelo até os sapatos, passando pelo jeans e a camisa azul marinho de mangas dobradas. Era bem safadinha e não fez questão de disfarçar como gostava do que via. Quando paramos um diante do outro, bem perto, já pegávamos fogo. Eu ardia de tesão, ela mordeu os lábios sensualmente. Olhei para eles, polpudos e lindos, pensando em como Heitor tinha me passado a perna e os provado primeiro. E foi o que falei, com a voz meio arrastada pelo desejo:

- Você está me devendo uma.

- Eu, garanhão? Tem certeza? –

Seu sorriso se abriu e ela mexeu no rabo-de-cavalo, colocando-o sobre o ombro.

- Aliás, me deve duas, morena.

- Isso não pode. Costumo ser uma boa pagadora das minhas dívidas. – Seu olhar era quente no meu, a voz rouca charmosa. – Preciso ser lembrada.

- Ontem saiu daqui sabendo que eu esperava você. – Quando me aproximei ainda mais, quase encostei nela, que ergueu os olhos e arfou

devagarinho. Mas, para mérito de Lara, não recuou. O ar crepitava entre nós. Baixei o tom e falei perto de sua boca: - E para completar, hoje beijou meu irmão.

- Ah, sim ... Realmente, imperdoável da minha parte. – Ainda sorria, mas lambeu os lábios devagarzinho, parecendo uma devassa, mas nada arrependida.

- Já sei como vou cobrar minhas dívidas. – Rocei a ponta do nariz em sua têmpora e senti o cheiro gostoso de flores do seu cabelo, o que mandou uma

onda de euforia e libidinagem para meu interior. Minha vontade era de agarrá-la ali mesmo, mas apenas a provocava.

- Como? – Sua voz saiu baixinha, cheia de expectativa.

- Vai sair daqui comigo hoje. E me beijar a noite toda para compensar. Como sou um homem justo, vou te beijar de volta. Não só na boca. Aqui, atrás da sua orelha também. No pescoço. Na nuca. Nas costas. Seus mamilos. Vai ser complicado tirá-los da minha boca, mas prometo que dou atenção às outras partes também.

- Que partes? – A safadinha perguntou num leve arquejo.

Meu pau cresceu dentro da calça. Senti a respiração ficar pesada, o tesão vir com tudo. Não aguentei e pousei a mão em seu quadril, dizendo perto da sua orelha:

- Adoro beijar uma boceta. Gosto especialmente de passar o nariz primeiro, me encher com seu cheiro, antes de beijar toda ela e então ... só então ... lambar. Bem devagar no início. Lábios, vulva, clitóris. Deixar molhadinha e chupar. Aí eu esqueço a

suavidade e caio de boca mesmo, como, mordo, sugo ... Tudo.

- Ah, Pedro ... – Encostou-se em mim e senti seu tremor, sua luxúria que de tão densa se misturava com a minha. Eu a coleí contra o corpo, nem eu nem ela incomodados com o lugar em que estávamos ou quem poderia estar olhando. Controlei a custo um gemido quando seus seios roçaram meu peito e meu pau tocou sua pélvis. Mas não contive meu desejo e lambi de leve sua orelha.

- Vem comigo, agora, _morena.

Você quer.

- Quero ...

- Então, vem.

Lara respirou fundo. Moveu a cabeça e me olhou, muito perto, seus olhos dourados, brilhando, espelhando sua flagrante luxúria. Então, engoliu em seco e pareceu se dar conta de algo:

- Eu estou trabalhando.

Era um fato. Sabia que era nova ali e seria demitida se saísse no segundo dia, com a casa cheia. Respirei fundo, irritado por ter que controlar meu tesão. Olhei bem dentro dos olhos dela.

- Vai sair comigo hoje?

- Pedro ...

- Sim ou não? – Exigi, bruto.

Ela lambeu de novo os lábios.

Parecia que diria sim, mas, no último segundo, fugiu do contato dando alguns passos para trás, como se lutasse consigo mesma. Murmurou quase em um lamento:

- Eu queria ser uma mulher direita aqui. Não vim para Florada para isso.

- É por que não sabia que ia me encontrar.

Mesmo tensa pelo desejo, ela riu. Afastou-se um pouco mais para trás e eu já ia avançar, mas pediu:

- Me deixa pensar, garanhão. Enquanto isso, quer uma cerveja? Para esfriar um pouco esse fogo todo?

Fiquei meio puto em não ter uma resposta positiva dela de uma vez. Mas parecia ligeiramente nervosa, como se o que tivesse dito sobre ser uma mulher direita fosse importante pra ela. Contive meu gênio. Tinha que ser sedutor e não um troglodita.

- Certo, traga uma cerveja. Vou

arrumar uma mesa, morena. Mas não me faça esperar demais. Você ainda não me pagou o que deve.

- Eu não devo nada. – Sorriu. – Mas depois falamos sobre isso.

Deu-me uma olhada quente e então se afastou naquele rebolado que podia enlouquecer um homem.

- Porra ... – Rosnei, dando-me conta que estava com o pau completamente duro e a calça era justa. Por sorte o lugar era meio escuro. Incomodado, fui arrumar uma mesa para mim.

Heitor chegou logo depois. Veio até mim olhando em volta e eu soube que procurava Lara. Quando se sentou à minha frente, eu avisei:

- Ela já está quase na minha.

- Quase? – Ele riu, como se soubesse que aquilo não era nada. Passou a mão pela barba escura, provocando-me: - Você deve estar muito puto.

- Ela vai sair daqui comigo hoje, Heitor.

- E se sair comigo, o que você vai fazer?

Fechei a cara e deu outra risada, no exato momento em que Lara se aproximava com uma garrafa de cerveja e dois copos, na certa tendo visto meu irmão de longe. Parecia nervosa, olhou para mim e depois para ele, agitada demais.

- Heitor ... – Cumprimentou, toda derretida.

- Lara. – A risada dele virou um sorriso cheio de sensualidade. Eu o conhecia de uma vida inteira, estava todo ali, concentrado nela, muito a fim. Tanto quanto eu.

Os dois se olharam por um momento, cheios de intimidade. Senti uma pontada de incômodo, mas então Lara virou-se para mim e me fitou do mesmo jeito, atizada, abalada, excitada. E me convenci de uma vez que ela desejava a nós dois. E aquilo não me incomodou. Ao contrário, me deu alívio e um tesão desgraçado.

Imaginei-a na cama, delirando com as coisas que faríamos com ela. As mulheres sempre adoravam, sem exceção. Mas eu tinha a sensação de que aquela morena ia extrapolar qualquer

expectativa. Ela já ardia de antecipação. Como eu. Como meu irmão.

- A cerveja. – E deixou a garrafa e os copos sobre a mesa. – Desejam mais alguma coisa?

- Muita coisa. – Retruquei na hora e ela corou, olhando de novo de mim para Heitor, seus lábios se entreabrindo.

- Sua companhia. – Heitor foi muito mais cavalheiro do que eu, seus olhos descendo devagar sobre ela. Deteve-se no pequeno crachá em seu avental. - Está ainda mais linda hoje,

Lara Maria.

- Só Lara. – Sorriu, meio sem graça. – Abigail colocou meu segundo nome aqui, Maria, mas acho que não combina nada comigo.

- Eu achei perfeito em você. Por que diz que não combina? – Heitor indagou.

- Maria é nome de santa.

- E você não tem nada de santa?

– Eu tive que me meter.

- Absolutamente nada. – Sua voz baixa e seu olhar intenso, ao dizer aquilo, me deixaram doido.

- É assim que eu gosto. – Falei no mesmo tom e olhando-a do mesmo jeito.

- Somos todos pecadores aqui, Lara Maria. – Heitor também tinha ficado excitado com as palavras dela, praticamente comendo-a com os olhos.

Lara não disse mais nada sobre isso. Sorriu, segurou sua bandeja e falou suavemente:

- Qualquer coisa, é só me chamar.

Então, virou e se afastou.

Heitor desceu o olhar para sua

bunda. Eu também. Ele murmurou:

- Esse rebolado acaba comigo.

- E comigo. – Rosnei, agarrando a cerveja e nos servindo, em tom de reclamação: - Ela está brincando de gato e rato com a gente, irmão.

- Está. – Deu-me uma olhada e sorriu. – E vai fazer isso a noite toda.

Dito e feito.

Lara veio nos servir a cada vez que chamamos e, em cada uma, jogou charme, nos comeu com os olhos, pareceu agitada e excitada com nossa atenção. Tinha provocações certas

quando eu dizia algo sujo e sorrisos sensuais quando Heitor a seduzia com palavras e olhares.

Até que, quando o Falconetes ficava vazio de madrugada e eu já começava a achar que ela escaparia de novo na surdina, perdi a paciência de vez. Tinha se aproximado, ao Heitor pedir a conta, e agarrei seu pulso ao vê-la ao meu lado. Parou de sorrir quando me viu bem sério e até meio puto pelo tesão que senti a noite toda. Arregalou um pouco os olhos e fui bem direto:

- Chega de provocar, Lara. Qual

é a sua resposta?

- Que resposta? – Lambeu os lábios e vi que era uma mania quando ficava nervosa.

- Não se faça de desentendida. Quer sair comigo? Com meu irmão? Com nós dois?

- Eu posso apenas ir para casa. – Disse baixinho.

- Pode, Lara Maria. – Heitor disse baixo e ela o olhou de imediato. Prendeu o ar quando, ao invés de agarrar seu pulso direito como eu fazia com o esquerdo, ele segurou a mão dela

e lentamente entrelaçou seus dedos, fitando-a profundamente, baixando o tom de voz. – Mas não é isso que você quer. Nem nós.

Ela ficou imobilizada, segura por nós dois, cada um de um lado, de pé entre nós. Foi óbvio seu desejo, o tremor do seu corpo, a sua luta interna ao olhar para ele e para mim. Parecia duas em apenas uma, razão e tesão guerreando. Ao mesmo tempo em que eu queria puxá-la para meu colo e convencê-la de vez com um monte de sacanagem, fiquei paralisado pela

fragilidade que notei em seu olhar.

Heitor foi muito mais sagaz do que eu ao não forçar a situação e dizer sem assustá-la:

- Vamos sair, sem compromisso. Trabalhou a noite toda. Podemos ir até um bar, tomar alguma coisa, conversar. Nós três.

- Sem compromisso? —
Murmurou.

- Claro. Se quiser vir embora depois de um bate-papo, trazemos você. Não é. Pedro?

Eu queria ir logo para um Motel

e estava quase subindo pelas paredes. Olhei feroz para meu irmão e depois pra ela. Mas concordei de má vontade:

- É.

Lara deu um lindo sorriso e acenou com a cabeça.

- Então, vamos. Me levem com vocês. Mas a um lugar que tenha música. Quero dançar.

- Traga a conta e tire o avental. Estamos esperando por você, Lara Maria. – Heitor soltou sua mão.

- Certo, Heitor Falcão. – Docemente sorriu para ele e depois para

mim, fitando o pulso que eu segurava. –
Pedro?

- Não demore. – Falei baixo,
sem aguentar mais esperar tanto.

- Pode deixar.

Quando se afastou, foi
impossível não acompanhar. Então,
olhei para Heitor.

- Se ela quiser voltar depois de
um bate-papo, eu te esgano, irmão.

- Ela não vai querer. – Heitor se
levantou, com uma certeza tranquila. –
Vai ser uma noite e tanto, Pedro.

E, sem que eu pudesse controlar,

meu coração disparou.

CAPÍTULO 7

LARA

“Eu só podia ser louca mesmo”.

Esse foi meu pensamento quando entrei na grande boate em Pedrosa, com Pedro de um lado e Heitor por outro. Eles não me tocavam e nem era preciso. Eu já tremia interiormente de excitação, lascívia e nervosismo, muito consciente de onde eu estava me metendo. E do que ia fazer.

Já era quase uma hora da manhã

e tínhamos saído de uma Florada pacata e dormida para chegar naquela cidade bem maior e mais movimentada. Para a nossa noitada.

Meu coração batia forte no peito, meu corpo formigava, adrenalina se espalhava em meu sangue. Eu sentia todos os sinais do desejo e do que beirava o descontrole, do vício que vinha lento e devorador, dominando meus sentidos, dopando minha mente. E daquela vez tudo era pior, dobrado, intensificado por aqueles dois machos que estavam me deixando enlouquecida

e sem conseguir pensar em outra coisa a não ser o que fariam comigo. E o que eu faria com eles.

Eu tinha vindo conversando banalidades com Heitor no 4x4 luxuoso dele, fingindo estar muito à vontade, mas o tempo todo ansiosa e agitada. Eu sabia bem o que me aguardava, não era nenhuma boba. Aquele papo de voltar para casa se eu quisesse era só isso: “papo”, “balela”. Minha intenção desde que concordei em sair com eles era ficar. Íamos beber, rondar uns aos outros, mas o final todos sabíamos qual

seria. Mais uma vez eu não tinha nenhum controle sobre mim mesma.

Pedro tinha ido na moto dele e eu acompanhei Heitor. Em nenhum momento ele deu em cima de mim no carro. Foi um perfeito cavalheiro, conversou, tentou me deixar à vontade. O modo que me olhava era intenso, penetrante, deixava-me mais consciente de mim mesma como mulher. Mas não avançou nem comentou sobre nosso beijo naquela manhã. Embora em nenhum momento eu tivesse esquecido. E duvidava que ele também.

Tínhamos parado no estacionamento da boate e entrado. Eu nem sei direito o que dissemos. O olhar esfomeado de Pedro me desconcertava e sua presença criava um mundo de expectativas dentro de mim. Quase falei para eles me levarem logo para um Motel, para acabar com aquele desejo latejante e entorpecente. Era o que nós três queríamos e eu sabia que aquela minha falácia de ser respeitada e me resguardar, já era. Eu até tinha tido boa intenção e talvez até conseguisse certo controle, se não tivesse me deparado

com os irmãos Falcão. Eles tinham minado todas as minhas forças. E agora eu era aquilo. Uma mulher doida para ser devorada logo por aqueles dois homens.

Consegui sorrir e jogar charme, nem sei como. Entramos e então tudo dentro de mim se agitou mais com o ambiente que nos cercava. O local era escuro, com luzes coloridas e delirantes que vinham da pista de dança. Estava cheio, pessoas indo de um lado para outro, dançando, bebendo, rindo, falando alto, namorando. Eu me senti

mais livre e sensual ali e parte do meu nervosismo cedeu, enquanto a sensualidade me envolvia e a música terminava o trabalho de me fazer sentir preparada para tudo.

Heitor abriu caminho até as mesas, eu o segui e Pedro veio atrás. Safado como era, ele segurou minha cintura e colocou o corpo atrás do meu, excitando ainda mais meus sentidos, até que virei de leve a cabeça para trás e encontrei seus olhos azuis claros acesos, dizendo em meio ao barulho:

- Não está tão cheio assim. – Eu

me referia ao fato dele se grudar em mim e ter os dedos firmes em minha cintura.

- Eu não preciso de desculpas para pegar o que eu quero. – Sua expressão dura e seu olhar possessivo fizeram minhas pernas tremerem como gelatinas.

Fiquei quieta, mordi os lábios, segui em frente. Um garçom arrumou uma mesa de canto que tinha acabado de ser desocupada e começou a limpar os restos de comida e bebida em cima.

Heitor parou, alto e

espetacularmente moreno, com aquele nariz fino e aquilino extremamente masculino, os ombros largos, só sua visão viril já me deixando molhada. Olhou pra gente e havia uma luxúria decadente nos olhos dele, como se também não conseguisse pensar em outra coisa que não fosse em sexo e lutasse para fingir naturalidade.

Não pude deixar de olhar para a boca dele e lembrar como beijava gostoso e tudo que me fez sentir naquela manhã, um misto de paixão e carinho, um sentimento de proteção e de posse.

Minha vontade era de ir até ele e beijá-lo de novo, muito.

Ao mesmo tempo, eu sentia Pedro ainda perto de mim, sua mão agora em meu quadril. Podia sentir seu cheiro bom de homem limpo e de perfume caro, masculino, se infiltrando em minhas entranhas. Olhei-o e estremeci, reparando como seus lábios eram carnudos em meio à barba cerrada e dourada, imaginando o que eu sentiria quando me beijasse. Queria muito descobrir.

- Fiquem à vontade. Querem

beber alguma coisa? – O garçom nos olhou.

- Cerveja. – Disse Pedro.

O homem acenou e se afastou, após anotar a marca. Heitor puxou uma cadeira para mim e sentei. Ele ficou de um lado e Pedro do outro, bem perto, a parede atrás de nós, a mesa na frente. Naquele canto escuro, eu me senti ainda mais excitada, cercada, minha mente só protagonizando cenas altamente eróticas, tudo rebulindo em meu ventre.

- Gostou daqui, morena? – Pedro falou perto do meu ouvido, seu peito

musculoso em meu braço, a mão apoiando-se em minha coxa dentro do jeans, sob a mesa.

Fiquei sem espaço até para respirar. Minha vagina esquentou e eu a senti úmida, antecipando vários prazeres, sendo apenas o resultado do estado em que eles me deixavam. Olhei para ele, tão próximo que sua boca quase tocava a minha, seu olhar semicerrado fazendo tudo dentro de mim arder e incendiar. Não me afastei, não tirei sua mão da minha perna. Apenas o encarei e consegui murmurar:

- Gostei muito. Quero dançar.

- Vamos beber. Vamos dançar.

Mas então iremos para um lugar melhor, onde poderei fazer tudo que passa pela minha mente desde que vi você. Ou não repondo por mim. – Seu tom era exigente e não parecia admitir nenhuma recusa. A mão grande deslizou em minha coxa devagar, para cima.

Eu fiquei dura, imobilizada, tesão me consumindo como uma onda quente.

O garçom voltou com a cerveja e a abriu, servindo três copos. Eu respirei

fundo e tirei os olhos de Pedro. Percebi que ele continuava fixo em mim, assim como Heitor. Como se me encurralassem ali e apenas esperassem o momento certo de atacar.

O desejo latejava em meu interior. E ao mesmo tempo eu senti, como sempre, aquela mistura de sensações que me engolfava sempre que eu estava prestes a transar. O corpo inflamava e se consumia em lascívia, pedia, exigia uma satisfação quase que imediata. Mas uma parte minha parecia se retrair e observava de longe, com

certa repulsa. Repulsa do ato em si, que eu cometeria como uma dependente, e também de mim mesma, por precisar daquilo. Quando eu devia só odiar.

O garçom se afastou e todos nós pegamos nosso copo. Heitor olhou-nos e ergueu o seu:

- Vamos brindar.

- A que? — Indaguei, em expectativa dolorosa.

- Ao trio que se forma hoje. E aos prazeres possíveis. — Pedro emendou, sem vacilar.

Eu mordi os lábios. Heitor se

aproximou um pouco mais e sorriu, dizendo mais baixo:

- A Lara Maria ainda não concordou com o trio.

- Ela vai concordar, irmão. – Pedro olhou-me com uma certeza que chegava a ser arrogante, mas ao mesmo tempo o fazia decididamente sexy.

- Você vai concordar, Lara Maria? – Heitor me fitou.

Sorri, disfarçando que eu já ansiava muito por aquilo. Bati meu copo nos deles e brindei:

- À nossa amizade e aos prazeres

que uma amizade traz.

O sorriso de Heitor se ampliou.
Pedro franziu o cenho para mim.

- Dizer “não” vai ser uma
declaração de guerra ao meu irmão,
Lara.

As palavras de Heitor me
fizeram dar uma risada e encarei Pedro,
enquanto tomava minha cerveja. Ele era
lindo, mas de cara amarrada parecia
mau, machão, capaz de tudo. Meu tesão
se expandiu e me recostei na cadeira,
sem me assustar, apenas me sentindo
mais sensual e poderosa.

- Você é uma provocadora. –

Pedro reclamou e deu uma grande golada em sua bebida, deixando o copo sobre a mesa. A mão subiu perigosamente perto da minha virilha e lutei para conter um arquejo, ardendo quando seus olhos azulados, quase cinzas naquela parca luz, desceram até minha boca.

Pedro se aproximou e eu soube que ia me encurralar ali naquele canto da parede e me beijar. Heitor olhava, quieto, compenetrado, duro. E mesmo sabendo que eu poderia evitar, fugir, me

levantar, eu lambi os lábios, sedenta, meus sentidos exaltados, paralisada enquanto ele erguia a outra mão e agarrava com firmeza meu rabo-de-cavalo e dizia já perto da minha boca:

- Chega de brincadeira, morena.

E me beijou. Não foi doce e terno como Heitor, não me saboreou ou conheceu. Ele tomou. Tomou meus lábios, minha língua, minha saliva. Invadiu-me como se eu já fosse dele, tão possessivo e quente que eu perdi o controle sobre mim mesma e amparei a cabeça na parede atrás, deixando que

fizesse o que quisesse comigo. E Pedro fez, inclinando a cabeça, sua boca se movendo agressiva e gostosa sobre a minha, fazendo-me chupar sua língua, buscá-lo com a mesma fome, me inebriar com seu sabor. E como era gostoso! Picante, quente, delicioso, viciante. Eu queria mais e mais ... Muito mais.

Seus dedos apertaram minha carne na coxa, seu peito esmagou meus seios, ele arrebatou e saqueou minha boca sem qualquer reserva, sem se importar por estarmos em um lugar

público e com seu irmão ao lado. E eu pouco me importei também. Eu ergui a mão e levei-a a sua nuca, sentindo os cabelos densos, macios e espetados naquele corte curto, trazendo-o mais para mim, gemendo em sua boca esfomeada, abandonada.

Minha vagina latejava, fervia, doía. Tive vontade também de sentir, de alguma forma, Heitor, de ter sua mão e sua boca sobre mim, de infiltrar meus dedos também em seus cabelos, mais escuros e longos do que os de Pedro. Eu ardi e fui devorada em chamas de tesão

e de necessidade, ansiando saber como seria ter dois homens ao mesmo tempo. Dois irmãos lindos, tão diferentes e ao mesmo tempo tão completos juntos. Arfei alucinada, beijei apaixonada, toquei necessitada e desejei estonteada.

Eu queria. Queria ser fodida por eles, por um e outro, por ambos. Queria chupá-los, ser chupada, ser adorada e maltratada. Queria seus dedos em minha pele, seus paus em meus orifícios, suas línguas em minha boca. Queria tudo e muito mais, tudo, até que meu corpo desabasse exausto e aquela carência

viciante quase sumisse, que aquela tristeza que me consumia se perdesse em meio ao cansaço físico, à exaustão mental, ao desabar que com certeza dois homens como eles me fariam sentir. Precisava que tirassem de mim o que eu tinha e não tinha para dar e deixassem no lugar apenas alívio.

Agarrei Pedro e gemi, maravilhada com seu beijo, com seu gosto, com seu cheiro, com sua maneira decidida de me tomar. Movi minha língua contra a dele, mordi seu lábio, retribuí e pedi por mais. Ele arquejou,

excitado, vindo com mais paixão, como se estivesse também descontrolado. Beijou-me tanto, mas tanto, que não sabia mais o que era meu e dele naquele beijo quente e faminto, um segurando a cabeça do outro, como a garantir que nada afastaria nossas bocas.

Por fim, foi ele quem parou. Não me soltou, apenas deixou os lábios nos meus e respirou fundo. Ficamos assim, até que consegui abrir minhas pálpebras pesadas e me deparei com dois poços azuis tempestuosos e ardentes, ferozmente fixos nos meus. Descolou os

lábios apenas o suficiente para murmurar:

- Estou à beira de fazer uma loucura aqui mesmo. Vamos sair.

Eu queria. Precisava sair sim e ser devorada antes que não suportasse toda aquela pressão, toda a luxúria que já me comia viva. Seu beijo tinha piorado tudo, me deixado à beira da necessidade. Mas algo, bem lá no fundo de mim, ainda doía quietinho. Sabia que tinha que me livrar daquilo, esquecer um pouco, ser livre para sair dali sem resquícios de dor. E então poder me dar

a eles e buscar o total esquecimento, pelo menos por um tempo.

- Quero dançar primeiro, garanhão. – Não sei como consegui falar e resistir, escapando um pouco, empurrando-o numa leve brincadeira.

Pedro se invocou e não se afastou, como uma muralha. Cerrou o maxilar, puto com o desejo que eu o deixava passar, a ponto de me fazer pensar que me arrastaria dali para o primeiro buraco onde pudesse arrancar a minha calcinha e me comer. Era isso que seus olhos e sua irritação me

diziam. Mas, surpreendentemente, me largou de uma vez e se acomodou em sua cadeira, agarrando seu copo e acabando com a cerveja, a cara emburrada, uma veia saltando em seu pescoço.

Meus olhos encontraram os de Heitor, completamente concentrados em mim. Eram escuros, profundos, marcados por sobrelanceiras negras. Incrivelmente sedutores, quentes, ao deslizar por minha boca entreaberta e inchada dos beijos vorazes do seu irmão, passando por meus traços até

encontrarem meus olhos. Não havia calma ali. Estavam afiados, fortes, pecaminosos.

Eu soube que estava perdida quando quis desesperadamente que me beijasse também. Isso só me deu a certeza de como eu podia ser vulgar e suja, nem me preocupando que estávamos em um lugar público. Meu corpo parecia compulsivo, pedindo mais e mais, as energias se concentrando, os hormônios gritando, tudo fervendo e bulindo perigosamente.

Tentei me recuperar. Peguei meu

copo, tomei a cerveja gelada, senti que ambos me olhavam e que era melhor parar com o teatro e fazer logo o que eu queria. Sexo com eles. Logo. Antes que eu explodisse ali mesmo.

Precisava de alívio. Meu estado era cada vez mais descontrolado e, como sempre, foi a música que me salvou. Não a cantei dentro de mim, mas quando começou a tocar “*Girl, You’ll Be A Woman Soon*”, de Urge Overkill, extremamente sensual como eu me sentia, eu me levantei sem nem ao menos pensar direito sobre o que fazia,

avisando-os:

- Vou dançar.

- Vai dançar comigo. – Pedro me surpreendeu ao se levantar e agarrar meu pulso, ainda puto e cheio de tesão. Olhei meio confusa para Heitor, mas ele só observou enquanto seu irmão praticamente me arrastava para a pista de dança.

No meio das pessoas e das luzes fortes e enlouquecidas que giravam para todo lado, Pedro me puxou para seus braços com força e me colocou a ele, segurando-me tão firme contra seus

músculos que eu podia sentir a dureza de cada um, assim como a coluna longa e grossa do seu pau pressionada em meu baixo ventre. Seus olhos cravaram nos meus, suas mãos se espalmaram em meu pescoço e minhas costas e nunca me senti tão de alguém, com tanta vontade de ser dominada.

Movemos-nos ao som sensual da música, praticamente nos esfregando. Eu ardi e fui corrompida pelo tesão absurdo, mordendo meu lábio, ondulando junto com ele, enfiando meus dedos em seu cabelo na nuca. Não

tiramos os olhos um do outro e foi como trepar ali na pista, sem tirar a roupa, sem penetração. Mas seu pau estava lá em mim, assim como seus olhos, eu e Pedro em pura lascívia, lentamente de um lado para outro, mas sem desgrudarmos.

Fiquei completamente na dele, tremendo e fervendo, tendo mil pensamentos pervertidos, a respiração agitada, o coração batendo mais forte do que um cavalo de corrida, cada parte minha pedindo por mais.

Colei mais meus seios em seu

peito largo e forte, olhei sua boca ansiosa para beijá-lo de novo. E quando fui fazê-lo, surpreendi-me com seu tom bruto e autoritário:

- Dance.

Eu parei um instante, mas ele me fez mover para um lado e para outro, quase rosnando:

- Não queria dançar? Então dance logo e então vamos sair daqui. Sem mais provocações, Lara. Não sou um homem paciente.

Sua irritação sexual acabou me divertindo e foi aí que quis provocá-lo

ainda mais. Não o beijei, mas sorri libidinosamente, devassando-o com um olhar faminto, passando a me esfregar nele sinuosamente, descendo um pouco o corpo de modo que rocei seu pau até que ele pressionasse minha barriga à altura do estômago, minhas mãos deslizando de sua nuca para os ombros e peito, maravilhando-me como era musculoso, duro, grande.

- Porra ... – Ele murmurou furiosamente quando baixei os olhos bem para a altura do seu pau entre nossos corpos e depois subi de novo, o

corpo e o olhar, passando-o por seu queixo, indo dizer perto da sua boca:

- Essa música me deixa cheia de tesão ...

E antes que pudesse fazer algo, eu girava em seus braços e colava a bunda em seu pau, rebolando contra ele enquanto Pedro fechava uma mão grande em minha garganta, a outra em minha cintura, dizendo em meu ouvido:

- Você é uma descarada. Precisa de uma surra para aprender a se comportar.

- Vou adorar ser castigada por

você, garanhão. – E aquilo terminou de me descontrolar de vez. Gemi e fechei os olhos, deixei que esfregasse o pau para cima e para baixo na minha bunda, sem exageros, como se dançássemos, mas extremamente pornográficos. Nem liguei se olhavam pra gente. Pedro rosnou em meu ouvido, quase fora de si, mordendo a ponta da orelha.

Meu corpo era uma massa ferosa e maleável. E então, justo naquele momento, a música acabou. O som sensual e meio que faroeste antigo foi substituído por uma batida mais jovial e

animada.

- Vamos sair daqui.

Tonteei quando Pedro me soltou e agarrou minha mão. Íamos sair da pista enquanto a voz de Pharrel Williams começava a cantar “Happy” alegremente. Mas para nossa surpresa, Heitor já estava ali, alto e moreno, olhos ardendo, mas um sorriso nos lábios ao agarrar minha outra mão e dizer a Pedro:

- Essa é minha.

Mesmo cheio de tesão, como se fosse me jogar nos ombros e sair dali comigo para a primeira cama, Pedro me

soltou. E apenas observou quando Heitor me puxou para a pista e me fez girar repentinamente, puxando-me para seus braços e logo depois me fazendo girar de novo.

Eu ri, surpresa, golpeada pela alegria contagiante da música e por ele ser um excelente dançarino, movendo-se ao som gostoso, jogando-me de um lado para outro, até que nós dois ríamos e parte daquele tesão virava uma felicidade inexplicável. Sacudi-me também, mexi a cabeça, fui com as mãos nas dele de um lado para outro.

Pedro estava parado nos olhando e ri para ele. Seu semblante duro se suavizou e eu senti que me admirava, acompanhando cada gesto e rodopio meu. Heitor me colava em si, depois me girava para longe e puxava de novo, ambos no mesmo ritmo, eu impressionada de como um homem com quase um metro e noventa como ele, forte, tinha tanto molejo.

Foi incrível, mas eu me senti tão bem, tão livre, tão solta, que ri. Ri de verdade, algo pareceu se soltar dentro de mim e me dar trégua, me fazer só

relaxar e aproveitar. A tensão e tudo aquilo que me esmagava há dias cedeu naquele instante e eu só aproveitei, deixando a música e a alegria me enfeitiçarem e fazerem sua magia. Uma parte minha se impressionou de como Heitor parecia saber sempre uma maneira de me aliviar, talvez sem se dar conta.

Ao mesmo tempo, Pedro ali parecia completar tudo, com sua sensualidade latente que despertava a minha, como se eu juntasse prazer e felicidade em um só pacote e pudesse

usufruir de ambos. Quando Heitor me girou e soltou temporariamente, eu me requebrei ao som da música e voltei me sacudindo na frente dele, que também dançava e se divertia. Então rodopiei e fui me mexer na frente de Pedro, que não tirava os olhos de mim.

A música terminou e outra do mesmo cantor foi emendada, “*Get Lucky*”, num ritmo contagiante de discoteca, que estava fazendo muito sucesso nas rádios. Sacudi a cabeça e sorri para ele, maravilhada ao ver como as luzes coloridas pareciam reluzir nos

olhos dele, que tinham um brilho diferente, sem a dureza de antes.

Provocante e realmente animada, passei as mãos em seu peito e disse baixinho:

- Dance com a gente ...

E foi outra surpresa, pois agarrou meu pulso e girou meu braço, fazendo-me rodar sobre mim mesma. Quando se moveu, vi que dançava tão bem como Heitor, um pouco mais contido, mas sabendo o que fazia. Ri com gosto e então nós três fomos completamente contagiados pela alegria

da música.

Heitor me puxou e dançamos juntos, só para me rodopiar e ir parar nos braços de Pedro, que aproveitou para me colar no corpo e mover os quadris contra os meus, um sorriso meio de lado nos lábios, o desejo agora mais solto, mais livre, menos tenso.

E foi assim. Dancei com Pedro, dancei com Heitor, me sacudi sozinha. Suei e me dei naquela pista, ri e fui feliz como há muito tempo não acontecia. Ouvi a letra traduzida dentro de mim:

*“Como a lenda da Fênix
Tudo termina com começos
O que mantém o mundo girando
A força do começo*

*Chegamos longe demais
Para deixarmos de ser quem somos
Então vamos elevar o nível
E erguer nossos copos às estrelas(...)”*

E cantei alto o refrão:

- *“We’re up all night to get
Lucky”* (Nós estamos a fim de ter sorte
a noite toda).

Foi uma loucura. Quando cheguei ali com eles, pensei em beber, provocar, me incendiar, dançar sozinha ou coladinha com eles. Mas nunca imaginei me acabar daquele jeito na pista de dança, girando, caindo nos braços de um, de outro, sorrindo, vendo-os sorrir, algo nos ligando naquela felicidade, todos envolvidos de uma maneira diferente, além do desejo sexual apenas.

Era como se a sorte tivesse sido lançada e nós a tivéssemos agarrado e segurado entre nós, junto com outras

sensações ainda inexplicáveis. Eu não soube direito o que foi aquilo, mas me fez um bem tão grande, que me joguei de cabeça e aproveitei, tão delirante, tão animada, que era como se me tornasse outra mulher, livre e solta, feliz da vida.

Quando a música acabou e entrou outra, mais técnica e sem ritmo, eu parei, um pouco decepcionada, minha pele suada, sentindo meu rosto corado e minha respiração acelerada. Vi que Pedro e Heitor também estavam parados e as luzes passavam por eles. Ambos me olhavam.

Meu coração disparou, meu corpo pareceu galgar degraus de excitação em segundos e então Pedro já estava em cima de mim, agarrando meu pulso, dizendo rudemente perto do meu ouvido:

- Agora é que a diversão vai realmente começar.

E me puxou para fora da pista.

Eu fui, ainda rodopiando. Olhei para trás e, aliviada, vi que Heitor me seguia.

Soube que havia chegado a hora e estremeci de antecipação.

CAPÍTULO 8

LARA

Era loucura! Dentre tantas que fiz na vida, aquela era uma das maiores. Dois homens, dois amigos, dois irmãos. E eu lá, no meio deles, entrando naquela enorme e luxuosa suíte de Motel, que nem tive tempo de olhar direito. Eu já estava louca e fora de mim, decadente e espiralando, rodando, pronta para tudo. Em um caminho sem volta, como tantos que segui na minha vida.

Mas não foi possível ver a dimensão de tudo naquele instante. Eu estava no olho do furacão, arrebatada, imiscuída demais em sensações, desejos

e devassidão, em um ondular de sentidos tão grande que a razão acabava sendo empurrada para um canto, esquecida, esperando seu momento de surgir.

Eu sabia que Pedro seria o primeiro a me pegar. Ele só esperou Heitor bater a porta para caminhar decidido para mim com um olhar de molhar calcinha, demolidor, devorador, fixo. Eu só tive tempo de abrir a boca e sugar o ar antes que me agarrasse, me prendesse contra seu corpo, me tomasse em um beijo quente e delicioso, cheio de tesão. Não tive como escapar e quem

disse que eu queria? Eu já era engolida por ele e pelo desejo quase ensandecido que me golpeou. Havia começado e agora nada me seguraria. Por isso o agarrei de volta, gemi e o beijei com a mesma fome.

Explodi. Foi assim que me senti, explodindo, delirando, caindo. Mas me agarrei nele, me amparei em sua força, me dei naquele beijo que me incendiou e me alucinou, me deixou fora de mim mesma, além de qualquer controle. Gemi e gemi mais, como uma gata no cio, necessitada, premente, viciada naquele

gosto bom de homem, naquele cheiro inebriante que atacava meus sentidos.

Ao mesmo tempo, meu coração batia descompassado por que eu sabia que Heitor também estava ali. E mesmo sem olhar e sem escutar que ele se aproximava, eu senti. Os pelinhos do meu corpo se arrepiaram e nunca fui tão embalada pela expectativa sensual, antecipando o que seria ser tocada por dois homens ao mesmo tempo, ambos que eu desejava tanto. Era muito além de onde eu já tinha ido, do que eu me lembrava ter experimentado. E dentro de

mim eu soube que seria uma experiência única.

Estremeci violentamente quando senti a respiração de Heitor perto da minha nuca, bem presente atrás de mim. Somente suas mãos me tocaram, indo em meu cabelo, soltando-o, fazendo os cachos se esparramarem em minhas costas. Gemi contra a boca de Pedro, lambi sofregamente sua língua, senti seu corpo todo contra o meu, deixando-me desvairada. E então as mãos grandes de Heitor foram para minha cintura, enquanto sua boca roçava minha orelha

e a ponta de seu nariz sondava meu cheiro.

Era demais, até para mim. Eu me arrepiei da cabeça aos pés e fui varrida por emoções devastadoras, que pareciam me engolir viva. Heitor chupou devagarzinho o lóbulo da minha orelha e encostou o corpo no meu, seus dedos entrando sob a barra da blusa, se espalmando em minha pele que parecia ardida, mais sensível do que uma vez esteve.

Fiquei lá, entre ambos, tão eroticamente situada, tão atacada por

sensações enlouquecedoras, que meu corpo já parecia pronto, ansioso, ligado aos prazeres pecaminosos e diferentes que eu teria. Gemi quase dolorosamente e pensei que minhas pernas não aguentariam.

Como em sincronia, como se eles combinassem ou já se conhecessem tão bem que não precisassem mais de palavras, Pedro mordeu meu lábio e afastou um pouco a boca. Eu já ia suplicar por mais, no entanto Heitor me girava em seus braços e me colava em seu peito. Nossos olhares se chocaram,

pesados, luxuriosos, no mesmo segundo se ligando um ao outro. Foi rápido, pois ele já beijava minha boca inchada e úmida pelos beijos do seu irmão.

Sua língua lambeu a minha, penetrou meus lábios, seu gosto se misturou ao meu e ao de Pedro e aquilo, mais do que tudo, me golpeou como uma chicotada de prazer. Era como se nos tornássemos um só naquele momento, e para sempre, ambos se embrenhando no mais íntimo do meu ser, no mais profundo do meu âmago.

Eram beijos e gostos diferentes,

texturas e cheiros únicos. E mesmo sendo o segundo beijo que eu dava em cada um, eu já poderia reconhecer um e outro, não apenas pelo sabor, mas pelo jeito, pelo modo como Pedro parecia comer minha boca e invadir tudo, enquanto Heitor seduzia, tomava mais lento. E, no entanto, ambos estavam me abalando, me balançando, me derrubando naquela espiral de sedução da qual eu me sentia uma mera aprendiz, quando sabia bem que a realidade era outra.

Os lábios de Pedro eram mais

firmes e rudes, os de Heitor mais ternos e macios, as barbas roçando minha pele, as sensações todas parecendo me despertar de um sono do qual estive mergulhada. Ali já começou diferente, me fazendo esquecer e não lembrar, me fazendo mergulhar tanto em tudo que eu sentia, no que eles despertavam em mim, que tantas outras coisas foram empurradas para longe, esmagadas pelo momento, afastadas do meu ser.

Beijei e fui beijada por Heitor, arrebatada. Mas Pedro estava lá, afastando meu cabelo, mordendo minha

nuca, rosnando baixinho, roçando seu pau ereto na minha bunda. Senti dedos longos sob a blusa, nas minhas costas, na minha barriga, e ali não soube dizer de que mãos eram. Por que pensar estava se tornando uma tarefa difícil e eu só sentia e me dava, tentando me segurar na camisa de Heitor e não ser derrubada por tudo aquilo.

Todo o resto parecia dormir. O quarto silencioso, a cidade muda, nenhum som além de nossas respirações e gemidos entre aquelas paredes, como se um véu descesse sobre o mundo,

menos ali dentro. Ali nós ardíamos e sentíamos, mais vivos do que nunca, despertos, envolvidos pelo prazer.

As mãos ergueram minha blusa, que resvalou em minha pele para cima. Eu fui obrigada a largar a boca deliciosa de Heitor quando levantei os braços obedientemente e o tecido foi tirado por minha cabeça, meus cabelos caindo de volta em uma massa de cachos longos e desconexos.

Vi os olhos negros e famintos de Heitor, que já levava as mãos ao botão do meu jeans e o abria, tirando meu ar.

- Quero essa pele gostosa na minha boca ... – A voz áspera de Pedro raspou minha consciência embotada e eu o sentia abrir o fecho do sutiã nas costas, roçando a barba áspera no meu pescoço, arrepiando-me toda.

Parte do meu torpor despertou e foi como um baque. Eu me vi toda ali, bem real, presa entre ambos, minha boca ardendo e latejando, meu corpo exaltado, já além de mim. Heitor disse perto da minha boca:

- Dance com a gente, Lara Maria. Nua.

Estremeci tão violentamente que meu corpo ondulou. Não consegui atinar direito como seria aquilo, eu ainda estava um tanto chocada pelo modo que me deixavam excitada e impressionada, até mesmo comovida. A luxúria estava lá, mais forte do que eu podia acreditar, mas ia além. Ia tão além que eu parecia dopada por eles, por tudo que eu sentia.

A mulher decidida e dona de si que sempre tomava a iniciativa parecia se esconder atrás de uma timidez que não era minha. Por isso fiquei quieta, quase que perdida, enquanto eles

tiravam minha roupa. Seus olhos eram como chamas passando por meu corpo, o sutiã escorregando por meus braços, a calça sendo descida e parando em meus joelhos, só para a calcinha de juntar a ela. E depois sair junto com os sapatos, até que eu estava nua. Completamente nua, mais despida do que já estive um dia.

Eles me viam e, por um momento ínfimo, não me tocaram. Ali o silêncio foi cheio de significado, pois as palavras não precisavam se manifestar. Os olhares sim. Fazendo minha pele

arrepiar, cada canto meu latejar, o tremor se intensificar. E então aconteceu. Heitor tocou meu rosto e seus olhos consumiram os meus, cheios de desejo e admiração. As mãos de Pedro subiram por meus braços em uma carícia lenta, inesperada. Eu não fui atacada. Eu fui apreciada. E aquilo, mais do que tudo, me deixou perplexa, abalada, tocada.

- Dance ... – Pedro murmurou em meu ouvido e suas mãos chegaram em meus ombros, só para descerem por minhas costas, até contornarem a bunda

e a abrirem de leve. Encostou seu pau duro e longo dentro da calça no meio dela e seu tom ficou mais duro e exigente: - Rebole, morena linda.

Abri bem os olhos. As mãos de Heitor resvalaram minha pele para baixo, passaram sobre meus seios fazendo os mamilos intumescerem, deslizaram em minha barriga, seguindo até meus quadris. Flexionou um pouco os joelhos e veio tão perto, que encaixou o pau rígido e grande, dentro do jeans, sobre minha vulva macia, úmida, doída de necessidade. Cada fibra do meu ser

explodiu e foi como se um véu fosse arrancado dos meus olhos. Eu contive o ar, abruptamente nocauteada sobre onde eu estava, nua entre os dois, com suas ereções me pressionando, suas mãos em minha pele e tudo que me faziam sentir.

Enlouqueci de vez. Tesão e devassidão me engolfaram e arquejei, segurando os braços musculosos de Heitor, meu coração alucinado, a mulher fogosa e doida por sexo, dentro de mim, vindo à tona com tudo. E me dominando inexoravelmente.

- Eu danço ... – Murmurei, muito

rouca, muito quente, firmando bem meus pés no chão e movendo suavemente meu quadril em um rebolado sensual contra o sexo deles, meus olhos cravados nos de Heitor, um sorriso lento e pecaminoso surgindo em meus lábios. Encostei as costas no peito de Pedro, que na hora abriu ainda mais minha bunda. – Mesmo sem música. Só pra vocês. Do jeito que quiserem.

E os provoquei como eu sabia e queria fazer. Amparei a cabeça no ombro de Pedro, que cravou os dentes em meu pescoço e chupou duro,

enquanto eu ondulava bem devagar e me perdia na beleza morena de Heitor, que veio mais perto e mordeu meu lábio inferior, o sugou para dentro da boca.

Como era bom pecar e me dar, me entregar ao prazer que, para a maioria das pessoas, era proibido. Mas não para mim. Eu já era pecadora mesmo, já conhecia o inferno de perto. Não havia nada que pudesse me conter, me parar ou me impedir de desfrutar daquele prazer. O torpor e a surpresa do início tinham cedido e agora a depravação me consumia como se uma

droga fosse injetada em meu organismo e fiquei mais segura. Aquela Lara devassa eu conhecia. Com ela eu sabia lidar.

Não fechei os olhos, mantive-os bem abertos e fixos em Heitor, vendo quem me segurava pela frente e me deixava esfregar a boceta em seu pau. E quando ele se afastou o suficiente para descer o olhar por meus seios e corpo, até onde nos colávamos, eu fiquei mais enlouquecida ainda, flamejante, doente de necessidade. Abri a boca, gemi, virei o rosto em busca de Pedro e forcei a

bunda contra ele, que me olhou na hora, cheio de intensidade e tesão.

- Você é gostosa pra caralho ... –

Disse seco, no que respondi logo:

- Quero que repita isso quando estiver enfiando esse pau grande em mim. Mas primeiro, preciso deixar vocês nus.

- Ainda não, morena. Apenas rebole assim gostoso. Vamos cuidar de você.

Mas o fogo já me consumia e era mais do que eu podia suportar. Queria ser jogada na cama enorme ali perto, ser

fodida como uma cachorra por um e por outro, foder até cair exausta e morta para um lado, saciada como sempre era difícil de acontecer. Mas eram dois, talvez pudessem chegar perto e acabar comigo. Pelo menos com uma parte de mim.

Tornei-me mais exigente, rebolando e me esfregando nos paus deles, minhas unhas cravando-se nos bíceps musculosos de Heitor, impaciência e ferocidade me invadindo. Pensei em atacá-los e derrotá-los em um instante com um boquete bem dado, uma

chupada que os faria comerem na minha mão. Ou melhor, na minha boca.

Mas antes que eu pudesse agir, Pedro fez um movimento bruto de penetração atrás de mim, forçando-me para frente, enquanto Heitor fazia o mesmo. Fiquei imprensada entre eles da cintura para baixo, impedida de continuar me movendo ou de escapar. E gritei forte quando, como se combinassem perfeitamente, eles me atacaram com dentes e lábios, com bocas famintas.

Uma das mãos de Pedro agarrou

meu cabelo para o lado e para o alto, descobrindo minha nuca, mordendo-me ali sem dó, faminto, rosnando, chupando, tomando. Tesão desceu sem controle por minha espinha e se espalhou em meu corpo todo, ainda mais quando Heitor, praticamente ao mesmo tempo, abocanhava meu mamilo direito e o sugava firmemente para dentro da boca, em uma chupada que pareceu refletir bem no fundo da minha vagina, fazendo-a se molhar ainda mais.

- Ah, porra ... – Eu gemi descontrolada, banhada por sensações

licenciosas e perversas, vindo juntas, de lugares diferentes. E esse gemido só se alongou quando eles se moveram e me levaram junto em uma dança sensual para frente e para trás, girando lentamente, me forçando em um e em outro.

Pinguei de lascívia quando os membros foram para cima e para baixo, quando chuparam juntos, quando os dentes espalharam uma dor obscena e chocante em meu corpo. Eu não fugi, não lutei, eu me dei e fui com eles. E me perdi completamente em sensações

deliciosas, que me desnortearam um pouco.

Pedro desceu a boca mordendo minhas costas, cravando os dentes, chupando forte, me marcando e me fazendo delirar. Heitor foi ao outro seio e o sugou tão feroz que tudo no meu ventre se contraiu, se fundiu e eu ergui as mãos e as enfiei naqueles cabelos fartos e escuros, que se espalharam vivos entre meus dedos.

- Ah, mais ... mais ... – Pedi já em estado de delírio, atacada, saboreada, ensandecida, não

conseguindo ficar parada entre eles.

E Pedro já caía de joelhos atrás de mim, apertando e mordendo minha bunda, emitindo num amolar raivoso:

- Que bunda linda! Puta merda, vou comer muito essa bunda, morena ...

- Ah, por favor ... eu quero ... –
Pedi.

- Vou comer. Com minha boca e com meu pau.

Choraminguei quando me deu uma mordida e tanto na parte carnuda ao lado do meu ânus e Heitor soltou meu mamilo, passando a barba sobre meus

seios sensíveis, espalhando beijos em minha pele. Dedos apertavam-me, bocas beijavam e mordiam e eu ondulava, ficando fora de mim, ansiando por mais, precisando de um alívio para aquelas ondas desvairadas de puro tesão que me transpassavam.

Mas nada me preparou para o que fizeram depois. Heitor caiu de joelhos à minha frente, dizendo num tom autoritário que me pegou desprevenida:

- Segure nos meus ombros e apoie o pé na minha coxa. – E já levantava uma de minhas pernas, só me

restando segurar nele mesmo, ou cairia. Ele estava com um joelho no chão e o outro dobrado, de modo que meu pé se firmou em sua coxa e isso me fez ficar mais aberta para o que ele queria.

Vi seu olhar intenso e cheio de paixão cravando-se na minha boceta e isso me deixou mais doida. Ele gemeu baixo:

- Porra ... Depiladinha ...

Eu não tinha pelos, tirava tudo, era lisa e macia e tinha a boceta carnuda, polpuda. Isso o deixou ainda mais excitado e Pedro resmungou atrás

de mim, abrindo minha bunda com as duas mãos:

- Caralho, tenho que ver isso.

- Vai ver, irmão. Mas primeiro ...

– Heitor segurou firme meu quadril e veio para frente, erguendo os olhos para mim, lambendo os lábios devagar, um ar depredador em sua expressão. – Vou sentir seu gosto, Lara Maria.

Eu queria e minhas pernas tremeram sem controle. Miei como uma gata no cio quando, sem tirar os olhos dele, senti a ponta do seu nariz afilado passando em minha carne tenra ao me

cheirar, suas mãos escorregando um pouco para baixo, os polegares me abrindo. E sua língua, bem devagarzinho, foi rodear meu clitóris.

- Ah ... – Delirei, pois um calor ser espalhou violento naquele local e o sangue bombeou, fazendo meu clitóris latejar. Mas era apenas o início da tortura, pois a língua macia e úmida de Pedro lambeu deliciosamente meu ânus.

Eu gritei e joguei a cabeça para trás, meus olhos arregalados para o teto, um prazer sem igual descendo como raio por meu corpo, explodindo em meu

ventre, subindo pela coluna, queimando, ardendo, disseminando. E então enlouqueci. Baixei de novo a cabeça, vi como Heitor lambia em volta do clitóris sem ir direto nele, virei para trás e vi a mão grande de Pedro enterrada em minha carne redonda, senti como lambia bem no meu centro e me enchia de saliva, enquanto eu me melava toda, a boceta latejando, palpitando, fervendo.

Agarrei o cabelo de Heitor com uma mão e a outra foi para trás, sobre o cabelo mais curto e arrepiado de Pedro, tentei não desabar, tentei pensar, mas só

consegui me abrir mais, me empinar e suplicar agoniada:

- Ai, me chupa mais ... que delícia ...

E então a boca de Heitor se fechava firme em meu clitóris e o sugava lentamente para dentro, inchando-o, queimando-o tanto que, juntamente com a língua de Pedro trabalhando em meu ânus, eu me perdi de vez e comecei a choramingar e gemer, temendo cair, um calor abrasador me incendiando, o corpo oscilando em um prazer tão fenomenal que me pegou desprevenida.

Por um momento, fiquei totalmente além de mim mesma, dopada, eletrizada, apenas sentindo como me chupavam e lambiam, como me saboreavam como se eu fosse um prato principal. E então a língua de Heitor descia entre os lábios da minha boceta e tomava a lubrificação viscosa e grossa que escorria de dentro de mim, lambendo tudo, penetrando, sugando. Meu gemido virou um gritinho alucinado, eu quase despenquei, mas continuei firme agarrada nos cabelos deles, ondulando, palpitando, jorrando

mais de mim para ser chupado.

Nunca foi daquele jeito. Eu já tinha sido chupada e fodida, já tinha feito de tudo numa cama, mas nunca um prazer tão aterrador me tonteou daquele jeito, a ponto de me fazer ficar perdida, surpresa, mais excitada do que já fiquei um dia. Era delicioso, pecaminoso, viciante. Minha mente girava, meu corpo respondia desamparado, fascinado.

- Porra, mas que boceta gostosa ... – Heitor afastou a boca e esfregou o rosto e a barba em minha barriga, meu púbis, espalhando beijos suaves, seus

olhos fechados, certa adoração em seus gestos.

- Esse cuzinho também é uma delícia. Mas vem cá, morena, me dá essa boceta. – A voz de Pedro era pura ordem, rascante, dominando-me mais.

Eu mal pude reagir. Eles pareciam saber muito mais o que fazer do que eu, me deixavam perdida, me controlavam sem esforço. Eram tão cúmplices, que simplesmente pareciam antecipar o movimento um do outro. Ou talvez já tivessem feito tanto aquilo, que já sabiam como agir e do que o outro

gostava. Eu não sabia. Meu raciocínio era lento e pesado, eu me sentia uma estranha ali, golpeada sem nem ao menos saber como, naufragada em desejos que iam além do que eu já tinha provado.

Por isso, surpreendi-me quando se levantaram e me viraram bruscamente. Heitor me abraçou por trás e beijou meu pescoço, disse com uma voz quente e terna que me sacudiu por dentro:

- Vem comigo. Deixe meu irmão saber como sua bocetinha é doce e

gostosa.

E me puxou para trás. Eu fui, meus olhos encontrando os azuis ferozes de Pedro, que andou em minha direção como algum felino perigoso, sua mandíbula dura e marcada, sua expressão de fome e decisão, deixando-me arrepiada da cabeça aos pés.

Uma parte minha percebeu que eu estava daquele jeito e nem ao menos eles tinham ficado nus. Imaginava como seria quando fosse pele contra pele.

Mas Heitor já sentava na beira da cama e me acomodava em seu colo,

de costas para ele, minha bunda direto em seu pau dentro do jeans. Em segundos seus braços iam sob meus joelhos e os arreganhava para os lados sobre suas coxas. Eu me apoiei em seu peito, olhos arregalados, lábios entreabertos, sem poder deixar de olhar para Pedro, que parou alto e forte na minha frente, apreciando-me toda, sua voz saindo baixa:

- Morena linda pra caralho ...
Deixa um homem doido.

- Dois homens doidos. – A voz de Heitor saiu quente contra meu

pescoço, onde afastava o cabelo e espalhava beijos, sua boca e sua barba me arrepiando toda, fazendo meus mamilos enrijecerem.

Pedro olhou para eles e suas pupilas dilataram. Ajoelhou-se entre as minhas pernas e as de Heitor e suas mãos foram aos meus seios, tocando-os, acariciando-os, seus olhos encontrando duramente os meus.

Eu estalei. Gemi e rebolei contra o pau duro de Heitor, toda aberta e oferecida, sentindo as mãos dele passando entre as minhas coxas,

arranhando-me de leve. Percebi que suas mãos eram mais ásperas e mais pesadas que as de Pedro, as deste mais elegantes, com palmas mais macias.

E então Pedro erguia um pouco meus seios, juntando-os, sua boca faminta indo em um mamilo, chupando-o com força, os dedos massageando minha carne redonda.

Minha boceta se convulsionou e eu arquejei, delirei, passei a me mover ansiosamente entre eles. A boca de Heitor subiu por minha orelha, ele disse baixinho em meu ouvido:

- Não tenha pressa, Lara Maria. Apenas sinta. Sinta como uma mulher pode ser adorada por dois homens. – Seus dedos passaram dos meus joelhos até a virilha, pelos lados internos das coxas, cravando-se então em meu quadril, segurando-me ali e roçando bem devagar o pau em minha bunda. – Depois vai fazer o que quiser comigo e com meu irmão. Mas primeiro vamos beijar, lambe e chupar você. Todinha.

- Ai, meu Deus ... – Choraminguei, escorrendo, minha boceta doendo de necessidade.

Pedro foi ao outro mamilo e o puxou com os dentes, gemendo em um rosnado, unindo tanto meus seios que passou a chupar um mamilo e depois outro, até os dois ficarem bicudos e tão duros que doíam, ardiam, deixando-me totalmente arrebatada. Enquanto isso Heitor tocava minha pele com sensualidade e lambia minha orelha.

- Por favor ... – Comecei a suplicar em agonia. – Me come ... me comam ...

Mas não, eles queriam acabar comigo, me torturar, me enlouquecer.

Heitor abriu ainda mais minhas pernas e as levantou um pouco, segurando-me arreganhada sob os joelhos. Pedro escorregou para baixo beijando minha barriga, descendo mais e mais, seus olhos abertos. Fiquei em expectativa, sem respirar, tremendo, despencada contra Heitor que me enlouquecia com suas lambidas lentas pelos labirintos da orelha.

Pedro parou com o rosto perto de minha boceta, olhando-a concentrado, duro, rígido. Então, quando veio com tudo, eu soube que acabaria comigo e

gritei antes mesmo que me abocanhasse. Sua boca tomou num assalto toda a minha boceta, chupando como se eu fosse uma fruta madura, uma manga, uma coisa deliciosa da qual ele não pudesse parar de saborear. Tudo dentro de mim explodiu com aquela chupada forte e dura, com os lábios e língua trabalhando em mim, metendo-se no meio da minha carne macia e molhada, sugando, mordendo, lambendo.

Gritei. Mas gritei de verdade, rouca, me movendo sem controle em sua boca, enquanto as mãos de Heitor

agarravam meus seios e giravam meus mamilos entre os dedos, apertando-os, dizendo contra meu ouvido:

- Eu entendo como Pedro está nesse momento, deliciado, viciado nessa bocetinha gostosa. Vamos chupar você até gozar, Lara Maria. Depois a brincadeira começa de verdade.

- Não ... — Arquejei em uma súplica, querendo dizer que eu não gozaria, que eu nunca gozava. Que meu corpo latejava e derramava lubrificação quente, que eu era louca por sexo e precisava daquilo como de alimento

para sobreviver, mas que sempre era o máximo que vinha de mim, por que eu não passava daquele ponto. Eu estava condicionada ao prazer, mas não ao gozo. Havia sempre um limite pra mim, inexplicável, autêntico.

Mas não consegui dizer nada. Não com Pedro me chupando daquele jeito, Heitor lambendo minha orelha e passando o pau na minha bunda, suas mãos beliscando meus mamilos. Eu delirava em um prazer apavorante e perverso, em um universo reconhecidamente obsceno, mas de certo

modo desconhecido para mim em tal intensidade.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu os mantive bem abertos, vendo como Pedro me chupava gostoso, sem poder entender tanta emoção ao mesmo tempo, tantas reações do meu corpo. Não aguentei e segurei a cabeça dele, rebolando, pedindo mais, pulsando como se houvesse um coração na minha vagina, tudo em mim ardendo, se tornando insuportavelmente intenso, arrebatador.

Era muita coisa para aguentar.

Eu rodava perdida, assustada, estranhamente dominada. Meus olhos ardiam e as lágrimas embaçavam a minha visão, dando uma noção do meu descontrole, da minha falta de racionalidade e da borda em que meus sentimentos se equilibravam precariamente, prontos para despencar.

E foi então que Pedro afastou a boca e eles agiram. Giraram-me e me deitaram na cama, onde desabei com olhos arregalados e coração pulsante, vendo-os vir sobre mim, um de cada lado ajoelhado na cama, Pedro subindo

para beijar minha boca e enterrar os dedos em meu cabelo, Heitor abrindo minhas coxas contra o colchão e chupando um dos lábios da boceta já inchada para dentro da boca, de forma dura e contínua. Gritei de novo, uma das minhas mãos foi na nuca de Pedro e me vi beijando-o em desespero, a outra mão se enterrou entre os cabelos de Heitor.

Não fechei os olhos, não pisquei, não respirei. Eu parecia a ponto de morrer e chegar a alguma espécie de paraíso, meu corpo todo exaltado e maravilhado, minha alma parecendo se

desprender, pressão chegando a alturas nunca antes atingidas. Beijei Pedro sofregamente, deliciada, gemendo quando Heitor foi para o outro lábio e chupou mais, depois me lambendo deliciosamente no meio da boceta.

Rios quentes e ondulantes desceram de mim. As lágrimas escorreram sem que eu me desse conta. Eu era um prato servido e apreciado por eles. Heitor espalhou mordidas pelo interior da minha coxa até o joelho e dali de volta, para fazer o mesmo do outro lado. Arrepios eriçaram minha

pele. Pedro mordiscou meu queixo, lambeu minha garganta, desceu até mamar no meu mamilo esquerdo, forte, tirando-me o ar.

Heitor subiu a boca por minha barriga, me arranhou com a barba negra, até agarrar o mamilo direito com os dentes e depois chupar forte também. Eu olhei arrebatada suas cabeças em meu peito, uma loira e uma morena, senti as bocas quentes que espalhavam pontadas de um prazer agonizante na minha carne e os dedos que desciam por meu corpo, na barriga e na coxa. Não sei quem abriu

mais minha boceta e me masturbou. Não sei qual continuou deslizando a mão em minha pele que fervia.

- Ai ... Por favor ... – Eu estava alucinada e minhas mãos correram em suas cabeças e costas, eu agarrei suas camisas e puxei, agoniada, precisando de mais, de algum alívio, de algum pau dentro de mim, me enchendo, saciando aquela fome doentia que me arrastava em um turbilhão.

Sacudi-me entre eles, mas estavam no controle, sem pressa, sem desespero. Heitor subiu e me olhou de

modo penetrante, segurando meu rosto, mordendo meus lábios. Pedro desceu e voltou na minha boceta, chupando-a bem gostoso, fazendo-me derramar mais lágrimas sem nem me dar conta. Agarrei-me nos cabelos de Heitor, choraminguei enquanto o beijava com aflição e tesão, enquanto ele apertava dolorosa e deliciosamente meu mamilo.

E não me deram trégua. Em sincronia, um subia e outro descia. Lambiam minha orelha, meu pescoço, meus ombros e braços, minhas palmas. Então chupavam meus seios juntos, cada

um de um lado, só para um deles escorregar a boca por minha barriga, coxa, joelho, panturrilha. E o outro agarrar meu clitóris entre os lábios e sugar firme.

Eu já estava completamente abismada e fora de mim, chorando, me contorcendo, buscando-os. Tentei levantar, atacá-los, despi-los. Mas me jogavam na cama de novo, beijavam minha boca e meu corpo, a ponto de me enlouquecer tanto que comecei a suplicar e lutar, sem poder aguentar a pressão terrível e as sensações

ensandecidas. Mas antes que eu pudesse fazer algo mais, me viravam de lado na cama e erguiam minha coxa.

Pedro abocanhou minha boceta e chupou duro e firme. Heitor abriu minha bunda e lambeu meu ânus, penetrando-o continuamente com a ponta da língua. Ondulei, minhas mãos tatearam cegamente por eles, vi nossos reflexos nos espelhos espalhados pelas paredes e teto do quarto, eu nua e suada, arquejante, cabelos espalhados, aqueles dois homens completamente vestidos com as cabeças enterradas entre minhas

coxas e bunda, suas línguas e lábios trabalhando com maestria, com paixão, comendo-me com uma fome masculina e vigorosa.

Gritei, chocada. E então uma onda quente e pura, delirante, explodiu em meu sexo e ventre, espalhou-se por meu corpo, como uma labareda incontrollável, fazendo-me pulsar, palpitar, me contrair e derramar lágrimas de puro descontrole. Vi como me estiquei e me quebrei, como meu rosto se contorceu, como meus olhos se abriram apavorados e sem controle

nenhum do que acontecia. Minhas pernas tremeram sem que eu pudesse impedir, lamentos saíram da minha garganta e ecoaram no quarto, eu me sacudi inteira, não por que quisesse, mas por que era mais forte do que eu, completamente devorador, uma força poderosa e extasiante.

Agarrei-me ao lençol e, mesmo deitada, busquei apoio. Eu caía vertiginosamente, minha mente rodava, tudo se apertava e explodia, latejava, aquecia. Então desmoronei, sem forças, a respiração entrecortada, o coração

parecendo a ponto de sair do peito, um cansaço como nunca senti me dopando, deixando-me lânguida.

Heitor parou. Pedro parou. Eles sentaram-se na cama, olhando fixamente para mim. Eu caí sobre minhas costas, as pernas escorregando fracas para baixo, perdida e assustada. Fitei os olhos azuis claros de Pedro, sua expressão de força e poder puramente viril. Olhei nos olhos negros de Heitor, brilhantes e densos, sua expressão em um sorriso sensual.

- O que ... o que foi isso? –

Balbuçiei, meus olhos indo de um para outro.

Heitor franziu a sobrancelha, um tanto curioso. Pedro riu.

- Isso o quê, Morena?

- Isso ... O que aconteceu? O que fizeram?

Eu sentia certo pânico. Estava perdida, em um terreno desconhecido, quando eu tentava sempre manter certo controle sobre mim mesma. Meu corpo formigava todo, meus membros estavam lentos e pesados, minha vagina ainda palpitava sem que eu pudesse impedir,

quente, cremosa, inchada.

- Você gozou. – Pedro informou e então foi a vez dele ficar bem sério e me encarar de modo penetrante.

- Eu não ... – Calei-me, agora completamente surpresa, entreabrindo os lábios.

- É a primeira vez que você goza, Lara Maria?

A voz profunda de Heitor me despertou do choque. Mordi os lábios. Quase chorei. Quase. Contive-me a tempo, lutei contra os sentimentos que me engolfaram e golpearam. Consegui

reagir, escorreguei o corpo para trás, sentei e me recostei contra a cabeceira da cama. Sem saber por que, senti vergonha. Ergui os joelhos e os abracei, escondendo um pouco minha nudez, me encolhendo, mas sem deixar e olhar para um e depois para outro, continuamente.

Eles nem ao menos piscavam. Observavam-me com uma atenção que me desestabilizou mais e me deu um medo quase aterrador. Minha mente rodava, buscava uma resposta, uma saída. E então, em choque, dei-me conta que eles tinham razão. Eu tinha acabado

de gozar. Pela primeira vez na vida.

Imagens fugazes passaram por minha mente. As tantas e tantas vezes que fui tocada, beijada, lambida, chupada, fodida. Os abusos que sofri e os que busquei, aos quais me submeti. Eu comecei assim, eu aprendi assim. Os homens a quem busquei, a dor e o prazer, o vício de ter algo me enchendo, fosse um pau, uma língua, um dedo ou um objeto. Eu precisava de sexo. Era uma necessidade. Mas era também um castigo, uma vergonha, uma prova da minha imoralidade.

Por isso eu estava ali no Motel com dois homens. Mesmo depois de ter saído de Belo Horizonte arrasada, disposta a ter paz em uma cidade pacata, em passar despercebida, eu não dei nem dois dias para me esfregar nos irmãos Falcão e pular na cama com eles. Que eu era baixa, vulgar e ordinária era fato para mim. Por isso estava ali. Era o que eu conhecia, era meu costume. E o que vinha fazendo há anos, desde que fui viciada naquilo e que entendi meus pecados, minha culpa.

Mas o que era conhecido

acabava ali. Orgasmo nunca entrou na história. Por que, mesmo enquanto eu me resfolegava com um homem e minha vagina pingava de tesão, o nojo estava lá, enterrado no fundo. Nojo de mim mesma, de quem me tocava, do que eu fazia. Nojo em querer repetir, sempre e mais, de substituir minhas dores e lembranças, de comprovar do que eu era capaz. Por isso eu sabia que não gozava e já tinha entendido que aquilo não era para mim. Não era merecido.

E agora ...

Olhei-os, ainda completamente

vestidos. No quarto silencioso, eles me olhavam de volta, perturbados, pensativos. Na certa, surpresos e se indagando por que eu nunca tinha tido um orgasmo. Era o que eu mesma fazia. Por que agora, sem nem ao menos ser penetrada? Por que nenhum outro homem conseguiu aquilo?

Tentei entender, abalada. Sim, eu os desejava. Eram lindos, másculos, experientes. Seria isso? Seria o fato de terem sido dois homens e não um o que me fez gozar? Se eu tivesse ido antes para a cama com dois homens, eu

gozaria? Quaisquer que fossem eles? Ou aquilo foi resultado de pura perícia sexual de Pedro e Heitor?

Fitava-os ainda assustada, sem entender. Por um momento, voltei ao tempo, as imagens invadindo minha mente, estremecendo meu corpo, apertando minha garganta. Um soluço involuntário rompeu em meus lábios e me vi, ainda criança, com “Ele” me colocando na lancha com seu amigo, me levando para longe, enquanto minha mãe e minha família brincavam na areia da praia. Eram dois. Eu fui com eles. Eu

sabia o que ia acontecer. Eu vi nos olhos deles. Eu voltei. Mas nunca me lembrei o que aconteceu entre uma coisa e outra, naquele percurso. Minha mente bloqueou e apagou o fato. Eu só lembro da ida e da volta. Essas poucas imagens, ainda hoje, fazem meu corpo tremer, meu coração disparar, minhas mãos suarem. Eu me esforço, eu tento....eu sempre tentei me lembrar. Aquele homem velho sentado, sorrindo, no banco lateral da lancha e “Ele” dando partida no motor.... E mais nada. Só um branco, uma lacuna, uma dor...

Agora eu estava ali, olhando para eles, para dois homens, a dor no meu peito querendo sair em forma de palavras, de confissões, de súplicas, de lamentos. O medo me fazendo ser de novo uma criança, clamando por socorro. Será que até nisso “Ele” me viciou, me corrompeu, me destruiu? Eu me permiti estar ali, desejei como uma puta estar naquele lugar. Eu sempre fui uma safada, ordinária, vagabunda. Nada ia mudar minha essência, minha índole, meus instintos.

Senti um nojo tardio subir de

dentro de mim como bÍlis. Finalmente ele veio e eu me vi claramente ali, a puta que eu era. Percebi que, por um momento, Pedro e Heitor tinham me dominado tanto que eu havia parado de pensar, eu havia esquecido. Mas agora eu me recordava. Eu me via. Como percebia o risco de me mostrar demais a eles, de vacilar como nunca fiz.

Ter consciência de tudo aquilo foi bom, me deu o controle que eu precisava. Substituí a expressão assustada por um sorriso, escorreguei as pernas para baixo, recostei-me

sensualmente na cabeceira, me expondo sob o olhar deles. Então sorri e os admirei francamente, dizendo em tom baixo, cheio de sedução:

- Eu já tinha gozado, claro. Mas nunca assim. Vocês são mesmo dois garanhões, sabem agradar uma mulher. Mas agora ... – Inclinei-me para frente e me ajoelhei na cama, ficando de quatro, indo lentamente de gatinhas até eles. – Vou retribuir. E a festa vai realmente começar.

CAPÍTULO 9

PEDRO

Lara não me enganou nem por um

momento e nem precisei olhar para Heitor para saber que a ele também não. Era a primeira vez que ela gozava e isso ficou tão claro pelo seu susto e em seus olhos incrivelmente arregalados, que nada que disse depois foi o bastante para disfarçar.

Tentei, ainda que brevemente, analisar aquilo, entender como uma mulher sensual e provocante como ela nunca tinha tido um orgasmo. Como poderia nunca ter se rendido ao prazer quando era tão entregue numa relação? Minha cabeça dava voltas quando vi que

Lara engatinhava nua na cama, em minha direção, lambendo os lábios, com seus olhos brilhando como os de uma gata, cheios de promessa. Esqueci de qualquer pensamento racional, deixando o meu lado mais animal, que fazia meu pau quase estourar a calça de tão duro, aflorar mais uma vez, jogando minhas dúvidas para um outro momento.

- Vamos ver o que temos aqui ...
– Sua voz era ainda mais rouca ao levar a mão direita sobre meu pau e a esquerda sobre o de Heitor, sentindo-nos com os dedos, tateando o volume,

ronronando: - Com certeza a mamãe de vocês caprichou ... Além de lindos e gostosos, tão bem dotados assim ... Hum, que delícia ...

E com ar de safada, olhou-nos e se virou para mim, seus olhos batendo nos meus, fazendo algo dentro de mim se contorcer sem que eu pudesse atinar o que era aquilo. Havia em Lara uma coisa que me deixava como que suspenso, que mexia em algum nervo exposto. Achei que era muito tesão. Ou talvez fosse o fato de Heitor achar que ela tinha uma tristeza em sua vida, um

desespero, uma fragilidade, que agora eu parecia ver no fundo de suas íris. Ou talvez pelo modo como ficou após gozar, tão perdida. Eu não sabia. Era muita coisa naquela mulher. Muita coisa.

- Posso ver seu pau, Pedro Falcão? Posso saber como é seu corpo, seu cheiro, seu gosto? – E ainda de joelhos, veio até perto e enfiou os dedos em meu cabelo, enquanto eu a olhava bem duro e atento e isso a fazia estremecer de leve e velar os olhos para mim, indo beijar minha orelha e murmurar: - É você quem vai me foder

primeiro? Com esses olhos azuis cortantes e safados nos meus enquanto me come?

Meu coração bateu forte e eu senti o tesão me arrastar com sua sedução, com o modo que escorregava as mãos para baixo e abria os botões da minha camisa, enquanto lambia minha orelha. Não a toquei. Deixei que agisse, observei o que faria, embora minha vontade fosse de jogá-la naquela cama bem arreganhada e fodê-la com força, brutalmente, minhas mãos comichando, meu pau doendo de tão duro.

Ela abriu minha camisa toda e passou as unhas em meu peito e meu abdômen, sussurrando:

- Que gostoso ... Musculoso ... duro ... cheiroso ...

E seus dedos desceram, foram até minha calça, abrindo-a enquanto mordida meu pescoço e me arrepiava todo, roçando o seio em meu braço, seduzindo-me com sua feminilidade. Foi cuidadosa ao baixar o zíper, pois o jeans estava estufado com a ereção. Gemeu e subiu e desceu a mão em meu comprimento, até puxar a cueca para

baixo e agarrar meu pau com as duas mãos, conhecendo-me pelo tato, afastando-se o suficiente para olhar surpresa e excitada.

- Como é quente e grande! Um garanhão de verdade ... Lindo ...

Apreciou meu pau longo e grosso, seu toque a ponto de me enlouquecer, pressionando até o sangue se concentrar ali e torná-lo ainda mais rígido. Ergueu os olhos e sorriu para mim, lambendo os lábios polpudos, brincando com fogo. E era isso que Lara queria. Brincar, provocar, enlouquecer.

Por que me soltou e piscou maliciosa, sussurrando:

- Já volto para cuidar de você, Pedro Falcão.

Virou-se para Heitor e foi de joelhos até ele, jogando o cabelo para trás dos ombros, sabendo que meus olhos a acompanhariam, passariam por seu corpo lindo, sua bunda empinada em minha direção. Rosnei baixinho, cerrei os punhos, doido para atacá-la. Mas sua provocação, sua libertinagem me continha, eu queria saber o que faria, até onde iria, o que pretendia. Por isso não

me movi, fiquei lá com a camisa aberta, o pau ereto de fora, a ponta já com uma gota de lubrificação.

- Amo seu cabelo, Heitor ... – Disse baixinho para meu irmão, que também não havia se mexido e a olhava com intensidade. Eu o conhecia bem, sabia que juntamente com o tesão, sua mente estaria trabalhando e vendo mais do que aquela morena queria mostrar, pensando sobre seu gozo e tudo mais. Depois ele me diria, analisaria, pesaria tudo. Mas agora estava como eu, meio que encantado por ela.

Lara enfiou as mãos entre os cabelos dele e beijou suavemente seus lábios, só sondando, espalhando beijinhos ao longo do maxilar barbudo, tocando-o com desejo. Então, começou a abrir sua camisa, dizendo perto da orelha dele:

- Já senti que seu pau é tão grande e grosso como do seu irmão. Mas não deve ser claro e rosado como o dele, com aqueles pentelhos dourados. Não ... Aposto que é moreno como o resto de você, Heitor Falcão. Grande e moreno como você ... todo gostoso ...

Acariciava seu peito, fazia a camisa escorregar por seus braços, ronronava ao senti-lo:

- Um homem assim, musculoso, já seria bom demais ... Agora dois! Porra, hoje eu sou a mulher mais feliz e sortuda do mundo ... – Sorriu e então abriu a calça dele, um tanto ansiosa. Observando-a de longe, eu notei que não estava assim tão dona da situação. Sua respiração era agitada, ela tentava controlar o próprio tesão. Segurou o pau do meu irmão e o olhou, abrindo bem aqueles olhos dourados, lasciva: -

Lindo, enorme e moreno ... Ai ... Posso chupar?

E ergueu os olhos para ele, masturbando-o sensualmente, já lambendo os lábios e baixando a cabeça. De propósito se inclinou e empinou a bunda linda pra mim, mostrando-me seu ânus pequeno e sua vulva inchada, ainda melada de tanto que foi chupada e de seus líquidos.

- Porra ...

Cansei daquela brincadeira. Arranquei minha camisa e arremessei-a longe. Tirei da carteira alguns

preservativos e deixei na cama, sentando na beira para me livrar dos sapatos, meia, calça e cueca. Totalmente nu e excitado, voltei para onde Lara estava de quatro segurando o pau de Heitor e levando naquele momento a cabeça na boca, para lamber.

Ele estava imóvel, mas seus olhos ardiam concentrados nela. Uma de suas mãos baixou mais o jeans para lhe dar melhor acesso, a outra foi entre seu cabelo na nuca, sua expressão tornando-se mais dura, demonstrando seu prazer.

Eu segurei o pé de Lara e o

acaricieei, subindo por seu tornozelo e panturrilha, indo de joelhos atrás dela, excitado vendo tanto tesão nos dois, sentindo-o em mim. Minha outra mão percorreu suas costas macias, uma subindo e a outra descendo por sua pele, enquanto eu a admirava por inteiro e só via beleza, perfeição, delicadeza, devassidão. Cheguei em sua bunda e acaricieei os dois globos, mas não a chupei ali nem na boceta. Inclinei-me sobre ela e beijei no final de sua coluna, subindo devagar por suas costas, passando lábios, dentes e barba em sua

pele lisa, sentindo como se arrepiava.

Foi Heitor quem quebrou o silêncio do quarto, dizendo com uma voz grossa e pesada:

- Chupe mais. Tome tudo, Lara Maria.

- Sim, senhor. Faço tudo que vocês quiserem. – Falou perto do pau dele, olhando-o, seus dedos trabalhando em suas bolas, ondas de lascívia parecendo sair dela. Então baixou a cabeça e o engoliu, a boca grudada em torno do membro dele. Vi aquilo e senti como se fosse no meu pau, que latejou e

babou, me desorientando.

Ela sabia o que fazia. Experiente, puxou-o fundo para a garganta e ficou vermelha, cheia, mas o tomou até que sumiu dentro dela e Heitor soltou um palavrão, seu rosto se congestionando, uma veia palpitando em sua testa ao agarrar ferozmente seu cabelo. Então, Lara se mostrou e parou com a brincadeira, chupando-o fundo e forte, movendo a cabeça para frente e para trás, da cabeça até o púbis, enlouquecendo-nos com aquilo.

- Que putinha ... — Rosnei,

roçando meu pau dolorido demais em sua bunda, louco para comê-la. – Adoro uma puta como você, Morena ... Quanto mais depravada, melhor ... Agora vem aqui me chupar. Quero ver se é tão bom quanto parece no meu irmão.

Agarrei seu cabelo. Heitor respirou fundo e a soltou. E ela se virou com tudo, sorrindo luxuriosa para mim, transformada em uma sereia pecaminosa, uma mulher que tinha grande prazer em deixar um homem dependente dela, louco de tanto tesão. Fiquei de joelhos na cama, ereto,

enquanto ela se lambia e segurava meus quadris, indo tão faminta em meu pau que, por um momento, me surpreendeu ao abocanhá-lo com tanta gula e tão quente, firme. Eu enchi sua boca e escorreguei até o fundo de sua garganta, sendo sugado com tudo, sem acreditar que me tomava daquele jeito tão profundamente. Por um momento não reagi, mas então seus olhos se erguiam lascivos para mim e Lara começava a me chupar, deixando-me totalmente dominado, sem reação, como um garoto nas mãos de uma mulher.

Xinguei, alucinado, agarrando seus cabelos que balançavam, movendo os quadris para comer sua boca, impressionado, pois nunca mulher nenhuma tinha conseguido me engolir todo. Vi que Heitor se despia e vinha para a cama, acariciando-a, tocando-a, perto de mim. E que Lara já erguia a mão e agarrava o pau dele, masturbando-o, sua outra mão torcendo minhas bolas, apertando-as quase dolorosamente para adiar meu orgasmo.

Afastou a boca abruptamente e sorriu de modo radiante, licencioso,

excitada, murmurando:

- Ai, vou ficar viciada em vocês ... Não é justo serem tão gostosos assim ... – Sua voz era rascante, rouca a ponto de excitar ainda mais. Despudorada, foi com fome para Heitor e tomou-o todo na boca, gulosa, faminta, sem deixar de me masturbar. Então parou, me abocanhou com a mesma depravação, masturbando-o. Parecia fora de si, mas sem perder o controle, sem estragar tudo com pressa. Ela sabia bem o que fazia, maliciosa, dona da situação.

E intercalou entre nós, chupando

um e depois outro, lábios e língua nos percorrendo, mordendo de leve a cabeça para depois enterrar tudo na boca. Senti os olhos de Heitor em mim e virei a cabeça, vendo seu rosto carregado pelo tesão, mas por algo mais. E antes que eu pudesse entender, disse baixo:

- Eu a quero agora.

Segurou o pulso de Lara e afastou a mão do seu pau. Eu soube que ele estava em seu limite e não queria gozar. Eu me sentia da mesma maneira, duro como uma barra de ferro, mas meio puto por que percebia algo e Heitor

também: Lara se controlava. Ela usava sua perícia para nos dobrar, para não perder o foco como antes, quando foi arrebatada por nós dois. Por algum motivo, aquilo a assustava. Era hora de mudar o jogo.

Deixei que me chupasse mais, seus olhos abertos acompanhando Heitor, que abria uma embalagem de preservativo. Então, agarrei seus cabelos e descolei sua boca do meu pau, erguendo-a até que estava ajoelhada na minha frente, bem perto, com lábios rubros e inchados, seu olhar

mergulhando no meu:

- Você chupa gostoso para caralho, morena. Você sabe como arrasar um homem, né? Agora, me diga: Com quantos caras você já arrasou assim? – Exigi meio bruto, empurrando-a e derrubando-a na cama.

- Por que? Arrasei com você, garanhão?

- Ainda não. Vai ver que isso não é uma tarefa fácil de fazer.

- Isso é um desafio? – Sorriu, muito sensual, seus cabelos espalhados no travesseiro, abrindo as pernas e me

mostrando sua boceta sem que eu precisasse mandar. – Olha que posso me empenhar ainda mais.

- Faça isso. – Sorri também, deitando-me ao lado dela, minha mão percorrendo sua barriga lisa, olhando-a de modo penetrante.

Heitor veio de joelhos entre suas coxas, olhando-a, admirando-a, pronto para comê-la. Lara o olhou, viu sua fome, seu olhar passou no corpo dele até parar em seu pau embainhado na camisinha. E meu irmão a fez fitá-lo nos olhos de novo ao dizer com uma certeza

que era minha:

- Isso não é uma competição, Lara Maria. Mas se quiser testar até onde podemos ir, o desafio está aceito. Mas lembre-se: você está lidando com dois.

- E dou conta. Querem ver? – Maliciosa, segurou os joelhos e se arreganhou ainda mais. Olhou para ele, para mim, com ar decadente, pingando luxúria: - No sexo vale tudo. A pergunta agora é: Quem vai me comer primeiro?

- Não importa. – Falei baixo, fazendo com que me fitasse enquanto eu

varria o olhar até a sua boca: - No final da noite, vai perder as contas. E nem saberá mais quem foi o primeiro ou o último a te foder e te fazer gozar, morena.

- Hum ... Vou cobrar essa promessa ...

Sorriu pecaminosamente. Mas então uma corrente elétrica pareceu percorrê-la quando Heitor se deitou sobre ela e o fitou na hora, em expectativa, mordendo os lábios.

Era uma cena que eu gostava de ver, me excitava demais, como um filme

pornô ao vivo. Com outro homem talvez eu me incomodasse, mas Heitor era meu irmão, unha da minha carne, meu sangue, meu melhor amigo. Partilhar uma mulher com ele era como doar uma parte minha e receber outra em troca, era cumplicidade, era amizade levada ao seu limite, era confiança. Acho que, se eu tivesse um irmão gêmeo, não seria tão conectado a mim como ele. Éramos quase complemento um do outro.

Admirei como os dois se olharam nos olhos, enquanto ele apoiava os cotovelos na cama e a cobria com o

corpo. Ergui o olhar até o rosto de Lara e gostei do modo como sua expressão era de uma mulher prazerosa, ansiosa, devassa. E como ela reagiu quando, num impulso duro do quadril, meu irmão a penetrou.

- Ah ... – Gemeu como uma gatinha, seu rosto se contorcendo, os olhos brilhando, tesão a congestionando.

- Que boceta gostosa ... quente ...
– Heitor gemeu e então começou a comê-la com firmeza, sem poder tirar os olhos dela, cheio de paixão.

O tesão me fulminou. Acaricieei

seu pescoço, meti os dedos em seus cabelos e na hora olhou para mim, respirando pesadamente, tão feminina e linda que fez meu coração bater mais rápido.

- Porra, eu tenho que te comer ...
— Minha voz saiu grossa demais, enquanto eu tateava na cama e agarrava um preservativo. Mas não o coloquei logo.

Eu me contive e sentei na cama, soltando-a, deixando meu irmão desfrutar um pouco dela. Logo seria minha vez. E tudo mais que ainda viria

naquela noite.

Lara ainda me olhou, por toda parte, admirando meu corpo, minha boca, meu pau. Lambeu-se quando me masturbei devagar. Mas então voltou sua atenção para Heitor e ergueu as mãos para ele, acariciando suas costas, ondulando o quadril para receber suas estocadas, arfando em um esgar de tesão e volúpia ao encontrar o olhar dele.

- Você é linda, Lara Maria ...

Heitor disse sério, terno, totalmente ligado nela. Quando se deitou mais e pesou em seu corpo, esmagando

seus seios redondos e firmes, os lábios perto dos dela, Lara pareceu abalada, perdida nos olhos dele. Abraçou-o forte e gemeu, se deu, o acompanhou naquela dança sexual. O pau dele saía e mergulhava na boceta toda arreganhada e molhada e gemi fora de mim, com ânsias de estar o quanto antes sentindo aquela delícia toda.

- Isso ... Engole meu pau todo. E minha língua ... – Heitor então a beijou na boca de modo profundo, arrebatando-a de vez. E a fodeu duro, sem pena, fazendo-a se sacudir, gemer, se entregar.

Eles se agarraram e se devoraram. Eu me masturbei mais firme, respirando pesadamente, sem poder me conter mais. Meu irmão gemeu alto contra sua boca, em um lamento dolorido e prazeroso, enquanto Lara não fechava os olhos, beijava-o e olhava-o, com uma expressão decadente e carregada, mais linda do que nunca, uma fêmea em seu auge.

Fui para perto, segurei a mão dela sobre as costas dele e a levei para meu pau que babava dolorosamente. Na mesma hora Lara o agarrou e moveu a

mão com firmeza contra ele, me fazendo gemer em um rugido, seus olhos castanhos claros com um brilho quase diabólico voltando-se para mim, focados, acesos, causando-me um arrepio em sua intensidade quase que anormal. Era como se ela ficasse diferente, concentrada, travestida de tanto tesão.

Heitor descolou a boca dela e espalhou beijos em seu rosto, até o pescoço, comendo-a de modo sensual, em estocadas que faziam barulho no quarto. Mas então parou e pareceu

paralisado, cravando os dentes no pescoço dela, tenso, enquanto ela o mantinha dentro de si e movia o quadril em uma dança lenta, seus olhos abertos indo de mim para ele, pesados, ensandecidos, buscando-nos, sua expressão de júbilo, deliciada.

Meu irmão soltou uma espécie de lamento grosso, erguendo a cabeça, fitando-a surpreso, duro, as sobrancelhas apertadas. Eles se olharam bem nos olhos e ela sorriu como uma feiticeira, satisfeita, iluminada, extravasando lascívia.

- Continue ... – Heitor disse baixo, num tom seco, rouco, meio furioso que não entendi direito.

- Assim? Gosta? – O sorriso dela era de puro pecado e sedução, feminino, poderoso, satisfeito.

- Gosto. – Então mergulhou com força nela, fodendo-a tão bruto que a fez arregalar os olhos e se desconcertar um pouco.

Mas de repente saiu de cima e de dentro dela, como se temesse ficar mais e não conseguir desgrudar. Estava agitado, excitado e foi para o lado

agarrando seu pau, como se sentisse dor. Na mesma hora eu me vesti com a camisinha e foi minha vez de cobri-la com meu corpo, enquanto arregalava os olhos para mim e soltava um gritinho quando meti nela sem esperar, forte, fundo.

- Ah, porra! – Rosnei fora de mim ao sentir a boceta se agarrar em volta do meu pau, apertada, macia, molhada, quente como o inferno, gulosa como uma boca faminta. – Filha da puta gostosa!

- Vem aqui, garanhão ... –

Fogosa, Lara me agarrou e se moveu ansiosa contra minhas estocadas e então me enlouqueceu de vez quando me enterrei todo e ela apertou a vagina furiosamente, segurando meu pau lá dentro, prendendo-me como se fosse uma cachorra.

Eu a olhei ensandecido de tanto tesão, minha bolas contraídas, sem poder acreditar naquilo. Nenhuma, das tantas mulheres, que tive conseguiu aquele feito e, como se soubesse daquele seu poder, de como os músculos obedeciam ao seu comando, ela cravou

as unhas nas minhas costas, plantou os pés na cama e massageou meu pau com as paredes internas da boceta, apertando e soltando, sorrindo provocativamente ao murmurar:

- Está gostoso?

- Porra ... – Respirei fundo e por um momento fiquei parado, deixando que me apertasse e estrangulasse, mas então virei o rosto e olhei puto para Heitor: - Por que não me avisou?

Só agora eu entendi como ela o tinha deixado. Heitor se aproximou, mais recuperado, passando a mão pelo

cabelo dela e fitando seu rosto em uma espécie de carinho, ao responder:

- E estragar a surpresa?

Lara sorriu para ele, sedutora. Era uma mulher deslumbrante, encantadora, ainda mais ali, reluzindo com o fato de ser fodida por dois homens e mesmo assim parecer brincar com a gente, exaltada pela lascívia, licenciosa, orgulhosa de si mesma.

Eu rosnei e me senti ao mesmo tempo em delírio e furioso, doido para quebrá-la de novo em um orgasmo, de fazê-la choramingar com as ondas que a

golpeariam. Agarrei sua garganta e avancei mais, metendo nela como um animal até que não conseguia mais me prender e se abria me recebendo até o útero, me olhando com olhos bem abertos.

- Eu estou gostando da disputa, morena ...

E a beijei na boca, estocando bem bruto, seco, rígido, até mesmo cruel.

Ela não se assustou. Gemeu e se arreganhou mais, ergueu a bunda da cama para me receber, gritou em minha

boca. Chupei sua língua, comi tudo que vi pela frente, me delicieei com seu gosto, seu beijo apaixonado, sua boceta que latejava em volta de mim e me sugava firme.

Sabia que Heitor estava lá e a queria tanto quanto eu. Mas mesmo assim foi um sacrifício me desgrudar dela, eu queria mais, queria gozar bem enterrado naquele calor, naquela maciez. Obriguei-me a sair, a soltá-la, a desmontar de seu corpo tão lindo e curvilíneo, tão perfeito e receptivo.

Fui para o lado, mas abocanhei

seu mamilo e chupei-o duro até se esticar na minha boca e ouvir gemidos dos seus lábios. Heitor ajoelhou-se entre as coxas dela e a comeu assim, erguendo seu quadril e fodendo-a enquanto a olhava.

- Ah ... Que delícia!

Lara jogou os braços para trás e se segurou na cabeceira da cama, esticando-se como uma gata enquanto tinha o pau do meu irmão estocando nela com força e eu chupando seu mamilo e acariciando seu outro seio. Rebolou, miou, firmou os pés na cama e se deu

toda satisfeita e excitada. E como se quisesse nos deixar ainda mais tarados, começou a murmurar depravações:

- Como é bom ser devorada assim ... Isso ... Está tão gostoso ... Mais ... Quero mais ...

- Quer mais, puta? – Eu me ergui e agarrei seu cabelo, bruto, ajoelhando-me ao lado de sua cabeça e virando-a para mim: - Chupa aqui ...

E ela chupou na hora, seu olhar safado subindo por meu corpo, encontrando o meu, enquanto me engolia até as bolas e ficava vermelha, babando.

Não desviei os olhos dos dela, excitado de como tinha controle na boceta e na boca, de como sabia devorar um homem até acabar com ele.

Mas não queria ficar sob seu controle. Eu era dominador demais para isso, por isso a segurei com firmeza e fui eu que fodi sua boca, meu pau ainda com a camisinha, movendo meus quadris no ritmo que eu queria, lento, dizendo com firmeza:

- Seu cuzinho também é guloso assim?

Ela babava, excitada, sua língua

trabalhando embaixo da glândula, seus olhos cheios de luxúria, cativando os meus. Seu corpo se sacudia com as estocadas de Heitor. Mas então vi sua expressão se carregar mais, se contrair em uma espécie de dor. Olhei para meu irmão e vi que, enquanto metia nela, ele tinha molhado o polegar e massageava seu clitóris.

- É disso que ela gosta ... – Falei para ele e acabamos nos entendendo com o olhar. – Continue, irmão. Faça-a gozar.

- Vou fazer. – Disse em uma

tranquila certeza.

Sorri para Lara e vi parte de seu controle vacilar. Tirei meu pau de sua boca e continuei segurando-a, abaixando-me até quase beijá-la, dizendo perto de seus lábios:

- Pode segurar o pau dele dentro da bocetinha. Enquanto isso, Heitor a masturba e eu me ocupo de sua boca. Dessa boca gostosa ... – Mordisquei seu lábio e então infiltrei minha língua, rondando a dela, lambendo-a. Quando a beijei, surpreendi-a ao ser terno, carinhoso, acariciando seu rosto. Na

mesma hora retribuiu, arfando, tremendo, seus dedos me segurando com certo desespero.

Beijei e beijei, até me perder ali e querer mais. Então me ergui e violei de novo seus lábios com meu pau, enterrando-me até sua goela, vendo como me olhava em uma fome silenciosa.

Ao mesmo tempo, eu acompanhava o que Heitor fazia, como ela se sacudia sem controle, como o quadril acabava desabando na cama com seus estremecimentos, só para meu

irmão erguê-la de novo e fodê-la mais duro. Gemia baixinho contra meu pau, parecia mais desconcertada, surpresa.

Então a soltei e Heitor fez o mesmo. Mudamos de lugar e deitei sobre ela, enterrando meu pau naquela delícia desesperadora, lutando para manter ainda algum controle, por que ela era gostosa demais. Ele acariciou seus seios enquanto a cheirava perto do pescoço e subia passando o nariz em sua pele, até chegar perto da boca e fitar seus olhos. Então a beijava e Lara o abraçava sôfrega, retribuindo, deixando-

me curioso ao notar que não fechava os olhos em momento algum.

Comi-a com tudo, em estocadas firmes, cuspiendo na mão e espalhando saliva em seu clitóris já inchado, fora da capa. Vi como se abalou, sacudiu, tremeu. Sua vulva se contraiu, me apertou a ponto de me fazer gemer ensandecido, alucinado. E então, tudo se descontrolou. Foi como se uma nuvem de devassidão descesse sobre nós e Lara desgrudou os lábios de Heitor, agarrando os cabelos dele, buscando seus olhos e suplicando:

- Eu quero mais ... preciso de mais ...

Havia uma espécie de desespero nela e entendi que o corpo a engabelava e fazia se perder, a assustava com a possível e premente falta de controle. Não parei. Continuei a devorá-la, meu coração batendo forte, tudo em mim ligado nela, pegando seus mínimos gestos, juntando-a como se a cada momento me desse uma peça do seu quebra-cabeças. Masturbei-a continuamente.

Heitor acariciou seu cabelo,

fitou seus olhos, segurou-a e disse baixo, firme:

- Você vai ter mais, Lara Maria. Muito mais. – E beijou-a de novo na boca, abafando seus ruídos.

Ela espiralava, se debatia, embolava os dedos no lençol e no cabelo do meu irmão, para depois arranhar suas costas, cada vez mais fora de si, nervosa, agitada, suada. E então mudamos de novo e fui beijar sua boca, apertar seu mamilo, enquanto Heitor a comia e masturbava, até que Lara gritou em minha boca e estalou, se esticando

toda para depois se contrair violentamente.

Afastei a boca e encontrei seu olhar apavorado e cheio de lágrimas, assustados, exaltados. Parecia lutar consigo mesma, como se tentasse impedir o orgasmo e lutasse contra ondas que a golpeavam assim mesmo, desnorteando-a. Seus gemidos eram finos, doloridos, quase que lamentos, agarrava-se em mim, olhava-me perdida. Parecia o oposto da mulher experiente, provocadora e dona de si de antes, agora era como uma moça

aprendendo o que era prazer, um prazer genuíno, daqueles que arrastam com tudo.

Eu fiquei encantado, dopado, mantendo-a contra mim sem poder tirar os olhos dela, da sua entrega singela e pura, da perplexidade delicada de suas feições, sem entender a vontade de protegê-la que me acometeu, que me fez puxá-la contra o peito e beijá-la com carinho, engolindo seus gemidinhos, contendo seus tremores, enquanto Heitor continuava dentro dela, estocando, acariciando seu clitóris, observando-a

com a mesma intensidade. E então ele gemeu rouco, gozando também, me causando uma inveja dos diabos, uma vontade louca de me esvair dentro daquele corpo lindo.

Por fim acabou e foi como desabar, exausta, quieta, entregue. Meu irmão saiu dela devagar, apoiando suas pernas na cama, tocando-a com cuidado. Veio lento até seu outro lado e acariciou seu cabelo, dando-me um olhar expressivo e preocupado. Quase perguntei: “Que porra está acontecendo aqui?”, me referindo àquela mulher que

era tão complexa, tão diferente de todas que já passaram por nossa cama. Mas me calei. E foi ele quem indagou:

- Lara Maria, você está bem?

Vi sua vontade absurda de tocá-la, como eu senti. Então, a soltei e ela piscou, desorientada. Como eu sabia que faria, Heitor a puxou para si e buscou seu olhar, a mão em seu rosto, a expressão conturbada.

Lara ficou um momento quieta, só respirando. Havia uma angústia latente em sua expressão e parecia que duas mulheres ocupavam um só corpo. A

Lara luxuriosa e sedutora, experiente; e a Lara frágil, que se assustava por simplesmente gozar, como se isso fosse algo impossível, assombroso, espantoso. E pior era que uma era o oposto da outra.

Mantive-me calado, perto, sem tocá-la. Olhou para Heitor e depois para mim. Daquela vez, não reagiu logo nem disfarçou. Apenas se desvencilhou, sentou na cama e levantou-se meio tonta, dizendo rapidamente sob os ombros:

- Preciso ir ao banheiro.

Ficou muito claro o que ela tinha

acabado de fazer.

Lara fugiu.

CAPÍTULO 10

PEDRO

A madrugada ia adentro.

Talvez, por já ter gozado e notado minha necessidade, Heitor se sentou em uma poltrona, nu, e se acariciou enquanto nos deixava sozinhos na cama. Eu estava fora de mim, já penetrando Lara de novo, estocando duro em sua bocetinha e fitando seus olhos, nossos corpos colados do peito ao sexo, nossos lábios muito próximos

um do outro. Mesmo com o ar condicionado ligado, nossas peles escorregavam no contato, já suadas, talvez pelo calor que provocávamos um no outro.

- Ah, Garanhão, como você é gostoso ... – Ela murmurou, cheia de prazer, acompanhando-me naquele ondular bruto e mesmo assim tão sensual, sugando meu pau para dentro, incrivelmente justa e quente. Suas mãos deslizavam em minhas costas, nossos corpos vibravam juntos em uma sintonia perfeita.

Tinha voltado do banheiro recuperada, sorrindo, sedenta. Nem parecia a mulher confusa que fugiu. Mas agora eu já conhecia os seus sinais, sua aparente bipolaridade, os disfarces dos quais era capaz. E como sabia que conversa não adiantaria, quando veio até mim me dizendo que eu precisava gozar, eu nem pensei duas vezes antes de jogá-la na cama e trepar nela, comendo-a sem qualquer preliminar. Era uma fome latejante e Lara não estava despreparada. Recebeu-me com um ronronar rouco, um impulsionar de

quadris, um olhar cheio de devassidão.

E agora estava lá, toda aberta e oferecida, sugando-me, olhando-me, tocando-me de modo carnal e entregue, seus olhos ardidos parecendo me convocar a mais, a tirar seu controle, a quebrá-la no mesmo tesão que já me trespassava dolorosamente.

- Quer mais, putinha? – Indaguei baixo e seco, entrando e saindo dela bem bruto, apenas roçando nossos lábios.

- Quero tudo que quiser me dar ... Essa noite sou toda sua. E de Heitor.

– Seus olhos redondos e naquele belo tom de caramelo amarelado, buscaram meu irmão, enquanto sorria sedutoramente para ele, convidando-o sem precisar dizer mais nada.

- Então, vamos animar mais as coisas por aqui, morena ...

Sem preâmbulos, saí de dentro dela e a puxei, ordenando:

- Fique de quatro. E me obedeça.

- Ai, como você é mandão ... –

Sorrindo, ela ficou de gatinhas na cama e empinou provocantemente a bunda linda, se oferecendo, querendo acabar

com minha resistência com aquele corpo que era pecado puro e um olhar para trás que poderia desestabilizar qualquer um. Eu fiquei ainda mais excitado e a cobri, fodendo-a forte na boceta, entrando com tudo, rangendo os dentes de tanto prazer.

Precisava gozar, dar algum alívio ao meu corpo duro e já além do próprio limite, mas ela era tão gostosa, a vontade de senti-la mais tão hipnotizante, que eu crescia, inchava, buscava mais e mesmo assim acabava lutando contra o prazer final, adiando-o o máximo que podia.

Enquanto a comia visceralmente, agarrei seus cabelos e puxei sua cabeça para trás, sem me preocupar em ser delicado. Eu segui meus instintos mais animais, de macho, de cio, enterrando-me todo na sua quentura entorpecedora, puxando sua orelha para perto da minha boca, só para poder meter minha língua ali e, entre uma lambida e outra, dizer carregado:

- É assim que você gosta? Ser tratada como a cadelinha que é?

- Sim, garanhão ... Gosto assim, sujo e cruel, bem depravado ... Ah ...

- Diga o que quer mais ... –

Falei, transbordando excitação e desejo nas minhas palavras. Ela gemeu e rebolou, se contraindo em volta do meu pau, frenética e agitada, sua respiração cada vez mais descontrolada. Exigi de novo, puxando mais seu cabelo, doido para ser surpreendido por sua resposta:
- O que você quer mais, morena? Diga logo!

- Come meu cuzinho ... Bem bruto, com força ... por favor ... Ai, por favor ...

Havia uma necessidade

galopante em suas palavras, um tom de súplica inquestionável, uma corrupção clara dos seus sentidos. Minha pele se arrepiou, meu coração bateu como um louco, a ereção chegava a ser dolorosa de tão dura.

Eu saí melado de dentro da sua boceta e agarrei seu quadril com a mão livre, enquanto se empinava e se dava para mim, esperando que eu a sodomizasse.

- Ah, porra ... — Gemi arrebatado, a cabeça robusta do meu pau já pressionando o buraquinho, que na

mesma hora se esticou e se expandiu, convidando-me com ansiedade. E fui, penetrando-a no ânus de uma vez, sem prepará-la, guiado apenas pelo tesão e pelo que o corpo de Lara ditava, pedia, clamava.

Era justo, macio, desgraçadamente quente. Rangi os dentes, lutei contra o gozo que já se concentrava em minhas bolas, torci seus cabelos, entrando e saindo daquela delícia, mantendo-a cativa para me faltar. Mas Lara queria mais, ensandecida, se movendo,

acompanhando meus movimentos, pedindo, como uma esfomeada, adorando ser fodida daquela maneira.

- Quer mais? – Mordi o lóbulo de sua orelha e chupei-o para dentro da boca, estocando seu ânus, abrindo-o tanto que ficou molhado e acomodado em volta da minha carne, gostoso demais.

- Mais, por favor ... – Suplicou alucinada. E, surpreendendo-me, pediu com um desespero quase latente: - Quero que coma a minha boceta e a minha bunda, primeiro uma, depois a

outra. Mais de uma vez ...

Meu pau latejou, meus sentidos reagiram diante de sua perversão, tudo dentro de mim gritando, querendo, exigindo. E como se quisesse acabar de vez comigo, ela completou naquele mesmo tom cheio de emoções desencontradas e vibrantes:

- Vem, garanhão, me coma com força ... Me faça lembrar que é você quem está aqui, que é seu pau que me invade tão bruto e grosso. Não me deixe esquecer amanhã que foi você quem esteve em mim. Me marque, por favor ...

– E se tornou mais ansiosa, fora de si, se movendo como louca de encontro às minhas estocadas cada vez mais vigorosas. Sua voz saiu praticamente num sussurro angustiado, quase inaudível: - Me dê essa lembrança. Por favor ... Por favor ...

Havia algo desesperador no seu tom, no seu corpo, em sua necessidade, que me deixou desvairado, ébrio, como se um cavalo galopasse em meu peito e não um coração batesse. Era tudo exaltado, descontrolado, em erupção. Era sua visão enchendo meus olhos, seu

cheiro de fêmea me inebriando, seu corpo viciando o meu naquela dança voraz e arrebatadora que parecia nos fazer girar em um rodamoinho de emoções violentas.

Não pude e nem quis lutar contra. Eu me joguei no meio do furacão, tirando meu pau fora do seu cu, rugindo ferozmente, puxando mais seu cabelo para trás com força, enquanto investia com tudo em sua boceta escorregadia de tão molhada, que parecia um caldeirão fervendo e me queimou a ponto de me fazer soltar um

grito forte e rouco, de vitória, de conquista, de posse.

Lara gritou também, loucamente, se sacudindo e ondulando, buscando ar como quem precisa para não se sufocar, movendo-se contra mim como se precisasse de mais, de tudo, de algo que nem eu nem ela podíamos segurar, apenas sentir.

Eu a comi vorazmente e então, aproveitando meu pau todo melado de seus fluidos, tirei e enfiei com tudo em seu ânus, bem forte e bruto, seus gritos misturando-se aos meus gemidos roucos,

ambos extremamente alucinados. Na mesma hora enlouqueci. Sua bunda era quente e incrivelmente apertada, seu canal pulsava em volta do meu membro, eu metia nela até as bolas baterem em sua bunda, até minha respiração se tornar um arfar endoidecido.

Senti uma pressão terrível nos testículos, quase estourei ali, numa estocada. Mas parei, respirei fundo, tentando prolongar toda aquela delícia. E investi de novo no seu ânus, enlouquecendo com a entrega daquela mulher.

As palavras foram surgindo na minha boca de forma involuntária. Eu era puro instinto. Respondia conforme o êxtase que sentia. Comecei a falar de forma desordenada, meu prazer fluindo pela minha língua, saindo pelos meus lábios, revelando o quanto estava tomado pelo tesão:

- Caralho, que bunda gostosa! Quente, apertada ... Rebola, porra! Engole meu pau todo. Vai, contrai essa bundinha para mim, me aperta! Isso! Puta que pariu! – Comecei a xingar, ensandecido, largando seu cabelo e

agarrando seus quadris com as duas mãos enquanto a fodia duramente: - Que foda gostosa! Porra!

Enquanto meu pau era devorado pela bunda gostosa e Lara berrava e gemia alucinada, meus olhos estavam fixos naquele buraquinho pequeno e rosado esticado em volta de mim. Sentir sua quentura e aperto estavam me deixando ensandecido. Vê-lo se abrindo para mim estava me tirando a razão. Meu pau saía até a ponta e depois sumia dentro dela, deliciosamente. Eu já não sabia se queria ficar comendo aquele

cuzinho ou meter fundo naquela boceta.

Eu só sentia que queria tudo com aquela mulher.

Num fôlego, tirei todo meu pau da sua bunda e, com a mesma fome, no mesmo instante, me enterrei em sua boceta escaldante. Lara gritou. Eu a fodi e ouvi suas palavras desconexas, mas estava ligado demais no prazer para tentar entender alguma coisa. Não podia fazer mais nada além de comer aquela morena gostosa e me entregar a um tesão tão voraz que me espantava. E enlouquecia.

E assim comecei a intercalar, tirava da boceta e colocava no ânus, apunhalava-a com meu pau inchado e duro, suava, gemia, arquejava, enlouquecia. Então voltava a aguilhoar sua boceta, a meter mais e mais, meus ouvidos surdos, meus instintos gritando, tudo dentro de mim rebulindo. Eu suava, pingava, meu sangue latejava nas veias, minhas mãos em sua carne, meu olhar nela, vendo seu tesão tão delirante quanto o meu.

A sensação do molhado de sua vulva em meu pau e o aperto que sua

bunda me dava estavam tirando meu controle. Estava me jogando além do limite do desejo. Eu estava entrando em êxtase. E antes que isso acontecesse, que eu perdesse os últimos resquícios de lucidez, senti um vulcão surgir dentro de mim e soquei meu pau no fundo de sua bunda, parando, sentindo os tremores que a percorriam, enterrando meus dedos em seus quadris. Respirei fundo, tentando retomar o controle dos meus desejos e de minhas ações. Disse rouco, firme, bruto:

- Quero ver, de novo, essa boca

se abrindo para chupar um pau, se engasgando, derramando lágrimas com ele todo enterrado na sua garganta. Quero ver você desejando tudo, sentindo tudo, querendo tudo. Me mostre que você deseja isso. Vai morena, diz pra mim que você quer tudo isso, diz...

- Eu quero ... Quero tudo ... Quero me lembrar desse momento. – Sua voz era um esganiçar necessitado, seu corpo tremia mesmo parado, os cabelos se grudavam na pele suada.

Quis ver seu rosto, seus olhos, mas também quis ficar ali, tão

profundamente enterrado dentro dela.

Naquele momento, me deixei levar pelas sensações mais primitivas e instintivas. Sensações sem rótulos ou padronização. Desejos sem nomes ou definições. Simplesmente senti todo meu corpo entregue e fundido ao corpo de Lara.

Levantei os olhos e vi Heitor sentado na poltrona, concentrado, sua expressão carregada, sem deixar de se masturbar devagar.

Eu não precisava falar o que queria ou o que teria que ser feito. Nem

ele precisava me dizer seus desejos ou taras. Sabíamos perfeitamente a hora de entrar no jogo, na brincadeira, no momento que devíamos caminhar juntos. Era uma comunhão que sempre fez parte de nossas vidas. E também sabíamos e respeitávamos a hora de trilharmos caminhos distintos. Naquele momento nossos caminhos eram os mesmos, nosso rumo era um só: gozo, prazer, liberdade.

Enquanto eu tentava retomar o controle do meu corpo, Heitor se levantou tenso, cheio de desejo acumulado de espera. Aproximou-se de

nós e se ajoelhou na cama, indo na frente de Lara, fazendo-a olhá-lo arfante e abalada, enquanto erguia a mão e acariciava ternamente sua face, dizendo com voz mansa e segura:

- Você fica linda implorando para ser fodida, falando o que gosta, sem reservas ou pudores. Nós amamos isso numa mulher, Lara Maria.

Eu lutei contra o tesão, palpitando, cerrando o maxilar, olhando-os. Heitor parecia prender o olhar dela no dele, como se a hipnotizasse, suas carícias lentas em seu rosto,

narcotizando-a:

- Quero sua boca no meu pau. Eu o quero tão molhado quanto você está deixando Pedro. Quero ver você sentindo prazer, se deliciando com a gente, desejando nossos carinhos, nossa boca, nossas mãos, nosso pau, dizendo sem medo e sem reservas tudo o que deseja.

Senti como Lara estremeceu e entreabriu os lábios, por um momento sua expressão como de uma garota diante do seu mestre, de alguém em quem acreditava e obedecia.

Calmamente, Heitor guiou seu membro para ela, esfregando a glândula por toda a extensão do seu rosto, dando leve batidas na face suada e rosada de Lara.

Parecia o reconhecimento do seu pau naquela pele. Passou o membro rígido pelas pálpebras, testa e até mesmo pelos contornos da orelha da morena, que esperava ansiosa enquanto ele o guiava até seus lábios entreabertos. Segurou-o ali e num tom mais duro ordenou:

- Acabou a brincadeira, putinha gostosa. Agora abra bem essa boca e

engula meu pau até as bolas. Me sugue com força. Mostre na boca a vontade que está demonstrando na boceta e na bunda.

- Ah ... Ah ...

Um tremor violento a percorreu e, sem tirar os olhos dos dele, Lara abriu os lábios e o tomou na boca obediente, necessitada, faminta, sugando-o até o fundo da garganta enquanto Heitor enfiava os dedos em seu cabelo. Meu pau latejou e cerrei os dentes, sabendo que meu limite estava perto demais. Movi os quadris e

penetrei mais o meio da sua bunda, enterrando-me todo, começando um vai e vem firme e apertado naquele canal que fervia e palpitava em volta de mim.

E assim fizemos, eu comendo seu ânus e Heitor sua boca, sincronizados, mas perdidos de prazer. Não pisquei. Não consegui me lembrar de um dia em que me dei tanto, me senti tão dominado e envolvido em uma transa, tão completo. Mas aquilo pensei distraído, pois cada parte minha já exaltava e se enrijecia, já se emaranhava no tesão embriagante, na paixão carnal, minhas

bolas se contraindo dolorosamente.

Lutei para me conter, mas não consegui. Fui vencido pelo orgasmo e meu pau inchou, ondulou, e enfiei bem fundo nela, segurando-a forte, cerrando o maxilar quando esporrei dentro da camisinha e soltei um rugido rouco, que me engolfou ferozmente. Lara me massageou, rebolou, gemeu contra o pau de Heitor, chupando-o com vontade, acabando comigo. Gozei muito, ondas varrendo meu corpo, me deixando fora de mim mesmo, em órbita, coração disparado, mente entorpecida.

Pareceu durar uma eternidade. Voltei a estocar nela até cada gota sair de mim, até o auge passar e o latejar começar a diminuir, parte da minha consciência retornando. Estava maravilhado com tanta delícia, com o prazer mais supremo que um ser humano podia ter. Com aquela mulher tão entregue e apaixonada, sem falsos pudores, que me permitia usufruir dela sem precisar me controlar. Eu me dei todo. E me senti completo, saciado. E ainda assim, lamentava ter acabado por um momento, pois queria mais.

Precisava de mais.

Lara ainda chupava Heitor e vi como o enlouquecia, babando seu pau todo, sugando-o, deixando-o duro como pedra e excitado ao extremo. Saí de dentro dela com uma sensação estranha de perda, ainda ligado, ainda conectado ao seu corpo. Escorreguei a mão em sua pele úmida e ardida, soube que devia fazer como Heitor e dar um tempo só para eles, mas não consegui. O desejo de não me afastar de Lara, naquele momento, foi maior do que eu. Incompreensível, até. Em qualquer outra

situação eu já estaria indo ao banheiro tomar uma chuveirada, todo satisfeito. Mas eu queria ficar. Eu necessitava de um pouco mais dela.

Meu irmão acariciou seu cabelo e disse rouco, cheio de desejo:

- Aguenta mais um pau em seu cuzinho? Está cansada?

Lara estava corada, concentrada, olhos acesos. Tirou-o da boca, lambeu aqueles lábios polpudos e murmurou dopada de luxúria:

- Como poderia me cansar de vocês? Quero mais. Tudo que quiserem

me dar.

Ele sorriu para ela, mais do que excitado. Havia algo quente e pecaminoso como se olharam, conversaram em silêncio. Então, Heitor veio para trás dela e eu fui me recostar nos travesseiros a sua frente, sem soltá-la, meus dedos passando por seu ombro e sua cabeça, gostando de receber seus olhos dourados e famintos nos meus quando fiquei perto.

Algo estalou dentro de mim. Não era só sua beleza, sua feminilidade, sua lascívia extraordinária. Lara tinha

alguma coisa que reluzia, o sexo a deixava ligada, alterada, sua expressão mundana, mas seus olhos ... algo neles me balançava por dentro, me prendia, me dominava sem que eu pudesse explicar. Por isso, forcei-me a tirar as mãos dela, a me afastar e me recuperar de tudo aquilo. Mas, como se sentisse, ela veio mais perto e se debruçou sobre minhas coxas, suas mãos se fechando em torno da base do meu pau, seus olhos nos meus enquanto dizia baixinho:

- Fique, Pedro.

Eu fiquei. Imobilizado. Olhando-

a.

Sorriu então, docemente. Virou a cabeça para trás e se empinou, olhando para Heitor que já tinha colocado um preservativo e agora agarrava seu quadril. Gemeu alto quando ele entrou devagar em seu ânus e abriu a boca, movendo-se sinuosa de encontro a ele, pedindo num sussurro:

- Isso, Heitor. Me come. Bem forte. Bem bruto.

- Vou comer, Lara Maria. Mas, primeiro, quero saborear bastante esse cuzinho com meu pau, me esfregar nele,

brincar com essa bunda maravilhosa. – E assim ele fez, sem pressa, torturando-a ao enfiar e tirar langorosamente, sondando, provando, fazendo-a estremecer e morder os lábios, ditando o ritmo.

Lara se virou para mim e estava clara sua expressão pecaminosa, seu desejo de devassidão, sua completa falta de timidez. Fiquei com raiva de mim mesmo, por que ainda me sentia meio dopado, confuso pelo modo que mexia comigo. E, enquanto era penetrada pelo meu irmão, começou a tirar lentamente

minha camisinha e murmurou:

- Você ainda está tão duro ...

Quer meter em mim de novo?

- Eu vou meter em você de novo.

– Falei seco, baixo, meus olhos nos dela, meus punhos cerrados sobre a cama.

Gemeu rouca quando Heitor começou a pegar pesado e a sodomizar com força, seu corpo sacudindo com as estocadas brutas, suas pálpebras pesadas pelo tesão, cada parte dela pingando lascívia. Nunca vi uma mulher parecer tão ligada ao sexo. Por isso,

saber que nunca tinha gozado, me deixava desnortado e me enchia de dúvidas.

Cada pensamento racional fugiu da minha cabeça quando Lara começou a agir e me surpreendeu. Tirou a camisinha do meu pau e agarrando-o pela base com as duas mãos, começou a passar a língua em volta do meu membro, serpenteando por ele, gemendo ao saborear minha carne e ser fodida duramente por meu irmão.

Xinguei um palavrão abafado, tentei ter o domínio da situação, mas me

vi agarrando seu cabelo e deixando que me enlouquecesse, até que me enterrava no fundo da boca e começava a me chupar vorazmente, alucinada, ensandecida, seus olhos abertos se voltando para mim, mostrando o quanto sentia prazer, o quanto aproveitava.

- Desgraçada ... – Murmurei, por que não estava acostumado a ser tão dopado por uma mulher, a sentir uma necessidade tão premente como aquela. Já estava tão duro que meu pau doía e inchava em sua boca e eu soube que precisaria de mais.

Olhei para meu irmão e falei quase com raiva do meu descontrole:

- Jogue uma camisinha para mim, Heitor.

Os preservativos estavam na cama ao lado dele. Heitor me arremessou um e voltou a fodê-la, sua expressão demonstrando a mesma fome desesperada que a minha e que a de Lara. Era como se queimássemos juntos, o prazer e o desejo de cada um se misturando e se tornando um só, muito mais forte e poderoso por ser tão interligado, tão nosso, tão íntimo.

Não precisamos falar mais nada.

Rasguei a embalagem e ela afastou a boca, me olhando cobrir o pau. Heitor a puxou para si, de modo que se erguesse um pouco e tirasse as mãos da cama, ficando ajoelhada na frente dele, suas costas em seu peito, enquanto ainda estava encaixado dentro dela e acariciava seus seios, dizendo em seu ouvido:

- Agora nós dois vamos ser seus,
Lara Maria.

- Ah ... – Gemeu em expectativa,
corada e acesa, resplandecendo de tanto

tesão, a imagem de uma mulher entregue aos seu mais perversos desejos e fantasias.

Era linda demais e, enquanto eu me deitava na cama, não conseguia tirar os olhos dela. Heitor a soltou e ordenou baixinho:

- Vá até meu irmão e monte no pau dele. Cavalgue bem gostoso e depois se empine para mim.

- Sim, senhor ...

Virou o rosto e olhou para ele, feminina, sedutora, excitada. Beijou suavemente seus lábios, então se

inclinou para frente e vi a expressão de Heitor ficar dolorosa quando deslizou a bunda lentamente para fora de seu pau. Solta, veio de gatinhas sobre mim, mas eu não queria lentidão nem brincadeiras. Agarrei seus braços e a puxei bruscamente, fazendo-a gritar quando a acomodei em cima de mim e invadi sua boceta macia, cremosa e apertadinha com meu pau ereto e longo.

- Vem aqui, safada ... Toma ... –
Abracei-a, prendi seu corpo sobre o meu e ergui o quadril, fodendo-a com tudo, penetrando-a forte e fundo, uma de

minhas mãos segurando sua nuca, meus olhos dentro dos dela.

- Ai, como é gostoso ...

E começou a se mexer também, cavalgando-me em êxtase, seus dedos de infiltrando em meu cabelo, sua boca indo morder e lambe a minha entre gemidinhos entrecortados.

- Quero mais ... – Suplicou agoniada e vi que parecia estalar, acender, necessitada, fremente, arquejando. – Mais ...

- Toma mais ... – Heitor veio por trás dela, ajoelhado por fora de minhas

pernas, passando as mãos em suas costas, sua expressão carregada, sua voz enrouquecida pelo desejo abissal. Deu um tapa forte em sua bunda e Lara se sacudiu, gritou, arregalou os olhos para mim. Bateu de novo, firme, e de novo, até que ela choramingava:

- Sim, assim ... me castiguem ... façam o que quiserem comigo ... Eu quero ser batida, usada, humilhada ... machucada ... – Sua voz pingava de uma necessidade feroz, seus olhos se encheram de lágrimas, seu tesão se misturava ao desespero. Olhou-me

atormetada, compungida, lasciva e puta, comendo meu pau com desespero, sua boceta apertando-me desgraçadamente, pingando em volta de mim, quente como uma fornalha.

– Por favor, mete o pau no meu cu, Heitor ... me comam com força ... Ah ... Ah...

Começou a se sacudir fora de si, descontrolada, sua paixão descomedida e seu desespero aterrador me deixando além do limite, embora algum alerta disparasse dentro de mim, alguma parte minha quase parou tudo aquilo só para

acalmá-la.

- Lara ... – Agarrei-a mais forte, obriguei-a a me olhar, fiz uma pergunta muda, mas era difícil pensar com ela comendo meu pau daquele jeito e suplicando em agonia:

- Eu preciso disso. Por favor, quero forte e bruto, quero ser punida ...
– Lágrimas pingaram dos seus olhos, mas nem se dava conta, fora de si, alucinada, pedindo em completo desespero: - Por favor ... Por favor ...

O tesão era violento, cego, torturante. Gemi quando me enterrei tão

fundo que quase minhas bolas entraram junto. Suas lágrimas me preocuparam, mas sua necessidade, sua tara, me deixou louco e vi que era o que ela queria, o que implorava afligida, o que a consumia. Perdi-me ali e olhei para Heitor, que parecia sentir o mesmo que eu, mas então agiu. Segurou-a firme e a penetrou por trás, com um rosnar abafado.

- Ahhhhhhhhhh ... – Lara gritou, berrou, jogou a cabeça para trás e se sacudiu presa entre nós dois, seus olhos arregalados para o alto, de onde

escorriam lágrimas grossas, sua expressão de júbilo e decadência.

Ficou ainda mais apertada com Heitor dentro de seu ânus e então qualquer pensamento racional deixou de existir. Viramos puramente animais, instinto e cio ditando as ações, nos impulsionando e dominando. Eu meti em sua boceta com força e meu irmão fez o mesmo por trás, enquanto ela gritava mais e então, fora de si, começava a se mexer e rebolar ensandecida, acompanhando nossas estocadas em seu corpo, puxando-nos para dentro,

dançando com a gente.

- Ai, meu Deus ... – Moveu a cabeça e seus cabelos se espalharam sensualmente. Sorriu maravilhada, em regozijo e ao mesmo tempo seu rosto espelhava um prazer decadente, ruidoso, as faces marcadas pelas lágrimas, deixando claro como várias emoções a golpeavam ao mesmo tempo.

Cavalgou entre nós e seus olhos bateram nos meus com urgência enquanto sugava o ar e dizia perto da minha boca:

- Como é gostoso ser a puta de

vocês, ter dois paus grandes assim dentro de mim ... Porra ... Ah, como é bom ... Ah ... Nunca imaginei que fosse assim ... Eu ... Ahhhhh...

- Gostosa é você, morena. — Rosnei ensandecido, puxando-a para mim, saqueando sua boca em um beijo apaixonado e quente, nossas línguas e salivas se misturando, um comendo o outro em volúpia delirante.

Nós a fodemos bem duro, sem pena, entrando juntos, abrindo-a, esgarçando-a tanto que nos tornávamos só um dentro dela. Lara se movia junto,

descendo e subindo os quadris, engolindo-nos com uma fome desesperadora, enlouquecida, gemendo sem parar em minha boca, choramingando. Segurava-me e rebolava, suplicava por mais.

Então Heitor se inclinou para frente, agarrou um punhado de seu cabelo na nuca e a desgrudou da minha boca, apoiando a outra mão na cabeceira da cama, ordenando muito excitado:

- Me beija enquanto fodo sua bunda, Lara Maria. Agora.

- Sim, Heitor, sim ... – Disse

agoniada, dilacerada pelo tesão, virando o rosto e dando a boca úmida para ele.

Eu gemi olhando enquanto se beijavam e segurei-a firme, apunhalado pelo prazer excepcional e pungente, deslizando minha boca em seu pescoço e mordendo-a ali enquanto a penetrava mais e mais, rápido, fundo, forte, sentindo como palpitava e me apertava em frenesi, como estava tão justa com dois paus dentro de si.

Era uma experiência única, voraz, alucinante. Fiquei fora de mim e então puxei o pau fora, deixando entre

nossos ventres, dizendo bruto, rascante:

- Ela gosta de intercalar, irmão ... Mete um pouco na bocetinha. Depois volte a comer essa bunda gostosa.

Heitor entendeu logo, como sempre. Parou de beijá-la, mas não largou seu cabelo ao fazer um movimento com o quadril, saiu do seu ânus e se enterrou em sua boceta. Lara gritou e estremeceu enquanto era violada com brutalidade e caía sobre mim, seus seios em meu peito, seus olhos pesados nos meus, devassidão e voracidade consumindo-a, abalando-a. Seus dedos

continuavam em meus cabelos e de seus lábios saíam gemidos e arquejos.

Eu a devorei com o olhar, lambi os lábios secos, fiquei doido vendo seu estado total de luxúria e entrega. Ela parecia fora de si, perdida e encontrada, mas não parava, seguia se movendo, se contraindo, se agarrando, choramingando.

Heitor saiu e se afastou um pouco, passando as mãos em suas costas, olhando enquanto eu erguia o quadril e mirava o pau em seu ânus, entrando ali com tudo, puxando para

baixo contra mim. Eu a sodomizei sem tirar meus olhos dos dela e então ouvi o tapa, Heitor batendo em sua bunda, fazendo-a berrar e lágrimas pularem de novo de seus olhos. Sacudiu-se toda e um pouco de dor parecia deixá-la louca, pois ficou a beira de um precipício ao suplicar desesperadamente:

- Isso ... Mais ... Mais forte ...

Eu a comi mais bruto. Heitor deu mais uma surra em sua bunda, então saí de seu ânus e meu irmão na hora meteu ali com tudo. Enfiei-me dentro de sua vagina e a comemos juntos. Lara estalou,

arregalou os olhos, perdeu o controle. Abriu a boca para gritar, mas saiu um som estrangulado e lamentoso, enquanto o orgasmo a varria de repente e ela já se acostumava mais com ele, sem o susto de antes, mas ainda pega de surpresa, se dando, seus traços se contraindo, seu corpo frêmito e todo nosso, dado, devotado, extremado.

Seu prazer era tanto, tão feroz e lindo, que eu senti tudo dentro de mim se descontrolar, se avolumar, rugindo, rasgando. Ouvi os gemidos de Lara, os de Heitor e os meus também. Senti como

sua boceta se convulsionava e latejava, mamando meu pau, como nós três nos movíamos naquela dança vigorosa e louca, fora de qualquer racionalidade. Era muito tesão, muito mesmo. E por isso eu esporrei e me enterrei nela, eu a segurei contra mim sem deixar de ver seu prazer, sabendo, quando Heitor se enterrou todo e estremeceu, que ele também tinha chegado ao seu limite.

Pegamos ainda o final do orgasmo de Lara, seus gemidos latentes, sua entrega total. Gozei muito, rosnando, indo a alturas inatingíveis. Abri a boca

contra seu queixo e gemi ali enquanto meu corpo se saciava no dela e o dela no nosso. Heitor cobriu-a, arfando, beijando suas costas, terminando de ejacular em seu ânus. Então, desabamos, exauridos, fartados, mitigados.

E só então fechei meus olhos, com meu coração batendo tão forte que era a única coisa que eu ouvia.

Soube, desde o momento em que a vi, que nos daríamos muito bem na cama. Mas nunca imaginei o quanto. Era como se um raio tivesse me atingido. E esse raio tinha nome: Lara Maria. A

minha morena.

Na mesma hora me corriji, sem entender aquele pensamento possessivo. Era a nossa morena. Pelo tempo que fosse prazeroso para ambos. Apenas isso.

“Apenas isso”, frisei para mim mesmo. E respirei fundo.

CAPÍTULO 11

LARA

O amanhecer em Florada parecia diferente de outros lugares em que já vivi. Eu tinha andado por muitos locais do Brasil nos últimos sete anos, de Norte a Sul, visto de tudo um pouco, admirado cidades e naturezas diversas,

lindas, feias, inesquecíveis. Mas ali, sentada na varanda daquela casa que aluguei, enrolada em um lençol para evitar o frio da madrugada, eu via a manhã de domingo nascer em um silêncio só meu, sepulcral, interno, íntimo. Tudo dormia à minha volta, menos eu.

Heitor tinha me deixado ali uma hora antes. Ele e Pedro queriam que eu ficasse mais tempo com eles no Motel, mas insisti para vir embora e Pedro nos seguiu em sua moto. Ao sair do carro e acenar e sorrir para eles, eu parecia bem

feliz e satisfeita. Mas só uma parte daquilo era verdade. Meu corpo, sim, estava satisfeito, saciado, surpreso com os prazeres do qual conheceu. Mas eu não estava feliz. Estava como que dopada, sem rumo, perdida. Precisando de apenas um tempo só meu para entender tudo aquilo.

Olhava para aquele céu onde laranja, amarelo, púrpura e vermelho se misturavam em uma belíssima aquarela de cores sobre o manto que deixava de ser negro e se tornava azul. Era impressionante a beleza comovente

daquele amanhecer e, por um momento, apenas o admirei, sem pensar mais em nada, minha mente um pouco cansada e um tanto vazia.

Lembrei de outras madrugadas em que cheguei em casa vindo de farras, em tantos lugares diferentes. Muitas vezes parava e olhava para o céu. Era bom me sentir diminuta como uma formiga, imaginar que eu não era ninguém, que diante do universo e da natureza eu me tornava insignificante. Isso parecia ter o poder de diminuir minhas dores e culpas também. Pena que

a sensação não durava. Logo tudo crescia dentro de mim e me consumia. Como naquele instante.

O espetáculo do amanhecer teve o poder de me acalmar temporariamente. Sentia o corpo cansado, dolorido, precisando de repouso após as horas de sexo, de descobertas, de emoções tão violentas. Mas o sono não vinha. Eu parecia ter me enchido de cafeína e estava ali alerta, olhos bem abertos, mente lúcida. Pronta para me avaliar, criticar, explicar. Ou tentar. Na maioria das vezes eu nunca tinha resposta para

nada.

Não pela primeira vez, eu havia esquecido que minha vida se dividia em duas. Aliás, eu não sabia que minha vida se dividia em duas. Eu tinha começado a me dar conta daquilo há pouco tempo, pois há anos eu fugia do passado, eu lutava para esquecê-lo e, por isso, tentava ver a vida com apenas um par de olhos: os atuais, os meus de adulta. Causava-me uma dor enorme usar os olhos da minha outra parte, da criança que um dia fui. Mas a cada dia que passava, ela lutava por um espaço

dentro de mim. Eu tapava sua boca, seus olhos, mas ela lutava comigo, tentava gritar, tentava me fazer ver o que ela via. Eu não queria saber dela. Odiava sua voz cada vez mais alta nos meus ouvidos. Só queria que ela se fosse, que morresse, que me deixasse em paz para esquecer tudo. O que mais eu podia fazer?

Fui embora de casa há sete anos e caí no mundo. Vivi de tudo um pouco. Para seguir em minha vida, tomei a dianteira perante o destino e criei o meu, com minhas escolhas, com uma coragem

agressiva e que muitas vezes me machucava. Mas a dor continuava lá, sempre lá, e por mais que eu tentasse sepultá-la, ela latejava e se espalhava como um câncer, corroendo, comendo, contaminando tudo. E eu me indagava: o que sobraria de mim? O que?

Naquela manhã, eu estava mais alerta e pensativa do que nunca. Eu tinha passado a noite com Pedro e Heitor, em uma miríade de sexo e tesão da qual nunca imaginei ser possível. Que eu era viciada em sexo, isso eu já sabia. Já tinha passado noites antes me saciando,

me dando, me entregando a estranhos que muitas vezes me machucavam e em outras me amavam. E sempre participei ativamente, mas nunca gozei. Pela primeira vez na vida eu experimentava um prazer completo e estarrecedor, que me abalava, que me sacudia ainda ali.

Minha mente se enchia de perguntas. Tinha parecido tão fácil gozar com os irmãos Falcão, que eu me indagava por que não aconteceu antes, nas tantas vezes que me dei? Perícia sexual de Heitor e Pedro? A atração que nos envolveu desde o início? O fato de

serem dois? Eu não sabia. Ainda estava chocada por eles terem conseguido coisas inéditas naquela noite, como me levar ao orgasmo, me fazer esquecer tudo enquanto estava delirando nos braços deles e, por um momento, saciar a minha fúria descontrolada.

Eu sempre me dei aos homens de uma forma agressiva. Eu me sentia uma puta, depravada e suja. Era assim que me tratavam. E era assim que eu queria ser tratada, que eu merecia. Uma entrega só de corpo e nunca completa. Nunca. Até naquela noite.

Encolhi-me na poltrona e me enrolei mais em volta do lençol. Não havia trocado de roupa ao chegar, só ido ao quarto pegar algo para me proteger do frio e voltado para a varanda, onde estava até agora, olhando o céu, a nova manhã, e sentindo que algo novo também havia nascido dentro de mim naquela madrugada e não era só o gozo. Era mais profundo e enraizado, algo que me fez sentir diferente, mas que eu ainda não podia atinar o que era. Isso me enchia de medo, de esperança e de dúvidas. Odiava não saber onde pisar. Eu

precisava ter algum controle para não sucumbir.

E, naquele momento em que me sentia tão sensível, sozinha e confusa, minhas defesas caíram por um momento e deixei que aquela minha parte, aquela metade infantil que eu sufocava, viesse à tona. Na mesma hora lembrei um livro que li anos atrás.

Uma menina havia sido abusada sexualmente pelo pai. Após anos, uma psicóloga a orientou a voltar ao passado e conversar com aquela menina que ficou lá escondida nos escombros das

suas lembranças. Ela deveria visualizar a si mesma no passado e tentar conversar com sua versão mais nova, dizer tudo que precisava ser dito. Ou tudo que ela gostaria de ouvir. E assim fez a menina, até aceitar o que havia acontecido com ela e seguir em frente.

Não era uma história inédita. Ali, naquele momento, em várias partes do mundo, uma criança com certeza estava sendo violentada, agredida, machucada. Se sobrevivesse, além de carregar marcas físicas, as piores seriam as emocionais. Essas ela levaria

sempre, mesmo quando estivesse sorrindo ou realizando um sonho. As pessoas veriam sua felicidade, mas não as marcas. Essas estavam tatuadas por dentro, infiltradas tão fundo que não adiantava apenas tentar aceitar e entender. Elas continuariam lá, marcadas a ferro e fogo, sempre, sempre, sempre.

Era como se a vida da pessoa se dividisse mesmo em duas. Eram também duas pessoas dentro de uma. Não eram facetas, personalidades, costumes, vícios, trejeitos ou manias. Eram situações estanques. Duas vidas em uma

só vida.

Depois de ler aquele livro, eu tive consciência do que fiz. Eu deixei aquela “menina” lá numa outra história. Numa outra vida. Tentei fingir que não era eu. Que era uma lembrança de alguém. Próxima a mim, mas não eu.

Fechei os olhos por um momento, deixei minha mente solta, enquanto pensamentos e imagens me bombardeavam como se só esperassem uma fresta para sair. Por anos eu lutei tanto, eu me abafei, e a cada dia que passava as coisas não se aliviavam, o

tempo não me dava uma trégua. Ao contrário, tudo se avolumava dentro de mim, como se não sobrasse mais espaço e eu estivesse a ponto de explodir.

Junto com tudo, senti uma coisa muito ruim, arrasadora, me aguilhoando. Era uma tristeza atroz por ter deixado aquela menina lá, esquecida e perdida nas lembranças que eu não queria ter. Escondida nas verdades que eram só minhas. E ali, não sei por que, me dei conta que eu também não dei crédito a ela. Nem mesmo eu acreditei nela. Eu a preferi calada, esquecida, morta. Eu a

anulei em mim, por que eu não queria que o que ela passou me definisse. Eu nunca quis ser aquela menina. Não queria aquela história. Nem aquela lembrança. Eu queria uma única vida. Uma vida com várias facetas, manias, formas, sutilezas, mas apenas uma vida, uma única pessoa.

Como eu poderia acusar, mesmo que silenciosamente, minha mãe e minha família pelo descaso, se eu mesma me abandonei? Se tentei me proteger e sobreviver da forma mais errada de todas, sendo uma covarde? Calando-me?

Devia ter procurado ajuda e falado, deixado a menina falar. Mas eu tinha vergonha. Tinha medo de ser julgada, de não ser aceita, de verem que me acostumei com aquilo e, por mais que me causasse medo e nojo, também sentia certo prazer. Como eu poderia me defender disso? Como explicar, se nem eu entendia?

Na época, eu até achava que o que eu passava era certo. De alguma maneira eu provoquei. Eu era, como minha mãe tantas vezes me acusou, muito “saliente”. Se minha mãe e minha

família me deixavam com “ELE”, era por que permitiam. Então, devia ser certo. Era só calar e aceitar. Envergonhar-me silenciosamente. Mas no fundo, eu sabia que era errado. Meus instintos falavam mais alto. Eu me submeti e até me acostumei, mesmo que em muitas vezes tentasse fugir. Mas me acostumei com o sexo, com a dor, com a humilhação, com o medo. Eu fiz da culpa uma companheira que me acompanhou a cada dia da minha vida desde então.

Eu só procurava um ponto final.

Fosse para sucumbir de vez, fosse para fazer uma nova vida para mim. E mesmo depois que acabou, eu me sentia cúmplice “DELE”. A cada vez que nos encontrávamos, ele sorria para mim como se tivéssemos um segredo. E tínhamos. E em cada uma daquelas vezes a culpa e a vergonha me apunhalavam, até se tornar tão insuportável que arrumei minhas coisas e saí pelo mundo. E assim eu estava, há sete anos sem voltar ao Rio de Janeiro, lutando para ser só uma Lara, a que eu escolhesse ser. Mas sendo sempre covardemente

derrubada por mim mesma e pelas lembranças.

Aquela menina era um lembrete do que eu não queria ser, de quem eu fugia. Conscientemente eu dizia a mim mesma que ela não teve culpa do que aconteceu. Mas eu a culpei. Eu a culpei pelo que “sua história” fez da minha história. O que ela passou consumia minha vida de uma maneira que eu não conseguia impedir. Os atos que foram praticados estariam sempre marcados em mim. Eu sabia que vez ou outra, e agora cada vez mais constantemente,

num espasmo de fragilidade, a angústia, a mágoa e a dor retornariam. Por isso lutei tanto para afastá-la de mim. Era como se ela me contaminasse e por isso eu a via como uma espécie de inimiga, de perigo constante. Mas então, eu me culpava por isso também.

Eu me culpava por tentar matar a menina em mim, por não fazer nada por ela, por esconder a sua história. Por não denunciar o que aconteceu. Por ter deixado tudo no passado silencioso e ter recorrido ao tempo para me dar o esquecimento que eu ansiava. E o que

Tempo fez por mim? Ele só me fez lembrar mais. Eu acabei por deixá-la pensar que mereceu aquilo. Eu a abandonei, assim como fui abandonada à sorte do que me aconteceu.

Uma angústia horrível me engolfou e senti o corpo estremecer, doer. Lágrimas escaparam sob minhas pálpebras fechadas e as deixei rolar, sozinha, mas ao mesmo tempo acompanhada por ela, que naquele momento ínfimo eu deixava que sentasse ao meu lado e segurasse a minha mão. Mesmo assim, com tudo que fiz, ela

nunca me abandonava. Nunca. Como um espírito agarrado em mim.

Solucei e tentei me justificar a mim mesma, sem coragem de abrir os olhos e ver os dela, talvez acusadores ou tristes. Sim, errei. Errei ao escondê-la e não denunciar o que aconteceu. Mas eu tinha tanto medo! Medo de não acreditarem em mim, de ser apontada e julgada. Medo que meus segredos se tornassem um fato público, suscetível de todo e qualquer julgamento, de análises, comentários, críticas, brincadeiras, maldades, compaixão, pena.

E agora só restava me perguntar como eu seria se não tivesse aquela menina comigo, anexando sua história à minha. Por que eu sabia que me tinham sido roubadas muitas coisas. Eu seria diferente do que eu era? Será que aquela violência tinha tirado o que eu tinha de melhor em mim? Por isso agora eu não consegui gostar de nada em mim, eu me violava e me odiava, eu me fazia de forte para nunca mais ser fraca e machucada de novo? E mesmo assim, constantemente, eu me via viciada em me magoar, em me castigar, em buscar

novas dores. Felicidade não era para mim, por mais que eu a buscasse através da liberdade. Assim como gozo nunca fez parte do pacote.

Naquela noite eu havia gozado e isso ainda não conseguia entender. Era físico, era corpo, mas mesmo assim era muito mais do que já tive. Senti um prazer e um esquecimento que passei anos lutando para ter e me sendo negado. Heitor e Pedro me deram aquilo. Dentro do que a maioria das pessoas consideraria sexual, carnal, errado, eu tinha alcançado muito mais

do que tudo que vivi na vida. Eles me deram muito mais do que já tive, momentos únicos de libertação, em que fui apenas eu mesma.

Respirei fundo, confusa e cansada demais. Parei de chorar, mas não tive ânimo de erguer os dedos nem para secar minhas faces molhadas. Apenas deixei a cabeça pender no encosto, ainda um pouco amedrontada de abrir os olhos e ver a menina ali. Eu sabia que ela estava, que ainda queria me dizer alguma coisa. Quase supliquei para que se fosse, que me deixasse só

um pouco em paz. Mas, como num acordo tácito, uma lembrança veio, de muitos anos atrás. Talvez fosse o preço para que ela me desse uma trégua e sumisse dali. Por isso não lutei. Apenas lembrei.

“Ele estava parado no limiar do nosso apartamento, a porta da frente aberta atrás de si. Era alto, grande, bem apessoado, com 38 anos. Sempre elegante, bem vestido, perfumado. Encantador. Todos na família o adoravam, como minha mãe. Como eu, antes de conhecê-lo de

verdade. Agora, eu o olhava e, junto com tudo mais que me causava, sentia medo. Que quase me paralisava.

- Titia, vou levar a Lara comigo, tá?

A voz dele pareceu me cortar onde eu estava, sentada no chão em um canto da sala, com um quebra-cabeça espalhado na minha frente. Não o olhei, fiquei com olhos fixos nas peças à minha frente. Mas sentia que me mirava.

Minha mãe estava no sofá, um tanto abatida após sua última quimioterapia. E indagou:

- Você vai aonde, Rubinho?

- Vou na casa da Miriam, titia. Ela sempre pergunta por nossa daminha e pede que eu a leve para vê-la. Sabe como adora a Lara.

- Tá certo, Rubinho. Mande um beijo para a sua noiva. Diga-lhe que estamos com saudades e que não estou cortando o cabelo da Larinha para fazer um penteado muito bonito para o casamento.

- Vou falar sim. Até mais tarde, titia. Vamos, Lara, Miriam está com saudades de você e quer vê-la logo. Ah, titia, depois vou passar pela praia para Lara comer um cachorro-quente. Não se preocupe com a gente.

- Certo. É bom sim, ando tão cansada

esses dias que nem fiz um lanche pra ela.

Continuei quieta em meu canto, fingindo que não era comigo, buscando alguma solução. Eu não queria ir. Sabia o que ia acontecer.

- Lara, vamos? – A voz dele me arrepiou e minha vontade foi de me esconder.

Ao mesmo tempo, em meio ao medo, senti vergonha pelas coisas que pensei, pelo que eu já sabia que era errado e que ele fazia comigo, mas que em alguns momentos eu gostava.

Ouvi seus passos se aproximando. Então, criei coragem, olhei rapidamente para

minha mãe mais distante no sofá e para ele, tão grande visto de baixo, e falei rapidamente:

- Rubinho, você poderia chamar a Marcinha para ir com a gente. Ela também vai ser daminha comigo no seu casamento e Miriam vai ficar muito feliz se ela for, tenho certeza.

Era uma maneira de não ficar sozinha com ele e Rubinho estancou assim que ouviu meu pedido. Seus olhos arderam. Abaixou-se perto, até a altura dos meus olhos. Contornou a mão na minha cabeça, puxou-me próxima ao seu rosto e disse baixo:

- Se a Marcinha for, você não vai

poder brincar de dirigir. E gosta tanto de dirigir, buzinar, girar o volante.

- Eu não quero dirigir hoje. – Falei rapidamente, com uma ponta de pânico. – Eu queria que a Marcinha fosse, a gente fica no banco detrás e não faz bagunça, eu juro!

- Não estou entendendo, Lara. Eu nem queria te ensinar a dirigir, mas você pediu tanto. – Seu olhar era quase ameaçador, com segundas intenções. – Agora que achei a brincadeira legal, você não quer mais? O que houve? Vou contar para a titia, perguntar a ela ...

Eu entendi a que ele se referia e o medo me golpeou mais forte do que tudo.

- Titia ... – Fez menção de se levantar, seus olhos brilhando de raiva.

- Não, eu vou. – Ergui-me rapidamente, com o coração disparado. – É que Marcinha vai ficar sozinha e fiquei com pena dela, só isso. Não aconteceu nada.

Minha mãe parecia não prestar atenção em nossa conversa, cochilando pelo cansaço ou vendo tevê, não pude saber, estando ela de costas para mim, com o volume do programa alto. E ele ainda arrematou baixo, sem tirar os olhos dos meus:

- Se não quiser mais brincar nem sair comigo, preciso perguntar a titia o por que.

Sabe o quanto gosto de você, Lara. Vive inventando “brincadeiras” e me pedindo para participar. Só faço as suas vontades. Mas ...

- Eu sei. – Olhei nervosamente para minha mãe, ficando de pé, sabendo que o acompanharia. – Vamos.

E então ele sorriu, satisfeito e me estendeu a mão. Baixei a cabeça, segurei sua mão e o segui”.

- Saia daqui! – Abri os olhos molhados de lágrimas e olhei acusadoramente em volta, com o

coração disparado, uma dor atroz me rasgando por dentro. Vi que estava sozinha, mas me levantei de um pulo, livrando-me do lençol, furiosa. – Não quero você aqui! Sai!

E como uma louca, corri para dentro de casa, fugindo dela, fugindo de mim, fugindo da lembrança e daquela vida maldita, que nunca me deixaria em paz. E mesmo assim, tudo me seguiu, uma tormenta sem fim, um desespero galopante. E eu só tive vontade de morrer naquele momento.

HEITOR

A manhã tinha começado fria naquele domingo, mas agora o dia fervia no auge do verão e eu suava muito enquanto voltava para os estábulos. Tinha havido um problema em um dos mini retiros, com fuga de reses, que acabaram se espalhando. Fomos avisados pouco depois do almoço, quando estávamos no casarão em família. Eu me ofereci para ir resolver e

só voltava agora, algumas horas depois.

Já ia desmontar do meu cavalo quando Pedro saiu do estábulo montado no dele, um chapéu marrom enfiado na cabeça. Era a única concessão que fazia ao se portar como homem do campo, pois mesmo de jeans e blusa de malha, tudo era de grife e moderno, elegante, em contraste com minhas comuns camisas de xadrez. Parecia agitado e me encarou, reclamando:

- Está um calor dos infernos! Vou dar um pulo na cachoeira e refrescar um pouco. Resolveu o problema no campo

noroeste?

- Sim, tudo certo.

- Você parece estar derretendo e cheio de poeira. Quer ir até a cachoeira, irmão?

Eu já ia dizer que não. Estava cansado, tomaria uma boa ducha e me enfiaria no quarto com ar condicionado para ver um filme e relaxar. Mas percebi de cara que Pedro estava impaciente, algo o perturbava. Eu o tinha notado assim durante o almoço e eu mesmo também me sentia meio estranho naquele dia. Sabia a causa. Era linda, tinha um

nome e passou uma noite inesquecível em nossa companhia: Lara Maria.

Se algo o preocupava, ia contar. E tomar banho na cachoeira tiraria todo aquele suor e sujeira de cima de mim.

- Vamos lá. – Virei meu cavalo e logo cavalgávamos rapidamente pelos campos em direção à queda d'água.

Se fosse sincero comigo mesmo, diria que eu também queria conversar. Ainda não tínhamos feito isso desde que chegamos em casa no nascer da manhã, eu em meu carro e ele em sua moto, cansados demais da noite sem dormir e

em que trepamos loucamente com Lara. Depois que acordamos, veio o almoço em família e o problema do mini retiro para resolver.

Eu queria saber se as impressões que tive sobre Lara Maria eram compartilhadas com Pedro. Pelo visto sim, ou não estaria agitado. Em meio a tanto sexo e paixão, muita coisa aconteceu ali diferente das outras vezes. E eu não conseguia me desligar daquele assunto.

Chegamos até a cachoeira mais suados ainda. Amarramos nossos

cavalos e, enquanto eu tirava meu chapéu preto e as botas, Pedro ficava só de cueca e mergulhava na água gelada, nadando ferozmente de um lado para outro.

Suspirei, me despi até ficar de cueca também e mergulhei longe do caminho dele, que como sempre precisava de algum exercício para extravasar as energias.

Aproveitei a água deliciosa e me senti outro, refrescado e limpo, parte do meu cansaço sumindo como que por encanto. Fiquei embaixo da queda

d'água, até estar satisfeito e só então subi em uma pedra plana que adentrava na lagoa e me estiquei sob a sombra de uma árvore gigantesca e reclinada sobre a margem, cruzando meus braços sob a cabeça e observando as folhas balançarem preguiçosamente acima de mim.

Quando meu irmão se aproximou e sentou a pouca distância, eu sorri e murmurei:

- Isso que é vida boa.
- Para você, estar em qualquer parte da fazenda é vida boa. – Acabou

falando mais relaxado também, sacudindo a cabeça para se livrar um pouco da água que escorria.

- É verdade. Mas vai dizer que você também não é assim?

Pedro ficou um calado por um momento, pensativo. Então admitiu:

- Não há outro lugar do mundo em que eu deseje viver além daqui. É meu lar.

Acenei, sabendo que era assim para todos nós. A Falcão Vermelho fazia parte das nossas vidas, nossas histórias, nossa essência. Mesmo Theo e Pedro,

que eram mais urbanos e elegantes, que gostavam de viajar, não conseguiam ficar muito tempo longe dali. Micah também confessara que sempre fora incompleto nos anos que passou longe. Éramos como nosso pai, ligados à fazenda. E assim seria por toda vida.

Acabei falando parte daquilo que eu pensava:

- Esse amor que nos liga a essa terra é como o que nos liga a nossa família. Nascemos aqui e aqui vamos morrer.

- Você está certo, irmão. – Pedro

passou os olhos pelo local, pela água cristalina, as margens arenosas, as pedras e vegetação que nos cercava e disse baixo, como se dissesse quase consigo mesmo: - Vários lugares marcam partes da nossa história. Lembra-se desse lugar, muitos anos atrás, Heitor? Onde eu o trouxe para encontrar Liliana?

- Como eu poderia esquecer? – Olhei-o e sorri de brincadeira. – Naquele dia você me desvirtuou.

Pedro riu.

- Eu te mostrei o caminho do

paraíso, te salvei de uma existência insossa e cheia de privações. Pode agradecer, não me importo.

- Você não se cansa de ser metido. – Ri também e me sentei, afastando o cabelo molhado do rosto e passando a mão na barba úmida. Fiquei um pouco mais sério. – As pessoas acham esquisito a gente compartilhar uma mulher de vez em quando. Não consigo entender a mente delas, por mais que eu tente. No final das contas, somos animais sexuais, cheios de instintos, seguindo regras impostas pela

sociedade para manter a ordem. A maioria das religiões, das leis, dessas mesmas regras, impõem o casamento entre um homem e uma mulher só como a única aceitável e todo mundo segue. Ou ao menos tenta seguir. Se saímos do parâmetro, somos anormais. E alvo de espanto. Já passou para pensar sobre isso?

- Eu quero mais é que essa gente se foda. – Pedro foi curto e grosso. – Ninguém paga minhas contas nem me diz o que fazer. Tenho uma cabeça para quê? Para expor meu rosto bonito? Também,

mas não é só isso.

Acabamos rindo, mas ele continuou:

- Eu penso, irmão. E faço minhas escolhas. Que cada um faça a sua e siga sua vida. Desde que não faça mal a ninguém, não vejo problema.

- Pois é.

- E nem me incomodo. Nunca liguei para o que pensam de mim.

Pedro tinha um jeito muito mais direto de encarar a realidade. Eu ainda perdia tempo tentando entender.

Calamos-nos um pouco e não

tive como não pensar em Lara, recordar a noite que tivemos juntos, agitando-me internamente com tudo que senti, com as dúvidas que me atormentaram e o encanto que me engolfou.

- Aqui tudo começou ... – Falei baixo, olhando o que nos cercava. – Nunca achei errado o que fizemos com Liliana e com as mulheres que vieram depois. Você é meu irmão, a pessoa que mais confio no mundo. Acho que a única vez que seguimos caminhos diferentes foi quando me apaixonei por Francesca. E você não.

- É. – Ele acenou e me encarou.

– Ainda sente falta dela?

No começo havia sido muito difícil. Estávamos apaixonados e cheios de planos. Eu achei que finalmente ia me casar, ter minha família e filhos. E então ela começou a passar muito mal, descobrindo que estava com um câncer de estômago em estado avançado. O que sempre achou que era uma gastrite se mostrou uma doença terrível, que já havia se espalhado por quase todo aparelho digestivo. Não teve o que fazer. Nem operação, quimioterapia nem

radioterapia. Absolutamente nada.

Nunca havia me sentido tão perdido, tão inútil. Em quatro meses, Francesca faleceu. Tivemos muito pouco tempo para aceitar. Foi como uma espécie de mentira, que se mostrou uma verdade absoluta no dia em que ela foi enterrada.

A dor havia sido atroz. O desespero demorou a passar. Se fosse com Pedro, talvez ele tivesse gritado contra Deus e o mundo, se revoltado. Mas mesmo em meio ao sofrimento, eu não fiz nada daquilo. Eu fui obrigado a

aprender a viver sem ela e com a dor e a saudade. Demorei a me recuperar, a sair com outras mulheres, a sorrir de novo de verdade. Mas agora, seis anos se passaram. E, embora eu nunca fosse esquecê-la nem parar de sentir saudade, eu achava que podia recomeçar minha vida de onde parei. Sexo e diversão eram muito bons, mas eu queria mais. Muito mais. Mas não com qualquer uma. Apenas com uma mulher que me fizesse sentir que o que tive com Francesca poderia se repetir.

A imagem de Lara veio clara em

minha mente, seus olhos redondos e dourados nos meus, sua expressão de surpresa e fragilidade. Era engraçado que a primeira imagem que eu tinha dela era aquela e não sorrindo provocantemente, seduzindo ou gozando. Era o seu olhar, o seu rosto mostrando que havia muito mais coisa dentro dela do que uma mulher gostosa e sensual, livre e quente.

- Heitor?

Olhei para Pedro. Ele estava sério, um pouco preocupado comigo. Lembrei de sua pergunta e respondi

calmo:

- Sempre vou sentir falta de Francesca. Sempre. Mas aprendi a conviver com isso.

Ele acenou com a cabeça. Foi então que indaguei sem preâmbulos:

- O que achou da noite passada?

Ficou um tanto mais sério. Pegou uma folha caída na pedra ao seu lado e brincou com ela, mais calado do que o habitual. Ali eu vi que meu irmão que, em qualquer outra ocasião estaria rindo e comentando animado sobre a mulher, o quanto era gostosa ou linda, com seu

jeito mulherengo, estava mesmo perturbado. Quando me olhou, havia uma ruga entre suas sobrancelhas e não disfarçou certa preocupação:

- Você está certo, há alguma coisa errada com aquela morena. O que foi aquilo ontem? Pode me explicar?

- Eu não posso. Nunca conheci uma pessoa tão contraditória quanto Lara Maria.

- Porra ... Contraditória? Parece que tem duas mulheres ali! Quem diria que aquela gata no cio, pronta para nos devorar no café-da-manhã, nunca tinha

gozado? E não é só isso, aquelas lágrimas, aquele tesão todo misturado com uma ferocidade, um descontrole ... Ah, porra, nem sei! E sabe o que me deixa mais incomodado?

- O quê?

- Ela é gostosa pra caralho, se encaixou perfeitamente com a gente, não se recusou a nada. Confesso pra você, até me surpreendeu em alguns momentos. Ela sabe o que faz, é experiente, uma puta na cama. E mesmo assim não é só nisso que penso. Ele me deixou ...

- Preocupado?

Pedro nunca mentia para mim e acenou com a cabeça.

- Eu devia estar aqui feliz da vida querendo repetir a dose só falando nisso.

- E não quer?

- Claro que quero! Mas, Heitor, o que aquela mulher tem? Não consigo parar de pensar nisso. Se é tão experiente e sabe fazer tudo aquilo, como nunca gozou? Viu o susto dela?

- Vi.

Pedro tinha os mesmos

questionamentos que eu. Fui sincero e expus meu ponto de vista:

- No final das contas, não sabemos nada sobre ela. Para uma foda ocasional, está bom assim. O problema é que quero saber mais. E quero vê-la de novo. Talvez só então possa entendê-la melhor.

Pedro ficou calado, sua expressão de poucos amigos. Não perguntei nada, deixei que ficasse à vontade para falar o que quisesse. Mas ele nunca tinha mostrado um interesse mais do que ocasional nas tantas

mulheres que teve. E não parecia satisfeito em começar a ter agora com Lara Maria.

Era impressionante como eu o conhecia, como sentia quando se fechava, se recusava a passar de determinado ponto. Mas aquela sua preocupação e agora seu silêncio, diziam muita coisa.

- Deixa o tempo rolar. – Disse de repente e se levantou.

Quando mergulhou e nadou, eu voltei a deitar na pedra e olhar as folhas das árvores. Nenhuma de nossas

dúvidas havia passado. Mas agora eu tinha uma nova certeza: Pedro estava muito a fim de Lara. Assim como eu. Bem mais do que podíamos imaginar.

CAPÍTULO 12

LARA

Naquele domingo à noite o Falconetes não estava tão cheio quanto nos dias anteriores e a cantora Brunela Lia estava um pouco irritada com isso. Notei quando fui até o bar buscar mais bebidas e, enquanto Dalila enchia os copos em minha bandeja, ouvi que a cantora reclamava com Abigail:

- Pelo que entendi, a casa estaria sempre movimentada. Isso está

aparecendo uma verdadeira cidade do interior, tudo parado demais! Vou cantar para meia dúzia de gatos pingados?

Elegante e com cara de poucos amigos, ela se sentava no banco e olhava para a dona do bar atrás do balcão. Linda e bem maquiada, Abigail devolveu seu olhar nada amistoso e disse com uma paciência que não condizia com certa irritação:

- O Falconetes encheu esses dias todos, Brunela. Mas aqui, quase todo mundo acorda muito cedo amanhã para trabalhar, então o movimento de

domingo é sempre mais fraco.

- Em São Paulo e nos grandes centros onde me apresentei, não era assim. As pessoas valorizavam muito o meu talento. – Era óbvio o seu descontentamento e olhou em volta com certo desprezo. – Isso aqui é bem diferente do que pensei.

- Diferente como? – Abigail juntou as sobrancelhas, encarando-a.

Brunela suspirou, como se estivesse entediada. Deu de ombros.

- Parado demais! O que há interessante aqui nesse lugar a não ser

um monte de fazendas por aí cheia de vacas?

Eu não queria prestar atenção na conversa dos outros, mas não tinha como não ouvir. Aliás, uns clientes que estavam pelo bar também escutaram e olharam para a cantora de cara feia.

Pensei comigo mesma que a cantora era uma “estrelinha”, dessas que se acha o máximo e quer tapete vermelho onde vai se apresentar. Dei um olhar comprido para o palco e me dei conta que, se fosse eu ali, estaria feliz da vida em poder cantar ao invés de

servir mesas. Não que eu não gostasse de ser garçoneiro, mas cantar era o que eu mais amava fazer na vida.

Comecei muitas coisas e não terminei, como a Enfermagem e faculdade de Veterinária. Cheguei a me matricular em Belas Artes por adorar História da Arte, mas não continuei. Nem o curso de Inglês, que abandonei pouco antes de completar e pegar o diploma. Mas cantar sempre foi o que eu amava fazer. Estava ficando enferrujada tanto tempo longe dos palcos e a saudade já me corroía. Mas não havia

nada que eu pudesse fazer. O cargo que havia era de garçõete e eu estava feliz por isso.

Voltei o olhar para Dalila, para ver se ela já tinha colocado todas as bebidas ali. Fiquei surpresa quando vi a moça parada, olhando fixamente para mim. Fitei a bandeja e vi que estava incompleta. Abri a boca para perguntar se havia algum problema, quando ela se debruçou no balcão para mais perto de mim e falou baixo, com olhos penetrantes:

- Ela vai embora.

Franzi as sobancelhas, sem entender.

- O que, Dalila?

Ela era estranha, sempre de preto, com aquele cabelo em volta do rosto, como se o usasse para se esconder um pouco. Eu já tinha sentido seu olhar mais de uma vez fixo em mim, como se me observasse concentrada. Mas daquela vez era tão intenso que chegou a me dar um arrepio na espinha.

Ouvi que Abigail e Brunela ainda soltavam farpas comedidas, mas não entendi o que disseram, pois Dalila

me surpreendeu terrivelmente ao afirmar quase num sussurro:

- Você ainda vai cantar aqui.

Fiquei gelada, paralisada. Como ela sabia que eu era cantora, se não contei para ninguém?

E então, como se não tivesse dito nada extraordinário, ela recuou, desviou o olhar e voltou a colocar as bebidas na bandeja.

Eu estava impressionada. Consegui me recuperar um pouco e indaguei:

- Como você sabe disso, Dalila?

- Sei o que? – Empurrou a bandeja cheia para mim, seus olhos baixos. – Está quase tudo aí. Vou pegar só as cervejas no freezer.

- Você disse ... – Eu me calei, sem coragem de repetir.

Primeiro tinha sido a mulher que encontrei na rodoviária e que falou de Cartola, me dizendo para procurar uma cidade com nome de Flores. Agora Dalila, que até então só tinha falado comigo o essencial e me olhado esquisito naqueles dias, sabendo de repente que eu era cantora e ainda

dizendo que eu cantaria ali. O que estava acontecendo? Que coisas estranhas eram aquelas?

Segurei a bandeja, vendo que a outra parecia me evitar e ia pegar as cervejas, sem nem olhar na minha direção. Era melhor deixar pra lá. Eu sempre tive medo de coisas que não conseguia entender e Dalila era realmente uma figura diferente de todas que já conheci, fechada, meio bicho do mato.

Respirei fundo, doida para me afastar logo dali. Então, ouvi quando

Brunela disse com uma voz bem mais animada do que até então usara:

- Nossa, o que é isso?

Finalmente algo interessante por aqui!

Aliás, alguém! Quem é esse, Abigail?

- Heitor Falcão. – Quando Abigail disse o nome dele, algo se revolveu loucamente dentro de mim e meu coração disparou como um louco, na mesma hora, deixando-me agitada e impressionada com minha reação.

Virei o rosto e busquei por ele, encontrando na hora seus olhos castanhos tão escuros fixos nos meus,

enquanto vinha em nossa direção.

E mesmo sabendo que ele estava ali, foi um baque. Cada célula do meu corpo reagiu e me vi como uma menina tola e apaixonada diante de sua paquera, não uma mulher feita e experiente, que estava mais do que acostumada com os homens. E que passou a noite toda trepando com ele.

Se por fora eu fiquei muito quieta, por dentro tudo entrou em ebulição, mexendo com meu equilíbrio e preocupando-me diante de tantas sensações. Admirei-o, mais uma vez

dando-me conta de como era alto, forte, lindo, de como sua beleza morena e máscula era extraordinária, ainda mais com aquela barba escura e aqueles cabelos densos e meio compridos, displicentes, que o deixava mais sensual. E aquele olhar ... Meu Deus, parecia que ia me engolir inteirinha.

Tentei reagir e olhei em volta, buscando Pedro com a mesma ânsia. Um nervosismo estranho me consumia, me deixava até mesmo perplexa. Fiquei um tanto decepcionada por não vê-lo por ali, pois me dei conta, de alguma forma,

que eu tinha esperado ansiosamente para vê-los de novo, mesmo que conscientemente aquilo me amedrontasse um pouco.

- Oi, Lara Maria. – Heitor parou perto de mim, como se só eu estivesse ali, tão perturbador que uma onda pura de lascívia junto com um tremor incontrolável, tomou conta do meu ser.

Recorri a todo meu autocontrole para sorrir para ele e demonstrar uma tranquilidade que estava longe de experimentar:

- Oi, Heitor.

Ele sorriu. As duas covinhas surgiram em suas faces e seus olhos sorriram juntos, daquele jeito tão lindo e único, que me vi quase babando. Mas então ele olhava para as outras e as cumprimentava com aquele sorriso de abalar qualquer um:

- Abigail, Dalila ... – Seu olhar parou na cantora, que não tinha parado de fitá-lo um segundo sequer. – Brunela.

- Nós nos conhecemos? – Ela perguntou de um jeito feminino e muito mais agradável do que usara até então para reclamar com Abigail.

- Não fomos apresentados, mas vi seu show aqui desde sexta-feira.

- Ah, claro! Espero que tenha gostado, Heitor. – Sorriu cheia de charme e de intenções.

- Gostei muito.

Pareceu analisá-la por um momento, concentrado. Não entendi o incômodo que me engolfou, a pontada de ciúme que me espetou. Fiquei irritada, pois Heitor não era nada meu. Eu não tinha que ficar ali de pernas bambas, corpo exaltado, e ciumenta por um homem que tinha sido meu amante por

apenas uma noite e me dividido com seu irmão.

Em geral, depois de transar com alguém, eu seguia em frente e nem olhava para trás. Muito menos ficava daquele jeito. Mas era mais forte do que eu.

Brunela pareceu gostar de ser alvo da sua atenção e sorriu ainda mais, olhando-o faminta, sedutora. Mas então, Heitor desviou seu olhar para Dalila, que atrás do bar o encarava detidamente. Os dois trocaram um olhar cheio de significados, como se conversassem em

silêncio. Ele parecia tenso e como se fizesse uma pergunta com o olhar. Dalila então encheu a bandeja e disse rapidamente para mim:

- Está tudo aí. – Depois foi logo servir outros clientes ali perto, como se fugisse.

Foi tudo muito esquisito e não entendi. Puxei a bandeja para mim, enquanto Abigail tomava a palavra:

- Oi, Heitor. É bom ter você aqui de novo. Daqui a pouco Brunela vai começar seu show. Mas como é domingo, hoje termina mais cedo.

- Eu sei. – Seu olhar se voltou para mim, sugestivo, quente, terno. – Também não vou demorar muito. Vim aqui só matar um pouco da saudade.

Merda! Meu coração deu de novo um pulo e eu me senti arrebatado por ele, todo ciúme e incômodo sumindo ao me dar conta do que ele queria dizer. Tinha vindo ali por mim.

Abigail e a cantora ficaram quietas. Mesmo sem olhar, soube que Brunela me apunhalava com os olhos. Mas eu nem queria saber. Queria só continuar presa nos olhos escuros e

lindos de Heitor, me sentindo como uma adolescente apaixonada. Logo eu, que nunca fui uma adolescente normal. E nunca me apaixonei.

Ao mesmo tempo, algo em mim não parecia funcionar muito bem naquele dia. A intensidade de tudo que vivi com eles naquela madrugada e as lembranças dolorosas que me bombardearam naquela manhã, deixavam-me com uma sensação estranha de cansaço, de prostração. Se eu pudesse, teria ficado em casa deitada no sofá, quieta, sozinha, sem precisar

falar com ninguém. Foi uma luta me obrigar a trabalhar e também a fingir que me sentia bem.

- Vou procurar uma mesa para mim. Espero você, Lara Maria. – Disse Heitor, invadindo meus pensamentos.

E com aquele seu olhar que sorria junto com os lábios e que parecia fazer tudo ferver dentro de mim, afastou-se. Fiquei com a sensação de que me esperaria não para servi-lo como garçoneiro, mas como mulher.

Tentei me recuperar depois que saiu de perto. Brunela parecia uma

cobra venenosa, doida para me matar com uma mordida certa na jugular. Mas Abigail sorria e comentava:

- Sortuda.

Acabei sorrindo, mesmo que não totalmente sincera. Peguei a bandeja com firmeza e falei, antes de me afastar:

- A sorte parece que resolveu sorrir para mim desde que cheguei nesta cidade.

E era verdade. Afastei-me para servir as mesas e me dei conta de que tudo tinha sido muito fácil de conseguir desde que cheguei ali: o emprego, a casa

ótima e já decorada, os irmãos Falcão. Dois machos de primeira qualidade, como tive o privilégio de conferir, que me levaram à loucura e me deram um prazer fora de série. Mas que também tinham me ajudado a ficar ainda mais tocada, ainda mais confusa.

Tentei me concentrar no trabalho, mas fiquei atenta a Heitor, observando onde ele ia se sentar. Busquei novamente em volta, procurando Pedro, esperando me deparar com aqueles safados olhos azuis quase cinzas e o sorriso arrogante, cheia de ansiedade e expectativa. Mas

ele não estava em lugar nenhum.

Heitor sentou-se em uma das mesas que ficava do lado que eu servia e tive vontade de ir logo até ele, mas continuei distribuindo as bebidas. Ao mesmo tempo, pensava que Pedro logo estaria chegando por ali e imaginei se me convidariam para sair com eles. Sentimentos diversos me envolveram. Mesmo com o desânimo, a vontade de solidão, de só ficar quieta em um canto, eu estremeci, meu corpo todo correspondendo aos estímulos do pensamento, que me invadia com as

imagens deles me beijando, nus, entrando em mim, penetrando forte e fundo, tocando-me e lambendo-me por inteira, olhando para mim. Era tudo extremado, pornográfico, viciante. Tinha passado o dia todo assim, com eles na cabeça, com seus gostos e texturas na boca, com a sensação primorosa e enlouquecedora de gozar vertiginosamente, em um prazer arrebatador, delirante.

E então outras lembranças vinham, lutando com essas, arrasando-me. Coisas que eu queria muito

esquecer, mas que pareciam feridas abertas, doendo tanto que maculava tudo em volta. Estava muito fragilizada. Nunca me senti tão só e desprotegida, tão terrivelmente abandonada. A tristeza vinha como um grilhão, pesando, arrastando, destruindo. E quando pensava que ia me afundar de vez, eu pensava neles, em Pedro e Heitor, então a dor virava surpresa, tesão, paixão, vontade de repetir tudo de novo, de ser tão livre como fui com eles, atingindo momentos em que todo passado sumiu da minha cabeça, enchendo-a apenas do

que faziam comigo.

Eram como ondas, que me afundavam, me faziam submergir em desespero, para então conseguir subir, respirar, buscar novo ar e nova esperança. Só para afundar de novo.

Tinha ido trabalhar perguntando a mim mesma se apareceriam ali e se eu sairia com eles. Mas simplesmente não tinha condições. Precisava ir com calma, colocar meus pensamentos e sentimentos no lugar, sair um pouco daquela roda viva emocional. Além disso, estava com o corpo todo

dolorido. Minha vagina e meu ânus pareciam assados de tanto que foram estocados. Mesmo acostumada com sexo, eles eram grandes e bem dotados e dois homens. Meus músculos doíam, cada parte minha lembrava do que fizeram comigo. E ainda assim, eu só ansiava fazer de novo. Mesmo que me machucasse e mesmo que minha mente me alertasse a me controlar pelo menos naquela noite, dar um descanso a tanta coisa. O meu corpo dependente pedia mais, enquanto meus sentimentos esfarrapados gritavam que não.

Agora Heitor estava ali e eu já me sentia abalada, tentada, ansiando para Pedro chegar logo e ser alvo do desejo dos dois. Talvez se insistissem, eu não teria forças para resistir. Sabia como eu era, de minha compulsão, que com eles se tornava ainda mais extremada.

Terminei de servir as mesas e, mexida, inquieta, busquei Heitor com os olhos e fui logo até ele, como se só o visse na frente. E era assim mesmo. Ele olhava para mim e me hipnotizava, me chamava, me convidava.

- Quer ser servido agora, Heitor? – Minha voz saiu rouca e sedutora, meu sorriso mostrando somente parte de como eu me sentia. Não queria que ele notasse todo o resto, como tudo parecia extremamente exaustivo naquela noite.

- Agora e sempre, Lara Maria. Pode fazer isso?

Ele estava sério, penetrando-me com sua intensidade silenciosa. Mas só podia estar brincando e continuei sorrindo ao jogar charme:

- É só me dizer o que quer. E já é

seu.

Trocamos um olhar quente, gostoso, cheio de tesão. Então ele sorriu devagar:

- Você é uma sedutora mesmo.

- Ora, mas fui absolutamente sincera. O que deseja?

- Você sabe o que desejo. – Não se fez de desentendido nem foi agressivo. Simplesmente sincero, direto, sem tirar o olhar do meu nem por um segundo, abalando-me em cada e toda parte de mim. Baixou um pouco a voz ao dizer: - Ontem passamos uma noite

inesquecível. Pensei em você o dia inteiro, Lara Maria.

Era impressionante como Heitor me desconcertava. Eu esperando ele ser machista, sexual, me dar uma cantada, e ele vinha com aquela voz doce e grossa, cheio de franqueza, sem vergonha de admitir como se sentia. Era tão diferente de mim ... Enquanto eu fazia de tudo para não me mostrar, Heitor não se incomodava em ser sincero e isso ficava explícito só de olhar para ele.

Senti-me mais leve, mais relaxada. E meu sorriso ali se tornou

mais aberto também, enquanto eu dizia no mesmo tom que o dele:

- Engraçado, eu tive o mesmo problema. Pensei muito sobre a nossa noite.

- Quer repetir?

Meu ventre se contorceu, senti que o desejava demais. Ficamos ali, cheios de uma energia pulsante e quente, sem ter como negar a atração forte. Pensei novamente em Pedro e foi como se uma parte minha faltasse. Na certa ele estaria já segurando meu braço, tentando me encurralar e me levar para a cama.

Era delicioso ter ele e Heitor juntos, cada um me encantando à sua maneira. Eram perfeitos separados e ainda mais perfeitos juntos. E eu não conseguia parar de pensar que realmente estava com uma sorte danada naquela cidade.

- Eu quero. E você? – Ele me fazia querer ser sincera.

- Muito.

Acenei com a cabeça. Então, ele me surpreendeu ainda mais ao perguntar de repente:

- Por que então está com esses olhos tristes?

Eu o fitei de imediato, muda. Parecia ver minha alma, atento. Como se tivesse um radar ligado a mim e não se enganasse com a farsa que eu tentava demonstrar.

Pensei rápido e usei meu escudo de sempre: a sedução. Sorri e comentei:

- Estou triste por que queria demais repetir a dose, mas infelizmente meu corpo está me impedindo. Estou muito dolorida, Heitor. Vou precisar de um tempinho para me recuperar.

- Eu imaginei. – Mas não tirava os olhos de mim e sua expressão parecia

me dizer que sabia que não era só aquilo. Mas mantive a farsa.

- Na verdade, estou bastante dolorida.

- Lara Maria ... – Heitor se inclinou para frente em sua cadeira e ergueu a mão, entrelaçando seus dedos aos meus. Um calor gostoso percorreu meu braço, senti-me ligada a ele, excitada, na mesma hora colando a palma da minha mão na dele. – Eu quero muito estar com você de novo. Queria ver você, saber de você, tocar você. Mas não quero machucá-la. Sei que

ontem à noite ultrapassamos vários limites. Mas acho que não precisamos de pressa. Eu espero.

Fiquei olhando para ele. Senti uma sensação única e gostosa de ser cuidada. Heitor mal me conhecia e podia estar pensando as piores coisas ao meu respeito. Afinal, mal cheguei à cidade e fui para a cama dele e de Pedro, portei-me como uma puta, deixei que fizessem de tudo comigo e ainda queria mais. E, no entanto, ele falava comigo com ternura e se preocupava em não me machucar. Aquele homem existia

de verdade?

Difícilmente eu me sentia querida de verdade por tanta gente que conheci em minhas andanças. As pessoas gostavam da minha companhia, riam comigo, elogiavam a minha beleza, me faziam propostas indecentes. Mas ninguém parecia me ver de verdade. Elas viam o que eu mostrava e, quando eu me descontrolava demais, arrumava minhas coisas e ia para algum lugar desconhecido. Começava tudo de novo.

Heitor agora estava me pegando desprevenida. Tanto que eu não sabia

bem como me portar perto dele. Tive medo de abrir a guarda, de me mostrar demais. E foi por isso que me agarrei na oportunidade que ele me deu e acenei com a cabeça:

- Tudo bem, Heitor Falcão. Confesso que hoje estou mesmo dolorida e cansada. Vamos deixar para outra ocasião.

Ele me analisou calado, mas não soltou a minha mão. Ao contrário, acariciou-a com a dele, grande, firme, levemente calejada. Pensei que como membro de uma família poderosa, ele

trabalhasse somente atrás de uma mesa. Mas sua pele bronzeada, as rugas em volta dos olhos e as mãos duras me contavam a história de um homem que gostava de trabalhar no campo, ao ar livre, embaixo do sol. E aquilo combinava demais com ele. Era um homem da natureza, por isso sua preocupação com os animais.

Eu estava encantada, mesmo sem querer. Como não me encantar com aquele pedaço de mau caminho gostoso, lindo, bom de cama e ainda por cima bom caráter?

- Podemos nos ver durante a semana, Lara Maria?

- Sim. – Não dava para negar nada a ele. Eu precisava de um tempo só meu, para me reestruturar. Então, voltaria a ser eu mesma.

Sem querer, pensei como seria bom ir para o colo dele, ser abraçada, ficar segura e protegida. Heitor tinha o poder de me fazer querer aquelas coisas desconhecidas, de sentir que poderia contar com ele além do sexo. E tudo isso era ainda estranho demais para mim.

Engoli em seco, sabendo que

tinha que voltar a trabalhar antes que Abigail fosse ali me chamar atenção, mas sem querer sair de perto de Heitor.

- Então, nos vemos durante a semana. Mas agora ...

- Eu sei, precisa voltar a trabalhar.

- É. – Sorri. E nem sei por que, perguntei antes que pudesse me controlar: - Pedro está bem?

Falar em Pedro me fez me dar conta que ele não viria ao Falconetes naquela noite. Não entendi a decepção que me envolveu. Lembrei vividamente

do modo como me pegou, como transou comigo, como nos sentimos como dois animais juntos. O modo que me olhou enquanto eu lambia seu esperma, cortante, aguçado, excitado, denso, duro. Estava na cara que ele era muito mais mulherengo e safado do que Heitor. E isso talvez significasse que, depois que conseguiu transar comigo, ele não me procuraria mais. A maioria dos homens era assim.

Fiquei irritada comigo mesma por estar tão interessada nele como em Heitor, mesmo os dois sendo como água

e vinho. Cada um me encantava à sua maneira.

- Ele está bem. – Respondeu e acariciou minha palma.

- Então, tudo certo. – Sob seu olhar atento, fiquei com medo que notasse como eu me sentia. Sorri e apontei à minha volta: - Preciso voltar a trabalhar.

- Certo. Também não vou demorar aqui, amanhã acordo com as galinhas. Vim só para ver você um pouco.

- Depois, eu que sou a sedutora.

Você sim, é um sedutor nato, Heitor Falcão.

- Estou apenas dizendo a verdade.

- Está bem. Preciso ir. Quer beber alguma coisa?

- Só uma cerveja.

- Pego para você. — Senti vontade de me aproximar mais, correr meus dedos em seu cabelo e sua barba, beijar sua boca. Mas soltei a sua mão e recuei, pronta para me afastar. Já ia me virar, quando Heitor segurou meu pulso e, como se soubesse exatamente como eu

me sentia ainda há pouco sobre seu irmão, explicou:

- Pedro também pensou em você o dia todo, ele me disse. Não veio aqui por que teve um compromisso em Pedrosa.

Eu estava surpresa. Não pensei que fosse tão óbvia e ainda tentei disfarçar:

- Sem problema. Não temos compromisso nenhum, somos apenas três adultos livres e desimpedidos se divertindo juntos.

- Eu sei. — Moveu a cabeça,

ainda compenetrado em mim. Mas continuou: - Sabe, Lara Maria, meu irmão pode parecer um safado à primeira vista ...

- Ele é um safado, Heitor.

- É. – Acabou rindo e eu fui junto. – Mas não é só isso. Por exemplo, hoje ele poderia estar aqui dando em cima de você ou, se fosse muito safado mesmo ... e já concordamos que ele é ... querendo sair com qualquer uma. Mas foi visitar uma clínica de pacientes com problemas psiquiátricos que ele ajuda em Pedrosa, há muitos anos. É um

projeto pessoal dele. E não participa só financeiramente. De vez em quando vai lá, acompanhar tudo de perto.

Aquilo eu nunca poderia imaginar. Seria algo que eu esperaria de Heitor. Fiquei surpresa, encarando-o, sua expressão franca dizendo-me que era verdade. A decepção que senti antes deu espaço a uma espécie de orgulho, de admiração, de vontade de conhecer um pouco mais quem era Pedro Falcão de verdade. Mas o que mais senti foi alívio.

Estava preocupada como aqueles

irmãos já mexiam comigo em tão pouco tempo. Mas não tinha como analisar aquilo ali. Assim, sorri e comentei:

- Um salva animais indefesos. O outro ajuda pessoas com problemas mentais. Vocês existem mesmo?

- Espere para ver nossos defeitos. – Riu, bem humorado.

- Podem me mostrar tudo. – Mordi os lábios, agora mais relaxada. Eu me virei para me afastar e disse baixinho sobre o ombro: - Vou pegar a sua cerveja. Não demoro.

- Vou esperar, Lara Maria.

Pisquei para ele e, sob seu olhar quente e pesado, virei e andei rebolando para longe, dando-me conta que minhas pernas estavam bambas.

CAPÍTULO 13

LARA

A segunda-feira foi um dia em que fiquei na cama até a hora de trabalhar.

Sentia um estranho cansaço, uma vontade de ficar sozinha e não ter que ver ou falar com alguém. Se pudesse não sairia debaixo do edredom. Lá fora o dia seguia, mas ali dentro do quarto

trancado e na penumbra, era como se a noite se estendesse, silenciosa, opressiva, solitária. Exatamente como eu naquele momento.

Não sei que horas eram. Nem ao menos levantei para comer, salvo para me arrastar ao banheiro quando havia necessidade e então voltar e me enrolar como uma bola sob as cobertas, cheia de pensamentos e lembranças que não queria, mas que se tornavam cada vez mais fortes dentro de mim. Odiava ficar deprimida, prostrada. Mas parecia que aquilo se tornava cada vez mais uma

rotina na minha vida.

Precisava descansar o máximo possível. Quando o celular despertasse com o horário de ir ao Falconetes, querendo ou não eu teria que retomar a vida, sorrir, fingir. Como vinha fazendo há muito tempo.

Foi naquele momento que o aparelho ao meu lado começou a tocar. Por um momento me assustei e pensei na minha mãe. A saudade veio forte, junto com incômodo e aquele horrível bolo na garganta. Quis ignorá-lo, mas o celular continuou a romper estridentemente o

silêncio do quarto e afastei o cabelo do rosto, olhando o nome da pessoa no visor.

Um leve sorriso se insinuou em meus lábios e fui envolvida por um sentimento quente e denso de pura saudade. Era minha amiga de infância, Marcinha, que eu não via há anos, mas que amava como uma irmã. Parte daquela exaustão que eu sentia cedeu e me ergui sobre os travesseiros, emergindo da minha prostração, atendendo a ligação:

- Oi, Marcinha.

- “Oi, Marcinha”!? Fica um tempão sem dar notícias e agora me cumprimenta como se tivéssemos nos encontrado ontem, Lara Maria?

Dei uma risada, afastei uma mecha de cabelo do rosto, sentindo como se ela, tão facilmente, tivesse cortado minha depressão ao meio com uma faca. Brinquei:

- Como sempre, você dramática.
– Senti muito carinho e a imagem dela veio clara em minha mente, seu olhar, seu sorriso, sua amizade de uma vida inteira. Falei baixinho: - Senti saudades.

- Ah, Lara ... Caramba, que saudade! Onde você está? Me diga logo! Estava louca de preocupação! – Continuou, disparando em um misto de reclamação e preocupação: - Merda, Lara Maria! Um ano sem qualquer notícia, sem nenhum recado, nem um mero: “Oi, eu tô viva!”. Sua vaca, sem vergonha, filha da mãe, ordinária ...

- Ei, calma aí! – Ri alto, mas Marcinha continuou, sua voz mais afobada:

- Ai, meu coração vai explodir! Não acredito que consegui falar com

você! Estou tão feliz! E irritada!

Marcinha despejou suas angústias acumuladas em mim. Ela era uma das poucas pessoas para quem eu ainda ligava. Gostava de falar com ela. Apesar de ter vivido toda a infância comigo, ainda assim conseguia me trazer boas lembranças, principalmente de nossa adolescência, quando aprontamos muito juntas.

Ela era minha memória viva, minha parte feliz, minha lembrança boa, meu socorro quando eu esquecia quem era, quando já não tinha mais qualquer

noção do que me formava, do que havia deixado ou conquistado um dia. Marcinha era minha vida “normal”, dentro de toda anormalidade que eu vivia.

- Deixe de ser exagerada, Marcinha. Você sabe que eu estou bem. Se algo ruim tivesse acontecido, você já saberia. Afinal, notícias ruins chegam rápido, não é? – Consegui dizer em um tom animado, embora uma parte pesasse com a melancolia.

- Droga, Lara, você nunca passou tanto tempo sem dar notícia!

Ninguém sabia de você. Nunca atende esse celular! E vou te falar uma coisa, todos perguntam por você, querem saber o que está fazendo, o que está aprontando, quais são suas últimas aventuras. Essa semana mesmo recebemos aqui em casa a Débora, a Nádia, a Virgínia, Elias e o Beto. Passamos horas lembrando de nossas loucuras. Só faltou você aqui com sua alegria, com seu jeito engraçado de contar as coisas. Você faz falta, amiga. Muita. Muita mesmo.

Fechei os olhos por um

momento, ouvindo e sentindo a voz dela, cada sílaba se juntando à outra e formando palavras que há muito tempo eu não ouvia. Sentimentos vinham junto com elas e era como se minha amiga estivesse ali, como se o tempo não fosse nada e eu a visse rindo, olhando para mim. Olhando de um modo que há muito eu não era olhada, de uma pessoa que me conhecia, que me amava, mesmo que não soubesse totalmente quem eu era.

Nas minhas andanças pela vida, nunca me dei uma oportunidade de ter aquilo novamente, amizades, de criar

lembranças inesquecíveis, de saber que me admiravam e gostavam de mim de verdade. Eu passava pelos lugares e sempre seguia em frente, sem deixar nada profundo de mim, sem carregar uma parte de alguém. Em algum momento eu havia me perdido e não sabia mais onde me encontrar, nem mesmo o que eu queria ou quem eu era. Marcinha tinha feito parte da minha vida quando ainda acreditei que poderia lutar e conseguir a normalidade, quando ainda tinha algum resquício de esperança e ainda era eu, ao menos uma parcela de

mim mesma.

Sem que eu esperasse, como acontecia em tantos momentos da minha vida, uma música veio lenta e clara em minha mente, “Noturno”, de Fagner, e eu a ouvi, a melodia se expandiu em meu interior, a letra foi como uma descrição de mim mesma:

*“(...)Se hoje sou deserto
É que eu não sabia
Que as flores com o tempo
Perdem a força
E a ventania*

Vem mais forte(...)”

Era isso que eu tinha virado com o tempo? Deserto? Sem vida e sem cor? Sem nada de verdadeiro para chamar de meu?

Tentei afastar aquela música da cabeça e me concentrar na voz da minha amiga. Só de falar com ela, era como se antigas esperanças e sentimentos brotassem dentro de mim. Como se de alguma maneira o pulsar de vida renascesse, quisesse lutar com toda a opressão em meu peito.

Marcinha com certeza não tinha noção de como suas palavras acalmavam a minha alma. Saber-me presente na sua vida não me deixava sucumbir à solidão total nem me sentir descartável, inútil, dispensável. E saber que eu ainda a tinha na minha vida de alguma maneira me trazia um espasmo de felicidade.

Era como no passado, quando a tristeza me dominava e eu não conseguia mais contornar os meus medos, quando as lembranças e a solidão tomavam conta de mim, me fazendo esquecer de

que havia algo bom em meu interior, ou até mesmo quando eu esquecia quem era, eu recorria à Marcinha. Ela abastecia minha memória com nossas histórias, com momentos bons que passamos, com as alegrias que compartilhamos, com as imagens de algo feliz. Era como se ela não me deixasse perder a minha história, quem eu era. Ou pelo menos quem ela pensava que eu era. Pouco me importava. O que importava era que ela me fazia parecer quase normal.

Dos amigos que estavam na casa

de Marcinha, a única que não estudou com a gente foi Virgínia. Nós fizemos o antigo Segundo Grau, hoje Ensino Médio, juntos. Na época cursamos Técnico de Enfermagem. Fizemos muita loucura no período de estágio. Cada um tinha sua característica, seu jeito de aprontar.

Marcinha sempre foi a mais quieta, centrada, correta e apaziguadora. Beto e Elias eram os sacanas, safados e gaiatos. Débora a descolada, adorava uns amassos e uma bebida alcóolica de vez em quando. Já a Nádia era boba,

tímida, sem graça, corando até que parecia um tomate com uma frase mais ousada. Mas era extremamente carinhosa. E eu ... Bem, eu era a safada, desinibida, extrovertida, engraçada, a própria “porra louca” do grupo. Aquela que se entrosava com todo mundo, que era participativa e alegre. Era assim que me viam. Era assim que eu queria que me vissem.

Enquanto Marcinha falava sem parar, eu me perdi em pensamentos, revivi silenciosamente alguns momentos que passamos. A tristeza deu uma leve

trégua e me senti um pouco mais confortada no calor daquela amizade.

- Lara, nós rimos muito aqui, relembrando aquele dia em que você colocou todos nós no carro daquele médico que queria te comer. Lembra? – Ela deu uma gargalhada estridente, que me fez sorrir como uma boba, as lembranças daquele fato me animando: - Lembra? Puta merda, oito pessoas! Oito! Você era louca mesmo! Até hoje me acabo de rir quando lembro a cara do pobre coitado!

Rimos juntas e exclamei:

- Cara idiota, Marcinha! Só por que era médico, achava que tudo quanto era enfermeira, principalmente as ingênuas das estagiárias, arreganhariam as pernas pra ele. Um ridículo!

- Sim, ridículo! – Ela ainda ria. – Mas você deu uma lição no “Doutor que se achava o Gostosão”! Aquela foi demais! Ele não esperava que, atrás do muro, havia sete marmanjos para entrar naquele carrinho. Nem sei como ele conseguiu dirigir!

- Nem eu! Depois dessa, nunca mais olhou na minha cara.

Marcinha riu de se acabar.

Depois daquilo, emendou outras três histórias engraçadas do nosso passado, falou da vida de um dos nossos amigos e, por fim, da rotina de sua família, de seu marido e de suas duas lindas filhas. Eu era apaixonada por elas. Eram uma graça, felizes, saudáveis e, acima de tudo, amadas e protegidas, vigiadas pelos seus pais. Eu sentia muita falta delas.

Marcinha tinha se casado com um amigo de classe. Ela e Wagner levavam uma vida normal, tranquila,

correta. E, por que não dizer, feliz? Tinha optado por não trabalhar fora, apesar de formada em Enfermagem. Preferiu se dedicar à família, ao casamento, à educação das filhas. Wagner era sargento do Exército. Viviam felizes. Viviam normalmente, sem histórias ou memórias ruins.

Eu não invejava minha amiga. Pelo contrário, desejava toda felicidade do mundo a eles e me rejubilava por ela ter aquela vida, tão merecida. Do fundo do meu coração, eu me sentia feliz que em seu corpo e em sua alma não

estivessem impressas nenhuma dor ou marca.

Respirei fundo, imersa em meus pensamentos, mas ouvi Marcinha dizer:

- Lara, você está me escutando?

Lara Maria?

- Claro, Marcinha.

- Então me diga: onde você está?

- Estou em Minas Gerais. Você

sabe que sou louca pelos mineiros, não é?

Ri descaradamente. Na hora me recordei de um namoradinho que tive na adolescência. Menino bom, tranquilo,

ótimo de cama. Mesmo nunca tendo me feito gozar, ele me fazia sentir um prazer que sempre achei que não merecia. Acabou por me deixar uma ótima impressão dos mineiros.

Heitor e Pedro vieram em minha mente e um calor gostoso me aqueceu por dentro. Agora, mais do que nunca, aquela impressão se confirmava. De fato, eu era louca pelos mineiros. Eles realmente eram ótimos de cama, muito mais do que eu podia esperar.

- Lara, quando você volta? –
Marcinha indagou mais alto, como se

soubesse que eu me perdia em pensamentos. – Sua mãe não está bem.

- Não está bem como? – Senti um alerta, uma preocupação, uma culpa me deflagrando.

- Não falo de saúde. É que é a única filha dela, Lara. Percebo que sente muito a sua falta. Ela precisa de você. Não só sua mãe, nós também. Queremos você com a gente. Até hoje não consigo entender esse desejo desenfreado de conhecer o mundo. De não ter porto nem paradeiro. De viver aqui e acolá, como se não tivesse história para contar.

Meu peito se apertou com suas palavras e por um momento minha casa, minha mãe, meus amigos, tudo que me era familiar veio dentro de mim em uma explosão de sentimentos confusos. Parecia que era de uma outra vida, uma que não me pertencia mais. Como se eu olhasse para um retrato embaçado e esmaecido, fosco, distante. E mesmo assim, tão real, único.

Não deixei a depressão voltar. Lutei contra ela, tentei soar natural ao dizer baixo:

- Hei, Marcinha, ao contrário!

Eu tenho é história para contar, minha amiga. E foi atrás disso que fui viver a vida fora desses limites ditos normais por não sei quem.

- Ah, Lara, mas não entendo isso!

Eu sabia que para ela era difícil me compreender. Marcinha fez o que foi esperado dela: namorou, noivou, casou. Tinha uma família, um marido presente e duas filhas lindas. Uma casa bacana. Às vezes passava um final de semana em um hotel fazenda legal. E frequentava as intermináveis reuniões na base militar

do marido, sendo uma boa mulher de militar, sentindo-se feliz em seu mundo.

- Mas juro que queria te entender. – Ela emendou. – Eu tento, mas não consigo ver lógica na sua ausência. Mas também, nunca acreditei no seu sorriso frouxo. Você sabe que nunca me enganou.

- Ah, Marcinha, lá vem você com sua história de que há algo escondido na minha vida! – Ri, mas daquela vez foi sem vontade, forçado, uma farsa. – Quando é que vai parar com essas teorias de conspiração?

Quando vai entender que não tenho segredos, que apenas preferi viver a vida fora dos domínios da família? Que minha alma é aventureira? Entenda, Marcinha, que eu não tenho esse perfil protocolar que você tem. Minha natureza é diferente, amiga. Meu olhar é outro e meu desejo não segue um padrão. Ele não tem nome nem forma, simplesmente pulsa dentro de mim.

Por um momento, ela se calou com meu discurso. Esperei, sem saber se a tinha convencido. Então, suspirou.

- Lara, tudo que falou é muito

bonito, mas eu te conheço por minha vida toda. Você nunca me enganou. Nunca vi olhos mais tristes que os seus. Você pode rir muito e negar o quanto quiser, pode me dar as mais perfeitas desculpas e respostas. Vou ouvi-las, como sempre fiz. Mas sei que algo te magoa, te fere, te esconde. Não vou ficar aqui martelando esse assunto, como já fiz antes. Apesar de muito me entristecer você não se abrir comigo.

Algo despencou dentro de mim, como se mergulhasse em um precipício sem fim. O sorriso já tinha morrido em

meus lábios. Minha visão ficou embaçada pelas lágrimas. Toda solidão na qual eu vivia pesou, doeu, latejou. Mas lutei contra tudo aquilo e tentei soar natural:

- Querida, se algo me afligisse assim, com certeza você seria a primeira a saber. Mas não tem nada. Sempre fui doida mesmo, só isso.

- Certo, Lara. Não vamos mais falar nisso. Mas quero que saiba que nunca deixo de pensar em você e, a hora em que quiser conversar, falar o que quer que seja, a qualquer hora, estarei

aqui.

- Obrigada, Marcinha. Não se preocupe comigo. – Meu coração estava apertado, sentia-me angustiada, mentirosa, arrasada. Aquela tristeza que se tornava cada vez mais contínua me engolfava como um veneno. – Estou bem, acredite. Mas me conte, a promoção do Wagner saiu?

Eu consegui distraí-la. Falamos mais um pouco e fui conseguindo recuperar parte do meu equilíbrio, amarrando minhas emoções em um nó apertado, selando-as dentro de mim.

Depois, nos despedimos com carinho e prometi que não sumiria.

Quando desliguei o telefone, não o soltei de imediato. Fiquei um tempo agarrada ao aparelho, num desejo quase pueril de me sentir fisicamente próxima da minha amiga. Olhei fixamente para a parede em frente, até que pequenos pontos de cor embaralharam minha visão e pisquei, querendo muito ver Marcinha na minha frente, seu sorriso, a alegria que me causava. Aproveitei os resquícios do conforto momentâneo que sua voz reverberava em mim.

Afundei-me contra os travesseiros e me encolhi, finalmente fechando os olhos, deixando o celular na cama ao meu lado e me cobrindo até o pescoço. Recordei nossos momentos quando jovens, o modo como conseguia ser quase eu mesma quando estava com ela e nossos amigos. Eram como lampejos de uma outra realidade, alguém livre que sempre desejei ser.

Apesar de adorar Marcinha e ter total confiança nela, nunca fui capaz de contar-lhe tudo que passei. Às vezes nem eu mesma entendia o porquê ou

como consegui ter me fechado, me escondido, me ocultado como fiz. Penso que a dor, o desrespeito, a humilhação, a subjugação e tantos outros sentimentos que borbulhavam dentro de mim, me ensinaram, desde muito nova, a racionalizar tudo o que acontecia à minha volta. Foi algo instintivo, uma forma de sobreviver. A vergonha e a culpa controlavam meus atos e o medo que as pessoas não acreditassem em mim me mortificava. Acabei amadurecendo precocemente às duras penas. E assim, apesar de não entender o

que estava acontecendo, vi no silêncio minha única opção.

Eu me agarrei a uma sombra de orgulho, tentei ficar junto a minha família e aos meus amigos, acreditando que tudo estava bem e que eu podia ser indiferente ao que eu sentia. Tólice. A realidade da minha vida era outra e passava a passos largos daquela alegria e descontração que eu deixava transparecer. A cada dia se tornava mais difícil fingir que nada tinha acontecido e reprimir o que eu sentia.

Quantas vezes senti a

necessidade quase obsessiva de contar a Marcinha como eu estava prestes a explodir, como a dor me rasgava por dentro e como vários dos meus sorrisos eram apenas escudos que disfarçavam minha dor, uma dor que em momento algum sarou ou sumiu, mas só se juntou a outras dores, só cresceu como uma avalanche. Mas então, eu olhava para ela, via sua alegria, via uma parte da minha vida não contaminada, e não tinha coragem. Somando-se a tudo, ao medo e à vergonha, vinha também o receio de sujar a única coisa que eu tinha de

verdadeiro e puro, a amizade. Eu não queria que o olhar dela de admiração e carinho por mim mudasse. Por isso, tentei ser o que esperava de mim. Tentei me convencer. Tentei.

E foi aí que decidi ir embora. Enquanto eu ficasse lá, eu seria uma refém. Ainda mais encontrando com ELE. Vendo o modo que me olhava, como se compartilhássemos um segredo, como se fôssemos mais espertos que todo mundo. Ambos imundos, falsos, mentirosos. Vivendo como se nada tivesse acontecido. Enchendo-me de

uma vontade esmagadora de morrer e só assim me livrar daquilo.

Lembrei-me do dia em que parti. Não justifiquei ou expliquei a minha atitude. Minha mãe e meus amigos acreditaram, pelo meu espírito aventureiro, que eu desejava ser livre e conhecer o mundo. De certa forma, era verdade. O que eu mais queria era ser livre e ali, no meu meio, eu nunca conseguiria. Tudo que eu queria era me libertar da história que eu carregava. Enchi-me de esperanças de que a distância faria aquilo por mim. Parti

com tudo para a vida. Só que o meu “tudo” era um amontoado de dor, raiva, insegurança, dúvidas, tristezas.

Assim, nessa confusão de sentimentos, fui correndo pela vida, pensando que o tempo e a distância me trariam cura a minha alma. Enfim, a minha libertação. Puro engano. Lá estava eu abandonada naquela cama, sete anos depois, ainda aterrorizada como se tivesse seis anos de idade. Uma simples ligação foi capaz de destrancar um fantasma que eu teimava em negar, mas que cada vez mais se colava em

mim, sugava minhas forças, me abatia derradeiramente.

Encolhi-me mais, em uma posição fetal, com o peito confrangido, o espírito em farrapos, as emoções beirando o caos final. Relembrei meus últimos anos e finalmente percebi que, ao aceitar o inaceitável, sem que me desse conta acabei me tornando refém de mim mesma. No labirinto de emoções e escolhas, tomei muitos rumos equivocados. E nos erros cometidos, machuquei não apenas a mim, mas muitas pessoas que estavam à minha

volta.

Deixei limites de lado, brinquei com a sedução, experimentei o proibido, debochei do convencional, fiquei sem controle, em uma vida ao avesso, degradada, marcada, danificada. Ali, enrodilhada como uma criança na cama, dei-me conta de como tinha tornado meu corpo dependente das exigências da raiva que me dominava.

Eu vivia em um cativeiro e, ali, os rumos que tomei nada mais foram que suicídios velados. Vezes sem conta eu quis morrer e acho que busquei aquilo

quando me arrisquei sozinha pelo mundo, com desconhecidos, com uma vontade ferrenha de me castigar. O silêncio não me trazia mais o esquecimento e o alívio. Ele nunca fez isso por mim. Mas apontava minha omissão, minha covardia, minha cumplicidade consentida. Era uma concordância tácita. Eu começava a entender que a sombra do meu passado fazia imagem no meu presente. E cada vez mais eu mergulhava naquela sombra.

Tentei dormir, exausta, cansada. Mais do que nunca eu entendia o que era

vontade de morrer. Se eu tivesse coragem, poderia simplesmente tomar um tubo de remédios, deitar e nunca mais acordar. Seria tão bom ter paz, perder a memória, me perder para sempre! Afinal, não havia mais nada ali para mim. Eu não podia voltar para minha mãe e para meus amigos. Eu não queria mais continuar naquela jornada inglória. Não era nada nem ninguém. Não consegui visualizar uma saída para mim.

De olhos fechados, muito quieta, vi um par de olhos azuis acinzentados na

minha mente, que ardiam de calor. Vi outro par, escuros, profundos, que sorriam mesmo quando seus lábios não o faziam. Lembrei dos toques, da sensação de ser viva, do esquecimento, mesmo que momentâneo, que me trouxeram. Senti aqueles dois homens tão próximos, que era como se estivessem ali comigo.

Não sei por que pensei neles, por que desejei tanto que pudessem me dar o alívio que eu queria. Não era meu corpo desejando, era minha alma precisando de um contato, um carinho,

um abrigo. E foi neles que me agarrei. Nas imagens, no que me faziam sentir, na vida que me davam em meio a uma morte interior. E assim, quietinha, finalmente consegui um descanso quando por fim mergulhei no sono. No esquecimento de tudo.

PEDRO

Na segunda e na terça-feira daquela semana eu fiquei em Belo

Horizonte participando de duas reuniões importantes sobre exportação de carne. Não era nada muito difícil e tudo estava se resolvendo conforme o esperado, mas mesmo assim eu me sentia meio estressado, sem saber direito por que. Era como se uma energia crepitante se acumulasse dentro de mim e buscasse um meio de sair. E eu soube que havia duas coisas que poderiam me acalmar rapidinho: uma luta de boxe ou uma transa bem gostosa.

No final da tarde de terça-feira, sentado em volta da grande mesa oval na

sala de reuniões da exportadora, eu parecia bem controlado dentro do meu terno cinzento bem cortado, com a barba aparada, um verdadeiro homem de negócios atento ao que um dos diretores expunha em um quadro. Mas eu fervilhava e não via a hora daquela reunião acabar. Foi então que meus olhos colidiram com os da bela loira de pernas compridas sentada do outro lado da mesa.

Era secretária de um dos diretores da empresa exportadora e tinha passado a manhã toda me lançando

olhares cobiçosos e velados de longe. Agora, quando a tarde avançava, eu sentia que bastaria me aproximar ao final de tudo e ela estaria na minha. Perfeita para aliviar minha tensão acumulada, para me deixar mais tranquilo e relaxado, para ter momentos de prazer. Observei-a, mais atentamente, e vi como era linda, com o cabelo claro preso, olhos castanhos brilhantes e uma boca pintada de rosa. O tailleur marcava curvas suaves em um corpo esguio e alto, tipo modelo.

Eu gostava muito de mulher e de

transar com elas. Passar dois dias sem comer uma já era bastante para mim e me dei conta que já eram três dias, desde que estive com Lara naquele quarto de motel, na companhia de Heitor. Era estranho como pensei nela naqueles dias, como tive tempo de avaliar tudo que tinha acontecido. Até naquele momento, enquanto eu paquerava a bela loira, de algum modo imagens de Lara sombreavam minha mente.

Não gostava de complicar as coisas. Para mim, foda era foda. Ponto

final. Bastava pegar no ponto certo e pronto: o gozo estava garantido. E assim eu seguia, conhecendo mulheres diferentes, dividindo-as com meu irmão ou aproveitando-as sozinho. Não me ligava seriamente em nenhuma, pois sabia que logo outra apareceria.

Às vezes conversava com Heitor sobre qual a melhor foda que tivemos. Para ele tinha sido as com Francesca. Mas isso não valia, pois ali havia sentimento, havia amor. Heitor havia sido muito apaixonado por ela. Se sentia feliz podendo imaginar uma vida ao lado

dela.

Eu não falava disso. Não me referia a sentimentos que mascaravam a verdade dos fatos. Aqueles benditos ou malditos sentimentos que transformam o comum em único, o impossível em prazeroso. Que curava feridas. Eu só queria saber qual a trepada tinha sido melhor, pura e simplesmente. Qual mulher tinha nos arrebatado a ponto de desejarmos repetir a dose infinitamente?

Eu tive mulheres excepcionais. Isso era uma grande verdade. Lindas, fogosas, destemidas, fortes, insaciáveis.

Mas todas previsíveis. Ao final de cada transa, sozinho ou com Heitor, a sensação era a de que eu já havia vivido aquele momento. Era igual. Prazeroso, eu não podia negar. Mas igual a tantas fudas que tive por aí, quentes e suadas, mas ao final de tudo como se uma cena que se repetisse com atrizes diferentes.

Se eu não fosse tão insaciável, talvez após a primeira transa com cada uma delas já me desse por satisfeito. Por que logo depois que acabava, boa parte da novidade se tornava algo banal. Não que isso quisesse dizer que era uma

transa rápida, por que eu demorava a gozar. Tinha um prazer especial em retardar meu gozo e assim ver a mulher se refestelar em orgasmos, enquanto eu retardava ao máximo a minha ejaculação. Não fazia isso no automático. Eu desfrutava e me excitava em ver a entrega da parceira, em tê-la completamente subjugada pelo tesão.

Na verdade, gostava muito do corpo de uma mulher. De desvendar suas formas e contornos, do cheiro, do sabor, da textura, dos gemidos. Era enlouquecedor enfiar meu dedo em uma

boceta encharcada, melhor ainda estocar meu pau num canal fervendo de desejo e prazer, me sugando com desespero e volúpia. Eu não era superficial ou rápido. Eu fodia com prazer. Isso era certo. Desfrutava até o limite e muitas vezes além dele.

E mesmo assim, com tanta experiência e tanto gosto pelo prazer, não tinha eleito ainda uma foda como a melhor, a excepcional, a inesquecível. Não até sábado. Por que desde então eu não parava de pensar em Lara. Ou melhor, não parava de pensar em sexo

com Lara. Ela tinha me balançado e deveria ser sincero comigo mesmo que ainda estava assim, embora nem entendesse ainda o real motivo. Não era um. Eram vários.

Para começar, não tinha conseguido retardar tanto o gozo. Num primeiro momento, achei que ia gozar como um adolescente virgem. Ao olhar aquela boceta depilada, inchada e molhada, fiquei doido. E agora, só de pensar naquilo, o gosto dela e o cheiro vinham com força total em meus sentidos, como se ela estivesse ali, a um

palmo do meu rosto. Tinha sido intenso e forte demais, muito real, incompreensível. Uma atração, um desejo, uma luxúria sem freios nem brios, livre, escaldante. Mas não apenas isso.

Aquela morena tinha me deixado desestabilizado com sua entrega, com seu susto ao ter pela primeira vez um orgasmo, por seu desespero em disfarçar. E me dei conta de uma coisa que talvez explicasse por que ainda parecia tão grudada em mim, tão forte em meus desejos: ela não foi previsível.

Eu tinha esperado uma trepada pra lá de gostosa e nisso não fui decepcionado. No entanto, eu não esperava o modo como ela pareceu uma criança perdida em meus braços e como me olhou como se pedisse algo, gritando e ao mesmo tempo muda. Como se segurou em mim e em meu irmão e tentou ser forte quando era um mundo de fragilidade. Lara tinha me desestabilizado, me feito ver além do corpo escultural e da sensualidade provocadora.

Não sabia como esquecer a

melhor foda da minha vida se, junto a todo tesão e todo descontrole, vinham aqueles sentimentos e aquelas perguntas. Odiava admitir, mas eu queria mais. Queria ter seu corpo novamente, dividi-la com Heitor naquela perfeição que criamos, assim como queria apenas olhar para ela, saber o que pensava, o que sentia, o que a fazia parecer tão desprotegida. E era tudo aquilo que me irritava. A necessidade. Nunca havia necessitado tanto de uma pessoa, pois sempre soube que haveria uma e mais uma e assim por diante.

Olhei para a loira e ela sorriu para mim, cheia de um charme disfarçado diante da sala repleta de pessoas, deixando mais do que claro que estava na minha. A reunião acabaria e eu a pegaria facilmente. Faria tudo com ela. Extravasaria meu desejo e todo aquele rebuliço em meu interior.

Mas pensar naquilo não me deu o alívio ou o tesão esperado. Pensei no que tive com Lara, como a dividi com Heitor e foi perfeito; como eu queria, necessitava, que aquilo se repetisse, que aquele gozo que experimentei, aquela

foda irresistível, fossem novamente reais. Precisava saber se seria como eu me lembrava, melhor do que tudo que já experimentei um dia.

Por algum motivo, soube que aquela loira não seria páreo para mim. Mas me recusei a admitir que simplesmente por ela não ser Lara. Por isso, tive uma ideia de animar mais as coisas e, assim que a reunião deu uma pausa, eu pedi licença e saí ao corredor vazio. Lá saquei o celular e liguei para Heitor, sabendo que na certa ele ainda estaria trabalhando na fazenda, perto do

horário de voltar para casa.

- Fala, mano. – Heitor disse, sua voz preenchendo minha mente um tanto agitada. – Está retornando à Florada?

- Ainda não. A reunião já vai acabar. Pensei em só voltar para casa amanhã. – Respondi, recostando-me na parede do corredor e correndo os dedos livres pelo cabelo curto.

- Sei ... – Pude ouvir o tom de riso na voz do meu irmão. – Mulher?

- Como você sabe? – Acabei sorrindo sozinho, mais à vontade. Heitor parecia sempre saber tudo sobre mim.

- E eu não te conheço?

- Pois é, uma loira muito gostosa. Pensei em levá-la para comer algo na rua e ouvir uma música, antes de partir para o que realmente interessa. É tempo mais do que suficiente para você pegar o carro e vir aqui participar da brincadeira.

- Deve ser mesmo muito gostosa para valer à pena me despencar daqui.

Pensei na mulher e no meu estado, nada descontrolado. Eu estava impaciente, agitado, mas não por causa dela. Eu precisava de sexo. E a porra

daquela morena não saía da minha cabeça. Lara era a culpada, mas eu nunca admitiria aquilo assim. Não sem antes brigar comigo mesmo e me provar que qualquer uma serviria. Ainda mais se fosse compartilhada e enlouquecesse de tanto tesão, como sempre acontecia com as mulheres quando eram saboreadas por mim e por Heitor ao mesmo tempo.

Perdido em meus pensamentos, acabei demorando a me dar conta do silêncio dele. Passei os olhos pelo corredor, sem me fixar em nada,

indagando:

- E então? O que me diz?

- Não to a fim, Pedro.

- Ela é linda.

- Mais do que a Lara Maria?

Porra! Bufeí, irritado. Claro que não era mais linda que a Morena. Eu não conseguia imaginar uma mulher mais bonita e gostosa do que ela.

- Qual é, Heitor? Já está apaixonado, cara? – Falei mais puto do que eu queria e então algo me ocorreu, deixando-me alerta: - Saiu com ela esses dias?

- Não. Eu a procurei no domingo, quando você estava em Pedrosa. Lara Maria parecia diferente.

Pude sentir o leve tom de preocupação em sua voz. Indaguei baixo, prestando atenção:

- Diferente como?

- Um pouco triste.

Esperei por mais, lembrando o olhar dela, às vezes triste mesmo, com aquela fragilidade que me sacudia por dentro. Heitor continuou:

- Conversamos. E ficou só nisso mesmo. Ela perguntou por você.

Não gostei do modo como me senti, da sensação que pareceu me deixar mais alerta, ainda mais preocupado. Passei de novo a mão pelo cabelo e andei pelo corredor acarpetado, só para ter o que fazer.

- Perguntou o que?

- Como você estava. Nada demais. Só achei que imaginava que você já estava à caça de outra. E até que não estava errada.

- Não tenho compromisso com ela, Heitor. Somos todos livres e desimpedidos.

- Sei disso. Mas te conheço, irmão. Ficou tão a fim dela como eu. Sabe que aquela noite foi especial, a melhor que já tivemos.

Fiquei mais irritado por que Heitor dizia exatamente tudo que pensei ainda há pouco e me desvendava mesmo sem que eu quisesse. Não quis discutir aquilo com ele por telefone e nem me preocupei em desmentir, pois sabia que apenas riria de mim, seguro do que percebia. Assim, fui direto ao ponto:

- Você vem ou não? A loira vale à pena.

- Não. No momento só consigo pensar em Lara Maria. Fiquei enrolado aqui na fazenda com muito trabalho e dei o tempo que ela queria. Mas amanhã penso em procurá-la. Podíamos fazer um programa juntos, nós três.

- Amanhã é outro dia, irmão. — Eu estava mesmo muito irritado e não quis dar o braço a torcer, confessar que eu também não me animava muito com a loira e preferia voltar logo para Florada e ir até Lara. Mas era ultrajante admitir que alguma mulher mexia tanto comigo e eu lutaria contra aquilo, com todas as

forças.

- Amanhã é aquela despedida de Micah, que faremos no bar em Pedrosa, somente entre nós, bem íntima. – Heitor lembrou. – Podemos convidar a Lara. O que acha?

- Merda ... – Resmunguei baixinho, voltando pelo corredor. Naquele momento, a porta abriu e a bela loira surgiu, olhando-me cheia de gula, dizendo num tom rouco:

- A reunião vai começar. Estamos sentindo sua falta, senhor Falcão.

Olhei firme para ela. Porra, era gostosa, linda, me satisfaria com certeza. Eu não tinha nada com Lara. Não precisava me prender a ela ou a ninguém. Era livre, mulherengo, safado. Pegaria quantas mulheres eu quisesse. Aquele negócio de romance e envolvimento não era para mim.

- Preciso desligar, Heitor. Nos falamos depois.

- Certo, irmão. Se cuida aí. E não meta os pés pelas mãos. Não precisa provar nada a ninguém, nem a você mesmo.

- Claro que não! – Fiquei com raiva. Tinha horas que aquela conexão com Heitor me irritava, por ele me desvendar tão rápido e fácil. – Tchau.

Desliguei e enfiei o celular no bolso, caminhando decidido até a mulher que ainda me olhava, excitava e em expectativa diante do modo como a encarei. Quando cheguei bem perto, segurei seu braço e disse perto de sua boca, antes de levá-la para dentro:

- Quando a reunião acabar, espere. Vou te levar para meu hotel e comer você.

Ela arregalou os olhos e arquejou, virando o rosto para me fitar, corada, assustada com minhas palavras. Então estremeceu, obviamente cheia de tensão, dominada, minha presa naquele dia.

Não esperei sua resposta. Eu sabia qual era. Apenas a larguei e entrei na sala de reuniões.

CAPÍTULO 14

HEITOR

Na quarta-feira tínhamos combinado ir a um bar animado em Pedrosa para comemorarmos em família a despedida de Micah e Valentina da vida de solteiro. Cacá, Caio e Helena ficariam na Fazenda com Tia, meu pai e

uma das enfermeiras dele. Eva e Gabi estavam animadas por saírem à noite sem preocupações e para se divertirem, por isso tinham deixado tudo preparado e agora se arrumavam para ir.

Tínhamos discutido vários lugares, mas Micah queria um animado e informal, daí acabou escolhendo aquele em Pedrosa e agora só falava no karaokê de lá, que todo mundo teria que cantar. Estávamos na varanda esperando as mulheres se prontarem e Theo dizia bem seguro, recostado na pilastra:

- Eu não vou cantar.

- Não vai ser estraga-prazeres. Vou te embebedar, ao final das contas, vai até dançar no palco! – Micah riu e Theo ergueu uma sobrancelha para ele, sua seriedade não desmentindo que achava graça de sua animação.

- Primeiro, Micah, nem que eu fique bêbado vou chegar a um ponto desses. Segundo, vou voltar dirigindo. Assim, pode esquecendo a cantoria e a bebedeira.

- Vai ser meu objetivo ver você cantando hoje, irmão. Hoje a noite é uma criança e quero todo mundo na farra!

Não esqueçam que é minha despedida.

- Até sábado chegar e você se casar, ainda vai arrumar ao menos mais umas duas despedidas de solteiro. – Divertiu-se Joaquim. E como a provocar Theo com Micah, disse inocentemente ao nosso irmão mais velho: - E se a questão for a bebida, Theo, eu trago o seu carro.

- E eu trago o outro. – Emendei a provocação, sorrindo. – Pode beber à vontade, Theo.

- Certo, vou beber mesmo. – Ele concordou, tranquilo, seus olhos em nós.

Disse sem se alterar, seguramente: - Mas não vou cantar.

Pedro riu e completou:

- Já era, melhor vocês desistirem. Mas deixem por minha conta, sou o mais afinado da família.

- Deus me livre ... – Joaquim sacudiu a cabeça. – O único aqui que sabe cantar e tocar violão sou eu. E a Gabi. Vocês passariam fome se tivessem que viver da música.

- Eu me garanto! – Micah afirmou e baixou o tom de voz, olhando para a porta como quem conta um

segredo: - Valentina é uma tragédia. Outro dia eu a ouvi cantar na cozinha e trucidou uma música do pobre do Almir Sater.

Eu me divertia ouvindo-os. Logo as mulheres chegaram, lindas e perfumadas. Eva foi direto até Theo, que a olhou como se fosse engoli-la todinha, na mesma hora segurando-a pelo braço e trazendo-a para si, seus olhos na boca pintada de vermelho da esposa. Joaquim beijou Gabi e a elogiou, abraçando-a, dizendo o quanto estava linda. E Micah agarrou Valentina, dizendo alto:

- Está ainda mais linda grávida, amor.

- Micah, a barriga ainda nem aparece. – Ela sorriu.

- Mas você está mais linda. Pode perguntar a qualquer um.

Observando-os, ficava algo muito claro: eles se amavam. Joaquim e Gabi, Theo e Eva, Micah e Valentina. Não estavam juntos por comodismo ou solidão. Era amor, puro e simples. Não tão simples assim. Cada um deles tinha passado seus maus bocados para enfim ficarem juntos. Mas agora tinham filhos

e se olhavam como se o mundo fosse muito mais bonito por estarem juntos.

Por um momento, senti certa melancolia e lembrei de Francesca, dos planos que fizemos, da felicidade que senti quando ficamos juntos e decidimos nos casar. Se a doença não a tivesse levado, talvez eu estivesse no grupo dos casados e com filhos, naquela felicidade também. E não um homem a alguns anos de fazer quarenta, ainda sozinho.

Ao mesmo tempo, já havia me conformado com a morte dela e não tinha desistido de ter minha família. Não

invejava meus irmãos. Pelo contrário. Eu os admirava. E sentia, no mais fundo dentro de mim, que um dia também teria aquilo. Por isso pensei em uma pessoa que mexia comigo muito mais do que eu podia ter imaginado e vivia em meus pensamentos. Lara Maria. Não era a primeira vez que eu pressentia que ela seria muito importante para mim. E para Pedro.

Voltei os olhos para meu irmão e, embora parecesse se divertir com Joaquim e Gabi, sentia sua tensão. Não tínhamos tido tempo de conversar

naquele dia, desde que ele voltara para Florada. Ambos tivemos que trabalhar. Mas eu o conhecia como a palma da minha mão e queria saber o que o perturbava. Embora a resposta fosse óbvia. De alguma maneira, aquela morena nova em Florada, de corpo exuberante, sorriso fácil e olhar doído, tinha nos enfeitiçado. Ao menos eu já tinha admitido aquilo. Mas e Pedro?

- Vamos? – Micah não via a hora de começar logo a farra, segurando a mão de Valentina. – Hoje deixo minha moto aqui e Valentina disse que não vai

beber e pode dirigir. Quem vai com a gente?

- Vou levar meu carro. – Theo olhou-nos. – Acho que dois é suficiente para todos nós.

- Eu e Quin podemos ir com você, Micah. – Gabi opinou. – Pedro e Heitor vão com Theo. O que acham?

Todos concordaram e Pedro me olhou, ainda agitado, com aquela energia que o deixava nervoso e que precisava ser extravasada para que relaxasse. Quando nossos olhares se encontraram, eu falei mais para ele do que para

qualquer um:

- Pensei em passar no Falconetes e convidar a Lara Maria. Por que não vai de moto e a pega lá? O movimento hoje é fraco, Abigail com certeza pode dispensá-la. Depois vocês nos encontram no restaurante.

Ninguém disse nada, mas a curiosidade ficou explícita. Pedro ficou imóvel e achei que ia recusar. Às vezes era um filho da mãe orgulhoso. Talvez quisesse fingir que não estava nem aí para ela. Mas seu olhar me contava outra história, por isso sugeri aquilo, em

vez de eu mesmo pegar meu carro e ir buscá-la.

- Lara Maria é a garçonete nova? A nossa vizinha, Valentina? – perguntou Micah.

- Ela mesma.

- Sei. – Ele nos fitou com olhos brilhantes. – Vocês não deixam escapar uma.

- Cala a boca, Micah. – Pedro parecia a ponto de se irritar, mas por fim, algo relaxou nele. Como se enfim aceitasse e parasse de lutar. Acenou a cabeça pra mim. – Vou lá pegá-la.

- É lindo como vocês se entendem, dividem tudo, ficam felizes da vida oferecendo a mulher que está a fim para o outro. – Micah continuou, sorrindo para nós. Valentina o cutucou de brincadeira e comentou:

- Como sabe que Heitor está a fim dela também?

- Olha a cara de felicidade dele!

Tive que rir e os outros acharam graça. Mais leve, Pedro dirigiu-se aos degraus e avisou sobre os ombros:

- Encontro vocês lá. Guardem uma cerveja gelada para mim.

- Eu ia dizer que faltava mais uma moça para todos ficarem acompanhados, mas já entendi tudo. - Joaquim ria de orelha a orelha e Gabi, ao lado dele, ficava vermelha.

Não falei nada, mas senti uma estranha felicidade.

Parecia que agora a noite ficaria completa.

LARA

Levei um susto ao ouvir a voz de Pedro me chamando no portão. É claro que eu reconheci de imediato que era ele e não pude evitar que meu coração disparasse loucamente e parecesse a ponto de pular pela minha boca. Por um momento parei com a taça de vinho prestes a ir à boca, enquanto me preparava para começar a fazer uma macarronada na cozinha. Achei que fosse imaginação minha, de tanto que pensei nele e em Heitor naqueles dias, mas então ele chamou de novo e tudo dentro de mim rebuliu.

Deixei a taça sobre a pia e me virei, correndo para atendê-lo como se o mundo fosse acabar se não o fizesse, descalça, descabelada, mas tão saudosa para vê-lo que não quis perder tempo me arrumando. Só saí de casa, pisei no calçado liso que levava até a frente, meus olhos buscando-o. E lá estava ele, olhando fixo para mim, a barba dourada parecendo mais densa, os olhos azuis acinzentados como pratas na noite fresca de começo de fevereiro.

Eu tinha achado que meu coração disparava antes, ao ouvi-lo, mas vê-lo

ali, tão lindo e másculo naquela jaqueta preta e nos jeans justos, me fez entender o que realmente era ficar a ponto de ter um ataque cardíaco. Não tive tempo de me preparar, de assumir meu lado sexy e jovial, apenas fui eu mesma, encantada por ele, mais feliz do que um dia sequer imaginaria que ficaria ao ver um homem.

Quando abri o portão, senti um emaranhado de emoções tão intensas que fiquei muda, sem ação, meio que perdida naquele mar tempestuoso que era seu olhar, naquela beleza máscula e dura, ansiando vertiginosamente ser dele

novamente, provar a perdição de seus beijos e o pecado do seu toque.

Nem me dei conta de como minha boca estava seca, de como meus dedos dos pés se enroscavam na calçada fria ou como meu corpo parecia finalmente vivo, cheio de recordações e saudades, como se pensasse por si mesmo. Eu estava entorpecida pela excitação e pela surpresa, pela felicidade de me sentir viva após dias em uma depressão dolorida e atordoante. Tudo vinha à tona e nunca me dei tanto conta o que era ser mulher,

cada respiração me lembrando disso, cada pulsação me fazendo mais feminina, mais livre de mim mesma, de tudo que me entristecia tanto. Era um sopro de vida e de felicidade, uma lembrança de uma Lara que fui apenas por alguns momentos, quando ele e Heitor me mostraram o que era prazer, o que era me livrar de amarras horríveis que me aprisionaram por toda uma vida.

Pedro estava lindo. Mais lindo e perfeito do que eu me recordava. Um homem, um macho, uma força cheia de energia que parecia extravasar e me

alcançar, me envolver, me fazer esquecer de tudo que não fosse ele ali, parado, olhando para mim. Tive um pensamento estranho, uma certeza sem explicação: de que finalmente ele havia vindo para mim e nada mais importava além disso.

Como em tantos momentos importantes da minha vida, a música me envolveu. Foi como se ela tocasse ao vivo e a cores, dentro de mim, pulsando, sua melodia percorrendo meus terminais nervosos sensíveis, a letra devorando minha mente. Era como se fosse nossa e

não sei por que pensei nela, mas vibrou
mais forte do que tudo e eu a ouvi:

Come Undone

*“Mine, immaculate dream made breath and
skin
I’ve been waiting for you
Signed, with a home tattoo
Happy birthday to you was created for
you(..)”*

Desfeitos

*“Meu sonho imaculado criou fôlego e pele
Eu tenho esperado por você
Marcado, com uma tatuagem conhecida
Feliz aniversário para você, fui criado para
você (...)”*

(Duran Duran)

Fiquei sem respirar, imóvel, segurando o portão, com a certeza mais incrível possível de que Pedro Falcão tinha ido ali por mim, para me salvar de minhas tragédias, para me livrar de todo mal, para me ajudar a vencer aquela luta árdua que eu empreendia há muitos anos e da qual vinha perdendo feio. Meu peito doeu, se apertou. Tive a sensação de que ele era meu destino, de que eu não devia mais lutar. Mas como, se

passsei uma vida inteira fazendo aquilo, lutando sem cessar, me recriando, tentando me encontrar e saber quem finalmente eu era? E se eu me envergonhava do que me tornei?

Não me contive. Parecia que algo era mais forte do que eu quando as palavras saíram, não exatamente tudo que eu queria dizer, mas uma questão que era até irrelevante naquele momento, mas que me fez indagar:

- Você gosta do Duran Duran?

Pedro franziu a testa, como se esperasse tudo, menos aquilo.

Seu olhar penetrante segurou o meu. Eu me vi sustendo a respiração mesmo sem querer. Lamentei que parecesse haver um mundo de distância entre nós, embora pouco passasse de um metro. Eu o queria mais perto, na minha pele, na minha alma, tão colado que ninguém soubesse mais quem era eu ou ele, apenas um amontoado de células misturadas. Precisava daquela trégua que ele e Heitor tinham o poder de dar para minha tristeza.

A música continuava a tocar e precisei saber se era para ele. Por que

aquela? Eu tinha esperado por ele? Fui criada para ele? E ao mesmo tempo, para Heitor? Por que mesmo ali, abalada, tocada, ligada nele, parecia que Heitor estava ali, uma parte de nós, uma lembrança viva, uma presença verdadeira. O que era tudo aquilo, meu Deus?

- Morena ... – Sua voz grossa verberou em minhas terminações nervosas e preendi o ar, apenas o olhei, esperei, antecipei o que diria. Parecia um pouco confuso com minha pergunta, mas mesmo assim a respondeu: - Duran

Duran é meu grupo favorito.

Eu senti um alívio. Não sei por que, eu sabia. Como sabia que Roberto Carlos era a cara de Heitor quando o vi na Igreja e escutei a música em minha mente. Por que eu os sentia tanto dentro de mim, se tudo que tínhamos era uma madrugada de sexo explícito e suado, de momentos tão carnavais?

- Por que perguntou isso? – Ele indagou e deu um passo à frente. O ar se perdeu e sorvi a respiração dele perto da minha boca, muito mais gostosa e perfumada do que o ar simples que a

cada segundo eu jogava para dentro dos pulmões.

Toda vez que chegava perto de mim era aquilo. Parecia que nossa energia se interligava e crepitava, dava até choques. Seu olhar era penetrante, mas seu corpo tinha uma postura relaxada que desmentia como ele atuava na cama, como era um macho de primeira categoria.

Tentei lembrar o que havia perguntado e por fim respondi:

- Não sei. Por algum motivo, achei que as músicas deles combinavam

com você. Gosto de pensar que as pessoas tem a cara de determinadas músicas e geralmente acerto na comparação.

- É um dos seus grandes talentos, Lara?

- Pode ser. – Sorri.

- Nunca ouvi isso, mas acertou comigo.

Não me tocava. Imaginei se o faria e como eu reagiria. Mas falar de algo banal, de música, quando o desejo era tão urgente, pareceu impor certo limite.

Enquanto meu corpo e minha mente reagiam automaticamente a ele, dei-me conta que havia sentido saudades. De Pedro, de Heitor, do modo como me faziam sentir. Era diferente, um abrandamento da minha dor, proporcional ao aumento de outras sensações e outros sentimentos. Não sei por que tinham aquele poder. Mas tinham.

- Fui ao Falconetes para vê-la, mas Abigail disse que era sua folga hoje. – Sua voz grossa penetrou meus pensamentos, minha espécie de

encantamento e confusão. Suas pálpebras estavam pesadas, o olhar semicerrado sem perder a intensidade, sem sair dos meus.

Concentrei-me no que dizia e acenei com a cabeça:

- Sim, trabalhei o final de semana até ontem.

- Sua folga não podia ter caído em uma noite melhor. Meu irmão Micah e a futura esposa dele, Valentina, vão fazer uma despedida de solteiro só com os irmãos, bem íntima. Vai ser em uma boate de Pedrosa. Pensei que pudesse ir.

Topa?

Era estranho receber um convite daqueles de Pedro. Ela parecia até meio incomodado ou receoso, como se esperasse uma recusa. Já tinha notado que gostava de ir pegando o que queria. Vir ali me convidar para sair com sua família era algo que eu teria esperado de Heitor.

Nós nos olhamos, calados, cada um mergulhado em seus próprios pensamentos, mas atentos ao outro. Fiquei surpresa por começar a conhecê-los tanto, a já saber como era o jeito de

um e de outro, quando apenas fomos amantes. Percebi o quanto vinha pensando o tempo todo neles, vendo as sutilezas de suas atitudes, percebendo suas características, me encantando cada vez mais de como eram diferentes e mesmo assim tão perfeitos e completos naquelas diferenças.

Nunca gostei de me envolver. E podia jurar que Pedro era igual. No entanto, estávamos ali perto um o outro, como se tudo fosse novo e desconhecido, com certeza ambos meio que receosos, atentos. Comecei a achar

que sentimentos mais fugazes se revelavam nas entrelinhas das nossas conversas e na troca de olhares, muito mais do que falávamos claramente. Mas logo afastei esses pensamentos, mexendo minha cabeça em negação, dizendo a mim mesma que estava apenas imaginando coisas.

Na mesma hora Pedro franziu a testa, como se achasse que eu recusava o seu convite, seus olhos mais vivos e perfurantes:

- Vai ser uma comemoração entre a gente, morena. Nada demais. Apenas

vamos jogar um papo fora, rir, falar besteiras. Sacanear Micah. Você vai gostar dos meus irmãos e das minhas cunhadas. Além do mais, não conhece ninguém por aqui, precisa se enturmar.

Eu percebi que ele queria mesmo que eu fosse e fiquei ainda mais surpresa. Teria esperado Pedro aparecer ali querendo me levar para dentro de casa e transar comigo ou mesmo me chamando para um Motel. Não para sair com a sua família.

Não entendi nada. E antes que eu pudesse dizer algo, ele me surpreendeu

mais:

- Vou ficar feliz com você junto a nós. Heitor já foi pra lá. Está certo que vou conseguir te levar.

- Isso foi ideia do Heitor?

- Foi.

Acenei com a cabeça, agora sim compreendendo. Mas de qualquer maneira era uma novidade Pedro estar ali fazendo o convite e não Heitor. Mexi-me e enfiei as mãos dentro dos shorts jeans, um pouco desordenada, mas sem deixar de olhá-lo:

- Pedro, eu adoraria sair hoje. A

semana foi realmente cansativa. Praticamente só trabalhei e dormi. Ou melhor, desmaiei. Mas esse encontro é algo muito íntimo, entre irmãos. Acho que eles nem esperam uma pessoa estranha no meio.

- Tanto esperam que já sabem que vim te buscar. Agora vá trocar a roupa.

Seu olhar parecia o de alguém prestes a criar a maior confusão caso eu recusasse. Sorri, pois aquele era mais o Pedro que eu conhecia. Sem querer, fiquei feliz demais que ele estivesse ali

e fazendo o convite. Na verdade, já me sentia animada, agitada para aceitar, viva e alegre como há dias não acontecia.

- Tem certeza de que não vou atrapalhar?

- Tenho. Agora entre, vou esperar aqui perto da moto. Se demorar muito, vou atrás de você dentro de casa e aí garanto que realmente não vamos sair. Tenho outras coisas aqui na mente para fazer com você nesse momento e falta pouco para esquecer que meus irmãos estão nos esperando.

O desejo crepitou ainda mais forte e vi que era verdade, que os olhos dele ardiam, sua expressão era de um homem dominante, puro, quente. A lascívia, que parecia ser um componente íntimo do meu sangue, percorreu-me quente, densa, despertando ainda mais meus instintos.

Nós queríamos transar. A parte minha que se arrastou em culpas e medos naqueles dias parecia sepultada pela paixão, pela vontade de experimentar tudo de novo com Pedro, de chamar Heitor e vivermos juntos

aquela delícia descomunal que foi única na minha vida.

No entanto, respirei fundo, porque ainda me sentia abalada, num poço de confusão. Então, dei um passo para trás, sentindo uma grande necessidade de relaxar, de parar de pensar, de só aproveitar por uns momentos. Ele me estendia uma oportunidade de emergir de uma espécie de afogamento emocional, de ir além do sexo, de ter mais um pouco de sua vida. E me vi querendo muito agarrar aquilo, mesmo que o receio ainda me

espezinhasse por dentro.

- Vou colocar um jeans. Não demoro.

Pedro acenou com a cabeça e, como uma criança prestes a ir a um passeio feliz num parque, virei e entrei em casa correndo.

A noite estava linda enquanto a Harley Davidson de Pedro cortava velozmente a estrada com destino à Pedrosa. Estrelas salpicavam o céu negro sobre as nossas cabeças e,

distraidamente, dei-me conta que ali parecia ter mais estrelas do que nos outros lugares que vivi, mas sabia que era pelo fato de ter menos residências e mais campos ao longo da via, com pouca iluminação.

Eu notava tudo isso apenas com uma pequena parte de mim. Estava perdida demais em sensações para conseguir me concentrar na beleza que nos cercava. Eu sentia o rugir do motor sob nossos corpos, ouvia o ronco abafado e inconfundível da moto clássica, me aquecia com o calor de

Pedro à minha frente. Minhas mãos se espalmavam em sua barriga sobre a jaqueta e nada era o suficiente para acalmar minha excitação, despertada em todos os sentidos por ele.

Mesmo com os dedos sobre o couro, eu sabia o que havia por baixo, a parede de músculos duros, a pele aquecida, como era tocá-lo. Minhas narinas se inflamavam com seu perfume que era uma mistura deliciosa de sândalo com algo picante. A toda hora eu passava o olhar por alguma parte de Pedro, como se quisesse ter certeza de

que era mesmo ele, de que estávamos ali juntos, livres, sozinhos, tão perto um do outro como se a natureza nos tivesse feito assim.

A cada quilômetro alcançado, a cada lambida do vento contra o corpo, era como se partes minhas ficassem pelo caminho. Angústias, medos, solidão, vergonha, culpa. Eu sabia que voltariam, sempre voltavam. Eram como almas agarradas em mim, parte da minha essência, de quem eu era. Mas a impressão que eu tinha era de que ali, naquele instante, eu era apenas uma

mulher na moto de um homem, liberta, desprendida de si mesma. E isso era tão bom, tão reconfortante, que eu apenas aceitava e o apertava mais forte, sem saber a quem agradecer.

Pensei em Heitor esperando por nós, na sua presença tão forte, naquele olhar que parecia me ver pelo avesso, na aceitação silenciosa do que eu poderia ser, sem julgamentos nem cobranças. Eu sabia com certeza absoluta que poderia confiar nele, que se me sentasse em seu colo me aconchegaria e ouviria, beijaria minhas

lágrimas, diria palavras doces em meu ouvido. Na cama podia ser tão apaixonado e bruto como Pedro, mas fora dela era um homem único, além de convenções e do certo e errado. Era simplesmente Heitor.

É claro que eu nunca poderia falar para ele quem eu era, o que vivi, o que me tornei. Mas saber, no fundo, que poderia confiar nele, era como ter uma tábua de salvação caso eu pesasse demais e não conseguisse me manter na superfície. Não sei se um dia o agarraria, talvez a covardia me fizesse

morrer. Mas tê-lo na minha vida, da maneira que fosse, era um alento. E uma felicidade.

A cada dia mais eu me encantava por Heitor. Como aquela masculinidade toda, aquele homão grande, poderia ser parte de uma pessoa tão doce, tão completamente encantadora. Era quase como uma inveja. Ele era algo que eu nunca seria nem conseguiria chegar perto, talvez o mais próximo que vi de uma perfeição. Eu o admirava, desejava, almejava. Depois dizia a mim mesma que era apenas atração física, a mesma

que me ligava a Pedro. No entanto, havia mais. Havia uma vontade permanente de ter mais dele. Deles.

Não quis pensar, analisar, me preocupar. Eu só queria ser como me sentia naquele momento, um pássaro livre, voando, sem pesos e mágoas, diferente, prestes a apenas aproveitar a noite. No dia seguinte, as dores continuariam lá. E então eu poderia reagrupar minha forças e lidar com ela. E também com tudo aquilo que latejava como desejo e me acossava por ser mais.

Abracei mais forte Pedro, com raiva do capacete que não me deixava cheirar melhor sua nuca, pelas nossas roupas que impediam nossas peles de se tocarem, por todas as convenções que nos seguravam de maneiras irrevogáveis. Tinha horas que eu desejava não ser humana, não ter a racionalidade para me parar ou fazer seguir, para me recordar que não era só corpo e instinto. Seria tudo tão mais fácil ...

Foi uma viagem rápida, em que me senti muito próxima a ele. Quando a

moto entrou e parou no grande estacionamento de um bar iluminado, cheio de carros ao lado, eu até lamentei que não tivesse demorado mais. Desmontei e tirei o capacete, enquanto Pedro fazia o mesmo e me observava. Ele também parecia ligado, alerta em mim, como se durante todo o caminho também tivesse mergulhado em pensamentos sobre nós.

A atração estava lá, acesa, fervendo, pronta para explodir. E então, sem que eu esperasse, Pedro agarrou meu braço, me puxou contra seu peito e

disse perto da minha boca, seus olhos nos meus:

- Já estou arrependido por não ter ficado com você em casa, morena. Que merda estamos fazendo aqui?

- Vindo para a despedida de solteiro do seu irmão. – Murmurei, meu corpo comichando, cada nervo dele se esticando, pedindo por mais. Quis provocá-lo, me esfregar, dizer alguma coisa que o deixasse doido. Mas os pensamentos pareciam ter se esvaziado da minha mente e eu me perdia naquele olhar cinzento, brilhante.

- É ... porra ... – Rosnou. Então, vi que não se conteria. Me beijaria ali. E talvez não parasse se fosse começar. Eu também não sabia se pararia.

Mas então recuei, consegui recuperar parte do discernimento e falei baixinho:

- Depois. Seus irmãos esperam por você.

- Então vamos de uma vez, morena. Mas depois você não me escapa.

- Como se eu quisesse, garanhão.
– E sorri para ele, sabendo que aquela

noite ele e Heitor é que não escapariam de mim. Eu precisava deles. Muito mais do que podiam imaginar.

CAPÍTULO 15

LARA

A boate era grande, com dois telões enormes nas paredes onde passavam clipes de música no último

volume, meio escura, uma pista de dança comprida e um pequeno palco apenas um degrau acima do chão, com dois microfones, perto de um dos telões. De imediato entendi que em algum momento haveria karaokê.

Garçons circulavam equilibrando bebidas com maestria e o local já se achava bem cheio, as pessoas animadas, as mesas em grupos grandes. Nem parecia que era dia de semana e calculei que o bar fosse sempre movimentado daquele jeito.

Pedro tinha agarrado minha mão

e me levava atrás dele, contornando mesas e pessoas, até uma mesa grande de frente para o pequeno palco e para um telão. Lá notei as pessoas da família dele, que eu já havia visto na Igreja. Mas meu olhar foi direto para Heitor e então meu coração disparou, como se por fim eu estivesse no meu lugar, segura por Pedro e com meus olhos fixos naquela camurça marrom que eram os olhos de Heitor, fixos nos meus.

Sorri, mesmo sem me dar conta, sentindo uma alegria diferente dentro de mim, uma certeza de que tinha feito bem

em aceitar o convite de Pedro. Heitor sorriu de volta para mim, lindo em uma camisa preta e jeans preto, toda sua masculinidade morena despertando meu lado mais feminino, mais carnal.

Paramos e na hora todos me olharam, curiosos, atentos. Consegui tirar meus olhos de Heitor e passar pelas pessoas, sorrindo. Pedro disse alto, em meio à música:

- Lara, esta é minha família.
- Oi. – Acenei com a cabeça.
- Oi. Bom ter você aqui com a gente, Lara. – A bela jovem ruiva que eu

tinha visto com o bebê na missa, foi a primeira a se levantar e sorrir para mim, corada, vindo beijar minhas bochechas. Tinha belos olhos castanhos claros e explicou: - Sou Gabi, a irmã caçula de Pedro e de Heitor.

- Olá, Gabi. – Com simpatia, a beijei de volta.

Logo o rapaz loiro e jovem, que se parecia com Pedro, ergueu-se também, sua mão em volta da cintura da ruiva, beijando minha face, dizendo com um sorriso:

- Sou Joaquim Falcão, irmão

deles.

- Oi ... – Não pude esconder minha confusão. Tinha visto ele e Gabi juntos com um bebê e agora me diziam que ambos eram irmãos? Como?

- É uma longa história. – Pedro sacou logo e disse perto do meu ouvido.

O sorriso de Joaquim se ampliou. Gabi se divertiu e explicou:

- Sou irmã de criação deles e casada com Joaquim.

- Ah, sim ... – Sorri, entendendo um pouco mais.

- Este é meu irmão mais velho,

Theo. E sua esposa, Eva. – Apresentou Pedro.

Vi a jovem loira linda e delicada, com imensos olhos verdes. E o homem moreno que gritava poder e masculinidade por cada poro. Ele se ergueu e não me beijou no rosto, mas estendeu a mão e me olhou com tanta intensidade que fiquei um pouco chocada com a força que emanava dele sem nem precisar dizer nada. Dava para notar que era o chefe da família, que convivia intimamente com o poder e a decisão, que devia ser o mais sério de

todos.

Apertou firme minha mão e, apesar de ser simpático e educado, não me fez perder a impressão de uma força vibrante e incontrolável:

- É um prazer, Lara. Seja bem vinda.

- Obrigada. — Acenei com a cabeça, sem saber se gostava dele ou o temia. Talvez as duas coisas. Era um homem extremamente atraente, mas intimidante.

Sua esposa, Eva, sorriu, beijou-me e disse com doçura:

- Não sabe como ficamos felizes quando Heitor e Pedro disseram que nos faria companhia.

- Eu fiquei meio sem graça, achei que era um encontro apenas familiar, mas Pedro me convenceu. – Expliquei, gostando dela, imaginando que deveria ser muito mais do que sua docilidade aparentava para ser esposa de um homem daqueles.

Então Heitor estava perto, segurando minha cintura, sua barba macia roçando minha face ao dar um beijo, fazendo-me esquecer tudo mais.

Estremeci, fiquei mais feliz do que podia julgar possível, quando disse baixo perto do meu ouvido:

- Se você não viesse, Lara Maria, a noite seria incompleta.

- Sempre sedutor, Heitor ... –
Sorri, meu coração batendo forte no peito.

Ele se afastou e trocamos um olhar quente. Então deu um tapa amistoso no ombro de Pedro e disse com um sorriso:

- Bom trabalho, irmão.

- Eu a traria por bem ou por mal.

– Pedro disse com aquela arrogância que lhe era característica e que não me irritava, mas me fazia achar graça. – Sente-se, Lara.

- Obrigada. – Acabei me acomodando entre ele e Heitor. Indaguei alto: - E o casal da despedida de solteiro, cadê?

- Estão ali, aproveitando os últimos momentos deles de liberdade. – Pedro disse com cinismo e apontou para a pista de dança.

Vi o homem moreno de cabelos desgovernados e a bela morena alta

dançando coladinhos, olhando-se nos olhos, sorrindo, ele murmurando algo para ela. Era a visão de um casal apaixonado e feliz e achei tão bonitinho que não pude conter um suspiro. Ao meu lado, Heitor disse perto do meu ouvido:

- É um amor antigo. Eles têm um filho de 14 anos.

- Sério? – Voltei-me para ele, surpresa. – Mas só vão se casar agora?

- A vida os separou por anos. Mas agora os uniu de novo. – Ele também olhava para o casal, compenetrado, uma emoção latente em

seu olhar. Então me fitou e disse baixo: - É assim, Lara Maria. Em um momento ou outro, a vida nos devolve o que perdemos. Nada dura para sempre. Muito menos a dor.

Fiquei imobilizada. Parecia perdida dentro das profundezas escuras dos seus olhos, como se pudesse ver dentro de mim. Tive medo de ser tão óbvia, mas então sua expressão suavizou e Heitor emendou:

- Micah foi tirado da nossa vida por 15 anos. Tragédias aconteceram. Mas ele voltou. E agora nossa família é

diferente, mais unida, mais feliz. Não importa o tempo que passou nem tudo que aconteceu. Importa que agora somos uma família de verdade. Só faltavam duas coisa para ser perfeita.

- O quê? – Indaguei quase num murmúrio, presa em seu olhar.

- Minha mãe estar viva. E eu e Pedro termos nossa própria família.

Mordi o lábio, vários sentimentos tomando conta de mim. Quis tocá-lo e confortá-lo por ter perdido a mãe. Quis dizer algo. Mas fiquei travada, alvo de sua profundidade, sem

saber o que ele queria dizer. Havia muitas coisas ali. Tantas coisas que não tive reação, apenas me imaginei como parte da vida dele, deles, sem poder impedir o pensamento impertinente.

Heitor tinha o poder de me desestabilizar sem precisar fazer muito, como se soubesse exatamente como mexer com as minhas emoções. Foi uma luta desviar os olhos, pois tinha medo que visse demais de mim. Por sorte, a música tinha acabado e o casal voltava à mesa, animado, feliz, o homem dizendo alto:

- Não há nada melhor nesse mundo do que dançar com a mulher que se ama, que vai ser sua esposa, que é a mãe do seu filho e ainda vai te dar mais dois!

- Esse aí vai ter gêmeos e não fala de outra coisa agora. – Pedro disse bem humorado.

Eu sorri, olhando-os, enquanto Micah sorria para mim e explicava:

- São os primeiros gêmeos da família e eles estão putos que fui eu a fazer. Veja o Theo, é egoísta, faz um de cada vez. Eu vou logo premiando em

dobro!

Todos riram. Olhei meio temerosa a Theo, com medo que ele se ofendesse, mas sua expressão tinha se suavizado e ele olhou para o irmão como quem contém um sorriso, dizendo em um tom seco:

- Sou mais pela qualidade e não pela quantidade, Micah. Não tenho pressa nenhuma.

- Eu tenho. Já avisei à Valentina, se não vierem duas meninas agora, vamos tentar mais uma vez e aposto que emplaco trigêmeas! – Sem soltar a mão

da futura esposa, estendeu a outra para mim, sorridente, apresentando-se: - Micah. Um prazer ter você aqui com a gente, Lara Maria.

- Obrigada. Estou feliz em ter vindo. – Apertei a mão dele e logo depois de Valentina, que veio até mim e simpaticamente se inclinou. Trocamos beijinhos e ela disse:

- Somos vizinhas, mas nunca nos encontramos.

- É verdade. Meus horários são malucos e cheguei à cidade há pouco tempo. – Sorri para ela. – Qualquer dia

desses vamos tomar um café juntas.

- Vamos sim. – Sorriu de volta.

Todos se acomodaram na mesa e foi pedida uma rodada de chope. Menos para os que iam dirigir, Theo, Joaquim e Pedro. Heitor e Micah riram deles e brindaram. E mesmo em meio à bagunça e implicância, dava para ver que todos eles se amavam e respeitavam. Havia um clima bom ali e me senti muito bem no meio deles.

A conversa rolou solta. Logo eu batia papo com Valentina, Eva e Gabi, falava um pouco da minha vida de

viajante sem entrar em detalhes, ouvia como falavam dos filhos e das gravidezes, enquanto os homens conversavam alto. Em minutos era como se eu já os conhecesse há muito tempo e tomava minha cerveja, um sorriso verdadeiro no rosto, bem à vontade.

Em determinado momento Micah avisou:

- O karaokê já está liberado. Quero ver quem vai estrear.

- Até parece que não vai ser você, Micah. – Gabi sorriu para ele. – Não fala em outra coisa desde ontem. Só

quero ver o que vai cantar.

- Vou cantar uma música para cada um de vocês. – Ele sorriu, se animando.

- Está parecendo a Lara. – Pedro comentou e encontrei seu olhar em mim, divertido.

- Como assim, parece eu? – Ergui uma sobrancelha.

- Não disse que costuma imaginar uma música para cada pessoa? Hoje mesmo disse o que acha que combina comigo. – Ele retrucou e sorri. Na mesma hora Micah se inclinou para

frente, os olhos brilhando:

- É sério isso? Peraí, até sei que música a Lara disse que é a sua cara, Pedro.

- Vem merda aí. – Heitor já sorria.

- Vai começar ... – Pedro só o encarou, fingindo seriedade.

- Não é essa, Lara? – Micah me olhou cheio de energia e começou a cantar todo feliz:

“Elas me falam

Que eu tenho cara de safado

*Que eu sou mulherengo
Um cara muito assanhado (...)*”

Pedro deu uma risada. Todos na mesa riram, eu principalmente, enquanto Micah explicava:

- Rabo de saia, do Edson e Hudson. Acertei?

- Como não pensei nessa? Perfeita pra ele! – Exclamei e Pedro me deu uma fulminada com seus olhos claros. Entrando na brincadeira, provoquei: - Mas tem outra que é mais a cara dele.

- As músicas do Duran Duran. –

Pedro disse logo.

- Não ... Essa:

“Cachorro, perigoso

Safado, carinhoso

E pronto pra te dar amor

Louco pra fazer amor

Tô sempre atrás de um rabo de saia

Também adoro cair na gandaia

Eu sou assim, eu sou assim(...)”

(Cachorro Perigoso, Tche Garotos)

Todo mundo se acabou de rir

quando parei de cantar. Pedro queria rir também, mas fingiu cara de bravo, me encarando. Isso me fez dar um gargalhada. Olhei logo para Heitor, toda feliz ao vê-lo rindo gostosamente. Então, na mesma hora exclamei:

- Heitor, essa é para você:

*“(...)O cara que pega você pelo
braço*

*Esbarra em quem for que
interrompa seus passos*

*Estar do seu lado pro que der e
vier*

*O herói esperado por toda
mulher*

*Por você ele encara o perigo
Seu melhor amigo
Esse cara sou eu(...)”*

*(Esse cara sou eu, Roberto
Carlos)*

As risadas espocaram e Heitor me deu uma olhada quente e profunda, seus olhos brilhando, sorrindo como seus lábios, as belas covinhas fazendo meu coração disparar. Quase derreti,

feliz, enquanto ele fazia um carinho em meu braço e dizia sedutor:

- Esse cara sou eu.

- Esse cara é você. – Murmurei, sem entender por que me sentia tão feliz, quase como uma criança.

- Olha o clima! – Brincou Joaquim e nem acreditei que corei, o que fez todo mundo rir mais.

- Isso é sacanagem! – Pedro reclamou alto e me fez olhá-lo. – Eu sou chamado de cachorro safado e sem vergonha e Heitor é “o cara”?

- Sua fama o precede! – Micah

se acabava de rir e disse, todo feliz: - Lara, você já sacou os dois! Heitor é o mais bonzinho, se for escolher, fique com ele. Pedro é o maior safado!

- Cala a boca, Micah. – Pedro disse alto, bruto, o que só o fez falar mais, piscando malicioso:

- Se bem que, pelo que conheço dos dois, você nem precisa escolher. É igual dupla sertaneja, compra um e leva o outro de brinde!

- Micah! – Rindo, Valentina tapou sua boca com uma das mãos e disse para mim: - Lara, não leve em

consideração o que esse maluco diz!

- E contei alguma mentira? – Ele disse, após segurar a mão dela e depositar um beijo estalado em sua palma, sedutor. Mas parecia possuído e, sem parar de sorrir, disse para mim: - Até sei uma boa para você, Lara.

- Se disser, vai ter que ouvir a minha pra você! – Ameacei bem humorada, sabendo que estava adorando a brincadeira, animada como ele. Era como estar no meu meio, muito à vontade, rindo de orelha a orelha. Não lembrava de me sentir assim há muito,

muito tempo.

- Combinado! – E na mesma hora, Micah cantou meio desafinado:

*“Meus amores me querem inteira
Em qualquer posição
Meus amores não marcam bobeira
E eu não fico na mão...”*

(Poligamia, Kid Abelha)

- Filho da mãe ... – Pedro tentou ficar sério, mas logo soltava uma risada.

Eu me acabei de rir, sem

vergonha. Devia estar querendo me esconder embaixo da mesa, no meio da família deles pela primeira vez, tão na cara que eu era amante dos dois. Vi Gabi rindo desconcertada, Eva com lágrimas nos olhos rindo no ombro de Theo, aquele homem super sério com um grande sorriso nos lábios encarando Micah, que se desvencilhava das tentativas bem humoradas de Valentina fazê-lo calar a boca. Joaquim gargalhava, assim como Heitor.

- Agora aguenta! – Era difícil implicar com Micah, pois eu quase não

o conhecia, mas arrisquei, cantando alto:

*“(...) Controlando
A minha maluquez
Misturada
Com minha lucidez
Vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza
Eu vou ficar
Ficar com certeza
Maluco beleza(...)”*

(Maluco Beleza, Raul Seixas)

Todo mundo riu. Heitor exclamou:

- Micah é o verdadeiro maluco beleza!

- Gostei, Lara! – Todo animado, ele ainda entrou no ritmo e mandou pra mim: - Você é das minhas! Toma Lindomar Castilho: “*Você é doida demais! Doida, muito doida! Doida demais!*”.

Eu caí na gargalhada. E motivado, Micah viu todo mundo rindo, e começou a dizer para mim:

- Qual você acha que é a cara do Joaquim? Olha bem pra ele, Lara.

- Ah, não sei! – Sorri para o rapaz. – Não o conheço direito.

- Eu sei qual a música perfeita para o Quin! Eu sei! – Gabi se animou, levantando a mão, corada e feliz. – Vou cantar!

- Olha lá, Gabi. – Joaquim parecia meio sem graça.

- Essa é pra você, meu amor: - e toda agitada, cantou com olhos brilhantes:

*“Lindo, e eu me sinto enfeitiçada
Correndo perigo
Seu olhar é simplesmente lindo(...)”
(Menino bonito, Rita Lee)*

Ele se derreteu todo e os dois na mesma hora se abraçaram e se beijaram apaixonados, causando um grande alvoroço na mesa. Todos batemos palmas, teve até assobios, enquanto Joaquim aproveitava a deixa e cantava para ela, emocionado, fitando-a nos olhos:

*“(...)Moça bonita, seu beijo pode
Me matar sem compaixão (...)”
(Moça bonita, Geraldo Azevedo)*

Mas antes que ele cantasse mais,
Micah interrompeu:

- Não, nada de romantismo aqui!
Estamos no meio de uma coisa séria! –
Seus olhos bateram em Theo, que o
observava, abraçando Eva pelo ombro,
um simples gesto deixando claro como
era possessivo com ela. Um sorriso
lento se espalhou nos lábios de Micah. –
Por falar em “sério”, vamos ver uma

música perfeita para meu irmão mais velho.

- Cale a boca. – Theo disse seco. Se aquele olhar azul duro fosse para mim, eu estremeceria na base, mas pareceu deixar Micah mais animado. Falou pra mim:

- Vamos lá, Lara, me ajuda nessa!

- Eu não! – Ri e lancei um olhar a Theo, fingindo estremecer. – Tenho medo dele!

Por incrível que pudesse parecer, ele sorriu, embora a ruga

continuasse entre suas sobranceiras e a dureza toda lá. Eva riu para ele e depois para mim e para Micah, dizendo alto:

- Essa eu quero ver.

- Bem, então vamos ... –

Respirei fundo, como se tomasse coragem e todo mundo sorria em expectativa, me olhando. Gostei especialmente dos olhares quentes e penetrantes de Heitor e Pedro sobre mim. – Como percebi que Theo e Eva parecem se amar tanto, acho que ele cantaria essa música pra ela:

*“(...)Sou Adão e você será...
Minha pequena Eva (Eva)
O nosso amor na última astronave
(Eva)
Além do infinito eu vou voar
Sozinho com você
E voando bem alto (Eva)
Me abraça pelo espaço de um
instante (Eva)
Me cobre com teu corpo e me dá
a força pra viver...”*

*(Minha pequena Eva - Giancarlo
Bigazzi e Umberto Tozzi e a versão é de M.*

- Ah, que lindo! – Eva exclamou, emocionada, abraçando Theo, dizendo para mim cheia de sinceridade: - Amei, Lara! Obrigada. E você tem uma voz tão linda!

- Linda mesmo. – Concordou Gabi e Valentina, todos acenando com a cabeça. Quase falei que era cantora, mas deixei passar.

- Amarelou, Lara? – Reclamou Micah, abrindo as mãos exageradamente. – Deixou Theo te

intimidar?

- Lara tem juízo, Micah, coisa que você nem imagina o que é. – Theo foi cínico, o que só atizou mais o irmão, que na hora retrucou:

- Essa é pra você, irmão, Genival Lacerda, Homem Durão:

“Desde o tempo de menino

Tem a fama de ruim

Eu não ligo pra isso

Pois eu já nasci assim

Me chamam de homem durão

Falou mas eu desconheço

*Eu não sei ficar bonzinho
Quanto mais a mulher me faz
carinho
Ai é que eu endureço (...)"*

Todo mundo caiu na gargalhada. Cheguei a ficar com lágrimas nos olhos, enquanto Theo o mirava bem sério e Micah, atacado, continuava:

- Mas isso é só fama, gente! Perto da Eva, ele deixa de ser durão e “Pareço um menino”, como dizia Fábio Júnior:

*“Apenas você tem o dom de mudar
meu destino,
É so me tocar com seus olhos, pareço
um menino
Deitado em seu colo o mundo não me
surpreende
Sou homem maduro mas na sua
frente
Não sou mais que um menino....”*

- Adorei! – Disse Eva,
suspirando, toda feliz. Virou-se para o
marido e acariciou o rosto dele. – É
assim, Theo?

Micah tinha se recostado em sua cadeira, com olhos brilhantes. Olhava para Theo, como se esperasse o maior dos esporros e senti que até ele ficou meio na dúvida se tinha exagerado. Naquele momento, para mim ficou claro que ele respeitava sim o irmão mais velho, apesar das brincadeiras. No fundo, não queria passar do ponto com ele.

Theo ficou imóvel, encarando-o fixamente. Gabi se remexeu, olhando de um para outro. Valentina pareceu meio sem graça. Joaquim pigarreou e, de

repente, havia um silêncio tenso na mesa. Meu sorriso foi diminuindo e achei que ia dar merda quando Pedro disse baixo:

- Fodeu.

Então, Theo se inclinou para frente na mesa, abriu a boca e sua voz possante saiu na direção de Micah, surpreendendo a todos:

*“(...) Sinto a cruz que carrego
bastante pesada
já não existe esperança (...)”*

(Cruz que carrego, Evaldo Braga)

E completou, logo após parar de cantar:

- Você é a cruz que carrego,
Micael Cruz Falcão.

E sorriu, como se estivesse feliz consigo mesmo pela brincadeira.

Heitor foi o primeiro a soltar uma risada, logo seguido por todos. Joaquim exclamou:

- Não acredito, até o Theo entrou na sacanagem!

- Vamos lá, Theo, mais uma! –
Pedi Gabi, batendo palmas. – Sacaneie
o Micah, ele está merecendo!

- Sou cruz só no nome! –
Defendeu-se Micah, fingindo
aborrecimento, virando-se para
Valentina: - Sou uma cruz pesada de
carregar, amor?

- Se é! Nossa, tem horas que não
aguento! – Ela exclamou
exageradamente. – Não é verdade,
gente?

- Micah é um pé no saco! –
Pedro emendou e indagou: - Theo, tem

uma dessas músicas velhas sobre pé no saco?

- Está me chamando de velho? –

Theo apertou os olhos para ele.

- Longe de mim! – Pedro ergueu as mãos, rindo. – Não quero levar um cascudo!

- Po, vocês estão de sacanagem comigo! – Micah se defendeu, mas com um sorriso querendo escapar.

- Não se preocupe, irmão. – Heitor deu um tapa amistoso no ombro dele, dizendo reconfortador: - “Você não vale nada, mas eu gosto de você...”

- “Até tu, Brutus?”. – Micah suspirou. Então bateu com as duas mãos na mesa, virando-se para Valentina, com um olhar pidão. – Só você pra me salvar, amor. Vamos lá, mostre pra eles. Que música cantaria para mim?

- Ai, sobrou pra mim ... – Ela riu e olhou em volta, meio nervosa.

Todos sorriam. Passei os olhos em volta, esperando que o sacaneasse. Mas então, surpreendendo cada um de nós, Valentina se virou para ele e o olhou intensamente, bem nos olhos, segurando sua mão sobre a mesa. Disse

tão baixo que quase não ouvimos, a voz
cheia de emoção:

- Essa eu cantaria no passado,
quando fiquei longe de você:

“Quando você foi embora, fez-se noite
em meu viver

Forte eu sou mas não tem jeito

Hoje eu tenho que chorar

Minha casa não é minha e nem é meu
este lugar

Estou só e não resisto, muito tenho
pra falar (...)”

(Travessia, Milton Nascimento)

Micah ficou imobilizado. E então, toda sacanagem sumiu de sua expressão. Seus olhos brilharam, cheios de emoções, o amor ficou tão claro e límpido no modo como a fitou, que nem precisaria falar nada.

Senti um frio na barriga olhando para eles, vendo tanto sentimento, tanta coisa ali, aquela energia viva, sentindo, mesmo sem querer, que eles me tocavam. Era tudo tão doce e ao mesmo tempo tão explícito, que lembrei de Heitor me dizendo que Micah tinha sido

afastado deles por 15 anos por causa de uma tragédia e que ele e Valentina tinham tido que lutar pelo amor deles. Meus olhos arderam e, mesmo eu que era uma cínica em relação ao amor, soube que teria que lutar para não ficar com lágrimas nos olhos. Pisquei, guerreando comigo mesma.

Não tive coragem de olhar em volta, pois sentia a emoção palpável de todos. Tive medo de perder as estribeiras e chorar como um bebê, sem conseguir entender como eles podiam mexer tanto comigo, se eu mal os

conhecia. Ao mesmo tempo, quis muito ver o que Pedro e Heitor sentiam, mas continuei paralisada. Acho que todos nós ficamos assim naqueles segundos que se eternizavam.

Então, Micah ergueu a mão e acariciou o rosto de Valentina com toda delicadeza. Disse baixinho, a voz meio embragada:

- Eu te amo, Valentina.

- Eu te amo mais. — Ela murmurou.

Ouvi suspiros de Gabi. Continuei muito quieta, enfeitiçada por

eles.

Então, Micah sorriu, beijou suavemente os lábios dela e, sem que ninguém esperasse, levantou de repente. Sem mais uma palavra, foi rápido até o palco e à Máquina de karaokê, de costas pra gente, selecionando uma música.

- O que esse doido vai fazer? – Heitor disse baixo ao meu lado, sua voz enrouquecida.

- Eu acho ... – Consegui murmurar, tentando fingir que não estava balançada com tudo aquilo. - ... que ele vai cantar pra ela.

- É o amor, Lara Maria. Até o mais sacana dos homens vira um cordeirinho perto da mulher que ama.

Seu braço estava em volta da minha cadeira e, bem lentamente, senti sua mão se infiltrar lentamente sob meu cabelo, seus dedos longos deslizando sobre minha jaqueta até a nuca, onde me acariciou lentamente. Arrepios varreram meu corpo e não resisti. Virei o rosto e olhei para ele. Heitor disse baixinho:

- Eu tenho uma música para você.

- Qual? – Não pude deixar de

perguntar. Meu coração bateu mais forte, senti como se o corpo não fosse meu, cheio de sensações embriagantes sob seu olhar escuro e seus dedos acariciando-me.

- Depois.

- Depois? – Sussurrei, meus olhos pesando, meus dedos ficando estranhamente dormentes. – Quando?

- Mais tarde.

- Isso é uma promessa, Heitor Falcão?

- Pode apostar, Lara Maria.

Sorriu devagar para mim. Como

um sorriso podia me fazer estremecer por dentro, me sacudir toda? O que era aquilo? Quem era aquela mulher que parecia uma desconhecida dentro de mim?

Tentei resistir, um pouco assustada. Respirei fundo, desviei o olhar, só para encontrar o de Pedro, atento e sério em nós, intenso. Ao mesmo tempo que havia um tesão quase explícito ali, percebi que parecia meio irritado. Se não fosse Pedro, eu diria que estava com um pouco de ciúmes, havia algo de possessivo em sua

expressão, na maneira como parecia prestes a me dar um belo de um castigo. Aquilo terminou de me abalar e de me excitar. Mordi o lábio, sabendo que naquela noite não haveria escapatória para mim. E era assim que eu queria.

Fui salva pela música que começou, dramática. A melodia inconfundível de Sidney Magal explodiu nos altos falantes do bar e palmas começaram a espocar entre o público quando ficou óbvio que ele cantaria “*O meu sangue ferve por você*” para Valentina.

- Esse meu irmão é mesmo um “maluco beleza”! – Gabi riu.

Olhamos para o palco e Micah agarrou o microfone, apontando seu indicador direito para Valentina, dizendo alto e claro para todo mundo ouvir:

- Essa música é pra você, minha Valentona. A mulher da minha vida, a mãe dos meus filhos, a futura senhora Falcão, que me faz o homem mais feliz do mundo.

Então, olhou-a de modo penetrante, fez uma pose bem

provocante e cantou com sua voz grossa e meio fora de ritmo:

“Teu, todo teu

Minha, toda minha

Juntos, essa noite

Quero te dar todo meu amor (...)”

Quando vi, eu gritava, aplaudia e ria junto com todo mundo, o bar quase vindo abaixo quando Valentina levantou-se rindo e chorando, indo rápido para o palco baixo. Micah agarrou-a, puxou-a contra o peito no momento em que ela

apanhava o outro microfone e cantava alto, estridente, cheia de emoção:

*“(...)Toda, Minha vida
Eu, te procurei
Hoje, sou feliz, com você
que é tudo o que sonhei (...)”*

Lágrimas vieram aos meus olhos e aplaudi tanto que minhas mãos arderam, ainda mais quando ambos cantaram juntos, agarrados, exagerados, felizes até cada alma viva naquele salão rir bobamente:

*“(...)Ohhhh, eu te amo
Ohhhh, eu te amo meu amor
Ohhhh, eu te amo
O meu sangue ferve por você(...)”*

E ali, sem que eu pudesse impedir, senti coisas que pensei que não eram para mim. E desejei algo como aquilo, aquela emoção palpável, aquele espocar de vida, tentando agarrar aqueles sentimentos e deixá-los para sempre dentro do meu corpo, incendiando minha alma, enquanto dores

e desesperos eram momentaneamente suplantados, esquecidos, sepultados.

No meio daquela balbúrdia e da felicidade estonteante, eu quase chorei. Lutei para não passar vergonha, dando-me conta, surpresa, que as lágrimas que vinham não eram de sofrimento e amargura, mas daquele sentimento que parecia crescer dentro de mim desde que cheguei à Florada: esperança.

Não pude crer que aquela mulher ali emocionada fosse eu. Então, olhei devagar para Pedro e Heitor, ambos sorrindo, animados com o show que o

irmão e a cunhada davam, sem perceber com o eu estava e me sentia. Mas não precisei de mais nada. Eu soube ali que alguma coisa havia mudado e se imiscuído dentro de mim, uma coisa inacreditável: eu me sentia irremediavelmente sem volta. Eu me sentia deles. Não de Pedro. Ou de Heitor. Dos dois.

CAPÍTULO 16

PEDRO

A noite foi simplesmente perfeita.

Eu sempre me sentia feliz e completo entre meus irmãos e pessoas

da minha família. Era meu meio, meu ambiente, meu lugar. Eles me conheciam e me aceitavam como eu era, com meus defeitos e minhas qualidades. Por mais que eu ficasse à vontade em outros lugares, nunca era como estar no seio da minha família.

Só fui me dar conta de que aquela noite parecia ainda mais especial quando me toquei o porquê. Lara estava lá e a tornou ainda melhor com seu jeito, sua presença, sua alegria natural e espontânea. Era a primeira vez que uma mulher com quem eu me relacionava

participava de um momento familiar meu tão íntimo. E ainda estava surpreso comigo mesmo por ter concordado com Heitor em levá-la. E mais surpreso por ter gostado imensamente de cada minuto que ela passou com a gente.

Tinha me divertido muito com suas brincadeiras junto a Micah, observado como se deu bem com as mulheres, como todos gostaram dela. Parecia natural estar ali. Assim como fora normal para minha família tê-la entre eles, mesmo sabendo qual era o papel dela na minha vida e na de Heitor,

formando um trio conosco. Com exceção de Francesca, era a primeira pessoa que ocupava esse lugar entre eles. E mesmo com Francesca havia sido diferente.

Quando eu e Heitor nos envolvemos com ela, foi só sexo e diversão. Depois que a coisa ficou séria entre eles, eu pulei fora. Entre meus irmãos, ela só foi apresentada como namorada de Heitor e não como amante de nós dois.

Naquela noite, não precisamos dizer nada. Lara chegou, se deu bem com todos e eles souberam logo que era

nossa amante, de ambos. Senti Gabi, Eva e Valentina meio sem graça no início, mas logo foram conquistadas pelo jeito expansivo e alegre de Lara, de modo que todo mundo se divertiu e a aceitou com espontaneidade, como se já fizesse parte do nosso meio. E ela também ocupou esse papel com simplicidade, sem vergonhas ou dramas, bem à vontade.

Agora, levando-a de volta para casa em minha moto, cortando a madrugada silenciosa e fria de Florada, eu a sentia colada atrás de mim, seu

queixo em meu ombro, mais uma vez percebendo que tudo parecia ser do jeito certo, sem alarde, sem explicação. E ainda assim eu pensava, eu analisava e me surpreendia. Devia estar apenas fodendo-a, como fiz com a loira na tarde anterior, após a reunião da Exportadora. Não a levando para um momento tão íntimo da minha família, como se Lara já fosse mais do que um elo entre mim e Heitor.

O que mais me irritava era querer aquilo, gostar daquilo. Nunca senti vontade de me envolver com

mulher alguma além do básico, para me divertir. Sempre soube que seria o único solteiro da família e me orgulhava disso. Não queria começar agora a andar de mãos dadas com ela, sair com meus irmãos e cunhadas como se Lara fosse mais importante do que uma boa foda. Nem agir com naturalidade sabendo que eu e meu irmão transávamos com ela ao mesmo tempo. Sim, para mim era muito normal. Mas para os outros não. E se ela comesse a andar demais comigo e com Heitor, minha família ia achar que era sério. E não era. Não mesmo.

Eu gostava de Lara, mas estava alerta, cuidadoso. Até mesmo preocupado. Principalmente depois de ter comido a loira de todas as formas e maneiras possíveis e, mesmo assim, não ter sentido com ela nem metade do tesão e da emoção que Lara despertou em mim. Poderia dizer a mim mesmo que era pelo fato de Heitor não estar junto, o que animaria mais a coisa. Mas não era isso. Lara tinha algo a mais, que mexeu comigo, que fez a nossa foda ser tão espetacular que com a loira a coisa pareceu sem graça.

Agora mesmo eu só pensava em chegar na casa dela e transar, beijar, cheirar, meter em Lara até me acabar, me esvair, me livrar daqueles pensamentos perturbadores. Sabia que Heitor queria o mesmo, por isso estava pegando uma carona com Micah e Valentina logo atrás. Ninguém disse nada, mas ficou subtendido como acabaria a noite. Em um trio. O nosso trio.

Chegamos e Lara desceu da moto, tirou o capacete, abriu o portão. Eu levei a Harley Davidson para o

quintal, enquanto ouvia porta de carros, a risada de Micah, o portão fechando novamente. E quando desmontei, percebi Lara e Heitor se aproximando sorrindo e conversando baixo, seus ombros muito juntos, uma alegria e uma conexão espontânea e clara entre eles.

Observei-os calado, tirando meu capacete, correndo os dedos entre os cabelos curtos. Por um momento quis ter um pouco daquela tranquila certeza do meu irmão, que geralmente se jogava nas coisas sem analisar e se preocupar muito. Ele aproveitava o que vinha e se

dava, sem medos, sem lutar. Eu não. Queria as coisas do meu jeito e odiava não ter controle sobre o que eu sentia ou o que acontecia à minha volta. E Lara, definitivamente, me descontrolava.

- Vamos entrar? – Ela sorriu, já subindo os degraus da varanda com a lâmpada acesa, seus olhos redondos brilhando com uma sensualidade e alegria latentes, tão óbvios que deixava até suas bochechas mais coradas.

Caminhou graciosa, jogando os cabelos para trás, dando-nos um olhar franco e límpido, sem tantas emoções

carregadas ou represadas. Percebi que talvez fosse a cerveja que consumiu em moderação que a tivesse deixado assim, parecendo mais solta e livre, mais feliz. Ou talvez a noite que passamos rindo e nos divertindo. Mas eu acreditava que era por finalmente estarmos juntos, nós três.

Ela foi na frente e abriu a porta. Heitor me olhou, tocou meu ombro com carinho ao passar, disse baixo com uma felicidade que se equiparava à de Lara:

- Venha. A noite é nossa. Desfaça essa cara feia.

- Não estou de cara feia. –

Rosnei, embora isso só aumentasse o seu sorriso.

Eu os segui, sério, cheio de pensamentos perturbadores e dúvidas. Irritava-me simplesmente não aproveitar como eles, mas sentir que algo me preocupava sobremaneira.

Ainda assim, a lascívia estalava em mim ao entrar na casa de Lara. A ansiedade e o desejo pareciam comprovar que eu estava sedento e carente de sexo, quando eu o tinha tido na noite anterior. Mas não com Lara. E

aquele fato, naquele momento, fazia uma diferença inimaginável.

Tentei me livrar daqueles pensamentos, alterado comigo mesmo. Ali decidi só aproveitar, sem inquietações desnecessárias. Eu estava a fim de Lara mais do que fiquei por qualquer outra mulher e era só. Tinha apenas que fodê-la mais do que as outras, até me acostumar com ela e então pular fora. Bem simples.

- Querem mais uma cerveja? –
Lara caminhou para a cozinha, tirando a jaqueta, largando-a sobre uma poltrona.

Usava um jeans justo e uma camiseta, mas marcavam seu corpo escultural, que fez cada parte do meu corpo acender. Olhou sobre o ombro e sorriu quente para mim: - Pode dormir aqui hoje, garanhão. Assim não se preocupa em dirigir e bebe à vontade. Quer?

- Quero tudo que você tem e não tem para me dar, morena. – Falei seco, duro, tirando também minha jaqueta de couro, olhando fixamente para ela.

- Hum ... Assim que eu gosto. – Deu uma risada e sumiu na cozinha. – Volto logo, meus Falcão preferidos.

Heitor sorriu para mim, divertido. Encarei-o, esperando alguma provocação, mas ele foi até um aparelho de som e o ligou, colocando uma música gostosa do Iron Maiden para tocar. Só então se acomodou confortavelmente no sofá e disse para mim:

- Por que não escuta uma música que gosta e relaxa, Pedro. Não precisa ficar tenso desse jeito. O que está te perturbando?

- Às vezes me irrita você saber tanto sobre mim num só olhar. — Reclamei e me sentei na outra ponta,

como um garoto. Embora fosse um ano mais velho que Heitor, muitas vezes ele me fazia sentir como um moleque.

Meu irmão me observou, passando a mão distraidamente pela barba. Recostei-me e o encarei, como se o desafiasse a acertar. Heitor não podia, pois nem eu entendi como me sentia, o que me perturbava tanto.

- As coisas não precisam ser tão complicadas, Pedro. Só viva.

- Não tem nada complicado, irmão.

- Não mesmo. – Ele concordou e

baixou o tom de voz, seus olhos escuros muito atentos: - A tal da loira não foi como Lara Maria. Você teve que pagar para ver. E agora está aí, sem conseguir entender por que.

- Porra ... – Xinguei em um murmúrio acusador. Eu já devia estar acostumado com aquela ligação com Heitor, como eu o entendia tão bem e ele a mim, muitas vezes sem precisar confessar nada.

Heitor deu uma risada e brincou:

- Se simplesmente aceitar, vai ser mais fácil.

- Aceitar o que? – Lara voltou para a sala, descalça, carregando uma garrafa gelada de cerveja e três copos. Na hora Heitor a ajudou e agradeceu a ele com um sorriso quente, antes de se acomodar em uma poltrona com as pernas dobradas embaixo do corpo, deixando que meu irmão servisse a bebida nos copos. Fitou-me e mais uma vez me dei conta de como era linda, tão espontaneamente linda. – Do que falavam?

- Nada importante. – Retrucou Heitor.

Lara não era boba. Mesmo um pouco tonta e animada pela bebida, ela olhou atentamente para mim e indagou baixo:

- Então, por que você está com essa cara, garanhão?

Não sei por que, eu quis dizer algo. Falar que estive com outra mulher e estava puto por que esta nem chegou aos pés de me provocar o tesão que eu sentia só em estar ali, na mesma sala que ela, Lara. E que não queria desejar só uma.

Heitor se levantou, deu um copo

à Lara. Quando enfiou o meu em minha mão, fitou-me sério, quase como a me prevenir de algo. Mas eu o ignorei e comecei, um tanto agressivo:

- Só tenho essa cara, morena. Estava aqui só lembrando da noite anterior.

- É? E o que aconteceu de especial na noite anterior?

Nossos olhares se encontraram.

Lembrei dela naquela noite, tão feliz e sorridente cantando músicas com Micah, tornando nossa noite ainda mais divertida e melhor. E a notei ali, mais

leve do que a vi um dia, sem aquela provocação toda sexual e sem aquele ar perdido que notei mais de uma vez. Parecia puramente Lara, satisfeita no meio de nós. E então, por mais que não tivéssemos compromisso algum, eu soube que se abrisse minha boca sobre a loira, estragaria aquela noite. E não queria aquilo. Não queria tirar aquele ar do seu rosto.

Fitei Heitor, sua seriedade, seu alerta. E me calei. Pelo menos naquele momento. Não tive coragem de pagar para ver. Dei de ombros e fui sincero:

- Nada de especial, Lara. Nada que se compare ao que aconteceu hoje.

Ela acenou com a cabeça, mas ainda me observou, como se soubesse que havia algo mais ali. Achei que insistiria, mas relaxou, tomou sua cerveja e disse num tom agradável:

- Obrigada a vocês pelo convite dessa noite. Gostei muito. A família Falcão é muito especial. E me diverti muito.

- Vai ao casamento sábado, Lara Maria? – Heitor tomou sua própria cerveja, sentando-se confortavelmente. –

Vi que Micah e Valentina a convidaram.

- Eu acho que o Falconetes nem vai abrir sábado, ouvi Abigail dizendo que quase a cidade toda foi convidada. – Ela riu. – Se não tiver trabalho, vou sim. Claro, se vocês não se incomodarem.

- Será um prazer. Venho aqui buscar você. – Disse Heitor.

- Nada disso. É casamento do seu irmão e não quero dar trabalho. Pego uma carona com alguém.

- Venho buscar você. – Confirmou Heitor e seu olhar decidido não admitia recusas. Tomei um gole da

minha cerveja, notando como eles se entendiam pelo olhar e sorriam um para o outro, até Lara capitular charmosa:

- Se é assim, Heitor Falcão, eu aceito.

- Passo aqui às 18 horas, Lara Maria.

- Estarei pronta.

Senti uma pontada de ciúmes deles. Pareciam se entender sem esforço. Mas soube que era besteira minha, pois Lara não era nada mais do que nossa amante naquele arranjo que para as outras pessoas poderia parecer

pornográfico e irreal, mas para mim e meu irmão era muito natural. E para Lara também.

Estava curioso sobre aquela mulher. Observava-a enquanto ela prestava atenção no que Heitor dizia sobre como seria o casamento na fazenda, tentando chegar a algumas conclusões sobre Lara. Percebi que naquela noite parecia mais serena, sem usar de provocação conosco, embora seus olhares e sorrisos fossem sensuais, mas acho que isso já fazia parte dela. Havia algo que lembrava liberdade em

seu jeito e seus gestos, como se fosse livre e não se importasse nenhum pouco se meus irmãos e cunhadas, ou qualquer pessoa na cidade, soubesse o que faríamos ali. Não era tímida, não se incomodava com a opinião dos outros, aproveitava a vida.

Até aí, tudo bem. Era bem da maneira que eu gostava, sem complicações e sem cobranças. Mas então, eu lembrava de detalhes, das suas lágrimas, do seu susto ao gozar, de certo desespero em seu olhar que desmentia aquela tranquilidade toda. E me dava

conta de que não sabia quem era a mulher verdadeira ali. Só que era muito mais complexa do que queria parecer.

Eu tentava não me importar com isso. Mas não conseguia parar de tentar saber mais sobre ela, compreendê-la. Por isso, quando ela terminou de ouvir o que Heitor dizia e comentava que devia ser bom ter uma família grande e unida, eu perguntei:

- Você tem família, morena?

Olhou-me na hora.

- Meu pai morreu há muitos anos, sou filha única. Mas minha mãe

ainda está viva. – Apesar de responder naturalmente, senti que ficou mais tensa.

- E onde ela mora?

- Rio de Janeiro.

- Ela não se importa por você estar tão longe e sozinha?

Terminou o restinho de cerveja, depositou o copo vazio na mesa de centro e sorriu para mim, mas desconversou:

- Eu sou adulta. Quis dar uma volta por aí, ela aceitou.

- Uma volta por aí? – Foi a vez de Heitor indagar, também muito atento.

Lara deu de ombros.

- Meninos, a vida é curta demais.

Cansei desse negócio de ser como o gado de vocês, que faz todo dia a mesma coisa, pasta, é alimentado, segue na vidinha tradicional e acaba virando carne em um frigorífico. Resolvi viajar, conhecer o Brasil, seguir minhas vontades. Aproveitar a vida. E posso garantir, é bom demais. Já me diverti muito nessa jornada.

- Eu imagino. – Não entendi o incômodo que me envolveu ao imaginá-la se dando a vários homens em lugares

diferentes. Aquilo, não era da minha conta.

Lara tornou-se mais provocante, seu olhar quente:

- Por exemplo, se eu estivesse lá no Rio me matando de trabalhar e estudar, sendo uma boa menina, não estaria agora aqui com vocês. Nem teria passado uma noite maravilhosa. Ser livre é a melhor coisa que existe!

- E você é livre, Lara Maria? – Heitor estava sério.

- Completamente! Hoje estou aqui, com vocês. Amanhã, se eu achar

que não há mais nada pra mim, arrumo minhas coisas e vou embora. Sou dona do meu destino. E é assim que gosto.

- É livre ou está fugindo de alguma coisa? – Fui bem direto e na hora ela me olhou e empalideceu. Não precisou dizer nada para me dar uma resposta. Seu susto bastava.

Tardamente, soltou uma risada.

- Fugindo de quê? Acha que sou uma bandida, garanhão?

Eu não respondi, encarando-a detidamente. Senti que seu ar jovial era forçado, que seus olhos me revelavam

alguma coisa muito importante. Lançou um olhar também a Heitor, que a observava. Ficou pouco à vontade e então suspirou e estendeu os braços à frente:

- Querem me prender? Ver minha ficha criminal? Confesso que meu único pecado é transar demais por aí. Tenho uma queda por homens, não sei por que eles mexem tanto comigo. Só sei que gosto demais de me divertir com eles. Assim como vocês devem gostar de se divertir com as meninas. Isso é crime?

- Não é crime, Lara Maria. —

Heitor havia notado sua agitação e queria acalmá-la. Disse baixo: - Aqui não julgamos ninguém.

- Bom saber. – Sorriu jocosa para ele e se virou para mim. – Que houve, garanhão? Por que está me olhando desse jeito?

- Estou só olhando. – Falei seco. Mas naquele momento, tomei uma decisão. Eu usaria um investigador particular para me informar melhor quem era aquela mulher. Não sabíamos nada sobre sua vida. E agora eu tinha certeza de que havia algo muito sério

por trás dela.

Depois da loucura que passamos com as ameaças das Amaro e sendo uma família poderosa na região, todo cuidado era pouco. Embora eu achasse que Lara fugia de algo pessoal do seu passado, eu queria ficar pronto para tudo. Por que ela tinha me deixado bem alerta. E preocupado.

- Querem saber mais alguma coisa? – Ergueu-se e sorriu, começando a encher mais o seu copo, sem nos olhar:
- É só perguntar. Não tenho nada a esconder. Nossa, não sei como cerveja

pode ser tão bom! Eu me sinto ótima!

Encontrei os olhos de Heitor e ele acenou de leve com a cabeça, como se me dissesse para deixar para lá. Tinha percebido a tensão que a consumia. E ele estava certo. De qualquer forma, Lara só diria o que quisesse. Não adiantaria insistir.

Heitor acabou retomando o assunto sobre o casamento de Micah e Valentina e do grande churrasco que aconteceria lá, com show ao vivo e tudo mais, até que Lara foi relaxando e baixou a guarda, voltando a se sentar e

beber. Fiquei quieto, pensativo, observando-a mais do que eu queria admitir.

Lara parecia um pouco incomodada sob meu olhar e evitou-me. Em determinado momento, após conversar muito com Heitor, seu olhar foi de encontro ao meu e ela indagou:

- O que você tem, Pedro? Está calado.

- Estou apenas olhando para você. – Falei firme.

- Já percebi. – Seu jeito provocador estava lá, pois se ergueu e

depois se sentou no sofá entre mim e Heitor, sorrindo luxuriosa, passando os olhos por mim de cima abaixo, dizendo com aquela voz rouca: - Imagino o que não deve estar passando por essa sua cabeça. Poderia jurar que só um monte de coisa indecente.

- Você já está me conhecendo bem, morena.

Mas foi a vez dela analisar-me mais detidamente. Virou-se, sorriu para Heitor e depois de novo para mim, sendo mais terna:

- Eu disse que eu “poderia”,

garanhão. Tem muito mais coisa aqui ...
— Sem vacilar, se inclinou para perto de mim, seus olhos nos meus. Ergueu a mão e enfiou os dedos em meu cabelo, espalmando a mão em minha cabeça. — Do que deseja que as pessoas saibam.

Semicerrei os olhos.

- Do que está falando?

- Heitor me contou que ajuda uma clínica de pessoas com problemas mentais em Pedrosa. E não imagina como fiquei admirada.

Troquei um olhar com meu irmão. Ele sabia que eu não fazia alarde

sobre aquilo, que embora as pessoas em casa soubessem do fato, não se inteiravam muito. A Falcão Vermelho fazia vários trabalhos filantrópicos, mas aquele era meu, particular. Tinha descoberto aquela clínica sem fins lucrativos alguns anos atrás, que vivia precariamente de doações e ajudava principalmente pessoas que tinham tentado se matar.

Uma vez Heitor me disse que me interessassei tanto em ajudar e investir na clínica e no tratamento das pessoas porque nossa mãe havia tentado se matar

e ficado com problemas sérios. Talvez ele tivesse razão. Eu não gostava de pensar muito sobre isso. Mas era um projeto ao qual eu me dedicava. De vez em quando aparecia lá, me inteirava pessoalmente de tudo, visitava os pacientes e ficava muito feliz quando algum se recuperava e tinha alta.

Não sei por que ele contou a Lara e ali, silenciosamente, eu indaguei isso com o olhar. Heitor continuou plácido, sem responder. E então entendi. Por algum motivo, ele queria que ela me visse além do que eu geralmente

mostrava. Para todos os efeitos, eu era só um mulherengo que gostava de se divertir. E era isso mesmo. O resto, era minha vida particular.

- Garanhão ... – Lara deslizou os dedos em meu pescoço e chamou minha atenção. Quando encontrei seus olhos, ela estava mais séria e me surpreendeu ao pedir: - Da próxima vez que for à clínica, posso ir com você?

Fiquei alerta, totalmente concentrado nela.

- Por quê?

- Cheguei a estudar enfermagem

e fiz estágio em uma clínica psiquiátrica. Vi muita coisa que me deixou chocada e tocada. Pensei em trabalhar ali, onde me sentiria útil, mas acabei desistindo da enfermagem e de tudo mais.

- Por que desistiu, Lara Maria? – Heitor indagou.

Ela tirou a mão do meu rosto e se recostou no sofá, entre nós, um tanto quieta e pensativa. Olhou-o e disse baixo:

- A vida, Heitor. Coisas acontecem, nos fazem desistir de algumas coisas e iniciar outras. Não

aguentei ver tanta dor nos hospitais. E para falar a verdade, ainda não me encontrei profissionalmente. Mas gostaria de voltar em uma clínica, fazer um trabalho voluntário. – Voltou a me olhar. – Posso ir junto um dia desses?

Não sei por que, tudo que disse e aquele seu pedido, me fez senti-la mais próxima a mim. Era como, se além do sexo, daquela atração intensa entre nós, algo mais forte nos ligasse.

Fitei-a bem no fundo dos olhos, confuso pelo modo como mexia comigo, como me encantava sem explicação.

Mulheres lindas e sensuais eu já tinha tido aos montes. O que aquela morena tinha a mais para não sair da minha cabeça, para sacudir comigo daquele jeito?

Fiquei um tanto nervoso pelo desconhecido, por uma situação que eu queria que fosse apenas como as tantas outras da minha vida. Por isso agarrei seus braços e a puxei contra meu peito, dizendo baixo e rude perto de sua boca:

- Depois vemos isso, morena. Agora chega de conversa. Quero outra coisa de você.

- O que? – Ainda teve a ousadia de perguntar, seus olhos se tornando mais pesados, sem resistir, o tesão vindo pra ela na mesma intensidade.

- Quero te foder. – E grosseiramente, sem pudores, sabendo que não seria rejeitado, eu a trouxe para meu colo e beijei sua boca com tudo.

Lara gemeu e na mesma hora me agarrou, seus dedos em minha cabeça, sua bunda em meu pau ereto, sua língua sôfrega na minha. E foi como matar uma sede de dias. Eu a tomei toda pra mim.

LARA

Estávamos nus na sala e já suados, pois apesar da noite fria, nós fervíamos entre beijos e carícias, mãos escorregando na pele, línguas se encontrando em beijos cheios de puro tesão. Pedro tinha me devorado e me despido em seu colo e eu a ele. Depois Heitor me puxou para o colo dele e foi a vez de beijá-lo e despi-lo, gemendo, me

dando, sentindo aquela energia crepitante e devassa me consumindo, vício e paixão me devorando rapidamente, me excitando além de qualquer controle.

Eu não sentia vergonha. Estava bem consciente de tudo, dos lábios deliciosos e exigentes de Heitor nos meus, de suas mãos em meus seios, de Pedro beijando e mordendo meu pescoço, enquanto corria as mãos em meu corpo, minhas costas, barriga, bunda. Era como estar no melhor lugar do mundo, perdida e encontrada em um

ponto de partida e de chegada, ansiosa porque sabia que fariam por mim o que ninguém conseguiu antes. Eles me elevariam a pícaros, a um paraíso de sensações, e a um descontrole que sempre temi, mas que me trouxe o bendito esquecimento.

Sexo sempre teve uma pitada de nojo para mim, porque, o tempo todo, eu estava consciente, eu comparava, eu lembrava o passado. Nunca entendi como podia desejar e odiar tanto a mesma coisa, como podia ser compulsiva se nunca tinha gozado, mas

era exatamente isso. Eu simplesmente era uma viciada sexual, querendo ou não, tendo tesão ou não. Assim fui por anos e ainda era. A prova disso era minha devassidão em me entregar ali tão vorazmente a dois irmãos, com a boceta já molhada e ansiosa por eles.

Mas depois da última noite com os dois, muita coisa havia mudado. Em meio às lembranças que nunca me abandonavam, ao meu corpo doente de necessidade e depravação, eu sentia um prazer diferente, eu sabia o que eles eram capazes de fazer por mim e

ansiava por isso. Eram tão intensos que ficava difícil me perder em outras coisas estando com eles. A sensação era de que minha consciência ia e vinha e, quanto mais me beijavam, tocavam, aumentavam as investidas e o prazer, mais eu me desligava de tudo e me dava a eles.

Como naquele momento. Como um homem podia ter um gosto tão bom como Heitor, me fazer sentir querida e desejada ao mesmo tempo? Ele despertava em mim um lado desconhecido, quente e terno ao mesmo

tempo, me dava confiança, me fazia ficar completamente nas mãos dele, moldável, submissa, excitada ao extremo.

Então, Pedro me puxava bruscamente, tomava minha boca, e eu me dava conta que outro homem podia ter um gosto tão bom quanto Heitor e ainda assim tão diferente. Ele era mais como eu, passional, furioso, mais animal. Era sexo bruto e paixão, era tesão em seu limite, fazendo meu corpo arder, vociferar, desejar mais e mais.

- Vem aqui, morena gostosa. —
Segurou-me firme e, sem que eu

esperasse, sentou-me sobre a baixa mesa de madeira, de centro, de frente para eles no sofá. Caiu de joelhos no chão à minha frente, já agarrando minhas pernas, erguendo-as e abrindo-as, ordenando em tom rouco, seus olhos parecendo prata líquida nos meus: - Ponha os pés na ponta e fique assim, pra gente te chupar.

Eu gemi, cheia de lascívia, doendo de tanto tesão, obedecendo e abrindo-me toda, sem um pinga de vergonha ao me mostrar a eles e me oferecer, tudo dentro de mim queimando,

latejando, apoiando as mãos espalmadas na mesa, os cabelos se espalhando sobre meus seios.

- É linda demais. – Heitor segurou meu tornozelo com a mão grande e subiu-a por minha perna, se levantando e com a outra mão agarrando um punhado do meu cabelo, erguendo minha cabeça para poder me olhar com fome dentro dos olhos e então beijar minha boca, bem gostoso.

Gemi mais, extasiada, saboreando seu gosto, tremendo quando senti as mãos de Pedro em minha

virilha, me arreganhando toda e sua boca quente e gulosa em minha boceta, chupando-me com vontade, movendo-se para me levar ao delírio. Foi como se um vulcão entrasse em erupção dentro de mim, lava líquida se derramando, quase me fazendo derreter com uma língua deliciosa em minha boca e outra me lambendo bem no meio da vulva.

Estremeci da cabeça aos pés, cheia de um prazer luxurioso e fervente, abandonada às sensações extasiantes que me golpeavam sem dó. Meu corpo era puro desejo, era como um templo

que eles adoravam, que eu oferecia sem sacrifício, cada vez mais sob o domínio deles.

Ondulei, choraminguei, senti que me fundia em mim mesma. Quando Heitor afastou a boca da minha e fitou-me os olhos, os dele tão pesados e escuros, tão ardentes, eu entreabri os lábios e deixei um gemido dolorido escapar, de puro deleite e necessidade. Pedro tinha capturado meu clitóris e chupava firme, esticando-o, endurecendo-o, fazendo com que eu sentisse a conhecida pontada do tesão,

que se acumulava e crescia vertiginosamente.

Eu mantinha meus olhos bem abertos. Era uma maneira de ver quem estava comigo, não perder a consciência atual para a do passado, evitar ao máximo as lembranças. E naquele momento, enquanto cada parte minha se viciava mais e mais na devassidão e despertava quase furiosa, senti a memória esbarrar em outras mãos, em uma dor pungente, em um castigo que acabei aceitando como merecido. Senti na boca o gosto amargo da vergonha e

quase capitulei. Quase. Pois ver os olhos de Heitor nos meus, sentir como descia os dedos em meu cabelo, puxou-me daquele poço.

Pisquei e arquejei, sem querer supliquei silenciosamente que me salvasse. Por que eu balançava de um lado para outro como se uma tempestade violenta me arrastasse, eu lutava para que aquele tesão que Pedro despertava em mim com sua boca tão exigente e gostosa fosse único, que o toque doce e quente de Heitor fosse suficiente. E que a dor e o medo do passado, de um

homem que nunca teve intenção de me dar prazer, só me dominar e machucar, não ressurgisse como estava prestes a acontecer.

- Lara Maria ... – Na mesma hora Heitor notou e sua mão grande veio em meu rosto, como se me protegesse, seu semblante preocupado, seu cenho se carregando.

Senti que Pedro parava, talvez alertado pelo tom do irmão, erguia a cabeça e olhava para mim. Eu me senti devassada, vista até a alma, como se ambos usassem uma lupa ou uma espécie

de microscópio para me analisar. Tive raiva de mim mesma, do desespero incipiente que sempre vinha naqueles momentos, da minha fraqueza. Não queria ser descoberta em minhas farsas e mentiras, por isso reagi.

Não consegui sorrir, seduzi-los, usar a sensualidade como era experiente em fazer. Desgrudei meus olhos dos de Heitor, passei em seu corpo nu e musculoso, seu pau moreno, ereto, pronto para mim. Segui para Pedro ajoelhado entre minhas pernas, seu pau cheio de veias e grosso tão perto, sua

barriga trabalhada de músculos como aço, seu peito forte, seus olhos azuis acinzentados penetrando os meus. E então usei minha sinceridade em um pedido que fiz de tudo para que não soasse desesperado:

- Por favor, me façam gozar como antes. Me deixem louca, fora de mim. Me deem tudo de vocês. Façam o que quiserem comigo, tudo ... Tudo mesmo ... Por favor...

Era mais do que necessidade. Era uma busca incessante por alívio, por ajuda, por esquecimento. Eu não queria

lembrar. Eu queria só esquecer e aproveitar o que aqueles dois homens foram os únicos a me dar.

- Olhe para mim. – Pedro exigiu em um tom duro, tão cortante quanto seu olhar. Sua mão foi em minha nuca, onde me segurou com força, me imobilizou. – O que você tem, morena? Diga!

Ambos me consumiam, viam demais. E, por um momento, me dei conta de que se deram ao trabalho de me olhar de verdade. Eles não me comiam apenas, eles devoravam tudo em mim. E ainda queriam mais. Queriam minhas

verdades, não minhas mentiras. Pareciam dizer que me queriam inteira e isso me abalou mais do que tudo. Senti um misto de medo e de uma esperança que surgiu sem ser chamada, me pegou de surpresa.

- Tesão. – Arfei, tentando me recuperar, tentando voltar a andar em um terreno que eu conhecia, onde o sexo era meu companheiro fiel. E ali consegui sorrir, lambe os lábios, olhar de um para outro como uma devassa, uma libertina, uma mulher imoral, uma puta. – É isso que eu quero. Que me fodam

bem duro e me comam a noite toda. Onde quiserem, do jeito que quiserem. Por favor, me tratem como uma putinha. É assim que eu gosto.

E me arreganhei mais. Antes que a preocupação ou o que tivessem por mim falasse mais alto que o desejo, ergui uma das mãos, agarrei o pau de Heitor de pé ao meu lado e me virei esfomeada para ele, abocanhando-o, chupando-o firme e forte, salivando. Na mesma hora puxei Pedro para mim entre minhas pernas e me esfreguei nele, oferecida, suplicando também com meu

corpo.

- Safada ... – Pedro abraçou-me pela cintura, seu pau duro demais entre nossos corpos, sua voz rascante perto do meu ouvido: - Você não me engana. Vou descobrir o que está escondendo.

Estremeci, um arrepio de pavor me percorrendo. Mas fingi não ouvir. Suguei o pau enorme de Heitor até o fundo da garganta, perdendo o ar, babando, sentindo seus dedos em meu cabelo, seu tesão pelos gemidos que soltava e pelo modo como estava duro demais. Adorei seu gosto na minha

língua, assim como adorei o toque rude de Pedro quando torceu um dos meus mamilos e enfiou o outro na boca, mordendo-o, chupando-o.

Contorci-me, a ansiedade pelo coito já me dominando como uma droga, espalhando adrenalina em meu corpo, dopando-me para todo o resto. Não fechei os olhos. Vi a pele morena de Heitor diante de mim e o acariciei, passei a mão em sua bunda musculosa, puxei-o para mamar nele com uma fome agoniada. Choraminguei quando Pedro sugou mais firme meu mamilo e desceu a

mão entre minhas pernas, masturbando-me, espalhando meus líquidos melados pelo clitóris, deixando-me doida.

E mesmo alerta, domada pela lascívia absoluta, eu ouvi a voz “DELE”, dizendo sem emoção: “Vamos brincar de papai e mamãe, Larinha”. E, por milésimos de segundos, eram seus dedos brutos me machucando, entrando em mim sem que eu quisesse. Era seu pau que ele me obrigava a chupar enquanto dirigia ou quando me levava ao apartamento em que moraria depois de se casar.

O nojo veio e travou minha garganta, paralisou meu corpo, deixou-me gelada. Quis negar, quis pedir clemência e ajuda, mas ele me cobria com seu corpo, com força, com uma dor que muitas vezes me fazia sangrar. Engolfada pela repulsa derradeira, eu por muito pouco não afastei quem me tocava ali. Imóvel, uma parte da minha consciência retornou e me dei conta que aquilo era passado, era o que devia ser esquecido, era a dor que me acompanharia vida afora. Mas quem estava ali comigo queria me dar prazer.

Heitor e Pedro podiam fazer isso. Eles podiam.

Voltei com carga total a chupar um e abraçar o outro, gemendo, me movendo, suplicando: “Me façam esquecer!”, mas gritei dentro de mim mesma, silenciosa, em pânico. Ergui os olhos, busquei os de Heitor e, quando os vi, parte do meu desespero se abrandou, me libertou. E como sempre acontecia, o nojo cedeu ao tesão, eu busquei uma nova lembrança e deslizei minhas mãos por eles.

O que me deixava mais doente

era que mesmo sem querer eu me excitava. O nojo não me impedia de querer mais e mais, sempre mais, numa dependência física e mental que me corroía até a exaustão. Em momentos de muita loucura e descontrole eu tentava até repetir cenas do passado, odiando e precisando delas, do que me acostumei a fazer e querer, mesmo não querendo conscientemente. Eu vivia confusa. Eu buscava e recuava. Eu lembrava e tentava esquecer.

Queria tanto que entendessem!
Que soubessem que eu precisava sentir

muito mais do que já senti um dia para suplantar uma dor com outra! Eu precisava de brutalidade, de sexo, de exaustão física e mental. E comecei a me descontrolar, a me mover e gemer, a mostrar como podiam acabar comigo. Se pudessem me dar todo aquele prazer da outra vez em que estivemos juntos, eu conseguiria me libertar, mesmo que temporariamente, dos grilhões do meu passado.

Tirei o pau de Heitor da boca, olhei de um para outro, me esfregando, suplicando:

- Vem me comer ... Por favor ...

Pedro se afastou, soltando-me.

Heitor foi para o lugar dele, abriu mais minhas coxas, lambeu-me desde o ânus até a boceta, no meio dela, sua língua úmida e macia, sua barba me arranhando. Estremeci, arquejei. Busquei meu garanhão, que tirava a garrafa de cerveja sobre a mesa e a depositava no chão. Seus olhos se acenderam e vi quando se ergueu e sumiu na cozinha, dizendo sobre os ombros:

- Vamos brincar um pouquinho,

morena ...

Lambi os lábios, cheia de expectativa, nervosa, agitada, meu coração batendo alucinadamente. Movi meu quadril contra a boca deliciosa de Heitor e inclinei mais o corpo para trás, oferecida, adorando como ele me chupava gostoso, expelia a minha razão, espantava meus fantasmas mais funestos. Gemi dolorida, enfiei as mãos em seus cabelos cheios, delirei com o prazer avassalador que me proporcionava.

Então Pedro voltou, com um pote nas mãos cheios de gelo, ajoelhando-se

ao meu lado enquanto seu irmão me levava à loucura com a boca, chupando-me. Pedro me consumia com seus olhos ao segurar uma pedra de gelo e a esfregar em meu mamilo esquerdo.

- Ah ... – Arfei, o gelado parecendo espalhar pontadas em minha pele ardida, sem tirar os olhos dele enquanto se inclinava sobre mim, mordida devagar o meu queixo e então dizia baixo:

- Quando meu irmão acabar de te saborear, vou enfiar esse gelo na sua bocetinha, bem lá no fundo. E te chupar

toda enquanto derrete.

- Ai, garanhão ...

- Vai saber o que é ficar gelada e depois quente com nossa língua e nosso pau.

Estava ficando doida, presa nas palavras dele, em seu olhar safado e duro, nas sensações que ambos despertavam em mim. Meu corpo enrijecia, arrepiava, aquecia, gotejava na língua de Heitor. Pirei mesmo, a respiração pesada, o peito subindo e descendo, meus olhos ensandecidos, enquanto eu gemia como uma cadela no

cio e me esfregava, mordia os lábios, pedia por mais. Parecia febril.

Então, Heitor ergueu a cabeça e disse num tom pesado, cheio de tesão, que me golpeou:

- Faça, Pedro.

Fiquei lá, aberta. Soube que estávamos famintos, que o prazer nos impetrava de modo decadente, que a energia sexual crepitava naquela sala, banhando-nos de suor, de tesão, de pecado. Fariam de tudo comigo e eu deixaria, eu imploraria por mais. Senti-me perversa, suja, e tudo isso só me

excitou mais, visceralmente, totalmente. Quis muito ser usada e maltratada. Quase com um desespero latente.

Mordi os lábios, pedi com o olhar, sacudi os cabelos que balançavam atrás de mim. Então sorri e provoquei, rogando bem devassa:

- Vem ... Estou pronta ... –
Naquele momento, minha mente estava preenchida só de imagens deles, meus sentidos golpeados por sua beleza, pelo cheiro de homem, de macho, de pura perdição. Pela ansiedade dolorida de pertencer a eles. Arreganhei bem as

pernas e pedi baixinho: - Preciso de vocês ...

- Você vai ter, morena. – Pedro pegava mais gelo, soltando uma pedra na mão de Heitor. Seus olhares para mim eram esfaimados e estremecei quando me pegaram firme.

Em meio ao calor da sala, Heitor pegou meu braço direito e o ergueu, segurando firme meu pulso. Veio pela minha lateral, enchendo-me com sua visão viril, a outra mão deslizando o gelo do meu pulso para baixo, enquanto descia a cabeça e lambia meu mamilo

totalmente arrepiado.

- Oh, Heitor ...

Pedro passou o gelo em outro mamilo, até quase deixá-lo dormente, então o chupou também, escorregando a pedra que deixava lastro derretido em minha barriga. Quase entrei em convulsão, o calor da minha pele em contraste com o gelado absurdo, causando-me arrepios, molhando-me mais do que o suor, atritando os sentidos.

Ondulei naquela mesa, perdi o ar, ainda mais quando Pedro afastou-se

um pouco para me olhar bem no fundo da íris enquanto esfregava o gelo no meu clitóris.

- Ai ... Ai ... – Delirei, perdendo o controle, erguendo o quadril da mesa e rebolando, alucinada. Estremeci violentamente, pois Heitor mamava de um mamilo a outro e esfregava a pedrinha na minha axila, mantendo ainda meu braço erguido, fazendo com que mil agulhadas me percorressem ao mesmo tempo.

Mas nada me preparou para o que Pedro fez, descendo entre meus

lábios vaginais seus dedos e empurrando para dentro de mim o gelo. Gritei, pois eu fervia na boceta e foi um contraste chocante, violento, como uma chicotada de tesão.

Heitor afastou-se o suficiente para olhar e baixar meu braço. Não disseram nada, mas Pedro tirou a mão de minha vulva que pingava a água derretida e foi a vez de Heitor enfiar dentro dela a outra pedra de gelo.

- Ah ... Não aguento ... – Solucei e caí para trás sobre meus cotovelos, cada parte minha latejando de luxúria,

meu coração ensandecido, minha respiração entrecortada.

Gemi mais, por que não pararam, enfiaram a mão no pote de gelo e se ocuparam de mim, concentrados, carregados, sabendo o que faziam. Pedro enfiou mais uma pedra na minha boceta que ficava dormente, congelada e derretia, molhando-me toda. Seus olhos foram vigorosos nos meus quando empurrou-a mais fundo com o dedo, penetrando-me.

Heitor segurou firme minha perna esquerda e a ergueu alto, aberta,

baixando a cabeça para encontrar meus olhos, seus dedos sondando o meu ânus e, quando entrou, também deixou o dedo ali, prendendo-o lá dentro, acabando comigo de vez, dando uma leve mordida em meu joelho que cambaleava de um lado para outro.

O prazer era galopante. Eu estava ensopada de água gelada e de minha lubrificação, que escorria para fora. Tiraram os dedos e Heitor se abaixou para me chupar de novo, bem gostoso, enquanto Pedro se erguia e ia buscar preservativos em sua calça

largada no sofá.

Palpitei, choraminguei, desabei de vez na mesa e agarrei os cabelos de Heitor, que me deixava doida, à beira de um orgasmo. Agora eu podia reconhecer a sensação, aquele acumular de calor e sofreguidão, aquela necessidade abrangente e voraz que era maior que tudo.

Fiquei acabada para o mundo, para a razão, para o medo. Eu mergulhava em uma miríade de sentidos, só conseguia pensar naquela língua me penetrando e naquela boca me sugando,

enquanto rodava, girava, me esfregava contra ele.

Pedro voltou. Heitor soltou-me, pegou uma camisinha das mãos do irmão, mas não a colocou. Apenas subiu aqueles olhos tão escuros por mim até prender os meus e disse baixinho:

- Você agora é nossa, Lara Maria.

E eu, que nunca fui de homem nenhum, que soube a minha vida inteira que não merecia nada de bom, que tinha sido corrompida irrevogavelmente, me vi acreditando nele, desejando

desesperadamente pertencer não a um, mas aqueles dois homens. Foi uma vontade tão desesperadora, que meus olhos arderam e eu os olhei como se suplicasse que fosse verdade, mesmo que minha razão tentasse me alertar que era apenas sexo.

Mas então Pedro se deitava entre minhas pernas, apoiando as mãos na mesa em minhas laterais, chamando minha atenção, até que tudo que eu via era ele. Sua pele bronzeada, sua barba dourada, seus olhos azuis prateados duros como sua expressão viril. Arfei,

ergui as mãos, gemi em expectativa e apoiei os pés na ponta da mesa, já erguendo ansiosamente os quadris para encontrá-lo. E ele veio, entrando com tudo em minha vagina encharcada, que eu sentia gelada, mas fervia, despejava mais de mim em volta de seu pau.

Gritei. Ele rosnou. E me fodeu forte, violento, esfomeado. Eu me movi da mesma maneira, cravei as unhas em suas costas musculosas, trouxe-o tanto para mim que nos colamos por inteiro e nos comemos em um beijo feroz e apaixonado, que demonstrava bem o

estado totalmente carnal e lascivo em que mergulhamos.

Ondulamos em meio às estocadas. Eu o senti no mais fundo de mim, agasalhado no meu ventre, apertando-o, massageando-o, querendo tanto dele que gritei em sua boca e, como se fosse a coisa mais normal para mim, comecei a gozar, delirando, lágrimas invadindo meus olhos. Foi impressionantemente delicioso, o orgasmo me elevando e fazendo cair, contraindo tudo dentro de mim.

Daquela vez ele não se conteve.

Investiu, gemeu com sua voz grossa reverberando em minha garganta, tomando e se dando, seu pau ondulando ao esporrar na camisinha, bem fundo no meu corpo, tão fundo que eu o sentia em todo lugar. Fomos juntos, tão gostoso, tão perfeito que apenas o segurei e lamuriei, parte de mim acabada, outra parte ainda precisando de mais.

Pedro descolou a boca, fitou-me, sua mão veio em meu rosto. Murmurou:

- Não me canso de pensar o quanto é bom foder você, morena. Meu pau ainda está duro. Está sentindo? – E

me penetrou mais, até que gemi, ondulei, tive um espasmo de um desejo ainda presente.

Ele apertou os lábios, como se quisesse continuar. Mas então se ergueu, saiu de cima de mim, e eu continuei aberta e pronta, esperando Heitor, todos os meus instintos renascendo naquela fome, ansiando por outro toque, outra boca, outro cheiro, outro homem.

Heitor estava pronto, excitado, mais voraz do que o normal. Segurou meus pulsos e me puxou, me ergueu cambaleante, dizendo em um tom de

comando que me fez querer obedecer logo:

- Fique sentada e com as pernas abertas, bem na beira, Lara Maria.

Nem me dei conta de como estava dopada pelo gozo. Eu só sabia que o queria também, que por mim passaria a noite sendo fodida por um e por outro, incansavelmente, tendo aquele prazer descomunal vezes sem conta. Era tudo muito novo, assombroso, obcecante. E eu espiralava naquela experiência única, acima e melhor de qualquer uma que já tive.

Pedro tirou a camisinha e sentou-se no sofá, nos olhando com ar carregado, acariciando o pênis ainda ereto. Eu os olhava e esperava, sondava o que Heitor faria, esperava inquieta, alvoraçada, cheia de luxúria, embora meus membros ainda tremessem devido ao orgasmo recente.

Heitor pegou a garrafa de cerveja no chão ao lado da mesa, com um resto da bebida nela, e um copo. Apoiou-o embaixo da minha bunda e, sem que eu esperasse, derramou um pouco dela em minha vagina, que me

molhou toda, escorreu por meus lábios vaginais e caiu como goteira dentro do copo. Senti um frescor, gelado e meio que pinicando, aliviando minha vulva quente e melada de gozo, ao mesmo tempo que meu coração batia descompassado e eu me preparava para uma nova onda de tesão.

- Gostoso? – Seus olhos eram quentes, predadores, profundos.

- Sim ...

- Vai ficar mais ... – Deixou a garrafa e o copo de lado, segurou meus quadris com firmeza e começou a chupar

a bebida da minha boceta encharcada, levando-me à loucura.

- Ah, Deus ... – Estremeci toda, pois não tinha pressa, me lambia e saboreava, me fazia sentir tudo ao mesmo tempo, espalhava prazer em cada parte do meu ser.

Pensei que fosse quebrar, sensível demais, arrebatada demais. Penetrou-me com a língua até que minhas coxas sacudiam sem controle. Depois chupou cada parte minha, limpou-me de toda cerveja, tirou qualquer resquício de frio e me fez

entrar em ebulição e palpitar, expectante, sentindo o orgasmo na beira. Fiquei perdida. Olhei-o entre as minhas pernas, depois para Pedro que se excitava com a cena, quis entender o que eles tinham, por que me deixavam daquele jeito. Acabei deixando escapar:

- O que fazem comigo? Como conseguem me controlar desse jeito?

Pedro não respondeu, apenas me olhou de modo penetrante. Heitor se ergueu, veio de joelhos entre minhas coxas, agarrou minha bunda e me puxou toda aberta para si, a cabeça grande do

seu pau abrindo meus lábios vaginais. Fitou meus olhos e eu o agarrei sôfrega, abracei-o, enquanto dizia baixinho:

- Ninguém controla ninguém aqui, Lara Maria. Apenas nos damos um ao outro e assim recebemos de volta.

Estava bamba demais, excitada demais, para entender suas palavras. E gemi alto quando me penetrou, se enterrou em mim, rosnou contra meus lábios:

- Não via a hora de estar de novo dentro de você. De sentir essa bocetinha quente me apertando desse

jeito. Porra, você é gostosa demais

- Tão gostosa que quero de novo.

— Finalmente Pedro falou, se acariciando, seus olhos cravando-se nos meus: - Vai me aguentar depois do meu irmão?

- Quero vocês ... a noite toda ...

Heitor sorriu com minha entrega.

Deslizou a boca em meu rosto enquanto me comia lento, profundo, sentindo, saboreando. Eu estava melada demais, sugando-o para dentro, passando minhas mãos em suas costas e cabelo, rebolando sob cada arremetida.

Comecei a perder de vez o controle, necessitada, enlevada, impetuosa. Fiquei tão fora de mim que passou a me comer mais bruto, até que gemíamos e dançávamos, cada vez mais impacientes e vorazes.

Supliquei por mais. Ansiei. E então, ele mordida meu pescoço, segurava minha bunda e mandava ver em minha boceta, arreganhando-a toda em investidas brutas. Estalei. Deixei a cabeça pender, meus olhos arregalados para tudo, mas perdidos em meio à névoa do orgasmo que me apunhalou.

Gozei forte e muito, apertando-o em espasmos, fazendo-o me agarrar mais e gozar também, ambos aferroados pelo prazer.

Por fim, desabei em seus braços, senti-me outra pessoa, não consegui pensar. E assim, não tive repulsa, não tive lembranças, não me senti um lixo. A culpa, o medo e a vergonha não estavam ali, como se resolvessem me dar um descanso, uma trégua. E tive certeza absoluta de que, enquanto estivesse com Heitor e Pedro, naquela loucura toda, naquele descontrole fenomenal, pela

primeira vez na vida eu seria apenas eu.
Pura e simplesmente a mulher do
presente, que eu tanto queria ser.

Antes que pudesse me controlar,
senti um alívio e um agradecimento tão
grande pelo que faziam por mim sem
saber, que murmurei em um fio de voz:

- Obrigada.

E fechei os olhos.

CAPÍTULO 17

HEITOR

Acordei devagar e abri os olhos, um pouco confuso. Mas logo lembrei tudo, de onde estava e vi o quarto espaçoso e simples da casa de Lara,

onde passamos a noite. Na mesma hora senti um movimento na cama de casal que se tornava pequena para nós e percebi que era Pedro, acordado, deslizando a mão lentamente pelo rosto de Lara.

Tínhamos feito de tudo naquela madrugada e praticamente não dormimos, só cochilamos. Não sabia que horas eram, pois as cortinas estavam totalmente fechadas e o ar condicionado ainda ligado. Mas eu sabia que devia ser por volta das 5 da manhã, hora que eu sempre acordava para trabalhar, sem

precisar de despertador. Pedro tinha caído em uma ponta, eu em outra e Lara no meio, exaustos após a maratona. E eu só acordava agora.

Pedro não notou meus olhos abertos e continuou a olhar para a bela morena nua, deitada de barriga para cima, aconchegada na curva do braço dele. Seus dedos passavam com delicadeza na face dela, que tinha o rosto sereno e os lábios entreabertos em um ressonar calmo. Ele estava de lado, o quarto na penumbra e parte da cabeça de Lara escondia sua expressão, mas seu

gesto eram extremamente cuidadoso e delicado.

Isso me surpreendeu. Fiquei observando como a tocava, como escorregava a mão pelo pescoço dela até o colo e dali fazia pequenos círculos com os dedos, leves, apreciadores. O corpo maravilhoso de Lara parecia ser adorado naquela exploração silenciosa.

De nós dois, Pedro era quem tinha uma pegada mais bruta, mais dura, mais animal. A delicadeza demonstrada naquele toque e a sutileza do carinho me confundiram e eu apenas olhei, surpreso,

pensativo. Na verdade, muita coisa tinha me confundido naquela madrugada. A começar por Lara. O seu olhar, suas palavras, sua entrega sem reservas, sua ânsia desesperada por se fazer presente. Por isso, quando eles caíram no sono, eu tinha demorado mais a dormir, pensando em tudo aquilo que tinha acontecido e nas sensações que tive.

E dessa forma fechei os olhos, preso à imagem angustiada de Lara e com pensamento nos conflitos revelados em seu olhar, que ora demonstrava uma fragilidade palpável, noutra uma

sensualidade latente. Ainda que ela tentasse disfarçar, estava tudo lá. As palavras ditas ainda pairavam em minha mente e me faziam perceber que revelavam mais do que diziam, mais do que eu podia compreender naquele momento. E, assim, adormi com a certeza que aquela entrega total, desenfreada, dizia mais do que aparentava.

Agora meu irmão completava todo aquele emaranhado de dúvidas, acariciando-a daquele jeito, quando para ele toque era para foder.

Eu já o tinha notado perturbado por ela, tentando negar a si mesmo que Lara Maria havia mexido com nós dois muito mais do que outras mulheres. Por isso tinha transado com outra em Pedrosa. Daí sua expressão dura, carregada, pensativa. O engraçado era que, mesmo assim, ela minava suas defesas aos poucos, como fez no restaurante se dando tão bem com nossa família e como fez naquela noite, seduzindo-nos mais do que podia esperar.

Sentei na cama e meu movimento

o surpreendeu e o fez parar com a mão pousada em seu colo. Ergueu um pouco o rosto e havia certo ar de culpa e de confusão em seu olhar, como se eu o tivesse pegado em flagrante. E havia sido assim mesmo.

Para não encabulá-lo, fingi nem reparar que estava acordado e me levantei, dando-lhes as costas e seguindo para o banheiro. Fui para baixo do chuveiro e me lavei com calma, fechando os olhos, deixando a água fria escorrer por meu corpo, tentando entender o que estava sentindo.

Tinha aquele defeito de sempre analisar tudo, o que eu sentia e o que eu percebia.

Enquanto me ensaboava, as imagens vívidas de tudo que fizemos vieram em minha mente e não deviam me surpreender, pois eu e Pedro já estávamos acostumados em compartilhar, em ter uma mulher delirando, fazendo as maiores loucuras que se poderia imaginar, livres, incentivadas, adoradas, mas com Lara ia além disso.

Se por um lado sua entrega tinha

sido sem reservas, completamente além do que esperávamos, fazendo-nos alcançar um prazer extraordinário e ela ficar maravilhada, por outro algo que me chamou a atenção, principalmente quando vi seus olhos, quando notei suas várias expressões. Em meio à doação completa do seu corpo, havia certa resistência. Eu não a entendi. Não entendi sua busca, sua entrega e sua defesa, pois algo estava lá, fragilizando seu olhar, parecendo um pedido mudo, uma palavra não dita, uma guarda levantada. Lara era um poço de

contradições e isso eu tinha percebido desde a primeira vez que olhei para ela. E, ali, apenas se confirmava.

Eu sabia que não era impressão minha. Aquela mulher não era simples, provocativa e apenas sexual como queria parecer. Havia certo desespero sob a superfície, havia um olhar de dor camuflado, havia surpresa para quem era tão confiante como ela, ou tentava aparentar ser. E ainda assim era também divertida, expansiva, carismática, como comprovou ao se entrosar tão bem com minha família na noite anterior.

Terminei o banho, percebendo que, por enquanto, eu não tinha as respostas, somente um bando de perguntas. E dúvidas. Só sabia que Lara havia mexido demais comigo. E pelo visto com Pedro também.

Enxuguei-me e voltei ao quarto nu, sem me preocupar em me vestir ou me cobrir com uma toalha. A madrugada tinha sido longa e pornográfica demais para me preocupar com constrangimentos naquele momento.

Corri os dedos entre os cabelos molhados e parei na entrada do quarto

com a cena altamente erótica que vi diante de mim. Ambos estavam acordados e Pedro estava deitado de barriga para cima na cama, enquanto Lara montava em seus joelhos e apoiava as mãos na cama, ao lado de seus quadris. Completamente nua era linda, perfeita, o corpo escultural e firme, as pernas longas e bem feitas, a bunda empinada, os seios cheios e redondos. Admirei-a novamente, já excitado, sua pele macia e morena me deixando doido, seus cabelos longos com cachos macios deslizando em suas costas.

Minha excitação só aumentou com ela de quatro, exposta, engatinhando pelo corpo do meu irmão para cima, os dois se olhando, conectados e cheios de luxúria pesada, enchendo o quarto de uma energia quente, pesada, viciante. Resvalou sobre o pau ereto dele e continuou, lambendo os lábios, erguendo uma perna e depois outra até se ajoelhar no travesseiro em volta da cabeça dele e se segurar no espaldar da cama, olhando para baixo, seu cabelo longo balançando.

Pedro agarrou sua bunda e vi os

dedos se cravarem na carne farta, bronzeada e firme. Ele estava tenso, tenso, duro, pronto para fodê-la. Como fiquei naquele momento só olhando, uma ereção gigantesca e dolorida fazendo meu pau se esticar e latejar, minha garganta seca. Mas Lara não teve pena e, sensualmente, começou uma dança lenta, rebolando perto do rosto do meu irmão, provocando-o com seu cheiro e sua visão, como um presente que se oferecia.

- Porra ... me dá essa boceta ... –
Ele rosnou e a fez descer sobre sua

boca, chupando-a com firmeza, seu rosto enfiado entre as coxas dela. Lara deu um gritinho e se agarrou mais na cabeceira, estremecendo, se sacudindo, empinando a bunda ainda mais, as pontas dos cabelos roçando o fim das costas quando ergueu a cabeça em uma suave entrega.

Meu coração disparou, cada nervo, músculo e parte do meu corpo gritou para participar, mas ver o espetáculo assim, a vivo e em cores, era um afrodisíaco maravilhoso e eu apreciei cada detalhe, excitado em

demasia, pronto para agir logo.

Lara gemeu e esfregou a boceta em toda extensão do rosto de Pedro, cada vez mais confiante, dona de si mesma. Era naturalmente fogosa, participativa, provocante. Por isso o tentou, rebolando devagar, para logo depois subir o corpo e ter somente a ponta da língua do meu irmão batendo freneticamente em seu clitóris, arquejando num tom rouco, expondo a boceta carnuda e molhada para mim, que não tirava os olhos.

Então, Pedro a desceu

bruscamente e abocanhou sua boceta em cheio, num beijo molhado que logo virava uma sucção bruta, que fazia barulhos no quarto. Lara gritou, se sacudiu, se esfregou e sua cabeça pendeu para trás, ela se segurou na cama, seus olhos fecharam como se o prazer fosse demais para suportar.

E era. Não pude só ficar apreciando aquele corpo lindo, eu já estava além do meu limite. Aproximei-me devagar, com o coração batendo forte, o corpo duro, a respiração tensa, meus olhos descendo em cada parte dela

que eu queria tocar, me deliciando com os sons estalados que Pedro emitia ao devorar sua bocetinha, vendo suas mãos grandes cravadas nos quadris dela, denunciando o tamanho do desespero e do prazer que sentia naquela chupada.

Olhei o corpo de Lara com uma fome que me devorava por dentro e um prazer que calava em minha alma, me deixando completamente encantado. Parei o olhar nos seios e confirmei aquilo que minhas mãos e minha boca já sabiam e tinham comprovado: eram sensacionais, lindos, duros, com

mamilos protuberantes e macios. Na mesma hora minhas mãos coçaram para segurá-los e salivei, querendo mamar neles até estarem totalmente marcados por minha boca, meus dentes, empinados, com mamilos estufados de tanto serem chupados.

Mas fui para seu lado e continuei meu caminho com o olhar, subindo por seus ombros, pelos braços, pelo pescoço, até o formato bonito do seu rosto. Foi quando me surpreendi com o que vi.

Ela se segurava na cabeceira e,

apesar de ter os olhos fechados, chorava. Quieta, silenciosa, seu rosto em um misto de prazer e agonia, lágrimas grossas escorrendo por suas faces, desnudando sua alma. Era como se seu corpo delirasse de prazer e algo bem no fundo dela não pudesse segurar o sofrimento que aquelas lágrimas carregavam. A luxúria era tanta que a descontrolava, a descobria e revelava sem que se desse conta.

Junto ao tesão que eu sentia, fui invadido por uma onda de ternura e preocupação. Senti uma necessidade

absurda de cuidar dela, de mostrar que podia confiar, de saber o que eu poderia fazer para diminuir aquela dor que latejava bem em seu íntimo, tão silenciosa e enraizada.

Ergui minhas mãos e suavemente as coloquei em seu rosto. Com as pontas dos dedos, limpei as lágrimas que insistiam em cair. No mesmo instante Lara abriu os olhos e os fixou nos meus. Eram vivos e tão cheios de emoções, que senti sua dor como se fosse minha. Mas havia mais. Havia fogo, tesão, confusão, lascívia. Havia um

emaranhado de sentimentos ferozes e dilacerantes, dúbios, misturados, enlouquecidos.

- Lara ... – Murmurei rouco e talvez isso a tenha despertado. Viu-me realmente e seu olhar se encheu de mais desejo, esqueceu ou camuflou o resto, gemeu quando foi chupada mais duramente, suas pálpebras pesando, seus lábios se entreabrindo e me convidando.

Moveu o rosto em minha direção e pareceu pedir silenciosamente por algo. Eu não podia negar nada a ela. Aproximei minha boca da sua, ainda

segurando-a, até um quase roçar de lábios. Não a ataquei, eu a saboreei. Eu a provei lentamente, suavemente, em um beijo casto, pueril, carinhoso. Mordisquei seus lábios, toquei-os com os meus, contornei-os com a ponta da língua. Só então, quando abriu a boca para mim e gemeu, eu infiltrei minha língua ali, em sua maciez, até rodear a dela em uma dança cúmplice, provando como eu a desejava não apenas sexualmente, mas de um modo protetor, meigo, para cuidar dela.

Eu a beijei com carinho, mas ela

o aprofundou e se tornou mais necessitada, como se sua alma entendesse tudo que eu sentia por ela e seu corpo, desperto pelo prazer absurdo que Pedro lhe dava, reconhecesse também o meu. O que era terno e doce se tornou também voraz. A paixão veio quente e lenta, intensa, esmagadora. Era impossível resistir.

Enfiei os dedos entre seus cabelos, segurando seu rosto, tomando sua boca gostosa até que ambos arfávamos e gemíamos na língua um do outro, sugando, lambendo, dando e

recebendo, a paixão nos consumindo sedenta, mas uma parte minha ainda querendo muito confortá-la, acarinhá-la, tirar qualquer mal que houvesse dentro dela. O desejo já me devorava, mas mesmo assim eu ainda me preocupava com suas lágrimas.

Por fim, afastei minha boca e a fitei, sendo mais uma vez surpreendido por aquela mulher. Não havia aquela angústia pungente de antes nem sinal das lágrimas derramadas. Seus olhos brilhavam de tesão e lascívia, de uma luxúria que pingava e se espalhava,

enquanto seus lábios rubros e inchados de beijos se curvavam em um sorriso sedutor, aberto, doce. Por um segundo, foi como ver uma camuflagem e aquilo me paralisou. Mas então seus olhos estavam nos meus, seu rosto se contorcia de prazer pela chupada que levava e vi que realmente estava dominada pelo tesão, que de alguma maneira aquilo a acalmava, aliviava.

Aprofundei meu olhar em seu rosto, absorvendo todos seus movimentos e gestos. Suas pálpebras estavam pesadas, mas me dei conta que

eu não a via fechá-las. Estava sempre com os olhos bem abertos, o que me fez sussurrar:

- É assim que quero você, Lara Maria. Quero que nos veja. Quero te ver e te conhecer. Quero saber quem você é. – E não esperei resposta, pois sabia que ela não daria. No mesmo instante, fechei meus lábios nos dela e a devorei num beijo necessitado, já passando do meu limite, meu corpo duro demais, teso demais.

Então, eu fui além. Eu descii a boca e beijei-a em cada parte que meus

olhos haviam explorado antes. Mordisquei seu queixo, lambi seu pescoço, cravei os dentes em seu ombro. Lara me agarrou ansiosa, gemendo, se movendo e rebolando, ainda mais quando espalhei beijos até sua nuca, afastando o cabelo dali, contornando o corpo para as suas costas.

Eu podia ouvir os sons que fazíamos. As sucções duras de Pedro em sua boceta encharcada, os gemidos doloridos e roucos de Lara, os meus grunhidos secos em sua pele. Seu cheiro se impregnava em mim, sua pele se

arrepiava sob meus lábios, eu a sentia em cada parte minha, moldada, encaixada, criada para nós. Feita sob medida para nossas taras de toda uma vida.

Acaricieei seus braços esticados enquanto se agarrava na cabeceira da cama, percorrendo-os enquanto descia minha boca contornando sua coluna até o final das costas. Pedro estava deitado de pernas abertas e me ajoelhei entre as pernas dele, atrás de Lara, meus dedos agora escorregando por suas costelas para baixo enquanto mordida cada

pedaço daquela bunda empinada e firme, cujos pelinhos se arrepiavam. Abri bem as duas bandas e ouvi seus lamentos e miados quando lambi seu ânus lentamente.

- Ah ...

Ficou fora de si e se empinou, rebolou, dilacerada pelas sensações de ter dois homens a chupando ao mesmo tempo. Isso dava melhor acesso para que eu a arreganhasse mais e a devorasse com minha língua, enquanto colocava o clitóris bem na boca de Pedro, que o sugava firme.

- Não vou aguentar ... – Lara se alquebrava, delirava, estremecia em ondas de um prazer jubiloso, absoluto.

Deixei seu ânus bem molhado com minha saliva. Eu não queria sair dali, mas estava com o pau babando, tão duro que se esticava em seu limite máximo, chegando a doer de tanta vontade de entrar nela. Ergui o corpo beijando novamente sua coluna e costas, uma de minhas mãos contornando sua cintura e segurando-a contra os tremores, a outra tateando até a mesa ao lado da cama, onde tínhamos largado

preservativos na noite anterior.

Doeu ainda mais para revestir meu pau enrijecido, enquanto eu chegava com a boca em sua nuca, mordendo, lambendo. Meu coração batia descompensado, meus músculos se contraíam, eu estava dilacerado por uma vontade incontrollável de sentir seu calor e seu interior apertado. Escorreguei até a curva da sua orelha e com voz rouca falei:

- Vou comer a sua bunda enquanto meu irmão devora a sua boceta, chupando e esticando seu

clitóris com lábios e dentes, sentindo sua maciez, seu gosto, seu cheiro, Lara Maria. Quero que você se esfregue no rosto dele e rebole no meu pau.

- Ah, Heitor ... – Ela suplicou, alucinada, movendo-se, fora de si. Mas eu queria mais, queria seu descontrole e sua entrega total, sabendo que estava ali entregue a nós dois, longe de qualquer coisa que a perturbava. E, por isso, agarrei um punhado do seu cabelo e virei mais sua cabeça de lado, meu pau se enfiando entre a sua bunda, minha voz mais exigente em seu ouvido:

- Vai Lara... aperta essa boceta e essa bunda gostosa em volta dos nossos paus... pulsa gostoso para gente.. sinta como essa bocetinha vai esquentar e derramar sua delícia na boca de Pedro. Vou te comer assim, alucinada, fora de si, pedindo por mais. Ouviu?

- Sim ... – Respondeu em um gemido fraco. – Sim, ouvi ... ai ...

Com a mão livre, agarrei meu pau com força e o mirei em seu ânus, cada parte de mim conectado ali, meu corpo todo em um frenesi de expectativa e tesão absolutos. Virei para Pedro e

disse em uma respiração ofegante:

- Irmão, nós sabemos que o paraíso existe. Vamos, mais uma vez, mostrar para nossa morena. Essa boceta gulosa é toda sua. Coma com gosto.

Eu ouvi a vibração que ele fez sob ela, comendo-a tanto que Lara gritou e ondulou choramingando. Eu não aguentei mais e enterrei meu pau no meio daquela bunda empinada, abrindo-a para me receber, colada, apertada, quente como o inferno.

- Ai ... Ai ...

Ela começou a gritar e chorar, se

sacudir. Não fui terno nem lento. Eu a fodi até ter meu pau acasalado em seu canal delicioso, comendo-a em um vai e vem forte e firme, obrigando-a a me ter do jeito que eu queria. Gemi rouco, mordi sua nuca, ergui mais seu cabelo. Segurei-a na cintura, um pouco acima de onde se cravavam as mãos de Pedro em seus quadris.

Lara estava presa, devorada, sendo nossa entre a brutalidade da minha penetração e a chupada profunda de Pedro. Ela chorava, agarrava a cabeceira, se mexia obedecendo minhas

ordens, rebolando, se contraindo, mas acho que o fazia sem poder se conter, levada pelo desejo avassalador e mais forte do que tudo.

- Que bundinha gostosa ... —
Gemi rouco, esfregando minha barba em suas costas, estocando em seu cuzinho que ficava úmido e me apertava deliciosamente em espasmos contínuos. Eu a segurei contra mim, sem poder me afastar nem um pouco dela, inebriado com seu cheiro, com sua carne em volta do meu pau, com aquelas sensações únicas e derradeiras que me fazia sentir.

- Ah, não vou aguentar ... Ah ... –

Lara se debatia e se entregava, cúmplice, no meio de nós, alucinada. Quando um tremor violento a percorreu e ela se contraiu, soube que gozava, chorando, se dando, pedindo, despencando. Aquilo me arrebatou e rosnei, indo mais forte e brutal, enterrando-me nela até não ter nada do meu pau de fora, só para tirar e meter de novo.

Pedro a sugava estalado, esfomeado, fazendo-a gritar alto e rouco. Lara se perdeu completamente em

seu gozo, linda e feminina, corada, suada, deliciosa. Eu lutei para controlar o meu, enquanto a deixávamos se acabar, até desabar exausta, puxando ao ar com dificuldade, sua cabeça pendendo e seus cabelos escorrendo para seu rosto enquanto mantinha as mãos na cabeceira.

- Porra, to por um fio ... – Pedro grunhiu, afastando um pouco a cabeça, dizendo alto para mim, enquanto agarrava e rasgava a embalagem de uma camisinha: - Segure-a.

Eu entendi o que ele queria.

Puxei Lara para mim, contra meu peito, fazendo-a soltar a cama e ficar ajoelhada no colchão, ainda bem enterrado no meio de sua bunda. Estava fraca, mole, logo sua cabeça se apoiou em meu ombro, enquanto em murmurava em seu ouvido:

- Está cansada? Quer parar um pouco?

Seus olhos encontraram os meus, pesados, dopados. Acariciei seu seio e estremeceu. Uma emoção forte nos ligou, mais do que nossos corpos encaixados. Ela parecia satisfeita,

lânguida, mas também viva, pulsante, mais linda e feminina do que já vi um dia.

- Não ... – Murmurou. – Não quero parar nunca.

- Nem eu, Lara Maria. Quero ficar aqui, enterrado dentro de você, o tempo todo. Então, fique quietinha. E monte no meu irmão devagar, não quero sair de onde estou.

Minha voz era firme, em uma ordem. Ela obedeceu, ainda trêmula, mordendo o lábio.

- Vem cá, morena gostosa. Quero

comer essa boceta toda molhada de gozo e de tanto que chupei. – Pedro estava impaciente, no auge de seu tesão, descabelado, erguendo o corpo sob o dela e sentando recostado na cabeceira. Olhou-a firme, agarrando sua cintura, seu pau a ponto de explodir. Estava na cara que ele se encontrava por um fio, assim como eu.

- Sim, garanhão ... – E ela foi, de gatinhas, as mãos subindo pela barriga dele, cuidadosa para não me tirar de dentro do seu corpo.

Eu a acompanhei segurando seus

quadris, até que montava sobre meu irmão e gemia como uma gata no cio quando a cabeça do pau dele abriu seus lábios vaginais. Forcei-a para baixo, empurrando-a com meu quadril, até que se esparramou sobre Pedro e ele se enterrou em sua boceta, tornando-a ainda mais apertada. Gemi rouco, penetrando-a, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás, dilacerado por tanta delícia.

Pedro grunhiu como um animal e a comeu forte e fundo, violento. Lara gritou, desabou sobre ele entre fios de

cabelo e pele suada, sendo penetrada pela frente e por trás sem nenhuma delicadeza. Sua languidez na hora cedeu espaço à paixão e ela não ficou entre nós enfraquecida, mas se moveu e sacudiu, ondulou, berrou, começou a dizer palavras desconexas:

- Ah, que gostoso! Assim que eu gosto ... mais ... Isso ... Ah ... porra ... mais ... Mais forte ... mais forte ...

Fiquei louco e Pedro também. Agarrei a cabeceira e mandei ver em sua bunda, metendo tão forte e fundo que pensei que a abriria ao meio. Lara subia

e descia sob nossas arremetidas, toda molhada e delirante, enquanto eu cheirava seus cabelos e me acabava com seu perfume, seu corpo, prendendo-a entre nossos corpos, Pedro fora de si também, agarrando e chupando seus mamilos.

- Ah, vou de novo ... Oh ... – Ela gozava sem parar, enlouquecida, dominada, tremendo sem parar, se contraindo violentamente em volta dos nossos paus.

- Porra! – Pedro a segurou e fodeu, gozando também.

Meu pau ondulou e ali eu me acabei, esporrando, ejaculando não só com o sexo, mas todo meu corpo participando, se perdendo naquela maravilha toda.

Foi bruto, animal, visceral.

Foi melhor do que tudo.

Desabamos na cama e vi que Lara tinha os olhos molhados de lágrimas, mas não era daquela tristeza que a dominava às vezes. Era do orgasmo fulminante. Esparramou-se e lá ficou, de olhos fechados, corada, suada, no meio de nós.

Eu a olhei fixamente, meu coração ainda batendo muito rápido, uma espécie de encantamento me deixando com uma sensação que não tinha há muitos anos, desde Francesca. E mesmo com ela não havia sido assim, essa loucura, essa entrega, uma conexão que parecia romper as fronteiras do físico. Lara cavoucaava alguma coisa bem fundo dentro de mim e me deixava exposto, mais do que fiquei um dia.

Fitei meu irmão e ele estava muito quieto, com um braço sobre o rosto, como se escondesse algo. Meu

peito se apertou e ali, pela primeira vez, dei-me conta que a coisa ficava realmente séria. Não só para mim. Para ele também. E pelo que eu conhecia de Pedro, não ia ser fácil. Eu teria que ficar atento para ninguém se magoar naquela história.

Mantive-me quieto, imerso em meus pensamentos. Até que meu corpo se acalmou mais e percebi que Pedro parecia dormir e Lara também. Saí da cama com cuidado e fui tomar outra chuveirada.

Tinha que ir para a fazenda

trabalhar e voltei silenciosamente ao quarto, dali para a sala. Vesti-me e liguei para a Falcão Vermelho, até que consegui falar com um dos peões e ele concordou em vir me buscar. Fui então fazer um café, ainda perdido em pensamentos, sentindo um alerta dentro de mim que não soube elucidar naquele momento.

Eu terminava de tomar o café, recostado na pia, quando ouvi passos suaves. Lara entrou na cozinha descalça, seus cabelos em cachos desgovernados, as bochechas coradas e os olhos

brilhando. Usava apenas um curto robe rosa e sorriu para mim. Era a imagem de uma mulher satisfeita, bem fodida, um pouco surpresa com tudo aquilo.

- Ainda está clareando, Heitor. – Disse baixinho. – Já vai?

- Pego cedo na fazenda. – Sorri lento para ela, meus olhos percorrendo-a devagar. – Um dos empregados está vindo me buscar.

- E Pedro?

- Ele deve ir direto para o frigorífico.

Lara acenou com a cabeça.

Estendi minha mão e deixei a caneca vazia sobre a pia. Segurei seu pulso e a puxei para mim, dizendo baixo:

- Vem cá, Lara Maria.

Ela sorriu, mordendo o lábio, deixando-se levar de encontro ao meu peito, suas mãos se espalmando ali, seus olhos erguidos para fitar os meus. Senti novamente um mar de emoções me envolver como uma onda e cheirei perto de sua orelha, esfregando meu nariz em sua pele e cabelo, murmurando:

- Adoro seu cheiro. Me deixa doido.

- Eu adoro seu cheiro também. –

Sussurrou de volta, virando o rosto para esfregá-lo em minha barba, aspirando firme. Estremeceu devagarinho e eu a acomodei mais contra mim, enquanto confessava: - Gosto também do seu gosto, do seu corpo, do seu jeito. De tudo em você, Heitor.

- Ahã ... Eu sei ... – Sorri e afastei o rosto o suficiente para olhá-la bem perto, minha mão acariciando suas costas sob os cabelos. Provoquei: - Afinal, segundo você mesma disse ontem, “*esse cara sou eu*”.

Ela deu uma risada baixa e seus dedos brincaram em minha barba. Algo reluziu em seu rosto e falou:

- Isso me faz lembrar que me prometeu uma música. Disse que cantaria para mim depois e não cantou. Qual é?

- Sou péssimo cantor ... – Meu sorriso se ampliou. Estava muito gostoso ficar ali na cozinha silenciosa com ela tão colada em mim, tão gostosa em meus braços, ainda mais depois do prazer indescritível que tivemos.

- Ah, vamos, Heitor Falcão! Me

deixou curiosa agora ...

- A música que pensei tem tudo a ver com esse momento. Ouvi outro dia na rádio, na voz do Paulinho Moska e lembrei de você. – E cantei baixo, sem tirar os olhos dos dela:

“Enrosca o meu pescoço

Dá um beijo no meu queixo e geme, geme

O dia tá nascendo

E nos chamando pra curtir com ele

Adoro esse seu sorriso bobo

E a tua cara de assustada

Enrosca meu pescoço

E não queira mais pensar em nada (...)”

(Enrosca, Guilherme Lamounier)

Lara ficou quieta, olhando-me, uma emoção indescritível passando em sua expressão. Então, veio ainda mais perto de mim e, sem dizer uma palavra, subiu as mãos por meu pescoço e beijou meu queixo sobre a barba, sem tirar os olhos dos meus. Gemeu baixinho, como a música, seus dedos indo em meu cabelo na nuca. Somente então murmurou:

- Eu não consigo mais pensar em

nada quando estou com você.

- E isso é bom?

- Você não imagina o quanto. —

Disse num fio de voz. Então, ficou nas pontas dos pés e beijou minha boca emocionada.

Fechei os olhos e a abracei, colando-a em mim ainda mais, retribuindo o beijo quente e gostoso, nossas línguas se saboreando sem pressa, sem o tesão desesperado de antes. Foi uma entrega, sem lutas, sem nada entre nós. Um beijo puro e profundo, que disse muita coisa sem

precisar de palavras.

Sentimentos únicos, fortes, nos golpearam e ficou mais do que claro que era recíproco. Mas não dissemos nada. De alguma maneira, eu sabia que era cedo para ela. Que aquele algo que a fragilizava tanto demandaria tempo e confiança. Não me desesperei nem me adiantei. Apenas mostrei que eu estava ali, não apenas para sexo. Para ela. Quando precisasse de mim.

Não paramos de nos beijar. Lambíamos, sugávamos, mordíamos, minhas mãos em seus cabelos, as suas

nos meus. E quando enfim paramos, ela deixou a cabeça em meu ombro e permaneceu entre meus braços, murmurando baixinho:

- Às vezes não acredito que você é de verdade.

- Ainda não? – Sorri contra seus cabelos e acariciei-a. – Talvez devêssemos voltar para a cama para que eu mostre o quanto sou real, Lara Maria.

- Você quer acabar comigo, isso sim ...

Rimos e ficamos lá, abraçados, até o carro buzinar na frente da casa.

Somente então eu segurei seu rosto, fitei seus olhos e disse baixo:

- Não vou conseguir ficar longe, Lara Maria. Volto mais tarde.

Ela apenas acenou com a cabeça, sem dizer nada com os lábios, mas fazendo com os olhos, deixando claro que queria também. Trocamos um beijo casto, cúmplice. Quando saí de lá, eu sorria.

LARA

Nunca imaginei que eu pudesse me apaixonar, mas depois que Heitor saiu, fechei a porta e me recostei nela, com o coração batendo forte, meu estômago apertado, a imagem dele preenchendo toda minha mente. Sempre soube que romantismo não era para uma pessoa cínica como eu, mas agora eu vacilava.

O que era aquilo que Heitor fazia comigo? Aquela sedução lenta, aquele olhar que me fazia confiar nele e ter vontade de contar toda a minha vida,

chorar em seus braços como criança, abrir minha alma? Não era só aquele sexo ensandecido que fazíamos, era o tempo todo sentir vontade de estar perto dele, de sentir seu calor, um desejo cada vez maior por sua presença na minha vida.

Nervosa, caminhei apressada para a sala e dali para o quarto, sem querer sentir aquelas coisas, sem querer pensar naquilo. Tudo dentro de mim pulsava e parecia diferente, seus olhos escuros pareciam me acompanhar, seu toque ainda em minha pele, vivo demais.

Então, parei no meio do quarto e meus olhos bateram em Pedro na cama, nu, esparramado, musculoso e lindo.

Olhei-o fixamente, meu coração pulando mais ainda, todo meu ser parecendo consumido em chamas. Vibrei internamente, me lembrei de seus olhos cinza azulados em mim, da força deles, do seu toque bruto, do modo como parecia perfurar minha alma. E ali me dei conta que não era só Heitor que me fazia tremer na base e desconhecer a mim mesma. Pedro tinha igualmente aquele poder, embora de uma forma

diferente, com uma outra potência.

Aproximei-me dele lentamente, mordendo o lábio, abalada. Senti tanto medo de tudo aquilo, do terreno escorregadio em que eu me metia, que buscava dentro de mim uma resposta, cheia de dúvidas e confusão. Ao mesmo tempo que aqueles dois irmãos tinham o poder de aliviar minha dor, de me trazer o esquecimento e a libertação do corpo, também me jogavam em um rodamoinho emocional com o qual eu não sabia lidar.

Como se sentisse que eu o

olhava com tudo de mim, a mão contra o peito, cada vez mais próxima da cama, Pedro tirou o braço de sobre os olhos e me fitou diretamente daquela sua maneira peculiar, direta e intensa. Franziu as sobrancelhas e me mirou calado, até me fazer parar ao lado da cama. Sentou-se na mesma hora e indaguei a mim mesma como podia me despertar tanto desejo com seu corpo nu, se tinha acabado comigo naquela cama junto com Heitor. Eu só podia ser uma puta mesmo, para querer mais, mesmo ardida, dolorida.

O desejo pulsou entre nós. Foi tão forte e perturbador, que Pedro agarrou meu braço e me puxou para a cama, derrubando-me, na mesma hora prendendo meus pulsos contra o colchão e cobrindo-me com seu peito musculoso, seus olhos devorando os meus, sua boca perto da minha. Disse rouco:

- Onde você estava?

- Fui ... levar Heitor até a porta.

Ficou quieto, sondando-me, como se exigisse que eu dissesse mais. Havia algo quase animal nele, uma mistura de virilidade e arrogância que

me deixava sempre alerta e quente em sua presença. E mais uma vez indaguei a mim mesma como dois irmãos podiam ser tão diferentes e tão maravilhosos em suas diferenças.

- Você o beijou? Transou com ele? – Exigiu saber, algo possessivo no modo que me segurava e fitava.

- Só o beijei.

- Também quero um beijo, morena. E quero foder você de novo. Agora. Vai abrir as pernas para mim?

- Sim. – Um tesão violento me arrepiou e senti-me como uma cadela no

cio, lambendo meus lábios. Murmurei, excitada: - Sempre que você quiser, garanhão. É só vir aqui e me comer.

Seus olhos escureceram, sua respiração ficou mais pesada, agarrou-me mais firme. Algo mexeu com suas emoções, deixou-o mais sério. Era como se quisesse muita coisa de mim, até me sugar por inteira, até a alma. E isso, de alguma maneira, o irritou.

- O que você tem que me deixa doido desse jeito? – Exigiu bruto, apertando mais meus pulsos, seu pau duro e grosso contra a minha coxa. –

Responda!

- Sou o que você gosta. Uma mulher livre, sem pudores, sem frescuras, safada, entregue. – Falei cheia de luxúria, agitada, fervendo, minha vagina molhada, latejando. – Dou meu corpo para você e para Heitor fazerem tudo o que quiserem. E ainda quero mais. E você ama isso, Pedro. Adora me comer junto com seu irmão. E agora, vai me comer sozinho.

Ele se descontrolava a olhos vistos. Parecia um animal prestes a cobrir sua fêmea, sem maiores delongas.

O tesão ardia e espocava entre nós. Eu me sacudi, ergui meus quadris, abri as pernas. Falei com lascívia pura se derramando em cada sílaba:

- Vem aqui, mete em mim.

Eu vi que montaria em mim e me foderia, fora de si. Mas algo o segurou, uma certa raiva que contorcia suas feições e que o fez rosnar:

- Você não me domina, morena.

- Não? Nem um pouco? –

Desafiada, escaudando, ergui a cabeça da cama e lambi os lábios dele, dizendo rouca: - Vai dizer que não vai meter em

mim agora? Hein? Sentir minha boceta chupando e apertando seu pau dentro de mim? Não quer isso?

- Eu quero. Mas não pense que me domina, que vai me deixar doido por você. O que temos é só sexo, morena.

- Eu sei ...

- Só sexo. Meto em você e em quantas mulheres eu quiser.

- Sei disso. – Repeti, mas sorri como se soubesse também que ele apenas lutava com o inevitável, que estava tão louco por mim quanto eu por ele.

Ficou ainda mais puto com meu sorriso. E como a provar o que dizia, afirmou claramente:

- Você não domina meu corpo, nem meu tesão, Lara. Eu vou para a cama com quem eu quero e a hora que quero, saiba disso. – Com os olhos presos aos meus, prosseguiu, ainda num tom duro e seco: - Pouco me importa qual mulher vou comer. Eu só procuro por sexo, por uma foda quente. Anteontem mesmo comi uma loira muito gostosa em Pedrosa. E essa madrugada transei com você. Sou livre. Assim

como você.

Eu não esperava aquilo e apenas o olhei, imobilizada por suas palavras. Conscientemente eu sabia que ele tinha razão e era assim que eu queria. Liberdade, sem compromissos. Mas, de alguma maneira, senti-me tão ligada a Pedro e Heitor que achei que aquela loucura fosse recíproca. Não passava por minha cabeça que, depois do que fazíamos na cama, ele fosse sair para transar com outra. Por um breve momento, pensei que nos completávamos.

Fitei seus olhos arrogantes e imaginei-o na cama com outra mulher. Quase gritei e uma dor estranha pareceu perfurar meu peito. Não entendi. Não consegui ser racional. E sem que eu me desse conta, uma fúria me consumiu de tal maneira, que foi como se Pedro tivesse me traído. Eu perdi o discernimento e me tornei uma fera, mesmo tentando me controlar. Foi forte e visceral, completamente enlouquecedor.

- Seu desgraçado! – Gritei revoltada e lutei com ele.

Peguei Pedro de surpresa com

minha reação e com isso me soltei, empurrando-o com força, levantando-me de um pulo. Meus olhos ardiam, a fúria me consumia como uma bola de fogo e aponteí para a porta, ensandecida:

- Fora daqui!

- Está maluca? – Pedro se levantou, franzindo a testa. Abriu os braços: - Não temos compromisso! Eu ...

- Não quero saber! Fora daqui, seu maldito mulherengo filho de uma puta!

- Morena, o que ... – Deu um passo para frente, ridículo com aquele

pau duro quando tudo que eu queria era esganá-lo e torcer aquele pau até fazê-lo uivar de dor.

- Morena é o cacete! Vai chamar suas putas de morena! Se não sair daqui agora, não respondo por mim! Fora da minha casa.

- Você é maluca? – Ele estava chocado com minha reação.

Eu também estava, mas não consegui controlar o ódio assassino que me consumia. Soltei um grito feroz e saí do quarto, marchando para a sala. Sabia que me seguia. Sem poder me conter,

catei as roupas e sapatos dele pelo chão e fui até a porta da frente, escancarando-a.

- Hei, o que você vai fazer? – Indagou, também puto.

- Some daqui! – Berrei e joguei as coisas dele do lado de fora, enquanto tudo se espalhava na varanda e nos degraus.

- Sua louca!

Olhamo-nos, ambos furiosos. Quando veio perto, eu o empurrei para fora, gritando realmente como uma louca:

- Nunca mais quero te ver aqui, seu safado! Descarado! Fora!

- E não vai ver mesmo! Nunca mais piso aqui! O que não falta é mulher para mim!

- Então, vá enfiar esse pau nelas! Por que em mim, nunca mais! Garanhão filho da puta!

E quando Pedro saiu à varanda, pelado, bati a porta atrás dele e a tranquei, sem me dar conta que chorava e corria para o quarto.

Quando me joguei na cama, soluçando, eu não me reconheci.

Não consegui me entender, saber por que tinha feito aquilo. Só sabia que dor, decepção e um ciúme atroz me consumiam. Gritei contra o travesseiro, pela primeira vez na minha vida exaltada por sentimentos tão ferozes por um homem, magoada até a alma, traída.

Demorou até conseguir me acalmar e desabar, encolhida. Tentei achar respostas. Nunca me envolvi com ninguém a ponto de ficar daquele jeito. Passei pela adolescência sem aquelas emoções desconcertantes e ridículas. Como pude perder a cabeça daquela

maneira?

O que aqueles irmãos estavam fazendo comigo?

Não consegui achar respostas e acabei chorando de novo, agora de puro medo do desconhecido. Talvez fosse a hora de arrumar minhas coisas e sumir dali. Antes que eu enlouquecesse de verdade.

CAPÍTULO 18

HEITOR

Acabou que naquela quinta-feira ocorreram diversos problemas na fazenda, sem importância, mas que demandaram tempo e me fizeram ficar de um lado para outro até tarde. Voltei para casa quase nove horas da noite, exausto. Pensei em dar um pulo no Falconetes e ver Lara, já que tinha

sentido saudades dela durante o dia, mas acabei caindo na cama e apagando, principalmente por ter passado a noite anterior praticamente sem dormir e ter ralado aquele dia todo, desde as cinco horas da manhã.

Na sexta levantei cedo e sabia que tinha que mandar um dos funcionários até a cidade de Florada, solicitar uma Guia de Transporte de Animal para a saída de uns bois que vendemos para outros fazendeiros. Não era minha atribuição resolver aquela questão burocrática pessoalmente, mas

desci para tomar o café-da-manhã pensando que seria uma boa oportunidade para ver Lara. Ainda pensava sobre aquilo, sem querer esperar até a noite para estar com ela, quando entrei na cozinha e me surpreendi ao ver Pedro sentado em volta da mesa, como se tivesse acabado de levantar, usando só short e camiseta.

- Madrugou hoje? – Indaguei, indo me sentar em frente a ele, olhando em volta. – Cadê a Tia?

- Está no quarto com nosso pai e com Margarida. Mas deixou café pronto.

– Ele apontou para a mesa posta e o bule quente de café ali perto.

Parecia emburrado, mal humorado. Servi-me do café, observando-o. Fitou-me.

- Por que está me olhando?

- Que cara é essa? Deu pulga na cama hoje?

- Só acordei cedo. – Deu de ombros e cortou um pedaço de pão. Estava na cara que algo o perturbava, o deixava irritado. Fiquei quieto, esperando. Sabia que me contaria. E foi o que fez.

Recostou-se na cadeira, olhou-me tomar o café da manhã e indagou com raiva mal disfarçada:

- Esteve com Lara ontem à noite?

- Não. Cheguei tarde e cansado.

Por que? – Estava curioso.

- Ela surtou, Heitor. Parecia uma louca!

- Do que está falando?

Pedro bufou, largando o pão na mesa, seu cenho carregado.

- Depois que você saiu, de manhã, quase transamos. Mas aí fui falar que transei com a loira em Pedrosa e

tinha que ver ... Começou a gritar e me botou pra fora da casa dela. Cara, eu estava pelado! Jogou minhas roupas na varanda! Fiquei muito puto!

Eu não aguentei e comecei a rir, imaginando a cena. Aquilo enfureceu mais o meu irmão, que exclamou nervoso:

- Não teve graça nenhuma! Não precisava disso tudo. Eu não tenho compromisso com ela nem ela comigo. Por que aquela raiva toda?

- Você só pode estar de brincadeira, Pedro. Como vai transar

com uma mulher, depois de passar uma noite maravilhosa com ela, e dizer que no dia anterior pegou outra? Acha que ela ia achar legal? Que ia rir e comemorar com você?

- Mas não temos nada sério!
Lara transa com nós dois, porra!

O que ele disse me irritou.
Fiquei sério na hora.

- Você sabe que é diferente,
Pedro.

Não precisei falar muito nem explicar. Ele sabia. Há muito tempo nos aceitamos daquele jeito, com nosso

gosto de compartilhar mulheres. Além da escolhida do momento, não colocávamos mais ninguém no meio. Era só entre nós.

Com Lara, estávamos envolvidos, por mais que Pedro não quisesse admitir. E foi o que emendei:

- Você a pegou na casa dela, levou para um encontro familiar, viu como se deu bem com todos. Depois, sabe que foi especial. Ela é perfeita pra gente. Não é possível que não tenha pensado nisso.

- Não é por que a levei para a

despedida do Micah e ela foi bem recebida por todos, nem por que se dá bem na cama com a gente, que estou morto para a vida e tenho que casar com ela! Nunca juramos amor eterno, pelo amor de Deus! – Deu-me um olhar agressivo, passando a mão pelo rosto. – Não traí ninguém, to com a minha consciência tranquila.

- Podia ter um pouco mais de respeito por ela. Ou pensa como a maioria dessa gente hipócrita que, se Lara transa com dois homens ao mesmo tempo, é uma puta? E o que isso faz de

nós, dividindo mulheres?

- Não disse que ela é uma puta. —
Defendeu-se. — Sabe que não sou
hipócrita.

- Não sei não, irmão. To achando
que você está se portando como um
babaca.

Irritado, fitou-me firme. Eu
mantive seu olhar do mesmo jeito.

Difícilmente discutíamos. Mas
quando acontecia, era de igual para
igual, ambos tentando ser justos, embora
Pedro às vezes fosse um cabeça dura.
Esperei que a razão se fizesse presente,

mas ele insistiu:

- Não sou um babaca. Sou um homem livre, transo com quem quiser. Lara exagerou na reação dela. Foi ridículo.

- E se fosse Lara a estar na cama com você e dissesse que no dia anterior tinha transado com outro cara além de nós dois? Ou acha que é perfeitamente normal ela estar com outro, já que sai comigo e com você ao mesmo tempo?

Ví que sua expressão se carregou mais. Eu o conhecia como a mim, podia ver seu ciúme, sua birra, sua luta para

acreditar que era livre, dono da situação, sem envolvimento nenhum com Lara além de sexo. Lembrei dele na manhã anterior, acariciando-a lentamente enquanto ela dormia. A quem Pedro queria enganar, além de a si mesmo?

Não o pressionei mais. Pedro se levantou e me olhou, dizendo seco:

- Ela transa com quem quiser. E se acha que vou me sentir culpado e correr atrás dela, está muito enganada. Não fiz nada errado.

- Deixe de ser cabeça dura. Vá

lá e converse com ela.

- Não tem nada pra gente conversar.

E então saiu da cozinha, talvez para não se entregar mais do já tinha feito. Ele dizia uma coisa e sentia outra.

Fiquei preocupado. Eu amava meu irmão e não queria que ele sofresse desnecessariamente. Por anos vi Pedro ser mulherengo e cínico, afirmar que nunca se apaixonaria por mulher alguma e realmente sair ileso dos relacionamentos. Mas agora eu sabia que ele estava ligado em Lara e aquilo o

assustava. Era como se sua armadura rachasse e ele brigasse para emendá-la. Mas, em algum momento, teria que parar de se fazer de cego e ver a realidade.

Ao mesmo tempo, fiquei preocupado com Lara. Tinha me encantado com sua alegria no restaurante em Pedrosa, vendo-a leve e feliz de verdade, entrosada com pessoas que eram muito importantes para mim. Depois, tinha sido aquela loucura de sempre na cama, aquele furacão, para depois me deparar com suas lágrimas. Era uma mulher tão intensa, tão cheia de

verdades e dores próprias, que me dava raiva saber que meu irmão tinha acrescentado mais uma para ela.

Levantei-me, sabendo mais do que nunca que iria sim em Florada resolver a questão da Guia de Transporte, mas principalmente para saber dela, ver como estava, tentar amenizar um pouco toda aquela confusão que Pedro armou. Além de tudo, eu queria também uma oportunidade de vê-la sem que estivesse preparada para me encontrar. Queria pegá-la desprevenida, desarmada, porque eu sabia que sua

leveza e sua desenvoltura eram uma capa. Naquilo ela e Pedro se pareciam demais, gostavam de esconder seus sentimentos.

Ela tentaria fingir que nem estava aí para tudo aquilo, como meu irmão. Dois cabeças-duras. No entanto, eu não era bobo. E a cada dia sentia uma necessidade absurda de saber quem era Lara Maria. Algo nela me incomodava, me remexia, num misto de angústias e contentamento, de apreensão e calma, de paixão e hesitação. Estava vivendo sensações antagônicas desde que

conheci aquela mulher. E isso não me inibia, mas me fazia querer mais e mais conhecê-la e arrancar aquela erva daninha que às vezes parecia crescer dentro dela.

Cheguei em Florada bem cedo, antes que a Sede do Sindicato Rural abrisse. Depois eu tiraria a guia de GTA. Com os pensamentos todos voltados para Lara, fui em direção à sua casa, entrando direto sem bater ou chamar, indo para os fundos pela entrada lateral.

Na mesma hora que virei o

corredor, ouvi sua voz rouca e sensual, que já tinha me surpreendido por ser ainda mais linda e perfeita cantando, afinada, sempre no tom certo. Ela cantava uma música antiga de Belchior, Divina Comédia Humana, de maneira intensa e parei perto da janela aberta, tocado pela beleza e as emoções contidas em cada palavra cristalina que ela emitia:

“Estava mais angustiado que um
goleiro na hora do gol

Quando você entrou em mim como

um Sol no quintal

Aí um analista amigo meu disse que

desse jeito

Não vou ser feliz direito

Porque o amor é uma coisa mais
profunda que um encontro casual

Aí um analista amigo meu disse que

desse jeito

Não vou viver satisfeito

Porque o amor é uma coisa mais
profunda que uma transa sensual

Deixando a profundidade de lado

Eu quero é ficar colado à pele dela
noite e dia

Fazendo tudo de novo e dizendo sim à
paixão morando na filosofia

Eu quero gozar no seu céu, pode ser
no seu inferno

Viver a divina comédia humana onde
nada é eterno”

Fiquei quieto, sentindo, ouvindo,
me envolvendo. Parecia loucura da
minha cabeça, mas tive a sensação clara
de que Lara não cantava somente, mas
despejava sua angústia através da letra
daquela música. Seu canto parecia um
desabafo, um grito solitário.

Eu estava acostumado a observar. Lidar com animais me fez aprender a ter calma, a desenvolver uma sensibilidade, a apurar meu olhar para ver além das aparências e sentir aquilo que não era falado, mas expressado em gestos, posturas, comportamentos, olhares. Na correria diária do estábulo e dos pastos, muitas vezes os animais eram vistos como mais um item do ambiente e não como indivíduos. Mas eu não apenas olhava o meu rebanho, eu os enxergava, eu os protegia.

Aquelas habilidades eu

carregava comigo pela vida. E agora ali, parado perto da janela de Lara, eu ouvia a melodia que ela empregava à voz, escutava aquele lamento, sentia aquela aflição. Um instinto protetor intenso aflorou em mim, como se respondesse a uma necessidade urgente, a um pedido de socorro.

As lágrimas de Lara não saíam da minha cabeça. Na verdade, nada naquela mulher saía de mim. Ia além do prazer que seu corpo me dava, de sua entrega, do seu cheiro que tinha me enfeitiçado e marcado. Era algo além da

imagem da mulher linda, resolvida, feliz e segura que ela passava. Era sua alma.

Aproximei-me mais da janela e então a vi. Ela fazia a limpeza da sala, vestida num short e top curtos, cabelos amarrados em um rabo de cavalo, descalça. Tinha os ombros levemente baixos, num gesto explícito de cansaço, de rendição, que talvez nunca mostrasse se soubesse que era observada. Entre uma estrofe e outra, respirava fundo, como se algo a desanimasse, mas ela lutasse para continuar em frente.

Não pude tirar meus olhos dela,

tocado, parado ali a observando, absorvendo cada detalhe daquela mulher que a cada dia tomava mais um pouco de mim, me invadia, me consumia. Imaginei o que havia dentro daquela vida, que história silenciosa ela guardava.

Lara não era uma mulher inexperiente, não mesmo. Sua entrega a mim e a Pedro comprovava aquilo, assim como se mostrava vivida, interessante, madura. Mas seu olhar naquele momento e em outros, quando tentou suplantá-lo, era perdido, solitário, vago. Parecia dizer que a

mulher decidida era irreal. Como da vez em que perguntei se nunca tinha gozado. Era óbvio que mentiu. Sua desenvoltura na cama era incoerente com aquele fato. Ela sabia como enlouquecer um homem, aliás, dois ao mesmo tempo. Participou, jogou, interagiu, se deu, disse coisas pornográficas, fez mais ainda. Não fugiu de nada que eu e Pedro propusemos. Mas foi uma entrega de corpo, quase agressiva, beirando a raiva. Até gozar e se assustar por se dar mais do que pensou.

A cada dia eu ficava mais

perdido e, também, mais fascinado com os sinais que aquela morena dava. Era de longe a foda mais gostosa que já dei na vida. Nem mesmo com Francesca senti tanto prazer, gozei tanto ou a tomei como foi com Lara. Eu e Pedro a devoramos. E fomos devorados por ela.

Como se sentisse minha presença, Lara virou o rosto e me viu. Calou-se na hora, empalidecendo, largando de imediato a almofada no sofá. Foi mais do que um susto. Paralisada, por um momento não disse nada e nem eu. Apenas nos olhamos, até

que ergueu o queixo e indagou séria, em uma voz rígida:

- O que está fazendo aqui, Heitor? Não o ouvi chamar.

- Eu não chamei, Lara Maria. Eu simplesmente entrei. – Apoiei os braços na janela, atento, sem nem ao menos piscar. Eu também queria ganhar tempo para me reorganizar. – Gosto muito de Belchior. Ainda mais na sua voz.

Ela continuou sem sorrir, sabendo que eu a tinha pego em um momento só seu, sem defesas.

- Da próxima vez, chame, Heitor.

Não gosto de tomar sustos assim. Nem que me peguem de surpresa.

- Imagino. – Sondei-a com um olhar e me lembrei de tudo que falei com Pedro naquela manhã. Apenas para ter certeza do que eu intimamente já sabia, indaguei baixo: - Por que está tão irritada? Poderia ter outro homem aqui, Lara Maria?

Sem que pudesse impedir, aquela constatação me causou um grande incômodo, uma sensação muito ruim. Pensei se Lara teria sentido o mesmo depois que Pedro contou que havia

transado com outra mulher.

- Não me parece que vocês tenham me dado chance de arrumar uma outra pessoa, não é? – Retrucou, impaciente. – Mas como bem disse seu irmão, não temos compromissos, Heitor Falcão. Cada um faz o que quiser da própria vida.

Estava raivosa e acabei me irritando também. Surpreendendo-a, saltei a janela, pulando dentro da sala. Lara abriu mais os olhos, mas eu já estava em cima dela, abraçando-a de modo que prendia seus braços entre os

meus e nossos narizes quase se encostavam. Falei bem sério, sem querer me distrair com seu cheiro que eu adorava nem com seu corpo gostoso contra o meu:

- Vai querer descontar agora sua raiva em mim? Por que está assim? Por que vim sem ser chamado e peguei você cantando como se fosse um lamento vindo de dentro da alma? Ou por que sou irmão de Pedro e está revoltada com ele?

- Me solta, Heitor! – Lara se debateu, mas a apertei mais e ficou

vermelha, como se fosse me xingar de tudo quanto era nome. Mas beijei suavemente seu rosto e a desarmeí quando sussurrei rouco:

- Vim só por que estava com saudades, Lara Maria. Não sei o que fez comigo, mas não aguento mais ficar um dia sem sentir o cheiro da sua pele, sem tocar em você. Vai brigar comigo por causa disso? Hum? – E deslizei minha boca do seu queixo até sua orelha, onde lambi de leve.

- Ah ... – Ela estremeceu, sem controle, como se o que sentisse ou o

que eu disse a deixasse sem chão, restando apenas se apoiar mais em mim, se entregar às minhas carícias.

Aquela sua meiguice depois da sua raiva, a sua rendição tão rápida sob meu toque, mexeu comigo. Era como se precisasse mais do que ousava admitir e me dei conta de que precisava dela também. Fechei os olhos por um momento e a coleí totalmente a mim, abraçando-a pela cintura, libertando seus braços, que no mesmo instante me envolveram esfomeados pelo pescoço, segurando-me.

Fiquei emocionado, excitado. Segurei sua cabeça, amparei-a para subir novamente minha boca e encontrar seus olhos, abertos como eu sabia que estariam, cheios de sentimentos e brilhantes demais. Eles me diziam muito mais do que sua boca e me comuniquei com eles, sorri para eles, disse baixinho:

- Vou cuidar de você.

- Não sei por que ... – Murmurou num fio de voz. - ... eu acredito.

Naquele momento, em que a beijei e me beijou de volta, não havia

mais luta nem irritação entre nós. Os segredos esperaram sua vez de serem descobertos. Por que o desejo forte e a entrega total estavam ali, da minha parte e de Lara.

Foi doce, terno e ainda assim apaixonado. Puxei o elástico de seu cabelo e adorei quando se espalharam em minhas mãos, sedosos, macios, perfumados. Eu esfregava sua pele, afastava a roupa do caminho, enquanto chupava e lambia a sua língua, meus sentidos todos voltados para ela, meu corpo todo interligado àquele corpo

moreno que me enlouquecia.

Foi como uma dança lenta e sensual. Abri seu short e o empurrei para baixo, enquanto Lara erguia minha camisa e deslizava as mãos em minha barriga, gemendo sem parar. E assim, as peças de roupa foram caindo, os dedos foram percorrendo cada pedaço que encontravam, as emoções se uniam e circulavam entre nós, vivas, pulsantes, acopladas em uma só.

Meu coração batia descompassado, o desejo caminhava junto com tudo mais que ela despertava

em mim e eu só descolei meus lábios o suficiente para tirar sua blusa e a minha, para depois nos abraçarmos de novo, sôfregos, nus, boca contra boca, sugando, beijando, tomando. Empurrei-a suavemente e a amparei pela cintura enquanto a deitava no sofá e ia por cima, nossas peles escaldando naquela sala banhada pela claridade da manhã.

Lara se abriu para mim, choramingou, enfiou os dedos em meus cabelos, cravou as unhas em minhas costas. A paixão nos consumia em sua necessidade, tão forte e intensa que

parecíamos cegos, surdos e mudos, ouvindo e vendo somente um ao outro, sentindo-nos, nos comunicando com o corpo e os gemidos entrecortados.

Acaricieei seus seios, sua barriga, abri sua vulva depilada e inchada com os dedos, encontrando-a molhada e palpitante. Tive vontade de lambê-la, esfregar meu nariz naquela sua essência de mulher, mas não consegui. Estava além de toda minha capacidade de controle e de racionalidade. Ali eu era apenas como um dos animais da fazenda, precisando desesperadamente estar

dentro dela, mais até do que respirar.

- Oh ... Heitor ... – Choramingou em minha boca quando meti meu dedo do meio entre suas dobras meladas e esfreguei ali a cabeça do meu pau, movendo meus quadris, arfando grosseiramente. – Por favor, vem ...

E eu fui. Espalmei a mão em sua vulva, arreganhando-a enquanto metia meu pau dentro dela, cerrando o maxilar para não ser com a violência que eu queria. Fui até o fundo e fitei seus olhos dourados, vi sua necessidade, sua lascívia, seu pedido mudo de

entendimento, de satisfação, de tanta coisa que mergulhei neles ao mesmo tempo que mergulhava meu pau, saboreando-a, indo fundo naquela delícia, que latejava sem controle em volta de mim.

- Ah ... que delícia ... – Agarrou-me, se abriu toda com uma das pernas sobre o encosto do sofá e a outra caindo em direção ao chão, movendo o quadril para me receber quando estocava, mamando-me daquele jeito que só ela sabia fazer, seus músculos prendendo e soltando, tão molhada que eu deslizava e

a enchia sem dificuldade, arrancando miados de seus lábios.

- Tão gostosa ... Tão minha ... –

E a comi, movendo-me entre suas coxas naquela dança antiga e maravilhosa, metendo um dos braços sob seu corpo e segurando-a sob a nuca, minha outra mão acariciando docemente seu clitóris, deixando-o duro e empinado, fazendo seus olhos nublarem. Gemeu cada vez mais, assim como eu, rouco, gruindo, enquanto aumentava os movimentos.

Foi enlouquecedor estar dentro dela tão apaixonado e doce ao mesmo

tempo, tão nu e entregue, exatamente como Lara fazia. Não tiramos os olhos um do outro enquanto ondulávamos juntos e calor devorador lambia nossos corpos, nossos sexos se sugando, se grudando, fazendo barulhos de prazer na sala cortadas por nossos gemidos.

Então, vi o momento em que não aguentou mais a pressão do meu pau indo tão apertado e fundo, meus dedos masturbando-a, meu olhar consumindo-a. Lara se quebrou em um orgasmo que a fez se esticar toda e se contrair, enterrando as unhas em minhas costas,

palpitando tanto que me massageava sem qualquer contenção, murmurando meu nome:

- Heitor ... Oh, Heitor ...

Porra, era gostoso demais! Ergui um pouco sua cabeça, exigi enrouquecido perto dos seus lábios:

- Isso, Lara Maria ... Se dê para mim ... Mais. Mais.

- Ai ...

E ela se deu, gozando, movendo-se, estremecendo e balançando sob minhas arremetidas mais duras, mais fundas, até que eu também não pude

mais conter meu fogo, minha paixão, sendo primordial apenas me dar também, totalmente. E assim, esporrei quente e grosso dentro dela, banhei seu útero, a enchi não só de esperma, mas de tudo que parecia passar para ela com aquele gozo tão verdadeiro e puro.

Beijei-a na boca, gemendo enquanto me acabava em seu interior e bebia o resto de seu prazer, ambos completamente abandonados, nos doando, apenas um homem e uma mulher, mas ao mesmo tempo tão mais, tão únicos!

E quando acabou, não era o fim. Eu senti como um novo começo e nem soube explicar aquilo. Continuei a beijá-la bem devagar, até que nossos tremores passassem e então eu erguesse a cabeça, encontrando seus olhos lânguidos, felizes, doces como nunca vi.

Não tinha usado preservativo, mas tinha sido tão bom comê-la sem nada entre nós, ser totalmente envolvido por sua sedosidade e quentura, estar ali dentro dela cheio de gozo melado, que não me arrependi. Só constatei o fato. E indaguei baixo:

- Usa anticoncepcional?

- Não é um pouco tarde para perguntar, Heitor? – Seus lábios se curvaram em um sorriso, seus dedos moveram-se sob os cachos dos meus cabelos.

- Antes tarde do que nunca ...

Sorri lento e Lara parecia feliz ao responder:

- Uso. Assim como sempre mando os caras usarem camisinha comigo.

- Eu também sempre uso com minhas parceiras. Mas por que não me

mandou fazer isso?

- Por que você também não usou?

Olhamos um para o outro, ainda sorrindo, ainda colados. Sentia seus mamilos duros contra meu peito, sua bocetinha cremosa ainda latejando suavemente em volta do meu pau, seu cheiro bom em minhas narinas. Nunca me senti tão bem na vida.

- Perguntei primeiro, Lara Maria. – Retruquei bem humorado.

- Eu nem lembrei disso. – Confessou.

- Nem eu. – Confessei também. –

Mas gostei assim. Quero gozar mais vezes dentro de você.

Beijei de novo sua boca, bem lento. Lara lambeu meus lábios, suspirou, infiltrou a língua em minha boca. Ficamos assim, apenas naquelas carícias e beijos do pós-coito, até que nos encaixamos lado a lado no sofá e saí de dentro dela. Apoiou a cabeça na curva do meu ombro e nos olhamos, calados por um tempo. Sua mão percorreu lenta minha barriga e murmurou:

- Você é tão forte ... Grande e cheio de músculos.

Sorri, brincando com uma mecha do seu cabelo.

- Estou perdoado por ter praticamente invadido a sua casa?

- Sim, Heitor. – Fitou-me, mais mansa do que de todas as outras vezes, mais relaxada também, com a guarda baixa. Gostei daquilo. Emendou: - Pode vir quantas vezes quiser.

- Eu viria de qualquer jeito.

Lara deu uma risada e me empurrou de brincadeira. Aproveitei o

momento bom entre nós e a observei,
enquanto dizia:

- Pedro me contou o que
aconteceu ontem.

Seu sorriso sumiu. Falou
entredentes:

- Seu irmão é um babaca.

- Foi o que eu disse a ele.

Acenou com a cabeça.

- Não quero falar sobre isso.

- Tudo bem, Lara. Mas só me
escute um pouco.

- Não, sei que vai defendê-lo.

São como gêmeos siameses, vai sempre

achar que ele tem razão e desculpas.

Acabei sorrindo.

- Gêmeos siameses? Certo, ele não tem razão. Mas escute, Pedro é um cabeça dura. Ele nem queria transar com a mulher.

- Sei. Vai querer me convencer que foi um sacrifício para aquele safado? – Irritada, conseguiu se sentar, afastando o cabelo do rosto.

Fui envolvido por sua beleza, por seus seios nus e lindos ali tão perto, distraído por um momento do que queria dizer. Sentei também, satisfeito quando

reparei que também dava uma olhada gulosa para meu corpo, admirando-me. Sem esperar que se afastasse mais, puxei-a para meu colo, sentando-a sobre meu membro que enrijecia novamente, adorando aquela bunda ali. Meus braços a prenderam pela cintura e me olhou de imediato.

- Pedro gosta de você, Lara Maria. Muito mais do que ele quer admitir.

- Escute, Heitor. Sei que não temos nada sério. Eu, você e ele estamos nos divertindo juntos. Mas achei uma

falta de respeito estar na mesma cama que eu, ter me levado para ficar no meio de sua família e depois me contar, na maior cara de pau, que esteve com outra mulher. – Suas bochechas estavam coradas, tentava esconder sua raiva. – Não estou cobrando nada, entenda.

- Eu entendo.

- Posso ter perdido a cabeça.

Nem sei por que agi daquele jeito, mas é melhor assim. Ele que fique pra lá com as mulheres dele!

- Lara ...

- Não quero falar daquele

safado! Melhor ficar longe de mim!

E estava tão irritada, que me empurrou e se levantou, se abaixando para catar suas roupas, me dando um espetáculo do seu corpo maravilhoso e escultural. Ergui-me também, minha parte racional sabendo que seria como falar com uma parede enquanto estivesse chateada daquele jeito.

- Vocês são mesmo dois cabeças duras. – Resmunguei.

Lara não disse mais nada. Eu suspirei e fui me vestir também.

CAPÍTULO 19

PEDRO

Eu não perguntei, mas soube que Heitor estava com Lara na sexta e depois ia ao Falconetes encontrá-la à noite. Ele veio falar comigo, me convidar. Não pude deixar de sentir um incômodo a me espezinhar, imaginando os dois sozinhos, como meu irmão se fartaria com ela. Fitei-o sério, como se

pouco me importasse. E disse a ele que tinha outro compromisso.

Conhecia Heitor, seu olhar atento, o modo como muitas vezes sua tranquila certeza das coisas me fazia parecer mimado e bobão, mas não estendi o assunto e nem o deixei falar mais, catando as chaves da minha moto e me recusando a falar de Lara, a ouvir o que ele tinha a dizer. Ouvi seu suspiro quando saí de casa e o ignorei. Quem sabia da minha vida era eu.

Não estava nem aí se Lara era ciumenta e achava que tinha direitos de

se meter em minha vida. Éramos amantes e só. Ela que fizesse aquelas cobranças a meu irmão, que pelo visto já estava apaixonado. Comigo não.

Tinha pensado em ir para algum bar, me divertir, sair com alguma mulher gostosa. Mas acabei mudando o caminho e fui parar no ginásio onde treinava boxe e onde lutava. Sempre tinha disputa lá, informal, e, se tivesse sorte, ainda conseguiria participar. E eu tive. Fiquei para uma das últimas lutas e com um cara que costumava moer os adversários e ria quando arrancava sangue de

alguém.

Peguei minhas coisas em meu armário, pus os shorts, as luvas, os protetores de dentes e, sob o ginásio lotado e a gritaria, entrei no ringue. Olhei o negro alto que mais parecia uma montanha e que me fitava sorrindo, cheio de escárnio. Era como se ele achasse que ia acabar comigo num só peteleco. Aquilo só me irritou mais e me concentrei na raiva, atento, movendo-me de um lado para outro bem sério, esperando o assalto começar.

Ao final de dois rounds, foi

quase um massacre. Quase. Por ser grandalhão e meio gordo, era pesado e me aproveitei disso para ir de um lado para outro e aproveitar as falhas em sua defesa para esmurrar na região dos seus rins e das suas costelas, evitando ao máximo que algum murro dele me acertasse, ou seria fatal. Ele parecia não ter mãos, mas patas de urso, enormes, pesadas, violentas.

Consegui cansá-lo e acertar bons golpes, concentrado, dinâmico, usando minha irritação como motivação. Pensei que se continuasse naquele ritmo,

poderia ganhar por pontos ao final de tudo, por que o homem parecia impossível de ser derrubado só com socos. E assim fiz, me esquivando dos golpes, abaixando e atacando, pulando até ficar molhado de suor.

Estávamos no segundo round quando ele me pegou desprevenido. Parecia lento, mas de repente atacou e moeu meu maxilar em um soco certeiro, que me deixou tonto e me derrubou na hora. Só vi aquela massa vir com tudo pra cima de mim e rolei para o lado mais por instinto do que por qualquer

outro motivo, ouvindo a gritaria, o povo querendo sangue.

Não sei como consegui ficar de joelhos e me agarrar nas laterais do ringue, erguendo-me meio trôpego, virando-me para esperar o ataque que vinha e ao menos tentar me defender. E então o velho ditado : “Salvo pelo gongo” foi verdadeiro para mim. Acabou o round e o juiz se meteu na frente, impedindo que o “montanha” acabasse comigo de uma vez.

Arrastei-me até o banco, sacudindo a cabeça, movendo o maxilar

até comprovar que não tinha deslocado, mas já inchava, doendo pra cacete. Soltei meia dúzia de palavrão e joguei água gelada no rosto, sabendo que ainda estava um tanto tonto.

Quando começou o terceiro round eu tinha perdido o que me dava vantagem, que era a agilidade. Aquele soco feroz parecia ter feito meu cérebro chacoalhar e ainda tentei me esquivar, dei uns socos, pulei para trás e para os lados, mas por fim aconteceu. O murro veio e não teve jeito, foi fatal. Acertou meu supercílio direito e o abriu na hora,

espirrando sangue, fazendo tudo girar vertiginosamente. Ainda tentei impedir a queda, me equilibrar de algum jeito, mas o corpo não era mais meu. Ele caía como se deslizesse em um poço profundo. Pisquei e quando abri os olhos, sentia o baque da minha cabeça no chão e apagava em meio à escuridão.

Acordei em uma maca na enfermaria, um curativo sobre a sobrancelha, uma bolsa de gelo sobre o maxilar inchado, tudo latejando e quente como o inferno.

- Porra ... – Tentei levantar, mas

Augustinho, o enfermeiro voluntário que cuidava dos feridos em alguns dias da semana, me empurrou de volta e disse bem humorado:

- Ei, calma aí, campeão! Respira fundo, se não vai ficar tonto!

Caí sobre a maca, piscando, realmente um pouco tonto, mas furioso por ter perdido a consciência e a luta. O rapaz, que já me conhecia há uns dois anos, se recostou ao meu lado e cruzou os braços, sacudindo a cabeça.

- Pedro, estava a fim de se matar? O que te deu para enfrentar o

Ernesto, cara? Ele é o dobro do seu tamanho, todo mundo sabe que adora espancar os outros. Ele é um peso acima do seu.

- Era o único disponível essa noite. – Resmunguei.

- Claro, ninguém quer lutar com ele. É massacre na certa. Sorte sua que desmaiou, ou ia apanhar até a morte! Ele ia moer você naquele ringue.

- Ia nada. – Irritado, comecei a sentar com cuidado, enquanto Augustinho me olhava com atenção. A tontura passou e respirei fundo, por que

continuava ainda mais raivoso agora e para piorar, com dor. Meu olho direito estava quase fechado com o supercílio inchado e tudo ardia e palpitava.

- Não se preocupe, a mulherada ainda vai te achar bonitinho. – Ele riu, sabendo que eu sempre fazia sucesso com as fãs de luta que apareciam por ali e nunca saía desacompanhado. – Vai ver, tem até algumas aí fora querendo cuidar de você.

- Cara, eu nem devia ter vindo aqui hoje. – Reclamei e pus as pernas para fora, saindo da maca ao sentir que

estava firme.

E era verdade. Não entendi aquela irritação toda que me consumia.

Pensei em Heitor naquela noite com Lara, nos beijos dela, naquele corpo perfeito se abrindo para ele, se dando toda, gozando, deixando fazer tudo com ela. Enrijeci, a fúria consumindo-me lenta. Eu podia estar lá, se não tivesse aberto a minha boca. Depois mulher reclamava que homem traía, mas quando algum era sincero, elas vinham cheias de ofensas. E, porra, eu não a havia traído. Em que parte

daquilo ela não entendeu?

- Não to nem aí ... – Resmunguei.

- Com o quê? Com a surra que levou?

Olhei feio para Augustinho e ele riu mais, mas saiu de perto.

- Calma, cara. Quer tomar uma cerveja?

- Quero ir embora. Nem devia ter vindo.

- Da próxima vez, escolha alguém do seu tamanho.

- Já entendi, Augustinho. – Caminhei para a porta.

- Se cuida, cara. Muito gelo, troque o curativo amanhã e uns dois analgésicos para conseguir dormir. Queria dizer que vai ficar melhor, mas amanhã vai doer pra caramba e ficar inchado, roxo e ...

- Já entendi. – Repeti e abri a porta. – Depois a gente se fala.

Saí de lá sem nenhum lucro, sem alívio. Apenas com a cara cheia de porrada e a raiva borbulhando. Peguei minha moto e voltei para casa.

LARA

Cheguei a cogitar a possibilidade de não ir ao casamento de Micah naquele sábado. Mas depois fiquei irritada, pois tinha gostado demais dele e de Valentina, Heitor vinha me buscar, a cidade praticamente toda ia, nem o Falconetes ia funcionar. Não tinha graça eu deixar de fazer algo por que Pedro estaria lá. Como ele mesmo frisou, não tínhamos nada. Não me privaria das coisas por causa dele.

Na noite anterior, trabalhei até tarde no Falconetes e Heitor me esperou. Depois me acompanhou até em casa e passou a noite comigo. Foi extremamente gostoso, prazeroso, eu ainda ficava surpresa por gozar tão fácil com ele. Aliás, com os dois. Pareciam saber o ponto certo a tocar, lambe, chupar, penetrar. E usar as palavras que me deixavam louca. Se antes eu me achava viciada em sexo, agora eu entendia o que era realmente aquilo. Esperava ansiosa para experimentar aqueles prazeres tão completos, numa

necessidade maior do que já senti um dia.

Mas se fosse sincera comigo, teria que admitir que senti falta de Pedro. Da sua arrogância, da sua voz grossa me chamando de “morena”, na maneira bruta e faminta de me pegar. Não que Heitor não tivesse me feito ver estrelas. Ele fez, era um amante extraordinário, quente, me deixava louca. E ainda parecia cuidar de mim, me beijava e acariciava, me fazia sentir feliz e protegida em seus braços. Mas foi como se faltasse uma parte de nós e

não consegui me enganar. Eu queria Pedro ali com a gente. Da mesma forma que eu sabia que sentiria falta de Heitor se fosse ele a ficar longe.

Enquanto colocava o vestido cor de uva de uma alça só, que era simples, mas modelava meu corpo até um pouco acima dos joelhos, um dos dois que levava em minha bolsa para ocasiões especiais, eu pensava em tudo aquilo. E me dava conta que, naqueles dias, vivi tão intensamente minhas emoções novas, descobertas com aqueles dois irmãos, que quase não tinha me entregado àquela

depressão que estava à beira de se tornar insuportável.

Desde a noite em que me diverti muito na despedida de solteiro de Micah e Valentina, até aquele dia, passando pelos momentos de paixão com Heitor e Pedro, da sedução carinhosa de Heitor e da briga com Pedro, senti tantas coisas inéditas que minha dor ficou em segundo plano e aquilo era surpreendente. Era como um bálsamo e eu só podia agradecer intimamente a eles por isso, por aliviarem, mesmo sem saber, aquele fardo que se tornava cada vez mais

pesado para carregar.

Empurrei as lembranças que queriam voltar a me importunar para longe, pegando a maquiagem, pensando apenas no presente. Estava ansiosa e agitada, queria ver novamente Heitor, ir para os braços dele, sentir-me segura e excitada, feliz como sabia me deixar. Queria ver Pedro, ficar bem bonita, mostrar a ele o que estava perdendo, deixar bem claro que não precisava dele. Mesmo sabendo que era mentira. Ele não precisava saber daquilo, o arrogante presunçoso.

Como a festa era na fazenda, não coloquei uma sandália com salto alto demais, só o suficiente para tornear mais minhas pernas e me deixar mais alta e elegante. Os cabelos estavam soltos, os cachos modelados, a maquiagem valorizando meus olhos castanhos claros e minha boca com um brilho que a deixava mais carnuda. Fiquei satisfeita com minha aparência, peguei uma bolsinha e a apoiei no ombro sem alça, nu, sentando no sofá para esperar Heitor.

Por um momento, algumas lembranças vieram sem querer, enquanto

pensava em minha aparência e vaidade. Lembrei que, no início da adolescência, eu odiava chamar atenção. Usava roupas fechadas, não me arrumava, queria passar sem que ninguém me notasse. Mas mesmo assim, lá estava minha boca chamativa, meu corpo que ganhava formas cada vez mais femininas, meu olhar que, mesmo não querendo, parecia dizer aos homens tudo que eu sabia, as malícias que conheci cedo demais e que, por mais que eu lutasse, já haviam me corrompido.

Foi uma época em que lutei

comigo mesma, em que tentei usar a negação, acreditar em quem eu nunca seria. Tentei abafar minha alegria, que sempre tive, que era tão minha, tão característica, mesmo em meio à dor. Sempre gostei tanto de sorrir, de estar entre as pessoas amadas, carente de afeto, precisando mais do que tudo que me olhassem, que vissem minha alma e minhas necessidades.

Então, veio a revolta. Nada explícito, tudo só eu mesma sabia e sentia. Por volta dos 14 anos, eu não vivia isolada, não conseguia mais

suportar o que me angustiava, o que me dilacerava. Tinha muitos amigos, usava roupas mais soltas, assumia meu lado feminino e livre, pelo menos aparentemente. Era extrovertida, alegre, comunicativa. Minha vida parecia se construir em cima de personagens a cada fase vivida. Nunca fui um todo. Nunca fui uma única Lara, até por que não tive chance disso. Uma coisa que já havia aceitado é que eu jamais saberia quem eu era de verdade, quem eu poderia ter sido.

E foi ali que comecei as

sabotagens inconscientes, que somente hoje eu reconhecia. Nunca namorei ou me apaixonei como minhas amigas. Não tive a chance de sonhar como uma adolescente comum. Eu buscava agressões, como se fossem merecidas. A culpa e a dor tinham um poder excepcional. E a cada erro que cometi, cada rapaz que me envolvi, foi só para me machucar em troca. E para causar dor. Os melhores não eram para mim. Nunca foram.

Vivi muito tempo com raiva, até da minha aparência. Mas eu ria, me

jogava de cabeça, seduzia, me dava. E depois seguia para mais aventuras, uma pior do que a outra, mais dura, com mais taras, como uma doente, dependente, precisando cada vez de mais. Para meus amigos, eu era sempre a bem humorada, a louca corajosa que alegrava todo mundo. Só eu sabia o que sentia, o quanto me escondia. E mesmo sabendo, não conseguia parar. Era minha carapaça, minha forma de sobreviver.

E agora ali, sentada, arrumada, sabendo que era bonita, atraente, ao ponto de ter chamado a atenção de dois

homens espetaculares com Heitor e Pedro, eu ainda me surpreendia por ter descoberto com eles o que era prazer de verdade, por ter suplantado o nojo que sempre me acompanhou com o gozo que me deram. Eu não era mais aquela máquina que dava prazer, que queria sexo e ao mesmo tempo o repudiava. Eu pensava neles e estremecia com vontade de ter um e outro em cima de mim, de provar seus beijos, de ser fodida com tudo, fosse brutalidade carnal ou carícias ternas e beijos cúmplices. E ainda assim eu continuava achando que

não merecia nada daquilo. Era uma sensação estranha de júbilo e felicidade, guerreando com uma vergonha e uma dor antiga, que germinei por tanto tempo.

Minha sexualidade sempre foi anormal. Eu passei a vida desvalorizando minhas necessidades e meus sentimentos. Tinha incapacidade de confiar nas pessoas, pois me senti isolada em meu silêncio e ninguém nunca me ajudou. E pensando naquilo, me dava conta que, para as outras pessoas, eu continuava anormal. A prova disso era me envolver com dois homens

ao mesmo tempo, dois irmãos. No entanto, por que, pela primeira vez na vida, não era assim que eu me sentia? Seria aquela felicidade, aquela capacidade de me dar mais do que já fiz, que me dava a sensação de que o que eu tinha com Pedro e com Heitor era sim certo e normal?

Confusa, mordi o lábio inferior, lembrei que Pedro tinha saído da minha vida. Talvez, se eu ficasse só com Heitor, tudo se acertasse. Eu sentia no mais fundo dentro de mim que ele era especial, que se havia alguém mais

perfeito para me curar ou ao menos chegar perto disso, era Heitor. Ele me via, me enxergava, era um homem puro de sentimentos, era uma alma livre de preconceitos e hipocrisias. Pedro não, era mais carnal e bruto como eu. Só que eu queria os dois. Eu parecia precisar deles, de ambos, cada um à sua maneira. Eles me equilibravam.

- Não quero saber desse safado ... – Disse a mim mesma, decidida.

Ergui-me e resolvi sair de casa e esperar Heitor na varanda, respirar ar puro, parar de pensar. Eu nunca chegava

a lugar nenhum com aquilo. E, naquela noite, queria alívio e diversão. Queria ser mais um pouco dessa nova Lara que eu descobria.

Chegamos à fazenda e fiquei impressionada com a grandiosidade de tudo. Eu sabia que eram ricos e poderosos, mas não imaginava o quanto. Ainda era fim de tarde, o sol se punha no horizonte e banhava de laranja e dourado aquele mar de terra verde, em terrenos planos e suaves morros mais ao

longe. Tudo era cercado por cercas brancas, árvores, construções bem dispostas, pastos imensos. E coroando tudo, o casarão imponente, antigo e clássico, ao mesmo tempo que a pintura impecável e os jardins em volta faziam com que parecesse novo em folha.

Na lateral da casa havia um corredor que dava para os fundos e tinha sido enfeitado com muitas flores e plantas formando um caminho. Carros se espalhavam por todo pátio, assim como pessoas, que se encaminhavam para a área onde ocorreria o casamento. Virei-

me encantada para Heitor.

- Mas é tudo lindo demais!

- Para mim, Lara Maria, não há lugar mais perfeito no mundo. Mas sou suspeito para falar. Nasci aqui e amo a fazenda, é parte de mim.

Eu entendia aquilo. Olhando para Heitor, eu o sentia como parte de tudo mesmo, da amplidão, da natureza, da beleza. Usando um terno cinzento com camisa branquíssima, contrastando com sua pele morena e os cabelos e olhos escuros, a roupa elegante não disfarçava sua beleza rústica, seu ar de

home da terra, satisfeito e à vontade em seu lugar no mundo.

Estava mais lindo do que nunca e, mesmo assim, eu o preferia em seus jeans justos e suas camisas de botões, com seu cabelo desgovernado, na liberdade e na calma do seu jeito tão único, que se espelhava sem seus gestos e em seu olhar. Eu o preferia exatamente como era, sem tirar nem pôr nada. E ali, olhando-o enquanto estacionava o carro, comecei a nomear aquelas sensações tão profundas que despertava em mim. Carinho, admiração, paixão. E mais.

Coisas que nunca senti na minha vida.

- Vamos? – Sorriu e saiu do carro, contornando-o para me ajudar a descer, sussurrando ao meu ouvido quando estávamos do lado de fora, muito próximos: - Você está tão linda que tenho vontade de lamber e morder, de saborear a noite toda.

- Estava pensando isso agora sobre você.

Sentimos o desejo nos percorrer, o carinho presente, a admiração mútua. Gostei demais de saber-me admirada por ele e sorri abertamente, cheia de

promessas no olhar.

Pessoas passaram perto e nos cumprimentaram, interrompendo o momento idílico. Heitor segurou-me pelo cotovelo, bem próximo, levando-me com ele pelo caminho com cheiro de mato e planta, com perfume de flores que eu nunca havia sentido. Respirei fundo, serena, feliz.

Havia um jardim imenso e lindo nos fundos da casa e depois dele um amplo terreno gramado com árvores centenárias, onde mesas haviam sido espalhadas. Uma bela iluminação por

baixo fazia tudo parecer algum lugar de sonhos, de fadas, branco e esvoaçante em meio à natureza rica, exuberante. Era enorme, um espaço separado para receber muita gente, confortável, arrumado com esmero. A um dos lados havia um pequeno palco com banda ao vivo, onde um senhor sentado com seu violão tocava e cantava uma música de *Almir Sater*, *Tocando em frente*, acompanhado por mais dois violeiros. Uma brisa suave balançava as folhas das árvores e plantas. E a música linda parecia perfeita para o cenário, como

uma extensão dele e uma extensão de mim.

*“Ando devagar
Porque já tive pressa
E levo esse sorriso
Porque já chorei demais(...)”*

Na frente do palco, havia um local para quem quisesse dançar. Os convidados escolhiam lugares para sentar, cumprimentavam conhecidos, serviam-se de bebidas e petiscos oferecidos pelos garçons que

circulavam, sorriam e se moviam de um lado para outro, à vontade, como que compartilhando o clima agradável e a beleza tão pungente. E, nos belos jardins, tinha sido montado um pequeno altar para a cerimônia religiosa, um caminho natural entre as flores, perfeito, maravilhoso.

Suspirei, sem poder me conter, tocada por tudo que meus olhos viam, meus ouvidos ouviam, minhas narinas aspiravam, mas também por algo sutil, que parecia ser sentido no ar. Não soube explicar o que era, apenas que enchia

meu peito de esperanças, de fé, de sentimentos que pareciam brotar sem que eu entendesse. E ao mesmo tempo, de certa nostalgia, como se nada realmente importasse mais do que aquilo, aquela imensidão, aquele momento tão simples que mesmo assim soube que nunca esqueceria.

A música fluía, parecia ondear dentro de mim, me dava uma aceitação e uma paz que apenas aceitei, sem tentar entender. Os violeiros tocavam a melodia suave e a letra vinha até mim, tão verdadeira:

*“(...)Penso que cumprir a vida
Seja simplesmente
Compreender a marcha
E ir tocando em frente
Como um velho boiadeiro
Levando a boiada
Eu vou tocando os dias
Pela longa estrada, eu vou
Estrada eu sou(...)”*

Heitor parou perto do altar e sua
mão escorregou por meu braço, tocou a
minha, entrelaçou seus dedos nos meus.

Parecíamos unidos além do contato da pele e olhei detalhadamente tudo, estranhamente emocionada. Então, o que ele falou, mexeu ainda mais comigo:

- Cada pedaço desse jardim foi criado por minha mãe, plantado por ela. Meu pai nunca permitiu que nada dele fosse tirado, só o suficiente para manter sempre o mesmo, cuidado, aparado.

Virei devagar para ele. Em poucas palavras, eu senti amor, devoção, saudade. Dele, em sua voz e nos sentimentos que mostrava, e do pai, que com aquele gesto parecia deixar a

esposa viva de alguma maneira naquele lugar. Fiquei com medo de que lágrimas viessem aos meus olhos. Não quis me envolver tanto, mas já era impossível evitar.

Fitei os olhos de Heitor e quis dizer algo importante a ele, dizer como eu me sentia, como me tocava e levava com ele, como a cada pequena coisa ganhava mais um pedaço de mim. Mas não consegui. Minha garganta estava travada, meu peito expandido pelo coração que parecia maior, meu ser tão além de mim mesma que eu não o

controlava mais.

“(...)Todo mundo ama um dia

Todo mundo chora

Um dia a gente chega

E no outro vai embora(...)”

E ali eu me senti capaz de tudo, inclusive de amar. Era isso que acontecia, que Heitor fazia comigo? Ele me fazia amá-lo, mesmo quando julguei que seria impossível para mim? Era amor aquela vontade de ficar perto dele, de nunca mais soltar sua mão, de nunca

mais sair dos seus braços e dormir com a cabeça em seus ombros?

Mordi os lábios, com medo de algo tão grandioso e poderoso, ao mesmo tempo que ansiava por ele como uma espécie de salvação. E então me dei conta que, o que quer que fosse aquilo, eu não podia controlar. Minava minhas forças, me ganhava lento e fundo, irrevogavelmente. Totalmente.

Heitor ergueu nossas mãos entrelaçadas e beijou meus dedos, sem tirar os olhos dos meus. E disse baixinho:

- Sabe o que eu sinto, Lara Maria?

Eu esperei, sem condições de fazer a voz passar por minha garganta embargada. E ele murmurou:

- Que você pertence a esse lugar. E que é aqui que vai ficar. Que sua vida se misturou com a minha e a de Pedro e agora não tem mais volta.

Continuei muda, abalada, atingida sem ao menos esperar. Só olhando para ele, a música terminando, dizendo mais do que eu podia:

*“(...)Cada um de nós compõe a sua
história*

Cada ser em si

Carrega o dom de ser capaz

E ser feliz.”

Quis me jogar nos braços dele.
Pensei em fugir e me esconder. Eu me
perdi entre aquele sentimento que me
amedrontava com sua força e a velha
crença de que alguém como eu não
merecia nada daquilo. E naquele
momento, não pensei tanto em mim, mas
nele. Eu faria qualquer coisa, mas nunca

poderia magoar Heitor. Nunca.

Respirei fundo. Dei graças a Deus quando a música acabou e foi substituída por uma antiga moda agitada. Ela pareceu me despertar, me fazer ter coragem de sorrir, de burlar meus sentimentos antes que fizesse alguma besteira. E foi o medo, com a companheira vergonha que sempre me acompanhava, que por fim me fez falar:

- Esqueceu que minha vida e a de Pedro seguem caminhos bem diferentes?

- Será, Lara Maria? – Olhava-

me, atento. – Você já o viu hoje?

- Não.

Heitor acenou com a cabeça, como se soubesse de algo além de mim.

Franzi o cenho, indagando:

- Por que?

- Nada. Venha, vou levar você para rever meus irmãos e conhecer meus sobrinhos e meu pai. Eva, Gabi e Tia estão ajudando Valentina. Logo a cerimônia vai começar. Micah está por aí, todo nervoso. – Sorriu e caminhamos lado a lado, de mãos dadas.

Passamos por várias pessoas,

que cumprimentaram Heitor e a mim, olhando-nos curiosos, sorrindo. Eu senti-me com a namorada dele, algo tão pueril e sereno, tão gostoso, que apenas sorria de volta.

Mas passei meus olhos em cada canto, uma parte minha ansiosa, se agitando, buscando Pedro. Não o vi em lugar algum e engoli minha decepção, minha saudade mesmo sem ele merecer.

- Lara! Que bom que veio! – Micah ficou feliz ao nos ver e me abraçou, sorridente. Usava um terno preto elegante e camisa prata,

combinando com a gravata. Seus cabelos continuavam rebeldes, apontando para todos os lados, assim como o jeito levado e simpático demais.

- Oi, Micah. – Gostava realmente dele e retribuí o abraço.

- Vai ter cantoria hoje? – Ele ergueu uma sobrancelha, bem humorado.

- Desconfio que mais tarde vai querer cantar para Valentina de novo. – Comentei.

- Bem provável. - Riu e informou: - Teremos duas bandas, a sertaneja agora e uma de rock mais

tarde, para satisfazer os mais diversos gostos. Hoje não quero ninguém parado aqui.

- Tenho certeza que ninguém vai ficar. – Emendei, sorrindo e olhando para o rapaz ao lado dele, alto e esguio, que eu tinha visto na cidade e sabia que era filho dele.

- Esse é Lara, a namorada do tio Heitor. – Micah apresentou, sem vacilar. – E esse garoto bonitão aqui só pode ser meu filho, Cacá.

- Oi, Cacá. – Beijei-o no rosto e o garoto ficou vermelho, gaguejando:

- Eu lembro de você, daquele dia ... perto do portão. Você e o tio Heitor ...
– Calou-se abruptamente e corou ainda mais. Sorri ao lembrar dele nos interrompendo enquanto eu e Heitor nos beijávamos.

- Nós lembramos também, Cacá.
– Heitor disse em tom de brincadeira.

Naquele momento, vi a senhora de cabelos grisalhos se aproximar empurrando a cadeira de rodas do pai deles, ambos eu tinha visto de longe na Igreja. Ela tinha um ar de mãe, bondosa, daquelas que cuidam de tudo e sabem

cada pequeno detalhe do filho. Fitou-me interessada, curiosa, seus olhos castanhos indo direto na minha mão entrelaçada na de Heitor, na mesma hora sua expressão se iluminando.

O homem tinha uma postura ereta, apesar de estar na cadeira de rodas e, obviamente, debilitado pela idade e talvez por alguma doença. Mas dava para ver parte dos traços dos filhos nele, o olhar intenso de Theo, o tom cinza azulado de Pedro em seus olhos, a serenidade de Heitor na expressão, algo ainda jovem de Joaquim, apesar dos

anos que marcavam seu rosto. De Micah ele parecia ter a vivacidade, aquela coisa que amenizava seu olhar profundo. Era ainda bonito e imaginei que no passado tivesse sido espetacular. Estava claro de quem os filhos herdaram a beleza e a masculinidade tão aparente.

- Oi. — A senhora sorria abertamente para mim e parava ali, vindo me abraçar forte. Gostei dela de imediato, seu calor, sua bondade tão explícita, beijando-a de volta e sorrindo quando indagou: - Quem é essa moça tão bonita?

- Lara Maria. – Foi Heitor quem nos apresentou, cheio de carinho. – E essa é Tia, a mulher que nos criou, que aturou cada um de nós desde que éramos pequenos.

- A “tiazona” deles ... – Segurou meus ombros, admirando-me, toda satisfeita. Só então recuou e ficou ao lado do pai deles. – É um prazer, Lara Maria. Seja bem vinda.

- Obrigada. O prazer é todo meu.

- Esse é meu pai, Mario Falcão.

- Senhor Falcão. – Falei respeitosamente e fiquei surpresa

quando, num esforço evidente, ele conseguiu estender o braço direito para me cumprimentar. Segurei sua mão e a apertei. Ele foi mais firme do que eu esperava e acenou, murmurando com a boca levemente torta para a direita:

- La .. ra ...

Sorri, quando soltamos nossas mãos. Era um homem decidido, apesar de suas limitações. E um cavalheiro.

- Vo ... vo ... cê ... ham ... Namo ... rada ... ham ... Hei ... tor ...?

Meu sorriso se ampliou com a pergunta dele. Tia sorriu também, toda

feliz. Olhei de esguelha para Heitor, querendo ver como ele sairia daquela, mas foi Micah quem se inclinou para o pai e explicou:

- Pai, Lara é namorada de Heitor. – E enquanto ele acenava com a cabeça, emendou: - E de Pedro também.

Tia arregalou os olhos. Mario me encarou de imediato, como se esperasse uma confirmação. Fiquei meio sem graça, enquanto Micah sorria largo e Heitor dizia bem humorado:

- Você e essa sua boca grande.

Cacá nos fitava curioso, corando

de novo. Tive vontade de xingar Micah e ao mesmo tempo de rir. Mas por fim, ou Tia e Mario acharam que era brincadeira dele e não levaram a sério, ou resolveram deixar passar para saber depois, pois não insistiram no assunto e logo Tia me perguntava o que achei da decoração para o casamento.

Depois, eu e Heitor fomos dar uma volta, paramos para cumprimentar Joaquim e Theo, trocar algumas palavras. Estavam todos elegantes, de terno, comprovando que era a família mais bonita e máscula que eu já tinha

visto.

Theo se afastou para falar com o prefeito e primeira dama que tinham acabado de chegar e Heitor conversava algo com Joaquim. Mais uma vez olhei em volta, buscando Pedro com o olhar. E tomei um susto quando o vi. Fiquei imobilizada, horrorizada, notando seu rosto inchado e machucado, o olho direito quase fechado, um curativo perto da sobrancelha.

Ele não tinha me visto e se aproximava, parando perto de umas mesas quando foi chamado por um grupo

de peões, dizendo algo a eles com aquele seu jeito empertigado, os machucados em nada diminuindo sua virilidade. Riu de algo e fez uma careta, como se sentisse dor, levando a mão ao maxilar vermelho e inchado, parecendo soltar baixo um palavrão.

Meu coração batia descompassado, a preocupação me engolfou poderosa e quase andei até ele para saber o que tinha acontecido. Quase. Contive-me por pouco, embora minha mão coçasse para tocar nele, aliviar a sua dor, confortá-lo de alguma

maneira. Não consegui parar de olhá-lo, angustiada, enquanto deixava os peões e seguia em frente, elegante e à vontade em um terno cinza escuro bem cortado, que caía como uma luva nele.

Foi então que me viu e, por um breve segundo, seu andar vacilou. Parou e me olhou sério, seu rosto ferido me deixando mais nervosa ainda, a ponto de me fazer parar de respirar, de morder o lábio, sem conseguir deixar de fitá-lo. Ao mesmo tempo, senti saudade, tive que admitir que ele tinha feito falta. Muita falta.

Olhou-me de um jeito tão penetrante que pensei que viria até mim, que admitiria sua burrada e tentaria me reconquistar. Quis demais aquilo e esperei, mas sua expressão tornou-se mais dura e acenou de leve a cabeça, num cumprimento seco e frio. Então, seguiu em frente, ignorando-me.

“Presunçoso, metido, arrogante!”, xinguei-o em pensamento, dando-lhe as costas, só então notando que Joaquim havia se afastado e Heitor nos observava. Quis dizer a Heitor que Pedro era um babaca, mas acabei

indagando baixo:

- O que aconteceu com ele?

- Pedro luta boxe em um ginásio em Pedrosa. Em geral, é só esporte. Mas ontem foi lá e se meteu com um cara que é quase o dobro dele e o nocauteou. Voltou para casa quase desmaiando em cima da moto, enxergando só com um olho, cheio de dor. — Heitor disse irritado. — Maluco. Quase matou todo mundo de preocupação. Tia me contou hoje e falei um monte pra ele, reclamei de sua irresponsabilidade. Primeiro de se arrebentar desse jeito. Depois por

voltar para casa assim. Se tivesse ligado para mim ou para um de nossos irmãos, íamos na hora buscá-lo. Mas é teimoso como uma mula.

Tudo o que falou só aumentou minha agonia e preocupação. Respirei fundo.

- Mas por que fez isso?

- Ele anda nervoso, Lara. Você sabe por que. – Olhou-me nos olhos.

- Eu não.

- Sabe. Meu irmão não quer dar o braço a torcer, mas sente sua falta. E como não quer admitir, acaba fazendo

merda.

- Não é nada disso. – Sacudi a cabeça.

- Pode acreditar em mim, é isso. Conheço Pedro melhor do que ninguém. Infelizmente, além de tudo é orgulhoso.

- Então, ele que fique com o orgulho dele. – Não quis admitir como tudo aquilo mexia comigo, como eu estava perturbada. – Podemos beber alguma coisa?

Ele suspirou, como se estivesse cansado da nossa birra. Mas acenou com a cabeça.

- Claro. Vem aqui. – E fomos até um dos garçons ali perto.

Eu não consegui mais me concentrar em nada, sem querer meu olhar sondando em volta quando achava que Heitor não perceberia. Não queria que ele tentasse me convencer que Pedro gostava mais de mim do que admitia. Para mim, era apenas um safado orgulhoso, mulherengo, que já tinha até esquecido de que um dia esteve comigo.

E a cada vez que o via, perto do pai e de Tia, com os irmãos, conversando com os convidados, eu

sentia meu peito apertar, uma raiva misturada com uma grande preocupação. Imaginei se teria outros machucados sob a roupa, se estaria com muita dor. Irritei-me pelo risco que correu vindo de moto para casa sozinho, podendo sofrer um acidente. Como um homem era tão teimoso assim? Tão metido? Vontade de terminar o trabalho do lutador e dar uma surra nele!

Também minha raiva aumentou porque, em nenhum momento em que o fitei, Pedro me olhou de volta. Parecia ignorar-me por completo. E resolvi

fazer o mesmo, me policiando o tempo todo para esquecer que ele existia.

Quando chegou a hora da cerimônia começar, Heitor me levou até perto do altar e fiquei entre Dalila e Abigail, cumprimentando-as. As pessoas se acomodariam de pé em ambos os lados, formando um corredor humano para Valentina passar. O padre idoso da cidade já estava em seu lugar, preparado.

- Vou entrar com meus irmãos. — Avisou Heitor e beijou minha face, antes de se afastar.

Olhei em volta. Estava lotado, todos com aqueles sorrisos estampados quando presenciavam um casamento, como se esperanças se refizessem e novos sonhos fossem formados. Aquele clima que senti ao chegar ali continuava, suave e sereno, como se houvesse uma paz pairando sobre a fazenda, tornando tudo mais bonito e especial. Suspirei, quieta, apenas sentindo e observando.

A banda começou a tocar um fundo musical suave composto de violino, viola e teclado, um som cristalino e lindo, que combinou

perfeitamente com a ocasião. E então Micah entrou, passando todo sorridente no corredor, empurrando feliz a cadeira de rodas do pai. Mario Falcão estava todo orgulhoso, elegante em seu terno, um olhar tão profundo e vivo em seu rosto, tão brilhante, que parecia ter lágrimas ali. Mas não deu para confirmar e achei que fosse impressão minha, pois não via um homem como ele chorando. Mas nem precisava. Sua expressão era da mesma felicidade de Micah e, ali, eles se pareciam demais.

Seguiram até o altar, Micah

posicionou a cadeira do pai ao seu lado e, num gesto lindo, abaixou-se e beijou-o no rosto com carinho. Mario o olhou com admiração e acariciou o cabelo dele com dificuldade, mas com amor.

- Que bonitinhos ... – Murmurou Abigail, emocionada. E vi que eu estava da mesma maneira, tocada, encantada com uma demonstração tão evidente de afeto.

Pensei em meu próprio pai, que morreu antes dos meus seis anos. Lembrava pouco dele, mas sempre tinha sido carinhoso comigo. Minha mãe era

mais seca, mais eficiente. Mas mesmo assim senti muita saudade dela, uma vontade de vê-la, de abraçá-la, de ter um pouco daquilo que eu presenciava ali. Tantas coisas perdidas, longe de mim!

Estava sensível demais e procurei me conter, ou então ao final da cerimônia estaria chorando de soluçar. Fitei um pouco o céu que escurecia quase totalmente, a iluminação sobre as folhas das árvores que balançavam, até que me sentia mais equilibrada. Quando olhei de novo para o corredor, Theo se

aproximava de braço dado com Eva. Logo seguido por Joaquim e Gabi. Heitor vinha atrás, com Tia, que sorria de pura e explícita felicidade, os olhos cheios de lágrimas, um lençinho em sua mão já preparado para enxugá-las.

Sorri para eles, cheia de carinho. Heitor deu-me um olhar daquele jeito sereno e quente, um meio sorriso nos lábios, as covinhas querendo aparecer. Meu peito se encheu daquele tumulto gostoso que eu já sabia reconhecer e que era especialista em provocar. Admirei-o calada, meio embargada, começando a

me acostumar e a admitir que eu estava completamente apaixonada por ele. Embora ainda o medo me espezinhasse sem parar, sem saber aonde aquilo nos levaria.

E então Pedro veio atrás, de braços dados com uma senhora que mais cedo Heitor tinha me apresentado como a enfermeira mais antiga do seu pai, Margarida. Meu coração bateu violento e me mantive imóvel, mas não desviei o olhar de cima dele. De perto, os machucados eram mais evidentes e percebi certa palidez em sua pele. Meu

estômago se contraiu, tentei não me preocupar demais, não me importar. Mas foi em vão.

Ele virou a cabeça e olhou diretamente para mim, seus olhos prateados como estrelas na noite que nascia, sua força e virilidade sobrepujando o aspecto frágil do seu rosto espancado. Não passou os olhos por outras pessoas, só fixou-os em mim, diretos, penetrantes, como se me desafiasse a algo. A que? O que aquele homem queria de mim?

Só percebi que eu prendia a

respiração quando ele passou adiante e soltei o ar. Ainda o acompanhei, fitando seus cabelos claros curtos na nuca, seus ombros largos, seu porte ereto. E senti de novo aquele comichão nos olhos, aquela vontade boba de chorar que já estava me irritando.

Voltei-me para o início do corredor quando a Marcha Nupcial começou. Então Valentina surgiu de braços dados com Cacá, que já era mais alto do que ela e sorria todo orgulhoso em levar a mãe para os braços do pai. Valentina estava lindíssima,

esplendorosa, maravilhosa em um longo vestido num suave tom chá, bordado, tomara-que-caia e justo até os quadris, quando se abria em uma saia mais ampla, como um rabo de sereia. Havia minúsculas pedrarias espalhadas, dando apenas um brilho ao refletir a luz. Uma pequena coroa com as mesmas pedras ornava seus cabelos escuros, ondulados, bem ajeitados. A maquiagem era perfeita. Estava realmente um sonho, uma noiva que além de linda era radiantemente feliz.

As pessoas suspiraram,

sorriram, comentaram sua beleza em sussurros. Eu a olhei, emocionada, admirada, tocada por tudo que deixava transparecer, pelo romance tão lindo entra ela e Micah, pelo sonho deles que se realizava. Não tive um pinga de cinismo ou da minha velha desesperança. Como todos os outros, eu suspirava e a fitava comovida.

Nem consegui prestar atenção direito nas palavras bonitas do padre. Era como assistir a um filme de cinema mudo, as imagens tão reais e explícitas que não precisavam de mais nada. E eu

apenas assisti, enternecida e impressionada.

Vi como Micah olhava para ela, tão feliz, tão radiante que parecia um menino. Vi como ele e o filho adolescente se abraçaram e beijaram no rosto. E como depois ele segurou as mãos dela e disse baixinho, mas ainda assim sem precisar de som. Todo mundo que os olhava viu seus lábios formarem “eu te amo”, assim como viram o suave beijo em seus lábios e o modo como Valentina acariciou o rosto dele, apaixonada.

Vi como foram juntos até o altar pra receber as bênçãos do padre. Então, meus olhos vaguearam pela família ali, o filho sorridente, o pai de Micah orgulhoso como se fizesse uma prece silenciosa, o olhar de Theo que parecia contar toda a felicidade da família, o ar sonhador de Eva e de Gabi, as lágrimas de Tia, o engolir nervoso de Joaquim para conter as emoções, a expressão intensa e concentrada de Pedro, pela primeira vez tendo algo de frágil em seu olhar, o rosto explicitamente radiante de Heitor, que parecia agradecer

silenciosamente e se rejubilar com o casamento do irmão.

E eu ... Eu ali, mera expectadora, mas ainda assim me sentindo parte da cena, almejando fazer de alguma maneira parte de toda aquela emoção, sentindo-me tão ligada a cada um deles como se os conhecesse há muitos anos. Fiquei quietinha, acho que mal respirei, mas não pude impedir que sonhos tolos me envolvessem, que esperanças que eu sabia serem vãs me dominassem.

Meus olhos foram de Pedro para Heitor e, por um momento, imaginei

como seria estar no lugar de Valentina e um deles no lugar de Micah. Pela primeira vez na vida imaginei a possibilidade de me casar, contra tudo que eu sabia e sentia, tudo que eu era. Sufoquei a risada de escárnio que parecia debochar de mim. Apenas me deixei imaginar, sonhar, desejar. Fitei Heitor e depois Pedro. Tentei escolher. Tentei dizer a mim mesma que, se era sonho, eu poderia fazê-lo à minha maneira. Com qual deles eu casaria, se tivesse a oportunidade?

Meu peito se apertou, o ar saiu

pesado dos meus pulmões, eu soube ali, mais certo do que sabia que ia morrer um dia, que não poderia escolher. Até naquilo eu não podia ser normal e coerente. Escolher um seria perder uma parte essencial do outro, seria ficar incompleta. Eu queria os dois. Pelo menos na minha imaginação, eu fui sincera comigo mesma. Estava completamente dominada, abalada por eles. Não sei em que momento sexo virou tudo aquilo. Era loucura! Como se não bastasse quem eu era, o fardo que carregava, eu ainda quebrava todas as

convenções me apaixonando por dois homens ao mesmo tempo.

A velha culpa voltou. Sempre a culpa era minha.

“Você é muito saliente, Lara Maria!”, a voz da minha mãe invadiu minha mente, em uma lembrança antiga. O olhar “dele” veio vívido em minha mente, cheio de cumplicidade e segredo, enquanto sussurrava para mim: “É você que gosta disso, menina. Você provoca. Você não sossega até me fazer realizar as suas vontades”.

As lágrimas desceram por meu

rosto e não pude mais segurá-las. Não
solucei, não me desesperei. Só aceitei.
A felicidade nunca seria para mim.

CAPÍTULO 20

PEDRO

O casamento e a festa que se

seguiu depois foram exatamente como Valentina e Micah tinham desejado. Dava para ver a felicidade deles no modo como não se desgrudaram de um lado para outro, sorrindo sem parar, dançando juntos, parecendo duas crianças no auge da diversão. E aquilo parecia contagiar todo mundo. As pessoas aproveitavam, dançavam também, riam, conversavam com conhecidos, além de se fartarem com tudo que era servido.

Eu talvez fosse a pessoa mais séria na festa. É claro que estava feliz.

Muito. Eu sabia que meu irmão merecia tudo que a vida pudesse lhe dar de melhor, como se estivesse em dívida com ele. E era tão bom de coração, que depois de tudo que passou não tinha mágoas, não se lamentava. Ele tinha seguido em frente, se libertado do passado, se perdoado e ainda perdoado nosso pai. Micah estava inteiro, entregue à sua nova vida, tão decidido a tirar o melhor dela que tinha até parado de fumar. Estava mais radiante por ser pai de novo, acompanhar essa nova gravidez desde o início e ainda de gêmeos.

Olhando-o, percebendo também o brilho e o orgulho nos olhos do meu pai, a alegria dos meus irmãos, o júbilo de Tia, eu só podia ficar feliz. No entanto, algo parecia faltar e me perturbar. Não era o latejar no meu rosto machucado ou a irritação de ter sido nocauteado. Não havia motivo aparente para a fera que parecia enjaulada dentro de mim, querendo sair, rugir sem que eu pudesse impedir.

Eu andava, falava com as pessoas, mas o tempo todo estava alerta, inquieto, sentindo falta de algo. Tentava

não dar atenção àquilo, mas a cada segundo me incomodava mais. E, no fundo, eu sabia o que era. Por que meu corpo me avisava, meus instintos me alertavam, meus sentidos respondiam a quem provocava aquele vendaval. E minha raiva só aumentava, mas de mim mesmo por não ter controle, por meus olhos buscarem por ela a cada instante.

Nunca a tinha visto tão linda. Ou melhor, tinha sim. Nua, Lara era incomparável, um espetáculo da natureza, mais linda do que devia ser permitido. Mas vestida, era a primeira

vez que a via realmente arrumada, maquiada, produzida. Aquele justo vestido cor de uva marcava cada curva do seu corpo, a boca parecia um pecado pintada daquele jeito e não pude parar de imaginá-la em mim, na minha boca, no meu pau. Estava difícil resistir, fingir que ela não estava ali. Eu a buscava incessantemente, sem poder evitar, a ponto de não saber mais o que fazer para conter a irritação por causa disso.

Mas não era o único. Mesmo parecendo sorridente, conversando com todos a quem era apresentada, dançando

com Heitor, Lara também me buscou em vários momentos daquela festa. Eu senti seu olhar e o vi de rabo de olho. Estávamos longe um do outro, nos rondando, mantendo uma distância segura, mas sem perder um segundo sequer nosso ponto de observação. Chegava a ser ridículo. E frustrante. Ainda mais por que, enquanto seguíamos naquele joguinho infantil, fui pego várias vezes por Heitor em flagrante e, antes de desviar o olhar, via sua expressão de quem achava graça de tudo aquilo. Isso me fazia parecer mais estúpido.

Topamo-nos em alguns momentos. Passamos a poucos passos um do outro, cada um olhando para um lado diferente, mas eu bem consciente dela e sabendo que também estava atenta em mim. Na hora de cortar o bolo, apenas Heitor, Joaquim e Gabi me separava dela. E quando virei a cabeça, como quem não quer nada, nossos olhares colidiram. Não desviei o meu. Nem ela. Foi como uma disputa silenciosa, um medir de forças. Até que alguém se meteu na frente e eu jurei a mim mesmo que era a primeira e última

vez que ficaria daquele jeito por uma mulher.

Mas foi só Valentina chamar a todas para pegar o buquê que jogaria, que não pude tirar meus olhos de cima de Lara, sorridente e animada no meio das outras. Eu andava devagar entre as mesas, observando-a, principalmente por que estava distraída, dizendo algo para Abigail perto dela. Até a cantora, Brunela Lia estava ali. Apesar do seu olhar altivo e sua pose soberba, era claro que queria pegar o buquê, fulminando as mulheres que estavam a

sua volta. Era, de fato, antipática por natureza.

E quando Valentina jogou, Lara pulou alto, rindo, se esforçando no que parecia uma brincadeira. Ao agarrar o buquê, ficou imobilizada, de repente séria, olhando para as outras com olhos arregalado, como se nem tivesse imaginado que seria a sortuda. Foi parabenizada, Brunela fez cara de nojo para ela, Valentina a abraçou, feliz da vida, dizendo algo que por fim a fez sorrir, dar de ombros, se divertir.

Parei e semicerrei os olhos

quando a vi ir correndo até Heitor, sacudindo o buquê. Ele estava entre Theo e Joaquim. De brincadeira, fingiu que ia fugir, mas Lara riu e agarrou a gravata dele, puxando-o, dizendo em uma alta voz de troça que chegou até mim:

- Não vai escapar de mim, engraçadinho!

Apertei os dentes, raivoso, enquanto ele a puxava para si e dizia algo em seu ouvido, ambos alegres, parecendo se dar bem demais, se entender em todos os detalhes.

Tive uma estranha sensação de solidão em meio à zanga que me envolveu. Parecia que eu tinha sido posto de lado, esquecido. Que era um apêndice, facilmente afastado. Mesmo sabendo que não era assim, que se eu estava fora do trio era por opção, eu me senti mal. Com um sentimento que só tive uma vez na vida, quando minha mãe tentou se matar: rejeição.

Dali por diante, ignorei Lara. Porém, apenas por pouco tempo. Logo meus olhos bandidos me traíam e a sondavam, mas sempre daquela maneira,

fingindo apenas observar em volta quando era pego em flagrante. Pensei em paquerar alguma mulher, deixar claro que nosso caso tinha sido só sexo e não se repetiria, mas não tive vontade. Eu parecia a porcaria de um cachorro sarnento apreciando um pedaço suculento de carne na vitrine.

Foi somente quase no final da festa, quando Micah e Valentina se despediam de todos para embarcar para a Lua-de-mel no Caribe, que acabei ficando perto de Lara. Todos se reuniram em volta da mesa em que

estavam Cacá, meu pai e Tia, esta garantindo a Valentina que ela podia ir tranquila que Cacá ficaria bem na fazenda conosco e não tiraria os olhos dele.

Micah havia nos chamado e abraçava de um em um, fazendo recomendações a Theo sobre alguns documentos do escritório, falando para Tia não deixar Cacá seguir o exemplo dele e se encher de chocolates, dizendo ao nosso pai que ligaria todas as noites. Acabei rindo e dando um tapa em seu ombro, implicando com ele:

- Parece que vai ficar um ano fora e não oito dias. Relaxa, irmão. Tudo aqui vai ficar bem.

- Até essa sua cara toda arrebentada? – Ele sorriu e me abraçou. – Se cuida, malandro. Não está mais em idade de ficar trocando sopapos por aí.

- Da próxima vez, vou arrebentar aquele monte de banha ... – Resmunguei.

Micah fitou-me atentamente por uns segundos, desviou os olhos em direção à Lara, retornando-os rapidamente pra mim e, num tom mais baixo e sério, perguntou:

- Conseguiu extravasar suas angústias e tensões na luta?

- Não estou te entendendo, irmão. Era apenas uma disputa.

Micah balançou levemente a cabeça, sorriu e, num tom jacososo, disse:

- Não te vi ao lado de sua namorada durante toda a festa. Foi estranho ver Heitor sozinho com ela, porque, tenho que confessar, vocês formam um belo..... trio. – Sorriu.

Fitei-o impassível, quieto.

- Ei, melhora essa sua cara bonitinha. Arruinada, mas bonitinha. A

noite ainda não acabou. E, pelo que vejo...

Interrompi sua fala, incomodado com o rumo que tomava aquela conversa, querendo terminar o assunto de uma vez:

- Você vai se atrasar, Micah. É melhor parar de jogar conversa fora, atirar...

- ...no que viu e acertar no que não viu? Era isso que ia falar?

- Não. Eu ia falar que você fica atirando a esmo.

- Pode ser... – E mudando de

assunto, brincou: - Mas Pedro, caso resolva entrar em nova “disputa”, veja bem o tamanho de seu adversário, não quero voltar e ter ver sem dentes e manco. – Deu-me novamente um abraço e, dali, foi se despedir dos outros.

Heitor foi falar com Valentina, todos parecendo ter algo a dizer e, de repente, eu e Lara estávamos lado a lado, mais afastados. Não sei por que meu coração bateu mais rápido, ou o motivo de me sentir mil vezes mais tenso. Só sabia que seu olhar queimava sobre mim e virei o rosto em sua

direção.

Parecia um pouco apreensiva. Seus olhos passaram por meus ferimentos, mordeu o lábio e, sem que eu esperasse, indagou baixinho:

- Está doendo muito?

- Não. – Falei tão baixo quanto ela e me dei conta que outras coisas doíam muito mais. Mas não analisei aquilo.

Era orgulhoso, não puxaria assunto. Eu manteria aquele clima esquisito entre nós indefinidamente e tinha achado que Lara também. Aquela

sua preocupação evidente me surpreendeu e também abriu uma brecha nas minhas certezas.

Ainda não achava que eu tinha errado em sair com a outra mulher. Nunca enganei ninguém nem fingi ser um bom moço. Mas comecei a pensar se não teria sido bruto demais pelo modo de contar isso a ela, tentando deixar explícito que não era nada para mim, ainda por cima quando estávamos na cama. Por isso, senti uma pontada de culpa. E isso me abrandou.

Havia também aquele desejo. Eu

olhava para ela e ficava doido para tê-la de novo, para beijá-la, para reviver aqueles momentos inesquecíveis. Lara tinha um poder absurdo sobre minha libido, sobre mim. Um poder que não arrefecia e que parecia mais forte e intenso ainda, a ponto de me perturbar tanto e tirar a minha paz. Eu sentia falta do que ela, eu e Heitor tínhamos juntos, que eu nem sabia nomear, mas era a melhor coisa que tive até então, com ou sem o meu irmão.

- Está cuidando desses machucados?

A voz de Lara me despertou. Dei um passo para mais perto dela e vi como sua respiração se alterou, como seus olhos brilharam nos meus, sua reação imediata. Meu sangue se agitou mais nas veias, tudo pareceu ferver, rebulir, ficar insuportavelmente quente e acelerado. Minhas mãos comicharam para pegá-la e foi difícil mantê-las ao lado do corpo.

- Não. Quer cuidar deles para mim?

Não fui doce ou pedi. Eu fiz como se lhe desse uma opção, com certa secura para disfarçar meu desejo de

estar com ela. Mas ao mesmo tempo, não escondi meu olhar, minha vontade absurda de que dissesse sim.

Por um momento, apenas nos olhamos, muita coisa borbulhando entre nós, tanto por ser dito, mas sendo sentido. Por fim, segurei seu braço e disse perto de sua orelha:

- Até quando vamos ficar de birra, morena?

Lara virou o rosto e seus lábios quase roçaram nos meus. Esperei sua reação, mas não a que teve. Ergueu a mão e passou os dedos suavemente

sobre meu maxilar inchado e dolorido, fazendo algo parecer cantar dentro de mim. Seus olhos nos meus eram cheios de sentimentos e alguns eu reconheci: preocupação, desejo, irritação, admiração. E um carinho que até então não tinha recebido dela. O mesmo carinho com que me tocava. Respondeu com outra pergunta:

- Por que você é tão teimoso, garanhão?

- Não sou teimoso. Sou decidido. – Seus dedos subiram até o curativo e suspirou. – E então? Vai

cuidar de mim? Posso sugerir uma ou outra maneira de fazer isso.

- Vou cuidar de você. – Simples assim, fitando-me, deixando-me estranhamente arrebatado, ansioso, necessitado. Meus dedos em seu braço se tornaram mais firmes.

- Vamos sair daqui.

- Sim. Mas Heitor ...

- Vou falar com ele.

Lara acenou. E como por milagre, a tensão que me deixou perturbado a noite inteira se esvaiu e sumiu como se fosse mágica.

LARA

No final das contas, Heitor se aproximou de mim depois de falar com Pedro, beijou suavemente meus lábios e disse baixo:

- Mais tarde vou até sua casa.
Pedro vai te levar, Lara Maria.

- Mas ... – Eu queria que ele fosse junto, mas nem me deixou terminar:

- Eu vou. Depois. Encontro vocês lá. – Acariciou meu cabelo, sorriu e se afastou.

Acho que fez de propósito, para dar um tempo para que ficássemos sozinhos, talvez para que nos entendêssemos. Olhei-o ir até um grupo de amigos, relaxado, sem parecer estar chateado. E o admirei silenciosamente.

Pedro, que ainda não estava bem para pilotar sua moto, pegou seu carro e assim fomos para minha casa. Micah e Valentina já tinham se retirado, vários convidados foram embora, eu me

despedi da família dele. Não sei o que eles ou os vizinhos pensaram, vendo-me chegar com Heitor e sair com Pedro, mas não me preocupei muito com isso. Eu só queria matar a saudade que aquele garanhão tinha me feito passar.

Mal entramos em casa, ele me encostou contra uma parede e veio me beijar, faminto, excitado, como se tivesse ficado à pão e água longe de mim. O desejo me varreu também, vertiginoso, galopante, mas parei assustada quando Pedro gemeu e xingou um palavrão, levando a mão ao maxilar.

Na volúpia, tinha esquecido a dor, que agora o atacava violentamente na tentativa do beijo apaixonado.

- Porra, não acredito ... –
Reclamou.

Eu acabei rindo. Segurei sua mão e o puxei para o quarto, acendendo a luz, dizendo sedutora:

- Calma. Eu não falei que cuidaria de você? Vem cá. Cumpro minhas promessas.

- Eu sei uma maneira de cuidar de mim. – Tentou me pegar, mas escapei e amparei as mãos em seu peito, ao lado

da cama.

- Fique quietinho. – E antes que tentasse se impor de novo e me derrubar no colchão, comecei a desfazer o nó da gravata, murmurando: - Mesmo todo arrebitado você continua lindo.

- Você está linda. – Retrucou, seus olhos penetrando os meus. Ergueu a mão, mas pedi com jeitinho:

- Depois pode fazer o que quiser comigo. Mas agora, apenas fique assim. Você vai gostar, garanto.

Ele não respondeu e apenas me olhou de modo aceso enquanto eu o

despia.

Tirei sua gravata, abri cada botão de sua camisa, tirei seu paletó e depois sua calça. Cada peça de roupa caía ao chão, até que seu corpo perfeito, longo, musculoso, ficasse ali todo exposto para mim. Minha respiração já estava alterada, meus dedos impacientes e tive que tocar sua pele quente, passeando as mãos em sua barriga dura, vendo como seu pau já respondia a mim, erguendo-se entre os aparados pelos dourados, lindo e grande como ele.

Engoli em seco. Aquele toque

breve, lento, foi o suficiente para que o desejo varresse meu corpo, acendendo e me fazendo consciente de mim mesma como mulher, viva, palpitante, cobiçosa. Eu o quis tão intensamente, de forma tão latente, tão despudorada e alucinada, que meu ventre se contorceu e me senti úmida já por antecipação de tudo que faríamos juntos.

Sentia a tensão nos músculos dele, a paixão que o deixava mais másculo, sabendo que seria difícil contê-lo, mas eu sentia uma necessidade muito grande de tê-lo para mim à minha

maneira e assim matar a saudade que tinha me feito passar.

- Apenas olhe ... – Murmurei e soltei-o, levando as mãos ao meu próprio vestido, abaixando a alça única por meu ombro.

E Pedro olhou, suas narinas fremindo, sua respiração mais pesada, os olhos escurecendo. Em nada seu rosto machucado o fazia deixar de ser sexy, pelo contrário, o fazia parecer mais perigoso, mais macho e bruto. Como eu gostava que ele fosse. Como me deixava louca, com a boceta palpitando.

A cada dia eu ficava mais viciada em sexo, querendo mais e mais, entregue às exigências do meu corpo. Mas agora não era um castigo. Era um desejo puro. Pedro e Heitor me deixavam dependente do sexo que faziam comigo, das coisas que me deixavam sentir, tão esplêndidas e alucinantes. Era uma nova fase em minha vida, uma descoberta de um lado meu até então sujo, pecaminoso, que com eles ganhava nova dimensão.

Mas era impossível mudar, esquecer o passado. Ali mesmo,

enquanto me despia para ele e o desejava com minha alma, eu sentia também um arremedo de vergonha das coisas que fiz e, por um momento, vacilei, temi o que também estava fazendo.

E, sem que eu pudesse afastar o pensamento, fui invadida pelas lembranças, que pipocaram em minha mente como flash. Após tanto tempo sendo violada, tocada, corrompida, meu corpo acabou viciado àquelas sensações. Foi difícil não ceder às suas investidas. Apesar de não saber que

tudo aquilo era errado, meu corpo, acostumado ao toque, ansiava por sentir aquelas sensações. E mesmo quando entendi o que “ele” fez comigo, a dor já era tão presente em mim quanto o prazer, um prazer que eu não reconhecia e que, ali, era sinônimo de coisas sujas, pesadas, doloridas. Eu nunca entendi aquela necessidade do meu corpo, aquele desespero por qualquer toque ou sensação, mas mesmo assim eu procurava por alívio.

Ainda nova, cheguei a me machucar várias vezes introduzindo

objetos em mim, deixando minha vagina assada de tanto esfregar na cama em agonia, meu clitóris machucado de meus beliscões e meus mamilos pequenos feridos de tanto serem torcidos. Era como estar endemoniada, possuída, adulterada, degenerada. Isso era o mais difícil de aceitar, o que me fazia me sentir um lixo. A miséria de ter me acostumado com a violência e precisar dela em tantos momentos, como parte de mim.

Disso eu não podia culpar nada nem ninguém. Eu já devia mostrar desde

cedo essa minha perdição, essa libertinagem, esse espírito de depravação. Estava no meu sangue, na minha alma, no meu corpo. Eu provoquei tudo, exalando, como um animal, um odor de cio, de acasalamento. Atiçava o que havia de pior nos homens. E mesmo agora, quando eu não conseguia me sentir suja, eu tinha certeza que era.

Fitando Pedro, deixando cair minha calcinha minúscula, eu indagava a mim mesma sobre que mulher normal se meteria com dois homens, faria tudo que

fiz com eles, seria tão descarada? Será que, além de arruinar a minha vida, eu queria arruinar também a vida deles? Seduzi-los? Dois machos, dois irmãos, dois amigos. Devia resistir, mas eu não conseguia mais, eu não queria. Eu precisava tanto deles, tão desesperadamente! Desejei os dois assim que os vi, mas agora, o medo dava as caras.

Completamente nua, estremeci, mordi o lábio, vacilei entre a vontade absurda de mergulhar nos braços de Pedro e o temor de destruir aquela

amizade que ele tinha com Heitor, aquela ligação tão íntima. Agora eu conhecia a família deles, gostava de todos, fui testemunha do amor entre eles. E se eu fosse um ponto de discórdia, a razão de uma tragédia, mesmo sem essa ser minha intenção?

- Morena ... – Pedro sentiu a mudança, a dúvida, o tremor. Ele me segurou, me puxou para seus braços, fez uma pergunta com o olhar.

Gritei comigo mesma internamente: “Pare de pensar! Não vai destruir nada! É sexo! Eles nunca vão

me amar. Nunca. Nunca!”

Respirei fundo, afastando os pensamentos perturbadores e a dor no meu ser, deixando meu corpo já drogado de luxúria por ele falar mais alto, roçando-me no corpo sensual e deliciosamente forte de Pedro, excitada com o contato de sua pele e de seus pelos. Ele era tão lindo, tão gostoso, tão meu naquele momento. E eu não podia mais me segurar.

- Hum ... Preciso de você, garanhão ... mas do meu jeito.

- Chega de provocação, Lara.

Mas antes que me pegasse de jeito, eu o empurrei na cama, caindo em cima dele, lambendo sua orelha, meu cabelo se espalhando longo sobre nós, enquanto eu sussurrava:

- Só quero me aproveitar de você um pouquinho. Depois é sua vez. Só hoje, seja todo meu.

Seus olhos azuis ardiam no desejo de dominar, tomar a iniciativa. Mas respirou fundo e, silenciosamente, se controlou.

- Vire-se. Por favor ... —
Desmontei dele e, ajoelhada na cama,

empurrei-o devagar. Pedro parecia meio puto, mas deitou de bruços, virando a cabeça no travesseiro para me espionar bem sério.

- Tem alguém aqui em baixo duro como pedra, doido para entrar em sua boceta molhada e gostosa. Não demore muito, ou não respondo por mim.

- Eita, garanhão! – Acabei rindo, provocante. – Tão impaciente ...

- Porra, Lara ... Vai ficar aí rindo enquanto estou quase explodindo aqui vendo você nua, depois de dias doido para estar dentro de você?

Seu desabafo saiu sem que ele próprio esperasse, pois se calou e fechou a cara, apertando os punhos sobre a cama. Mas eu lambi meus lábios e, mesmo sabendo que não era o momento para conversas séria ou reveladoras, beijei suavemente seu ombro e murmurei:

- Só para você se sentir melhor, também senti a sua falta. Não só de sexo. De você.

E antes que aquilo ele entendesse de maneira errada ou o tornasse mais cauteloso, eu limpei meus

pensamentos com um balançar de cabeça e deixei meu corpo falar. Engatinhei até os pés de Pedro e murmurei:

- Só feche os olhos e sinta.

Uma vontade louca de prová-lo e tocá-lo me invadiu. Lentamente passei os dedos por seus pés, massageando seus calcanhares, ao mesmo tempo que me inclinava sobre ele e deslizava a língua por toda extensão de seu tornozelo para cima, pela panturrilha musculosa, dura, mordiscando-a devagar. Senti como se retesou, como alguns arrepios percorreram sua pele,

ficando ainda mais excitada com isso.

Continuei minha exploração, parando na parte de trás dos joelhos, onde lambi, beijei, mordi. Não tinha pressa, eu queria marcá-lo com minha boca e meus dedos, acariciando-o, tocando-o como se o gravasse em mim, me tatuasse com ele. Corri minha língua por sua coxa forte e rija, senti os pelos nas pontas dos dedos, mordi de leve a bunda musculosa, perfeita.

Rapidamente, Pedro movimentou o corpo, fazendo menção de virar sobre as costas. No mesmo instante sentei

sobre sua bunda, com as pernas abertas em torno de seus quadris, acomodando minha boceta, completamente arreganhada, naquela parte do seu corpo.

- Porra ... – Ele rosnou, mas eu já abaixava lentamente até meus seios tocarem suas costas, falando baixinho em seu ouvido:

- Feche os olhos, Pedro. Relaxe. Estou apenas cuidando de você. Me deixa te tocar, te explorar, sentir o gosto da sua pele, o seu cheiro.

Ele inclinou o rosto para trás,

apenas o suficiente para me olhar intensamente, como se quisesse mais, ter o controle, me tocar da mesma maneira. Vi seu rosto machucado e me inclinei mais para beijar o ferimento, mas então ele saqueou a minha boca, não da maneira que parecia querer fazer, mas cuidadoso, deixando a dor para poder sentir meu gosto, me saborear. Amparei seu rosto e o beijei de volta, emocionada, excitada, querendo muito dele, tudo que pudesse me dar. E mais um pouco.

Então, fui me afastando e ele por

fim cedeu, voltando a cabeça ao travesseiro, mas seu olhar no meu ao dizer com uma voz carregada de desejo:

- Me chupa, morena. Todo. Roce essa boceta quente e molhada em mim. Quero seu cheiro na minha pele, seu líquido espalhado por todo meu corpo. Vai, porra ... Antes que eu te vire de quatro e te foda igual a um animal.

- Hum ... Vou cobrar mais tarde ... – Pisquei, mas ele não estava para brincadeira. Com voz firme e ameaçadora, proferiu:

- Aproveita, Lara, a

oportunidade de me ter em suas mãos. Porque, assim que acabar, vou devorar você.

Eu estremei, gotejando, latejando. Então lambi sua orelha e finalmente Pedro se entregou, fechando os olhos, se dando de uma forma que senti que não estava acostumado a fazer. Talvez para ele, ficar nas mãos de uma mulher, fosse uma espécie de fragilidade. Não estava acostumado com isso. Mas só o fato de capitular, já me deixava ainda mais cheia de tesão. Era todo meu ali. E não me contive mais.

Eu o adorei. Mordi sua nuca, esfreguei as pontas dos mamilos em suas costas de maneira sinuosa, enquanto sentia aquele homem potente e duro sob mim. Arranhei seus braços. Fui lenta, sensual, num frenesi exaltado com seu cheiro, seu gosto, sua pele quente na minha. A sensação que tive foi de que aprendia os segredos do corpo dele enquanto mordiscava suas costas, gemia, lambia, me embriagava e, ao mesmo tempo, me alucinava com os grunhidos que ele fazia, o modo como seus músculos reagiam.

Ao mesmo tempo, eu montava sem sua coxa e esfregava minha boceta encharcada e melada ali, marcando-o, deixando-o sentir o que despertava em mim, o quanto me fazia lubrificar, que não precisava fazer muito para me deixar doida, só existir. Ele já era meu pecado, minha libido, meu afrodisíaco.

E assim eu fiz. Desci lambendo, mordendo, beijando, gemendo, me fartando e ainda assim precisando de mais. Esfreguei minha boceta em toda sua perna até o tornozelo, senti sua tensão e seu tesão, o modo como não

conseguia ficar parado e respirava agitado. Então, fui para a outra perna e me rocei, o untei como se de mim escorresse o azeite para massageá-lo, mordendo sua bunda, abrindo devagar suas coxas.

Fiquei louca de tanta lascívia ao ver seu saco passado e redondo. Delicadamente meti minha mão embaixo do seu corpo e segurei seu pau completamente ereto, longo, grosso, palpitando. E o puxei para baixo, verticalmente sobre o coxão. Segurei suas coxas e abaixei a cabeça, passando

a língua sobre parte da cabeça do pau, percorrendo-o até o saco, onde lambi bem molhado.

- Ah, desgraçada ... porra ... – Pedro rugia, arquejando, quase fora de si.

Então, puxei uma das bolas para dentro da boca e a chupei com gosto, ao mesmo tempo que arrastava as pontas dos dedos a um ponto acima do saco, pressionando levemente ali, entre ele e o orifício, a outra mão indo por baixo e envolvendo seu pau, apertando-o, apalpando-o. E aí ele enlouqueceu de

vez, mas sabendo que não teria muito tempo, passei a lambê-lo nas bolas e no pau sofregamente, chupando, beijando.

Pedro ficou completamente alucinado. Levou a mão para trás, agarrou um punhado do meu cabelo, me puxou. Em segundo me jogou na cama, inverteu as posições, pareceu uivar roucamente. Eu gritei de tesão quando me virou brutalmente, ainda agarrado em meu cabelo, seu outro braço por baixo da minha barriga, me deixando de quatro na cama.

- Puta, queria me deixar doido?

– Puxou minha cabeça para trás, montou-me como um animal, seus dedos se cravando em meu quadril, ordenando grosseiramente: - Empine essa bunda, agora vai ter o que merece. Putinha safada ... provocadora ...

E meteu sem preâmbulos seu pau em meu ânus, fazendo-me berrar. Eu me sacudi, rasgada pela dor e pelo prazer descomunal, abrindo-me para receber aquilo tudo em mim, lágrimas pulando dos meus olhos para a cama, meu corpo além de qualquer razão ou controle.

- É isso que você queria, um

macho te fodendo, cadelinha? Me deixar tão descontrolado que só pensasse em comer você? – Brutalmente, estocava no meio da minha bunda, me machucava e fazia delirar, deixando-me molhada e palpitando, apoiada nos joelhos e mãos enquanto era sodomizada sem pena.

Eu delirei, alucinada. Chorava copiosamente e implorava entre gemidos e arquejos ensandecidos:

- Sim, garanhão ... Com força ...
Faz tudo que quiser com sua cadelinha ... mete assim ... oh ...

- Vou meter. Porra ... caralho ... o

preservativo ... – Parou um momento, fora de si, somente então se dando conta do fato. Lembrei de Heitor na mesma situação e o apertei em contrações, puxando-o para bem fundo em meu canal ardido e úmido, tão quente que eu sentia.

- Não pare ... Vem, to protegida ... transo com Heitor sem camisinha ...

- Ah, foda-se ... – E penetrou-me com fúria e tesão, sua mão escorrendo entre minhas pernas, beliscando meu clitóris, inclinando-se sobre mim para puxar minha cabeça para trás e lambe minha orelha, dizendo sacanagens

enquanto seu pau entrava e saía de dentro de mim: - Vou te deixar assada de tanto te comer. Depois vou encher seu cuzinho de porra e te deixar desmaiada na cama de tanto gozar. E mesmo assim, quando meu irmão chegar, vai querer dar para ele. Sabe por que, morena?

- Ah ...

- Por que você gosta assim, bem depravado. Gosta de sexo tanto quanto a gente, até mais. É uma putinha mesmo. Não é assim, Lara Maria?

- Sim ... sim ... – Admiti alucinada, liberta, sôfrega, em uma onda

de prazer tão pungente que continuava a chorar e fervia com o clitóris todo esticado e manipulado por ele, suplicando: - Preciso de mais ... mais ...

- Mais? – E então escorregou dois dedos dentro da minha boceta, penetrando-me ali firme enquanto metia em meu orifício bem forte, lambendo minha orelha, exigindo: - Mova essa bunda ... Coma meus dedos e meu pau até gozar ...

- Eu não ... eu ... – Obedeci e comecei a convulsionar, sem poder mais evitar o tesão demente, desvairado.

Gritei e ondulei, gozando tanto que meus braços tremeram, perdi as forças.

Pedro me segurou firme, sem parar, enquanto eu ia em patamares mais altos, tão livre e solta, tão deliciosamente mulher que nada mais importava além de estar ali naquele prazer entontecedor.

- Ah, Lara ... O que você faz comigo ... – Ele disse abafado em meu cabelo, despejando jatos de porra quente dentro de mim, fazendo-me contrair mais, ardendo em chamas, girando em um carrossel vertiginoso,

dramático, descontrolado.

Fui inundada. Gememos e suamos juntos, até que as ondas foram se acalmando, virando um palpitar desconexo. Desabei na cama e Pedro só me soltou quando me depositou sobre ela. Saiu de dentro de mim, caiu ao meu lado, seus olhos buscando os meus, um misto de preocupação e tesão em seu olhar pesado.

- Merda, machuquei você ... – Murmurou, tardiamente arrependido, sua mão vindo em minhas costas. – Lara, eu me descontrolei ...

Lambi os lábios ressecados, meu rosto coberto de lágrimas, vermelha e suada, mal podendo respirar. Mas sorris lasciva, resmungando:

- Você está me vendo reclamar?

Pedro me olhava, perturbado. Eu confessei:

- Gozei muito. Tanto, que nem me lembrei que devíamos ter transado devagar, que seu rosto está todo machucado. Mas nem me deixou terminar de cuidar de você ...

- Cuidar? – Franziu o cenho. – Eu estava quase esporrando na cama ...

- É muito nervosinho e impaciente ... – Sorri. – Agora ficou faltando lambar a parte da frente do seu corpo.

- Você gosta mesmo de correr perigo, morena. – Veio para mais perto de mim, beijando suavemente meus lábios, sua mão contornando minha bunda, seus dedos indo até meu ânus e sentindo a umidade do esperma ali. – Que delícia saber que sua bundinha está cheia da minha porra ...

Era possível continuar excitada, mesmo quase morta, dolorida e muito

satisfeita?

Eu o olhava e ainda sentia o fogo brando dentro de mim, a minha boceta gulosa querendo atenção, o meu corpo exigindo exaustão. Mordisquei seu lábio, pensei em Heitor chegando ali a qualquer momento e estremeci de antecipação.

Pedro sentiu as reações do meu corpo, fitou-me, também ardeu, ainda necessitado. Então, murmurou:

- Nunca conheci mulher como você, morena. Nunca imaginei e acho que nem Heitor, que houvesse uma

parceira assim compatível com a gente, tão sexual como nós.

- Por que diz isso como se fosse um problema? – Eu quis saber, embora soubesse que ele estava certo, eu era um Problema, com P maiúsculo.

- Acho que nunca me preparei para sua chegada. – Confessou e na hora se calou, sua expressão mais fechada. Mas antes que eu quisesse saber mais, disse algo que me surpreendeu: - Não vou sair com outras mulheres enquanto estivermos juntos. Escute, não é um compromisso. Não quero amarras em

minha vida e acho que nem você, por isso é tão livre e vive de um lado para outro. O dia que esse arranjo não funcionar mais, cada um segue o seu caminho.

Eu sorri devagar. Ergui-me um pouco e fui beijar seu maxilar machucado, sussurrando:

- Não vai precisar de outra mulher enquanto estivermos juntos. Estou aqui. Pode fazer o que quiser comigo, garanhão. E isso é uma oferta egoísta, entenda. Estou pensando no meu prazer.

Ele acabou dando um sorriso. E
sua boca se fechou na minha.

CAPÍTULO 21

LARA

Heitor acabou não aparecendo em minha casa naquela madrugada e,

mesmo depois que Pedro dormiu, eu o esperei. Como havíamos trocado número de celular, liguei para ele e o acordei, pois atendeu sonolento.

- Você não vem? – Eu estava enrodilhada no sofá, nua, a sala na penumbra.

Meu corpo estava saciado após ter feito muito sexo com Pedro, mas ainda sentia falta de Heitor. A vontade de estar com ambos e a dependência das sensações que me proporcionavam me davam medo. Parecia que com eles ali eu ficava completa. E isso me assustava,

me confundia.

- Lara?

- Sim.

- Pensei que estaria dormindo. –

Havia um tom leve de sorriso em sua voz. – Ficaram se divertindo por aí?

- Por que você não veio, Heitor?

– Não queria parecer ansiosa, mas era assim que me sentia.

- Achei que estava muito tarde. E

que vocês precisavam de um tempo para se entender, sozinhos.

- Nós nos entenderíamos com

você aqui também. Senti sua falta. –

Murmurei.

- Ah, é? Senti a sua também, Lara Maria. – Sua voz era sensual, rouca. Eu o imaginei na cama, nu, moreno, com aqueles cabelos escuros em contraste com a fronha do travesseiro. Poderia parecer impossível ainda pensar em sexo com meu corpo dolorido de tanto transar, mas era assim. E ao mesmo tempo era mais, uma saudade da companhia dele. – Mas amanhã nos veremos. E então acho que tudo vai se acalmar. Pedro deu trabalho?

- Não. – Acabei sorrindo e me

recostei no sofá, fechando os olhos.

Lembrei que havíamos ficado na cama abraçados, conversando um pouco e falamos da clínica que ele ajudava em Pedrosa. Disse que teria que ir lá domingo, pois tinha que resolver com uma das psiquiatras uma transferência para um hospital maior de um dos pacientes que, após tentar o suicídio, vinha apresentando complicações renais. Talvez fosse até um caso de transplante, já que o excesso de medicamentos ingeridos tinha prejudicado muito sua saúde.

Explicou-me que, apesar da clínica ter até uma pequena UTI, era mais para tratamento de recuperação psiquiátrica. Quando ia além disso, eles corriam atrás de transferência.

- Mas como vai lá se está machucado?

- Dá pra ir, estou bem, Lara. Só dolorido. E não vou demorar.

- Posso ir também?

Pedro havia me olhado, meio na dúvida. Mas insisti, até que concordou em me levar. E agora me lembrei disso. Disse a Heitor:

- Amanhã cedo vamos até a clínica. E à noite trabalho. Pode vir aqui à tarde, Heitor? Podemos tomar café juntos.

- Café? – Deu uma risada. – Vou aí com várias intenções, Lara Maria. Mas café é a última delas.

Acabei rindo também, dizendo provocante:

- Vocês vão me matar!

- De tanto sexo?

- Claro!

Rimos juntos.

- Mais fácil morrer um de

exaustão e depois outro de desidratação de tanto gozar, enquanto você fica aí inteirinha, olhando para as unhas, com ar de tédio.

- Heitor! Que absurdo!

E nem parecia passar de três horas da manhã enquanto ficávamos de bate papo ao telefone, como dois adolescentes apaixonados. Por fim, nos despedimos e marcamos de nos ver à tarde.

Quando desliguei, estava mais feliz do que poderia supor. Fui para o quarto na ponta dos pés, deixei o celular

na mesinha ao lado e olhei com apreciação silenciosa para o corpo nu de Pedro na cama, deitado de barriga para cima, o rosto virado para o outro lado. Admirei-o e deitei-me ao lado dele, passando de leve a mão em sua coxa musculosa, até deixar os dedos espalmados em seu abdome. Cuidadosa, apoiei a cabeça em seu ombro, respirei fundo e me senti tão bem, mas tão bem, que foi só fechar os olhos para cair em sono profundo.

De manhã Pedro não quis ir em casa trocar de roupa e acabou colocando

a calça do terno e a camisa branca, que estava amarrotada. Passei a camisa para ele, vesti um jeans e uma blusa verde e tomamos café da manhã juntos. Era engraçado como boa parte da tensão entre nós havia se dissipado e, tanto eu quanto ele, estávamos mais à vontade. Falamos trivialidades e fiquei mais aliviada ao ver seu olho menos inchado. Mas, em compensação, o maxilar ganhara uma coloração arroxeada.

Saímos juntos. Eu me sentia feliz dentro do carro com ele, olhando a paisagem, enquanto perguntava detalhes

da clínica e ouvia suas explicações:

- Não é tão grande e os pacientes não costumam ficar internados muito tempo, com exceção de alguns casos mais graves. Nosso objetivo é ajudar a pessoa que tentou suicídio a se tratar, desistir desse pensamento, descobrindo as causas que a levou até esse ponto. Tão logo esteja bem, equilibrada, recebe alta e então um de nossos psicólogos ou psiquiatras a recebe ocasionalmente em consultas. Assim, o fluxo é bem rotativo.

- Já aconteceu de algum paciente

receber alta e depois acabar se matando, Pedro?

- Felizmente, não.

Eu sorri abertamente, aliviada com aquela resposta, virando-me um pouco no banco para olhá-lo. E comecei a fazer outras perguntas:

- Pelo que entendi, a clínica é só para pessoas que já tentaram o suicídio e por algum motivo falharam. É reabilitação, certo?

- Sim, mas não é apenas para quem já tentou suicídio, embora esses sejam a maioria. Tem pessoas que

entram em grave depressão e ameaça se matar, então algum ente querido ou amigo nos procura, temendo que o fato se concretize. A clínica dá assistência, inclusive com internação, se for o caso.

- Entendi. E essas pessoas pagam alguma coisa? – Eu o olhava atenta.

- Nada. A maioria lá nem teria condições para isso.

- É um trabalho filantrópico.

- Sim. Consigo doações e a Falcão Vermelho arca com parte das despesas, descontando de impostos.

- Mas entra algum dinheiro seu aí? Pessoal? – Estava curiosa, pois achava que Pedro gastava mais com aquilo do que deixava transparecer.

Ele olhava para frente e não respondeu de imediato. Mas por fim, acenou com a cabeça e disse apenas:

- Algum.

Eu o admirei, calada. Era um homem impressionante. Não precisaria nada daquilo, podia estar apenas preocupado com farras e mulheres, em gastar sua fortuna. E lá estava Pedro, em pleno domingo, indo para sua clínica

que fazia um trabalho de reabilitação. Além de tudo, participava, não doava dinheiro apenas.

Gostei ainda mais dele naquele momento. Tanto que meu peito parecia cheio de sentimentos inexplicáveis, mas todos bons, gostosos, que me davam uma sensação estranha de euforia, de respeito e até mesmo um pouco de veneração. E acabei murmurando, sem poder me conter:

- Você salva vidas, Pedro.

- Não é assim. A clínica ajuda uma pessoa desesperada a ter uma outra

opção, Lara. – Sua voz saiu profunda, séria, suas palavras parecendo direcionadas a mim: - Uma pessoa que pensa em se matar, mesmo achando que não terá coragem, já precisa de um tratamento. É um estágio da depressão. Ela começa a achar que seu problema não tem mais saída e começa a se entregar a ele, até que chega ao limite. Aí é que está o perigo.

Nem me mexi. Pensei nas tantas vezes que cheguei àquele ponto, que não vi saída para mim, que quis morrer. Nunca tive coragem de me matar, mas já

tive muita vontade.

Quando cheguei em Florada, eu estava no meu limite. Sentia-me assim, cansada de fingir, de me sentir sem solução, sufocada pelas lembranças e numa punição sem fim. Teria chegado ao ponto do suicídio se não tivesse encontrado Pedro e Heitor no meu caminho? E quando eles não estivessem mais na minha vida, eu voltaria para aquele estágio de desespero total?

A agonia apertou meu coração. Disse a mim mesma que em algum momento eu sairia dali, continuaria

minha vida errante e o que tive com eles seria só mais uma das minhas tantas aventuras. Com certeza a melhor. Mas não consegui pensar no fim. Eu estava dependente demais deles para isso. E criava expectativas e esperanças, como nunca fiz antes. Era uma loucura! Sabia disso. Só que era muito mais forte do que eu. Aqueles dois irmãos pareciam o bálsamo para minha dor, a oportunidade de extravasar minhas taras e ainda assim ser feliz. Seria isso possível? Eu não sabia.

A voz de Pedro interrompeu

meus pensamentos tempestuosos e prestei atenção no que dizia:

- Não são apenas traumas que causam na pessoa o sentimento depressivo que leva à tentativa de suicídio, morena. Às vezes é alguma coisa ruim que acontece na vida dela, como a morte de alguém ou a perda de um emprego. Pode ser uma predisposição genética. Mas o que realmente provoca essa depressão é a avaliação que a pessoa faz do quanto ela pode enfrentar isso tudo. Cada um tem seu limite. E quando esse passa do

ponto, a pessoa entra em crise psicológica.

Então, Pedro virou o rosto e me lançou um olhar penetrante, analítico, que me fez estremecer por dentro. Era como se pudesse ver minha alma e temi que visse como muitas vezes cheguei ao meu limite. Voltou a se concentrar na estrada, mas indagou atentamente:

- Entende o que estou falando, Lara? Já passou por isso?

Fiquei muda, minha língua parecendo travada na garganta. Quis dar uma risada, despistar, mas me sentia

gelada. O silêncio pesou no carro e tentei respirar mais pausadamente, me recuperar.

- Lara?

- Por que ... pergunta isso? –
Consegui indagar.

- Seu olhar. Em alguns momentos, seu olhar é como das pacientes na clínica.

Eu estava chocada. Olhei para frente, rígida, arrependida por ter insistido em vir com ele. Pedro era muito mais atento, observador, sensível do que eu podia imaginar. Talvez sua

experiência na clínica o tenha deixado mais alerta com os sinais e assim fazia uma melhor leitura de uma pessoa.

- E que olhar é esse? – Consegui manter a voz quase normal.

- De desesperança. De alguém que está à beira de um abismo, prestes a desistir de tudo. – Senti que me olhava de novo, mas não ousei encará-lo. – Quer me falar sobre isso?

Óbvio que eu não queria. Estava apavorada, com medo do que Pedro via e pensava sobre mim. Eu teria que me policiar mais, me conter, continuar a

fazer o que sempre fiz: me esconder e me burlar. Junto com o temor, senti raiva, porque parecia me colocar contra a parede, me ameaçar. Mas também senti vergonha. Nunca ia deixar que alguém soubesse o que passei, o que fiz e no que eu havia me tornado.

Dentre tudo isso, foi a raiva que me deu forças. Virei-me para ele e sorri com cinismo, dizendo seca:

- Agora você virou psicólogo, garanhão? Logo você que perde a cabeça por qualquer coisa e provavelmente nem sabe o que é um

limite?

De alguma forma, queria agredi-lo. Como era sempre tão esquentadinho, pensei que seria grosseiro. Mas, concentrado em dirigir, disse apenas:

- Por isso não tenho depressão. Eu reajo, me mostro. Eu falo o que penso, caio na porrada, me ponho em ação. Fico puto e descarrego. Não me fecho em mim mesmo e uso uma capa de algo que não sou.

Aquilo era para mim. Irritada, olhei pela janela, sem querer mais conversa, agitada por dentro. Mergulhei

em silêncio e Pedro respeitou. Mas já tinha me dado muito em que pensar e me feito sentir ameaçada. Eu teria que tomar mais cuidado com ele e com Heitor. Estavam mais atentos a mim do que eu podia imaginar.

Quando chegamos à clínica, eu acabei saindo do meu casulo, surpresa. Tinha imaginado algo pequeno, talvez uma casa. Não o que vi em uma área mais afastada de Pedrosa, quase rural. Era uma espécie de sítio bem cuidado, com muros altos, guardas na frente do grande portão duplo e amarelo escuro,

onde se lia: “Clínica Alice Falcão”. O nome da mãe dele.

Fiquei curiosa quanto aquilo e dei-lhe um olhar. Ela teria se suicidado? Daí seu desejo em fazer aquela clínica e dar o nome da mãe?

Minha raiva se abrandou e o olhei com preocupação. Mas Pedro não deixava transparecer muito o que pensava.

Lá dentro era lindíssimo. Muito verde, muita grama, muitas árvores. Seguimos por um caminho que serpenteava até uma enorme construção

branca de dois andares, que mais parecia uma mansão colonial restaurada. Percebi de um lado um conjunto de bancos e mesas sob algumas árvores, onde pessoas se agrupavam, conversavam, pareciam jogar algo. Não usavam roupas de hospital. Com exceção dos funcionários entre eles, com jalecos amarelo claro.

De outro lado, havia uma grande piscina cercada por tela e depois um campo de futebol gramado. Vi algumas pessoas passeando por ali, outras conversando. Pensaria se tratar de um

hotel fazenda, se não soubesse que era uma clínica e se não observasse funcionários entre eles.

- Domingo é dia de receberem visitas de parentes e amigos. Desde cedo ficam ansiosos. E aí há programas para distrai-los até o horário chegar. – Explicou Pedro. E completou: - Ninguém é obrigado a ficar aqui. Alguns estão tão doentes que simplesmente ficam para onde são levados. Outros se sentem seguros aqui. Muitas vezes o problema é quererem sair e enfrentar o mundo normal lá fora.

- Entendo.

Eu mais do que ninguém sabia que o lugar em que estávamos não modificava muito o que sentíamos. A dor sempre nos acompanhava. Mas entendi o que ele falou. No fundo, em minhas andanças, sempre procurei um porto seguro. De alguma maneira, tinha me estabilizado mais em Florada, principalmente por causa dos irmãos Falcão. Imaginei como me sentiria em um local daquele, vendo outras pessoas com problemas semelhantes, recebendo ajuda profissional.

Pedro parou o carro no estacionamento e desceu para abrir a porta para mim. Eu me sentia estranha e cheguei a me arrepender por estar ali. Tinha medo do que veria, do que tudo aquilo faria comigo. E do que eu poderia demonstrar. Mas já era tarde demais. Só me restou sair do carro.

- Tudo bem, morena? – Seu olhar sobre mim era penetrante. Fitei-o, pedindo silenciosamente que me protegesse, que de alguma maneira me ajudasse.

Pedro segurou meu braço,

puçou-me para mais perto, notando minha fragilidade.

- Diga para mim. – Murmurou.

- Está tudo bem. – Não sei como, consegui sorrir. Passei a mão em seu maxilar roxo e disse baixinho: - Tomara que ninguém se assuste com esses machucados.

- Estou tão feio assim? – Seus lábios curvaram-se em um arremedo de sorriso.

- Nem que quisesse você ficaria feio, garanhão. – Sorri de volta, mais relaxada.

- Depois reclama que sou metido e presunçoso. — Surpreendendo-me, beijou suavemente meus lábios e depois minha testa, dizendo com a boca contra minha pele: - Sei que não vai me dizer o que às vezes te deixa triste. Mas se algo aqui piorar essa sensação e te fizer mal, me avise. Vamos embora.

Fechei os olhos. Recuperei-me. Afastei-me um pouco e sorri, puxando-o pela mão:

- A única coisa que sinto é alegria em estar aqui. Agora vamos!

Pedro não insistiu.

Passamos por funcionários e pacientes até chegarmos ao casarão e cumprimentamos a todos. Vi como Pedro foi tratado com respeito e alegria, como alguns fizeram questão de apertar a mão dele. Apresentou-me e trocamos palavras gentis.

Na varanda, havia uma mesa grande com várias pessoas pintando livros de adultos para colorir. Alguns se concentravam, quietos. Outros conversavam entre si, baixinho. Mas o clima era de paz e descontração. E eu os admirei, enquanto entrávamos e

passávamos pela recepção.

- Vou te apresentar a Rose. É diretora da clínica e a psiquiatra mais antiga aqui. Sabe tudo que acontece, se dedica aos pacientes, tem um coração de ouro. A vida dela é a clínica e já salvou a vida de muita gente. – Explicou Pedro. – Nunca vi uma pessoa trabalhar com tanto amor e dedicação, se doar tanto.

Seguimos por um corredor, encontramos mais funcionários e pacientes, falamos com uns e outros. O tempo todo seguíamos de mãos dadas e aquilo foi inexplicavelmente importante

para mim.

Vi várias salas. Havia de jogos, de cinema, de música, de pintura, de exercícios e outras que não sabia para que, mas todas decoradas de forma alegre, com bom gosto e qualidade. Parecia realmente uma pousada, não uma clínica, ainda por cima sem fins lucrativos. Eu estava impressionada.

Pedro virou em outro corredor e parou em frente a uma porta que, como todas as outras, tinha um belo tom amarelo bebê. Não esperou muito e entrou em uma sala grande, arejada, com

amplas janelas abertas para os jardins dos fundos. Atrás de uma mesa de madeira gigantesca, uma mulher por volta dos sessenta anos fazia anotações em um grande livro. Olhou-nos por cima dos óculos para leitura e sorriu amplamente ao nos ver.

- Pedro! – Na mesma hora se levantou, tirando os óculos, sendo mais baixinha do que eu esperava. Seus cabelos eram curtos, cheios de fios grisalhos, seu rosto arredondado e bonito, mas sem maquiagem. Havia rugas de idade, mas eram poucas.

Pareciam mais rugas de riso.

Usava calças coloridas largas, sapatilhas confortáveis, camiseta branca e um jaleco amarelo por cima. Deixou os óculos sobre a mesa e veio abraçá-lo e beijá-lo. Havia um carinho claro e franco entre eles.

- Oi, Rose. Vim cedo para deixar tudo organizado para a transferência de amanhã. Alguma mudança desde a última vez que nos falamos?

- Não, tudo na mesma. Acho que não teremos dificuldade, amanhã mesmo a ambulância do hospital vem buscar o

paciente. – Ela voltou os doces olhos castanhos para mim e sorriu, surpresa. – Nossa! Finalmente conheço uma namorada sua! Que linda!

Pensei que Pedro me apresentaria como amiga. Mas ele não corrigiu a mulher. Apenas nos apresentou:

- Lara, Rose.

- Como vai, querida?

- Bem. – Sorri, nos beijamos nas faces e imediatamente gostei dela.

Tinha esperado alguém mais frio e distante, alguém elegante, com olhar

pesado de quem já tinha visto muita coisa. Não uma pessoa calorosa como ela, leve e descontraída.

- Vamos sentar um pouco.
Aceitam um café?

Acabamos acomodados em sofás confortáveis, tomando um café gostoso, Doutora Rose explicando como se daria a transferência e que médico acompanharia o paciente, desolada ao dar seu parecer sobre o quadro clínico dele.

- Infelizmente, seus rins foram muito comprometidos.

- Mas ele se arrependeu de ter tentado o suicídio? – Eu acabei perguntando.

- Sim. – Acenou, penalizada. – Nessa parte, fomos bem sucedidos. Mas agora vem a recuperação do corpo, que foi muito agredido pelo excesso de medicamentos.

Falaram mais coisas e prestei atenção em tudo. Pedro e Rose me incluíam na conversa, explicavam detalhes, até que eu participava e me sentia muito à vontade com eles. Parecia que já conhecia aquela mulher há muito

tempo e fiquei feliz pelos pacientes poderem contar com ela.

Em determinado momento, Rose perguntou se eu gostaria de conhecer a clínica, enquanto Pedro resolvia o que havia vindo fazer ali. Ele garantiu que não demoraria e logo nos encontraria, assim aceitei.

Eu e ela andamos sozinhas pelo corredor e percebi que estava um pouco nervosa em estar sozinha com ela. Mantive-me alerta, pois já me bastavam Pedro e Heitor vendo mais de mim do que eu queria mostrar. Não queria mais

ninguém me observando e avaliando, ainda mais uma psiquiatra experiente.

- Temos várias salas e terapias aqui embaixo, Lara. No andar superior ficam os quartos dos pacientes da clínica. Em geral não são agressivos, com raras exceções. Mas mesmo assim temos muitas câmeras de vigilância e guardas, além de enfermeiros, psicólogos e psiquiatras de plantão. — Rose explicou, mostrando-me as dependências. — O método de tratamento da clínica inclui as consultas, interferências medicamentosas,

socioterapia e várias atividades terapêuticas. Tudo com belas instalações, pois nosso objetivo não é que o paciente se sinta um prisioneiro, mas confortável, em um local agradável, que o faça querer refazer o projeto da sua vida, recomeçar, ter esperanças de um futuro melhor.

- Estou impressionada como tudo parece funcionar tranquilamente, ainda mais se tratando de uma clínica psiquiátrica. — Observei, realmente tocada, admirada com aquilo, vendo como todos eram tratados bem e com

interesse.

- Em geral, são pessoas que querem ajuda. Mas temos alguns casos mais graves, que demandam mais tempo e atenção, pessoas que ainda correm risco de ter recaída e tentar o suicídio novamente. Geralmente são os novos aqui e estes recebem uma supervisão constante, precisam ser monitorados até passar da fase crítica.

- Tem mais homens ou mulheres aqui?

- Mulheres. Temos também adolescentes. Aqueles que são suicidas

em potencial pela dependência de drogas, encaminhamos também à clínicas de desintoxicação.

Ela me mostrou muita coisa, conversou com alguns pacientes sorrindo, sendo bem recebida, apresentando-me. Eles pareciam bem, sem qualquer manifestação ou sinal evidente de suas aflições. O que só me surpreendia mais e mais.

Então, dei-me conta que eu não me diferenciava muito deles. Para os outros, eu era normal, apesar das minhas angústias internas e opções diferentes.

Eu seguia minha vida da melhor maneira que conseguia. E quando não dava mais para disfarçar, mudava de lugar, recomeçava, me metia no meio de estranhos. Quem poderia dizer que o outro era normal apenas olhando a aparência?

Seguimos adiante e fomos para a área externa. Andamos em uma espécie de parque com muitas árvores, bancos e até balanços e redes. Pessoas deitavam em algumas, lendo um livro. Outros ouviam música. Havia grupos conversando ou um solitário apreciando

a natureza. Eu olhava tudo, abismada. E então, comecei a fazer perguntas:

- São várias as causas das tentativas de suicídio. Mas quais as mais comuns?

- Isso sempre foi um enigma para a Medicina e a Psiquiatria. – Rose disse pensativa e apontou um banco, onde acabamos sentando lado a lado, observando os outros à distância. – É estranho, Lara, pois a autopreservação é um dos instintos mais fortes do ser humano. Por isso evoluímos, sobrevivemos desde a pré-História,

mesmo em situações mais adversas. O que pode ser tão forte a ponto de sobrepujar isso? Durante séculos os especialistas tentaram achar respostas para isso. Uns diriam que é incapacidade de se adequar à sociedade, outros que é uma tristeza muito grande ou um instinto maior de querer morrer, desistir. Hoje falamos em depressão, dor emocional. Mas eu te pergunto: por que alguns se matam e outros seguem vivendo em situações idênticas?

Rose me fitou. Eu ouvia tudo, boa parte daquilo já tinha estado muito

presente em minhas conversas internas. Tentei ser imparcial, não me envolver emocionalmente ao responder:

- Cada pessoa é uma, diferente da outra. Teve uma criação, tem um instinto e uma maneira própria de reagir a determinada situação.

- Exatamente. Não há um padrão. Mas acredito na teoria de que o que diferencia um suicida de uma pessoa com a mesma dor que insiste em viver é que, por mais que esteja desesperada e deprimida, o desejo de autopreservação em alguns é muito forte, enquanto no

suicida há um grande desejo de morrer. E mais: ter a coragem de levar à frente. Uma pessoa pode até pensar em se matar, mas não é capaz de seguir até o fim. Não importa o quanto deseje isso, não é fácil de fazer, a vontade de viver, de tentar mais uma vez e se proteger é forte. Já outras fazem. Ou tentam timidamente no início, treinam até ter sucesso. Ou se matam violentamente de uma vez.

Engoli em seco, perturbada. Pela primeira vez eu me via de acordo com uma visão clínica. Nunca tive coragem

de me matar, por que meu desejo de autopreservação era maior. De alguma maneira, lutei para sobreviver, mesmo em momentos em que o desespero parecia fatal.

Aquilo me deu um alívio que não entendi. Talvez uma certeza de que, ao final das contas, eu continuaria viva, independente de qualquer coisa, mesmo que minha vida fosse miserável.

Rose continuou a falar:

- Devemos ficar atentos nos sinais que as pessoas dão. Sentimentos de desamparo e desesperança, achar que

nada vai mudar por mais que se faça, perda de interesse nas coisas que as cercam e de energia, alterações bruscas de humor, de apetite, de sono, aversão e asco aos outros e a si mesmas, dores emocionais profundas que se refletem no corpo ... – Ela suspirou. – É complicado, Lara. Cada ser humano carrega suas desgraças. Alguns aprendem a lidar com elas. Outros não.

Eu sabia. Olhei em volta, calada. E então, uma moça chamou minha atenção.

Era bem jovem e estava sentada

em um banco sob uma árvore, muito quieta, quase como uma estátua. Sua postura era dura e rígida, sua expressão parecia morta, seus olhos parados. Enquanto a maioria demonstrava algo, se mexia, se mostrava, ela se isolava completamente. Era como se nem enxergasse à sua frente, os olhos perdidos no vazio.

Fiquei impressionada com sua falta de emoção e de reação ao que a rodeava. Era muito bonita, não devia ter mais que 18 anos. Mas não tinha viço, seus cabelos estavam repuxados para

trás, usava uma roupa disforme e comprida como se fosse alguma religiosa. Observei-a e por fim indaguei:

- Rose, aquela moça ali. O que houve com ela? Não está respondendo ao tratamento?

A psiquiatra seguiu meu olhar e sua expressão foi de lamento, de pena. Suspirou.

- Ela é nova na clínica. É um caso como muitos que vemos por aqui, mas com um agravante. Temos várias pessoas que sofreram abusos, inclusive

sexual. O estupro. Letícia é uma dessas vítimas, mas sofreu abusos do próprio pai desde muito pequena. Era praticamente uma prisioneira em casa. Só saía para ir à escola e voltava. Nunca se relacionou bem com outras pessoas, era a esquisita da sala, o motivo de risada dos colegas. E o tempo todo guardava em silêncio os abusos que sofria da pessoa que deveria defendê-la.

Eu senti um baque por dentro, uma dor parecendo me abrir como uma ferida. Mal pude respirar. Não consegui tirar os olhos dela. Parecia que era

comigo. E era. De alguma forma era.

- É horrível o que o ser humano é capaz de fazer, Lara. Inclusive com as crianças. Em todos os meus anos lidando com violências e agressões, com dores e depressões, nunca consegui me acostumar com essa covardia. – Sua voz penetrava em mim, mas parecia ter um eco, parecia tocar em alguma coisa solta dentro do meu peito. – As crianças sempre dão sinais. São os adultos que devem estar atentos e perceber. Por exemplo, se são espertas e alegres e de repente ficam tristes, caladas. Se

apresentam dores físicas, marcas. Ou ainda se começam a demonstrar um comportamento sexual natural não condizente com a idade. E tantos outros sinais.

Ela falou mais. No entanto, parecia ter havido uma cisão dentro de mim. Rose, sem saber, descrevia como foi comigo e, sem que eu pudesse controlar, as lembranças vieram, misturadas, doloridas, intensas. Por um momento eu parei de ouvir e mergulhei nelas. A alegria de viver que perdi, mas que por anos forcei existir. O sangue em

meu corpo, as feridas, as dores, os sons. O sangue em meu corpo, as feridas, as dores. Lembrei de uma vez em que meu ânus sangrava e falei com minha mãe, inclusive que saía uma pele, e se ela podia me levar ao médico. Ela nem me examinou. Lembro que me olhou de cara feia e disse que devia ser prisão de ventre, que sempre tive. Me daria um laxante. E não falou mais disso. Assim como recordei minha compulsão sexual quando nem tinha seios ainda, quando era apenas uma menina de dez anos. Os desejos que me arrasavam e que eu não

entendia, que pareciam naturais na época, mesmo com a dor. E que só fui entender como errado mais tarde.

Tentei escapar das lembranças. Continuei olhando para a menina sozinha, morta ainda que viva. E murmurei, interrompendo Rose:

- Como ela ... Como ela tentou se matar?

- Cortou os pulsos. Foi encontrada por uma das faxineiras ocasionais da casa. E levada ao hospital. Lá foi detectado um número absurdo de marcas em seu corpo e de

violência sexual. Ela vai precisar fazer uma cirurgia no ânus e até reconstrução vaginal. Foi muito torturada e espancada, anos a fio, desde muito pequena. O silêncio dela guardava suas dores. Ninguém nunca notou ou, se notou, fingiu não ver. É uma dura realidade. Letícia faz parte de uma estatística, que ninguém quer realmente saber qual é.

Eu olhei para a psiquiatra, dando-me conta que eu não passava daquelas duas coisas: silêncio e estatística. Sentia-me dilacerada, como

se ela soubesse tudo sobre mim, tirasse o véu que cobria minhas dores, me descortinasse sem pena. Veio tudo junto, subindo como se eu fosse vomitar. Não bÍlis e alimentos do meu estômagô, mas todas as verdades que estavam enterradas lá dentro, que ninguém nunca viu, que minha família ignorou, que minha mãe não percebeu.

Mas parei com o bolo na garganta. Porque com tudo, vinha a vergonha e o medo. Eu teria que confessar as culpas que tive, como tantas vezes fui acusada de provocar, até

acreditar. Agora, mais velha, eu identificava os abusos que vivi. Eu começava a me ver como vítima, e não como a garota saliente que instigava um homem. Não. Eu não era sedutora ou oferecida. Eu era uma criança, porra! Uma criança que ainda ia completar sete anos de idade!

E ali, fingindo que escutava o que Rose falava, naquele momento, eu procurava, em minhas lembranças, imagens de minha infância em que não estivesse sendo tocada ou violada por ele. A dor me engolfava, ardia em meu

peito. Eu ainda não tinha sete anos quando meu primo começou a abusar de mim, tocando-me, beijando-me, chupando-me e me mandando fazer coisas em seu corpo. Até que, aos oito anos, me estuprou. Essa violência se estendeu até os meus doze anos, quando fiquei menstruada e então ele parou. Parou de me violentar o corpo, mas continuou com os olhares cúmplices, com pequenos toques quando estávamos em família, como a me lembrar sempre do que fizemos, do que sempre teríamos para lembrar. Porém, nada disso

diminuía a vergonha das vezes que deixei, que fui, que me acostumei. Isso era o que acabava comigo. Que me consumia como uma doença.

- Lara, você está bem? – Ela franziu o cenho e pousou a mão em meu braço. – Está tão pálida. Desculpe. Não devia estar falando tudo isso, sei que é chocante.

- Não, eu ... – Sacudi a cabeça, tentando me controlar, não me entregar. Voltei a olhar para a menina e sussurrei: - E agora? O que será dela?

- Estamos tentando ajudá-la. Mas

foram muitos anos sozinha para aprender a confiar agora. Vai depender daquilo que falamos antes. O quão grande é o sentimento de autopreservação nela, Lara. É nisso que estamos tentando trabalhar. Uma vítima assim só se recupera com tratamento, muito apoio e conforto emocional, mas também com a força de vontade da mesma. A culpa que geralmente a vítima carrega, a sensação de que é suja, de que provocou de alguma maneira o abuso, deve ser aplacada. É aí que entra todo o tratamento, toda a motivação para não

fazer associação com essa culpa. A pessoa deve ter ajuda, amor, carinho, apoio, buscar fazer coisas que gosta, não fugir de sua vida, de suas rotinas, do convívio com outras pessoas. Mas no caso de Letícia, tudo é mais difícil. É como se tivesse se fechado em si mesma. Como se não visse nem escutasse mais nada.

Meus olhos ardiam, meu corpo todo parecia ter tomado uma surra. Eu queria cair no chão, me encolher e chorar. Eu queria acreditar que um dia poderia viver sem aquela culpa me

dilacerando. Queria ser corajosa e falar, pedir ajuda, suplicar. Mas eu era covarde, eu não me aceitava. Como alguém faria isso?

Lutei comigo mesma, olhando fixamente para Letícia. Tive vontade de ir até ela, segurar suas mãos, desabafar, falar que eu a entendia, que eu a ajudaria. Mas fiquei imobilizada, com muito medo. Até conseguir recuperar uma parte do meu controle e perguntar:

- E o ... o pai dela? O que aconteceu?

- Foi preso. Uma tia veio de

longe e está dando apoio a ela, a visita aqui, denunciou o próprio irmão. As pessoas não sabem, mas há leis para julgar e condenar esses abusadores. Soube que na prisão ele foi espancado e violentado. Até lá os bandidos não suportam estupradores, principalmente de crianças.

- Ele é um doente ... – Murmurei.

- Ah, Lara, as pessoas costumam achar que esse agressor é doente mental, mas muitos deles são pessoas normais, têm família, são queridos e nem levantam suspeitas.

Mais uma vez, suas palavras foram tão reais, tão certas, que fiquei chocada. Lembrei do meu primo, querido por todos, cheio de sorrisos, um comerciante local cheio de amizades. Livre de suspeitas.

Levantei-me de repente, sem suportar mais aquilo, como se fosse sufocar. Passei as mãos pelo cabelo, não tive mais coragem de olhar para a menina.

- Rose, pode me mostrar o banheiro?

- Claro. – Ela se ergueu, fitando-

me. – Tem certeza que está bem?

- Sim, certeza. – Tentei sorrir, mas mal consegui, angustiada, no meu limite. Fugi de seu olhar começando a caminhar e Rose me acompanhou.

Naquele momento vi Pedro caminhar em nossa direção sobre o chão gramado, o sol incidindo em seu cabelo e deixando-o mais dourado, assim como sua barba. O vento suave movendo o tecido branco de sua camisa. Aqueles olhos claros em mim, penetrantes, duros, mas com algo a mais, um carinho, um afeto, algo que me tocou profundamente.

Tive vontade de correr para ele, me jogar em seus braços, chorar e pedir que me protegesse. Mas continuei caminhando, um pé diante do outro, cada passo uma tortura, uma dor, um lamento.

Mas ver Pedro me deu forças. Segui em frente, olhos nos dele, sabendo que em algum momento eu teria que tomar uma atitude, todo meu passado explodiria. Muita coisa passou por minha cabeça. Pensei que o destino me tinha jogado ali, como se risse de mim. Ele me mandou para Florada, onde eu encontraria Pedro e Heitor, um que

estava envolvido com uma clínica que poderia me ajudar, o outro me olhava e cuidava de mim como se soubesse silenciosamente da minha dor.

E eu? O que eu faria?

Naquele momento nada. Minhas forças acabavam. E quando cheguei perto dele, não pensei, não falei. Só o abracei silenciosamente e fechei os olhos. Apenas isso.

CAPÍTULO 22

LARA

Saímos da clínica e fiquei calada, olhando pela janela a paisagem que passava, mergulhada dentro de mim mesma. Pedro também dirigia quieto, como se soubesse que eu precisava daquele tempo ou estivesse também imerso em seus próprios pensamentos.

A imagem de Letícia não saía da minha cabeça, assim como tudo que Doutora Rose havia falado. Imagens do passado e minhas constatações do presente também, virando tudo um

emaranhado só, confuso e dolorido, com algo que me espezinhava, me alertava de alguma maneira. O que? Eu tentava entender.

E então veio. Martelou em minha mente uma palavra que Rose havia usado. VÍTIMA. Eu estava surpresa ao finalmente entender a dimensão daquilo. Nunca me vi como vítima, mas como coparticipante da sujeira. Mas olhando de longe, como fiz naquela clínica, observando Letícia e o estrago em sua vida causado por uma pessoa em quem devia confiar, eu senti como era difícil

aceitar-se como vítima de uma agressividade quando se acostumava com ela, quando começava em uma idade em que não se tinha muito a noção das coisas, do certo e do errado.

E ali, juntando-se a tudo que eu já carregava comigo há anos, veio outro sentimento igualmente torturante: eu me senti traída. Eu tinha de seis para sete anos quando tudo começou. Durou até os meus doze. Era meu primo. Um homem bem mais velho que eu. Em quem minha família confiava, com um trabalho responsável, conhecido no local, cheio

de amizades, querido por muita gente, simpático, bom filho, bom sobrinho. Uma pessoa que devia me proteger, mas me violentava. Uma pessoa que me viciou, me fez oscilar entre a dor e a dependência, me fez despertar sexualmente precocemente. Era mais que uma traição, dele e da minha família, da minha mãe. Por que ninguém me protegeu?

Eu sabia que tudo havia começado quando minha mãe ficou com câncer e já era viúva. Ela saía para os tratamentos, ficou boa parte do tempo

internada para remover o tumor e o seio, depois tinha que ir para as sessões de quimioterapia. Então, eu ficava no apartamento dos meus tios, o irmão dela mais velho, Marinho, sua esposa Rosana, e os filhos deles, Rubinho e Marta, ambos bem mais velhos do que eu. E ali, tudo havia começado. As carícias, as bolinações, os toques. O “nosso segredo”, a “nossa brincadeira de papai e mamãe”. Ninguém viu, ninguém notou. Ninguém estranhou um homem trinta anos mais velho que eu me dando tanta atenção, me colocando no

colo, me levando para passear.

Mesmo depois que minha mãe voltou para casa, ela estava preocupada demais com medo de morrer, voltada demais para seu tratamento, cansada. E deixava Rubinho me levar para visitar a noiva, para comprar picolé, para ver a casa dele que estava em construção, como se ele estivesse fazendo um favor. Enquanto isso, abusava de mim no carro, me ensinava o sexo oral, me tocava e machucava. Ele viciava meu corpo ainda jovem demais para entender. Uma criança sente a sexualidade, mas não

está pronta para ela. Eu não estava pronta.

Por mais que eu me culpasse e tivesse certeza de que errei muito em aceitar e me calar, agora eu via claramente que não tive muita opção. Eu fui corrompida antes de ser estuprada. Gostava daqueles comichões em meu corpo, acostumei-me com o nosso “segredo” prazeroso, por isso ia com ele quando me chamava. Eram vislumbres de prazer, uma sensação primitiva, um instinto.

Não lembro como foi a primeira

vez que ele me violentou, depois de muito me bolinar e ensinar a dar prazer com a boca e com as mãos, com seus dedos em meu ânus. Mas lembro de estar no banheiro e tirar a calcinha ensanguentada, sentindo muita dor, ficando com muito medo. Pois sempre me alertou que eu era provocadora, que minha mãe sabia da minha “saliência” e todos me acusariam se eu contasse alguma coisa. Eu não entendia direito. Vacilava entre medo, confusão, acreditando no que me falava, desejando suas carícias e brincadeiras, temendo

sua violência.

Enquanto eu crescia, o sexo se tornava mais bruto. Porque eu começava a entender aquilo tudo, ver como era errado e proibido. E tentava evitá-lo. Isso o enraivecia e, quando me pegava, me machucava. Seu castigo era sempre o sexo anal, pois doía, me feria. Ficava mais bruto em força e posição. Feria meus mamilos em seios inexistentes, arranhava minha vagina com a barba, beliscava meu clitóris, muitas vezes até sangrar. Quanto mais o rejeitava, mais deixava marcas em mim. E ali não tinha

mais prazer, só dor, muito medo e vergonha.

Chocada, olhando a paisagem pela janela sem ver, eu oscilei encarando pela primeira vez de frente todas aquelas verdades. Ele era um homem, eu uma criança. Acabou com minha inocência e minha pureza da pior forma possível, seduzindo-me, despertando-me, deixando-me viciada, para depois me violentar. Eu era tão nova ainda! Tão sozinha! Acostumei-me com uma realidade que foi imposta a mim, até começar a ver o pecado ali e

minha cumplicidade. Pensei que nunca acabaria. Tinha pavor que alguém soubesse. E só pude me livrar das investidas quando menstruei. Então, meu primo parou. Mas eu não parei de me culpar e de ter medo. Muita coisa já tinha acontecido.

Até os 14 anos, eu me fechei em mim mesma, fiquei calada, triste, não queria sair de casa, me deprimi. Lutei contra meus instintos e minha dependência. Tinha recaídas, precisava me masturbar como uma doente, precisava me machucar e enfiar objetos

em mim. Meu corpo exigia. Então, eu chorava, me desesperava, me odiava. Tanto, tanto! Por fim, me revoltei. E aí caí no mundo.

Assumi meu corpo que despertava a atenção dos meninos, vestia-me de forma provocante, passei a transar com quem quisesse. Amigas compravam anticoncepcionais e camisinhas para mim e eu me dava a qualquer um. Não escolhia. Era apenas para satisfazer aquela necessidade, aquela compulsão, aquele latejar sem fim que nada nem ninguém satisfazia.

Era a louca, divertida, cheia de amigos e namorados, aquela que todos admiravam, pois não se importava com a opinião de ninguém.

Uma das maiores vergonhas da minha vida foi quando uma vez minha mãe me deu uma bronca horrível, pois estava com má fama, ouviu uns garotos falando de mim. E essa bronca ela deu na frente de meus tios e dos meus primos. Lembro-me de estar na sala e ficar muda. De olhar para Rubinho sentado no sofá e congelar pelo modo como me fitava, um meio sorriso nos

lábios, como se me dissesse: “ Viu como a culpa é sua? Como é uma putinha? Eu só fiz as suas vontades. Você sempre gostou, sempre provocou”.

Eu acreditei. CULPADA. VÍTIMA. Nunca fiz distinção, mas agora ... agora eu via tão claro que doía e me sentia tão traída daquele jeito.

Engoli em seco, perdida, cansada, arrasada. Não conseguia mais pensar. Era inútil, nada mudaria. O que fiz depois de tudo isso, as opções que tive, a minha compulsão por sexo, o modo como gostava de ser uma

desregrada na cama e na vida, já faziam parte de mim. Aquela era a Lara Maria Avellar. E eu teria que conviver com ela. Com tudo que ela trazia.

- Lara?

A voz de Pedro me assustou e por um momento eu havia até esquecido onde estava. Virei o rosto e o olhei. Lançou-me um olhar preocupado, atento.

- O que você tem?

- Nada. – Minha voz saiu fina, doída. Olhei para frente.

-Está estranha. As coisas que viu na clínica perturbaram você?

- Não.

- Então, por que está assim?

Diga.

- Pedro, estou bem. Só um pouco cansada.

Não o encarei, mas sentia que dividia sua atenção entre a estrada e mim. Recostei a cabeça e voltei a olhar para fora. Fiquei assim, uma tristeza mais forte do que tudo, me deixando muito cansada.

- Você não me convence. — Ele retrucou, mas não falei mais nada. Só queria ficar quieta, arrasada demais

para tentar mudar sua opinião.

Pensava nas desculpas que teria que inventar para que Pedro fosse embora da minha casa e Heitor não viesse me ver à tarde. Embora uma parte minha pensasse em usar o sexo como alívio, ser tão fodida a ponto de perder a razão e esquecer tudo, a prostração emocional era tão intensa que eu só precisava ficar em paz, em meu canto, lambendo minhas feridas. Talvez nunca me perdoasse por necessitar e gostar tanto de sexo, depois de tudo que passei. Ou talvez por isso.

Cheguei a sentir frio. Encolhi-me um pouco e só então me dei conta que tocava uma música no carro. O grupo Capital Inicial cantava “*Primeiros Erros*” e foi tão pessoal naquele momento que parecia uma mensagem para mim:

“(...)Se um dia eu pudesse ver

Meu passado inteiro

E fizesse parar de chover

Nos primeiros erros

Meu corpo viraria sol

Minha mente viraria sol

Mas só chove, chove

Chove, chove(...)"

Eu via meu passado, mas sempre em partes, quebrado, desconjuntado. Agora eu retornava a ele, eu embaralhava com o presente, e tudo trazia novas vertentes, uma nova dimensão. E uma visão de mim mesma, que não me aliviava em nada.

Ouvi a música, como se fosse minha. E então meus olhos notaram algo diferente. Tínhamos passado da entrada de Florada e seguíamos em frente. Na

direção da Fazenda Falcão Vermelho.

Virei-me para Pedro, surpresa.

- O que está fazendo?

- Vamos almoçar na fazenda.

Não era um convite. Era uma constatação, enquanto segurava o volante firmemente com uma mão só e fixava o olhar na estrada.

- Pedro, eu quero ir para casa.

Ele não disse nada. Suspirei.

- Quero ir embora. Estou cansada.

- Não vai se cansar lá.

- Não entendo. Por que está me

levando para almoçar em sua casa, com sua família? O que temos não é só sexo?

- Porque você está parecendo que precisa de companhia, morena. Embora ache que não. Não sei o que a perturba, mas ficar sozinha pensando não resolve nada. Então, fique quietinha. Vai se sentir bem lá.

Senti-me irritada com seu jeito mandão, mas ao mesmo tempo amansei com sua preocupação. Podia ser um cara durão, que não queria se envolver, mas assim como Heitor, tinha um lado protetor que me fazia sentir querida,

cuidada. E me dei conta que estava cansada demais para pensar. Talvez fosse bom me distrair um pouco. Embora eu duvidasse que fosse uma boa companhia naquele dia.

Fiquei quieta e apreciei a fazenda quando chegamos lá. Era arrebatadora, linda, imensa. Um paraíso na Terra. E só de ver aquela beleza toda, meu coração abrandou.

Pedro estacionou ao lado da casa. Respirei fundo quando saiu e abriu a porta para mim, sentindo-me abatida, sem ânimo para jogar conversa fora ou

fingir alegria.

Trocamos um olhar e ele segurou minha mão, silencioso, mas parecendo ver mais do que eu queria mostrar. Levou-me em direção à enorme varanda que rodeava a casa e meu olhos bateram em Heitor, sentado confortavelmente em um estofado ali, com os pés apoiados em uma mesa de centro, fumando um charuto.

- Lara Maria ... – Levantou-se, surpreso ao me ver. Deixou o charuto no cinzeiro e na mesma hora seu rosto se iluminou em um sorriso e se aproximou,

lançando um olhar a Pedro e dizendo em tom de brincadeira: - Em geral você faz um monte de merda, mas às vezes me surpreende com suas grandes ideias, irmão.

- Eu surpreendo sempre, vocês que não gostam de admitir. – Pedro disse no mesmo tom e soltou minha mão, pois Heitor já me abraçava.

Senti seu cheiro bom e reconfortante, apoiei a cabeça em seu peito forte, fui envolvida por seus braços que me deram a sensação deliciosa de estar em casa. Abracei-o

pela cintura e respirei fundo, precisando tanto daquele abraço, de tudo que me fazia sentir, que apenas aspirei fundo e fechei os olhos, protegida. Parte da minha dor cedeu.

- Que bom ter você aqui, Lara Maria. – Acariciou meu cabelo e segurou meu rosto, afastando-se o suficiente para me olhar com carinho, com aquele sorriso que iluminava seus olhos escuros. Parecia já me conhecer, me identificar sem demora, pois juntou um pouco as sobrancelhas e indagou: - O que houve?

- Nada. – Sorri. Mas não o convenci. Observou-me e lançou um olhar indagador a Pedro, que disse atrás de mim secamente:

- Não me pergunte. Nem a ela. Não vai responder mesmo.

- Não há o que responder. – Afastei-me de Heitor, sentindo falta dele, seu cheiro de homem misturado com o cheiro másculo do charuto. Mudei de assunto: - Não sabia que fumava.

- Apenas charuto e raramente.

- Quando ele está pensativo, analisando as coisas da vida. – Pedro

sorriu. – Aí senta aqui, olha as terras e fuma. Nisso vocês dois são iguais. Gostam de pensar demais. Para mim, um desperdício. Sou mais de agir.

- Sabemos disso. – Heitor piscou maliciosamente para mim: - Por isso que ele vive se metendo em confusão, Lara Maria.

Eu sorri das implicações bem humoradas deles, mais relaxada.

Convidaram-me para entrar e me encantei de imediato pelo casarão lindo, com decoração clássica e rústica, tudo com muita madeira, ambientes arejados,

estofados confortáveis, chão de tábuas corridas que brilhavam bem enceradas. Era como entrar em uma casa de fazenda do século passado, um retorno no tempo, em que os móveis eram feitos para durar, com qualidade e bom gosto.

- Tia ... – Heitor chamou quando pegamos o corredor. – Temos uma ilustre convidada para o almoço.

- Quem? – Ouvi a voz da senhora e logo chegávamos a uma cozinha imensa, com uma mesa enorme a um canto, onde já estavam acomodados Mario, Gabi com um lindo bebê loiro no

colo e Joaquim, conversando. Tia levava uma travessa fumegante de arroz para a mesa, enquanto uma cozinheira mexia algo no fogão.

Os olhos da senhora se iluminaram quando me viu. Todos sorriram para mim. A porta e as janelas de madeira dos fundos estavam abertas e de lá vinha uma brisa suave e a claridade do dia. Lá dentro havia um cheiro delicioso de tempero, de comida fresca e saborosa, de calor do fogão e calor humano. Foi tão simples e tão bom, que sorri de volta, dando-me conta

que a melhor coisa que Pedro poderia ter feito era me trazer ali.

- Lara! Mas que surpresa boa!

Tia deixou a travessa sobre a mesa e veio até mim, dando-me um caloroso abraço, cheio de acolhimento e carinho. Eu a abracei de volta, comovida de como pequenos gestos tinham um poder tão grande de acalmar, abrandar. Não nos dávamos conta de como um sorriso ou um abraço, dados na hora certa, podiam fazer mais do que mil palavras.

- Estou te abraçando pelo lado

esquerdo. – Tia explicou. – Porque num abraço terno e sincero, os corações devem ficar alinhados.

Afastou-se para me olhar, sorrindo. Achei aquilo tão bonitinho, que ri como uma boba, comentando:

- Que lindo, Tia! Agora só vou querer saber de abraçar assim. Mas só as pessoas especiais.

- Como eu. – Emendou Pedro, fazendo todos rirem.

Fui falar com o pai deles, que até sorriu para mim e segurou minha mão, fazendo-me sentir bem vinda.

Depois beijei Joaquim e Gabi, abaixando-me encantada para brincar com o bebê de 4 meses que eu tinha visto na festa de casamento de Micah e Valentina e se chamava Caio. Era grande, robusto, com grandes olhos entre o mel e o verde, uma penugem loira na cabeça. Ele riu e esperneou, balbuciando alguma coisa para mim. Fiquei apaixonada.

- Ai, que coisinha mais linda! –
Beijei seu pezinho nu e ele riu mais, sem dentes. Pedi a Gabi: - Posso pegar ele um pouquinho?

- Claro, Lara! Ele gostou de você. – Gabi me passou ele e ri quando agarrou meu cabelo, já querendo levar uma mecha para a boca.

- Esse garoto só vive esfomeado. – Joaquim disse orgulhoso, enquanto eu tirava com jeitinho meu cabelo e o acomodava no colo, movendo-o suavemente, dizendo baixinho:

- Sabia que você é o garotão mais lindo que já vi? Hein? – E o beijava sobre o punho fechado agora em meu dedo, fitando-me com curiosidade.

- É lindo mesmo. – Gabi sorria

para mim, admirando o filho com carinho. — Mas Lara, essa fase é terrível! Ele só quer saber de mamar, mamar, mamar! E ficar acordado de madrugada. Só vou ter outro filho daqui a uns cinco anos, depois que eu passar várias noites dormindo até me acabar!

Nós rimos e fiquei feliz com ele. Sempre adorei bebês. Eram criaturinhas encantadoras e um mistério para mim, mas que me atraíam demais. Quando fiz estágio de enfermagem, gostava de trabalhar no setor de recém-nascidos, só para vê-los e cuidar deles.

- Você tem jeito, Lara. –

Comentou Joaquim. – Tem vontade de ter filhos?

Eu o olhei e depois para Gabi. Então meu olhar resvalou em Pedro e Heitor, que me observavam. Não sei o que senti. Uma vontade junto com um medo. Sempre achei que não teria filhos, embora quisesse. Acho que pelo fato de pensar que nunca me casaria, que nunca teria estrutura para cuidar de alguém, tão mergulhada vivia em meu descontrole.

- Tenho vontade. – Fui sincera e voltei a brincar com Caio, que

balbuciava palavras inteligíveis em resposta.

- Lara! Que surpresa! – Eva tinha acabado de entrar na sala com Theo, ele carregando a filha que tinha a mesma idade de Caio.

- Oi, Eva. – Sorri para ela e nos beijamos no rosto. Cumprimentei-o também: - Theo ...

- Lara. Como vai? – Ele acenou para mim e sorriu. – Bom ter você aqui. Depois que provar a comida de Tia, não vai querer saber de outra coisa.

- Eu já estou adorando tudo.

Vocês são muito calorosos. Já me apaixonei por Caio e agora acho que vou me apaixonar pela filha de vocês também. Como é linda!

- Linda e geniosa. – Retrucou Eva, mas com aquele orgulho típico de mãe.

- Ela não é geniosa. – Disse Theo, segurando as costas dela contra o peito, sentada em seu braço, as perninhas penduradas. Usava um lindo vestido azul marinho, branco e vermelho, o que parecia deixar seus olhos mais azuis e vivos. – É decidida.

- Como o pai. – Eva lançou um olhar a ele e recebeu um intenso de volta.

Logo Cacá chegava e vinha me beijar no rosto. Acabei pegando também Helena no colo e no início me olhou séria, como se avaliasse se valia a pena me dar atenção. Parecia mesmo uma miniatura do pai, principalmente no jeito. Ri, brinquei com ela, mas por fim deu um gritinho e uma risada com a boca aberta e vazia, que me ganhou na hora.

Heitor disse que ia buscar vinho para o almoço e Pedro se ofereceu para

ajudá-lo. Os dois demoraram um pouco e, quando voltaram, estavam mais sérios, o olhar de Heitor analítico e profundo para mim, como se quisesse ver até minha alma. Podia jurar que tinham conversado sobre mim e agora me observavam mais atentos. Mas fingi não notar, tentando ser o mais natural possível.

Quando chegou a vez de sentar para almoçar, os bebês foram colocados em um grande chiqueirinho ali perto, cheio de brinquedos pendurados e coloridos que os distraíram, enquanto

seus pais se serviam.

O clima ali era bem de família e de almoço de domingo mesmo. Falavam de coisas da fazenda, negócios que foram fechados, um touro premiado que havia chegado. Comentaram que Micah e Valentina tinham ligado e avisado que estavam se acabando nas belíssimas praias do Caribe.

Eu fiz meu prato e os escutei, sentindo-me parte de tudo aquilo, de uma família. Há tanto tempo não participava de um almoço assim, que senti saudade, mas também relaxei mais,

apenas aproveitando. A dor e os pensamentos tenebrosos que me acompanharam no carro até ali tinham dado uma trégua, aliviado. Sentada entre Pedro e Heitor, vendo-os falar e rir, senti-me também protegida, amparada.

Provei a comida de Tia e, como Theo dissera, fiquei apaixonada. Elogiei e ela ficou toda boba, dizendo que eu precisava provar seu pão de queijo. Que era o melhor de Minas Gerais. Heitor implicou com ela, dizendo que estava ficando metida como Pedro, gerando risada geral em volta da mesa.

Mario comia com certa dificuldade, mas sem precisar de ajuda. Não passou despercebido a mim o modo como observava em volta com um ar de calma e orgulho, como se não houvesse lugar no mundo onde quisesse estar. E como Cacá dava atenção a ele, ajudando-o a segurar o copo para tomar o suco, recebendo um carinho no braço ou no cabelo com sua mão trêmula.

Eram pequenas coisas, nuances. Imaginei que com certeza a família Falcão tinha seus problemas, suas tragédias. Deviam sentir falta da

matriarca ali. Mas seguiam unidos, com carinho e respeito, com uma comunhão difícil de ser testemunhada. Cacá, Caio e Helena, além dos bebês que Eva e Valentina esperavam, cresceriam protegidos, felizes, com um lar de verdade. Como devia ser.

Afastei de mim a tristeza que queria voltar e me concentrei neles. Conversei quando me fizeram perguntas sobre a família, sendo superficial, explicando que havia perdido o pai bem cedo e era filha única. Que só tinha minha mãe, alguns tios e primos.

Quiseram saber o que tinha vindo fazer em Florada e mais uma vez falei o básico: Conhecer um pouco do Brasil, viajar, antes de decidir me estabilizar. Não contei a eles que estava nessa vida errante há sete anos, nem que não planejava voltar para casa.

Felizmente os assuntos foram diversos e logo eu ria quando comentaram algo sobre um casal da cidade, Tininha e Elvis. Gabi reclamou que ela já havia sido namorada de Joaquim e que deu em cima de todos os Falcão:

- Acho que nem meu pai escaparia dela! – Disse, meio invocada.
– Mas felizmente achou sua águia e deixou os meninos em paz!

- Águia? – Franzido o cenho, sem entender.

Todo mundo riu. Foi Pedro quem se virou para mim, explicando:

- Tininha foi em uma mãe de santo ...

- Mãe Menininha da Cigana Preta. – Completou Joaquim.

- Essa mesmo. – Pedro continuou: - E lá a mulher disse que ela

se casaria com um pássaro poderoso. Ela colocou na cabeça que era um de nós, um Falcão. Aí já viu. Mas ao final de tudo, Micah, com aquele jeito sacana dele, conseguiu convencê-la que seu prometido era o Elvis Presley da Silva. Fez uma salada danada, falando do cantor Elvis com aquela roupa de águia, misturando com o Elvis da cidade, que era na época noivo de Valentina.

- Na verdade, Micah queria escapar dos avanços de Tininha e ao mesmo tempo tirar Elvis de jogada, pois estava morrendo de ciúmes. – Heitor

riu.

Eles contaram tudo, inclusive das perseguições de Tininha a Elvis pela cidade, das cartas de amor dela, da sua moto raquítica. Eu chorei de tanto rir, sem acreditar em tanta loucura. Todos riam juntos, até Mario. Por fim, enxugando os olhos, indaguei:

- E cadê os dois, que ainda não vi por aqui?

- Elvis pediu licença na escola em que dá aulas e os dois foram viver aventuras na moto dela por aí. – Gabi sorria, sacudindo a cabeça. – Sabe-se lá

o que esses dois estão aprontando por esse mundo afora!

Falaram de mais peculiaridades da cidade e entrei no clima, adorando tudo, me divertindo demais. Nos deliciamos com a sobremesa, o café e então fomos todos para a varanda, para continuar o bate papo gostoso. Nunca me senti tão bem e à vontade, feliz por estar ali, por eles terem tirado todo peso e tristeza de cima de mim, pelo menos naquele momento.

Sentei-me em um pequeno sofá e Heitor se acomodou ao meu lado, bem

perto, passando o braço em volta do meu ombro com naturalidade, acariciando meu cabelo. Suspirei e me recostei nele, adorando seu carinho, o modo como sempre me fazia sentir bem e feliz. Sorrimos cúmplices um para o outro e, quando virei o rosto, dei com os intensos olhos de Pedro sobre mim. Ele estava sentado na ponta da mureta, braços cruzados no peito, bem sério, atento em nós. Pensei ter visto algo como ciúme e possessividade em sua expressão, mas na mesma hora desviou o olhar, frio, ignorando-nos.

Por um momento, temi que tivesse sido aquilo mesmo e que eu, de alguma maneira, estivesse me metendo entre ele e Heitor. Além de irmãos, eram amigos inseparáveis. Eu nunca me perdoaria se causasse qualquer desavença entre eles. Fiquei tensa com aquela possibilidade, pensativa.

Um trio não era uma coisa comum. Percebi como Tia lançava olhares para mim e Heitor e depois para Pedro, meio preocupada, meio sem graça, como se não soubesse o que pensar, como se indagasse a si mesma se

eu era namorada de um, de outro ou de ambos. Ela não seria preconceituosa, não cobraria nada, mas devia estar pensando, temendo que algo os separasse. Algo como eu.

Senti-me culpada com aquela possibilidade, mas não envergonhada. O que eu tinha com eles era de comum acordo. Desde o momento que não causasse desavenças, não me causava também nenhuma vergonha. Pelo contrário. Sendo só sexo ou não, Pedro e Heitor já tinham me dado muito mais do que qualquer outro homem. E eu ainda

não me sentia preparada para me afastar deles. A não ser que eu os atrapalhasse. Aí sim eu tomaria uma atitude.

Foi tudo melhor do que imaginei. Conversei, ri, dei uma volta com eles pelos arredores da fazenda, vi os cavalos, as construções, explicaram para mim mais ou menos como as coisas funcionavam por ali.

Fiquei encantada quando Heitor me mostrou os filhotinhos e cachorros, inclusive o filhote feliz que corria no meio dos outros e que eu o tinha visto salvando na cidade, quando pus meus

olhos nele pela primeira vez. Ali, já fui conquistada.

No final da tarde, depois de ter tomado café e comido o delicioso bolo de fubá com coco de Tia, avisei que teria que voltar para casa e que estava chegando a hora de trabalhar. Todos disseram para que eu aparecesse mais vezes e, quando Tia veio me abraçar, sorrimos uma para outra ao fazermos aquilo por nossos lados esquerdos, alinhando nossos corações. Ela disse perto do meu ouvido:

- Cuide-se, Lara. Fico feliz que

esteja saindo hoje daqui com olhos mais felizes do que quando chegou.

Nós nos fitamos e não pude negar sua constatação. Sorri e agradei:

- Obrigada. Eu amei tudo. – Não me contive e murmurei, como uma satisfação que devia dar a ela: - Não se preocupe. Nunca vou fazer mal a eles.

Tia entendeu que me referia a Pedro e Heitor, que estavam um pouco mais distantes, conversando com os outros. Ficou meio sem graça, segurou minhas mãos e foi sincera:

- Tem muitas coisas hoje em dia

que na minha época não tinha, Lara. Muitas modernidades. Confesso que ainda não me acostumei com tudo. — Meio embaraçada, continuou, com delicadeza: - Os meninos sempre tiveram esses gostos, quero dizer ... são mente aberta, essas coisas. Como você. Mas nunca trouxeram uma namorada aqui, uma namorada dos ... hã .. dois. Desculpe, não estou julgando. Mas é muita novidade. Só quero que sejam felizes. E você também.

Acenei com a cabeça. Quando a abaixei, Tia segurou meu queixo e me

fez olhá-la.

- Não fique com vergonha nem com raiva de mim.

- Nunca, Tia. Eu entendo.

- Você é uma boa moça. Sempre acerto nas minhas impressões sobre as pessoas. Seja feliz, faça meus meninos felizes, e está tudo certo. O resto não importa. Nem a opinião de ninguém.

- Apenas ... nos divertimos. — Assegurei, com medo que soubesse como gostava cada vez mais deles, como aos poucos se tornavam mais e mais importantes para mim. Beijeí sua

face, sorri, garanti: - Vai ficar tudo bem. Obrigada por tudo.

Eu entendi sua estranheza e sua preocupação. Tia amava os dois como filhos e queria vê-los felizes.

Na hora de ir, depois de me despedir de todos, fui sozinha com Pedro e Heitor até o carro. Pedro abriu a porta para mim e nos observou, enquanto Heitor me fitava e dizia terno:

- Nos veremos durante a semana. Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa, avise. Ouviu bem?

- Pode deixar. – Sorri, já com

saudades. Pensei em pedir que fosse comigo para o Falconetes ou em minha casa depois, mas eu ainda me sentia fragilizada. Não pensava em sexo naquele momento. Era como se ele e Pedro soubessem disso.

Calculei que Pedro tivesse contado a Heitor como fiquei depois de sair da clínica e eles resolvessem me dar um tempo, me fazer feliz com suas companhias naquele almoço e naquela tarde de domingo, não com seus corpos. Conscientes ou não disso, tinham me feito um grande bem.

Eu o abracei e nos despedimos com um beijo casto e um olhar que dizia muitas coisas. Heitor acariciou meu cabelo, me ajudou a entrar no carro e repetiu:

- Cuide-se. Nos vemos logo.

- Tá.

Pedro se acomodou ao volante, buzinou e se afastou com o carro.

Olhei Heitor pelo retrovisor, até ele sumir de vista. Então, virei-me e fitei Pedro, quieto, sério.

- Obrigada por ter me trazido aqui. Eu gostei muito. Nem pode

imaginar o quanto.

- Então, pelo menos alguma vez eu dei com uma bola dentro. – Resmungou.

Sorri e provoqueei-o:

- É, às vezes até que você é bonzinho, garanhão. Quando abaixa essa crista.

- Bonzinho? Acho que está me confundindo com Heitor.

- Não, estou falando de você. – Ergui a mão e acariciei o braço dele. Fui muito sincera: - Eu agradeço de verdade por ter me levado na clínica

hoje e depois trazido para almoçar na fazenda. Foi um domingo maravilhoso.

Pedro dirigiu só com uma mão. A outra segurou a minha, tirou-a do seu braço e levou-a aos lábios, beijando suavemente meus dedos, surpreendendo-me com o carinho espontâneo. Olhou-me daquele seu jeito intenso, voltando a prestar atenção na direção, dizendo baixo:

- Eu achei que a clínica não tivesse feito bem a você, morena.

- Mas fez. — Aproveitei a carícia, dando-me conta de que falava a

verdade. De alguma forma, aquela visita tinha mexido comigo, me aberto os olhos para várias coisas. Estava ainda melindrada, mas conformada, com muita coisa ainda para analisar. – Posso fazer um pedido?

- Pode.

- Quando voltar à clínica, posso ir de novo? Queria ajudar de alguma maneira. Não tenho dinheiro, mas gostaria de fazer algum trabalho voluntário lá.

- Fala sério? – Parecia surpreso.

- Muito sério. Me leva?

Pedro entrelaçou seus dedos aos meus e acenou com a cabeça, concentrado.

- Levo, morena.

Fiquei em silêncio. E pelo resto do percurso, ficamos de mãos dadas, ele dirigindo só com uma mão.

Lembrei-me de Tia, do seu gesto de me abraçar, coração contra coração, da maneira como pensei que aquilo valia mais do que mil palavras. Era assim que eu me sentia com Pedro naquele momento, seus dedos segurando os meus, me passando conforto, calor,

me fazendo sentir parte dele. Para que palavras?

Já estava em cima da hora para começar a trabalhar e ele me deixou no Falconetes. Mas antes de ir, encostou-se na porta fechada do carro, pelo lado de fora, e me puxou para seus braços, entre as suas pernas, seus olhos nos meus.

Eu estremeci por dentro. E o quis tanto que até doeu. Quando me beijou, bem gostoso, daquele seu modo de me tomar e consumir, eu o abracei forte e o beijei de volta. E ali, esquecendo o mundo e me rejubilando,

mais uma vez me dei conta da sorte que foi escolher Florada como parada. Naquele lugar eu estava vivendo os melhores momentos da minha vida. E me descobrindo como uma pessoa nova.

Graças a Pedro e Heitor.

Trabalhei naquela noite com a mente cheia de pensamentos sobre passado e presente, sobre meus traumas e o que ouvi na clínica, sobre aquele dia que passei na fazenda, um tanto distraída. Recebi algumas cantadas, saí de fininho, fui apenas simpática. Mas

somente quando já estava terminando meu turno, já que domingo não enchia muito, fui me dar conta que a cantora não havia se apresentado naquela noite.

Eu havia parado perto do bar para deixar os copos vazios e reparei na cara preocupada e irritada de Abigail, que falava com Dalila. Esta parecia plácida, quieta, apenas ouvindo enquanto passava um pano no balcão.

Seus olhos afiados concentraram-se em mim e, por um momento, apenas a olhei de volta, pois tinha um jeito que às vezes me deixava

nervosa, ainda mais toda de preto, com aqueles cabelos que quase se fechavam sobre seu rosto. Foi então que ouvi parte do que deixava Abigail estressada:

- Ela não teve nem a capacidade de falar com a gente, Dalila! Que absurdo! Sumiu, levou as coisas dela, não deixou nem um bilhete. Mulher ridícula! Metida! Cantora de merda!

Entendi tudo. Brunela Lia, que sempre se achou superior à Florada, havia ido embora sem mais nem menos, deixando as donas do restaurante na mão. Comecei a tirar os copos e

entregá-los a Dalila. Abigail respirou fundo e passou a mão pelo cabelo, com raiva.

- E ela sabia que na terça vamos ter comemoração aqui do aniversário do Falconetes. Falei com ela! Como vou arrumar outro cantor até terça?

Dalila continuava me olhando fixamente. Lembrei da nossa conversa outro dia, quando me disse que eu ainda cantaria ali. Um arrepio percorreu minha coluna e senti o coração disparar. Fiquei um momento parada, nós duas nos fitando. Era como se me mandasse falar.

Eu queria, mas ao mesmo tempo temia. Seria como fazer uma espécie de profecia se concretizar e eu não acreditava em nada daquelas coisas.

- Está ouvindo, Dalila? – Abigail olhou irritada para a irmã e depois para mim.

O restaurante já estava quase vazio, não havia ninguém perto. Com o coração ainda batendo descompassado, eu abri a boca e despejei:

- Eu posso cantar no lugar de Brunela.

- Você? – Abigail apertou os

olhos. – Lara, estou falando de um cantor profissional!

- Sou profissional. Já me apresentei em vários bares e na noite. Posso assumir temporariamente, até você contratar outro.

Abigail me encarava, como a comprovar se eu falava sério. Já estava prestes a dizer que poderia fazer um teste, mas Dalila disse serenamente:

- Deixe-a, Abigail. A hora da Lara chegou. Deixe-a cantar.

- Você sabia que ela era cantora?
– Perguntou à irmã. Como não teve

resposta, virou-se para mim. – Pelo amor de Deus, Lara! Se for verdade, fizer o teste e se sair bem, vamos conversar. Não posso ficar sem cantor aqui, ainda mais na comemoração de terça.

- Certo, faço o teste. – Nem pude comemorar, ficar eufórica, pois ser encarada daquele jeito fixo por Dalila estava me desestabilizando. Abigail suspirou, afastou-se e então me apoiei no balcão e perguntei:

- Como sabia desde o início que eu era cantora e me apresentaria aqui,

Dalila?

- Destino. – Piscou. Voltou a passar o pano no balcão, mas não tirou os olhos de mim. – Agora eles vão saber.

- Eles? Saber o que?

- Precisavam conhecer você primeiro, sem pressão. Eu, sem querer, falei o que não devia e os deixei alertas. Por isso foi bom esse tempo. Pensavam que a ameaça era a cantora, mas o tempo todo foi você. E enquanto isso, se envolveram.

- Do que está falando? – Eu

ficava cada vez mais ansiosa, perturbada. Sabia que falava de Pedro e Heitor. Defendi-me: – Não sou ameaça para ninguém.

O olhar de Dalila abrandou. Estendeu a mão direita e segurou a minha sobre o balcão. Uma corrente poderosa de energia me envolveu, quente e pulsante, surpreendentemente calma, deslizando pelo braço acima, se espalhando em meu corpo como um manto. Fiquei imobilizada, olhos arregalados.

- Eu sei que não. Sei o que

passou, a dor que carrega desde menina. Vi antes mesmo de você chegar. A ameaça é ao coração, seu e deles. Mas isso ninguém vai mudar. E não é ruim. Vai ser bom, ao final de tudo. Você vai ver.

Puxei o braço, respirando agitadamente, dando um passo para trás, chocada com suas palavras. Como Dalila sabia? “A dor que carrega desde menina”. Não pude acreditar. Meus olhos se encheram de lágrimas.

Dalila fez uma cara triste, como se estivesse arrependida.

- Me desculpe. – Murmurou. –

Eu sempre digo a mim mesma que vou ficar calada, mas é mais forte do que eu.

- O que ... como ...

- Deixe para lá. O destino vai agir. Ele sempre age. – Então, deu-me as costas e sumiu pela porta atrás do balcão.

Mas já tinha me deixado apavorada, cheia de perguntas sem respostas.

CAPÍTULO 23

HEITOR

No domingo, Pedro havia me contado que algo errado se passava com Lara, que tinha ficado abalada e triste quando saiu da clínica. A cada dia, Pedro tinha mais certeza de que Lara carregava algum segredo bem grande. Disse-me que, ao sair da clinica, tinha ficado tão preocupado, sentindo que Lara precisava de companhia, que a levou para almoçar com a gente. Eu o

parabenizei internamente por isso, por aquela sensibilidade, percebendo como se envolvia cada vez mais, mesmo sem querer ver e admitir.

Quando voltamos com o vinho, tentei não deixar transparecer minha preocupação. Sem precisar de palavras, eu e Pedro tínhamos percebido que ela não precisava de sexo, mas de conforto. Por isso, nem eu e nem ele nos oferecemos para ir até a casa dela.

Na segunda, liguei, conversamos ao telefone, achei-a mais animada. Mas não fui vê-la. Nem Pedro, que ficou em

casa, assistindo televisão, o pensamento parecendo a mil quilômetros de distância dali. Combinei de encontrar Lara na terça, cheio de saudade. Sabia que haveria festa no Falconetes e pensei que eu e Pedro poderíamos depois dormir com ela. Então, as coisas se acertariam sem precisarmos forçar nada.

Fomos juntos ao Falconetes em meu carro. Mesmo sendo dia de semana, estava cheio e movimentado, um clima de alegria no ar.

Theo e Eva, Joaquim e Gabi, também tinham ido nos carros deles e

nos encontraríamos lá. Afinal, não dava para negar a importância do restaurante em nossas vidas, na cidade e tudo mais. Até o nome tinha a ver com nossa família. Abigail tinha namorado Theo, nós namoramos Francesca, a irmã dela. Havia uma grande ligação entre nós e não perderíamos um aniversário do restaurante por nada.

Entramos, cumprimentamos várias pessoas, seguimos até uma mesa grande em frente ao palco, onde meus irmãos já estavam. Olhei em volta buscando Lara, mas estava cheio demais

e calculei que estivesse muito atarefada naquela noite.

Gabi e Eva tinham deixado Caio e Helena dormindo, com Tia e as babás, mas não demorariam muito. Conversavam animadas com uma viúva cinquentona da cidade, que trabalhava como recepcionista no escritório da Falcão na cidade. Joaquim e Theo estavam de pé falando com o delegado Ramiro, que como sempre usava um de seus chapéus pretos e estava todo elegante, até de blazer.

Pedro deu um leve tapa no

ombro dele e sorriu, provocando:

- Que isso, Ramiro? Está elegante, hein? Parece que vai a um casamento!

O delegado se virou, apertou a mão dele e a minha, cumprimentando-nos. Parecia mais animado do que o normal e estufou um pouco o peito, lançando um olhar à viúva na mesa e dizendo:

- Um casamento, por enquanto não. Mas um noivado, talvez.

- Você e Nair? – Eu indaguei e, quando ele concordou, todo orgulhoso,

estendi minha mão e sorri: - Parabéns, Ramiro. Fico feliz por vocês.

- Obrigado, Heitor. – Apertou firme a minha mão.

- Estava mais do que na hora de desencalhar. – Pedro provocou, divertido.

- Olha como fala comigo, moleque. Posso te prender! – Ramiro ameaçou de brincadeira.

- Não está mais aqui quem falou! – Ele ergueu as mãos.

Depois que o casal feliz se afastou de mãos dadas para dar a notícia

a outras pessoas, nós sentamos, pedimos uma rodada de cerveja e Joaquim deu uma risada, comentando:

- Até imagino o que Micah diria se estivesse aqui.

- O que?

- Que até o delegado Ramiro vai casar, enquanto vocês dois ficam pra titia!

Gabi riu com ele. Eva nos olhou sorrindo e Theo acenou com a cabeça, dizendo meio de lado:

- Seria bem a cara do Micah. Mas você o está representando bem,

Joaquim.

Ele ficou todo bobo.

- E quem disse que quero casar?

— Pedro ergueu uma sobrancelha. —
Passo a minha vez. To bem demais
assim!

- O Heitor quer. — Gabi piscou
para mim.

- Quero mesmo. — Admiti
tranquilamente e tomei um gole da minha
cerveja, passando os olhos em volta. —
Quem sabe dessa vez eu tenho sorte?

- Dessa vez? — Pedro me fitou.
Sabia que eu falava de Lara e não

estendeu o assunto, fechando um pouco a cara.

Tive vontade de implicar com ele, mostrar que o ciúme era uma prova de que o que dizia era só lorota. Que Lara estava mexendo muito com ele. Mas me calei. Por que não era a primeira vez que reparava naquele olhar e aquilo começava a me alertar.

Eu admitia a mim mesmo que gostava cada vez mais dela, que estava apaixonado. E me via tão feliz e realizado naquela relação que tínhamos, que não sentia ciúmes dela com Pedro.

Pelo contrário. A sensação que eu tinha era de pontas que se fechavam, lados que se encaixavam. Uma relação completa, até mesmo perfeita.

A minha tranquilidade, a agitação de Pedro, a alegria sensual de Lara. Estava animado e curioso para ver aquilo crescer, se fortalecer, ganhar espaço em nossas vidas. Parecia uma aventura, um sonho. Ela era uma mulher além do que sempre quis. Pedro era como uma parte de mim, sempre foi meu companheiro, meu irmão de alma. Ter minha vida entrelaçada a deles, para

sempre, era algo que eu desejava muito. Sem restrição, sem culpa. Naturalmente. Convenções nunca foram importantes para mim.

Agora começava a me questionar se Pedro pensava da mesma maneira. Eu percebia nele uma possessividade que nunca teve com mulher nenhuma. Ele, que sempre incentivou nossos trios, que sempre achou tudo aquilo normal, agora parecia ter ciúmes dela. Eu ia observar, ficar atento. Porque nunca queria ver meu irmão triste.

- Por que não escolheram uma

mesa do lado que Lara serve? –
Perguntei, pois a garçonete ali era outra.

- Não a vimos por aqui, Heitor. –
Explicou Eva.

Olhei em volta, realmente não a vendo em lugar nenhum. Mas poderia estar servindo a outra ponta ou perto do balcão. Já ia me levantar e procurá-la, quando as luzes se apagaram no restaurante inteiro e foi iluminado apenas o palco. Olhei para lá, curioso, um tanto surpreso. Só então reparei Abigail lá em cima, linda em um sinuoso vestido vermelho, toda maquiada, em

espírito de comemoração. Atrás dela havia uma cortina que nunca tinha visto ali e foi colocada só para o evento, tão vermelha quanto seu vestido.

- Caramba, Abigail quer impressionar esse ano! – Comentou Joaquim.

- Xiii ... – Pediu Gabi, curiosa quando a dona do Falconetes pegou o microfone. Todo mundo ficou em silêncio, prestando atenção nela.

- Meus queridos, sejam todos bem vindos. Desde que cheguei nesta cidade com minhas irmãs, eu soube que

era aqui que ficaria até morrer. E vai ser assim. Em Florada eu me casei. Duas vezes. E enterrei meus dois maridos. – Seus olhos passaram em volta e pararam em nossa mesa. Mais especificamente sobre Theo, com quem tinha tido um caso por anos e que todo mundo sabia que era o amor da sua vida. – Aqui eu me apaixonei e vivi os melhores anos da minha vida.

- Descarada ... – Eva murmurou, irritada, enciumada.

Theo olhou-a, sério. Mas segurou sua mão e não precisou dizer

nada. Seu olhar era de um homem que a amava, além de tudo. Acima de qualquer coisa. Não restava nenhuma dúvida sobre isso. Eva se acalmou e entrelaçou os dedos nos dele.

Abigail passou os olhos em volta, um tanto emocionada:

- Nesta cidade enterrei também minha irmã. Vivi coisas boas e ruins. Criei sonhos e os desfiz. Mas, acima de tudo, nunca pensei em sair daqui. Parece que Florada ganha nosso coração, basta a gente pisar neste chão. É inexplicável. – Respirou fundo.

Falar em Francesca me fez lembrar dela e sentir um misto de saudade e melancolia, de um tempo em que eu fui muito feliz e achei que havia encontrado a mulher da minha vida. Passou por minha mente as risadas que dávamos juntos, nossos gostos parecidos, como aproveitávamos todo momento para estarmos juntos.

— Eu só queria que soubessem como para mim é importante comemorar o aniversário do Falconetes, que além de contar muito da minha história e das minhas irmãs, também conta a história

de muitos de vocês que estão aqui. –
Continuou Abigail. – É o ponto de encontro de todos nós. Aonde pais, filhos, irmãos, famílias inteiras e amigos vêm para conversar, comer, beber, rir, passar o tempo. Por isso, queria que hoje fosse um dia especial. Infelizmente, no domingo, a cantora que eu havia contratado, Brunela Lia, nos deixou. E fiquei arrasada, pois não conseguiria chamar outro em tão pouco tempo. Mas, felizmente, tudo se resolveu. E melhor do que esperávamos. Quero apresentar a vocês, a nova cantora do nosso

restaurante. Não vou falar o nome dela. Para a maioria, não vai ser preciso. Apenas apreciem o espetáculo. Eu garanto, vale a pena. É tudo que eu queria no dia de hoje. Obrigada.

Todo mundo aplaudiu, a curiosidade causando burburinhos pelo salão.

- Quem será? – Gabi arregalou os olhos.

Eu olhei para Pedro. Ele me fitava fixamente. Lembramos a profecia de Dalila, dizendo que uma mulher ia chegar, uma cantora, trazendo dor com

ela, mudando as nossas vidas. Tivemos certeza desde o início que não era Brunela Lia. Pela primeira vez, algo que Dalila previa não se concretizava. Esquecemos o assunto. E agora uma nova cantora chegava.

Soube na hora quem era. Quem não precisava de apresentação. Quem cantara na despedida de solteiro de Micah com a voz linda e perfeita. A única que poderia mexer com nossas vidas, porque já o fazia. A mulher que trazia a dor. E também o amor.

Não sabia que era cantora. Mas

sabia que a veria no palco. Via a mesma certeza e surpresa nos olhos de Pedro, em sua expressão carregada. Quando um som suave começou a tocar e as cortinas foram se abrindo, nós olhamos para lá.

Em um canto do palco estava o músico com teclado e no outro o rapaz sentado com seu violão. Mas não foi neles em quem concentrei minha atenção e sim na figura no meio do palco, sentada em um banco alto, um de seus pés com o salto no chão, o outro no apoio do banco, em uma pose sensual. Era longilínea, esguia, a luz incidia meio

lilás sobre ela, sobre seu vestido preto e justo com uma fenda lateral, expondo uma pequena parte de sua perna dobrada. Segurava o microfone perto da boca, mas não cantava. Esperava, sua cabeça baixa, os cabelos longos e cheios de cachos brilhantes escondendo seu rosto. Mas não era preciso ver seus traços para saber de quem se tratava. Eu já sabia. Eu a conhecia com a palma da minha mão, cada pedaço do seu corpo, seu jeito, seus cabelos. Foi tão intenso seu poder sobre mim e todos os meus sentidos, que achei que podia sentir até

seu cheiro de onde estava.

Queria olhar para meu irmão, dividir com ele a surpresa e o choque inicial. Dalila não havia errado. Ela acertou na mosca, como sempre. Ficou aquele tempo todo calada, mas no fundo sabia que estava certa, que Lara se envolvia com a gente e tomava uma parte de nós. Mas não consegui tirar meus olhos de cima dela, ali no meio do palco.

Era apenas a confirmação do que eu já sentia. Não devia ser surpresa, a não ser o fato dela ser cantora. De resto,

eu já sabia que era importante. Eu já estava apaixonado por ela. Irremediavelmente.

Quando a voz emergiu de seu esconderijo e ganhou todo o salão do Falconetes, vibrante, intensa, quase uma coisa viva de tão profunda e exuberante, meu coração disparou tanto que pensei que saltaria do meu peito. Era além do que eu podia esperar, parecia ter vida própria, parecia penetrar fundo na alma. Porque não vinha pura. Vinha recheada de emoções:

*“Para quem quer se soltar invento o
cais*

Invento mais que a solidão me dá

Invento lua nova a clarear

*Invento o amor e sei a dor de me
lançar*

Eu queria ser feliz

Invento o mar

Invento em mim o sonhador

*Para quem quer me seguir eu quero
mais*

Tenho o caminho do que sempre quis

E um saveiro pronto pra partir

Invento o cais

E sei a vez de me lançar...”

(Cais – Milton Nascimento)

Eu estava abalado, tocado, imobilizado no lugar. Todo mundo ficou um tempo parado, absorvendo a beleza comovente da canção em sua voz forte e ao mesmo tempo doce. E então ela ergueu o rosto para a luz, banhada, iluminada, possuída. Lara estava toda ali, mais linda e completa do que um dia a vi, seus olhos resplandecendo, sua boca em uma sugestão de tristeza, mas

sua expressão de entrega e júbilo. Lembrou-me de sua expressão quando gozava, se dando toda, surpresa e contagiada, feliz por alcançar aquele pícaro, mesmo que ainda uma fragilidade iminente toldasse sua aura.

O Falconetes explodiu de repente em aplausos vigorosos, violentos, estrondosos. Mas eu não me movi. Nem Pedro. Eu o olhei e vi como estava impressionado, afetado, até mesmo transtornado. Não podia culpá-lo, sentia-me da mesma maneira. Estávamos diante de uma mulher que

veio para mudar nosso destino. Poderia parecer loucura acreditar tão piamente em uma premonição. Quando se recuperasse, meu irmão não admitiria, fugiria do óbvio. Mas no fundo ele sentia, como eu.

Não foi uma coisa de uma hora para outra. Lara começara a nos seduzir desde o momento que a olhamos pela primeira vez. Ela nos deixou loucos na cama e nos conquistou com seus olhos doloridos. Encantou-nos com seu jeito alegre e nos comoveu com sua tristeza. Entrou, entranhou, tomou e agora se

estabelecia de vez.

Olhei-a fixamente enquanto sorria para a plateia e se erguia lentamente do banco, linda, sedutora, sua beleza morena e gritante atraindo todo mundo, seu andar suave ao longo do palco, seu olhar rondando, buscando, viajando. Até que parou quando viu Pedro e a mim. Foi como se uma corrente elétrica me percorresse de cima abaixo. E ali, naquele instante, a surpresa e o choque me deixaram, se esvaíram. Ficou uma alegria como nunca senti antes, jubilosa, esperançosa. Eu

estava diante do amor da minha vida.

Sorri devagar, feliz, aceitando o fato. Meu corpo correspondeu, relaxando, esquentando, desejando. Não precisava esperar mais. Ela estava ali. Já era minha e do meu irmão. Já formava um elo conosco. E nenhuma dor a manteria longe de mim. Eu lutaria com unhas e dentes por ela, me desdobraria para fazer Pedro parar de espernear e aceitar, consolidaria com eles um amor que ia contra todas as convenções, mas era verdadeiro. E único.

A melodia chegava ao fim, da

música *Cais, do Milton Nascimento*. Os aplausos tinham parado. As pessoas esperavam por mais.

Lara disse suavemente ao microfone:

- Para mim é uma honra cantar aqui hoje, em uma data tão especial para todos. Cantar sempre foi o que mais amei fazer na vida. Costumo dizer que tenho uma canção para cada pessoa. E tantas que amo, que expressam o que sinto, o que vivo. – Sorriu, passou os olhos em volta, como se mil emoções a envolvessem e a fizessem brilhar.

Depois se voltou novamente em nossa direção e continuou: - Sou Lara Maria Avellar e hoje me apresento no Falconetes. Espero que gostem. Por que eu, já estou amando.

Nova onda de aplausos, gritos, assobios. Eu continuava hipnotizado por ela. E percebi que seu olhar só saía de mim para Pedro e dele para mim, intenso, vibrante, transbordante. Baixou o tom de voz, tornou-a mais rouca e não falou mais. Cantou. Para nós dois:

“Quando caminho pela rua lado a

lado com você

Me deixas louca

*E quando escuto o som alegre do teu
riso*

Que me dá tanta alegria

Me deixas louca (...)”

Era pura sedução, sedosa, provocante, tão deliciosa que caminhava delicadamente, cada parte de seu corpo em uma dança lenta, afastando os cabelos, sua voz como um canto de sereia. Sorriu para mim. Virou um pouco a cabeça, sorriu para Pedro, cantando,

dizendo o quanto a deixávamos louca. Não sei se os outros entenderam, mas para nós o recado não podia ser mais claro.

A música era para amantes. Talvez tenha sido a maneira que Lara achou para nos dizer como se sentia ali, naquela cidade, em nossa companhia. Mas quem ficou louco fui eu, enaltecido, excitado, dominado, apaixonado. E a acompanhei silenciosamente em cada sílaba, cada melodia, cada andar sedutor que dava. Emoções ganhavam a canção, deixavam-na mais corada, moviam seu

corpo, esquentavam seu olhar. E eu parecia sentir tudo, tão ligado a ela como se tivesse uma corda invisível nos amarrando um ao outro.

*“(...)E quando sinto que teus braços
se cruzaram em minhas costas*

*Desaparecem as palavras
Outros sons enchem o espaço
Você me abraça, a noite passa
E me deixas louca(...)”*

(Me Deixas Louca - versão em

*português do bolero do compositor mexicano
Armando Manzanero, assinada por Paulo
Coelho)*

- Eeeeeehhhhh ... – As pessoas gritaram, aplaudindo sem parar.

- Nossa! Que maravilha! – Exclamou Gabi, impressionada.

- Eu tinha percebido como a voz dela era linda aquele dia no restaurante, mas é ainda mais aqui, cantando assim ... – Completou Eva.

Eu não as olhei. Observava a felicidade no rosto de Lara, o modo

como agradecia à ovação, mas nos fitava esperando uma espécie de aprovação, um quê de ansiedade em sua expressão, um pedido mudo por algo. Estava lá, tão linda e exuberante, mas com um olhar de menina. Sorri para ela, com tudo de mim, com o amor que sentia e se alastrava, me deixava fascinado. Tive vontade de ir naquele palco e tacas-lhe um beijo cinematográfico, gritar minha alegria para todo mundo, dançar como um tolo.

Talvez tenha notado isso. Seu sorriso aumentou, cheio de promessas. E

fitou Pedro, mais insegura. Não havia sido uma declaração de amor no palco, mas deixou claro como se sentia em relação a nós. Para quem disfarçava tanto os sentimentos, foi uma coisa e tanto.

Fitei meu irmão. Ele estava até um pouco pálido, sua expressão fechada, seus olhos sombreados por sentimentos perturbadores. Tive vontade de sacudi-lo, dar um esporro nele, falar que não adiantava lutar daquele jeito. Eu não queria que se privasse do que sentia, que se fechasse mais uma vez por medo

de amar e de reconhecer aquele amor. Estava na hora de Pedro parar de fugir, sempre achando que uma mulher poderia fazer com ele o mesmo que nossa mãe fez com nosso pai. Eu o conhecia como a mim mesmo. E tinha certeza de uma coisa: estava completamente apaixonado por Lara.

Pedro ergueu-se de repente. Parecia um animal enjaulado, prestes a atacar. Veio até mim, nervoso.

- Me dê a chave do carro, Heitor.

- O que? – Franzi o cenho.

- Vou embora. Volte com Joaquim ou Theo.

- Pare de besteira, Pedro. – Ergui-me também, sério, fitando-o dentro dos olhos. – Vai fugir?

- Isso é problema meu, porra. – Disse entredentes, como costumava ficar quando estava prestes a perder o controle. Respirou fundo. – Cara, estou pedindo. Me dá a chave do carro. Preciso sair daqui.

- Vamos conversar lá fora um pouco.

- Agora não. Heitor, preciso da

chave. Depois conversamos. Me deixe sair, antes que faça uma merda.

- Que merda? – Fiquei tenso. Baixei o tom: - Lara cantou pra gente. Ela vai ficar arrasada.

- Se importa mais com ela do que comigo? – Seu olhar era raivoso. Estava realmente por um fio e passou a mão pelo cabelo. – Deixa pra lá. Vou pedir o carro de Joaquim.

- Porra, Pedro. Espere. – Sabia que estava irracional. Fiquei preocupado que dirigisse daquele jeito. Ainda estava com o rosto arroxado

depois da última vez que saiu todo nervoso. – Eu levo você em casa.

- Não. Fique. Eu ...

- Já disse que levo você. Só me dê um minuto. Me espere perto do carro.

Parecia que ia reclamar, mas estávamos ambos exasperados, alterados. Acenou com a cabeça, virou-se e, sem se despedir de ninguém ou dar satisfação, afastou-se pisando duro.

Theo se levantou, a ruga entre suas sobrancelhas demonstrando preocupação.

- O que ele tem? Algum

problema? – Parou perto de mim.

Suspirei. Podia ouvir as pessoas pedindo mais músicas, os primeiros acordes de uma canção, mas só a melodia. Olhei para o palco e Lara me fitava, indecisa, apreensiva. Voltei-me para Theo.

- Pedro é um cabeça dura, Theo. Esse é o problema.

- Isso sempre funcionou para vocês enquanto não rolava sentimentos. Mas está ficando sério, Heitor. – Disse baixo. – Pedro é possessivo.

- Eu sei. Mas acho que sei lidar

com ele. Vou levá-lo para casa, conversar. Não se preocupe, tudo vai dar certo.

Ele não disse mais nada, mas eu sabia o que pensava. Theo era o mais possessivo de todos nós. Ele nunca admitiria um trio ou um homem tocando em Eva. Aceitava nossos gostos e opções, não julgava, mas temia que quando houvesse sentimentos, eu e Pedro acabássemos brigando por uma mulher. Temia por nós, por nossa amizade maior que tudo, por nossa família.

- Vou cuidar disso. – Garanti.

- Eu sei que vai, Heitor. – Sua confiança em mim, apesar de tudo, me deu mais forças. Acenamos um para o outro, olhei para meus irmãos, dei um sorriso amarelo e caminhei até a lateral do palco.

Lara, que não tirava os olhos de mim e não voltara a cantar, deixando apenas os músicos tocando, imediatamente foi para perto da escada na lateral, atrás da cortina. Por sorte ela nos escondia dos outros.

- Heitor, o que aconteceu? –

Estava ansiosa, nervosa. – Pedro ...

- Não é nada sério. Posso te explicar amanhã, Lara Maria? Vou levar Pedro em casa.

- Mas ...

- Garanto, vai ficar tudo bem. – Puxei-a para mim, beijei seus cabelos, tive vontade de não soltá-la.

- Eu cantei para vocês, pensei que gostariam ...

- Nós gostamos. Agora escute. – Segurei seu rosto e fitei-a dentro dos olhos, ouvindo o público começar um coro de “Mais um!”, para que ela

voltasse ao palco. – Não fique triste nem preocupada. Cante. Divirta-se. Aproveite esse momento. Estão todos esperando você e quero que seja perfeita, como foi agora. Promete isso para mim? Amanhã volto e conversamos sobre tudo.

- Está bem, Heitor. – Mas continuava apreensiva. – Estou preocupada com Pedro.

- Não fique. Agora vá fazer seu show. Esqueça todos os problemas. Só cante. Faça isso por mim.

- Sim. Eu farei.

Beijei-a nos lábios, não como eu queria, mas apenas para acalmá-la e ao meu próprio coração apertado. Abracei-a um momento e empurrei-a de leve.

- Até amanhã, Lara Maria.

Doeu ver seus olhos preocupados, ter que deixá-la. Mas era por pouco tempo.

Quando descí e me afastei, senti ainda seus olhos em minhas costas. Mas segui em frente. Pedro precisava de mim.

CAPÍTULO 24

PEDRO

Eu não sabia o que era aquilo.

Tomava conta de mim como se um demônio me possuísse, fazendo-me parecer outra pessoa, desconhecendo-me. Eu ardia e pulsava, estava sufocado por sentimentos e humores controversos, onde a fúria era o maior deles. Sentia vontade de dar uns socos, extravasar, gritar. Porque aquele não era eu. E eu queria voltar a ser eu mesmo.

Heitor dirigia, calado, como se me desse um tempo de me acalmar, de pensar e pesar as coisas. Era sempre assim. Ele nunca se alterava, nunca perdia a cabeça. Era seguro, dominava as emoções, se entregava a elas de bom grado. Dor ou amor, não importava. O que viesse, Heitor sabia tirar de letra. Olhei-o, revoltado:

- Tem horas que você me irrita.

- Posso garantir que você me irrita muito mais. – Deu-me um olhar impaciente, como um adulto para uma criança rebelde.

- Pois não parece. Por que não grita, fica puto?

- Porque não estou puto, Pedro. Pelo contrário, nunca me senti tão bem, tão em meu lugar. Será que não vê isso?

Observei-o. Não estava alterado nem assustado. E me dei conta que somente eu parecia dominado por aquele medo esquisito.

Passei a mão pelo cabelo, respirei fundo. Eu queria entender por que estava tão nervoso, por que tive que sair daquele restaurante às pressas. A imagem e a voz de Lara me perseguiram,

assim como as coisas que Dalila tinha falado um tempo atrás. Nunca gostaria de admitir, mas eu temia acreditar nela. E como não fazer isso, se Lara me perturbava além da conta, se tirava meu chão e me deixava sem saber o que era aquilo tudo dentro de mim?

- Pedro ... – Heitor começou. Eu sabia o que diria. Por isso, o interrompi logo:

- Não acredito nessa baboseira da Dalila. Certo, estou a fim de Lara e você também. Ela é um furacão na cama, é uma mulher atraente, mexe comigo

mais do que qualquer outra. Mas sabe qual o nome disso, Heitor? Tesão. Um tesão filho da puta. Então, nem comece com o discurso que preparou. Não quero ouvir.

- Só tenho uma pergunta. Se é apenas isso, por que saiu correndo do restaurante?

- Não saí correndo.

- Não?

Olhei para fora. Os faróis do carro faziam as árvores em volta parecerem fantasmagóricas à noite. Era tudo meio sombrio e pesado, como eu

me sentia.

Sabia que Heitor me dissecaria. Eu não mentia para ele. Podíamos nos desentender sobre algo, mas nos conhecíamos e éramos sempre sinceros um com o outro. Por isso, falei:

- Ela tem algum poder sobre mim. Não sei se é a atração física muito forte ou esse algo que traz de frágil. Sei que é a mulher que mais se adequou aos nossos gostos. Mas não é amor, Heitor. Você sabe que não vou me apaixonar por mulher nenhuma, que isso está fora dos meus planos. Eu vou foder um monte

delas até ficar velho e morrer, vou me divertir, ser livre e desimpedido. Nunca vou deixar nenhuma delas se meter em minha vida, dizer o que posso ou não fazer.

- Você parece que vive em uma guerra. Essas coisas a gente não escolhe, acontecem.

- Ah, não vem com esse papo! Escolhemos tudo na nossa vida. Desde que sapato usar até com quem vamos transar. – Desabafei.

- Pedro, não vejo as coisas como você. Um relacionamento não é uma

tragédia, não significa abdicar dos seus gostos e prazeres, nem ser dominado por outra pessoa. Veja nossos irmãos. Já viu Joaquim, Theo e Micah mais felizes do que agora?

- No começo, tudo são flores. –
Fui cínico.

- Para nenhum deles foi flores. Mas estão felizes, realizados, com filhos. Qualquer relacionamento é um risco de dar certo, como tudo na vida.

- Não me importo. Não quero isso para mim.

Heitor se calou. Eu quis chegar

logo em casa, me sentia aprisionado ali. Não me entendia e me revoltava achar que Heitor parecia saber mais sobre mim do que eu mesmo. Por que eu sabia o que ele pensava. Foi o que falei:

- Você acha que estou apaixonado por Lara e lutando contra.

- Mas é isso.

- Não é.

- Tem certeza? De verdade?

Não quis pensar naquilo. Não conhecia aqueles sentimentos nem os queria em mim. Olhei para ele diretamente.

- Você está apaixonado por ela, irmão?

- Estou. – Disse simplesmente.

- Mais do que estive por Francesca?

- Mais. Eu amo a Lara Maria.

Senti um aperto no peito, uma agonia esquisita. Acenei com a cabeça.

- Vou cair fora. – Afirmei.

- Vai nada, porra! – Por fim, acho que consegui irritá-lo. Olhou-me bem sério, furioso, dividindo sua atenção entre a estrada e a mim. – Escute bem o que vou falar, Pedro. Que

você é cabeça dura, isso eu sei. Mas não é burro. Sabe que amo você como irmão e como amigo. Que daria minha vida pela sua num piscar de olhos e sei que faria o mesmo por mim. Já nos divertimos muito nessa vida e isso não vai acabar. Nada, mas nada mesmo, vai se meter entre a gente. E não é isso que a Lara Maria está fazendo. Ela veio para nos unir mais, de uma maneira que nem nós achávamos que pudesse ser possível. Então, não comece de palhaçada agora, por causa de um medo idiota de se apaixonar. Estamos nessa

juntos e, se mais tarde, decidirmos que não vai dar certo, vamos conversar como dois adultos.

- Estamos conversando como dois adultos!

- Estamos nada! Está de cabeça quente, falando em cair fora quando sabe muito bem que quer ficar. Acha que posso aceitar isso? Com Francesca foi diferente, você não a amava, só se divertia. Foi fácil pra todo mundo. Agora é diferente.

- Eu tomo minhas decisões, Heitor! – Disse, raivoso.

- Toma, sempre toma. E vai tomar, mas esfrie essa cabeça primeiro. Não está sozinho nessa, irmão.

- Não vai me convencer do que não quero.

- E quando fiz isso, Pedro?

Seu olhar magoado foi o que me acalmou. Cerrei os punhos no colo.

- Não minta para mim. Sabe que conheço você e quero seu bem. – Heitor disse com coerência, sincero. – Só me prometa que vai esfriar essa cabeça, pensar, não tomar nenhuma decisão precipitada. E que vai conversar

comigo, como sempre fizemos. É só o que peço.

Parte da minha ira inexplicável se foi. Olhei para frente, um pouco cansado, odiando me sentir tão perdido. Mas no fundo, eu sabia que ele tinha razão. Eu não estava em condições de tomar decisão nenhuma. E ainda não me sentia preparado para deixar Lara de vez, nem para deixar o trio e aquilo que nós três tínhamos juntos.

- Pedro?

- Certo, irmão. Vou pensar e me acalmar.

Heitor relaxou.

Seguimos o resto da viagem em silêncio.

Quando chegamos à fazenda, pensei que me deixaria lá e voltaria ao Falconetes, mas levou o carro para o estacionamento lateral. Eu o encarei.

- Não vai voltar?

- Não. — Heitor abriu a porta do carro e saiu. Fiz o mesmo.

- Volte para lá. Estou bem, cara.

Caminhávamos lado a lado até a varanda quieta e iluminada.

- Vou confessar uma coisa,

Pedro. Também estou mexido com isso tudo. Tem horas que acho que não sei mais de nada. E nessas horas, só tem uma solução.

- Qual?

Subimos os degraus e ele apontou para os sofás ali:

- Encher a cara. Vou pegar umas cervejas pra gente. E um charuto pra mim. Depois disso, tudo vai parecer moleza.

Vi que falava sério e acabei relaxando também.

- Você sempre diz que encher a

cara não resolve merda nenhuma.

- Tem suas exceções. Senta aí.

Por fim, me dei conta que não queria mesmo ficar sozinho, andando de um lado para outro no quarto, remoendo meus sentimentos. Acenei com a cabeça e caminhei para o sofá, reclamando:

- Você sempre me tratando como se fosse o irmão mais velho e não eu.

- Em maturidade, você é um moleque ainda! – Debochou e entrou em casa.

Sentei e acabei rindo.

HEITOR

Não chegamos a grandes conclusões depois da bebedeira nem discutimos nossa relação com Lara Maria. Foi como nos velhos tempos, apenas um bate papo sem fundamento, mas meio nostálgico. Relembramos o passado, momentos vividos na fazenda, diabruras que aprontamos. Acabamos rindo, discutimos negócios, falamos de

Micah e sua alegria em estar de novo no meio familiar. Comentamos que nunca vimos nosso pai tão em paz consigo mesmo. E assim, tanto eu quanto Pedro estávamos bem e relaxados quando Joaquim, Gabi, Theo e Eva retornaram.

Elas foram ver as crianças, mas nossos irmãos nos fizeram companhia e tomaram uma cerveja. Nem parecia uma terça-feira e que todo mundo teria que levantar cedo no dia seguinte. Foi um daqueles momentos simples e especiais da vida, em que estávamos apenas em casa, em boa companhia, jogando

conversa fora. Como se nada na vida pudesse nos abalar ou destruir aquele momento. E ao final de tudo, senti Pedro normal, controlado, bem. Isso me aliviou e acalmou.

Na manhã seguinte, demorei a sair da cama. Acordei cedo como sempre, mas fiquei lá, pensando em tudo que tinha acontecido. Minha preocupação tinha cedido e eu acreditava que meu irmão acabaria aceitando seus sentimentos por Lara. Eu sabia que nada seria fácil. Um trio não era coisa comum por ali. E ela tinha

seus próprios demônios a enfrentar. Mas nada disso me desanimou.

Senti muita saudade dela, vontade de saber como tinha ficado, como se sentia. Eu queria sua companhia, seu corpo, seu cheiro. E a necessidade, a saudade, foram tão fortes que não consegui resistir. Liguei para um dos capatazes da fazenda, avisei que tiraria o dia de folga e que, qualquer problema, era para me ligar. Então, tomei banho, vesti um jeans surrado, uma camisa azul clara, botas, enfiei meu chapéu na cabeça e descii para tomar

café da manhã.

Somente Tia estava lá. Meus irmãos já haviam saído e ela me olhou preocupada.

- Meu filho, o que aconteceu?
Não está se sentindo bem?

- Estou ótimo. – Sorri e beijei sua bochecha, antes de me servir de café.

- Mas nunca acordou tão tarde ...
Está doente?

- Não, Tia. Resolvi tirar o dia hoje para mim. – Fitei-a com olhos brilhando. – Posso pedir um favor?

- Claro! – Parou ao lado da mesa, ainda meio preocupada.

- Teria como preparar uma cesta de piquenique para mim? Vou até a cidade buscar Lara Maria e levá-la para conhecer a fazenda.

Seu rosto se abriu em um sorriso.

- Ah, que bonitinho! Claro que faço a cesta! Ela vai adorar tudo, tenho certeza. – Aproximou-se e fez um carinho em meu cabelo. – Filho, quero tanto que você seja feliz. É um rapaz de ouro. Sempre foi.

- Que isso, Tia ... – Emocionado, segurei sua mão e depositei um beijo. Fitei-a com amor. – A senhora que é uma mulher de ouro, inigualável. A melhor mãe que nós poderíamos ter tido. Sem a senhora, essa família não seria nada.

- Ah ... – Ficou com os olhos cheios de lágrimas. Abraçou-me forte, acariciando minha cabeça contra sua barriga como se eu fosse uma criança. – Para mim, vocês são minha família. A única que sempre quis.

- Então, estamos todos felizes. –
Abracei-a de volta.

- Mas sua mãe ... – Tia se afastou o suficiente para me olhar, sincera. – Sempre amou vocês. Sempre. Alice era sensível demais, passou por muita coisa. Mas nunca deixou de amar vocês.

- Eu sei disso.

E acreditava mesmo naquilo. Lembrava dela, seu olhar doce, seu carinho. Infelizmente, a tristeza que carregava tinha atrapalhado tudo e a levado a cometer erros. O que era triste, trágico.

Tia se afastou e secou os olhos disfarçadamente. Pensativo, indaguei:

- Acha que ela amava mesmo Pablo Amaro, Tia?

Parou perto da pia, recostou-se ali, olhou para fora da cozinha pela porta aberta que dava para os jardins dos fundos, da minha mãe. Quando me fitou de novo, estava mais branda ainda.

- Sabe, Heitor. Vivi aqui desde muito nova, quando era apenas ajudante de minha mãe. Vi Mario se casar com Alice, trazê-la para cá e tudo que aconteceu depois. Não sei ao certo o que sua mãe sentia, ela era muito fechada, muito introspectiva. Mas uma

coisa eu sei.

- O que?

- Ela amava seu pai.

Aquilo me surpreendeu. Fiquei quieto, sem entender. Para mim, a causa de tudo era exatamente a falta do amor dela por meu pai e sua paixão por Pablo.

- Eu via o modo como o olhava, principalmente quando ele não estava notando. Ela o comia com os olhos, em um misto de amor e temor. Havia algo ali, que nunca entendi. Dava para sentir a energia entre Alice e Mario quando

estavam juntos, quando se olhavam ou tocavam. Dos dois. E sinto muita tristeza, meu filho, por ter dado tanta coisa errada. Por que no fundo, sei que se amavam. Demais.

- Mas Tia ... Ela traiu meu pai. E depois tentou se matar.

- O que aconteceu entre Alice e Pablo, só eles sabem. – Suspirou, melancólica. – Teve uma vez, que seu pai treinava um cavalo e o curral era quase aqui em frente. Ele estava suado, já tinha sido derrubado do cavalo selvagem várias vezes, cheio de poeira,

irritado. Mas se erguia e voltava a insistir, até que domou o animal. Lembro que cheguei na varanda e Alice estava lá. Tinha ficado o tempo todo observando-o. Ela não me ouviu chegar. E quando vi seu rosto ...

Calou-se. Fitou-me, como se recordasse.

- Nunca vi uma mulher olhar para um homem daquele jeito. Ela estava como que hipnotizada, sem piscar, sem respirar. E seus olhos eram de amor, paixão, admiração, desejo, desespero. Sem disfarces. Ali eu soube,

Heitor. Por um tempo, eles viveram bem aqui. Lembro disso. Mas então, toda tragédia veio à tona. Até hoje não sei por que deu tudo tão errado, se havia tanto amor. – Sacudiu a cabeça. – Claro, isso sempre foi o que eu achei, o que eu observei. Seu pai não acreditaria. Não sei. Mas eu acredito.

Fiquei tocado com suas palavras e vi minha mãe com outros olhos. Sabia que Tia não mentia e era uma mulher muito observadora. Mas saber que ambos se amaram tanto e não ficaram juntos até o fim, passaram por tanta

coisa, doía. Assim como me enchia de pesar saber que meu pai passou a vida toda esperando aquele amor, acreditando nunca ter sido retribuído.

- Deixa pra lá. Nada mais pode ser mudado. Uma vez, tentei conversar sobre isso com Mario, mas ele não quis ouvir. Nunca gostou de falar assim sobre ela. Mas talvez, no fundo, ele saiba. — Sorriu tristemente para mim.

Sempre achei que Tia tinha uma paixão do passado por meu pai. Nunca falamos sobre aquilo, tinha medo de fazê-la se sentir envergonhada,

devassada. Mas ali, olhando-a, tive certeza daquilo. E imaginei como teria sido sua vida, acompanhando toda a história dele, calada com seus sentimentos.

Levantei e fui até ela, abraçando-a forte, com carinho. Na mesma hora, abraçou-me de volta. Não dissemos nada por um momento, só ficamos assim. Por fim, murmurei:

- Sempre amei minha mãe, Tia. Assim como sempre amei a senhora. É como se tivesse tido duas mãe. Só que, além de tudo, cuida da gente até agora.

Quero apenas saber uma coisa.

- O que?

Eu a olhei, sem soltá-la. Passei os olhos em seus cabelos grisalhos, suas rugas entrecruzadas abaixo dos seus olhos, sua expressão bondosa, terna, única, permanente em minha vida como um ponto de referência.

- A senhora é feliz? – Indaguei baixo, atento.

Tia sorriu. Não havia sombras em seu olhar, nem lamentos naquele sorriso. Emocionou-se.

- Muito, meu filho. Tenho a vida

que sempre quis. Eu não mudaria nenhuma das escolhas que fiz, se pudesse voltar no tempo. Aqui é meu lugar. Sou muito feliz. E serei mais o dia em que você e Pedro estiverem realizados totalmente, casados, com filhos, bem como seus irmãos. Então, tudo será completo.

- Ah, Tia ... – Abracei-a de novo, aliviado com sua resposta, mas também tocado, cheio de amor. – Nós temos uma sorte danada em termos a senhora em nossa vida.

- Bobo ... – Riu, mas toda feliz.

Saí da fazenda naquela manhã me sentindo em paz comigo mesmo, pensando em tudo que Tia tinha falado, imaginando como minha mãe foi de verdade, o que sentiu, o que viveu. E me dei conta que a vida era aquilo, feita de escolhas e opções. Tudo que decidíamos ou se agíamos sem pensar, acabava trazendo consequências, se refletindo no futuro. E o tempo, ele não esperava. Seguia adiante. Se não seguissemos com ele, ficaríamos para trás, em um passado perdido.

Uma energia contagiante tomava

conta de mim. Otimista, comecei a acreditar que tudo ia dar certo, que Pedro aceitaria seus sentimentos e se fortaleceria, que Lara estava mesmo em nosso destino, que viveríamos uma experiência única, dessas que só acontecem uma vez na vida. Foi com esse espírito de felicidade e esperança que cheguei até a casa dela e entrei.

Lembrei da outra vez, em que entrei sem bater. Sorri comigo mesmo. Contornei a casa e então me deparei com Lara sentada na varanda, pensativa, uma xícara de café na mão.

- Heitor ... – Teve um leve sobressalto ao me ver.

- Assustei você? – Subi os degraus e, sem que esperasse, tirei a xícara de sua mão, deixei-a na mesa ao lado e a ergui, puxando-a para meus braços, beijando-a na boca.

Sua surpresa não demorou a passar. Agarrou-me sôfrega e me beijou de volta, apaixonada, gemendo, sua língua na minha, seu gosto me deixando doido. Meu coração disparou, meu corpo se encheu de desejo, minha alma de amor. Tudo valeu à pena e eu a

saboreei com um gemido rouco, com uma voracidade determinada e necessitada.

Acariciou minhas costas, derrubou meu chapéu com a pressa em enterrar os dedos em meus cabelos. Nossos corpos se reconheceram, excitados. Nossas bocas se encaixaram, deliciando-se uma na outra. Nós nos entregamos sem reservas, sem medos.

- Ah, que gostoso ... – Murmurou entre beijos, doce, acariciando-me em toda parte, esfregando a face macia em minha barba.

Segurei seu cabelo, mantive-a contra mim, sentindo como estava duro por ela, fitando-a sem esconder meus sentimentos. Tentei frear o desejo. E indaguei baixinho:

- Você está bem? Ficou bem, depois de ontem?

- Sim. Senti sua falta. – Confessou, seus dedos em meu rosto, seus olhos dourados nos meus. – E de Pedro. Como ele está?

- Bem.

- Mas saiu daquele jeito e ...

- Vamos conversar sobre isso.

Teremos tempo. Agora, venha comigo, Lara Maria.

- Para onde?

- Tirei o dia de folga e só pega no Falconetes à noite. Vamos passar o dia juntos na fazenda. Fazer um piquenique.

- SÉRIO? – Seu olhar preocupado cedeu a um sorriso surpreso.

- SÉRIO. – Sorri de volta.

- Vou adorar! – E se jogou em meus braços, beijando-me de novo, fazendo-me um homem mais do que feliz.

Eu a esperei trocar de roupa. Voltou linda em uma vestidinho florido e rodado, com botas de couro até quase os joelhos e um chapéu marrom na cabeça. Rodopiou e sorriu para mim.

- E então, estou parecendo uma vaqueira?

- Perfeita. – Pisquei para ela. – Vou adorar ver suas pernas de fora nesse vestido em cima de um cavalo.

- Cavalo? – Arregalou os olhos e então deu uma risada. – Claro, vamos para uma fazenda! Vou pôr uma calça.

- Estou brincando. Vamos de

carro, sem problema. Vai ser melhor para levar a cesta. Outro dia podemos cavalgar.

- Certo.

Lara me deu a mão e saímos juntos.

O dia estava lindo e a levei até a cachoeira, que ficava num ponto mais distante e reservado da fazenda e não seríamos interrompidos. Era um lugar que eu também amava, lindo com a água cristalina formando uma grande lagoa,

cercado de árvores, algumas com seus ramos derramados sobre a água e as pedras, formando sombras.

- Meu Deus! Que maravilha! –
Lara saiu do carro empolgada e girou sobre si mesma, olhando tudo em volta.
– Heitor, isso é o paraíso! Se eu morasse na fazenda, não sairia daqui!

- A Falcão Vermelho tem mais duas cachoeiras, mas essa é a que mais gosto. Estou sempre por aqui. Eu e Pedro. Desde pequenos.

Falar nele a deixou mais preocupada. Tirei a cesta e um grande

lençol do carro e bati a porta, observando-a. Queria conversar com ela, mas não naquele momento. Primeiro aproveitaríamos o dia, a companhia um do outro, relaxaríamos. Por isso a distraí:

- Onde acha que devemos estender o lençol?

Lara olhou em volta, encantada. Apontou para uma sombra sob um grupo de três árvores alinhadas, com chão liso embaixo e um mato rasteiro, bem de frente para a margem da lagoa.

- Que tal ali?

- Perfeito.

Fomos para lá. Deixei a grande cesta sobre uma pedra.

Depois que estendemos o lençol, voltei ao carro, peguei um pequeno Cooler com bebidas conservadas geladas e deixei na sombra junto com a cesta. Então, me virei para ela, sorrindo.

- O que quer fazer primeiro, Lara Maria? Comer alguma coisa? Beber? Dar um mergulho?

- Heitor Falcão, o senhor é muito espertinho. – Provocou, com uma risada, olhando-me de cima embaixo. – Não

falou nada sobre cachoeira e mergulho.
Não trouxe roupa de banho.

- E precisamos disso? – Olhei-a profundamente, bem humorado, mas sentindo o desejo aquecer meu sangue.

- Acho que podemos dispensar. – Escorregou os dedos pela barra do vestido, seu olhar sensual, lambendo suavemente os lábios. – E já que estamos no paraíso, que mal há em ficarmos nus?

- Mal nenhum. – Tirei meu chapéu e o larguei na ponta do lençol. Minha voz ficou mais grossa, assim

como meu pau dentro da calça. – É assim que quero você, Lara Maria. Nua. Tire a roupa pra mim.

- Vai tirar a sua também? – Foi sua vez de largar o chapéu e sacudiu os cabelos longos, seus olhos espelhando como me desejava.

- Agora. – E comecei a abrir minha camisa.

Foi completamente excitante estarmos ali, só nós dois, sob a luz do dia, ouvindo o barulho da água cair e o canto dos pássaros, fitando-nos nos olhos, enquanto nos despíamos, sem

modéstias, sem impedimentos. Pura e simplesmente um homem e uma mulher se admirando, se querendo. Muito.

Tirei minha camisa, minhas botas, abri minha calça. Lara era mais lenta, tomando seu tempo para me admirar, lambendo e mordendo os lábios, corada, olhos brilhando. Fitou cada parte do meu corpo que eu mostrava, suas pálpebras pesadas, aquele ar meio de bêbada que ficava quando era invadida pela luxúria. E que me deixava doido.

Desci o jeans e a cueca,

totalmente nu e ereto, ficando mais duro ao ver como mexia com ela.

- Sabe, Heitor ... – Lara tirou o vestido pela cabeça e o largou ao lado do chapéu. Meus olhos devoraram seu corpo perfeito, os seios empinados com mamilos pequenos e apertados, a cintura fina, os quadris lindamente arredondados e as pernas bem torneadas, firmes. Sua pele sedosa, morena, linda. Fitou-me até que encontrei seus olhos e seus dedos seguravam as laterais da calcinha preta, minúscula. – Você combina com isso

tudo, com a natureza em volta, com essa terra. É livre e belo. É dono de si mesmo. É ...

Calou-se. Eu dei um passo à frente, cheio de tesão, de admiração, de amor.

- Sou o que?

- Uma força. – Murmurou. – Você é tão forte, tão seguro, tão você mesmo. Não sabe como admiro você, Heitor.

E como se lutasse para não mostrar tanto as emoções que embragavam um pouco sua voz, desceu a

calcinha pelas pernas, até tirá-las e então sorriu, provocante, apenas com as botas até quase os joelhos, que parecia tornar sua nudez mais gritante e sensual. Fitei sua boceta depilada, levemente inchada, os lábios polpudos com a rachinha no meio me deixando louco. Meu coração disparou com aquela visão. Não aguentei mais esperar e fui até ela.

Lara sentiu minha necessidade, ficando mais excitada, andando para trás até se encostar ao tronco de uma árvore, sem tirar os olhos dos meus. Esperando-

me, incitando-me, sabendo que eu a tomaria com uma fome que já me devorava por inteiro.

- Sim, Lara. Eu faço parte dessa terra, desse chão. – Cheguei perto, à sua frente, mas sem tocá-la de imediato. Apoiei uma das mãos no tronco, logo acima da sua cabeça. Inclinei a cabeça e cheirei seu pescoço, passando meu nariz ao longo dele até a orelha, o cabelo. – Sou como um dos bichos daqui, um animal. E você, a minha fêmea. Seu cheiro me atrai. Seu gosto me faz perder a razão. Sou só instinto perto de você.

Ela ficou quieta, me olhando, sua respiração se agitando. Cheirei seu ombro, o ar que eu soltava arrepiando sua pele, enquanto a minha mão livre ia entre suas pernas e meus dedos acariciavam sua boceta, suavemente, indo entre a racha já úmida, esfregando-a. Murmurei rouco:

- Agora mesmo, só penso em lamber essa bocetinha e depois meter meu pau nela. – Manipulei seu clitóris, então a masturbei devagar, ouvindo seu gemidinho, sentindo seu tremor, enquanto eu lutava para me segurar, para

ter algum controle sobre a paixão avassaladora que me consumia. Mordisquei seu pescoço no exato momento em que aprofundava mais o dedo do meio dentro dela, segurando sua boceta na mão enquanto sentia sua quentura apertada e melada.

- Ah ... Heitor ... – Arquejou, segurando-se na árvore, abrindo um pouco mais as pernas, tremendo, se oferecendo.

Subi a boca até sua orelha, metendo meu dedo mais e mais fundo, enquanto se derramava sobre ele, meu

pau tão duro que doía.

- Vou foder você aqui contra essa árvore, Lara Maria. Vou chupar você e vai fazer um boquete em mim. Depois vai ficar de quatro no lençol e me dar sua boceta, seu cuzinho, tudo que eu quiser. Nós dois aqui, livres, como devemos ser. Sem nada a nos separar nem perturbar. Simplesmente como dois animais.

- Sim ...

Virou o rosto, buscando minha boca, sôfrega, luxuriosa, gemendo. Nossos lábios e línguas se encontraram

apaixonadamente, eu meti mais fundo e bruto meus dedos nela, agora dois, indo e vindo, minha mão ficando toda melada. Desci a outra mão sobre sua cabeça e segurei um punhado de seu cabelo, firme, mantendo-a ali para que eu saboreasse à vontade.

Lara ficou louca. Moveu os quadris avidamente para encontrar as investidas dos meus dedos, miou em minha língua, agarrou meu pau com as duas mãos e moveu-as para frente e para trás, masturbando-me, fazendo-me babar na ponta e gemer em sua boca. Ela

arquejava, se dava e participava, até que ambos já não pensávamos mais, só sentíamos, completamente ligados um no outro.

Senti as convulsões de sua boceta em torno da minha mão, chupando os dedos, massageando-os, enquanto apertava meu pau e o direcionava para seu púbis, gemendo, se esfregando, pedindo silenciosamente por mais.

- É isso que você quer? – Soltei-a abruptamente e fitei seus olhos pesados e nublados de paixão,

agarrando então seus braços e encostando-os ao tronco da árvore. Cravei meus dedos em seus quadris e a firmei, enquanto dobrava um pouco meus joelhos e esfregava meu pau na racha da sua boceta, dizendo duramente: - Segure-se aí e me olhe, enquanto como você, minha linda.

Lara estremeceu por inteiro e cravou as unhas no tronco, obediente, soltando gemidos entrecortados enquanto me olhava e sentia que eu a enchia toda com meu pau, até o fundo.

- Ai .. ai ... — Começou a

choramingar quando estoquei forte, metendo e tirando, abrindo-a, esticando-a, ficando enlouquecido com a sedosidade de sua bocetinha que me tomava todo, que mamava em mim esfomeada.

- Não é gostoso ser fodida assim? – Exigi, indo e vindo, meus olhos nos dela, minhas mãos subindo, meu corpo dominado pelo tesão avassalador. Agarrei seus seios, acariciei-os um tanto bruto, torci os mamilos entre os dedos até fazê-la gritar, se descontrolar:

- Ah, sim ... É muito gostoso ...

Isso ... me maltrate ... faça o que quiser comigo ... Forte, grosso, duro ... ah ...

- Adoro quando fica depravada, quando fala sacanagens ... – Eu a perfurava com meu pau, cravando-me até as bolas, tirando tudo, para enterrar de novo, enquanto ela gritava e movia os quadris para a frente, toda sacudida. – O que você quer mais? Diga, minha putinha ...

- Oh ... eu quero ... quero tudo ... Quero cair de joelhos e chupar seu pau cheio do meu gosto ... por favor ...

Pensei que fosse gozar ali.

Cerrei o maxilar, saí de dentro dela. Na mesma hora Lara escorregou para baixo, agarrando minhas pernas. Segurei o tronco com as duas mãos e gemi alucinado quando sua boca se fechou faminta em meu pau e o engoliu, movendo-se para frente e para trás, me tomando até a garganta, gulosa, ensandecida. Movi meus quadris, estocando em sua boca, olhando como parecia fora de si, dominada pelo tesão que também me escravizava, violento e delirante.

Quase explodi. Mas agarrei seus

cabelos e a deixei me chupar tão gostoso, fechando os olhos por um momento, um arrepio de tesão subindo por minha coluna, descendo, se concentrando em minhas bolas. Sua boca era firme e macia, sua língua trabalhava por baixo do meu membro, percorrendo-o, até que eu soube que estava por um fio.

Eu a ergui, mas Lara beijou minha barriga, meu peito, chupou um mamilo meu como se não pudesse me largar. Gemi, encostei-a ao tronco e foi minha vez de cair de joelhos, abrindo

sua boceta gotejante com os dedos, metendo minha língua dentro dela.

Berrou roucamente, agarrou-se em meus cabelos, rebolou. E a comi, a chupei, suguei seu néctar delicioso. Eu me fartei com ela, até que estalava e gozava, choramingando, se contraindo toda, pedindo por mais. Não parei. Adorava o modo como latejava em torno da minha língua e dizia palavras desconexas, como me inundava do seu gosto delicioso.

Ainda agarrada em meus cabelos, debruçou-se para frente,

ondulando, as pontas dos seus cabelos roçando minhas costas, enquanto balançava e gozava mais, muito, se abrindo e contraindo, me apertando contra si. Quase despencou. Mas então acabou e eu beijei suavemente sua boceta, seu ventre. Encostei-a contra a árvore e me ergui, lambendo seu mamilo, segurando-a entre os braços, dizendo perto de sua orelha:

- Quer descansar um pouco, minha linda?

- Não ... – Arfou, abraçando-me, tocando-me, resvalando em meu pau

duro. – Quero mais ...

E então, escapou, dando uma risada ainda arquejante. Eu me virei, tenso, teso, enquanto a vi andar e me olhar sobre um dos ombros, chamando-me com um dos dedos:

- Quem foi que prometeu me comer de quatro, como um animal? – Ajoelhou-se no lençol, ainda olhando para trás, para mim, toda corada e lânguida, ficando de quatro e empinando aquela bunda linda em minha direção. Engatinhou, rebolando, provocando.

Se queria acabar com qualquer

resquício de razão, me deixar louco, conseguiu. Rosnei e avancei, caindo atrás dela. Dei um tapa tão forte em sua bunda, que gritou, continuando em seus lamentos quando a abri e lambi seu cu, bem firme, várias lambidas de uma vez.

- Ah, assim não aguento ... —
Chiou, estremecendo.

Enterrei dois dedos em sua boceta, que os agarrou. Lara caiu para frente, como se o gozo já se fizesse presente de novo, a golpeasse. Ficou apoiada nos joelhos trêmulos, a bunda empinada para mim. Gostei de ver sua

entrega, seu descontrole, seu tesão tão abissal quanto o meu. Segurei sua bunda para o alto e continuei a chupar seu cuzinho e a meter na sua boceta, até que virava uma massa sôfrega, se remexendo, suplicando por mais.

Soltei-a. Corri por sua pele quente os dedos molhados que tirei da sua boceta, cheirei suas costas até a nuca, onde cheirei mais e mordisquei, para depois segurar firme sua cabeça contra o lençol e murmurar, ajeitando meu pau na sua boceta:

- É assim que os bichos da

fazenda fazem com suas fêmeas. Cheiram e fodem. – E meti brutalmente dentro dela.

- Ahhhhh ... – Lara agarrou-se ao lençol, os cabelos em seu rosto, gritos saindo de seus lábios. Não ficou parada. Moveu-se contra mim com a mesma violência com que eu investia, arrebitando-se, tão escaldante que me queimava, me endoidecia.

- Como você é gostosa, Lara Maria ...

Eu não conseguia parar. Metia, arreganhava-a, entrava e tirava.

Estávamos suados, arfantes, delirantes. Era uma loucura, uma droga, viciante, que obrigava a querer mais e mais. Perdi todo discernimento, meus instintos exigindo satisfação, meu corpo necessitando de mais dela.

Fiquei alucinado. O tesão me deixava mais bruto, mais irracional. Continuei segurando firme sua nuca e ordenei grosso:

- Leve as mãos para trás e abra sua bunda, Lara.

- Sim ... — Ela estalava, depravada como eu, fora de si. Com os

ombros e a cabeça no chão, apoiada em seus joelhos, obedeceu e abriu bem as duas bandas da bunda.

Tirei meu pau encharcado e latejando da sua boceta cremosa. Deitei-me mais sobre ela, montei-a, metendo firme e fundo em seu cuzinho, rosnando.

- Ah, sim ... Ah, que pau gostoso, Heitor ...

- Safada ... Gosta de tudo não é?

- Tudo ... — Confessou, choramingando enquanto eu a comia ferozmente, ríspido, meu sangue bombando em minhas veias, meu pau

inchando, apertado naquele canal delicioso, sua entrega libidinosa. Abriu-se mais, agora chorando, lágrimas e soluços escapando, enquanto suplicava:
- Na minha bocetinha ... por favor ...

Eu não aguentaria muito mais. Fechei os olhos, tentei controlar o tesão voraz, minhas bolas contraídas e duras. Tirei de seu ânus e meti em sua vulva, como sabia que ela gostava, como ficava louca. Travou meu pau lá dentro, trabalhando-o, massageando-o, até soltá-lo. Porra, nunca tinha conhecido uma mulher como ela, que gostasse tanto

de trepar quanto eu, que se entregava sem reservas nem vergonhas.

Alternei, saindo dali e comendo sua bunda. Voltando à boceta. Lara gritava, chorava muito, embolava o lençol na mão. Por fim, soube que meu controle chegava ao fim, tudo latejava, fervia, ficava descomunal. Enfiei meu pau com tudo em seu ânus macio, quente, apertado. Cobri suas costas com meu peito, meti a mão entre suas pernas e belisquei seu clitóris.

- Porra, vou gozar ... Toma tudo, Lara ...

- Vem, vem ...

E eu fui. A fodi cruelmente, sem reservas, fundo e forte, esporrando bem dentro da sua bunda. Delirei. Gemi sem poder parar, grunhi, me movi como se daquilo dependesse minha vida. Lara gritou, gozando também, apertando-me tanto que meu orgasmo se prolongou, como se não fosse acabar nunca. Mas por fim, esgotou-me até não restar mais nada.

Ela desabou sobre o lençol e fui junto, ainda enterrado, segurando o peso do corpo para não esmagá-la.

Parecíamos ter acabado de sair de uma batalha, suados, exaustos, mas muito satisfeitos. Uma batalha em que ambos fomos vencedores.

Saí com cuidado de dentro dela, beijando suas costas. Deitei ao seu lado, olhando-a, afastando o cabelo do seu rosto banhado de lágrimas. As pálpebras de Lara tremeram no esforço de me olhar e murmurei:

- Está doendo?

- Tudo está dolorido ... – Sorriu, cansada. – Mas é tão bom ...

- Bom? Não tenho nem palavras

para descrever o que é isso, Lara Maria.
– Sorri também e acariciei seu cabelo nas costas. – Vamos entrar na água? Logo estaremos cheios de energia de novo.

- Para mais?

- O que você acha?

Acabamos rindo. Mas eu não queria só sexo com ela. Agora que estávamos saciados, ia aproveitar a sua companhia. E aquele dia lindo.

CAPÍTULO 25

LARA

Deixei as botas de lado e entrei na água fria e deliciosa com Heitor. Falamos sobre besteiras, sorrimos, nos abraçamos e beijamos sobre a queda d'água. Depois ficamos preguiçosos em uma pedra, nos secando ao sol, enquanto apenas aproveitávamos a companhia do outro.

Ficamos nus mesmo quando retornamos ao lençol e nos deliciamos com os lanches que Tia havia feito,

tomando uma cerveja. Se alguém me perguntasse depois sobre o que conversamos ali, eu não ia lembrar. Mas lembraria do corpo de Heitor com perfeição, do seu sorriso, dos seus toques eventuais em minha pele. E da sensação extraordinária de ser feliz, como fui naqueles momentos.

Satisfeitos de todas as formas, nos acomodamos. Heitor sentou no lençol e encostou as costas na árvore frondosa. Eu deitei de barriga para cima, a cabeça em suas coxas, enquanto corria os dedos em meus cabelos

úmidos e eu olhava para o céu azul quase sem nuvens e para as folhas das árvores sobre nossas cabeças. Ele então falou:

- Nunca me disse que era cantora, Lara Maria. Por que?

- O assunto nunca surgiu. – Virei um pouco a cabeça para fitar seu rosto. Adorava olhar para ele, tão moreno e sensual, com aquele nariz forte, os olhos escuros e profundos, as covinhas quando sorria, aquela barba que combinava com sua masculinidade. – Já fui tantas coisas, Heitor. Cantora, enfermeira, garçoneiro,

copeira, faxineira. Comecei faculdade de Veterinária, pensei em fazer Belas Artes.

Acabei sorrindo de mim mesma, enquanto me observava.

- E por que tanta indecisão? Pelo que vi antes, você é perfeita cantando. Devia se dedicar a isso.

- É o que amo fazer, mas nem sempre é fácil. Há um número imenso de cantores por aí. – Espiei-o, na expectativa. – Gostou mesmo de me ouvir?

- Gostar é pouco. – Sorriu,

franco, me deixando feliz. – Adorei, Lara Maria. Assim como adorei aquela música que cantou pra gente.

Fiquei com os olhos nos dele, meu peito se apertando. Lembrei da cara de Pedro, de como pareceu furioso e saiu de repente do restaurante. A minha alegria vacilou e pedi:

- Por favor, Heitor. Conte para mim o que deu em Pedro ontem. O que fiz de errado?

- Não fez nada de errado.

- Então, o que foi?

Virei-me um pouco de lado, para

fitá-lo. Fiquei com o rosto perto do seu saco e do seu pau, que mesmo relaxado era grande, grosso. Foi impossível não me sentir mexida, não deixar meu lado sempre sensual ligado, lembrando como era gostoso tê-lo dentro de mim. Subi os olhos por sua barriga e peito musculosos, senti a tensão arrepiara meu corpo, dei-me conta de novo de como era um ser altamente sensual. Mas tudo aquilo aconteceu com a minha parte física, que reagia automaticamente a Heitor. O meu lado racional continuava preocupado, ligado em Pedro.

Sentei, querendo me concentrar na conversa. Na mesma hora, Heitor me puxou e me recostou em seu peito, de modo que nos olhávamos de perto. Continuou a acariciar meus cabelos e relaxei um pouco mais. Um tanto agoniada, murmurei:

- Quando vim para Florada, eu não queria me envolver com ninguém. Vim decidida a apenas descansar, ficar em paz.

- Descansar de que, Lara Maria?
- Seu olhar era atento.

- Só descansar. - Falei apenas. -

Mas conheci vocês. Já sabe que não sou uma mulher de me privar de sexo. Não fiquei exatamente chocada quando me disseram que compartilhavam mulheres. Fiquei com um tesão danado, Heitor.

- E eu não sei? – Sorriu, massageando meu couro cabeludo, seu olhar descendo apreciador por meus seios.

- Bem, o resto você já sabe. Achei que transaríamos uma ou duas vezes e só. Somos livres, adultos, desimpedidos. E nunca liguei muito para o que pensam de mim. – Suspirei,

querendo me fazer entender sem me denunciar muito, de como estava cada vez mais a fim deles. – Mas está durando mais do que isso. Não estou dizendo que temos um relacionamento, mas ...

- Nós temos um relacionamento.
– Heitor me interrompeu, calmo. – Estamos envolvidos, Lara. Eu, você e Pedro. Sabe disso.

Fiquei quieta, com medo de que notasse meus sentimentos, minhas necessidades e dependências cada vez maiores deles. E aqueles sonhos tolos

que eu estava criando, mesmo sem querer. Mas então, olhando-o, dei-me conta de algo. Heitor não negava nada nem se esquivava. Ele aceitava. Isso significava que estava gostando de mim também? Que me via além de uma transa passageira e divertida? Não tive coragem de perguntar. Nem sabia se estava pronta para ouvir. Foi, então, que voltou a falar:

- O problema todo está aí, Lara Maria. Eu e Pedro estamos acostumados a ter muitas mulheres. Ele tem as dele e eu as minhas. Ocasionalmente

dividimos. Gostamos do trio, por que somos muito unidos, porque sabemos como uma mulher fica louca quando está com dois homens.

- Eu entendo.

Os olhos dele se voltaram para a margem, onde a água lambia suavemente o chão arenoso, algo suave em sua expressão. Depois sorriu e olhou para mim.

- Sabe que tudo começou aqui?

- Aqui? Como?

- Eu tinha dezesseis anos e Pedro dezessete. Tinha colocado em minha

cabeça que ia me manter virgem até encontrar uma garota por quem me apaixonasse. Isso o deixou desesperado. Achava que eu era um bobo romântico e enfiou na cabeça de me ajudar a virar um garanhão.

- Como ele ... – Acabei sorrindo.

- Pois é. Um dia me chamou para vir aqui e, quando cheguei, tinha uma garota linda nos esperando, nua. Não consegui resistir. Transei com ela. Depois foi a vez de Pedro. Por fim, a pegamos juntos. Foi tão bom, que não paramos mais.

Eu ouvia, imaginando a cena, prestando atenção. Heitor enrolou uma mecha do meu cabelo no dedo, distraído. Então, concentrou-se em mim.

- Com você seria assim. Farra e diversão, Lara Maria. Mas está indo além. Gostamos da sua companhia. Eu adorei ter você no meio da minha família. E não quero que vá embora. Quero que fique.

Senti um tremor por dentro, um nervosismo misturado com euforia. Meu coração disparou. Mas minha língua travou. Tive um medo absurdo de tudo

que eu sentia, de me saber querida por eles também. Sacudi a cabeça, indo por partes:

- Mas Pedro deixou claro que é só sexo.

- Por que acha que ele está tão nervoso? Sabe que não é só isso. E se quiser deixá-lo fora de si, é só falar em compromisso.

Mantive-me calada, confusa, esperançosa, tudo junto. Não conseguia tirar meus olhos de Heitor. Senti uma vontade absurda de beijá-lo, de confessar que estava apaixonada por ele

e por Pedro, mas eu sabia que não podia. Por tudo, por quem eu era, por eles serem dois irmãos, pela resistência de Pedro.

Heitor parecia perceber cada nuance minha, pois continuava me acariciando como a me acalmar, sem se precipitar em nada. Naquele mesmo jeito, começou a me contar:

- Você sabe que minha mãe morreu. Há quinze anos.

- Sei.

- Não sei se Pedro lhe contou como.

- Não. Mas eu ... desconfio. A clínica para tratamento de pessoas que tentaram suicídio tem o nome dela. Ela se matou? – Indaguei com cuidado.

- Não, mas tentou. E ficou com sequelas. Durante anos, não falou mais nem nos reconheceu. Só olhou para o vazio, perdida dentro de si mesma. Até que acabou falecendo de uma pneumonia que se complicou.

- Sinto muito. – Penalizada, tocada, acariciei seu rosto, beijei suavemente seus lábios. – Todos vocês devem ter sofrido muito.

- Sim, Lara Maria. Cada um de nós à sua maneira. Mas não foi só isso. Minha mãe tentou se matar quando meu pai descobriu que ela o havia traído com outro homem. Na época ele achou até que Micah fosse filho bastardo, mas mais tarde descobriu que não, que era um Falcão. Mas isso eu conto depois. O ponto onde quero chegar, é que Pedro nunca se conformou com isso.

- Com a traição? Ou dela tentar se matar?

- As duas coisas. Tudo. – Estava meio perturbado e me acomodou mais

firme contra seu peito, sua mão em meu quadril, a outra em minhas costas, fitando-me. – Ele era muito agarrado com ela. Eu sempre gostei muito de ficar pela fazenda e passava muito mais tempo com meu pai. Acho que ele a colocou em um pedestal, coisa que filho às vezes faz com a mãe. Acha que ela é uma santa.

Acenei com a cabeça, atenta.

- E aí, explodiu a questão da traição. E logo depois, minha mãe tentou se matar. Foi uma admissão e uma covardia. Ela desistiu de tudo, até de

nós. Não pensou no amor louco que meu pai sentia por ela. Nem nos cinco filhos que ainda eram novos. Não se defendeu. Só escolheu esse caminho.

- Ah, Heitor, como lamento ... – Senti meus olhos cheios de lágrimas.

- Não chore. – Pediu, fitando-me com carinho. – Só quero que entenda. Cada um reagiu de uma maneira, Lara. Só que Pedro não aceitou isso. Acho que foi um choque pra ele. Sei que ele nega, que talvez uma pessoa de fora possa dizer que não tem nada a ver, mas eu assisti tudo, eu o conheço como a mim

mesmo. Sempre fomos inseparáveis. Decidiu nunca confiar em mulher nenhuma, nunca se apaixonar. Ele foge de relacionamentos. Se alguma transa ameaça ficar séria, se alguma mulher se apaixona, ele simplesmente sai de cena. Sempre foi assim. Cheguei a me convencer que sempre seria.

Pensei em mim mesma. Fazia a mesma coisa, por motivos diferentes. Não queria que ninguém se aproximasse demais, que me visse de perto, que soubesse dos meus segredos. Ali eu entendi Pedro perfeitamente.

E também me senti nervosa, trêmula, ansiosa com a dimensão de tudo que Heitor deixava transparecer. O que eu sentia e percebia não era unilateral. Da mesma maneira que eu me viciava mais e mais neles, que eu não conseguia pensar em seguir em frente para longe, que eu lutava com meus sentimentos, acontecia o mesmo com eles.

Fitei-o em uma pergunta muda, medrosa. Heitor amparou meu rosto em sua mão grande, deslizou o olhar por meus traços, não disfarçou nada. E eu vi. Vi como me fitava com carinho, com

admiração, com ... amor.

Engoli em seco. Meu peito doeu. Senti vontade de chorar. Eu não estava preparada para sentir nem para falar, eu não era digna de ninguém. Era uma confusão só, me sentia um lixo, não merecia arrastar ninguém para minha lama. Mas mesmo sabendo de tudo aquilo, mesmo temendo me denunciar e me mostrar, eu soube. Soube que aquilo que me sufocava e que se espalhava quente e denso dentro de mim era amor.

Talvez, desde o dia em que vi Heitor pegar aquele cachorrinho com

carinho, eu o tenha amado. Por que ali vi seu coração, sua alma, sua bondade. . E ali, pela primeira vez, senti e desejei ser cuidada, amparada, protegida, como nunca tinha sido antes.

Assim como foi com Pedro, quando me agarrou no Falconetes, quando me incendiou com seu olhar, me fez arder só com um toque. Eu soube que éramos iguais, que na cama nos devorariíamos, que ele era perfeito para mim. Pensei que seria só sexo. Mas ao tê-lo longe de mim após nossa briga, como senti falta dele! Como sofri

vendo-o machucado. Como o admirei vendo seu trabalho na clínica.

Eles eram o que sempre quis. Eu, que sabia que não merecia ser amada por homem nenhum, porque não era inteira, porque não me mostrava de verdade, porque não confiava, agora me via amando dois, desejando dois, me dando aos dois.

Algo pareceu me quebrar por dentro. A descoberta daquilo gerou uma felicidade e uma euforia apenas temporária. Não daria certo. Eu tinha segredos demais. Quando me vissem,

quando soubessem tudo que fiz, me desprezariam ou teriam pena de mim. Seus olhares mudariam. Eles se sentiriam enganados, porque a mulher livre e fogosa que os conquistou, era uma farsa, era suja, era contaminada.

Lágrimas pularam dos meus olhos, sem que eu pudesse evitar.

- Lara ... – Heitor se assustou. Na mesma hora me puxou mais para cima, me envolveu com seus braços, me amparou. – Não fique assim. Por que está chorando?

Solucei, segurando-o firme,

apesar de tudo querendo-o com uma fome que não devia ter, que parecia mais forte do que eu.

Nunca daria certo mesmo, como não estava dando. Pedro estava se afastando de Heitor. Eu podia separá-los, mesmo sem querer. E nunca me perdoaria por isso. Seria um pecado a mais para somar aos que eu já tinha. E eu não suportaria mais um peso daqueles.

- Lara ... — Heitor estava nervoso, preocupado.

Soube que devia parar de chorar,

tomar as rédeas da situação, evitar uma tragédia. Consegui me controlar, ergui-me um pouco, olhei-o.

Deus, como doía saber que eu poderia tê-lo, se tudo fosse tão diferente! Que Pedro poderia me amar e eu a ele. Que mesmo contra todas as convenções sociais e costumes, nós poderíamos tentar, só tentar. Mas eu sabia que era um sonho. Nunca se realizaria.

- Heitor, escute. – Consegui respirar fundo, estabilizar a voz. Não fugi de seu olhar penetrante. – Não vou

negar que gosto de vocês, que sou feliz com vocês. Que homem nenhum me fez sentir o que vocês fazem. E fico feliz que gostem de mim. Mas isso é loucura, Heitor.

- Loucura por que, Lara Maria? Porque a sociedade diz que casal deve ser apenas um homem e uma mulher e ponto final? – Franziu o cenho.

- Não. Porque vocês são amigos, são irmãos. E eu estou criando discórdia.

Ele me surpreendeu ao sorrir.

- Você não está fazendo isso.

- Estou. Pedro está aqui agora?

Ele ficou ontem no Falconetes?

- Porque é um cabeça dura, vai espernear um pouco, xingar, dar uns socos por aí, mas depois vai aceitar. E tudo se ajeita. Só tenha um pouco de paciência.

Como eu queria acreditar!
Suspirei. Tinha muito mais e usei uma desculpa:

- Não é só isso. Heitor, não consigo ficar em um lugar só, nem ter relacionamentos sérios. Nisso sou como Pedro. Eu sei que vai chegar uma hora

em que vou querer ir embora e não quero magoar vocês. Então, vamos ...

- Você não vai querer ir embora, Lara Maria. Pare de dizer o que não sente.

Fitei-o surpresa com sua tranquilidade e sua certeza. Tentei me afastar, mas Heitor não deixou. Segurou firme meu cabelo na nuca, fitou bem dentro dos meus olhos, disse baixo e profundamente:

- Eu posso ver sua dor, sua tristeza, o que a faz querer fugir. Pedro também, ele me disse. Nós vemos como

luta consigo mesma, o tempo todo. Não vai nos contar agora, é muito cedo. Mas um dia vai fazer isso, Lara Maria. Nós vamos esperar. E quando fizer, nada do que temos vai mudar. Nada.

- Não tenho nada ...

- Não minta para mim. Não precisa me contar, mas não negue. Está aí, nos seus olhos.

Senti vontade de chorar de novo.

Pedi baixinho:

- Me solta, Heitor. Quero ir embora.

- Acha que vou deixar você

fugir, depois de esperar tanto tempo por você? – Sua voz era seda pura, seus olhos dominavam os meus sem esforço.

Deitou-me suavemente sobre o lençol e veio em cima de mim, decidido sem ser agressivo, sua pele me fazendo arder, sua mão abrindo minha perna para se acomodar sobre meu corpo. Espalhou beijos suaves em minha face, meu nariz, minhas pálpebras e lábios. Deixou-me trêmula, seduzida, presa de seu carinho e do seu amor em cada pequeno gesto e toque.

E eu, que havia me acostumado

com brutalidade desde cedo, que fui corrompida sem opção, que nunca pude acreditar em um homem, me vi perdida, enlaçada, enfeitiçada.

- Eu amo você, Lara Maria. —
Murmurou, olhando meus olhos.

Meus lábios tremeram, eu me travei. Eu quis tanto aquilo! Tanto!

- Eu não posso ... — Sussurrei.

- Pode. Eu vou provar que pode.
Acredita em mim?

Fitei seus olhos tão escuros, tão certos, tão emocionais... Vi tudo ali, menos traição. Algo estalou em meu

peito. E contra tudo que eu sabia e conhecia, acreditei. Eu acreditei nele.

Abracei-o forte, apertado, com braços e pernas, segurando-o como se dele dependesse minha vida, lágrimas vindo de novo, sem controle, dizendo contra os lábios dele:

- Eu te amo, Heitor ...

Saiu como um desabafo, como se eu finalmente me libertasse de várias amarras, como se pudesse ser livre e feliz, de verdade. Falei com corpo e alma, agarrando seus cabelos, beijando sua boca em uma necessidade premente,

em uma entrega que só eu sabia como me custava. Só por um momento não tive medo. Senti seu gosto, seu cheiro, seu corpo e chorei silenciosamente, me dei sem reservas.

Heitor me segurou, me amparou, me beijou. Então, murmurou contra meus lábios, firme, sincero, emocionado:

- Vou cuidar de você, Lara Maria. Pedro vai te proteger. E contra tudo que dizem por aí sobre formas de amar diferentes ou contra tudo que você teme e acredita, vamos ser felizes. Eu tenho certeza disso, minha linda. Meu

amor ...

E quando me beijou de novo, eu não pude mais pensar ou duvidar.

Eu me dei.

PEDRO

Cheguei em casa do trabalho um pouco mais cedo, tomei banho e desci para ver os outros, jantar. A sala estava vazia e fui para a cozinha. Tia estava lá,

sentada em volta da mesa cortando tomates para uma salada em uma tábua larga de madeira. A cozinheira que a ajudava já tinha ido embora naquele horário, assim como a empregada que limpava a casa.

- Oi, filho. Chegou mais cedo hoje?

- Só um pouco.

- Vou só terminar a salada e já podemos jantar. Os outros ainda não desceram, só Heitor, que está na varanda.

- Ele está lá?

- Sim, foi agora. – Sorriu. – Hoje foi um dia diferente para ele. Está mais feliz do que o habitual.

- Diferente? – Indaguei, curioso.

Senti que Tia calou-se, como se ficasse na dúvida se devia falar ou não. Olhou-me, preocupada.

- Tia? O que aconteceu?

- Ah, nada. Besteira. Por que não vai lá conversar com ele?

- O que está escondendo de mim?

- Não estou escondendo nada, Pedro. É que Heitor hoje não foi

trabalhar, tirou o dia para ele. – Não me olhava, parecendo concentrada demais em cortar seus tomates.

Fiquei surpreso. Nem doente Heitor perdia um dia de trabalho. Notei o jeito dela, cada vez mais curioso, sabendo que me escondia mais alguma coisa. Mas senti seu nervosismo e não insisti.

- Vou lá falar com ele, Tia.

- Isso, vai sim. Já chamo vocês para jantar. – Sorriu para mim.

Sorri para ela de volta e saí de casa.

Heitor estava na varanda, sentado na mureta, as costas apoiadas em uma coluna. Quando me viu, sorriu abertamente, seus olhos brilhando. Vi sua felicidade aparente, tão explícita que resplandecia.

- O que aconteceu? – Não senti. Parei ali perto, atento.

- Por que acha que aconteceu alguma coisa?

- Tia disse que não foi trabalhar hoje. Isso é quase um milagre.

- Verdade. – Deu uma risada e se virou para mim, ainda sentado.

- Parece prestes a me contar um grande segredo.

- Não, só quero conversar, Pedro.

- Sobre?

- Lara Maria.

Acenei com a cabeça. Então, entendi tudo.

- Passou o dia com ela?

Olhei-o com atenção.

- Sim, fizemos um piquenique.

Não falei nada. Não me alterei.

Mas senti uma coisa ruim apertar meu peito, me incomodar quase como se

fosse uma dor. Lutei para não demonstrar.

- É isso? Por isso está feliz desse jeito, irmão? Está tão apaixonado assim?

- Estou feliz sim, Pedro. Foi muito bom. Só faltou você com a gente. – Percebi que falava com jeito. Irritado, indaguei a mim mesmo por que então não me convidou. Quase como se lesse meus pensamentos, Heitor explicou: - Não chamei você porque sabia que não iria. Precisa do seu tempo. Fiz mal?

- Fez bem. Eu não ia mesmo. –

Dei de ombros e fui sentar no sofá, mas o meu estômago queimava, eu sentia um gosto amargo na boca.

Nós nos encaramos e Heitor parecia cauteloso, analisando-me.

- Pedro, a Lara gosta demais de você. Estava preocupada sobre ontem à noite. Por que não voa até lá e conversa com ela?

- Não tenho nada para conversar.
— Falei secamente.

- E o que isso significa?

Vi sua preocupação e as coisas dentro de mim se abrandaram. Eu sabia

que Heitor me amava, que queria o meu bem e que acreditava naquele trio. Ele sempre foi um otimista nato. Mas eu era realista. Não queria me envolver nem viver aquele tolo “felizes para sempre” que não existia.

Não entendi a dor que me corroía, quando tomei minha decisão.

Olhei para meu irmão, vi na cara dele que amava Lara, de verdade. Que estava feliz. E ele merecia aquilo.

Eu não queria amor nem compromisso. Eu ficaria no meio deles atrapalhando. Aquele meu descontrole

acabaria causando confusão. O que eu tinha com Lara era só sexo. Tudo bem, tinha algo a mais. No entanto, não queria saber do que se tratava.

Sabia que tinha ciúmes dela. Naquele momento mesmo, eu os imaginava juntos na fazenda, felizes, transando, sem mim, e quase sufocava de ciúmes. De alguma maneira, me sentia traído por nem terem falado comigo. Dentro de mim, eu era um poço de confusão e estava odiando ficar daquele jeito. Queria voltar a ser eu mesmo.

Decidi fazer como anos atrás, quando vi que Heitor e Francesca estavam apaixonados. Eu pularia fora. E deixaria o caminho livre para eles.

Senti uma pressão absurda no peito quando soube o que deveria fazer. Não veio nenhum alívio. Ali entendi que não seria fácil, estava envolvido demais. Mas depois que eu pegasse muitas outras mulheres, que transasse adoidado por aí, eu a esqueceria e também aquele sonho irreal de um trio como relacionamento. E tudo entraria nos eixos.

- Pedro?

Vi como Heitor me observava, alerta. Sorri.

- Amanhã eu falo com a Lara. Hoje só quero jantar e descansar.

- Está tudo bem? – Avaliou-me. – Vai conversar mesmo com ela?

- Vou.

Heitor acenou com a cabeça, mas ainda parecia desconfiado.

Sim, eu a procuraria. Uma última vez.

Eu transaria com ela. Como uma despedida. Um ponto final.

Não sabia como a veria dali para frente com Heitor sem me sentir arrasado daquele jeito, mas acreditava piamente em minhas convicções. Não era amor. Ninguém sabia mais da minha vida do que eu, nem Heitor, nem Lara, nem Dalila com aquelas premonições dela.

Quem mandava na minha vida e fazia meu destino era eu.

Era fim da minha história com Lara.

Era fim do trio.

Foi difícil engolir com aquela

dor que me sufocava, que travava minha garganta. Mas mantive-me firme.

CAPÍTULO 26

PEDRO

Depois que saí do frigorífico, naquela quinta-feira, fui ao Falconetes, disposto a tomar umas cervejas, ver Lara, esperá-la sair e acompanhá-la até em casa. Ainda usava as roupas de trabalho, paletó e calça pretos, uma camisa cinza por baixo, sabendo que queria resolver logo minha vida com ela. Quando me fosse, seria de uma vez.

Eu já tinha tudo planejado na minha cabeça, cada passo, cada ação, como um jogo de xadrez onde eu era o

único jogador. Estava no controle e decidido.

Deixei minha moto em frente ao Falconetes e entrei. Ainda era fim de tarde, nem tinha escurecido. Estava relativamente vazio, geralmente só começava a encher por volta das 19 horas. Olhei em volta atentamente, mas não a vi em lugar algum. Aproximei-me do bar e cumprimentei Abigail. Ela sorriu, trocamos amabilidades e então fiquei sabendo que era folga de Lara naquela noite.

Despedi-me dela, voltei a

montar minha moto e segui para a casa de Lara. Seria ainda melhor assim, sem ter que ficar no bar esperando e olhando para ela. Não queria ficar pensando, racionalizando, como Heitor costumava fazer. Queria agir, direto, firme. Mas antes ... antes eu me despediria dela.

Estacionei em frente à sua casa e toquei a campainha, sério, compenetrado, sem poder impedir meu corpo de reagir. Estava duro, teso, um tanto nervoso, sentindo o desejo já me consumir. Ela sempre tinha tido aquele poder sobre mim e, agora, sabendo que

seria a última vez, tudo parecia se tornar infinitamente mais intenso.

Eu me recusava a pensar sobre as coisas que sentia. Esperei, decidido a entrar, fodê-la bem duro e quente, me extravasar em seu corpo e então sumir dali. Com o tempo, tudo voltaria ao normal. E eu pararia de me estranhar tanto, sairia daquele comportamento descontrolado do qual desconhecia.

Lara apareceu na varanda, olhando para mim. No momento em que nossos olhares se encontraram, senti um baque por dentro. Uma espécie de

sufocamento, de aperto, de algo que eu nem sabia nomear. Meu corpo continuou aceso, ainda mais ao constatar o quanto era linda com a curta e diáfana saia branca e uma camiseta azul colada nos seios, os cabelos soltos em cachos selvagens, os pés descalços. Mas nada me preparou para o que eu sentiria além do corpo, emocionalmente. Uma espécie de alegria só em olhar para ela, como se só ali me desse conta da saudade, ao mesmo tempo que uma tristeza esquisita vinha junto, pela finitude de tudo aquilo.

Sua expressão mudou assim que

me viu. Os olhos brilharam, uma euforia e um excitamento a fizeram parecer mais radiante. Apressou o passo, desceu os pequenos degraus da varanda e veio rápida até mim, como se não pudesse esperar mais, seu olhar buscando-me, tentando ver tudo de mim. Eu me senti devassado, realmente observado, de certa maneira temeroso. Não queria aquele olhar nem aquele sorriso de quem está muito feliz ao encontrar outra pessoa.

Abriu o portão, agitada, ansiosa, parecendo uma menina. Havia uma

grande diferença entre ela agora da Lara do início, cheia de olhares velados e sorrisos provocantes. Parecia se expor, como se não pudesse se controlar mais.

- Garanhão, não acredito que está aqui. Acho que chamei você.

- Me chamou? – Semicerrei um pouco os olhos, mantendo-me no mesmo lugar.

- Em pensamento. Pensei tanto em você, que está aqui agora. – Seu sorriso se abriu e, por um momento, distraiu-me. Pensei o quanto era bonita, exuberante, sensual. O quanto um sorriso

daquele podia me desestabilizar.

Nem tive tempo de agir. Lara agarrava minha mão e me puxava para dentro, um ar travesso no rosto, dizendo baixinho:

- E como se adivinhasse, acabei de abrir um vinho e estou ouvindo música. Quer me fazer companhia?

Fechou o portão. Mordeu o lábio e continuou a me puxar atrás de si, subindo os degraus, toda feliz. Eu fui, mudo, tentando me recobrar, assumir as rédeas da situação.

Quando entramos, a sala estava

iluminada e uma música alta de Charles Aznavour tocava, seu sotaque francês pronunciado cantando em inglês, enchendo o ambiente de algo belo e melancólico. Vi a mesa de centro com a garrafa de vinho e uma taça intocada.

- Fique à vontade, vou buscar uma taça para você, Pedro.

- Não vou demorar, Lara. – Ela havia me soltado e já se afastava, mas não parou. Sorriu para mim sob o ombro e piscou.

- Isso nós vamos ver.

Era de novo provocante, me

deixando cada vez mais excitado, alterado.

No meio da sala, não me movi. Até que voltou, observando-me, parecendo notar tudo que me deixava tenso daquele jeito. Uma certa insegurança fez seu sorriso vacilar, mas foi servir o vinho, ganhando tempo. Então, veio até mim e me deu uma taça.

Eu a segurei, sério, compenetrado, meus olhos sem sair dos dela. Percebi o quanto eram redondos, com aqueles raios claros em meio ao castanho, parecendo iluminá-los. E

como os cílios eram naturalmente longos e curvos. Não pude evitar de deslizar o olhar pelo nariz pequeno e fino, até os lábios carnudos, tanto o superior quanto o inferior. Era uma boca que levaria qualquer homem à loucura. Até porque eu já sabia o que era capaz de fazer, as reações que causava em mim.

Não entendi por que continuava sem agir. Era só agarrá-la, tomá-la, deixá-la nua. Eu sabia que Lara não se negaria a mim, não com aquele olhar de fome e de admiração. Poderia fazer tudo que quisesse com ela, me fartar com seu

corpo. E seguir meu caminho. Porra, por que eu não fazia? Por que eu adiava o momento?

- Estou muito feliz por você ter vindo aqui, Pedro.

Tomei o vinho todo em dois goles. Não a deixei nem tocar no dela. Peguei as duas taças e as deposei na mesa, decidido a acabar logo com tudo aquilo.

- Vem aqui, morena ... – Agarrei seu braço, sua pele nua e quente fazendo meus dedos formigarem, o simples fato de tocá-la me aquecendo todo.

E ela veio, entreabrindo os lábios, já cheia de desejo, sem disfarçar. Quando a coleí em mim, suas mãos já subiam por meu pescoço, seus dedos já se infiltravam em meu cabelo e sua boca já buscava a minha.

Foi fogo, tesão, desespero. Eu a apertei contra o peito e a beijei faminto, voraz, com meu coração batendo alucinadamente. Sensações desconexas e violentas me dominaram quando seu gosto deslizou em minha língua, quando fechei os olhos e a senti, tudo dela me bombardeando, a certeza de que seria a

última vez a ter tudo aquilo me dilacerando sem que eu pudesse evitar.

Imagens de nós dois vieram sem controle em minha mente. A primeira vez que a vi e a puxei para mim no Falconetes, sua expressão surpresa ao gozar pela primeira vez, seus olhos tristes sem que pudesse evitar. Ela rindo no bar entre meus irmãos, cantando com Micah, leve e extremamente feliz. Seu ar desolado e calado quando saímos da clínica, sua entrega enquanto cantava em cima de um palco, inteira, completa.

Então, outras cenas se somaram

a essas. Eu, Lara e Heitor como um trio, tão perfeito que surpreendia. O modo como a tocamos e a fizemos nossa, como ela se deu sem vergonha. Como tudo foi enlouquecedor, mais do que já tinha sido um dia, uma comunhão e uma entrega extraordinárias, um tesão de alucinar, uma sensação de que perfeição existia e era aquilo. Mas eu sabia, nada na vida era perfeito. Era apenas uma ilusão.

Agarrei-a e a comi com minha boca, afastei a roupa de seu corpo, precisei de seu cheiro e sua pele para aliviar aquela paixão que me devorava

sem pena, me fazia parecer um menino, me confundia mais do que tudo. Fui bruto quando abaixei sua camiseta com força, a desci junto com saia e calcinha, até só restar um amontoado de tecidos a seus pés.

Lara não ficou atrás, como se sentisse o mesmo, soubesse que era a última vez e por isso devia aproveitar, sugar tudo de mim. Arrancou meu paletó e minha camisa, sugou minha língua, gemeu ao arranhar meu peito e descer as mãos para abrir minha calça. Livrei-me dos sapatos. Não sei como, acabei tão

nu quanto ela, pois em nenhum momento deixamos de nos beijar e tocar.

Alucinado, empurrei-a para o sofá e caiu, com os cabelos esvoaçando, a face corada, os lábios inchados dos beijos. Olhei-a faminto, furioso, querendo devorá-la por inteiro. Caí de joelhos, arreganhando sua pernas, beijando sua barriga que se contorcia trêmula.

- Ah, garanhão, você me deixa louca ... – Gemeu, ainda mais quando abocanhei sua bocetinha e se jogou para trás, ondulando, delirando ao ser

chupada com força. Eu a tomei com lábios e língua, com um tesão que fazia minhas têmporas latejarem e meu sangue correr nas veias sem controle.

Suguei tudo dela, viciado naquele gosto que eu já conhecia, naquela carne macia e cremosa, polpuda, lisinha. Lambi sua vulva até ouvir seus lamentos e sentir seus tremores, enquanto rebolava e caía deitada no sofá, como se não pudesse conter o próprio corpo em suas ondulações.

- Pedro ... Pedro ... – Começou a

dizer meu nome, fora de si.

Eu ia explodir. Tudo em mim fervia, dilacerava, palpitava. Não conseguia pensar, só agir, movido pela paixão, pelo descontrole que sempre causava em mim. Deslizei minhas mãos em seu corpo, moldei-a, guardei suas formas para sempre, como um cego que reconhece o outro pelo tato. Resvalei seus mamilos, seus ombros, seu queixo. Lara agarrou minha mão e meteu um dedo na boca, chupando gostoso, se remexendo, tão excitada e dobrada pelo tesão como eu.

Meu pau doía, duro e teso. Ergui-me de repente, arquejando, olhos buscando-a, ajoelhando-me no sofá. Fui bruto, pois era ao luxúria pura e densa que me golpeava sem pena, era meu corpo que exigia mais, antes que eu enlouquecesse. Agarrei sua garganta, prendi-a contra o sofá, me inclinei sobre seu rosto, segurando meu pau pela base com a outra mão, esfregando a cabeça em seus lábios.

- Abra a boca, morena ... me chupe ...

- Sim ... – E olhei ensandecido

enquanto abria aquela boca polpuda e úmida e chupava-me só na ponta, doce e firme, seus olhos erguidos para os meus, seu rosto uma máscara de tesão absoluto.

Gemi e forcei mais, deslizei para dentro daquela sedosidade toda, não parei de encará-la, pesado e duro, voraz. Lara me engoliu todo até a garganta, chupando, sugando, mamando, seu corpo ardendo tanto que arreganhou as pernas para os lados e se masturbou. Apertei mais sua garganta e meti, meus olhos percorrendo-a, todo meu ser

concentrado nela. E a fodi assim, gemendo rouco ao ver como seus dedos sumiam dentro da boceta encharcada, como fazia barulhinhos no meio da música e me deixava fora de mim.

Era tão vertiginoso e arrebatador tudo aquilo que eu temi gozar. Mas não queria. Precisava de mais, de tudo, de Lara. Soltei-a. Ainda se ergueu um pouco, tentou me manter em sua boca, mas eu já sentava no chão e encostava no sofá, puxando-a sobre mim com brutalidade.

Deu um gritinho meio assustado,

mas segurei-a firme, de modo que deitou sobre mim ao contrário, seus joelhos na ponta do sofá de ambos os lados de minha cabeça, sua boceta no meu rosto, sua cabeça indo em meu colo. Nenhum de nós precisou falar nada. Nossos corpos conversavam sozinhos, se buscavam, se entendiam.

Agarrei sua bunda e chupei sua boceta aberta em minha boca, movendo a língua, fechando os olhos, pois era mais deliciosa que qualquer maravilha do mundo, era meu vício, era minha necessidade. Meu peito doeu, pois não

quis largá-la, não me imaginei mais sem aquilo. Não suportei imaginar nada ao contrário, além de passar minha vida assim, gravando seu gosto e seu cheiro para sempre.

Lutei por algum controle, por uma razão que me fizesse escapar daquela armadilha, daquela sedução, mas não pude. Ainda mais quando seus cabelos se espalharam em minhas coxas, seus dedos se fecharam na base do meu pau e ela o meteu na boca macia e úmida, quente e gostosa, movendo a cabeça para frente e para trás enquanto

me engolia faminta, se requebrando em minha boca, gemendo abafado, em pequeno choramingo de prazer.

Ficamos assim, nos adorando com a boca, nos tomando como se dali dependesse nossas vidas, ao mesmo tempo desesperados e precisando de mais. Tentei, com todas as forças, me recuperar. Dominar a situação e meu corpo traiçoeiro, mas minha vontade era de nunca sair dali. Por um ínfimo momento, admiti a mim mesmo que não poderia me afastar, que eu já estava seduzido demais para isso. Quase cedi.

Mas então a razão voltou e com ela um medo desconhecido, uma necessidade absurda em recobrar o poder.

Afastei o rosto, tentei me livrar daquele gosto, daquele domínio, abri os olhos. Lara me agarrou, me chupou, como se não pudesse me largar. Gemi em agonia, empurrei-a com força, até que caía no chão e se virava confusa, buscando-me entre seus cabelos, com lábios rubros e úmidos.

Rosnei, indo para cima dela no chão de madeira.

- Vem ... Vem, garanhão ... —

Suplicou e parecia sentir, saber que algo me atormentava, me deixava a ponto de surtar.

Eu ia fodê-la, acabar logo com aquilo. Não dava mais para suportar, para forjar um domínio que não era tão grande como eu queria. Eu me via amarrado, preso, agoniado. Precisava gozar e sair dali, nunca mais olhar para trás. Somente isso. Logo, antes que eu esquecesse quem era ou o que queria.

- Chega de brincadeira, morena ... – Furioso, eu a arreganhei e a montei entre as coxas, meu pau latejando,

doendo, me movendo. Apoiei o peso nos braços e dei um impulso, penetrando sua boceta com tudo, tão fervente e escaldante que gemidos escaparam, um arrepio violento me percorreu de cima abaixo.

Eu a comi, indo e vindo, entrando com força, fundo, nossas carnes se devorando, escorregando, colando. Lara gritou, me abraçou pela cintura, firmou os pés no chão e ergueu os quadris, acompanhando-me, sugando-me, tomando e se entregando em agonia e êxtase, em murmúrios lamentosos de

pura paixão.

E então, nos fitamos, olhos nos olhos. Ali foi o meu erro. Os dela brilhavam de lágrimas, de sentimentos explícitos, de um tesão cheio de emoção. Ela não me escondia nada e parecia me suplicar algo, me prometer o mundo, me oferecer o paraíso. E me pedir muitas coisas. Não sei como vi, mas estava ali. Seus olhos suplicavam que eu ficasse, que eu cuidasse dela, que eu a amasse. E me garantiam tudo de volta.

Seus lábios tremeram, as

lágrimas desceram pelos cantos, só para serem substituídas por outras. Eu senti como se ocorresse um terremoto dentro de mim e tudo ruísse, sacudisse, desmoronasse. Vi minha vida até conhecê-la e minha vida agora, tudo que me fazia sentir, desejos que criava em mim. Eu a olhei e não a vi apenas; eu vi a mim mesmo.

Parei, todo enterrado dentro de seu corpo, meus olhos sem piscar, minha mente tão lúcida que não havia mais onde me esconder. A pressão em meu peito se expandiu e tomou conta de mim.

Não dava mais para lutar e vacilei, imobilizado, com um medo que nunca senti na vida. Por que ali eu soube que não havia mais escapatória para mim. Lara tinha me agarrado de uma maneira inexorável, inexplicável. Eu não era mais eu mesmo sem ela.

Ainda tentei. Juntei todas as minhas convicções e minha força de vontade, lutei, mas já era uma batalha perdida. Então, eu estava lá, parado dentro de seu corpo, perdido em seus olhos, como se o mundo tivesse parado de girar de repente.

- Pedro ... – Lara murmurou, apenas uma palavra, o meu nome. Um pedido, uma certeza, uma promessa. E eu soube que ela tinha tomado conta de mim.

Charles Aznavour continuava a cantar *She* (Ela). A música penetrou minha mente e eu apenas deixei, tão emocionado como nunca pensei que um dia ficaria:

*“(...) Ela, que sempre parece tão feliz
no meio da multidão.*

Cujos olhos podem ser tão secretos e

tão orgulhosos

*Ninguém pode vê-los quando eles
choram.*

*Ela pode ser o amor, que não pode
esperar para durar*

*Pode vir para mim das sombras do
passado.*

*Que eu vou me lembrar até o dia que
eu morrer.”*

Ela. Lara. A única mulher que eu
amava.

Eu, que nunca sonhei nem quis
aquilo. Que estava ali para deixá-la.

Ela, que chegou sem avisar, que veio como uma aventura e de alguma maneira se estabeleceu dentro de mim. E que agora me arrebatava e assustava, que tirava meu apoio e minhas crenças, que me deixava completamente perdido.

- Não me deixe ... – Murmurou e me puxou para si, como se soubesse, se sentisse ou visse minha luta. Talvez apenas sentisse o mesmo. Eu não sabia.

Deitei sobre seu corpo, coleí meu peito em seus seios, segurei-a sem poder soltar. Lara tirou a cabeça do chão, moveu-se sob mim e dançamos

juntos, fazendo amor, nos dando e doando, enquanto eu a via fechar os olhos e me oferecer sua boca. Ela, que sempre transava com os olhos abertos, estava lá, toda entregue, toda minha. E era assim que eu queria, que eu sabia que seria. Minha. Minha.

Beijei-a. Mas não foram só lábios e língua, tesão e paixão, salivas e sabores. Foi espírito e emoção, foi amor e aceitação, foi a confirmação daquilo que ninguém escolhia ou impedia, que apenas vinha, tomava conta de tudo, acontecia. Quietos, silenciosos, como se

soubesse o tempo todo que não havia nada mais forte no mundo. O amor.

“(...)Ela

Pode ser a razão pela qual

sobrevivo

O porquê e o motivo de eu estar vivo

A única que eu vou cuidar

*prontamente ao longo dos anos durante as
adversidades.*

Eu vou pegar as risadas e as

lágrimas dela

E farei delas todas as minhas

lembranças

Para onde ela for, eu tenho que estar

O sentido da minha vida é

Ela, ela, ela”

Eu a segurei sem poder soltar. Eu quis seu pranto e seu riso, sua dor e seu amor. Eu a penetrei e beijei da maneira mais terna que já fiz um dia, eu a senti em cada parte do meu ser e não pude mais segurar nada. Gemi e gozei, senti seus espasmos e seu orgasmo junto, como se fôssemos um só, ligados, geminados.

Ondulamos, nos tocamos e nos

beijamos. Gozamos colados. Até o corpo se saciar, mas a alma ainda pedir mais, em uma necessidade que nem uma vida inteira poderia aplacar. E mesmo depois que acabou, continuamos unidos, pernas entrelaçadas, sexos encaixados, pele contra pele, lábios contra lábios.

Meu coração se acalmou. Eu sabia que não adiantava mais me enganar. Mas mesmo assim, ainda senti medo. Muita coisa passou por minha cabeça. Quem eu era, o Heitor naquela história, a vida de Lara, que era praticamente uma estranha para nós. E

eu, que sempre controlei meu destino, que fiz meu caminho e minhas escolhas, ali tão perdido, sem saber que passos tomar.

Lara acariciou meu rosto, deslizou os lábios em minha barba com carinho, murmurou:

- Foi tão bom, Pedro ... tão ...

Calou-se, sem palavras.

De olhos fechados, deixei minha cabeça cair no chão. Meu pau escorregou para fora dela, um fio de esperma escorreu. E ficamos lá, quietos, por muito tempo. Pela primeira vez na

vida eu não sabia o que fazer.

Lara moveu-se, ergueu o tronco, seu cabelo deslizou em meu peito.

- Pedro ... – Chamou baixinho.

Eu abri os olhos. Fitamo-nos.

Tudo parecia acumular dentro de mim, mas eu segurava lá. Precisava de mais tempo, aceitar aquela nova realidade, pois era como um garoto aprendendo a engatinhar naquela nova realidade.

Pensei em meu pai, sentado em sua cadeira de rodas, olhando os jardins, anos e anos pensando na minha

mãe. Ele fez um império, passou por tragédias, foi traído, a perdeu. Mas nunca a esqueceu. A vida dele foi em função dela. O que eu sabia sobre o amor era aquilo, como podia destruir. Como uma doença que devora a pessoa até morrer. Uma agonia.

Agora, eu sentia coisas novas. Eu imaginava se seria assim mesmo. Eu sentia um fio de esperança, uma vontade de arriscar. E também de recuar, de voltar para a segurança da minha vida, de fugir de futuros sofrimentos.

- O que se passa aqui, Pedro? –

Lara murmurou e passou os dedos em minha testa. – Por que me olha assim?

Segurei seus dedos. Desviei o olhar. Afastei-a de mim devagar, enquanto sentava e corria os dedos entre os cabelos. Queria ficar ali, mas não sabia o que dizer. Era tudo novo demais. Aquela admissão para mim mesmo rompia todas as minhas certezas, acrescentava novas dúvidas.

Ergui-me e a ajudei a se levantar também. Lara me olhava, preocupada, confusa. Bem sério, a um passo de distância dela, eu disse baixo:

- Eu não sei mais de nada, Lara.

- Mas ...

- Preciso ir embora.

- Não, Pedro. Toda vez você vai embora. – Aproximou-se e segurou meus braços, seus olhos suplicantes. – Eu também não sei o que é isso tudo. Vim para Florada só para dar uma parada, descansar. Nunca pensei encontrar homens como você e Heitor, me envolver desse jeito. Mas tanta coisa aconteceu e ...

- Depois nós conversamos. – Eu não tinha condições de lidar com todos

aqueles sentimentos desconhecidos de uma vez. De alguma forma, ela tinha me dobrado, minado minhas forças, virado o feitiço contra o feiticeiro. Eu a culpava por isso, mesmo sabendo que era injusto.

Olhava sua expressão e via que não era culpa dela. Que no meio da bagunça que eu, ela e Heitor mergulhamos, a coisa fugiu ao controle para nós três. E tudo tinha virado uma confusão só.

- Não precisamos conversar. Apenas fique. – Seus olhos pediam

também.

- Hoje não, Lara.

Talvez eu fosse um covarde. Eu brigava em um ringue de boxe com um cara que tinha o dobro do meu tamanho e agora não tinha coragem de ficar perto de Lara. Mas sabia por que. Temia me expor demais, mais do que já fiz. Traçar um caminho sem volta.

Virei e catei minha roupa. Lara ficou parada, meio desnorteada. Murmurou:

- Você vai voltar?

- Não sei.

Vesti-me. E quando a olhei de novo, nua e linda, mais frágil do que já vi um dia, quase joguei tudo para o alto e a puxei para mim.

- Não sabe como tudo isso é difícil para mim também, Pedro. – Foi uma espécie de confissão, seus olhos doloridos.

- Preciso ir, Lara.

Virei as costas e me afastei, perturbado, preocupado com ela, mas precisando apenas de tempo. Precisando desesperadamente.

Quando girei a maçaneta e abri a

porta, ouvi sua voz baixinha atrás de mim:

- Fique. – Foi um pedido. Uma necessidade.

Vacilei. Muita coisa passou por minha cabeça. Mas saí e fechei a porta atrás de mim. Andei até lá fora, montei em minha moto, pus o capacete.

Quando coloquei a moto em movimento, minha mente e meus sentidos vagaram sem controle. Porra, eu não podia acreditar que estava apaixonado por ela. Eu e Heitor amando a mesma mulher.

Era loucura. Sexo era uma coisa, sentimento outra. Dividíamos tudo, nos divertíamos juntos, éramos inseparáveis. Mas aquilo não daria certo. Eu não sabia lidar com tudo aquilo sozinho, era novo demais para mim. Imagine com eles, com meus ciúmes, com meu desejo de posse. Estragaria tudo antes mesmo de começar.

Nervoso, vi o Falconetes e acabei me dirigindo para lá. Não queria ir para casa e ver Heitor. Ele saberia de tudo. Eu me sentia um traidor, um fraco. Fui até Lara disposto a me despedir, a

deixar o caminho livre para meu irmão.
E não tive coragem.

Sabia o que Heitor diria. Ele ficaria feliz. Nunca conheci alguém como ele, sem amarras sociais, sem seguir conceitos ou regras impostas. Era livre como a nossa terra, solto como os animais que tanto gostava, acreditava no impossível. Nunca foi egoísta, nunca pensou como as outras pessoas. Sempre admirei aquela sua alma livre, aquela sua felicidade sem explicação, a sua crença de que tudo no fim dá certo.

Ele não sentiria ciúmes. Ele

ficaria feliz, porque nossas vidas caminhariam juntas, como sempre foi. Seríamos mais inseparáveis do que nunca e teríamos mais uma coisa de ambos: o amor de Lara.

Desci da moto e entrei no Falconetes, nervoso. Fui direto a uma mesa, olhando em volta, praticamente não vendo nada. Claro que não daria certo. Era a porra de uma loucura! Só de saber que tinham saído juntos, sem mim, eu já tinha morrido de ciúmes. Ciúmes de Lara e de Heitor também, pois ela poderia afastá-lo da minha vida.

Pedi uma cerveja a uma garçonne e fiquei lá no canto, quieto, minha mente revoando, me cobrando uma realidade que se faria presente. Bebi, sabendo que ninguém aceitaria aquilo. Minha família estranharia. Seria um escândalo na cidade. Todo mundo sabia ou desconfiava de nossas farras compartilhando mulheres. Farras passageiras.

Relacionamento não era para mim, ainda mais um daqueles. Tanta coisa teria que ser pensada, ajeitada, organizada. Tantos sentimentos teriam

que prevalecer sobre os outros! Seria necessário acreditar e tentar. Mas como, se eu sabia que seria o ponto de discórdia ali, se nunca na minha vida tive um relacionamento nem amei uma mulher?

Consumido em dúvidas, eu bebi. Busquei saídas. E a mais certa seria realmente deixar o caminho livre para eles. Meu irmão merecia a felicidade mais do que qualquer pessoa no mundo.

Eu cresci vendo seus sonhos românticos, seu desejo em ter uma família. Vi como se apaixonou por

Francesca e pensou em casar, ter filhos, só para sofrer como um condenado quando a perdeu para a morte. E agora, eu o via mais feliz do que nunca, amando sem reservas. E não havia nada no mundo que eu desejasse mais do que aquilo para Heitor.

Tinha que desistir de Lara. Só precisava me acostumar com o fato. Me acostumar a tê-la como cunhada, a vê-la ter filhos de Heitor, a estar em sua presença nas reuniões familiares. Eu lutaria para esquecê-la, para não desejá-la, para não querer, como naquele

momento, desvendar todos os seus segredos.

Bebi mais, até acabar com a garrafa de cerveja e pedir outra, perturbado, com ela na mente, com seu olhar no meu enquanto a penetrava, tão doce, tão linda, tão minha. Nunca, enquanto eu vivesse, esqueceria o que senti naquele momento. O meu corpo e minha alma se inundando de amor, a certeza de que o destino tinha se feito presente, eu querendo ou não, como Dalila dissera.

Eu a vi atrás do balcão, olhando-

me de longe, muito quieta, aqueles seus olhos penetrantes me dando arrepio. Desgraçada! Por que não viu outra coisa? Por que me avisou, se não adiantava porra nenhuma?

Chamei a garçonete e pedi uma dose de uísque. Tomei de uma vez. Pedi outra. Na terceira, tudo rodava na minha frente. Depois do vinho, da cerveja e do uísque, tomando tudo de estômago vazio, meu corpo pagava o preço. Mas não parei. Pedi mais uma e a garçonete me olhou na dúvida.

Lara, Heitor, nossos momentos,

minha culpa, o amor dele, o meu, os olhos dela, tudo girava sem parar e me agoniava, me deixava doente, arrasado.

Foi Abigail quem se aproximou da minha mesa e não a garçonete.

- Pedro, algum problema? O que houve?

- Nada. — Encarei-a. — Cadê minha bebida?

- Não acha que já bebeu demais?

- Sou adulto, Abigail. — Minha voz saiu com dificuldade, desafiadora. — Bebo quanto quiser.

- E depois ainda vai para casa

de moto? Está maluco?

- Quero minha bebida. – Olhei-a, irritado. – Dá para mandar a garçonete trazer?

- Não, Pedro. Chega.

- Chega? – Franzi a testa e levantei abruptamente. Tudo rodou vertiginosamente e quase caí, tive que apoiar as duas mãos na mesa e sacudir a cabeça, até me estabilizar. Na mesma hora, ela segurou meu braço.

- Olhe seu estado, menino! Sente-se. Vamos conversar.

- Sim, mas não quero conversar

com você. Quero conversar com ela! – Apontei para Dalila. Ajeitei o corpo e, como se estivesse em um barco à deriva, caminhei até o bar. Abigail tentou me amparar, mas puxei o braço e segui em frente.

Quase despenquei em um banco, apoiando-me no balcão, apontando o dedo para Dalila:

- Por que você não me avisou?

Ela estava na dela, aqueles cabelos caindo dos dois lados do rosto, escondendo-a. Assim como a disforme roupa preta. Não fugiu. Veio mais perto,

fitando meus olhos, dizendo com calma:

- E de que adiantaria avisar? Ela viria do mesmo jeito.

- Porra, eu nem liguei porque pensei que fosse a chata daquela cantora! Mas você sabia que não! Era só falar, me deixaria alerta! – Reclamei, sem conseguir pensar direito. – Me dá uma bebida aí. Você tá me devendo, Dalila.

- Ele está bêbado. – Disse Abigail para a irmã e acenou para ela. – Fique com ele. Vou cuidar disso.

Eu mal ouvi, encarando Dalila.

Ela veio mais perto ainda e disse baixo:

- Só aceite, Pedro. Vai ser mais fácil.

- Aceitar o que?

- Lara tem mais coisa com ela. Vai precisar de vocês.

- Que porra está falando? Cadê minha bebida? — Exigi, meu peito doendo, a tristeza me consumindo. Baixei o tom e pedi: - Só mais uma, Dalila. Só quero esquecer essa merda toda. Depois vou fazer a coisa certa.

Ela suspirou. E me

surpreendendo, encheu um copo de uísque e colocou na minha frente. Quando o agarrei, ela murmurou:

- Há males que vem para o bem.

Não entendi nada. Mas nem pensava mais. Eu bebia e tudo rodava terrivelmente. Fechei os olhos. Em que merda eu tinha me metido?

CAPÍTULO 27

HEITOR

Cheguei ao Falconetes o mais rápido que consegui, depois que Abigail me ligou e disse que Pedro estava

embriagado no bar. Não pude acreditar, até que meus olhos viram. Ele não era disso. Podia se meter em confusão, se machucar lutando, passar a noite fora em farras. Mas não encher a cara desse jeito, ainda mais ali, onde éramos tão conhecidos.

O restaurante estava relativamente cheio e várias pessoas me olharam curiosas. Sabia que comentariam, questionariam e tudo mais que uma cidade pequena fazia quando ocorria algo fora do normal. Mas não liguei para nada daquilo. Segui até o

bar, meu peito se apertando quando o vi praticamente desabado sobre o balcão, falando de modo engrolado com Dalila, que o fitava com paciência, atentamente. Abigail servia as outras pessoas do bar, de olho nele. Ficou aliviada ao me ver.

- Hei, irmão, farreando sozinho?
– Passei o braço em volta de seu ombro, parando ao seu lado. Não fiz alarde.

Pedro moveu a cabeça, fitou-me com olhos confusos, sem poder fixá-los. Estavam vermelhos, perturbados, me fizeram ficar ainda mais preocupado.

- Heitor ... – As palavras saíram

pesadas, com dificuldade. Tentou se
ajeitar e bambeou, mas eu o amparava. —
Cara, eu ... estava aqui ... falando pra
ela ...

Apontou para Dalila e amarrou a
cara.

- Devia ter me falado. Ela vaci
... cilou.

Olhei para Dalila. Não disse
nada. Só se virou e foi se ocupar do bar,
junto à irmã. Abigail estava atenta,
pronta para agir se necessário.

- Hei ... volte aqui, Dalila. Diga
a ... ela. Não tenho razão?

- Tem. Agora vamos conversar em casa.

- Quero beber.

- Vamos beber em casa, na varanda, como fizemos outro dia. Certo?

Prestou atenção em mim. Então suspirou, desolado.

- Desculpe, irmão. Eu não consegui.

Eu tateei seu bolso e achei a chave da moto. Coloquei no balcão.

- Abigail, pode pedir a alguém para depois guardar aqui dentro para mim? Amanhã venho buscar.

- Claro, Heitor. – Ela pegou a chave. – Quer ajuda aí com ele?

- Não precisa. Obrigado por ter cuidado dele e me chamado.

- Não tem isso com a gente. – Sorriu e, com carinho, acariciou o braço de Pedro. – E você, juízo, rapaz. Se cuide.

Pedro estava tão ruim que só apertou os olhos, sem entender nada.

Eu o firmei e o ergui, amparando-o.

- Vamos pra onde?

- Para casa.

- Ah, é ... tomar umas ...

- Preparado?

- Posso ir sozinho ...

- Sim, mas assim é melhor. – E

comecei a andar com ele, algumas pessoas sorrindo, outras olhando preocupadas.

Pedro estava bem tonto, mas foi comigo, calado, encarando as pessoas.

Quando chegamos ao carro, ajudei-o a entrar e preendi seu cinto. Dei a volta, acomodei-me ao volante e então dirigi, lançando um olhar a ele. Como se sentisse, abriu os olhos, meio que se

recostou na porta e me encarou, parecendo cansado, sonolento.

- Vai ficar tudo bem, Pedro.

Logo estaremos em casa.

- Não ... – Sua voz saiu um tanto agoniada. – Está tudo uma merda!

- Por que?

- Mas vou resolver.

Muita coisa passava por minha cabeça. Desde a noite anterior eu sabia que havia algo errado com ele. Não me convenceu dizendo que estava bem, que procuraria Lara naquele dia. Eu o deixei, mas com um mau pressentimento,

sabendo que algo o perturbava demais. Pedro não estava sabendo lidar com o que sentia e o que queria.

- Foi procurar a Lara Maria? – Perguntei, cauteloso.

- Fui. – Esfregou o rosto, tentando se concentrar, a voz pastosa. – Porra, irmão. Eu tentei. Mas agora ... vou conseguir.

- Conseguir o que? Vocês discutiram?

Pedro riu, sem vontade. Seu rosto virou uma máscara de agonia.

- Não. Eu fui lá transar. – Tentou

se ajeitar no banco. – Ia dizer a ela ... acabou! Mas não falei.

- Não acabou, Pedro.

- Pra mim, sim.

Eu sabia que não devia conversar com ele agora, mas estava preocupado, sem saber o que tinha acontecido na casa dela.

- Não consegui ... – Desabafou.

- Pedro ...

- Ela me olhou e ... travei. Mas vou cair fora, irmão. Ela ... é sua.

- Não diga besteira. Ninguém vai cair fora. Vamos resolver isso tudo, nos

ajeitar.

- Não. – Fechou a cara e olhou para fora, apoiando a cabeça no banco.
– Acabou pra mim.

Como poucas coisas podiam demonstrar tanto?

A dor estava lá, em seu corpo, em sua voz, em sua postura. Naquele desespero que ele tentou disfarçar com bebida. Nunca vi meu irmão tão perdido, tão solitário, tão infeliz. E aquilo me machucou, fez uma coisa ruim subir em meu peito, apertando-o.

Dirigi, sabendo que seria melhor

esperar Pedro ficar sóbrio para conversar. De nada adiantaria agora.

Muita coisa passou por minha cabeça e entendi mais ou menos o que havia acontecido. Ele havia decidido pular fora, deixar o caminho livre para mim, como fez com Francesca. Foi ver Lara para transar, se despedir. Mas não pôde. Devia ter se dado conta que era mais sério do que pensava, mais incontrolável do que julgara. Algo acontecera ali e o pegara de jeito. Por que meu irmão não recuava. E eu sabia o que era. Aceitara o fato de que a amava.

Eu sabia que não seria fácil. Pedro não queria aquilo. Mas não imaginei que seria daquele jeito. E ali vi que as coisas não seriam como eu tinha imaginado. Elas se complicavam muito mais.

Da outra vez que Pedro saiu da jogada, ele não estava envolvido. Agora sim.

Talvez fosse ingenuidade minha, mas tinha acreditado naquele trio. Quantas vezes na vida acontecia de três pessoas se amarem? E de colocarem o amor do outro na frente do seu? Pois foi

isso que Pedro quis fazer. Desistir da única mulher que amou na vida por minha causa, porque não acreditava no trio. Como Theo dissera, era possessivo demais, sentiu que estava se descontrolando em seus ciúmes.

Uma grande tristeza pesou em mim. Eu o conhecia, sabia que precisava do seu tempo. Não adiantaria conversa. Ele teria que ver, sentir, vivenciar aquilo. E então poder se decidir.

Chegamos à fazenda e parei o carro em frente à varanda. Desci, dei a volta, foi um sacrifício acordá-lo.

Confuso, deixou que eu o segurasse e o ajudasse a se equilibrar para dentro de casa. Por sorte Tia não estava ali, ou ficaria toda preocupada.

Mas Theo surgiu, vindo do corredor, possivelmente do escritório. Franziu o cenho e veio rápido até nós.

- O que houve?

- Está bêbado. Vou levá-lo para o quarto.

Theo me encarou, atento. Sem dizer mais nada, amparou Pedro do outro lado e subimos as escadas com ele. Pedro resmungou:

- Posso andar ...

- Estou vendo. – Theo disse sério.

- Só tomei umas ...

Nós o ignoramos. Ao chegar ao quarto, Theo disse:

- Uma ducha vai fazer bem a ele.

- Certo.

O enfiámos embaixo do chuveiro com roupa e tudo. Só salvei sua carteira. Pedro ficou puto, xingou palavrões, mas não tivemos pena, deixando sua cabeça sob o jato forte. Ele começou a se despir, reclamando, rosnando,

ameaçando.

- Cale a boca. Não está em condições de impor nada. – Theo usou sua autoridade de irmão mais velho e, como se fosse de novo um menino, Pedro obedeceu.

Demos uma toalha e um roupão para ele e o levamos ao quarto. Pedro desabou na cama, meio confuso, mas ainda bêbado. Olhou-nos em um misto de vergonha e irritação, mas também com uma tristeza que estava acabando comigo.

- Vou ver um café forte para ele.

– Theo saiu do quarto.

- Foi mal, irmão ... – Pedro me fitou, angustiado. – Só faço merda.

- Eu entendo. Cada um tem seu momento.

Parecia muito cansado. Fechou os olhos. Achei que dormiria, o que seria bom. Observei-o um momento. Quando vi que não corria riscos de vomitar e se engasgar, virei para sair. Mas sua voz me parou:

- Você vai ser feliz com Lara, irmão. Prometo.

Voltei devagar, o peso maior no

peito. E ali, soube o que deveria fazer.

- Durma. Amanhã vamos conversar.

- Sem conversa ... – Murmurou.
E por fim, apagou.

Saí silenciosamente e fechei a porta. Desci, mil pensamentos em minha mente.

Pedro levaria o tempo dele. E enquanto eu estivesse no meio, seria influenciado por mim e pelo amor que eu sabia que nos ligava. Só vi ali uma solução.

Seria um risco. Mas eu estava

disposto a correr.

Da outra vez, tinha saído de cena por mim. Agora, seria a minha vez.

Eu sabia que amava Lara, que acreditava no trio, que podíamos ser felizes juntos, nós três. Para os outros, poderia parecer loucura. Mas não para mim. Só que, para isso, seria necessário dedicação dos três. Nenhuma relação era fácil. Pior ainda uma daquelas. Se não nos comprometêssemos, sabendo que cada um teria que se dar e renunciar a algo, nunca daria certo. Todo mundo tinha que querer aquilo.

Eu queria. Podia jurar que Lara, por mais que tivesse seus conflitos e dores, queria também. Ela se arriscaria. Faltava Pedro. E isso, ele teria que descobrir sozinho.

Resolvi dar um tempo para ele, me manter de fora. Duas coisas poderiam acontecer depois disso. Pedro sentir falta do trio e querer se arriscar por ele. Ou não. E daí, eu desistiria de tudo. E mesmo que ele esperneasse e quisesse me deixar com Lara, eu não ficaria. Se era para apenas um de nós dois ser feliz com ela, seria ele.

Fui até a cozinha. Estava silenciosa. Tia já havia se recolhido. Theo esperava o café passar na cafeteira, encostado à pia, braços cruzados, algo em sua postura demonstrando preocupação.

- Como ele está?

- Dormiu.

- Acho que teremos que tomar o café.

- Preciso de um mesmo. – Fui até o armário e peguei duas xícaras. Depositei-as na mesa e o encarei.

- E aquela viagem de negócios

ao Uruguai?

- O que tem ela? – Observou-me.

- É quando mesmo?

-Vou amanhã, no final da tarde.

Era para ficar de cinco dias a uma semana, mas vou tentar agilizar, para não ficar tanto tempo longe de Eva e Helena.

- Não precisa. Vou no seu lugar.

Ele ficou surpreso. Fui até a cafeteira e nos servi. Entreguei a xícara dele e tomei um gole do meu café, indo me sentar em volta da mesa. Theo fez o mesmo, avaliando-me.

- Heitor, você nunca vai nessas viagens longas. Não gosta de ficar muito tempo longe da fazenda.

- Sei disso, mas preciso de um tempo para mim. Vai ser melhor para todo mundo.

- Tem certeza?

- Tenho.

Ele acenou com a cabeça e, por um momento, tomamos café em silêncio. Mas então, indagou:

- As coisas estão se complicando, Heitor?

- Era esperado. – Sorri devagar

e me recostei, tentando não preocupá-lo.
— Mas ainda acredito que tudo vai dar certo. Vamos dizer que estou arriscando algumas coisas.

- Se alguém pode fazer isso, é você. Conhece Pedro melhor do que ninguém.

- É com isso que estou contando.

- E se as coisas não derem certo? Já pensou o que vai fazer?

Terminei meu café. Embora sentisse aquele aperto agora como constante em meu peito, eu ainda tinha esperanças. Acenei com a cabeça.

- Já pensei sim, Theo. De uma maneira ou de outra, tudo vai se acertar.

- Vocês sabem que podem contar comigo. Fico contra o mundo todo e do lado de vocês. — Sua voz foi firme, assim como seu olhar. Acabei sorrindo.

- Como se eu não soubesse disso.

Ele sorriu também, mas eu sabia que se incomodava em não poder ajudar mais. Era inerente nele o desejo de tomar a frente de tudo e resolver logo. Mas daquela vez, eu e Pedro é que faríamos aquilo. Cada um de nós

contando com o que acreditava.

- Aproveitando que estamos aqui, me explique melhor sobre essa viagem. – Pedi.

Ficamos um bom tempo lá conversando.

Depois que Theo se retirou, eu não me recolhi. Acendi meu charuto, fiquei um tempo na varanda, olhando as terras. Apenas pensando. Como eu gostava de fazer.

Como eu esperava, Pedro ficou muito surpreso quando apareci no frigorífico à tarde, arrumado para viajar. Joaquim me esperou no carro com minha bagagem. Ele me levaria até o hangar para pegar o jatinho.

- Como é? Vai no lugar de Theo?

Estávamos em seu escritório e não tínhamos nos visto ainda aquele dia. Tinha achado que fui lá falar da sua bebedeira, não esperava a questão da viagem.

- Vou. Ficarei no Uruguai mais ou menos uma semana.

- Mas por que? Você odeia sair da fazenda! – Franziu a testa, tenso, levantando-se de sua cadeira. – Escute, Heitor ...

- Escute você. – Levantei também e o encarei com firmeza. – Eu quero ir. É um tempo que quero dar para mim mesmo de tudo isso.

- Não precisa dar tempo nenhum. – Seu olhar era direto e arreliado. – Estou fora dessa coisa toda. Deixa que vou nessa viagem.

- Eu vou, Pedro.

Pareceu um pouco surpreso com

minha decisão. Vi o temor em sua expressão, uma certa culpa.

- Você vai à toa. Nada vai mudar quando voltar. Não tenho mais nada com Lara.

- Faça-me um favor. – Aproximei-me dele, fitando bem no fundo dos seus olhos. – Pare de fugir e se comportar como o garoto de 13 anos que ficou revoltado quando nossa mãe tentou se matar. Você é um homem, Pedro. Aja como tal. Uma mulher não é um bicho de sete cabeças nem uma potencial traidora, como você pensa.

Aceite seu amor por Lara e mergulhe de cabeça, viva isso. Se dê ao menos uma chance. Por que agora quem está fora sou eu. E nada do que você diga vai me fazer mudar de ideia.

Vi seu choque. Senti como se abalou. Então, reagiu como eu imaginaria, se irritando.

- Está certo, então vamos cair os dois fora. Ela vai ficar sozinha.

- Não me decepcione, Pedro. Nunca foi um covarde. Viva o que tem que viver com ela. Quando voltar, nós conversamos.

Dei-lhe as costas e pisei firme até a porta.

- Heitor. – Chamou-me, nervoso.
– Por favor, não vá. Eu sei que você a ama. Ela ama você. Está tudo certo pra mim. Mas não vá, irmão. Nem eu nem a fazenda vamos aguentar sem você.

Fiquei emocionado, minha garganta travou. Virei devagar. Sorri.

- Não vou para sempre. Preciso mesmo desse tempo, irmão. E você também. Faz o que estou te pedindo. Viva. Sinta. Vá de cabeça. Só peço mais uma coisa.

Ele esperou. Via seu pedido mudo, sua saudade já antecipada, a culpa que o torturava.

- Cuide de Lara durante esse tempo. Não a deixe sozinha. Diga que tive que viajar de emergência, não precisa mais nada que isso. Só me prometa que não a deixará sozinha. Sabe, tanto quanto eu, que ela já tem dores demais para cuidar. Não sei o que são, mas estão lá.

- Não vou cuidar da sua mulher.
— Afirmou, bravo.

- Vai sim. Cuidar da sua mulher.

Eu tive vontade de falar “nossa”, mas era cedo demais para saber.

- E se cuida também. – Sorri e abri a porta.

- Porra, Heitor, volta aqui! Dessa vez não vai me vencer pelo cansaço, não vou fazer o que você quer!

Continuei seguindo pelo corredor.

- Heitor!

Xingou meia dúzia de palavrões, mas por sorte, estávamos sozinhos.

Não parei. Eu o deixei e segui sozinho.

Agora, era tudo ou nada.

CAPÍTULO 28

LARA

Na sexta-feira não vi Pedro nem Heitor. Fiquei e trabalhei com uma

espécie de angústia dentro de mim, confusa como passei a maior parte da minha vida, sem saber o que esperar. E assim extravasei na música, cantei cheia de emoção, empolguei o Falconetes, a ponto de várias pessoas virem me parabenizar depois que descii do palco.

Abigail estava impressionada com minha apresentação, discutiu valores comigo, quis fazer um contrato maior para que eu me apresentasse de quinta a domingo. Três dias eu teria para mim, não precisaria trabalhar. Mas não queria ficar parada, com mais tempo

para pensar. Assim, combinei com ela trabalhar como garçõete os dois dias restantes e folgar um. O que a deixou muito feliz.

Não assinei contrato longo. Eu quis receber por semana, como sempre fiz em outros lugares. Era minha rota de fuga, se algo desse errado, arrumaria minhas coisas e partiria dali. Daquela vez, seria mais difícil. Não conseguia me imaginar indo embora tão cedo, eu tinha reais motivos para ficar. Mesmo tudo parecendo muito confuso.

Mesmo cansada, de madrugada

eu não consegui dormir. Eu olhei para o nada, repensei a vida, calculei meus riscos, mas não fui forte o suficiente para me decidir sobre o que fazer. Era estranho. Sempre soube que não pararia com homem algum, que não teria um relacionamento sério, que não desejaria aquilo. E, no entanto, lá estava eu, desejando tudo aquilo não apenas com um homem, mais com dois.

Só podia ser eu mesma. Comigo, nada era normal. Comecei a achar que só me movia na anormalidade. Mas estranhamente era assim que havia me

encontrado, que me senti pela primeira vez pronta a arriscar, mesmo com minhas cicatrizes ainda abertas. Estava me expondo, me arriscando. Simplesmente, me jogando no olho do furacão.

Sabia ser loucura. Como ousava acreditar em ter um relacionamento com Pedro e Heitor se eram dois irmãos? E se eu sabia que teria que passar a vida escondendo minhas feridas deles? Era tanta confusão, tanta ameaça ... E mesmo assim, eu não conseguia recuar. Estava sendo honesta comigo mesma, aceitando

o inevitável: eu os amava. Amava tanto que estava pronta a arriscar tudo. A simplesmente tentar.

Havia acreditado que com Heitor eu poderia ter mais facilmente aquilo. Ele deixou claro que me amava também, que estava pronto para mergulhar de cabeça comigo naquela relação inusitada. Mas Pedro ... ele recuava. Eu podia ver seus sentimentos por mim. Não sei se chegava a ser amor, mas eram intensos, arrebatadores e me provou isso da última vez que estivemos juntos, sem precisar dizer nada.

Eu estava com medo. Medo de separá-los de alguma maneira. Por isso, me preparava para uma possível partida. Se eu fosse ponto de discórdia entre eles, arrumaria minhas coisas e seguiria em frente. Com certeza doeria. Mas a dor já era minha companheira constante, seria mais uma para acrescentar às demais.

No sábado, acordei cedo, tomei café, fui colocar roupas na máquina de lavar e depois estendê-las, ansiosa, com saudades deles, pensando que, se não me procurassem naquele dia, eu iria

atrás deles. Pelo menos para ter respostas, para me livrar daquela agonia em não saber o que esperar.

E enquanto fazia minhas tarefas domésticas, pensei muito. Minha vida passou como um filme diante dos meus olhos, a velha e companheira tristeza ficou junto a mim, eu tentei me ver de verdade. Fiz muitas loucuras, segui sem destino, fugi de minhas lembranças e traumas, nunca gostei de me enxergar de verdade. Mas agora, queria me ver. Queria entender o que, em mim, atraiu os dois. E como uma mulher que não se

amava, não se admirava, podia atrair e ser amada por dois homens excepcionais. Seria uma brincadeira do destino?

Eu não sabia o que estava fazendo. Não era livre como Heitor, que aceitava nossa relação sem alarde. Nem resistente como Pedro, que tentava negar tudo aquilo. Eu os queria, desejava, amava. E me arriscaria por eles, mesmo com tudo que eu tinha a perder. Nunca me mostraria completamente, teria que ter cuidado para que não vissem minhas tragédias, mas não me via fugindo

daquela vez.

Só não queria fazê-los infelizes. Com o resto, não me importava. Falatórios e pré-julgamentos, minha fama, nada disso me incomodava. Nunca liguei para as regras ou para o que pensavam de mim. Se eu conseguisse esconder meu passado deles e fazê-los felizes, eu ficaria. E enfrentaria tudo. Porque estava cansada da solidão, da fuga, da infelicidade. Culpas e medos continuariam. A vergonha sempre me faria lembrar minhas doenças, mas eu estava disposta a conviver com aquilo e

a apostar todas as minhas fichas naquele amor que sentia por Pedro e Heitor.

Não dava para pensar em um sem o outro. Eu os via como um só. Uma só alma dividida em dois corpos, como se ainda estivesse conectada. Nunca tinha conhecido almas gêmeas, até me deparar com eles. Era intrínseca aquela ligação. Podiam divergir, mas nunca se separavam. Por isso, temia ser a causadora de discórdia. E somente essa ameaça me faria desistir deles. Nada mais.

Estava ainda no início da manhã

quando a campainha tocou e meu coração disparou. Vim dos fundos rapidamente e, ao contornar a casa, vi Pedro no portão, alto, loiro e lindo em um jeans e uma justa blusa preta, que contornava os músculos do seu peito e dos braços. Nossos olhares se encontraram e senti uma felicidade extasiante, um alívio que chegou a me deixar mole. Por um momento tinha temido que ele não voltasse mais.

- Pedro ... – Sorri ao abrir o portão, dando-me conta que estava nervosa, como uma adolescente ao

reencontrar o namorado por quem era apaixonada.

- Lara. – Seus olhos estavam mais cinzas do que azuis naquele dia, sua expressão inescrutável. Mas algo escapava dele, uma energia, uma sensação de que não era tão imune quanto queria aparentar. Estava controlado. Mas para mim bastava que estivesse ali. – Vou dar um pulo na clínica agora. Quer ir comigo?

- Quero. – Não pensei duas vezes.

Tinha ficado mexida da vez que

fui lá, não parei de pensar em Letícia e em tudo que a doutora Rose havia falado. Mas sentia necessidade de voltar, de fazer alguma coisa. Não sabia bem o que, se por mim mesma ou por outra pessoa.

- Só vou tomar uma chuveirada rápida e trocar de roupa. Você me espera?

- Sim, espero.

Entramos um tanto cautelosos. Pedro se mantinha meio distante, observador. E eu, embora sentisse uma grande vontade de me jogar em seus

braços e beijá-lo, com saudade e paixão, me contive também.

A viagem foi gostosa e daquela vez fomos de moto. Fiquei agarrada nele, feliz, olhando a paisagem. Pensei em Heitor, estranhei seu sumiço, mas não dava para conversar ali. Quando chegamos à clínica e descemos, entreguei o capacete a ele e perguntei:

- Tudo bem com Heitor?

Pedro me encarou.

- Ele precisou fazer uma viagem de emergência ao Uruguai, para resolver negócios da fazenda.

Fiquei surpresa e um pouco decepcionada, por ter ido sem se despedir nem falar nada comigo. Pedro notou.

- Pediu que eu falasse com você, explicasse. Foi meio corrido.

Tinha mais coisa ali. Estava na cara. Senti um pouco de medo. Mas não dava para falar muito, já caminhávamos para dentro.

Como da outra vez, Pedro parou para falar com várias pessoas, apresentou-me, conversou. Observei os pacientes espalhados, suas tarefas, como

pareciam tranquilos. Não vi Letícia por ali. Depois, seguimos até a sala de Rose, que nos recebeu com alegria.

- Lara, mas que bom vê-la de novo!

Nós nos abraçamos e beijamos.

Ela e Pedro discutiram alguns assuntos e, como da outra vez, ele foi resolver algumas questões e saí com Rose até os fundos. Havia jogo de futebol naquele dia e uma gritaria animada lá, dos jogadores e torcedores. A piscina também estava aberta, com vários guarda vidas e pessoas

aproveitando a manhã linda para fazer hidroginástica com um professor.

- Hoje as coisas estão animadas por aqui. – Sorri.

- Sábado é sempre assim.

- E Letícia? – Olhei em volta.

- Como sabe, ela não manifesta desejos nem reações. Mas sempre a trazemos ao menos para pegar um sol, não ficar enfurnada no quarto olhando para as paredes. Deve estar em algum lugar aqui fora, sozinha como sempre.

Senti muita pena dela.

Caminhamos, conversamos e então a vi,

quieta em um banco, parecendo muito longe dali. Estava com o cabelo trançado, usava uma roupa limpa e passada, parecia bem cuidada. Mas morta, vazia.

A angústia me corroeu. Pensei em mim mesma, que nunca quis ficar parada para pensar, que sempre busquei dores novas para tentar substituir as antigas. Éramos bem diferentes. Cada um achava sua própria maneira de sobreviver, de enfrentar suas tragédias.

- Você se preocupa com ela, não é, Lara? – Rose apontou um banco em

frente e nos acomodamos.

- Sim. Não consegui parar de pensar nela, em viver assim presa dentro de si mesma.

- Letícia ainda não está pronta para sair. É a defesa dela.

Sua voz era terna, compreensiva. Senti minha agonia aumentar. E, sem saber por que, eu falei:

- Muitas pessoas fazem isso, se escondem dentro de si mesmas. Podem não ficar como ela. Vão rir, trabalhar, se relacionar com outras, mas o tempo todo sabem que quem está escondido lá

dentro nunca vai se mostrar.

Rose fitou-me de maneira casual, mas pude sentir sua atenção. Não a olhei, continuando a encarar Letícia. Senti uma grande vontade de desabafar, de soltar parte do que eu mantinha tão para mim e que por tantas vezes me corroía. Mas sabia que não teria coragem.

- Conhece alguém assim, Lara?

Sua voz delicada me tocou. Quase confessei. E então, saiu parte da verdade:

- Sim, uma amiga.

- Ela tentou se matar?

- Não.

- Foi vítima de um abuso? Como

Letícia?

- Sim.

- E ela procurou ajuda profissional?

- Não.

Continuei monossilábica, embora estivesse nervosa. Escondi minhas mãos trêmulas no colo. Engoli em seco. Algo me incentivava a continuar, uma necessidade maior do que tudo. Usei aquele disfarce da amiga.

Não precisava dizer que era eu.

- Ela me contou, mas não pude ajudar muito. Não sei como.

- Se sua amiga contou para você, já é um meio caminho andado. Quanto mais a pessoa se fecha, pior é para se recuperar, encarar de frente o que aconteceu e tentar curar suas feridas. A melhor coisa é confiar em pessoas que a amam e desabafar. Ela fez bem.

Acenei com a cabeça. Não consegui olhar para ela.

- Não é fácil confiar, Rose. Nem contar tanta coisa que faz a pessoa se

sentir suja.

- Este é um erro clássico, Lara, em que todas as vítimas de abuso sexual caem. Ainda mais se o fato acontece em uma idade em que não se tem noção ao certo do que é aquilo. A pessoa se sente suja, quando não é. Já falamos disso. É vítima. O agressor, além de machucar o corpo, também faz isso na mente, na alma, nas emoções. Sua amiga deve entender que ela não teve muita opção.

Sem querer, imagens do passado retornaram. A dor latejou dentro de mim, pungente, com aquela sensação de

imundície que sempre trazia. Os domingos em que minha mãe me deixava sair com Rubinho para visitar a noiva, o coito que muitas vezes acontecia quando me “ensinava” a dirigir ou quando me levava ao apartamento em que estava reformando. Nem no dia de seu casamento foi diferente. Ele criou a desculpa de que ia conferir se todos os presentes tinham sido enviados para lá e quis me levar com ele.

Foi uma das vezes que inventei desculpas para não ir. Ele insistiu, sorriu disfarçando sua raiva, me

ameaçou veladamente. Minha mãe quase me obrigou a ir com ele. Era de manhã e fui no carro, com medo, uma garota apenas. Sozinha. Confusa. Sabendo que meu corpo de alguma maneira participaria, embora a dor seria maior do que tudo. E assim foi. Fui castigada. Na hora do casamento, estava dolorida, com os mamilos, a vagina e o ânus feridos sob a roupa de “Daminha”, entrando na Igreja, pro casamento dele. Do meu estuprador. Do meu torturador. Cercada por minha família. E pelo silêncio.

Era sempre assim. Rubinho me colocava sempre dentro de uma cena, onde parecia que eu participava, satisfeita, da situação. Eram passeios, brincadeiras, ensinar a dirigir, visitar a noiva, assistir televisão. Foi assim desde o início, quando me acostumou, quando me machucou. Eu me senti tão parte daquilo tudo, que havia sempre uma ameaça velada de “Vou contar para todos”, nos olhares que me dava. Eu carrega a culpa naquela sujeira, a culpa de participar.

- Mas a vítima, se aceita, acaba

se tornando participante. – Murmurei.

- Claro que não, Lara. Vítima é vítima. O abuso não é só físico e verbal, é também mental. É como uma lavagem cerebral. Isso o agressor é mestre em fazer, confundir a pessoa, fazê-la carregar uma culpa que não é dela pelo resto da vida. – Virou-se um pouco mais para mim, muito atenta. Eu me senti devassada, tive medo que soubesse que falávamos de mim, mas não pude fazer nada mais do que ouvir e me calar. – Uma criança não tem capacidade cognitiva de discernir se o que acontece

com ela é ou não normal. Ela acaba sendo seduzida ou então ameaçada, ambos sendo altamente destrutivos. Em várias pesquisas, já verifiquei que geralmente os homens que abusam dessas crianças possuem boa articulação ao falar, sabem o que são normas sociais, vivem relativamente como pessoas de bem. Isso só aumenta a culpa da vítima, que se acha a “provocadora” daquela animalidade. Esses homens não são animais e nem loucos, em sua maioria. Por isso, são os únicos responsáveis dos seus atos e devem

pagar por eles.

Sentia-me gelada, as extremidades do corpo dormente, a mente confusa. Eu entendi o que Rose falava. Mas palavras não eram o bastante para apagar anos de dor, vergonha e culpa. E ela continuou:

- O problema é exatamente as crianças se calarem. Elas não têm apoio familiar, mergulham na culpa, ficam com medo. E a impunidade continua. Por isso afirmo, as famílias tinham que tomar conta de suas crianças, observar os comportamentos dela, abrir sempre

espaço para a conversa, confiar no que elas falam. Se fosse assim, as crianças contariam com mais frequência esse abuso e o agressor poderia ser punido. Está tudo errado. E sinceramente, fico revoltada porque acho que a sociedade não dá a devida importância a isso. É um assunto que acaba virando tabu.

Continuei calada, pensando sobre tudo, sabendo que ela tinha toda razão. Por fim, murmurei:

- Falar, contar o que houve, é como um segundo estupro, Rose. É ser julgada, muitas vezes até condenada.

Algumas pessoas, talvez a maioria, vai até achar que a criança de alguma maneira realmente provocou, quando aceitou em silêncio a violência, quando se calou. E também ...

Não consegui ir adiante. Eu estava falando demais. Ela saberia. O medo me rondava, eu sentia que minhas emoções estavam à beira de um abismo.

- Também o que?

Seu tom terno, de confiança, mexeu comigo. E acabei desabafando, meus olhos ainda em Letícia:

- O que minha amiga ... o que

mais a deixa mal ... é ter sentido prazer algumas vezes. Ter tido o corpo reagindo as carícias. Nunca gozou com o ... agressor. Mas ele a fez ficar viciada. Ela deveria odiar sexo depois disso tudo, mas foi o contrário. Tentou repetir com outros homens. Sexo se tornou a fuga dela.

- É o castigo que se impôs. Não é isso?

Não respondi, doída demais. Fechei os olhos por um momento, sem suportar ver a outra moça morta para a vida e eu ali. Rose disse suavemente:

- Isso é mais comum do que pensa, Lara. Faz parte do processo, da maneira que a pessoa tem para se castigar ou apenas seguir em frente. Algumas se fecham, ficam com nojo de sexo. Outras, com hiperexcitação sexual ou até compulsão. Muitas usam sexo para se punir vida afora e nunca conseguem ter um prazer absoluto. Não é mais um erro da pessoa, embora ela se sinta ainda mais culpada por isso. Elas só conseguem um equilíbrio quando se tratam, quando se enxergam no papel de vítima. E também quando se apaixonam,

quando encontram um companheiro que crie a vontade de ser feliz, de ter um prazer sem culpa.

Pensei em Pedro e Heitor. Como me fizeram gozar, ver um novo lado do sexo. A agressividade que muitas vezes eu precisava naqueles momentos, ainda estava presente. Mas eu não via como um castigo e sim como tesão. E tudo se misturava ao que eu sentia por eles. Talvez nunca soubessem o quanto me ajudavam a me libertar.

- Lara, é na infância que são aprendidos os valores, é na infância que

a sociedade se perpetua e que as noções de certo e errado são passados, adquiridos. Quando tudo isso é feito de maneira errada, gera dano, confusão, que vai se refletir pelo resto da vida dela, até a fase adulta. É um trauma e deve ser tratado como tal. Eu me revolto pela maneira como esses abusos acontecem, geralmente dentro da própria família, assim como com esses pactos de silêncio. Temos que dar voz às crianças.

Ela se calou, tentando conter sua revolta. Estendeu a mão e segurou meu

braço, disse com mais delicadeza:

- Eu estou aqui, se sua amiga quiser conversar mais. Porque nada nessa vida é para sempre. Sim, ela vai carregar as lembranças, em alguns momentos vai ser impossível não ficar triste e lamentar tudo que passou, tudo que perdeu. Mas não precisa viver assim. Pode ser feliz, casar, ter filhos, entender que não teve culpa de nada, mesmo que em alguns momentos tenha sido seduzida por alguma forma de prazer. Isso pode acabar, essa dor, essa cobrança. Com amor, carinho, paciência

e tratamento. Entende o que estou dizendo?

- Sim. – Finalmente, consegui olhá-la. Eu ainda tinha muito medo, sabia que não estava preparada para falar claramente. Foram muitos anos imersa no silêncio. Mas senti alívio, uma espécie de aceitação. E também de fé. Eu começava a ver que o amor poderia fazer milagres. Porque antes eu nem me sentia digna de merecê-lo e agora eu me arriscava a tentar. Eu começava a acreditar que, de alguma maneira, poderia ser feliz. Disse

baixinho: - Obrigada.

- Não agradeça. – Rose sorriu. –
Estou aqui. Não esqueça.

Ela sabia. Mas não falei
claramente, sem coragem de mais. Voltei
a olhar para Letícia e indaguei:

- Ela escuta o que falamos?
- Teoricamente, sim.
- Se eu conversasse com ela ...
poderia fazer mal?

- Não. Mas não espere muito. É
realmente um tratamento longo, que
talvez nunca se concretize.

- Tudo bem. Vou apenas fazer um

pouco de companhia a ela.

Rose sorriu. Nós nos levantamos e ela disse suavemente:

- Quando quiser, me procure no escritório. Poderemos tomar um café.

- Pode deixar.

Depois que se afastou, caminhei insegura até Letícia. Sentei ao seu lado e ela nem se mexeu, olhos fixos nos próprios pés. E sem pensar no que fazia, fui deixando as palavras saírem de minha boca, sem filtros, sem censuras, num misto de dor e alívio:

- Oi, Letícia. Sou Lara. Sei que

não quer falar comigo. Eu entendo. Também não consigo falar com ninguém. Só hoje que eu confessei algumas coisas à Rose, mas não falei que sou eu, não contei tudo. Acho que só proseei um pouco com ela. Mas o que me disse foi bom. – Respirei fundo, olhos em seu rosto. – Só queria que soubesse que entendo você. Eu passei por algo parecido. E hoje consigo olhar com mais firmeza para trás e começo a entender algumas coisas. Ainda vai demorar até eu aceitar, me convencer. Mas estou disposta a tentar. Porque, do jeito que eu

estava quando cheguei em Florada, não havia mais jeito. Era meu limite. Era o fim da estrada.

Falei baixo, sem parar. Tive vontade de tocá-la, soltar seus dedos crispados, deixá-la sentir que eu estava ali e queria seu bem. Mas tive medo de assustá-la.

Não contei nada que pudesse deixá-la nervosa. Só como eu me senti a maior parte da minha vida, minha distância da família, o jeito como nunca me senti parte de nada. Falei do medo e da solidão, da vergonha e da angústia.

Falei, falei, falei.

Em nenhum momento ela reagiu. Então, acabei me calando, mais aliviada. Eu tinha ido ali para tentar ajudá-la e, ao final, foi ela que me ajudou. Extravasei tanta coisa, que me senti culpada.

- Desculpe. Eu só queria que soubesse que estou aqui, que vou voltar todo final de semana para ver você. E se um dia me ouvir, quiser conversar, quiser qualquer coisa, estarei aqui. Mas por favor, Letícia, não desista. Tem uma vida toda pela frente. Ainda dá tempo de

ser feliz. Eu acredito nisso agora. Nunca senti tanta esperança, mas depois ... Depois que aprendi a amar, que me permiti ser amada ... eu tenho fé. Eu creio que posso ser feliz. Ou, pelo menos, posso tentar.

Algo me fez erguer os olhos e fiquei chocada ao ver Pedro perto, olhando-me calado, de modo penetrante, profundo. Havia algo suave e terno nele, uma preocupação, uma indagação. Fiquei estática. Indaguei em um fio de voz:

- Há ... há quanto tempo está aí?

- O suficiente, Lara.

O nervosismo me consumiu. Tentei lembrar tudo que eu tinha falado, se cheguei a me confessar, se ele poderia ter ouvido e entendido o que muitas vezes quis saber como sendo “minha dor”. Acho que empalideci, pois se aproximou mais, segurou minhas mãos e me fez levantar.

Olhou penalizado para Letícia e depois para mim. Mas disse baixo:

- Ouvi apenas dizendo para ela não desistir e ter esperanças, como você tinha agora, porque acreditava no amor.

Senti uma espécie de alívio. Não foi tudo, só o final.

Pedro passou o braço em volta do meu ombro, protetor, com um carinho diferente. Levou-me com ele, andando pelo chão gramado, fazendo-me sentir tão bem, tão cuidada, que me emocionei. Abracei-o pela cintura e fui.

- Lara, um dia vai confiar em mim e me contar por que só passou a acreditar agora que pode ser feliz. Não vou forçar nada. Mas saiba de uma coisa.

- O que?

- Eu estou aqui.

Eram três palavras. Não disse para sempre, não confessou que me amava. Mas para quem tinha fugido tanto de mim, se negado a admitir qualquer coisa, era um avanço. Era uma chance.

Parei de andar e, surpreendendo-o, abracei-o forte e apoiei a cabeça em seu peito, fechando os olhos. Pedro me envolveu de volta e só ficamos assim.

Todas as minhas esperanças cresceram. E me senti bem demais ali.

Passamos o dia juntos. A atração entre nós sempre foi muito forte e continuava. Pequenos toques bastavam para que nos olhássemos com desejo. Mas não apressamos nada. Almoçamos juntos entre conversas sem perigo e olhares intensos. Depois, fomos para minha casa.

Ficamos à tarde na cama. Eu explodi em gozo enquanto me beijava na boca e me comia daquela maneira bruta que eu tanto gostava, me pegando firme, metendo em mim sem parar. Nos acariciamos sem pressa, nos chupamos,

Pedro beijou cada parte do meu corpo. Fomos mansos em alguns momentos e violentos em outro. Adorei quando ficou um longo tempo só lambendo e mordiscando meu clitóris, me fazendo gozar assim. E depois quando me apoiou inclinada contra a cômoda do quarto e comeu meu ânus por trás, dizendo sacanagens em meu ouvido, enquanto eu pedia mais e mais e gozava enquanto me fodia duro e me masturbava.

Não conversamos nada sério. Eu queria saber mais de Heitor, sentia uma saudade enorme dele, o queria ali

também. Mas sentia aquele momento como o início de uma entrega nossa e tive medo que palavras antecipadas estragassem tudo. Era tudo complicado demais, eu e Pedro trazíamos nossas próprias cargas emocionais para a relação. E indaguei se Heitor não tinha feito de propósito, se afastando para que os dois complicados do trio se aceitassem e se acertassem.

Eu o amei e o admirei mais por isso, por aquela capacidade de entender, de antever as coisas, de parecer saber sempre o certo a fazer. E senti uma falta

danada dele. Era engraçado como podia ser tão certinho, tão completo, no meio do “errado” ou do “anormal” que vivíamos, pelo menos pela visão das outras pessoas. Heitor só podia ser mesmo uma alma livre.

Pedro foi para casa e me preparei para ir ao Falconetes. Mas quando comecei a cantar, ele apareceu lá e fiquei tão feliz, mas tão feliz, que cantei só para ele. Sorri, seduzi, fiz tudo que eu sabia para que só tivesse olhos para mim. E assim foi. Nós nos paqueramos abertamente, sem disfarces.

Era como viver um sonho. Do qual eu não queria acordar.

No final da noite, ele me levou para casa. Nos agarramos ainda na sala e fomos transando por todos os lugares no caminho. Pedro me pegou de pé na parede, de quatro no chão, sentada sobre ele no sofá. Levou-me no colo para a cama e nos acabamos entre gemidos, suor, lambidas, beijos, trepadas, chupadas.

Por fim, desabamos um nos braços do outro, na cama. Eu ainda o sentia se segurando, em alguns

momentos, pensativo, como se muita coisa o deixasse em dúvida consigo mesmo. Assim como percebia um certo abatimento em seu olhar, apesar de sua paixão.

Na penumbra do quarto, naquela madrugada, eu ergui um pouco a cabeça e o fitei. Tive coragem de perguntar:

- Quando Heitor volta?

- Em alguns dias. – Olhou-me. –

Está sentindo falta dele?

- Muita.

Pedro ficou calado um momento, fechado. Então, confessou:

- Eu também.

- Sei disso. – Falei suavemente, beijei seus lábios. Depois me debrucei sobre ele, olhando-o bem de perto. Pedro não desviou o olhar. Não sei de onde vinha minha coragem, minha vontade de lutar por ele, por Heitor, por nós. Era assim. E eu estava cansada de fugir, de recuar. Daquela vez, me sentia com coragem de encarar. – Ele não precisa ficar longe, Pedro. Nem você.

- Não é tão simples assim, morena.

- Nada é simples. Mas podemos

tentar.

Apertou um pouco os olhos, várias emoções passando em sua expressão.

- Eu e Heitor jogamos esse jogo há muito tempo, Lara. Sempre ficou subtendido que um dia ele se apaixonaria e seguiria sua vida, casado, formando família. Seria o fim de nossas farras em trio.

- E você, faria o que? Continuaría nas farras, sozinho?

- Claro.

- Não vejo vocês dois

separados.

- Ele nunca sairia da fazenda, nem eu. Nossa amizade sempre vai ser imutável. Apenas ele teria outra pessoa.

- Nunca imaginou de vocês dois ficarem com uma mulher em um relacionamento?

- Nunca.

Não precisou dizer que nenhum tipo de relacionamento havia passado pelo pensamento dele, eu sabia. Mas continuei curiosa, as mãos em seu peito e meu queixo apoiado nelas. Sua abertura me dava coragem de perguntar

mais.

- Acha que sou uma devassa por ficar com vocês dois ao mesmo tempo?

- Você é uma devassa, Lara. – Seus lábios se curvaram em um meio sorriso. – O problema é que nós também somos. Acho que por isso rolou essa química toda.

Acabei sorrindo também, sem me ofender. Era verdade.

- Você não tem medo do que as pessoas vão falar? A mulher é sempre mais julgada que os homens em qualquer situação que saia do convencional. – Ele

perguntou.

- Não me preocupo com a opinião dos outros. E você?

- Quero que essa gente toda se foda.

Rimos juntos. Pedro me puxou mais para seus braços e nos beijamos na boca, bem gostoso, saciados, mas ainda assim com aquela necessidade de sempre ter um pouco mais. Sua mão deslizou em minhas costas, contornou minha bunda, a sensualidade aquecendo nossa pele.

- Você é a mulher mais fogosa

que já tive. – Mordeu de leve meu lábio inferior, fitou meus olhos, os dele pesados. – Já imaginou viver o dia a dia com dois homens? O quanto eu e meu irmão íamos querer você, juntos, separados, o tempo todo?

- Sim, já imaginei ...

- Não tenho dúvidas de que não seria nenhum sacrifício para você, morena.

- Não mesmo. – Sorri, safada. – Não vou fingir o que não sou. Gosto de vocês, de transar, de foder mesmo. Eu daria conta dos dois. Talvez fossem

vocês a pedir um descanso, uma arrego.

Pedro deu uma risada.

Continuamos muito perto, nos tocando, nos fitando. Então, ele ficou sério, de novo pensativo.

- Vamos tentar, Pedro. —

Murmurei.

Minha voz saiu mais emocionada do que imaginei. E já que eu havia começado, terminei:

- Nunca imaginei que diria isso, mas ... Eu acredito em nós. Não tive relacionamentos na vida, não sou romântica nem sonhadora. Um mês atrás,

eu diria que seria impossível dizer isso para um homem, mas digo agora: Fique comigo. Traga Heitor de volta. Vamos tentar, nós três. Ao menos tentar.

Ficou muito quieto, seus olhos transtornados. Acaricieei seu rosto, não disfarcei meu amor. Murmurei:

- Podem dizer que sou louca, depravada, o que quiserem. Mas sei o que sinto. Eu amo Heitor. Eu amo você, Pedro. – Podia sentir como se continha, como lutava e tentava se controlar, como ainda parecia não acreditar. – Parece que minha vida só começou de verdade

depois que conheci vocês. Se um dia eu achar que estou fazendo mal a você ou a ele, vou ser a primeira a ir embora. Se eu os fizer infelizes, pego minhas coisas e sumo no mundo. Mas eu acredito na gente. E sei que Heitor também. Mas ... e você?

- Lara ... – Sua voz saiu rouca, profunda. Sua mão foi em meu rosto, segurando-me ali. Havia um mundo de emoção em seu olhar. – Eu não sei. É difícil aceitar o que nunca esperei nem desejei. Não sei se isso pode dar certo, se eu posso conviver com meus desejos

egoístas e possessivos. Acho que posso estragar tudo.

- Prefere ficar longe de mim? Deixar que eu e Heitor fiquemos juntos sem você? Ou prefere ficar comigo e deixar ele de fora? Acha que assim algum de nós vai ser feliz?

- Não.

Meus olhos encheram-se de lágrimas e supliquei:

- Então, traga-o de volta, Pedro. Vamos voltar a ser um trio, agora de verdade. Se não der certo, eu juro que vou embora.

- Não quero que você vá embora. – Derrubou-me na cama e se debruçou sobre mim, prendendo meus pulsos, seu olhar duro, comovente, exigente. – Será que não entende, Lara? Esse é o problema, não quero sair de perto de você, não quero sair de perto do meu irmão. Estou sofrendo como o diabo ao imaginar que Heitor não queria fazer essa viagem, nem ficar longe da fazenda, da minha família, da gente. Foi culpa minha. Eu o fiz se afastar, com toda essa confusão que arrumei, com esse meu descontrole todo. Mas é como

me sinto. Sei que de uma maneira ou de outra, vou estragar tudo.

- Se uma pessoa aqui pode estragar tudo, sou eu, Pedro. Mas quero tentar, mesmo assim. E você?

Ele abaixou a cabeça e suspirou, encostando a testa na minha, fechando os olhos, sem me soltar. Por fim, fitou-me de novo e resmungou:

- Que outra saída eu tenho?

Ri. Ergui a cabeça, buscando sua boca.

Senti-me tão feliz, tão livre, tão fora do meu “eu” normal, que me dei

sem reservas, enquanto nos abraçávamos e tocávamos. Murmurei sem parar:

- Eu te amo ... Eu te amo ...

- Isso é loucura ... – Respondia de volta.

E eu só ria de novo.

Porque sabia que era um novo começo.

E agora a esperança se tornava minha amiga inseparável.

CAPÍTULO 29

HEITOR

Eu fiquei seis dias no Uruguai.

Só eu sei como foi uma tortura. Por sorte, participei de reuniões intermináveis, fiquei um bom tempo em vídeo conferência com Theo para resolver tudo sem erros, já que estava mais por dentro daqueles negócios do que eu, me acabei de tanto trabalhar. Isso fez o tempo passar mais rápido, mas não diminuiu em nada a saudade que me corroeu em cada um daqueles dias. E a solidão.

Pensava em Lara e Pedro, nos meus irmãos, cunhadas e sobrinhos, em meu pai e em Tia, na fazenda. Queria

desesperadamente voltar para minha terra. Sabia que Micah e Valentina tinham voltado de viagem e imaginava a farra que deveria estar por lá. Mas nem por um momento me arrependi daquela viagem.

Pedro me ligava todo dia. Quando me pediu para voltar, dizendo que ele e Lara sentiam a minha falta, que ele queria arriscar uma relação a três, eu ri sozinho. Quando Lara me ligou e ficamos horas apenas namorando, ela dizendo que não aguentava de saudade, queimei de amor, de desejo, de saudade

também. Quis muito voltar para eles, começar aquela aventura, a mais louca e desejada da minha vida. Mas soube que teria que terminar tudo ali, dar o tempo para todo mundo se acostumar e então, retornar com tudo. E foi o que fiz.

Quando o jatinho percorreu a Falcão Vermelho, eu sorri emocionado, me sentindo de novo em casa. Quando pousou e desci, eu já ria. Pedro estava encostado no carro e Lara com ele. Ela correu como uma louca quando me viu e pulou em meu colo com tanto desespero, que derrubou meu chapéu no chão.

- Lara Maria ... – Gargalhei, mas cheio de emoção, apertando-a, sem poder acreditar como fiquei tanto tempo longe dela. Eu a cheirei, fechei os olhos um momento, enquanto me enchia de beijos e chorava, murmurando:

- Heitor ... Ah, que saudade ... que saudade!

- Estou aqui. – Segurava-a sob a bunda, encaixada na minha cintura, a outra mão agarrando seu cabelo. Fitei seus olhos, sua boca, seus traços. – E nunca mais vou me afastar.

- Ai de você se fizer isso! –

Brigou, mas então gemeu e me beijou apaixonadamente na boca.

Eu pisava na minha terra, tinha minha mulher nos braços, sabia que meu irmão estava ali, a poucos passos de mim. Uma emoção indescritível me percorreu e nunca, mas nunca mesmo, me senti tão feliz, tão inteiro, tão parte do universo, da vida, de tudo. Em meu lugar no mundo.

Meu corpo foi tomado pelo tesão, minha mente por esperanças. Sabia que, enquanto eu vivesse, não haveria no mundo alguém mais feliz do

que eu. Ainda havia muito a acertar, a iniciar, a aparar. Mas o primeiro passo tinha sido dado.

Depois que nos beijamos com amor, eu a coloquei devagar no chão. Lara riu, me soltou para pegar meu chapéu e então Pedro se aproximou.

Busquei as respostas em seu rosto. Procurei ciúmes, incômodos, raiva, medo. Mas vi saudade, vi emoção, vi um irmão que só queria abraçar o outro. E foi o que fizemos, em um abraço forte, fraterno, amigável, saudoso.

- Se fizer isso de novo, te dou uma surra. — Ameaçou Pedro.

Eu ri quando nos afastamos.

- Até parece que você teria coragem, irmão.

Ele sorriu também. Parecia mais calmo, mais em paz consigo mesmo. Provoquei:

- Como sempre, fiz o certo. Foi horrível ficar longe, mas funcionou.

- Pensei que o presunçoso aqui fosse eu.

Rimos de novo.

- A gente sempre aprende um

pouquinho com o outro.

Lara voltou e enterrou o chapéu em minha cabeça, parada ao nosso lado, seu cabelo longo com cachos voando ali, a céu aberto. Eu a olhei de cima abaixo e entrelacei meus dedos aos dela, murmurando:

- Você é ainda mais linda do que eu lembrava.

- E você, sempre sedutor ... —
Ficou deliciosamente corada.

Sorri dela para Pedro, mas não consegui disfarçar minha saudade, minha necessidade, toda solidão que senti

longe deles. Murmurei:

- Sei que sou o único necessitado aqui, já que vocês devem ter passado cada minuto desses dias todos trepando como coelhos, mas não imaginam o inferno que foi para mim.

- Não vou negar que trepamos como coelhos. – Gostei de ver como Pedro segurou a outra mão de Lara e formamos um elo, uma corrente. Eu o observei. Sabia que possivelmente ele ainda sentiria ciúmes, precisaria de mais do que aquele tempo para aceitar de vez aquela relação, mas já estava

bem mais solto e à vontade do que antes. Provocou-me: - Mas vai ter que se aguentar um pouco mais, irmão. Todo mundo vai almoçar hoje em casa por sua causa. Tia está lá nos esperando com um banquete.

Sorri, acenando com a cabeça, mas dando um gemido de brincadeira.

- Certo, vou matar a saudade da família. Mas depois ... — Olhei sedutoramente para Lara. — Não respondo por mim.

- Só quero ver. — Piscou, provocante.

Foi um almoço barulhento, feliz, delicioso. Depois que abracei e beijei todo mundo, falei como foi a reunião e como quase morri sozinho e longe deles, da fazenda.

- Tadinho do meu menino. –
Lamentou-se Tia, o que fez com que implicassem comigo e brincassem.

Meu pai sorriu, obviamente feliz por eu estar ali. Fiquei com Helena no colo, brinquei com ela, depois com Caio. Micah e Valentina contaram animados como foi a lua de mel, ambos bronzeados e radiantes. Todos falavam

ao mesmo tempo e, olhando em volta, vendo Lara ali, a aceitação de todos sem alarde, o modo como tinha se entrosado rápido com todo mundo, eu senti uma felicidade tão grande, mas tão grande, que parecia que ia explodir.

Olhei para Pedro, percebi como ele também estava bem, como ele e Micah implicavam um com o outro, como tudo parecia em seu devido lugar. Então, notei que Theo me observava. Com uma expressão relaxada, sem a preocupação de antes. Sorrímos um para o outro e nos entendemos assim. Tudo

estava se resolvendo.

Voltaram tarde para o trabalho naquela quinta-feira. As mulheres ficaram com as crianças lá fora, Cacá foi jogar Xbox, meu pai foi descansar um pouco. Eu sabia que havia um mundo de coisas para ver na fazenda, que estava com saudade dos empregados e dos animais, mas meu desejo por Lara não podia esperar mais. Quando segurei sua mão e murmurei em seu ouvido que a levaria em casa, concordou na hora, com olhos brilhantes.

Nos despedimos de todo mundo

e nos afastamos para pegar meu carro. Pedro colocava o capacete e subia em sua moto. Lançou-nos um olhar e indaguei:

- Vai com a gente?

- Não, vou voltar ao frigorífico.

Precisam de um tempo só de vocês, para matar a saudade.

- Quem disse? – Passei por ele e dei um leve tapa em seu ombro. – Irmão, somos um trio. Vamos para a casa de Lara Maria. Isso já demorou demais para começar.

Fitou-me, na dúvida. Lara se

inclinou sobre ele e acariciou seu peito, sedutora:

- Te espero em casa, garanhão.

Não demore.

Então, Pedro segurou o braço dela e olhou para mim. Surpreendeu-me ao sugerir:

- Vamos para a cachoeira. Nós três.

Eu entendi. Lá tudo havia começado. Agora, era uma maneira de consolidar, de tornar nossa decisão oficial.

Acenei para ele, feliz. E entrei

no carro. Estava tudo como devia ser.

LARA

Eu estava no paraíso.

Naquele pedaço maravilhoso da fazenda, cercado de árvores, com a água caindo e formando uma lagoa, nós fomos livres de tudo: medos, dúvidas, convenções. Fomos apenas nós, sem roupas, sem despojos.

Chegamos lá um pouco depois

de Pedro e deixamos o carro perto da moto. Desci excitada, lembrando quando estive ali só com Heitor, do que ele me contara sobre como perdeu a virgindade com a menina que Pedro tinha levado para ele. E logo depois eles a compartilharam, fazendo isso pela primeira vez.

Não senti ciúmes. Senti-me importante, parte da vida deles, de sua história. Eu vibrava e ardia, meu lado mais animal e pecaminoso vindo à tona, a ansiedade e a lascívia já percorrendo meu corpo, meu ser, deixando-me louca

para ser deles, para me entregar a prazeres que nunca imaginei serem possíveis.

Agora eu estava lá, sentada na margem, minha pele toda arrepiada com a água gelada que banhava minhas pernas e bunda, minha cabeça caída para trás, meu rosto em direção ao céu, meus cabelos pendurados nas costas. Sentado do meu lado esquerdo estava Pedro, do direito estava Heitor. Completamente nus, seus paus eretos. Tinham aberto bem as minhas coxas nuas, deixando a água fria lambe minha vulva, enquanto

cada um chupava um mamilo.

Eu gemia, vendo o céu azul sobre nós, quente e frio me golpeando, me deixando louca de tanto tesão. Heitor chupava o mamilo como se mamasse nele, lento e fundo dentro da boca. Pedro o mordia, mais forte e dolorido, sugando esfomeado. Cada qual me atacando daquelas maneiras diferentes, que me aniquilavam, me faziam delirar e me tornar mais sexual do que já fui um dia.

Tudo fervia dentro de mim, meu ventre se contorcia em convulsões,

minha boceta estava toda melada. Ainda mais quando o dedo de um beliscou meu clitóris e o de outro me penetravam fundo, indo e vindo, fazendo a água bater sobre mim em pequenas ondas. Meus braços tremeram e quase desabei. Quase. Eu me segurei e choraminguei, já no ponto, abaixando a cabeça para olhar para eles e o que faziam comigo.

Heitor ergueu os olhos escuros, cheios de paixão. Soltou meu mamilo e disse em agonia:

- Porra, Lara Maria, preciso estar dentro de você, gozar. Foi muito

tempo longe, não consigo me segurar mais.

- Vem ... – Murmurei, me abrindo mais.

- Deite aqui. – Pedro segurou minhas costas, me fez esticar sobre o chão de areia molhada, ficando ao meu lado. – Deixe meu irmão foder sua bocetinha. Imagino como deve estar doido. Eu te comi esses dias todos e quero mais. Muito mais.

Beijou minha boca, inclinado sobre mim. Eu o beijei de volta, alucinada, enquanto Heitor arreganhava

minhas pernas e lambia bem gostoso no meio da minha boceta. Fiquei louca, coração desesperado, cada parte minha entrando em convulsão. Chupei a língua de Pedro, mas ele acariciou meu cabelo e se afastou, dando espaço para o irmão, antevendo a necessidade dele.

- Não vou me aguentar. Mas depois eu compenso. – Heitor parecia fora de si, tenso, concentrado. Deitou-se sobre meu corpo, entre minhas coxas trêmulas, aquele homem grande e moreno, com sua barba escura e seus cabelos desalinhados, seus olhos nos

meus. Penetrou-me com o pau grosso e longo, até meu útero, enchendo-me toda, me fazendo soltar um grito de puro deleite. – Ai, porra, que saudade ... que bocetinha gostosa ...

E investiu com tudo, metendo e tirando, seu rosto congestionado pelo tesão, seu cabelo balançando ao me devorar com força, a água rasa sob minha bunda fazendo um chacoalhar enquanto arremetia mais e mais.

- Ah, que delícia ... – Murmurei, sentindo um regalo completo dos sentidos, adorando ser penetrada tão

forte, dominada pelos seus olhos.

Heitor deitou mais sobre mim, beijou minha boca, sugou minha língua e me dei completamente a ele, abraçando-o, beijando-o, gemendo, me movendo vertiginosamente sob suas penetradas, que me faziam ondular, arfar. Senti seu descontrole, sua fome, sua necessidade. E o levei comigo, sensual, voraz.

Descolou a boca, olhando-me com ferocidade, metendo mais e mais forte, rápido. Pedro então agarrou um punhado do meu cabelo e virou meu rosto para ele, seus olhos acesos pelo

tesão, mais claros do que a água que nos cercava, sua expressão dura, ordenando rouco:

- Agora me beije.

- Sim ...

E colamos nossos lábios, nos beijamos apaixonados, ensandecidos por tantas sensações extremas. Eu me perdia para o tesão, para a devassidão que sempre tomava conta de mim quando me excitava daquele jeito, precisando de tudo, de mais, de perversão e ainda assim daquilo que só os dois conseguiam me dar, além de tudo

que já tive um dia.

Heitor me comia e gemia, estocando dentro da minha vulva melada e palpitante, que se agarrava em volta do pau dele. Pedro me beijava profundamente, gostoso, com lascívia. Então, afastava a boca e, com ar de safado, dizia perto da minha boca:

- Meu irmão vai encher sua bocetinha de porra. Depois vai ser a minha vez. Aí então a farra vai realmente começar, morena.

- Eu quero tudo ... – Murmurei.

- E vai ter. Olhe para ele, como

está quase gozando. – Eu olhei, fiquei com os olhos nos de Heitor sobre mim, fodendo-me bruto, contorcido de prazer. – É isso que faz com a gente. Você nos enfeitiça, morena. E agora vai ter que aguentar. Porque, onde estiver, vamos te pegar de jeito. Em casa, vai viver com o meu pau ou dele na boca, pagando um boquete. E outro na boceta ou no cuzinho. Vamos te comer tanto, que mal vai conseguir andar. Está ouvindo?

- Ai ... – Eu já me perdia, com as arremetidas de Heitor, sua visão linda e viril, seu corpo no meu. E com a voz de

Pedro, dizendo aquelas sacanagens todas.

- Você vai gostar de ser nossa putinha, morena? De ter dois homens te fodendo o tempo todo?

Meu coração disparava, eu ondulava, cravava minhas unhas nas costas de Heitor. Sussurrava sem parar:

- Sim, sim ...

- Porra, não vou aguentar mais ...

– Heitor gemeu, abaixando a cabeça, mordiscando meu pescoço. Pedro continuava a me olhar, a dizer numa vertente que me deixava cada vez mais

alucinada:

- Beije minha boca. Chupe minha língua como se fosse meu pau, morena. –
E já me puxava, já me enlouquecia mais do que eu já estava.

Fui atacada por tantas sensações, tanta euforia por estar de novo com eles, de ser livre como uma fêmea no cio, que chupei sua língua ao mesmo tempo que apertava o pau de Heitor dentro de mim e o sentia inchar, bem fundo. Ele cravou os dentes em meu pescoço, Pedro torceu firme um punhado do meu cabelo, e aí já foi mais do que podia suportar. Estalei

em um orgasmo quente e delirante, meu corpo todo parecendo explodir.

Heitor gemeu rouco, gozou dentro de mim, esparramando seu esperma quente, me enchendo toda. Nós fomos juntos, enquanto Pedro me beijava, engolia meus lamentos, me deixava extravasar tudo.

- Que saudade disso, Lara Maria. – Heitor beijou minha face, saindo suavemente de dentro de mim, murmurando em meu ouvido. – Fique assim, bem abertinha, com minha porra dentro de você. Meu irmão vai deixar a

dele aí também.

Eu ainda latejava, satisfeita e necessitada ao mesmo tempo, desperta para os prazeres da carne. Suas palavras me arrebataram mais e eu o segurei ao meu lado com uma das mãos, enquanto Pedro descolava os lábios dos meus e ia para cima de mim, cheio da tara, seu rosto endurecido pelo tesão.

Entrou em mim, forte, fundo, teso. Gritei, olhando a um e a outro, perdida, meus cabelos úmidos espalhados na margem da lagoa, Heitor agarrando-o em minha nuca e erguendo

um pouco minha cabeça, dizendo rouco perto da minha orelha:

- Olha o pau dele sumindo dentro de você. Está deixando-o louco como fez comigo, minha linda. Só de olhar vocês, já fico com tesão de novo.

Arquejei, desvairada, meu coração parecendo prestes a sair da minha boca, vendo o pau grosso de Pedro entrando e saindo de mim, enquanto ele murmurava:

-Tão apertada e cremosa ... cheia de porra e de gozo ...

Era muita coisa, cercada por

eles, tocada por eles. Heitor mordeu meu queixo, lambeu minha garganta, meteu um mamilo na boca e sugou firme, gostoso, para dentro da boca. Torceu o outro entre os dedos, em uma tortura deliciosa, pecaminosa.

- Oh ... Oh ... – Eu me debatia, atacada, dilacerada, me movendo com eles, sendo fodida tão bem que não duvidava se acabasse gozando de novo logo. Minha boceta nem tinha parado de palpitar e já continuava, como se tivesse vida própria, puxando Pedro para dentro de mim, abocanhando-o com fome.

Desabei na margem, braços abertos na água rasa e gelada, respiração entrecortada, olhos fechados. E deixei que se regozijassem comigo, bocas e dedos, pau, barba, estocadas, gemidos. Dois homens me levando a patamares nunca antes alcançados, deixando-me solta, maravilhada.

Então, abri os olhos, dominada pela perversão, pela vontade de ter mais e mais, de ir além de tudo. Apoiei meus cotovelos no chão arenoso, ergui um pouco o tronco. Vi como Heitor sugava e manipulava meus mamilos, como Pedro

me olhava feroz e comia minha boceta com tudo, sacudindo-me. Latejei, esquentei, assumi meu lado mais feminino e sensual, dizendo baixinho:

- Como adoro ser fodida por vocês ... Estou tão perto de gozar de novo ... Mas não quero parar. Quero mais. Vão me dar mais?

- Ah, porra, assim não aguento, morena ... – Pedro extravasou, fora de si, mais e mais brutal.

- Heitor, me deixa chupar seu pau. Quero gozar assim, com seu pau no fundo da garganta.

Ele soltou meus seios, seu rosto contorcido.

- Você quer? – E já agarrava minha cabeça, vinha ajoelhado até mim. – Toma, safadinha ...

E eu tomei. Eu o engoli, salivando, me enchendo de sua carne. Gemi, ébria, embevecida, extasiada. Movi meu quadril contra o de Pedro, eu os acompanhei com a boca e a boceta, até que ondulava, fervia, mamava ambos com loucura.

Pedro ergueu minha bunda, meteu feroz, rosnando. Heitor segurou

meus cabelos e me fodeu sem pena, até tirar meu ar e me fazer babar, nós três além de qualquer controle ou razão. E assim explodi de novo, chorando, miando, me dando toda. Pedro esporrou dentro de mim, em ondas e mais ondas de gozo, indo e vindo, se derramando, me inundando até o útero.

Desabei. Heitor saiu da minha boca, depositou suavemente minha cabeça na areia, acariciou meu cabelo, vendo o meu estado. Pedro terminou e saiu da minha boceta, que ainda tinha convulsões. Porra correu para minha

bunda e para a água, não sei qual deles, ou de ambos. Havia algo de extremamente erótico em saber que de alguma maneira eles se imiscuíam juntos e ao mesmo tempo em meu corpo, seus fluidos sendo um só.

Eu me contraí, tentando deixar mais tempo aquilo tudo dentro de mim. Estava saciada, cansada, mas parecia haver ainda um furacão dentro de mim. Abri os olhos e os fitei, pesada, lânguida. Estavam sentados na margem, fitando-me, suas expressões tão parecidas que tentei decifrá-las. Era

tesão, satisfação e mais, muito mais. Lambi meus lábios e sentei, trêmula, cremosa, levemente ardida.

- Foi bom? – Heitor sorriu devagar.

- Bom? – Sorri de volta, meus olhos indo de um ao outro.

Dei-me conta que, em nenhum instante me senti suja com eles ali. Eu me dava sem receios, sem reservas, não me continha. Mas conseguia manter as lembranças ruins longe. Não era um castigo, era apenas tesão. Preenchido por amor, por tudo que exaltava meu

corpo e minha alma. E crescia vertiginosamente.

- Tão bom, que quero mais.
Quero fazer um pedido especial.

- O que? – Pedro me olhava com cenho franzido.

- Surpresa. – Sorri mais, como a devassa que eu era.

Fiquei de quatro e avancei até o colo de Heitor, abaixando a cabeça, agarrando seu pau ereto e o metendo na boca. Chupei firme, fundo, e ele gemeu, rendido.

- Morena, você não existe ... –

Ouvi Pedro, seu tom rouco, bruto.

Movi minha cabeça, deixei Heitor no ponto. Então, fui de joelho até Pedro, lambendo os lábios. Seu pau estava semiereto, ainda banhado de esperma. Imaginei que era dele e de Heitor, por isso o abocanhei esfomeada, em um boquete tão gostoso que na mesma hora ele cresceu de novo. Agarrou meu cabelo, soltou palavrões.

E assim eu fiquei, sentindo-me poderosa e feminina, excitada em demasia, chupando um e outro, até tê-los tão duros e tesos que eu já latejava,

minha própria lubrificação se mesclando aos espermatozoides dentro de mim, escorrendo, deixando-me toda melada.

Olhei-os e murmurei:

- Eu sinto os dois na minha bocetinha. A sensação de cada um dentro de mim, a porra de vocês me enchendo. Preciso de mais.

- Agora, morena ... — Pedro ajoelhou no chão, agarrando meu braço.

- Você foi feita para nós, Lara Maria. — Heitor estava mais perto, me segurou também, beijou minha boca.

Andei de joelhos até ele e o

montei de frente. Rocei-me em seu pau, quase fora de mim de tanta lascívia.

Descolei a boca, pedi:

- Mete em mim.

Ele agarrou meus quadris, mirou o pau, me desceu sobre ele, encharcada, chapinhando, entrando fundo, cheio de desejo ao fitar meus olhos. Eu o cavalguei, sabendo o que eu queria e nunca tinha feito, o que eu precisava que eles me dessem. Estremeci de antecipação, agarrei-me nos cabelos de Heitor e olhei para Pedro, sendo bem suplicante:

- Vem, me come por trás,
garanhão ...

- Você está nos acostumando
mal. – Seu tesão era nítido.

Veio de joelhos atrás de mim,
suas pernas pelo lado de fora das pernas
de Heitor, suas mãos já me segurando
firme.

- Empine essa bunda gostosa
para mim.

Segurei-me nos ombros de
Heitor, coleí-me nele e, com seu pau
enterrado até o fim, fitei seus olhos, os
de Pedro, e pedi:

- Não quero na minha bunda.
Quero os dois na minha boceta, me comendo juntos, gozando juntos dentro de mim.

- Caralho ... – Heitor gemeu.

- Você não vai aguentar nós dois, morena. – Pedro arfava, ensandecido, a cabeça do seu pau roçando-me por trás, segurando meu cabelo na nuca.

- Eu vou ... por favor ...

E passei a me mover lentamente, devorando Heitor, me oferecendo a Pedro.

- Você que pediu, morena ... Mas

se doer demais, avise.

- Sim.

Eles me seguraram, me prenderam entre eles. Estremeci de antecipação. E então, o pau largo e grosso de Pedro forçava minha entrada já esticada pelo membro de Heitor. Eram os dois grandes, robustos, mas eu latejava, me abria, me esticava. Queria tanto aquilo que mal respirava. Fiquei quieta e senti uma ardência danada quando ele empurrou e a cabeça me arreganhou mais do que parecia possível. Mordi o lábio para não gritar,

mas ele deslizou dentro, incrivelmente apertado, até o fundo.

Então gritei, alucinada, delirante.

- Calma ... Calma ... – Heitor disse perto do meu pescoço, até que os dois estava lá, encaixados, juntos até o fim da minha boceta.

Comecei a chorar com a sensação de estar cheia até a alma, de tê-los tão dentro de mim. Fui eu quem se moveu primeiro, devagar, colada, tremendo. E então fui me acostumando, a queimação em nada diminuindo meu prazer, só parecendo torná-lo mais

intenso.

- Ah, morena ... O que você faz comigo ... – Pedro disse em agonia, se inclinando mais em minhas costas, metendo devagar em mim.

Heitor o acompanhou. Eles entravam juntos, apertados, melados, tomando tudo de mim. Gritei para o céu, para eles, para o infinito. Movi-me junto. E então, virou uma dança mais voraz e louca, um amontoado de sensações extraordinárias, Heitor enfiando um mamilo na boca e sugando esfomeado, Pedro mordendo minha

nuca, ambos me comendo, me penetrando, acabando comigo.

Não deu para aguentar muito. Era a coisa mais deliciosa que experimentei na vida, era uma comunhão de corpos, era um exaltar de almas, era saber que eu os amava e era livre com eles para ser tudo, terna, puta, amiga, amante, a mulher deles. Estalei, maravilhada, chorando, murmurando enquanto o gozo começava a se espalhar como uma droga, da minha boceta para meu corpo todo:

- Eu amo vocês ... Amo vocês ...

E era verdade, a mais pura verdade que já disse um dia. Heitor beijou minha boca, devorou-me, disse contra meus lábios:

- Também te amo, Lara Maria

- Ah ... – Choraminguei mais, segurando-o com uma das mãos, a outra indo para trás sobre os cabelos de Pedro, delirando em orgasmos múltiplos, que não pareciam ter fim, exaltando com as palavras que ouvia.

Quis demais ouvir aquilo de Pedro também, mas eu acreditava, eu sentia que ele me amava também. E por

isso me dei inteira, gozando muito.

- Vou gozar ... – Pedro avisou e senti o ondular do seu pau.

- Eu também ... – Heitor agonizou.

E então, esportaram dentro de mim.

Solucei, delirante. Doía, ardia, mas era deliciosamente enlouquecedor.

Gritamos juntos em um emaranhado de corpos, toques e fluidos. E desabei entre eles, sem forças.

Ainda continuaram um pouco mais, até ficarem cansados, arfantes.

Pedro saiu primeiro e gemi com a ardência. Depois foi Heitor.

Eu caí sobre a água rasa e fria, praticamente morta, de bruços. Não havia uma parte de mim que não estivesse dolorida, mas também satisfeita, lânguida.

Senti um deles acariciar meu cabelo, mas não consegui abrir os olhos para saber quem. Então, braços fortes me puxaram para um colo, me aconchegaram apertado, me fizeram tremer as pálpebras. Dei com os olhos azuis de Pedro, fixos nos meus.

Murmurei:

- Foi a melhor ... transa da minha vida.

- Não, Lara. Das nossas vidas. – Disse baixo. Então, me puxou ainda mais perto de seus lábios, dizendo rouco, baixinho:

- Nunca disse isso a mulher nenhuma. Você sempre vai ser a única. Eu te amo, morena.

Tudo dentro de mim se contorceu. Lágrimas vieram, não sei como, pois eu só me sentia em condições de respirar. Então, murmurei:

- Eu já sabia.

- É isso que tem para me dizer?

— Franzziu a testa.

- Não, ciumento. Eu amo você também. Mas isso você já sabia.

Sorrimos um para o outro. Eu estava emocionada demais. Busquei Heitor e ele nos olhava com algo parecido a júbilo. Suspirei, estendi minha mão até segurar a dele e pedi:

- Por favor, me levem para casa.

Agora realmente acabaram comigo.

- Até parece que não fez o mesmo com a gente. — Disse Heitor.

Eu fechei os olhos, sorrindo.

Feliz.

CAPÍTULO 30

LARA

Eu estava na padaria, esperando o pão sair para levar para casa. Duas mulheres mais à frente, toda hora olhavam para trás e cochichavam, fazendo cara feia, obviamente falando de mim. Fingi não notar. Mas aquilo estava ficando cada vez mais comum. Talvez pelo fato de, há pouco mais de uma semana, Pedro e Heitor frequentarem demais a minha casa.

No início, eram só desconfianças das pessoas da cidade, que deviam achar que seria algo passageiro. Mas depois que passaram a dormir muitas noites lá, a fofoca se alastrou como fogo em mato seco. Aonde eu ia, tinha gente comentando, me olhando, virando a cara. Era impressionante que, no início, enquanto nada tinha sido assumido, todos me olhavam veladamente e fingiam não ver nada. Mas agora, era oficial.

Para piorar a situação, Pedro reclamara demais que a minha cama era

apertada para nós três e, no dia anterior, tinha comprado uma cama king size. A vizinhança toda viu. Eu não liguei muito, nem eles. Mas devíamos ter previsto que não passaria em branco. Agora eu reparava que, várias pessoas que antes me cumprimentavam, agora viravam a cara para mim com desprezo na rua.

Era a boa e velha hipocrisia. Transar só por farra até podia, todo mundo fazia vistas grossas. Mas assumir um trio, era completamente diferente. Era uma ofensa à moral e aos bons costumes. Era esfregar na cara de todos

uma relação diferente, pecadora, desafiadora.

Notei que não pararam de falar com Pedro e Heitor. Só comigo. Não comentei nada com eles, mas sentia as coisas se agravando aos poucos, crescendo em proporções. Como naquela manhã na padaria. Todos me evitaram como se eu fosse uma leprosa. A moça atrás do balcão fingia não me ver, atendendo a todo mundo, menos a mim.

Embora pouco ligasse para o que falavam de mim, não pude fingir que

aquilo não me perturbou. Senti-me estranha, devassada, até meio culpada, como se tivesse cometido algum crime. Olhei em volta. Alguns homens me davam olhares maliciosos. As mulheres com nojo. Ou vergonha.

Pensei em sair da padaria. Somente deixar para lá, até que por fim eles se acostumassem. Mas odiava injustiça e, ao final das contas, eu não tinha feito nada com aquela gente. Estava cuidando da minha vida, eles que fizessem o mesmo. Assim, não saí. Ao contrário, aproximei-me do balcão e

falei educadamente:

- Gostaria de três pães franceses,
por favor.

Três mulheres deram passos para os lados, ilhando-me. A atendente fingiu não ouvir e foi pegar o que outra pessoa havia pedido. Fui paciente. Aumentei o tom de voz, repetindo:

- Gostaria de três pães franceses,
por favor.

Como se soubesse que eu insistiria, ela me deu um olhar esquisito. Então disse entre dentes:

- O pão acabou.

Olhei para o cesto cheio. Mireia, séria.

- Não acabou. Está cheio de pão aí.

- Só tem pão para as pessoas da cidade. Os cidadãos de bem. Com licença. – E foi atender uma senhora, que murmurou para ela:

- Gostei de ver, Sônia.

O sangue ferveu em minhas veias. Senti um misto de raiva e vergonha, sendo destratada tão descaradamente. Quase fiz uma besteira, exigi ser atendida, expliquei para eles o

que era preconceito e discriminação. Mas me calei a tempo. Não resolveria nada. Ninguém mudaria ou ligaria para mim.

Olhei em volta e percebi apenas antagonismo. Virei e saí da padaria, ouvindo o burburinho atrás de mim. Pelo visto, eu teria que pedir a Pedro ou Heitor para comprar pão, quando estivessem em minha casa. E me acostumar a fingir que não notava o desprezo das pessoas.

Estava muito chateada. Imaginei se haveria algum lugar no Brasil onde eu

poderia viver um trio abertamente, mas calculei que não. Num grande centro urbano, talvez eu me perdesse no meio de outros grupos que ousavam ser diferentes. Mas ali, em Florada, acho que a única diferente era eu.

Tinha acabado de virar a rua, quando alguém emparelhou comigo, andando ao meu lado. Olhei e vi um homem, que conhecia de vista e era casado, com três filhos. Ele disse rapidamente:

- Vi o que aconteceu na padaria.
Não precisava nada disso.

- Também acho. Eu só queria comprar meu pão. – Continuei a andar.

Ele acenou com a cabeça. Quando seu olhar resvalou em meus seios, senti que não viria coisa boa dali. E não me decepcionou:

- Sabe como é, moça bonita. As pessoas aqui não aceitam uma mulher livre como você. Mas quero que saiba, que pode contar comigo. Se precisar de alguma coisa, de uma companhia ... – Sorriu, no que devia ser sedutor. – Estarei totalmente à sua disposição.

Minha irritação triplicou. Parei

de andar e o encarei, bem séria.

- Vou contar a Pedro e Heitor Falcão a sua gentileza. Aposto que eles vão gostar de saber.

Ele empalideceu. Parou também, passou a mão pelo peito, afastou um passo.

- Não sei se entendeu, eu apenas ...

- Entendi perfeitamente. Sua esposa também vai entender, tenho certeza.

Ele recuou rapidamente. Não disse mais nada. Voltou por onde tinha

vindo, olhando em volta.

Então, seria assim. Eu agora era a puta da cidade. As mulheres me desprezariam, os homens, inclusive os casados, tentariam a sorte comigo. E a hipocrisia continuaria. Furiosa, voltei para casa.

Mas como eu imaginava, aquilo foi só o começo.

Depois de mais alguns dias, Abigail me chamou para conversar. Ela estava sem graça, um tanto irritada. Mas

foi bem franca:

- Lara, tenho que falar com você. Não sei se reparou como o movimento aqui tem caído, principalmente de famílias. As pessoas estão fazendo boicotes, por sua causa.

Eu até tinha notado, mas fui ingênua em não perceber o por que.

- O fato de estar ... namorando com Heitor e Pedro, está incomodando muita gente. Entenda, Lara. É uma cidade do interior. As pessoas são muito arcaicas, muito ...

- Eu já entendi. — Não

demonstrei minha mágoa, minha preocupação. Fitei-a diretamente. — Posso parar de cantar, Abigail. Não quero atrapalhar o seu estabelecimento.

- Vai parar nada! Você é de longe a melhor cantora que o meu restaurante já viu! — Exclamou. — Não concordo com nada disso. A vida é sua, faz dela o que bem quiser. Ninguém tem nada a ver com isso.

- Mas ...

- Só acho que devia contar aos meninos. Eles resolvem isso num passe de mágica, Lara. Ninguém pode negar a

influência dos Falcão na cidade e ...

- Não. Não vou falar nada.

- Mas por que?

- Esse pessoal não vai me humilhar, Abigail. Vou andar com minha cabeça erguida. E vou parar de cantar por um tempo. Até de servir mesas. Quando as coisas se acalmarem, eu volto. – Irritava-me ter que fazer aquilo, ser acuada daquele jeito. Eu dependia daquele dinheiro.

Heitor e Pedro tinham querido me ajudar, me davam presentes, tudo mais. Mas não aceitei. Não estava com

eles por dinheiro e sempre me virei sozinha. Não me faltava nada ali. Agora eu não sabia como me viraria.

- Não vai parar coisa nenhuma. – Ela segurou meu braço e me olhou nos olhos. – Mantenha-se firme. Eles vão ver que não atingem você e vão parar. É só uma pressão.

- Não vou te prejudicar, Abigail.
- Não vai. Precisam do Falconetes mais do que pensam. Não tem outro bar ou restaurante aqui. – Sorriu, decidida. – Não dou três dias para estarem voltando com o rabinho

entre as pernas.

Mas três dias passaram e as coisas não mudaram.

Na fazenda, tudo foi bem diferente. Fui aceita por todos. Ninguém me olhou torto ou tocou no assunto comigo. Talvez pelo fato de já terem me conhecido, me recebido lá ou simplesmente saber que Heitor e Pedro eram tão unidos que acabariam tendo a mesma mulher. Não sei. Só sabia que me sentia em casa lá, que fiquei muito

amiga de Eva, Gabi e Valentina, que Tia virou uma mãe para mim. Os rapazes eram sempre simpáticos e o Falcãozão, Mario, apesar de no início ter me olhado de modo penetrante e de certo modo curioso, sempre me tratou bem. Eu estava apaixonada por Caio e Helena e cheguei a ir até Pedrosa com as meninas escolher roupinhas para os bebês que iam nascer.

Minha vida tinha dado um giro absurdo. Tinha momentos em que eu me sentia nas nuvens, não acreditava estar vivendo aquilo tudo, aquela felicidade

extasiante. Não fossem esses probleminhas na cidade e as lembranças que às vezes vinham sem que eu pudesse conter, me deixando por um instante triste, deprimida, tudo seria perfeito. Para mim, já era.

Não deixava transparecer para Heitor e Pedro nenhum dos problemas. Se em um dia eu pensava em algo que Rubinho tinha feito comigo ou algo me fazia recordar de repente, eu engolia, disfarçava, sorria. Em um momento ou outro, eles até desconfiavam, perguntavam se estava tudo bem, mas eu

logo garantia que sim, puxava algum assunto, fazia alguma brincadeira. Mas não deixava aquilo me derrotar. Eu queria ser para eles apenas essa Lara nova, a do presente, a feliz.

Só me permitia deixar a dor vir, tentar saná-la, quando ia até a clínica. Lá às vezes eu desabafava algo com Rose, sempre como se o assunto tratasse da minha amiga. Ou falava com Letícia, mesmo ela não reagindo de maneira alguma. Aqueles momentos eram bons para mim, me aliviavam, me davam mais forças para evitar a dor ao máximo

possível e combatê-la com mais controle.

Enquanto isso, outras coisas se acomodavam, entravam em uma rotina maravilhosa. Eu passeava mais com Pedro e Heitor. Saímos para jantar em Belo Horizonte e passamos a noite em um hotel luxuoso. Lá nos amamos lentamente, mas também de modo carnal, suando, dizendo e fazendo sacanagens. Não havia vergonha ou impedimentos para nós. Ficávamos cada vez mais unidos e apaixonados.

Pedro se acomodou bem na

relação. Aos poucos, foi entendendo que não havia motivos para ciúmes e se soltou mais. Era debochado, gostava de passar seu tempo livre conosco, aprendeu a dizer que me amava e não parou mais. Eu adorava ouvi-lo, tanto quanto adorava falar.

Heitor era feliz demais, estava na cara. Ambos cuidavam de mim, mesmo eu reclamando, me davam roupas, sapatos, joias, me enchiam de mimos. Era tanta coisa boa, tanta felicidade, que às vezes eu ficava acordada de madrugada entre os dois na

cama, só para olhá-los dormindo, me certificar de que era tudo mesmo real. E bendizia o dia em que, naquela rodoviária, cantei uma música de Cartola e aquela senhora falou comigo, me recomendou que eu fosse para uma cidade do interior com nome de Flores. Era o destino, como um dia Heitor havia me explicado, ao me contar a previsão de Dalila sobre mim.

A vida me tirara muita coisa. Perdi minha infância, minha adolescência, muitos anos em que apenas passei pelo tempo, fugindo,

correndo, não querendo parar. Agora, eu queria que ele rodasse lento, que me deixasse aproveitar tudo que eu tinha, como um presente. Não era qualquer mulher que dava a sorte de encontrar um Heitor e um Pedro Falcão na vida e ainda amá-los e ser amada por eles. Eram minha cura e minha felicidade. Eram tudo para mim.

Era engraçado perceber que, naturalmente, nossas vidas iam se adaptando à rotina de cada um. Não havia uma regra ou uma única forma de se resolver um assunto ou uma situação.

Víamos o que era melhor para cada um. No final, sempre havia uma opção razoável para nós três. Nada era forçado, as coisas simplesmente aconteciam e nós íamos nos adequando. Não havia disputas nem cobranças, havia sim entrega, companheirismo e uma alegria verdadeira em termos a companhia uns dos outros.

Por exemplo, em razão das tarefas que assumia na fazenda, a lida de Heitor começava cedo, antes mesmo do dia amanhecer. Eu mal o via sair, só sentia quando, ao se despedir, roçava

seu nariz em meu pescoço e cabelo, aspirando profundamente, como se quisesse guardar meu cheiro o dia inteiro. Já Pedro ia para o escritório mais tarde, o que nos permitia sempre transar pela manhã. Heitor gostava de me acordar de madrugada, fazendo amor comigo. Ou chegava em minha casa mais cedo que Pedro, às vezes antes que eu fosse ao Falconetes. Então, eu tinha meus momentos a sós com um e com outro. Mas sempre transávamos juntos. Era o ápice, quando nos completávamos por inteiro.

Não havia pudores entre nós. Fazíamos jogos, nos divertíamos, explorávamos nossa sexualidade sem limite. Eles eram fogosos demais e eu não deixava por menos. Tínhamos muito prazer em nos tocar, beijar, fazer de tudo. Mas o que eu mais amava, sem dúvida, era ter os dois juntos dentro da minha vulva. Eu enlouquecia. Delirava. E gozava tão rápido, que mal dava para aproveitar como eu queria. Sempre ficava ardida depois, por serem muito avantajados. Mas valia à pena. E eu me recuperava rápido.

Quando eu achava que os moradores de Florada começavam a se acostumar com nosso trio, pois o Falconetes já enchia de novo, aconteceu algo que acabou culminando na descoberta de Pedro e Heitor sobre o preconceito que eu sofria. Poucas pessoas lá falavam comigo, mas ninguém me destratava claramente. Apenas me ignoravam e viravam a cara para mim quando estava sozinha.

Mas aquela semana de março foi especialmente ruim para mim. Minha mãe tinha me ligado, mas eu não a

atendia. Evitava ao máximo falar com ela, para não ter nenhuma recaída, não deixar transparecer a eles o meu passado. Eram curiosos sobre ele, faziam perguntas, mas sempre fui superficial. No entanto, se aproximava a data de aniversário da minha mãe e eu sabia que teria que falar com ela. Qualquer data assim também trazia muitas lembranças, da época em que eu ainda vivia no Rio, das reuniões familiares, “dele”. Por isso, comecei a ficar perturbada, até mesmo deprimida. E lutando cada vez mais para disfarçar.

Em uma quinta-feira, Pedro e Heitor não vieram em minha casa. Tinham um negócio grande para resolver e todos eles estavam trabalhando muito. Não disse nada, mas fiquei amargurada, me sentindo muito sozinha, sem conseguir fugir de velhos sentimentos que me agrediam. Eu quase podia ouvir coisas que às vezes “ele” dizia ao meu ouvido como: “*Você gosta, Larinha. Pede por isso. Me provoca*”. Ou sentir o cheiro de seu perfume, que sempre me dava asco.

Andei pela casa, nervosa,

sufocada. Quanto mais eu queria esquecer, mais eu lembrava. As torturas, o prazer quase sádico, os olhares quando estávamos no meio dos outros. Imaginei aquele ano, todos eles reunidos lá em casa, meus tios e primos, comemorando o aniversário da minha mãe. E eu, sete anos sem poder fazer aquilo, longe de tudo, por causa dele, de Rubinho. Daquele desgraçado que me violentou e continuava impune.

Não aguentei. Saí de casa só querendo respirar, me recuperar logo, voltar à minha felicidade, protegida de

todo aquele mal. Foi então que vi a Igrejinha e lembrei que a missa da noite logo começaria. Tinha me acostumado de novo a entrar lá, pois ia às missas de domingo com Pedro, Heitor e a família Falcão. E, naquele momento, achei que poderia ter algum alívio da minha dor ali.

Subi os degraus até a entrada. Vários moradores se espalhavam ali, em sua maioria, beatas. Olharam-me com desprezo, mas eu as ignorei. Segui em frente. Até que fizeram uma barreira e me impediram de entrar. Não acreditei.

Olhei-as, muda, surpresa. Uma senhora viúva murmurou:

- Aqui não é lugar de mulher impura.

Depois do caso na padaria, era a primeira vez que me agrediam de novo verbalmente, deixando claro como me queriam longe dali. Mas naquela noite, eu estava fragilizada demais. A dor que me consumia pareceu infinitamente maior. Murmurei:

- Só quero rezar.

- Devia rezar por sua alma pecadora mesmo. – Disse outra.

- Mas não aqui. – Emendou uma terceira.

Todas decididas, guardiãs da moral, com lábios apertados, sem disfarçar o nojo que eu causava nelas.

Meu estômago se apertou. Também senti nojo de mim. Não por estar com Heitor e Pedro, mas pelo que fiz no passado, por minha covardia, pela culpa que eu carregaria sempre, independente de tudo.

Talvez, se eu insistisse ou erguesse a voz, elas saíssem do meu caminho. Mas agora, a vergonha já me

aniquilava, o gosto ruim em minha boca já se espalhava. Indaguei a mim mesma se aquilo tudo nunca me deixaria em paz. Se quando eu menos esperasse aquela dor voltaria. Tive um medo atroz de que isso acabasse me denunciando, mais cedo, ou mais tarde.

- Saia daqui. Não é bem vinda na Santa Casa de Deus. — Uma delas bradou.

Eu dei um passo para trás, convencida daquilo, acuada. Meus olhos estavam cheios de lágrimas. Foi então que uma voz veio atrás delas:

- O que está acontecendo? Quem não é digna de pisar na casa do Senhor, se o próprio Jesus nunca fez distinção entre ninguém?

- Padre Hamilton! – Elas se assustaram, virando-se, abrindo caminho.

O padre idoso se aproximou e olhou para mim, depois para elas. Seu semblante se fechou.

- Quem são vocês para impedir uma pessoa de entrar na Igreja? Alguém aqui já ouviu: “Aquele de entre vós que nunca pecou, atire-lhe a primeira

pedra”?

Houve um grande silêncio. Pessoas que chegavam para assistir a missa, paravam curiosas, observando a cena.

Eu vi os olhares arrependidos, as vergonhas de alguns, a resistência de outros. Mas estava arrasada. Acabei pensando comigo mesma que, se eu era tão julgada por me envolver em um trio, o que todo mundo faria comigo se soubesse do meu passado?

- Ela está em pecado, padre. – A viúva falou duramente. – Pecado da

carne com dois irmãos!

- E isso é da sua conta, senhora?

– Padre Hamilton se exaltou. Como não teve resposta, virou-se para mim e estendeu a mão: - Venha filha. A casa de Deus está sempre aberta para você. E se eu souber aqui que alguém a destratou, vai se ver comigo!

- Eu não ... – Sentia-me alvo de todos os olhares. Quis me encolher, chorar como criança. Recuei um pouco mais, tentando me esconder, sem estrutura para enfrentar mais aquilo. – Obrigada, padre. Mas eu ... eu ...

Não pude mais ficar ali. Virei e desci as escadas correndo, várias pessoas abrindo caminho para mim. Ainda ouvi o padre bradar com as beatas:

- Theo Falcão vai saber disso!

Fugi. Já cheguei em casa chorando, arrasada, envergonhada, me sentindo um lixo. Arranquei minhas roupas e me enfiei sob o chuveiro. Lá, eu chorei mais, até não aguentar mais. Até ficar tão exausta que, ao cair na cama, apaguei. E só então consegui alívio.

PEDRO

- Por que você não disse pra gente, Lara? – Eu estava revoltado.

Theo tinha sido procurado por padre Hamilton, que contou a ele o que tinha acontecido na missa do dia anterior. Theo nos chamou, falou o ocorrido e disse que tinha averiguado e soube que não era de agora que as pessoas da cidade destratavam Lara. Eu

e Heitor tínhamos ficado possessos. E fomos conversar com ela.

Estava sentada no sofá da sala, tranquila, logo após acordar. Mas achei seus olhos inchados e pude jurar que tinha chorado na noite anterior, depois de ser humilhada publicamente daquele jeito. Aquilo me doeu por dentro.

- A gente devia ter adivinhado. – Heitor se aproximou dela, de pé. Acariciou o seu cabelo.

- Na nossa frente, ninguém nunca fez nada! – Reclamei. – Você tinha que ter contado!

- Nunca me destratarem assim.

Foi só essa vez e outra, na padaria. – Explicou, em uma calma que me irritou mais. Eu estava furioso por alguém ter ousado fazer isso com ela.

- Que vez na padaria? – Exigi saber.

- Não quiseram me vender o pão. – Deu de ombros. – Isso é assim mesmo, logo se acostumam.

- Eles não tem que se acostumar com nada, nem se meter em nossa vida!

- Calma, Pedro. – Heitor apaziguou. – Vamos resolver isso.

- Vamos sim. – Fui até Lara, agarrei seu braço e a levantei. – Venha comigo.

- Para onde? – Olhou-me assustada.

- Vamos comprar pão.

- Pedro, deixe isso pra lá ... – Começou. Ao ver que a levava para fora, decidido, olhou para Heitor. – Diga a ele para ...

- Depois, Lara Maria. Agora, vamos comprar pão. – Afirmou, sério.

Ela não soube o que dizer. No caminho até a padaria, ainda tentou

recuar, mas por fim, suspirou e nos acompanhou.

Estava cheia e todo mundo nos olhou quando entramos, Lara no meio, eu e Heitor em volta dela. Nós dois olhamos duramente nos olhos das pessoas. A atendente parou, surpresa. Todo mundo ficou mudo. Falei secamente:

- A nossa mulher, minha e do meu irmão, veio comprar pão aqui. Algum problema quanto a isso?

Nenhum som. Tirei o dinheiro da carteira e dei à Lara. Ela pegou, sem

dizer uma palavra. Andou até o balcão, sem abaixar a cabeça, mas sem altivez. Como se fosse um dia comum, sem todo mundo nos olhando. Fitou a atendente e disse tranquilamente:

- Quatro pães franceses, por favor.

- Sim, senhora. – A mulher rapidamente pegou o dinheiro e a serviu, sem olhá-la nos olhos, muito corada.

- Obrigada. – Lara pegou o pacote com os pães e veio até nós, seus olhos brilhando. Não estava com vergonha. Eu podia jurar que estava com

vontade de sorrir.

- Obrigado pela atenção e bom tratamento à nossa mulher. – Heitor sorriu educadamente para todos. – Não poderia esperar nada diferente do povo de Florada. Tenham um belo dia.

- Amanhã ela volta para comprar mais. – Falei, bem sério. – Bom dia.

Ninguém deu um pio até sairmos. Lá fora, Heitor deu uma risada. Comentou:

- Amanhã, vai ter até tapete vermelho para você lá, Lara Maria.

Eu me contive para não rir. Olhei

para ela.

Lara olhou para ele, para mim.
Então, começou a rir:

- Vocês são doidos! “Nossa mulher”? Agora sim, vão ter o que falar!

Eu segurei sua mão, falei baixo:

- Nunca mais esconda algo assim, morena. Esse pessoal pode tentar te intimidar, mas conhecem a gente. Nos respeitam, Lara. Não vão querer se meter com a família que mais faz por essa cidade, que mais dá empregos. Principalmente se acham que temos um relacionamento sério.

- Eles vão me respeitar só por interesse. – Disse serenamente.

- Problema deles, Lara Maria. – Emendou Heitor. – O que importa é que vão respeitar você como fazem com a gente.

Ela apenas sorriu. Mas vi que estava orgulhosa.

Era a primeira demonstração pública do trio. E não seria a última.

No domingo, fomos todos à missa. Ninguém ousou olhar diferente para Lara. Algumas pessoas pareciam envergonhadas, outras nem tiveram

coragem de se aproximar. Mas não parou por aí.

Padre Hamilton falou muito sobre humildade, igualdade, respeito ao próximo. Fez um discurso de como Jesus nunca julgava ninguém, mas amava a todos sem distinção. Deu uma verdadeira lição de moral na congregação e terminou dizendo que o maior pecado da humanidade era julgar o outro e se sentir superior.

Vi o sorriso no rosto de Theo. Não duvidava nada que tivesse sido ele a conversar com o padre, sugerindo um

sermão daquele.

E sorri comigo mesmo.

Lara Maria estava mais protegida do que imaginava.

Ela tinha toda a Família Falcão ao lado dela. E padre Hamilton, que era amado e respeitado por todos. Eu duvidava que alguém mais fosse ofendê-la ou ignorá-la.

Segurei sua mão, calado. E mais calmo.

As coisas entrariam nos eixos.

CAPÍTULO 31

PEDRO

Eu estava em uma daquelas noites preguiçosas.

Era folga de Lara no Falconetes e ela tinha saído com Heitor para ir ao supermercado da cidade comprar

ingredientes para fazer uma massa. O vinho gelava na geladeira e me estiquei no sofá, pernas cruzadas à frente e apoiadas na mesa de centro, braços cruzados atrás da cabeça, assistindo um filme de ação mentiroso, mas que me distraía.

Usando um jeans e uma blusa de malha, eu me sentia à vontade, em casa. Era estranho como o que parecia tão preocupante em um momento, se tornava tão tranquilo em outro. A minha vida inteira tinha temido relacionamentos, achei que aquele trio nunca daria certo

devido ao meu jeito, e lá estava eu, mais feliz do que já estive um dia, apaixonado, em uma noite de quarta-feira esperando meu irmão e Lara chegarem par termos um jantar juntos.

Havia roupas minhas e de Heitor na casa dela. E coisas dela na fazenda, para as vezes que dormia lá, na minha cama ou na de Heitor. As coisas iam se ajeitando sem esforço. E embora eu soubesse que muitas pessoas ainda não aceitavam e falavam pelas costas, que éramos o comentário preferido da cidade, ninguém mais havia se metido

com Lara ou virado a cara para ela. Se fôssemos trabalhadores simples, com certeza tudo seria diferente, os antagonismos e preconceitos maiores. Mas o fato da minha família ser rica, poderosa, influente demais na cidade, fazia as pessoas preferirem o respeito ao moralismo.

Sorri comigo mesmo, pensando como todo mundo podia ser tão hipócrita. Em uma sociedade em que a corrupção rolava solta, em uma país rico como o Brasil em que milhões de pessoas ainda viviam na miséria, com

tanta violência e coisa a ser discutida, as pessoas se preocupavam com a vida sexual e o relacionamento dos outros. Preferiam discutir isso do que problemas realmente relevantes a elas.

Dividia minha atenção entre o filme e essas questões, quando um celular começou a tocar. Não era o meu. Percebi que era de Lara, que ela deixara carregando na mesinha ali perto. Tocou mais vezes e o peguei, vendo o nome no visor: Mamãe.

Fiquei curioso. Lara quase não falava da família, a não ser que tinha

mãe e parentes no Rio. Nunca a vi falando com nenhum deles. Parecia sempre se esquivar quando fazíamos perguntas. Ficava mais do que claro que tinha tido algum problema com eles, o que talvez explicasse o fato de ter vivido tanto tempo se mudando e os seus olhares sofridos de vez em quando, que tentava sempre esconder.

Talvez fosse o momento de entender um pouco aquilo tudo. Sem pensar duas vezes, atendi o telefone.

- Alô.

- Alô. – Uma voz de mulher,

surpresa. – É o celular de Lara?

- É, sim.

- Quem fala?

- Pedro Falcão. Sou namorado dela. Lara saiu, mas logo estará voltando. É a mãe dela, certo?

- Sim. É um prazer, Pedro. Sou Henriqueta Avellar. – Disse, um pouco insegura. – Ela volta logo mesmo?

- Acredito que sim, senhora Avellar.

- Pode me chamar de Henriqueta. Não sabia que minha filha tinha um namorado.

Sorri sozinho. “Dois

namorados”, tive vontade de falar.

- Ela continua no interior de Minas Gerais?

- Sim, em Florada. Contou-me que a senhora é do Rio de Janeiro.

- Taquara. – Confirmou ela. Suspirou, indagando: - Ela está bem?

- Muito bem. Fique tranquila.

- Nós quase não nos falamos. Ligo várias vezes, mas ela não atende.

Fiquei em silêncio. Com certeza haveria um motivo para isso. E para a tristeza em Lara, que por vezes aparecia.

- Até hoje não sei o que aconteceu. — Henriqueta desabafou, parecendo angustiada. — Sinto tanta falta da minha filha, Pedro! É a única que tenho. Tem sete anos que não a vejo. Vive mudando de um lugar para outro, mas nunca pode vir aqui me ver. Se eu pelo menos soubesse por que. Juro que não sei.

- Já perguntou a ela?

- Muitas vezes. — Sua voz era chorosa. Eu ouvia atento, pensativo. — Sempre teve muitos amigos, é querida por todos, os tios e primos a adoram.

Sabe, tive câncer de mama quando ela era pequena, fiquei internada um tempo, fiz muitos tratamentos agressivos. Sei que muitas vezes não dei a atenção que ela merecia. Depois, passei dois anos bem, me recuperando, só para descobrir que o câncer tinha ido para o útero. Foi mais um longo período de tratamento e novas cirurgias. Não fui uma mãe tão participativa como deveria, mas fiz o possível. Não sei se foi isso. Ela foi mudando com o tempo. Quando ficou mais velha, cuidou de mim, ficou aqui. Mas depois, quando eu estava totalmente

curada, começou a se afastar. Até sumir de vez.

Ela fungou, na certa chorando. Fiquei tocado, preocupado. Imaginei Lara sozinha. Todo mundo sabia que aquela doença afetava muito a família, ainda mais ela sendo novinha. Mas não via motivo ali para Lara ter deixado a mãe e a família de maneira tão brusca. Foi o que falei:

- Talvez tenha acontecido alguma coisa mais séria, que a senhora não sabe.

- Mas o que, meu Deus? Ela mal

fala comigo! Quando pergunto, desliga o telefone e me evita por dias, semanas, até meses!

Tudo aquilo me deixava mais confuso, mais preocupado.

- Queria tanto ver minha filha ...
- Henriqueta se lamentou, chorando, o que me afetou. Fiquei com pena dela.

- Vou tentar conversar com Lara, Henriqueta.

- Vai mesmo? Faria isso? Pedro, sábado é meu aniversário. Faço 67 anos. O que mais queria na vida era que minha filha viesse aqui me ver, me abraçar.

Tivemos problemas familiares recentemente, estou muito triste, muito fragilizada, muito sozinha. Estou quase morrendo de saudades! Por favor, fale com ela.

- Falarei, sim, Henriqueta.

- Anote meu telefone e endereço, por favor.

- Lara com certeza tem.

- Sim, mas se vier com ela, já te explico tudinho. Também pode fazer uma surpresa, dizer que vai levá-la em algum lugar e trazê-la aqui.

- Eu não poderia fazer isso. Lara

teria que concordar. Mas espere um momento, vou anotar.

Ela me passou o endereço, o telefone, o ponto de referência. Rabisquei tudo em um bloco e guardei o papel na carteira. Expliquei a ela:

- Vou fazer o possível para que Lara compareça ao seu aniversário, Henriqueta. Espero que tudo se ajeite, que vocês possam se reencontrar logo.

- Obrigada, meu filho. É o que mais quero. Nunca mais fui a mesma depois que minha filha foi embora.

Trocamos palavras amáveis e

desligamos. Fiquei muito curioso com tudo aquilo e preocupado. O que teria acontecido, se nem a mãe dela sabia? Lara tinha saído do Rio aos vinte anos de idade e nunca mais voltara. Tinha vagado de um lugar a outro. Ainda lembrava dela quando chegou em Florada. Por mais que tentasse disfarçar, era uma pessoa em seu limite. Muito diferente dela agora.

Calculei que algo sério a tivesse afetado e a feito fugir. Algo que Lara não contou a ninguém, nem à família.

Alguma violência? Algo

relacionado a sexo?

Eu sempre me questionava como alguém experiente e sexualmente agressiva e livre como ela nunca tinha gozado. Era incompatível gostar tanto de transar e se surpreender com o orgasmo, quando o teve conosco pela primeira vez.

Lara era um poço de contradições. Na maior parte das vezes era muito feliz. Então, como em alguns momentos quando ia na clínica, seu olhar se perdia, ficava doído, parecia o olhar de muitos dos pacientes de lá.

Muita coisa passou por minha mente. Não sabia o que exatamente acontecera com ela. Mas tinha sido muito sério e Lara fechava a sete chaves.

Ouvi barulho na frente de casa e logo ela entrava, rindo com Heitor.

Era lindíssima. Mesmo com o short jeans e a simples camisa de botões, branca, era sensual com aquele corpo moreno e escultural, as pernas cumpridas, os cabelos selvagememente longos e espalhados. Seus olhos brilhavam, dourados, sua boca era uma perdição.

Eu já a conhecia pelo avesso, cada pequena parte dela, cada sinal escondido, cara reentrância e curva do seu corpo. Poderia reconhecer seu cheiro à distância e seu gosto de olhos fechados. Mas não conseguia decifrar o que ia dentro dela. Uma parte sua ainda era um grande mistério para mim, que agora me deixava ainda mais preocupado e curioso.

- Pedro, eu queria fazer um ravióli de frango com molho, mas Heitor me perturbou querendo Tortiglioni ao sugo, com queijo derretido. Então,

vamos ao Tortiglioni! No final das contas, vocês acabam conseguindo sempre tudo de mim! – Estava bem humorada, carregando um saco com verduras, enquanto meu irmão vinha atrás com o resto das coisas.

- Tem que pedir com jeitinho. – Heitor piscou.

Eles foram para a cozinha e os segui. Enquanto espalhavam as coisas pela mesa e pia, eu encostei no batente da porta, observando Lara. E então, falei:

- Sua mãe acabou de ligar.

Ela parou, segurando uma peça de queijo. Olhou-me na mesma hora. Algo fugaz passou em sua expressão.

- Falou com ela?

- Sim.

Empalideceu um pouco. Até Heitor notou.

- Atendeu meu celular? – Sua expressão estava séria, tensa, sem um pinga da alegria de segundos atrás.

- Atendi. Por que, não posso?

Não me respondeu. Heitor ficou calado, olhando dela para mim.

- O que ... o que ela disse?

- Queria falar com você. Pedi que ligasse para ela. Contou que não a vê há sete anos, sente muito a sua falta. Sábado é aniversário dela, queria que você fosse ao Rio. – Falei, atento.

Era evidente seu desconforto, seu olhar nervoso. Largou o queijo sobre a mesa. Deu-nos as costas e foi jogar as verduras dentro da pia, sem dizer uma palavra.

Eu e Heitor trocamos um olhar preocupado. Insisti:

- Prometi a ela que falaria com você. Se quiser, podemos levá-la ao

aniversário, Lara.

- Depois decido isso.

- Por que não vê sua mãe há tanto tempo? Do que está fugindo, morena? – Estava tensa demais, sem se mover. – Não acha que já pode confiar na gente?

- Não estou fugindo de nada. – Disse entredentes. – Podemos mudar de assunto?

Caminhei até ela. Segurei seu braço e virei-a para mim, cada vez mais preocupado. O que só piorou quando vi seus olhos. Cheios de dor, pânico,

nervosismo.

- Como pode fingir que não há nada aí, Lara? Ela é sua mãe. Sua família e seus amigos estão lá. Alguma coisa séria aconteceu para abandonar tudo e ficar desse jeito só em falar do assunto.

- Isso é problema meu! – Puxou o braço, de repente furiosa, agitada. Olhou-me acusadoramente. – Você não devia ter atendido meu celular! Nem se meter na minha vida, está ouvindo?

- Temos segredos agora entre nós? – Perfurei-a com o olhar. Não

recuei. – Acha que não vemos como às vezes se esconde? Como fica triste sem motivo?

- Ninguém é feliz o tempo todo,
Pedro Falcão! – Respirou fundo,
empurrou-me de sua frente e passou por
mim, descontrolada. – Não quero vocês
futucando minhas coisas, estão ouvindo?
A vida é minha!

Lara saiu da cozinha como um
furacão.

Olhei para Heitor. Ele suspirou.

- A mãe não deu nenhuma pista?

- Ela parece saber tanto quanto a

gente. – Falei, irritado, mas também preocupado com ela. – Tem coisa séria aí, Heitor.

- Eu sei. Mas não podemos forçar a Lara a falar. Ela tem que confiar na gente, se sentir segura.

- Já era para fazer isso. – Resmunguei.

Ficamos em silêncio. Ambos tensos, imersos em nossas dúvidas.

Só pensando em Lara. E naquele segredo doloroso que a cercava.

LARA

Passei os dias até sábado em uma agonia só.

No início, evitei Pedro e Heitor, fugi deles. Não quis nem transar nem conversar, mas não me deixaram sozinha. Dormiram na cama comigo e fiquei acordada até tarde, uma dor atroz me consumindo, o medo me prostrando, as lembranças me derrubando. Odiava viver naquela gangorra emocional, tão feliz que imaginava que estava curada,

livre de tudo. Até acontecer algo e me abalar novamente, como se tudo fosse recente e ainda sangrasse dentro de mim.

Eu carregava marcas, feridas. Era como um doente em remissão, com recaídas. E a cada vez que acontecia aquilo, eu temia me mostrar, me entregar. Ainda mais com Heitor e Pedro cada vez mais perto.

Agora eu estava apavorada, depois daquele telefonema da minha mãe. Sabia que eles tinham ficado desconfiados, que não desistiriam de saber. Eles só me davam um tempo. E eu

me sentia acuada. Quase fora de mim.

Pensava também em minha mãe e morria de saudades, de culpa. Eu a evitava e a castigava, porque não podia lidar com aquilo. Era minha maneira de me proteger, de sobreviver, de me manter lúcida. E no fundo, mesmo amando-a, eu também tinha rancores dela, por ter sido tão omissa comigo. Não conseguia aceitar isso.

Tentei me recuperar. Na noite seguinte, fui para os braços deles, me dei, busquei no tesão e no amor o conforto e o alívio que eu precisava. Fui

beijada e acariciada, tocada com carinho. Fui fodida até gozar muito. Mas o alívio foi temporário. Logo estava tudo lá de novo, latejando, doendo, machucando.

Eu cantei no Falconetes para extravasar minha dor. Busquei músicas que me dessem meios de fugir ou de gritar como eu me sentia. Pedi ao tecladista que tocasse e cantei em inglês uma música do Metallica que muitas vezes parecia ser para mim, chamada *The Unforgiven* (O Imperdoável). Não olhei para o público, não busquei Pedro

e Heitor. Sentei no banco, abaixei a cabeça e só cantei, movendo meu corpo de maneira contida, tanta coisa ali triste como eu:

“(...)O que eu senti

O que eu soube

Nunca refletiu no que eu demonstrei

Nunca ser

Nunca ver

Não posso ver o que poderia ter sido

O que eu senti

O que eu soube

Nunca refletiu no que eu demonstrei

Nunca livre

Nunca eu mesmo

Então eu nomeio-o "o Imperdoável"

(Tradução)

Como lidar com algo que para mim não tinha perdão?

Nada me confortou naqueles dias. Nem a música, nem minha luta interna, nem quando Heitor me abraçou à noite na cama e disse que me amava, que cuidaria de mim, que eu podia desabafar tudo. Nem quando Pedro

beijou meu cabelo e murmurou que eu podia confiar, que não suportava me ver daquele jeito.

Eu consegui não chorar. Nem contar, pois aquilo para mim os faria deixar de me amar, me olhar diferente, ter apenas pena. Talvez asco. Quem sabe não dissessem, mas pensassem que, de alguma maneira, quis tudo aquilo, provoquei. Assim, eu me calei e afirmei que estava bem. Eu me fechei mais, escondi o quanto pude meu desespero. Só precisava passar por aquela semana, então, tudo voltaria ao normal.

Mas sábado chegou e com ele o aniversário da minha mãe. Eu nem havia dormido direito naquela noite. Acordei de madrugada e sentei na sala, olhando para o celular, sem saber o que fazer. Eles dormiam na cama, mas eu sabia que logo Heitor estaria de pé, doido por um café. E eu teria que me manter serena, bem diante deles. Mesmo que passasse o dia angustiada.

Era bem cedo quando agarrei o celular e liguei para minha mãe. Seria melhor acabar logo com aquilo, desejar feliz aniversário, tentar passar por

aquele dia da melhor maneira possível.

- Alô? Lara? – Atendeu, sonolenta.

- Oi, mãe. – Meu peito se apertou terrivelmente. – Feliz aniversário.

- Filha ... Que bom que ligou! Você vem me ver hoje? Vem, Lara?

- Não vai dar. Mas ...

- Por favor! – Suplicou num fio de voz. – Lara, como sinto sua falta! Pode ser meu último ano. Não quero morrer sem ver você.

- Não diga isso.

- Mas é verdade. Por favor, Lara. Não precisa nem ficar muito. Só venha me dar um abraço, me deixar ver que está bem, matar a saudade. Seu namorado disse que a traria. Eu ...

- Desculpe, mãe, mas não vai dar. Hoje não. – Consegui falar serenamente. – Mas vou ver um dia desses e ... e marco, apareço aí.

- Você não vem. Está mentindo. – Parecia desolada. – Sinto muito a sua falta, filha.

- Eu sei. Também sinto saudades. – Murmurei.

- Então, vem hoje.

- Mãe ...

- Você não sabe como estou mal,

Lara. – Começou a chorar. – Este ano é ainda pior que os outros. Você não está aqui. E agora, teve uma briga horrível na família.

- O que houve? – Estava tensa no sofá, preocupada.

- Não sei se sabe, sua prima Daiana, se separou do marido. Veio com a filha de dez anos, a Thaís, morar na casa de Julieta e de Valter. Sabe que seus tios nunca virariam as costas para a

filha e a neta.

- Não sabia disso.

- Pois é. – Fungou.

- Mas tudo acaba se resolvendo, mãe. Logo Daiana se acerta e ...

- Não foi isso. A minha irmã está até feliz em ter Daiana e Thaís com ela. O problema é a menina. Inventou um monte de mentiras! Criou uma confusão enorme entre seus tios Julieta e Marinho, Lara. Meus irmãos até pararam de se falar por causa dela.

Senti algo me alertar, se espiralar dentro de mim. Minha mãe era

a caçula de três irmãos, tio Marinho o mais velho e tia Julieta a do meio. Tio Marinho, casado com Rosana, eram pais de Rubinho e Marta e moravam no mesmo prédio que minha mãe. Foram eles que “cuidaram” de mim quando ela ficou doente, motivo pelo qual fiquei um bom tempo na mesma casa que Rubinho.

Engoli em seco, não querendo pensar naquela época, embora soubesse que não conseguia impedir.

Tia Julieta era casada com Valter e moravam perto, na Taquara mesmo. Tinham duas filhas, Danila, mãe dos

meus primos Rômulo e Ricardo, que moravam no interior com ela e o marido. E Daiana, que tinha tido Thaís, agora se separava e ia morar com meus tios.

Arrepiei-me da cabeça aos pés, com um mau pressentimento. Minha mãe continuou a se lamentar:

- Mês passado fomos todos para a casa de praia da família em Cabo Frio. E acredita que a Thaís foi contar para Daiana que seu primo Rubinho ... Ah, meu Deus!... que ele a colocou numa boia, a levou mais para o fundo e a ... a bolinou! A menina chorou, disse que ele

a machucou com o dedo ... Lara, que coisa horrível! Daiana acreditou nas mentiras dela, a levou até para fazer exame de corpo de delito, mas estava apenas arranhada. Ela mesma deve ter feito isso. Como pode uma coisa dessas? Pior foi que Julieta e Valter acreditaram e chamaram Rubinho de pedófilo. Marinho e Rosana o defenderam, foi uma briga terrível! Agora, minha família está partida, todos sem se falar!

No início, foi como se ouvisse um monte de palavras embaralhadas.

Então, elas fizeram sentido num estalo. E foi como tomar um soco violento na boca do estômago. Fiquei imobilizada, o terror se apossando de mim, um gelo terrível se espalhando do meu ventre para os ossos.

Lembranças dolorosas me atacaram, exatamente como ela havia dito. A casa de praia da família, ele me levando para o fundo na boia, me machucando com seus dedos embaixo da água. Ou então, fingindo brincar comigo, mergulhando, me acariciando. Levando-me em seu barco com ele. Todo mundo

deixando. Ninguém maldando.

“Vamos brincar, Larinha. Como você pede. Como você gosta. Papai e mamãe, lembra?”. A voz que sempre martelava na minha cabeça. Eu era a provocadora. Ele fazia aquilo por minha culpa. Por quantos anos acreditei naquilo?

Agora, as palavras da minha mãe me chocavam, me davam uma sacudida. Rubinho tentou fazer o mesmo com Thaís. Tantos anos depois, a mesma coisa. Abismada, horrorizada, dei-me conta que não foi só comigo. Que

quantas outras crianças podiam ter sido vítimas dele e se calaram, como eu. Até Thaís. Até minha prima falar, acusar, deixar a máscara dele cair.

Apertei o celular, por um momento cega, surda, dominada por minhas lembranças e por tudo que aquela revelação significava. Por um momento, quase desfaleci com uma espécie de alívio. Gritei dentro de mim: “A culpa não foi minha! Não fui só eu! A culpa é dele! É dele!”.

Então, veio a ferida, o ultraje e sim, a culpa. Porque, quando me calei,

eu permiti que ele continuasse, que fizesse outras vítimas. Eu não o impedi.

Arquejei, rasgando-me de dor.

Minha mãe continuava a falar. Com alguma parte de mim, ouvi trechos do que dizia. Com outra, eu rodava, sangrava, me dilacerava.

- Julieta teve coragem de dizer que Rubinho era um doente ... Aquele casamento dele, fracassado em poucos meses, depois de anos de noivado ... sempre foi um bom sobrinho ... criança inventa, me admira Daiana e seus tios levarem isso à sério ...

E tudo girava. Tudo doía. Eu mergulhei em um furacão de desespero e culpa, de confusão e raiva, de lamentações. Meu corpo doeu, como se eu ainda fosse pequena demais. Senti o sangue. Senti a vergonha. Vi como me arrastei por anos. Como nunca saberia quem eu era de verdade, o que eu poderia ter sido se não tivesse sido violentada, tão nova, tão frágil.

- Lara? Filha, está aí?

Doía demais. Eu não estava suportando.

“Por favor, me ajude”, pedi, sem

saber a quem, com vontade de soltar tudo, de me livrar daquele peso.

- Agora, seus tios e Rubinho não vem no meu aniversário. Nem você. Minha família está dividida.

Deixei o celular cair. Levantei-me, cambaleando.

Pedro. Heitor.

Eu precisava deles.

Fui para o quarto.

CAPÍTULO 32

LARA

Eu não conseguia me livrar das lembranças. Estavam mais fortes e vívidas do que nunca. A mão dele na minha, tão maior, tão suave enquanto me levava para dentro do apartamento que ainda estava quase sem móveis, onde moraria depois de casar. O silêncio. O medo.

Entrei no quarto e foi como entrar naquele outro lugar, com ele. Vi Pedro deitado de bruços, apenas com um short preto. Heitor na outra ponta, com

uma boxer branca, acordando, se espreguiçando.

Mas então minha visão foi tomada. O lençol branco que cobria o sofá. O modo como me fez ficar quieta e começou a tirar minha roupa, o laço que minha mãe tinha feito para meu cabelo. Olhei para a poeira que flutuava em um fio de claridade em meio à penumbra. Eu era uma criança, mas me sentia uma velha. Aceitando seu destino. Conformada.

- Não ... – Murmurei, com medo de enlouquecer. – Sai daqui ...

Disse para aquela menina triste da minha lembrança.

- Lara? – Heitor se sentou, ainda meio sonolento. – O que foi?

Olhei para ele, vendo-o com perfeição. Seu corpo longo e moreno, sua força e bondade, sua barba mais cheia que o habitual, ainda sem aparar. Estava descabelado, sensual, lindo. Cambaleei para a cama, para ele.

Joguei-me em seus braços. Murmurei ansiosamente:

- Me beije, Heitor ... me beije ...

Ficou surpreso, notou algo

errado. Segurou-me firme, querendo me ver, mas eu já o atacava e beijava, eu o montava de frente, dedos em seus cabelos, esfregando-me nele. Queria esquecer. Somente eles poderiam me fazer arrancar tudo aquilo de dentro de mim, me dar um alívio para meu desespero.

Gemi, suguei sua língua, senti o corpo esquentar. Fui tão esfomeada que o distraí, o excitei, senti seu pau crescer contra mim. Nós nos beijamos com fogo, com desejo, suas mãos já subindo a camisola. Eu o ajudei. Arranquei-a pela

cabeça, movi-me até tirar a calcinha pelas pernas. Empurrei-o para a cama, consegui sorrir, safada, abaixando a cueca, lambendo os lábios para colocá-lo na boca sem vacilar, chupando fundo e forte, até me deixar sem ar dentro da minha garganta.

- Porra, Lara ... – Gemeu, segurando minha cabeça, abrindo um pouco as pernas para que eu acariciasse suas bolas enquanto pagava um boquete, do jeito que sabia que gostava.

E quando achei que Heitor me salvaria, que sexo seria meu refúgio e

minha libertação, mais lembranças vieram. Aquele homem grande demais em cima do meu corpo pequeno, a boca que sugava meus mamilos sem seios formados, até estufarem e doerem demais. Eu fechando os olhos, tentando fingir que não acontecia, que não era comigo. Mas era e a dor estava ali para comprovar.

Quase gritei. Abri os olhos de repente, buscando desesperadamente Heitor, vendo Pedro se remexer na cama. Eu tinha que esquecer. Eles me fariam esquecer. Eles me salvariam.

Ergui minha mão quando Pedro se virou, agarrei seu pau sobre o short, continuei a chupar o pau de Heitor, agitada, ofegante. Pedro sorriu de leve e murmurou:

- Já começaram sem mim?

Eu os soltei e me joguei na cama entre eles, alucinada. Sorri cheia de provocação, meu coração batendo descompassado, tentando seduzi-los, beijando um, acariciando outro. Gemi. Supliquei:

- Vem ... Quero vocês. Agora.

E os ataquei. Eu sabia como

mexia com eles, como tocá-los, como rebolar e beijar. Pedro me puxou e beijou minha boca. Heitor veio por trás, suas mãos em meus seios, mordendo minha nuca.

Saqueei a boca de Pedro, meus olhos arregalados, buscando incessantemente o esquecimento. Pedi, contra sua boca, esfregando minha bunda no pau de Heitor:

- Por favor, sem brincadeiras ... Quero rápido, bruto ... Por favor ...

Comecei a desvairar, puxando Pedro contra mim, abaixando seu short,

erguendo a perna sobre seu quadril. Agarrei seu pau e o mirei na boceta, engolindo-o com tudo, arquejando, lágrimas vindo aos meus olhos. Ele gemeu, me olhou com o cenho franzido, segurou-me firme. Supliquei a Heitor:

- Mete na minha bunda ...

Preciso de vocês ... vem ... vem ...

- Morena ... – Pedro murmurou, estocando dentro de mim.

- Caralho ... – Heitor se colou atrás de mim, cheio de tesão. Senti seu pau me cutucar, duro demais. Forcei minha bunda, choraminguei, fui ficando

fora de mim.

- Agora ... vem, Heitor ...

E ele veio. Penetrou meu ânus e fiquei cheia com eles, alucinada. Comecei a me mover, mesmo com pouco espaço, como se estivesse endemoniada, as lágrimas escorrendo dos meus olhos vidrados.

- Mais forte ... Forte! – Gritei.

Eles me foderam com tudo, entrando, saindo, me segurando, me olhando. Eu pedi mais. Eu rosnei quando lembrei de como meu corpo às vezes reagia ao toque “dele”. Enquanto eu não

sabia o que estava acontecendo, eu aceitei. Sentia medo, uma sensação estranha no corpo, me acostumava com aquilo. Isso me doeu como se me rasgasse por dentro.

- Me façam gozar ... – Pedi, suando de tanto me sacudir, puxando-os para dentro, engolindo-os como fui ensinada a fazer. Exigi: – Mais forte!

- Porra, Lara ... – Heitor parou dentro de mim, como se estranhasse algo, tentando me imobilizar. – Calma ...

- Não! – Lutei com ele. Com eles.

Empurrei-os, ficando de quatro na cama, lambendo os lábios ressecados, empinando-me toda.

- Eu estou com muito tesão. Por favor, me ajudem. Só me comam, bem brutos. Por favor. Vem no meu cuzinho, Heitor, enquanto chupo Pedro.

- O que você tem? – Pedro agarrou meu cabelo, quando engatinhei para ele. Mas não respondi. Eu o dobrei colocando-o na boca e sugando bem gostoso, rebolando, gemendo. Fui com a mão entre minhas pernas e me masturbei, enfiando dois dedos em mim, ficando

enlouquecida.

- Ah, Lara ... – Heitor gemeu, dominado pelo tesão também.

Gritei, engasgada com o pau de Pedro, quando Heitor penetrou duramente meu ânus. Lágrimas desceram dos meus olhos abertos. Eu meti mais os dedos, rebolei, abri mais as pernas, gostei como ele foi bruto.

Não sei que idade eu tinha. Estava na casa dele, meus tios cochilavam depois do almoço. Eu via desenho. Ele me mandou ficar quietinha, colocou a mão em minha boca, com a

outra introduziu os dedos em meu ânus. Eu chorei de dor e medo. Como chorava agora, sem conseguir parar, soluçando.

- Lara ... – Pedro agarrou minha cabeça, nervoso, tentando me fazer largá-lo. Eu lutei, quis chupá-lo mais forte, mas me ergueu, me obrigando a fitar seus olhos.

Tudo se embaralhava na minha cabeça. Passado e presente. Imagens iam e vinham. Eu só sabia que precisava fazer o agora ser mais forte, substituir as lembranças, até me livrar delas. Forcei-me contra o pau de Heitor, pois ele

havia parado. Pedi rouca:

- Quero ser castigada, punida.
Continuem. Bem forte na minha bunda.
Os dois. Vem, quero os dois ...

- Pare com isso, Lara. Está me
ouvindo? – Pedro sacudiu minha cabeça.

Heitor saiu de dentro de mim.
Veio ao meu lado, tocou com carinho
minhas costas, disse ansioso:

- Lara, se acalme. O que
aconteceu?

- Eu quero foder, porra! – Gritei,
furiosa. – Agora!

Tentei avançar, mas eles me

seguraram. Lutei, me debati, gritei. Consegui escapar e caí na cama, os cabelos grudando em meu rosto molhado, a respiração agitada, meus olhos esbugalhados. Abri as pernas e as ergui, me arreganhando para eles, tentando sorrir em um esgar:

- Vamos lá! Não sou a putinha de vocês? Não provoco e faço de tudo na cama? Estou aqui! Quem vai me pegar primeiro?

Os dois me olhavam, chocados, impressionados, imóveis. Meu corpo ardia, incendiava, daquela maneira

diferente, como sempre foi antes deles. Pedia para ser punido, castigado, infringido. Para sentir tanta dor que outra seriam apagadas.

Comecei a me desesperar. Era como se estivesse a ponto de ter um ataque cardíaco. Tudo latejava, fervia e, mesmo assim, eu parecia gelada por dentro. Olhei-os, suplicante.

- Preciso de vocês ... – Comecei a tremer, minha visão se embaçou com mais lágrimas. – Por favor ...

- Morena ... – Pedro parecia fora de si, preocupado.

- Lara Maria, vem aqui. – Heitor se aproximou. Tentou fechar minhas pernas, mas ondulei, me ofereci, levei meus dedos à vagina.

- Vem me comer. Olha como estou molhadinha.

- Pare com isso! – Brigou, surpreendendo-me. Segurou meus pulsos e me puxou, fazendo-me sentar, buscando respostas em meu rosto. – Está nos assustando.

- Mas por que? – Tentei soltar meus braços. Sem sucesso, me ajoelhei, como se uma cortina vermelha descesse

sobre meus olhos. Fui para perto dele, me esfregando. – Sei que gosta. Gosta quando fico bem safada!

Eu não queria, mas lembrei. As mãos “dele” em mim. O cheiro do corpo dele. O peso. A dor quando me penetrava. Tanta dor ... tanta dor ...

- Tanta dor ... – Murmurei e comecei a soluçar. Sacudi a cabeça, lutei contra quem me segurava. Fiquei feroz, alucinada. Surtei de vez, gritei: - Eu não quero! Eu nunca quis! Me solta! Me solta, seu desgraçado! Ahhhhhh ...

- Lara!

A voz vinha de longe. Comecei a me debater. Aquilo tinha que parar, eu não aguentava mais. Eu não podia mais deixar! Estava cansada! Tão cansada ...

Quis abrir os olhos, mas mesmo assim não vi. Eu rodava. Vi o rosto da minha mãe, prostrada no sofá. E ele segurando minha mão, me levando ... me levando ...

- Não! — Lutei com ele, esperneeiei. Gritei tanto que fiquei rouca.

Senti-me presa. Alguém me segurava. Muitas mãos, muitas vozes, um eco sem fim. Arranhei, mordi, ouvi

um grito que não era meu. Virei uma fera. Aquilo ia acabar. Berrei como um animal em uma armadilha, tentei socar, mas fui derrubada em uma cama. Não discerni palavras, não soube quem me prendia. Eu tinha que mostrar que não queria mais. Fiquei completamente louca:

- Seu desgraçado, vou contar para todo mundo! Vou contar para a minha mãe!

- Lara, se acalme ...

- Ela está histérica ...

-

DESGRAÇADOOOOOOOO!!!!!!!!!!!!!!

- Pare! — Fui sacudida com força. Tentei morder de novo, fui com as unhas na cara dele, mas então escutei um barulho e minha cabeça desabou na cama.

Minha face direita ardeu e fiquei tonta com o tapa na cara. Pisquei, desnorteada. Em algum lugar do meu delírio, vi o rosto de Pedro surgir na minha frente, seu olhar desesperado.

- Me desculpe, morena ... me desculpe.

Minha visão foi abrindo. Meu

rosto ardia e levei a mão até ele.

- Calma. – Heitor surgiu também e havia lágrimas em seus olhos. Acariciou meu cabelo. – Está tudo bem. Somos nós.

- Tive que fazer isso. – Pedro murmurou, inclinando-se, tirando minha mão, beijando a face quente, cheio de culpa e remorso, de dor. – Lara, fique com a gente. Fique aqui.

Respirei fundo, muito cansada. Não lembrei de tudo, mas o suficiente. Eu tinha surtado. Eu quase enlouqueci de vez. E eles viram. Viram tudo.

O pavor me engolfou. Busquei uma saída, mas eu estava sem forças. Fiquei lá, caída na cama, apenas olhando-os. Pensei em Letícia, presa naquele corpo, completamente esquecida num mundo só seu. Eu quase fiz o mesmo. E se eu não voltasse mais? Eu perderia toda felicidade que tive com Pedro e Heitor. Eu os perderia para sempre.

Comecei a chorar baixinho, em pânico.

- Não fique assim ...

- Lara, por favor ...

Eles me tocavam, me acariciavam, não sabiam o que fazer.

E então, saiu. Não pensei em falar, mas quando vi, abria a boca e despejava tudo:

- Eu fui abusada por meu primo desde que tinha seis anos de idade. Ele tinha muito mais. A idade de vocês. Ele me tocou e depois me violentou. Até eu fazer doze anos.

Parecia que outra pessoa dissera aquilo. As palavras circularam no ar. Eu os vi mudos, chocados, imobilizados. Tive um medo horrível de que fosse

nosso fim. De tudo que agora pensariam de mim. Da decepção que eu seria para eles. Mas parecia ter aberto uma represa.

Com esforço, sentei-me na cama, nua, dolorida, dilacerada. Parei de chorar. Afastei o cabelo do rosto. Ficaram ajoelhados, olhando para mim. Puxei a ponta do lençol e me cobri, me encolhi um pouco.

Vi os olhos de Heitor ficarem vermelhos. As lágrimas inundando-os. Estendeu a mão, passou-a por minha cabeça. Se aproximou de mim. Pedro

estava com o rosto congestionada, furioso. Encolhi-me mais.

- Lara Maria ... – Heitor murmurou.

- Sua família não soube? – Pedro perguntou, sem tirar os olhos de mim.

- Não. Nunca contei a ninguém, até agora.

Heitor sentou ao meu lado, me puxou para seus braços. Encaixei-me entre eles, a cabeça em seu peito, enquanto acariciava meu cabelo. Relaxei um pouco, protegida ali, amparada. Algo parecia ter saído de

cima de mim, o peso de uma tonelada que arrastei pela vida. Não sei nem ao certo o que senti. Uma calma que eu não esperava, como se todo desespero tivesse esvaído com minha loucura anterior.

Pedro continuava na minha frente, sem tirar os olhos de mim. Parecia frio, concentrado, mas seus olhos ardiam muito, como se houvesse coisas demais dentro deles.

- Conte, Lara. – Ele exigiu.

Acenei com a cabeça.

E falei. Desde a primeira vez

que me lembro quando tudo começou. Eu devia ter entre 6 e 7 anos. Tínhamos ido em uma festa perto de nossa casa em Cabo Frio e, na volta, parecia que ia chover. Marta, me levava no colo. Acabei indo para o colo de Rubinho. Eu estava de vestido e ele cruzou os braços por baixo da minha roupa. Minhas pernas em volta de sua cintura. E ali ele me tocou pela primeira vez. Assustei-me, pois não foi gentil. Mas fiquei com medo, sem entender nada. E em silêncio.

Falei atropeladamente, fora de ordem. As vezes no carro, a doença da

minha mãe, ninguém sabendo de nada, nem se importando. Como me bolinava na casa dele e me estuprava em seu apartamento, onde ia morar depois de casar. Como me colocava em uma cena e me fazia sentir medo e culpa. Como me machucava e fazia sangrar. E me castigava sempre com coito anal quando eu me negava a ir com ele. Disse muita coisa, perdi-me em palavras, mas incrivelmente não mergulhei nas lembranças. Não me envolvi. Era como se falasse de outra pessoa, tão exausta emocionalmente, que nem consegui

sentir mais nada naquele momento.

Contei que morava um andar acima do meu e como passei tanto tempo em sua casa, enquanto minha mãe se tratava. Falei, falei, falei. Até calar-me e olhar para eles.

Não acreditei quando vi que Heitor chorava. Meu coração sangrou e eu o confortei, reagindo, angustiada:

- Mas também tive culpa. – Expliquei. – Algumas vezes, no início, eu sentia coisas em meu corpo. Eu acabei me acostumando.

- Lara Maria, você era uma

criança ... – Ele murmurou, dilacerado, me abraçando com força, com ternura. – Você não tem culpa de nada.

- Fiquei viciada em sexo. Depois disso, quando fiquei mais velha, eu virei uma louca. Eu ...

- Você não teve culpa de nada. – Foi Pedro quem repetiu aquelas palavras, furioso, vindo para perto de mim e agarrando meu braço. Exigiu: - Olhe para mim!

Olhei-o, assustada.

- Nunca teve culpa. E não quero que pense isso, diga isso. Nunca mais,

Lara, está ouvindo? Ele é um filho da puta desgraçado, um estuprador covarde! E você ... Você devia ter sido protegida por sua família, porra! – Soltou-me, enraivecido, fora de si. – Meu Deus do céu ...

- Ele dizia que eu o provocava, que eu queria. Mas eu não queria. – Falei rápido, sentindo as lágrimas voltar, com medo que não acreditassem em mim. O desespero ameaçava arranhar a superfície de novo. – Hoje liguei para minha mãe e ela disse que ele tentou abusar de uma prima minha,

de dez anos. Ela contou para a mãe e foi o maior escândalo na família. Minha mãe não acreditou nela. Como ia acreditar em mim? Como eu ia aguentar se dissesse que a culpa era minha?

- Nunca foi sua. – Heitor murmurou. – Tanto que ele fez com outra criança.

- Mas é minha sim, Heitor ... – Olhei-o, suplicante. – Se eu não tivesse sido covarde, talvez agora ele não fizesse com outra ...

- Claro que faria! – Pedro se ergueu de um pulo e foi até o guarda-

roupa, escancarando-o. – É um covarde. Só se mete com inocentes, com quem ele pode amedrontar e abusar.

Ele enfiou uma cueca e um jeans. Heitor olhou-o.

- O que está fazendo?

Pedro enfiou a camisa. Foi até a cômoda e pegou a carteira. Heitor se levantou, catando sua cueca, alerta.

- Pedro.

Eu me assustei quando o vi sair do quarto pisando duro, o semblante transtornado, sem nos olhar.

- Pedro! – Chamei, pulando da

cama com meu coração acelerado.

- Vamos conversar primeiro, não adianta agir de cabeça quente. – Heitor foi atrás dele. Eu também, nua, apavorada.

Quando ele agarrou o capacete e foi em direção à porta, Heitor avançou, mas se virou furioso e rosnou:

- Não fiquem no meu caminho. Esse filho da puta agora vai se entender com alguém do tamanho dele.

- Irmão, nós vamos lá, juntos. Mas se acalme. Vou colocar uma roupa. Vou com você.

- Não ... – Murmurei.

Pedro nos ignorou e saiu, batendo a porta com violência.

- Porra! – Heitor voltou correndo para o quarto, para se vestir de qualquer jeito.

Também busquei uma roupa, nervosa, murmurando:

- Mas ele ... Ele não sabe onde moro ...

- Sabe, Lara. Sua mãe deu o endereço a ele.

- Ah, meu Deus ... – Comecei a chorar, em pânico. – Heitor, temos que

pará-lo antes que aconteça uma tragédia.

- Vem, vamos pegar ele. —

Agarrou meu braço e corremos para seu carro. Ele reclamou: - Merda, o jatinho está com Theo e Eva em uma pequena viagem. De moto e puto como está, vai chegar primeiro que a gente.

Heitor saiu dirigindo como um louco.

Eu rezava e chorava, desesperada. Por tudo que poderia acontecer, desde um acidente até um assassinato. Pedro estava fora de si, incontrolável.

- Calma, meu bem. – Heitor me puxou para si e acariciou meu cabelo, dirigindo. – Vamos chegar a tempo. Vai dar tudo certo.

Mas eu sabia que não. Que uma tragédia já se anunciava.

CAPÍTULO 33

PEDRO

Passei minha vida tendo rompantes de raiva. Conhecia meu gênio. Busquei o boxe para extravasar, descarregar ali o que eu não podia controlar. Mas nunca tinha sentido uma fúria assassina como aquela.

Não era quente e descontrolada como das outras vezes. Era gelada, dilacerante, silenciosa. Parecia me

comer por dentro como uma coisa viva.

Eu chorava, sem lágrimas, em cima daquela moto que rompia a estrada como um foguete. Meus olhos estavam secos, mas o resto de mim não. Era uma dor sem fim, um sentimento de incapacidade, de falha, de ter, de alguma maneira, não podido impedir aquilo. Era uma vontade de fazer o tempo voltar atrás e proteger Lara, tirar toda aquela tragédia dela, impedi-la de passar por tudo aquilo.

Porra, ninguém merecia tanta dor, tanta maldade! Nenhum ser humano

merecia ser abusado por outro, ser violentado, acuado, perder sua confiança e inocência desse jeito. Ainda mais uma criança. Uma menininha de pouco menos de sete anos, que estava apenas começando a vida, que era um anjo, que tinha esperanças e acreditava no impossível. Uma menina que devia ter sido cuidada, protegida, beijada e abraçada pelos pais. Que devia estar rindo em sua ingenuidade e não estar sendo esmagada pela imundície de um depravado.

Acelerei a moto e o vento frio

bateu com violência contra meu corpo. Mas o pior frio vinha de dentro e parecia me engolir. Não pude impedir quando lágrimas inundaram meus olhos e desceram por meu rosto, dentro do capacete. Eu urrei sozinho, sem poder me segurar, arrasado, acabado.

Vi seu sorriso e a imaginei pequenininha, com aqueles cabelos longos, com fé nas pessoas que deveriam ter tido cuidado com ela. Imaginei aquele sorriso sendo substituído pelo susto, pela dor, pela confusão. Imaginei-a sozinha e acuada,

sem entender, com medo, assustada. E ninguém para olhar por ela. A mãe preocupada com a própria doença, todos fingindo não ver. Não era possível que ninguém tivesse desconfiado daquele abusador filho de uma puta! Um homem, um adulto. E uma criança!

Chorei como nunca fiz na vida, sozinho, desesperado.

Chorei por Lara, por tudo que ela passou, pelo que perdeu. Por tudo que foi tirado dela. Como eu queria ter estado lá e impedido tudo isso! Enquanto o mundo girava e eu nem

imaginava conhecê-la, ela perdia a inocência para um desgraçado, era torturada no silêncio de uma família cúmplice. Porra, eu não aguentava aquilo! Não podia aceitar que houvesse gente tão maldita no mundo!

Era diferente saber, ver no noticiário, reclamar da violência sexual. Mas ter uma pessoa que se ama vítima daquilo, ver tão de perto uma dor extrema, sentir como se fosse sua, era muito diferente. Eu estava despedaçado. Não conseguia me controlar, parar de pensar nela, parar de me lamentar por

não tê-la protegido de alguma maneira, embora soubesse que nem a conhecia na época.

Mas eu a conhecia agora. Depois que o desgraçado pagasse o que devia, eu cuidaria dela. Eu secaria suas lágrimas e lamperia suas feridas. Eu a faria sorrir cada segundo da sua vida. E nunca permitiria que alguém ou algo fizesse mal a Lara. Nunca mais. Eu e Heitor cuidaríamos dela e a faríamos ser tão feliz, mas tão feliz, que de alguma maneira o passado seria apagado aos poucos. Tinha que acreditar nisso para

não me desesperar de vez.

Não sei como consegui chegar ao Rio de Janeiro nem quanto tempo levei. Eu só fui, minha cabeça cheia, meu ódio fervilhando, ainda um pouco mortificado. Não conseguia pensar em Lara, que tudo doía terrivelmente. Eu via seu olhar, seu sorriso, sua felicidade comigo e Heitor. E agora entendia como podia ter sido tão experiente, mas não conhecer o gozo. Ela foi destroçada antes mesmo de saber o que acontecia, covardemente.

Tentei não pensar, mas foi

impossível. Parei apenas a moto o suficiente para ver o endereço na Taquara. Depois, segui em frente, decidido, furioso.

Após perder um longo tempo rodando por algumas ruas, finalmente parei a moto em frente ao prédio, numa movimentada Avenida, cheia de comércio. Olhei para ele, meu peito apertado, a angústia me consumindo. Ali ela havia morado e sido molestada vezes sem conta. Ali morava seu agressor, seu estuprador. E agora ele pagaria.

Uma calma fria me envolveu. Caminhei até a portaria e disse para o porteiro:

- Apartamento 607. Henriqueta Avellar.

- A quem devo anunciar?

- Pedro Falcão. Diga que é o namorado de Lara.

- Um momento, senhor.

Esperei, imóvel, olhando para ele. Tudo parecia parado dentro de mim, como um vulcão um pouco antes de entrar em erupção.

- Pode entrar, senhor Falcão. Ela

disse para subir direto. – O portão foi aberto, acenei para o homem e fui para o elevador. Desci no sexto andar. Caminhei pelo corredor. Toquei a campainha.

A porta de madeira se abriu automaticamente. Uma senhora alta e levemente robusta, com cabelos curtos e os olhos castanhos claros de Lara, apareceu, agitada, sorridente. Olhou para mim e automaticamente buscou em volta, na mesma hora seu rosto denunciando sua decepção.

- Eu ... a Lara ... não veio?

Parecia ter menos que seus 67 anos, mesmo sozinha e infeliz como afirmara que era. Mesmo com as doenças que tivera. Apesar das poucas rugas, era bonita, corada, estava bem vestida, bem cuidada. Senti uma raiva fria dela, tive vontade de perguntar como podia parecer tão bem enquanto a vida da filha era massacrada desde pequena.

- Pedro? Sou Henriqueta. Pensei que estivesse trazendo minha filha.

- Ela não veio. Posso entrar?

- Sim. Por favor. – A tristeza e a

confusão moldaram sua expressão. Murmurou, preocupada: - Tudo bem com ela?

Não respondi. Atento, olhei em volta. Era um apartamento espaçoso e bem cuidado, embora antigo. Algumas pessoas se espalhavam pela sala. Um casal idoso, duas mulheres com quarenta e poucos anos, dois rapazes com vinte e tantos, uma garota de uns dez anos sentada na ponta do sofá.

Eu parei, encarando-os. Calculei que aquela fosse a prima dela que o desgraçado tentou violentar. Era uma

criança. Estremeci por dentro, revoltado, abalado. Minha dor se revolveu, se espalhou, me angustiou. Uma das mulheres de mais de quarenta anos estava junto dela e calculei que fosse a mãe. Intimamente eu a parabenizei por acreditar na filha e tê-la protegido antes que ela padecesse como Lara.

- Esses são meus familiares, Pedro. — Henriqueta começou as apresentações, mas eu não prestei atenção. Vi que nenhum deles ali era quem eu queria.

Foi então que meus olhos bateram em uma foto na parede lateral e vi três fotos grandes na parede. Uma delas era de uma garotinha com longos cabelos cacheados, sorridente, olhos dourados brilhantes, de uns cinco anos de idade.

A dor veio tão esmagadora, que nem pude respirar. Olhei para Lara, tão pequena, tão feliz, tão perto de passar por tudo, de perder aquela inocência, sem poder acreditar que houvesse um monstro capaz de machucar assim uma criança.

Virei abruptamente, a raiva gelando-me até os ossos. Olhei diretamente para Henriqueta:

- Qual é o apartamento do seu irmão aqui no prédio?

- Como? – Ficou confusa.

- Quero falar com seu sobrinho.

Qual é o número do apartamento dele? – Meu tom era tão frio e cortante, que todo mundo ficou mudo.

Henriqueta lançou um olhar aos outros, percebendo algo errado, como se pedisse ajuda. Foi a mãe da menina quem respondeu, como se soubesse,

pelo meu jeito, quais eram as minhas intenções ali:

- 708.

- Obrigado.

Caminhei para a porta.

- O que o senhor quer com o Rubinho? Pedro?

A mãe de Lara veio atrás de mim, alarmada.

Saí, sem olhar para trás. Atravessei o corredor e subi o lance de escadas. A fúria vinha lenta, bem lenta. Por fora, eu estava até calmo. Toquei a campainha do 708. Esperei.

Um homem alto atendeu a porta. Era bem apessoado, bem vestido, esguio, por volta dos 57, 58 anos. Os cabelos grisalhos estavam penteados de lado, os olhos eram de alguém acostumado a sorrir, como fez polidamente para mim ao indagar:

- Posso ajudar?

- Talvez possa. Rubinho?

- Sim.

Eu dei um soco tão violento em sua cara que ele caiu para trás, terminando de abrir a porta, desabando no chão. Uma mulher gritou lá dentro,

um homem idoso disse algo. Mas eu estava concentrado demais no monte de merda no chão, sangrando, que nem dei atenção.

Abaixei-me e agarrei seu colarinho, enquanto me olhava confuso, com medo. Dei outro soco, agora em seu queixo, tão forte que sua cabeça foi para trás e bateu no chão.

- Pelo amor de Deus, pare com isso! – Uma senhora gritou, em prantos.
– Largue o meu filho!

- Vou chamar a polícia! –
Ameaçou o homem com ela.

Eu os fitei friamente.

- Por favor, faça isso. – Voltei a olhar o monstro, que gemia de dor e se encolheu, apavorado, a boca inchando, o sangue se espalhando por toda parte. Inclinei-me sobre ele, apertando os olhos. – O que é? Você só tem coragem de ameaçar garotinhas? Hein, seu covarde de merda?

- Eu ... por favor ... – Ele começou.

Eu desci com tudo uma cotovelada em suas costelas e jurei ouvir quando se racharam e ele urrou de

dor. Agarrei sua garganta, fúria extravasando de dentro de mim, mas ainda muito gelado, muito dono de minhas ações.

- Não vai desmaiar agora, não, né? Ainda vamos dar um passeio.

- Marinho, pelo amor de Deus, chame a polícia!

- Estou chamando!

Eu me levantei. Agarrei um punhado do cabelo dele no alto da testa e o puxei para o alto, enquanto tentava escapar.

- Levante, seu merda! Seu

estuprador filho da puta! – Fui tão violento que ele teve que se erguer ou teria a cabeça separada do corpo. Cambaleou, cheio de dor, segurando a lateral do corpo, suplicando enquanto cuspia sangue:

- Pai, me ajude ...

- Agora pede ajuda ao papai?

Quantas crianças você violentou? De quantos pais você destruiu a inocência das filhas? – Arrastei-o para fora.

- É mentira! – Gritou a mãe dele, vindo atrás pelo corredor.

- Largue meu filho! – Berrou o

senhor.

- Não vai confessar? Quer uma ajudinha? – Dei um soco na altura de seus rins, que o fez berrar e cair de joelhos no chão. Chutei com toda força o meio de suas costas, fazendo-o desabar no chão, tentando engatinhar para longe de mim.

- Pare! – A mulher pedia, chorando. – Vai matá-lo!

- Levante! – Agarrei sua camisa e a puxei. – Ou quer mais? Levante agora!

- Eu não ... não consigo!

- Mas consegue estuprar meninas de sete anos, não é? Levante, porra! – Puxei-o, perdendo o controle, arquejando, meus olhos soltando faíscas de puro ódio.

- Não ... não ...

Agarrei-o pela nuca, imobilizando-o, avisando:

- Se cair, eu te cubro de porrada, seu monte de merda.

Arrastei-o escada abaixo, enquanto descia cambaleando, se encolhendo, gemendo. Eu queria muito acabar com ele ali. Seria tão fácil

derrubá-lo, montar em seu peito e socar sua cara até só restar uma massa sangrenta. Mas ainda não tinha acabado. Ainda não.

- Por favor, largue meu filho ... –
O casal vinha atrás, a mulher ainda tentou segurar meu braço.

Olhei-a, furioso.

- Não toque em mim, porra!

Ela deu um pulo para o marido, chorando.

Empurrei o desgraçado pelo corredor e esmurrei a porta do apartamento da mãe de Lara. Quando ela

abriu e viu o estado do sobrinho, ficou horrorizada. Mas não dei tempo para que dissesse nada. Empurrei-o para dentro, onde ele caiu deitado, choramingando, no meio da família.

- Alguém nos ajude! – A mãe dele suplicou, vindo atrás.

Entrei, olhei para todos, enquanto Henriqueta continuava a segurar a porta aberta, congelada no lugar. As pessoas se levantaram, falando ao mesmo tempo, assustadas.

Eu lutava para não explodir de vez. Estava muito perto. A fúria

circulava em meu sangue, golpeava minha alma, me deixava ansioso por mais. Dei um chute na lateral do filho da puta e ele gritou, rolando de barriga para cima, chorando, se escolhendo.

Todos ficaram nervosos. Os rapazes de vinte e poucos anos fizeram menção de se meter, um deles ameaçou:

- Sai de perto dele, cara!

- Fique aí. – Olhei-o friamente. –

Vai querer defender estuprador de crianças agora?

O rapaz empalideceu. Eu estremeci da cabeça aos pés. Só queria

acabar logo com aquilo, trucidar aquele merda para que ele nunca mais machucasse menina nenhuma. A dor me consumiu, imaginando-o tocar em Lara, violentá-la covardemente. Olhei para ele, com sangue nos olhos. E então, a voz dela chegou até mim:

- Pedro!

Respirei fundo e olhei. Lara estava parada na porta aberta com Heitor, pálida, apavorada, sua expressão contorcida. Mas eu já estava fora de mim. E vê-la só aumentou tudo.

HEITOR

Foram as piores horas da minha vida. Descobrir que Lara tinha sido tão cruelmente agredida e abusada desde pequena, ver seu desespero e seu surto, pensar que ia perdê-la. E então, ir atrás do meu irmão, sabendo que uma tragédia poderia acontecer e destruir a vida dele para sempre. A nossa vida.

Dirigi como um louco, tentando conter a dor que me dilacerava e ser

forte por Lara, por eles. Depois eu deixaria minha raiva e minha revolta vir à tona, mas de imediato só conseguia pensar em uma maneira de proteger os dois. De deixá-los em segurança. Então, eu tomaria minhas atitudes.

Conforteí Lara como pude. Liguei para Micah e expliquei rapidamente a situação. Ele ficou nervoso, prometeu acionar nossos advogados, chamar o delegado Ramiro, que tinha muito conhecimento na polícia, avisar a Theo. Ele e Joaquim iam nos encontrar no Rio.

Tentei cercar o problema de todos os lados, se eu chegasse tarde demais. E fui o mais rápido que pude, afirmando a Lara que ficaria tudo bem, mas com um medo aterrador dentro de mim, que conseguia suplantar o ódio e a dor. Eu só pedia a Deus que Pedro estivesse bem e que não fizesse nenhuma besteira que prejudicasse a vida dele.

Vimos sua moto quando chegamos. Lara falou nervosamente com o porteiro e ele nos deixou subir. Fomos desesperados, alucinados, mal podendo respirar. E agora, entrávamos no

apartamento cheio de gente.

Foi com alívio que vi meu irmão inteiro. Acho que perdi dez anos da minha vida até confirmar isso. E que o desgraçado no chão, embora arrebetado, continuava vivo.

O ódio veio com tudo. Passei o braço em volta de Lara, amparando-a, mas com uma vontade sufocadora de ir com tudo para cima daquele monstro e arrebetá-lo até a morte. Seria fácil. Me daria até prazer. Mas me contive por um fio. Por uma racionalidade que me avisou que seria uma saída fácil demais

para ele e quem pagaríamos seríamos nós, tendo que responder legalmente por um assassinato.

Mantive minha fúria na superfície, disposto a me concentrar só em Pedro.

- Irmão ... – Falei baixo.

Ele me olhou. Nós entendemos nossa dor, nosso sofrimento mútuo por causa de Lara. Nós sentimos juntos. A ira, a revolta, a agonia. A sensação de incapacidade.

- Lara ... – A senhora ao nosso lado veio mais perto, nervosa,

transtornada. – Filha ... O que está acontecendo aqui?

Lara não a olhou. Não se moveu, pálida, gelada. Seus olhos foram para o homem no chão e pude sentir seu medo, seu pavor gritante. Aquilo quase acabou com meu controle. Respirei várias vezes, dei um passo para frente. O homem não a encarou e se encolheu, cheio de sangue e dor.

- A senhora não sabe o que está acontecendo? – Pedro falou irado, com os punhos cerrados, olhando para a mãe dela e depois para os outros. – Ninguém

aqui sabe?

- Ele machucou a minha filha! –

Uma mulher morena afirmou, abraçada a uma garotinha, escondendo o rosto dela em sua barriga. Estava nervosa. – Ninguém acredita, mas é verdade! Esse homem é um louco! Um louco!

- Não é louco. É um desgraçado de um covarde estuprador de crianças!

- Não! – Uma senhora gritou. – Meu filho não!

- Seu filho é um monstro! – Pedro alterou a voz. – Não é possível que nunca notaram!

- Pedro ... – Lara suplicou baixinho, mas ele não ouviu.

- Como a senhora deixou esse desgraçado estuprar sua filha? – Olhou acusadoramente para a mãe dela, que empalideceu e levou a mão a boca. – Ela só tinha sete anos! Ele a violentou de todas as formas possíveis, tirou sangue dela, machucou-a! Uma menina, porra! E ninguém viu! Ninguém viu!

- Não ... Lara? – A mulher se virou para ela, horrorizada. – Filha, diga que é mentira ...

Continuei amparando Lara. Tive

medo que desabasse, que surtasse novamente. Mas ela parecia muito cansada. Olhou em volta, enquanto o silêncio só era cortado pelos gemidos de dor do homem no chão. Por fim, fitou a mãe.

- Não é mentira. Não foi mentira quando contei pra senhora que meu ânus estava ferido e sangrando e nem ligou. Como não é mentira as muitas vezes que implorei para ficar em casa e a senhora me mandou sair com ele. Lembra disso? Lembra como eu pedia para não ir, como eu ficava nervosa? Isso é mentira, mãe?

- Ah, Deus ... – Os olhos dela encheram-se de lágrimas. Tremia visivelmente. – Não pode ser ... Eu não pensei ... não imaginei ... estava doente, era tanta dor, tanta coisa em minha cabeça ... por que não me disse? Filha, por que ...

- Eu era saliente, lembra? A senhora teria acreditado em mim? Ou diria o mesmo que falou da Thaís, que era invenção de criança? – Lara parecia ganhar força, se tornar mais firme. Apontou para o homem no chão, sem olhá-lo: - Isso aí ... Essa coisa, esse

monstro, fez tudo que quis comigo. Sabe por que? Porque a senhora deixou. Porque todo mundo aqui deixou!

- Larinha ... – Uma das senhoras, disse comovida: - Eu juro que não sabia! Se soubesse, teria acreditado em você, como acreditei na minha neta.

Ela não disse mais nada. E seu silêncio pesou como a culpa que cada um sentia naquele momento, mudos, confrontados com a verdade.

- Não fiz nada ... – O homem gemeu. – Pai, me tire daqui ...

- Filho da puta! – Pedro se

abaixou e agarrou o cabelo dele, puxando-o, erguendo-o. Lara se contraiu, mas eu a segurei. – Olhe para ela. Diga a verdade!

- Mas eu não ...

Pedro deu um soco em seu nariz, quebrando-o na hora. Ele caiu, engasgando com sangue, chorando.

- Pare! – A mãe gritou, mas o marido a segurou, como se de alguma maneira permitisse a agressão, chocado com tudo que tinha ouvido.

- Vai continuar mentindo, maldito? – Pedro estava fora de si e o

chutou nas costelas, fazendo-o urrar. –
Diga! Diga!

- Nossa mãe de Deus! – Uma das
mulheres escondeu o rosto, chorando.
Os outros olhavam, estáticos.

- Heitor ... – Lara murmurou,
como se pedisse que eu me metesse.

- Espere. – Falei baixo,
preparado.

- Você é um estuprador covarde?
– Pedro agarrou de novo seu cabelo e o
fez sentar, erguendo o murro.

Ele tonteou, tentou escapar,
chorando como criança. Então, disse

rapidamente:

- Sim! Sim!

- Diga! Todo mundo aqui quer ouvir!

- Eu ... – Ele se engasgou com sangue no nariz e na boca. Não olhava para Lara. – Eu a toquei ...

- Diga! Conte como ela era uma criança e abusou dela, seu merda!

- Eu ... sim ... sim, eu fiz isso ... agora me solte ...

Pedro ia arrebentá-lo. Agora que já tinha conseguido a confissão que queria, ia terminar o serviço. Vi isso em

sua expressão, na fúria assassina dos seus olhos, no corpo pronto para destruir. Soltei Lara e avancei. Antes que o esmurrasse mais uma vez, eu o agarrei por trás e o imobilizei. O homem desabou no chão e tirei meu irmão de perto dele.

- Me larga! – Pedro berrou, fora de si. – Porra, Heitor, me solta!

- Calma. Não vai adiantar nada acabar com ele. Vamos colocá-lo na cadeia, irmão. Não vou deixar que destrua sua vida por causa desse merda!

- Me solta! Esse desgraçado

machucou a Lara! Heitor, olha o que ele fez com ela! – Parecia um animal ensandecido, fora de si.

Eu o mantive firme, com esforço. Ninguém se aproximou para ajudar o homem no chão. Todo mundo olhava, chocado, estático, como se fosse algo irreal. Mas a minha dor e a de Pedro, a nossa revolta, era bem real.

- Pare, Pedro, por favor! – Lara veio na frente dele, tentou contê-lo, chorando. – Por favor ... pense na gente. Não vamos aguentar sem você ...

- Mas o que ele fez com você,

morena ... – Disse angustiado.

- Acabou. – Apoiou as mãos no peito dele, fitando seus olhos. – Acabou, Pedro. Ele não pode mais me fazer mal. Nem vai fazer mal a ninguém. Agora, eu estou com vocês. Vocês me deram minha vida de volta. Vamos voltar para Florada, por favor ... Não posso aguentar se você for preso.

- Lara ...

- Por favor. Por mim. – Suplicou.

Eles se olharam. Eu o senti desabar, desistir. Mantive-o ainda preso até que tive certeza de que se

controlaria. Então, o soltei devagar, ainda alerta para intervir.

- Vem aqui, morena. – Pedro a puxou para os braços e a segurou firme, um precisando do outro.

Eu suspirei. Indaguei alto:

- Alguém já chamou a polícia?

- Sim. – Foi o pai do bandido que respondeu, exausto.

Peguei o celular e liguei para Micah. Ele atendeu na hora. Disse logo:

- Estamos chegando.

- Certo.

Desliguei.

- Lara ... – A mãe tentou falar com ela, mas Lara não se moveu dos braços de Pedro, que parecia pronto para protegê-la do mundo.

O homem tentou se sentar, todo arrebitado. Olhou para o pai.

- Me ajude ...

Ele não se moveu.

Engoliu o sangue e tentou:

- Mãe ...

Ela também não o ajudou. Todo mundo o olhava.

Mesmo machucado, olhou em volta e deu uma risada entrecortada.

Então, fitou Lara, ainda sorrindo, algo cúmplice no seu olhar:

- Você gostava, Larinha ...

Eu pirei. Tudo explodiu dentro de mim e rosnei como um animal ao atacar.

Ele não esperava. Ninguém esperava. Nem eu pensei que meu ódio fosse tão incontrolável. Ali, deixei de pensar. Eu pulei em cima dele, derrubei-o no chão, aquela coisa inominável que não podia ser gente, aquele ser diabólico que sentia prazer em dilacerar o corpo e a pureza de uma criança.

Soquei seu olho e mais sangue espirrou. Rachei sua face com outro soco. E mais um em seu queixo. Não tive pena. Não vi um igual ali, mais algo abjeto, nojento, imundo, que eu só pensei em destruir. Quando dei mais um, alguém me puxou por trás. Eu urrei e lutei. Pedro tentou me segurar. Outros braços vieram. Fui arrancado dali.

Lara chorava e pedia. Meu irmão me encostou na parede e tentou chamar minha atenção. Tudo estava tingido de vermelho e eu queria mais, mais sangue. Rosnei, com uma força sobrenatural, até

que meu irmão gritou:

- Heitor! Heitor, ele não vale isso! Não foi o que você falou?

Eu pisquei. Enxerguei-o. Pedro parecia lutar comigo e consigo mesmo.

- Irmão, eu também queria acabar com ele. Mas vamos nos encarregar para que passe o resto dos seus dias na prisão.

- Heitor ... – Lara veio me abraçar. – Por favor ...

- Estou bem. Pode me soltar. –
Consegui falar.

Pedro ficou na dúvida. Por fim,

se afastou devagar. Olhei para o homem desmaiado, com a cara arrebetada, mas ainda vivo. Murmurei:

- Pelo menos, terminei de calar a boca dele.

Lara se jogou em meus braços. Eu e Pedro nos olhamos sobre a sua cabeça. Mais unidos do que nunca. A dor ainda estava lá. Mas íamos superá-la, juntos. Os três.

CAPÍTULO 34

LARA

Nos dias seguintes eu fiquei como que dopada.

Talvez tivessem sido emoções demais para lidar de uma vez ou o fato de extravasar o que tinha acontecido comigo, depois de tanto tempo me calando. Ou ainda por ter reencontrado o homem que causou aquilo tudo e também minha mãe, minha família, que eu não via há sete anos. Mas eu sabia que era tudo. Tinha parecido uma explosão repentina e eu ainda sentia os

efeitos dela.

Pedro e Heitor cuidaram de mim como se eu fosse um cristal frágil e raro, que pudesse rachar a qualquer momento. Theo, Micah e Joaquim chegaram ao Rio com um advogado, com contatos de conhecidos deles com influências na Polícia e no Ministério Público, acompanhados pelo delegado Ramiro. Eu os vi agir, debater, decidir. Mas me mantive meio aérea, deixando que tomassem conta de tudo.

Então vi Pedro ficar furioso, soltando vários palavrões. Heitor

indignado. Todos eles fazendo perguntas ao advogado. Foi então que entendi que o crime cometido contra mim tinha prescrito, ou seja, eu não podia mais denunciar Rubinho por estupro.

- Como é que pode isso? – Pedro exigiu saber. – Eu soube daquela lei que recebeu o nome da nadadora, Joanna Maranhão, que a prescrição desse tipo de crime é de 20 anos a contar da maioridade.

- Sim, Pedro. – O advogado acenou com a cabeça. - A Lei nº 12.650 estendeu o prazo prescricional dos

crimes contra a dignidade sexual de crianças e adolescentes, por que antes o tempo para o abusador ser punido contava a partir do crime praticado. Agora, passa a ser contado desde o momento que a vítima completa 18 anos. Isso dá mais tempo, pelo Código Penal, para que a criança que tenha sofrido abuso sexual possa iniciar uma ação contra o agressor. Ela tem vinte anos depois da maioridade para fazer essa denúncia. Como esse tipo de crime geralmente é praticado por pessoa da família ou próxima à criança, ela não

denuncia o abusador, por medo, vergonha ou por não compreender direito o que aconteceu. Agora, pode fazer isso com mais certeza, a partir da maioridade.

Num tom mais baixo de voz e com flagrante descontentamento, prosseguiu o advogado:

- Infelizmente, para o caso da senhorita Avellar, essa lei nova não se aplica.

- Por que não? – Indagou Heitor.
– Tem 19 anos que o fato se deu com ela.

Estávamos todos na saleta da suíte do hotel Copacabana Palace. Eu estava sentada no sofá entre Pedro e Heitor, os dois sempre dando um jeito de me tocar, segurar minha mão, atentos a tudo em mim. O advogado, Theo e delegado Ramiro sentavam-se em volta de uma mesa. Micah e Joaquim ocupavam outro sofá.

- Porque, por afetar direitos substanciais do acusado, a referida lei não pode retroagir seus efeitos a fatos praticados anteriormente à sua vigência. É o que chamamos de garantia da

irretroatividade da lei penal mais gravosa, prevista tanto no Código Penal, quanto na Constituição Federal. – Ele suspirou, explicando: - No caso aqui, de acordo com a legislação anterior, o prazo de prescrição era de 16 anos, ou seja, mais favorável ao acusado. Assim, se o crime se deu quando ela tinha 8 anos, teria até os 24 anos de idade para denunciar o agressor.

- Merda. Acabou três anos atrás o prazo. – Emendou Joaquim.

- Exatamente.

Todos ficamos em silêncio. A

decepção era palpável, assim como a raiva. Apertei bem a mão de Pedro, pois ele fervia.

Senti uma grande tristeza se abater sobre mim. Rubinho sairia impune, depois de tudo. Por que fui covarde e me calei. Agora, nada poderia ser feito contra ele.

- Temos alguns casos de jurisprudência, algumas coisas que podemos tentar antes de desistir. – Disse o advogado.

- Como o quê? – Indagou Theo.

- O estupro se deu dos 8 aos 12

anos. Em se tratando de menor vulnerável, podemos fundamentar a ação, no que concerne a prescrição, no entendimento jurisprudencial que, inclusive, amparou a atual legislação, da impossibilidade de se propor a ação antes dos dezoito anos, ante a natural ausência de maturidade psicológica da vítima ou de sua autoridade reverencial em face dela em tal condição, o que, isolada ou conjuntamente, na maioria das vezes, acaba aniquilando ou viciando a vontade de delatar o crime sofrido. Mas, já adianto, tal

posicionamento não é majoritário nos Tribunais.

- Merda! – Pedro se levantou, raivoso, andando pela sala. – O desgraçado vai ficar em liberdade! E ainda por cima, está no hospital sendo tratado e com certeza vai nos denunciar por lesão corporal. Por que não matamos o filho da puta de uma vez?

- Eu teria matado. – Theo disse friamente, seus olhos cortantes.

Senti um arrepio subir pela coluna. Olhando-o, eu tive certeza disso. Toda sua postura parecia deixar claro

que teria sua maneira própria de lidar com a situação.

Não sei o que senti. Eu sabia que durante toda minha vida teria que levar aquelas marcas. Nunca perdoaria Rubinho. Nunca saberia como seria minha vida sem a violência dele. Mas não pensei em matá-lo. Eu só queria que, de alguma maneira, ele pagasse e não tivesse mais chance de machucar nenhum outra criança. No entanto, aquela prescrição, o fato de ser tão difícil provar os anos que passei sendo vítima dele, me fazia entender Theo e o

ódio de Pedro. Era revoltante saber que a mesma lei que poderia puni-lo também poderia protegê-lo.

Engoli em seco, angustiada. Sabia que eles tinham poder e conhecimento suficiente para tentar de todas as maneiras fazer com que meu agressor pagasse, dentro da lei. E fora dela também. Bastaria uma palavra minha, de Pedro ou de Heitor, e Rubinho desapareceria da face da Terra. Era isso que eu sentia na postura de Theo, mas não sabia se minha impressão se confirmava ou não. Talvez fosse apenas

uma besteira da minha cabeça.

Murmurei, por via das dúvidas:

- Vamos fazer tudo legalmente.

Pedro fervia, ansioso por justiça, cheio de revolta. Heitor estava calado, mas também irritado com tudo aquilo. Os outros pareciam apenas aguardar.

- Sobre a lesão corporal. – O advogado informou. – Pode ser grave, média ou leve. Se ele acusar vocês dois, temos maneira de contar com testemunhos que atenuem o ocorrido e também autoridades que percebam o porquê da agressão, levando em

consideração a grande emoção dos envolvidos diante da descoberta do estupro de uma criança no passado. O máximo que farão, se condenados, é o pagamento de cestas básicas. Mas acredito que nem chegará a isso.

- Porra ... – Pedro foi até a janela e olhou para fora, tentando se acalmar.

Eu me sentia cansada. Tinha sido uma maratona emocional. Ainda não tinha falado direito com minha mãe nem meus parentes, tinha ido para a delegacia direto e agora para o hotel.

Minha vontade era só de deitar a apagar, como se estivesse sem forças.

Foi naquele momento que meu celular começou a tocar. Tirei-o do bolso, sem vontade de atender. Era um número desconhecido.

- Atenda. Pode ser algo importante. – Disse Heitor, passando o braço em torno do meu ombro.

Acenei com a cabeça e atendi.

- Lara, sou eu, Daiana. Peguei seu número com tia Henriqueta.

- Oi, Daiana. – Falar com minha prima mexeu comigo, fez uma parte da

culpa voltar. Não tinha mais lágrimas para derramar, mas minha voz embargou: - Me perdoe. Se eu tivesse tido coragem de falar antes, ele não teria feito nada com sua filha ...

- Hei, não fique assim! Você foi a maior vítima disso tudo! Quem deve pedir perdão sou eu, minha irmã, minha mãe, minha tia, todo mundo que estava lá e não viu o que estava acontecendo. Lara, você era uma menininha. Olho para Thaís, penso nela passando por tudo que você passou, e choro sem parar. Meu Deus, você não merecia isso.

Ninguém merece! – Ela parou um momento, emocionada, fungando. – Quando Thaís me contou, eu acreditei. Porque a conheço, sei que não mentiria sobre isso. Eu fiz a denúncia em uma delegacia, com o apoio dos meus pais. Lá nos encaminharam para o Instituto Médico Legal para fazer exame de corpo de delito e também para ajuda psicológica, já que ela ficou muito abalada.

- Ele ... a machucou? –
Murmurei.

- Sim, Lara. Introduziu o dedo no

ânus dela com violência, ameaçou-a dizendo que contaria para todo mundo que era uma provocadora. Não chegou a tirar sua virgindade, mas machucou seu clitóris com beliscões. – Daiana começou a chorar. – Ela ficou com medo, paralisada. Isso tudo tão perto de nós e nem notei. Só depois, quando a vi chorando e dizendo estar com dor. Felizmente, contou logo. O exame saiu e apareceu a lesão corporal. Meu advogado disse que no processo seria importante. São provas, como nossos testemunhos. E agora, a sua denúncia,

coroa tudo.

- Meu Deus ... – Murmurei, fechando os olhos. – Nem sei se poderei fazer denúncia, Daiana. Houve prescrição do crime. Mas se precisar de mim como testemunha, faço questão de ajudar.

- Ah, Lara, obrigada. Vamos precisar sim. Só quero que saiba que estamos juntas nessa e meu advogado está entrando com o pedido de prisão preventiva. Se esse desgraçado fez com você e agora tentou com minha filha, ele é uma ameaça, pode fazer de novo.

Temos que colocá-lo logo atrás das grades.

- Sim ...

- Lara? – Heitor indagou, preocupado.

Respirei fundo, olhei-o, segurei sua mão. Disse baixinho para Daiana:

- Pode contar comigo. Vou falar aqui com meu advogado também. Juntas, vai ser mais fácil.

- Obrigada, Lara. E por favor, pode parecer tarde oferecer isso, mas se precisar de mim, se quiser conversar ou qualquer outra coisa, estarei aqui.

- Obrigada. Cuide direitinho da Thaís. Não deixe de levá-la a um psicólogo.

- Estou fazendo isso.

Nós nos despedimos. Pedro voltou, observando-me, como os outros. Expliquei tudo que Daiana disse.

- Perfeito! – O advogado se animou. – Com esse crime mais recente e provas materiais, juntando com o testemunho de Lara, há grandes chances de que o pedido de prisão preventiva do Ministério Público seja acatado pelo juiz. Paralelamente podemos tentar a

denúncia também. Os processos são separados, ele será julgado por cada crime. Como cometeu o mesmo crime, já que se enquadra como estupro de menor o ato de conjunção carnal ou qualquer ato libidinoso, mesmo sem consumação, mas em lugares, situações e pessoas diferentes, esse abusador pode ser condenado por cada um deles.

- Quer dizer que, se aparecerem mais denúncias, esse desgraçado pode ser condenado por todos e acumular mais anos de prisão? – Micah perguntou, com o cenho franzido.

- Exato. Por cada um ele pode pegar até 15 anos, de acordo com a lei atual. Essa pena vai aumentando de acordo com as condenações.

- Agora, sim. – Pedro ficou mais otimista. Olhou para mim. – Essa denúncia da sua prima vai nos ajudar a pegar esse desgraçado, Lara.

Não sei como, mas consegui sorrir para ele e sentir esperança de que a justiça fosse realmente feita. Delegado Ramiro disse também que tinha conhecidos nas delegacias e que uma palavrinha com eles ajudaria. Não

poderia burlar a lei, mas ninguém gostava de estuprador de crianças. Se as coisas pudessem ficar mais difíceis para Rubinho, para que ele fosse isolado em suas tentativas de escapar da punição, isso seria feito.

Ficaríamos no Rio até o dia seguinte, eu, Pedro e Heitor. Os outros voltaram para Minas, mas Theo avisou que mandaria o jatinho de volta, para ficar à nossa disposição. E daria um jeito de mandar pessoas virem buscar o carro de Heitor e a moto de Pedro.

Eles se despediram de mim.

Antes de sair, Theo parou à minha frente e percebi seu semblante carregado, um cuidado comigo como se eu fosse sua irmã, sua protegida.

- Lara ... – Fitou meus olhos. – O que você precisar, pode contar comigo e com a minha família. Algumas pessoas podem achar que sou duro e frio demais, que até mesmo abuso do poder quando me convém. Mas acredito que justiça deve ser feita, de uma maneira, ou de outra. Se o Estado ou a Lei não conseguem cumprir com isso, eu faço do meu jeito. Acho que aprendi isso com

meu pai.

Acenei com a cabeça, concentrada na força dos seus olhos. Não o conhecia direito, mas soube que nunca gostaria de tê-lo como inimigo. Mas como amigo, protegeria o outro até a morte.

- Você entendeu, Lara? Estamos aqui por você. E vai ter sua justiça.

- Entendi, Theo. Mas que tudo seja legal. – Murmurei.

- Vai ser. – Acenou com a cabeça. – Mas sem espaço para esse ... bicho agir. Vamos nos encarregar que

tenha alguém sempre de olho nele. Não vai ter por onde escapar. Em nada vamos facilitar a vida dele. Claro, tudo legalmente.

- Obrigada. — Falei com sinceridade.

Ele se despediu, abraçou os irmãos. Micah e Joaquim vieram me abraçar, obviamente comovidos, ainda abalados com tudo que passei.

Fiquei sozinha com Pedro e Heitor.

Então, nos olhamos e murmurei:

- O meu maior medo era que me

olhassem de maneira diferente depois que soubessem de tudo. Que sentissem pena, desprezo, vergonha, nojo. Que achassem que tive culpa, ainda mais por que gosto tanto de sexo com vocês, independente de tudo. Talvez eu devesse ...

- Xiii ... Não diga besteiras. – Heitor se aproximou, seu olhar terno, brando, firme. – A única coisa que consigo sentir, Lara, é mais amor. E sinto orgulho porque, mesmo tendo passado por tudo isso sozinha, desde criança, se tornou a mulher que é hoje.

Linda, inteligente, divertida, carinhosa, apaixonada, forte.

- Não sou forte, Heitor ... –

Murmurei, com lágrimas nos olhos.

- É a mulher mais forte e mais impressionante que já vi, morena. – Foi Pedro quem se aproximou naquele momento, ambos me cercando, cada um de um lado. Ele beijou minha face com carinho, Heitor acariciou meu cabelo. – E nada muda para nós. A não ser para fazermos de tudo para que supere isso e seja feliz.

- Eu já sou. – Abracei-os,

protegida entre eles, emocionada, puxando-os com força. Murmurei: - Deus me deu vocês. E mudaram a minha vida.

- É só o começo ... – Garantiu Heitor.

Naquela noite, dormi no meio deles, castamente. Não me soltaram. E eu, que pensei que teria insônia e pesadelos, apaguei, descansei, recuperei minhas forças. Enquanto ambos velavam meu sono. O amor ainda mais forte entre nós.

THEO

Cheguei em casa e só consegui respirar aliviado quando entrei em meu quarto e vi Eva sentada em uma poltrona, com Helena adormecida em seu colo logo depois de ser amamentada. Uma emoção indescritível me atacou, um amor incondicional, uma dor quase física.

- Theo ... – Eva fitou-me com aqueles olhos verdes que eram os que eu

buscava toda manhã quando acordava, em um amor que só crescia com o tempo. Estava preocupada. – Com está Lara?

- Bem, dentro do possível. – Aproximei-me delas.

- Tadinha. – Disse, tocada, angustiada. – Como uma pessoa tem coragem de fazer uma covardia dessas com uma criança, Theo?

- Não é uma pessoa. – Falei, com uma pressão em meu peito. Inclinei-me, beijei seus lábios com saudade. Tínhamos decidido passar o final de

semana com Helena em um resort na Bahia, mas voltamos logo, assim que Micah nos informou do ocorrido e que Pedro e Theo estavam no Rio.

Cuidadoso, peguei Helena em meu colo, acomodando-a nos braços, cheio de emoções violentas a me envolver. Fitei-a adormecida, linda e angelical. Imaginei um depravado tocando-a, molestado-a, e meu ódio foi tão intenso que quase sufoquei. Beije suavemente sua face, fechei os olhos, senti seu cheirinho.

Eu não era homem de chorar. Já

tinha tido minha cota de sofrimento na vida, lutado por manter minha família unida depois de tanta tragédia, lutado contra uma ameaça de vingança e pelo amor de Eva. Juntos, tínhamos enfrentado muitas coisas para estarmos ali, com nossa filha e um outro bebê a caminho.

Mas, naquele momento, meus olhos arderam. Porque eu sabia que faria de tudo, o impossível, para proteger Helena de todos os males do mundo. Eu daria minha vida por ela, se fosse necessário. No entanto, sabia que

possivelmente naquele mesmo instante, uma ou mais crianças no mundo estavam sendo abusadas, sofrendo o mesmo que Lara. E só de pensar naquilo, eu ficava furioso, quase fora de mim.

- Theo ... – Eva se levantou e veio perto, tocando meu ombro, sentindo minhas emoções.

- Nunca ninguém vai fazer nada parecido com minha filha. – Ergui os olhos até encontrar os dela, os meus ardendo, a certeza gelada em minha voz. – Mas se alguém ousar tentar, eu mato, Eva. Sem pensar duas vezes. Por mim,

dava um fim nesse desgraçado que abusou de Lara. Seria menos uma praga no mundo.

- Mas as coisas não se resolvem assim, Theo. Acabaria virando desordem, cada um fazendo justiça com as próprias mãos. Inocentes acabariam pagando. – Murmurou suavemente.

- Os inocentes já pagam, Eva. O tempo todo. As marcas que Lara traz, ela vai carregar pelo resto da vida. Ninguém vai tirar dela as lembranças pelo que passou. – A ira me deixava tenso, só aliviada pelo amor que Eva e

Helena despertavam em mim. – Quantos anos ele ficou livre por aí? Quantas crianças mais ele abusou? Quantas famílias destruiu? Enquanto isso, sorria, comia, ficava no meio dos outros como um homem normal. Mas sabe por que isso? Por que essa violência aumenta tanto?

- Por quê?

- Impunidade. Essas leis são fajutas. Cheias de brechas. De coisas para aliviar o lado deles. Se for tido como pedófilo, como um doente com alguma parafilia, ainda consegue

tratamento e alívio da pena. Muitas pessoas nem denunciam esses criminosos porque acham que a justiça não vai ser feita, que vão ser humilhadas e julgadas, talvez até ameaçadas, pois logo estão na rua de novo. – Eu me calei. Olhei de novo para Helena e a dor apertou meu peito. – Só um monstro para ter coragem e prazer de machucar uma criança dessa maneira. E, para mim, monstros devem ser eliminados. Não fazem falta nenhuma.

Eva ficou calada, mas beijou meu ombro, abraçou-me pela cintura,

fitou Helena com lágrimas nos olhos.

- Nem consigo imaginar uma coisa dessas ... – Murmurou. – Mas acho que se as leis fossem bem mais severas, muita impunidade ia acabar. As pessoas teriam medo da punição.

- Por mim, voltaria o Código de Hamurabi: “Olho por olho, dente por dente”. Pegaria um estuprador desses e o faria passar por tudo que causou em sua vítima, depois o mataria de forma bem lenta e dolorida. Duvido que outros, sabendo o fim que lhes espera, fariam algo igual.

- Ah, Theo ... Está assim por que ainda sente muita raiva, viu a dor de Lara e dos meninos, pensa em Helena ...

Eu a olhei fixamente.

- É o que penso, Eva. E falo uma coisa a você, vou acompanhar bem de perto o caso desse filho da puta. Não haverá brechas nem fugas para ele. E me encarregarei de que pague.

- Theo, pelo amor de Deus ...

- Tudo legalmente, fique tranquila. – Respirei fundo. – Mas ele vai ter o que merece.

E eu não falava da boca para

fora. Já tinha mandado investigar tudo sobre ele, seu trabalho, sua vida, se havia possibilidades de descobrir novas vítimas. O que eu pudesse fazer para colocá-lo contra a parede e fazê-lo pagar, eu faria. De todas as maneiras. O mundo saberia quem era aquele estuprador. Eu o marcaria.

Puxei Eva para mim e fiquei com as duas entre os braços.

LARA

Íamos retornar a Florada e aguardar sermos chamados para voltar ao Rio. Afinal, seriam necessários depoimentos e a junção das provas para a tentativa de denúncia, sem contar no fato de acompanhar e apoiar a denúncia feita por Daiana ao Ministério Público. Pedro e Heitor dariam todo respaldo a ela e a Thaís, o que eu só podia agradecer.

Recebi telefonemas de pessoas da família, como Danila e meus primos Rômulo e Ricardo. Todos estavam

chocados, pediram desculpas por suas omissões, juraram que nunca souberam de nada. Meus tios Marinho e Rosana, pai de Rubinho, não se manifestaram. Mas a filha deles, Marta, chorou ao telefone, pediu para me ver e se lamentou. Eu disse que estava tudo bem, que seguiria em frente. Mas inventei desculpas e não quis me encontrar com nenhum deles. Por enquanto, eu só queria me recuperar.

Com minha mãe, foi diferente. Ela suplicou para falar comigo pessoalmente e, parecia tão

desesperada, que concordei. Foi me ver então no hotel, chorosa, parecendo alguns anos mais velha.

Pedro e Heitor não me deixaram sozinha. Eu sabia que eles a culpavam pela omissão, por ter parecido não enxergar o óbvio. Também sentia aquilo e era uma mágoa da qual talvez eu nunca me livrasse. Só com o tempo para saber.

Ela chorou, se lamentou, disse como a doença a tinha prostrado e deixado cega, tão imersa em sua dor. Jurou que nunca desconfiou de nada, que o via em um papel de pai na minha vida,

que confiava nele. Não pediu perdão. Não assumiu nenhuma culpa, porque não se via como participante naquilo e sim como outra vítima.

Eu deixei que falasse. Vi a impaciência de Pedro, doido para se meter e acusá-la diretamente. Vi a preocupação silenciosa de Heitor comigo. Mas eu os olhei e pedi que não se envolvessem, só com meus olhar e minha expressão. De alguma maneira, eu sabia que minha mãe se sentiria culpada sim. E não haveria nada nem ninguém para tirar aquele peso dela.

Via as coisas agora com mais clareza. Tudo bem, ela ficara doente. Mas uma mãe devia estar atenta a seu filho e dei muitas dicas a ela. Com meu corpo ferido, minhas marcas, minha mudança de humor e de personalidade, meu medo de sair com ele. E em nenhum momento se questionou sobre aquilo, nem mesmo quando já estava curada. Ela não me enxergou ou simplesmente fez “vistas grossas”, sem querer assumir aquele problema, aquela realidade. Fingindo não ver, para ficar mais confortável.

Não a odiei nem a acusei. Era minha mãe e eu a amava. Deixei que me abraçasse, que chorasse e se lamentasse. Que acreditasse que agora tudo ficaria bem. Mas embora eu soubesse que ia lutar para superar tudo, que ia procurar ajuda com Rose e contar com o apoio de Pedro e Heitor, que eu tinha com eles uma felicidade sem igual, nunca esqueceria o que passei. Seria uma parte de mim para o resto da vida. Eu aprenderia a conviver com aquilo, daria prioridade às coisas boas. Mas não era ingênua achando que, por mágica, tudo

sumiria como um estalo.

- Espero que possa vir me ver mais vezes, filha. – Ela completou, pegando um lenço e enxugando os olhos. – Ainda mais agora, com o escândalo que isso vai gerar. Sei que logo vai chegar aos ouvidos dos vizinhos, nem imagino como vai ser nossa vida agora. Meu Deus, que tragédia! E com você tentando e Daiana denunciando o Rubinho, nossa família vai se partir de vez.

- E o que a senhora sugere? – Pedro não aguentou e se meteu, mal

conseguindo controlar a raiva. – Que elas deixem de denunciar um estuprador para que vocês continuem a farsa de família feliz para os vizinhos?

Minha mãe empalideceu.

- Não ... não foi isso que quis dizer. Meu irmão, Marinho, inclusive, disse que não vai apoiar Rubinho depois disso.

- É claro que não vai apoiar! – Pedro continuou. – Já basta ter colocado esse desgraçado no mundo e ter acoitado os atos dele.

- Meu irmão não sabia ... –

Murmurou.

Pedro riu sem vontade, com escárnio, puto. Ela tentou justificar:

- São pais dele. O receberam em casa quando saiu do hospital. Está com nariz quebrado, costelas rachadas ...

- Não queremos saber. – Heitor disse calmo, mas sério. – Tomara que esteja com muitas dores. E que fique assim por muito tempo. Devia agradecer por não estar morto.

Eu me mantinha quieta. Minha mãe acenou com a cabeça.

- Eu só queria contar que meu

irmão, ele ... Ele não deixou Rubinho acusar vocês de lesão corporal. Acho que, dado tudo que aconteceu, achou que foi um castigo merecido. Me disse que, se o filho não acatar, o mandará sair de sua casa.

- Ao menos isso ... – Murmurou Pedro, ainda irritado.

Aquilo me deixou mais tranquila, saber que nenhum dos dois teria que responder legalmente pela surra que deram.

Minha mãe ainda ficou mais um tempo. Depois chorou de novo, me

abraçou, pediu que eu viesse visitá-la de vez em quando. O tempo todo, olhava curiosa para Pedro e Heitor. Por fim, um pouco antes de se despedir, indagou:

- O seu namorado é o Pedro, não é? O Heitor é seu cunhado.

- Os dois são meus namorados, mãe. – Falei calmamente.

Seu queixo caiu. Pareceu mais chocada com aquela informação do que quando foi dito que meu primo abusou de mim na infância.

- Mas ... mas ... – Calou-se, sem saber o que dizer. Não expliquei mais

nada. Nem me preocupei se ela pensasse consigo mesma que no fundo estava certa ao ter me chamado tantas vezes de “saliente”. Talvez até achasse que, no fundo, provoquei Rubinho mesmo, com meu jeito.

Acabou fingindo que não tinha ouvido nada. E logo depois foi embora.

- Tudo bem? – Heitor se levantou e veio até mim.

- Sim, estou bem.

- Vamos voltar para casa? –

Pedro estava impaciente. – Tem gente de olho em tudo aqui, ficaremos informados

do que acontecer. E quando precisar, voltaremos.

- Quero muito voltar para Florada. – Confessei e era verdade.

Meu tempo ali havia acabado.

Era uma parte da minha história. Mas agora, eu começava outra. E era essa que me fazia feliz.

Mais tarde eu voltaria a ter contato com meus parentes e minha mãe. Eu os amava. Só que, no momento, tudo que queria era um pouco de distância.

Respirei aliviada quando saímos dali.

CAPÍTULO 35

HEITOR

Tentamos voltar à nossa vida em Florada, mas é claro que muita coisa havia mudado. Não dava para passar por um fato como aquele e sair imune. Nós agora víamos todas as feridas expostas de Lara e sofriamos com ela e por ela. Nada disso tinha diminuído nosso amor e admiração por ela. Apenas aumentado.

O que revoltava era saber que, depois disso tudo, aquele desgraçado não poderia ser denunciado por Lara.

Por mais que o advogado tivesse dito que ia tentar, sabíamos que as chances eram mínimas e o crime tinha prescrito. Agora, devíamos tenta e apoiar a denúncia de Daiana. O testemunho de Lara contra ele seria muito importante.

Nunca pensei que eu sentiria tanta vontade de matar alguém, mas era assim. Aquela sensação de impunidade, de saber tudo que ela havia passado, me deixava tão furioso que quase perdi a cabeça. Quase. Talvez não tivesse instintos tão animais quanto pensei. Porque agora só conseguia pensar em

justiça e em ajudá-la a superar tudo aquilo.

No fundo, eu continuava otimista. Acreditava que onde houvesse amor, dedicação e força de vontade, haveria também chances de ser feliz, enfrentando o que viesse pela frente e superando as marcas que o passado deixava. Assim, naquela semana tentei fazer aquilo. Cuidar dela, de Pedro, de mim, da nossa vida.

Lara recebeu apoio da família toda. Passou uns dias conosco na fazenda e Tia cuidou dela como se fosse

uma filha, cheia de mimos. Chorou comigo quando soube o que ela tinha passado e a tomou para si, disposta a protegê-la, fazer o possível para vê-la sorrir. Cada um cooperou como pôde e, aos poucos, Lara foi voltando ao que era.

Nos primeiros dias, não a procuramos sexualmente, só a abraçamos e beijamos, conversamos muito, ouvimos quando desabafava. Era uma relação que se fortificava em confiança e companheirismo, não só sexo. Embora ainda a desejassemos da

mesma maneira. Mas precisava do tempo dela e esperamos.

Foi Lara quem nos procurou quando se sentiu melhor. E nós a amamos com ternura, com cuidados, adorando seu corpo até tê-la gemendo e gozando com beijos, toques e carícias. Fiz amor com ela fitando seus olhos, murmurando como eu a adorava em seu ouvido. Pedro fez o mesmo. E ao final, tudo foi entrando nos eixos, como devia ser.

Lara visitou a clínica e lá desabafou também com Rose, que se

prontificou a ajudá-la em tudo. Estava animada também, decidida a fazer o bem a outras pessoas, dedicada a uma das moças da clínica que tinha sido vítima de estupro e estava catatônica.

Nós acompanhamos o caso do desgraçado e ficamos revoltados quando o pedido de prisão temporária feito pelo advogado de Daiana foi recusado, já que foi entendido que ele não oferecia riscos à sociedade. Era ridículo demais e Pedro ficou uma fera. Chegou a conversar comigo sobre voltarmos ao Rio e acabarmos com ele. Mas foi só um

momento de fúria, logo passou.

Então, Theo murmurou para a gente que estava na hora de dificultar a vida do infeliz. E não sei como ele fez, nem se foi ele mesmo, mas logo recebemos um telefonema de Daiana dizendo que a notícia de que Rubinho era um estuprador de crianças apareceu em uma reportagem de um jornal do Rio, com todas as informações sobre ele, endereço de sua loja na Taquara, detalhes de como estuprou uma menina no passado e tentou fazer de novo com outra. Não aparecia nenhuma informação

sobre Lara ou Thaís, as vítimas eram citadas apenas superficialmente. E logo a notícia se espalhou, criando revolta nos vizinhos.

- Agora sim, porra! –
Comemorou Pedro quando soubemos que a loja dele na Taquara foi depredada e pichada, que ele quase tinha sido linchado e teve que se refugiar dentro de casa, de onde não saía mais.

E então, veio uma notícia que deixou Lara arrasada, mas serviu para que a justiça fosse feita: a filha de doze anos de uma das empregadas da loja

dele o acusou de estupro também. Sabendo do fato e que a loja precisaria ficar fechada um tempo, a menina tomou coragem e contou tudo para a mãe que a levou até a delegacia e o denunciou.

Segundo foi averiguado, a mãe dela trabalhava na loja e não tinha com quem deixar a menina à tarde, depois que saía da escola. O patrão dela foi gentil ao permitir que levasse a filha para lá. Como era tímida e comportada, ficava pelos cantos desenhando, sem atrapalhar. Ele era sempre muito bom com ela, dava pequenos presentes,

deixava tirar cochilos em seu escritório, brincava com ela desde que tinha dez anos. A mãe disse nunca ter desconfiado que era um abusador, pois a filha não disse nada e ele era sempre “tão bom e simpático” com ambas. Mas a estuprava desde os dez anos.

Depois disso, a revolta foi geral. Até o prédio em que morava quase foi invadido, picharam muros, a imprensa acampou do lado de fora, sua loja terminou de ser saqueada e destruída. A mãe de Lara ligou chorando, dizendo que tudo por lá estava um inferno e ela

também sentia medo, por ser parente dele. Que seu irmão e cunhada não saíam de casa e estavam muito deprimidos, sem conseguir acreditar que o filho fosse um monstro daqueles, que suas vidas não valiam mais de nada.

Lara chorou também, mas pela nova vítima que surgiu. Contou-nos que sabia o que a menina passara, sozinha, com medo, na certa sendo ameaçada por ele que, se dissesse algo, demitiria sua mãe. Nós a confortamos, mas dissemos que ao menos tudo tinha servido para que ela tomasse coragem de falar.

Daquela vez, o pedido de prisão temporária do estuprador foi acatado, pois agora eram duas denúncias, fora a de Lara, que não teve como seguir em frente, mas foi um indício a mais da periculosidade dele. Foi preso em sua casa e apareceu algemado em vários jornais do país. Não parou por ali.

A prisão temporária se tornou preventiva e, como estupro era um crime hediondo, ficaria 30 dias presos, podendo ser prorrogado por mais trinta dias.

Na investigação, foi descoberto

no seu computador em casa um número absurdo de fotos, sites e filmagens de pornografia infantil, inclusive dele com a filha da empregada. Além de todos os testemunhos, provas físicas, aquilo comprovava tudo. E, sob pressão, ele acabou confessando. Não quis falar de outros, mas assumiu aqueles dos quais era acusado, até o de Lara. Embora o dela não pudesse virar mais um processo contra ele.

Com tudo que foi conseguido em seu computador, outras vítimas apareceram, que ele fizera no decorrer

daqueles anos. E, ao final de alguns meses, com sua admissão e tudo mais, foi condenado a 59 anos de prisão, juntando-se vários processos.

- Finalmente a justiça foi feita! – Comemorei, em uma noite em que estávamos só eu e meus irmãos na varanda.

- Na cadeia, quando os presos descobrirem que ele é um estuprador de crianças, ela vai estar ferrado.- Pedro estava exultante.

- Eles vão saber. Notícias assim correm rápido. – Theo sorriu, calmo.

Eu olhei para ele. Sabia que, no que coubesse a Theo usar de influência para que alguém espalhasse aquela notícia na prisão, ele faria. Perguntei seriamente:

- Você teve alguma coisa a ver com aquela reportagem de jornal, Theo? A que saiu primeiro?

Recostou-se na pilastra da varanda, sem se alterar.

- Digamos que o repórter teve uma ajudinha. Mas isso não importa. Nenhuma mentira foi contada, foi?

- Não, irmão! – Pedro deu uma

risada, dando um tapa no braço dele. –
Só a verdade, que já deveria ter
aparecido há muito tempo!

LARA

O bebê de Eva nasceu dia 16 de agosto. Era um garotão robusto, moreno, com tufo de cabelos negros e todo mundo disse que era a cara de Theo. E era mesmo. Só faltava a ruga entre a

testa para ser igual, mas isso achei que ele adquiriria com o tempo.

Nunca o vi tão orgulhoso quanto o dia que voltou com Eva para casa, rindo de orelha a orelha com seu pequeno clone no colo, apresentando-o como Theodoro Júnior. Era mesmo o Theo mirim e foi assim que Micah o chamou, com suas gracinhas.

Helena, com dez meses, riu e gritou de alegria ao vê-los. Quis beijar o bebê, seus cachos loiros roçando a bochecha dele, curiosa e exultante, sem entender direito quem era aquele novo

membro da família. Caio, vendo a farra, também quis dar sua quota de beijos, rindo todo bobo com sua boca sem dentes.

Todo mundo ria e comemorava na fazenda. Olhando-os, eu me sentia igualmente feliz e começava, silenciosamente, a sonhar com meus próprios filhos. Depois de meses junto com Pedro e Heitor, em que praticamente morávamos juntos lá e na minha casa na cidade, eu os amava cada vez mais e idealizava uma relação ainda mais séria entre a gente.

Talvez fosse loucura. As coisas tinham se ajeitado. Em Florada poucas pessoas ainda questionavam nosso trio, as outras acabaram aceitando, mas mesmo assim eu ainda sabia que éramos os “diferentes” para todos. Nunca deixávamos de chamar a atenção onde quer que chegássemos. Não ligávamos para aquilo. Apenas vivíamos nossas vidas.

Minha mãe e meus parentes vieram me visitar uma vez em Florada, no meu aniversário em julho. Ficaram um fim de semana e Pedro e Heitor

insistiram em um churrasco na fazenda e em acomodá-los em uma das casas que havia lá. No início, estranharam um pouco meu relacionamento, ficaram até sem graça. Mas foram tão bem tratados que ao final já gostavam de todo mundo e se entrosavam.

Rômulo e Ricardo adoraram cavalgar, Daiana, Danila e o marido fizeram amizade com todos, meus tios Julieta e Valter amaram Tia e tentaram conversar com Mario. No início, minha mãe ficou meio insegura, mas aos poucos também aproveitou. Thaís

adorou o cavalo de Cacá, jogou Xbox com ele e ficou apaixonada por Helena e Caio.

Eu gostei muito de vê-la bem, de saber que estava superando tudo. Felizmente, foi poupada de coisas piores e protegida pela família.

Eu também estava superando. Claro, ainda tinha as lembranças. Doía saber que Rubinho tinha ferido tantas crianças. Mas agora ele pagava e ficaria preso por muitos anos. E aquilo, de alguma forma, me fez acreditar que a justiça tinha tardado, mas não falhado.

Minha felicidade era tanta, viver sem fingimentos era tão libertador, que nenhuma lembrança ruim ofuscava o que eu tinha agora. Eu falava, desabafava, procurava conforto nos braços de Pedro e de Heitor, e a cada dia a dor espaçava mais. Culpa, vergonha e vontade de morrer não faziam mais parte de minha realidade.

Depois de almoçarmos na fazenda, comemorando o nascimento do Theo mirim, provando da felicidade geral, rindo das brincadeiras de Micah que acariciava a barriga enorme de

Valentina e só falava nas suas meninas que nasceriam no mês seguinte, nós voltamos para casa já no final da tarde.

Agora eu só trabalhava no Falconetes como cantora, de quinta a domingo. De segunda à quarta tinha livre para ser a perfeita dona de casa e gostava de cuidar dos meus amores com jantar caprichado e mimos, quando chegavam do trabalho. Ali ou quando dormíamos na fazenda, algumas vezes nós três na cama de Pedro, outras vezes nas de Heitor, estávamos sempre unidos, praticamente morando juntos. Era raro a

noite que eu passava longe deles.

- Querem comer alguma coisa? –

Perguntei, enquanto me dirigia ao quarto.

- Eu quero. – Pedro veio atrás de mim, já tirando sua camisa, um olhar safado no rosto.

- Sei bem o que você quer comer, garanhão. – Sorri, também me despindo em direção ao banheiro. – Mas preciso de um banho primeiro.

- Eu também. – Heitor se aproximou, sorrindo, seu olhar escuro passeando em meu corpo. – Não

exatamente porque estou sujo. Mas para te comer embaixo do chuveiro, Lara Maria.

- Hum ... tentador ... –
Provoquei.

Entrei nua sob o jato de água quente. Logo Heitor vinha e me encostava na parede fria de azulejos, sua boca já buscando a minha. Nós nos beijamos bem gostoso, eu enfiei a mão em seus cabelos molhados, gemendo quando senti seu corpo musculoso contra o meu, seu pau pesando em minha coxa.

- Abram espaço para mim. –

Disse Pedro, se enfiando embaixo da água, espalhando-a para todo lado.

O vapor já subia entre nós, assim como o desejo crescia vertiginosamente. Agarrei o pau de Pedro e senti seu gemido perto da orelha, enquanto chupava meu lóbulo e acariciava meu seio.

Era sempre uma delícia transar com eles. No início, depois que descobriram sobre meu passado de abusos, faziam amor com todo cuidado. Era como se temessem, de alguma forma, abusar de mim também. E eu

temia que pensassem mal por ser tão devassa depois de tudo que sofri. Por um tempo, nós rondamos assim. Mas então, naturalmente, as coisas foram se ajeitando.

Um dia fomos mais brutos, mais exigentes. No outro, dizíamos sacanagens pesadas. Até que tudo foi voltando ao normal, sem regras nem inibições, nós três assumindo que gostávamos de todas as maneiras, fosse ela doce ou depravada. Éramos completamente livres e felizes assim.

Heitor parou de beijar minha

boca e foi chupar meu mamilo arrepiado, abrindo minhas pernas, seus dedos acariciando minha boceta já melada. Pedro segurou meu rosto e me virou para ele, fitando meus olhos antes de me beijar daquela sua maneira que me engolia viva, torcendo o outro mamilo entre os dedos. Eu masturbei os dois, um pau em cada mão, nós três molhados e excitados.

Gemi quando dois dedos de Heitor entraram em mim e murmurou contra meu ouvido:

- Já falei o quanto amo essa

bocetinha gulosa?

- Sim ... – Ronronei antes de voltar a chupar a língua de Pedro.

Fiquei louca de tanto tesão, tocada e beijada por eles, presa naquela parede. A mão de Pedro desceu e, de comum acordo, Heitor deixou que ele metesse os dedos em mim, passando a torcer deliciosamente o meu clitóris. Eles me torturaram assim. Um me beijava, o outro mordia meu mamilo ou meu pescoço. Então, trocavam. Em um momento, eu tinha os dedos de Pedro entrando na minha boceta com força.

Depois, era a vez de Heitor. Abriam meus lábios vaginais para o irmão meter em mim.

Quase gozava, torcendo o pau de cada um, sentindo-os duros e prontos como pedra. Pedro murmurou:

- Também amo essa bocetinha. E esse cuzinho. – Virou-me bruscamente de frente para a parede, encostando-me nela, ordenando rouco: - Abra as pernas e empine essa bunda gostosa, morena ...

- Ah ... sim ... – Obedeci na hora, espalmando minhas mãos e meu rosto no azulejo.

Pedro me deu um tapa forte e gritei. Então, abriu minha bunda e Heitor desceu atrás, lambendo meu ânus e metendo a língua dentro dele. Ondulei, desgobernada, arrebatada, sentindo Pedro afastar meus cabelos e morder minha nuca.

- Ah, como é gostoso ...

Murmurei em júbilo, mais uma vez agradecendo por ter os dois, por me darem tanto prazer e serem tudo para mim: amigos, amantes, protetores e tantas coisas mais. Não conseguia parar de bendizer a sorte que era tê-los em

minha vida, que era amá-los tanto e ser amada por eles.

- Porra, me deixa chupar um pouquinho, irmão ... – Pedro pediu, excitado.

- Não demore. – Heitor disse, sorrindo. – Preciso de mais.

- Você e eu. – Disse ele, já caindo atrás de mim e passando a língua desde a minha boceta até o ânus, deixando-me de pernas bambas.

- Gosta disso, Lara Maria? – Heitor murmurou em meu ouvido, acariciando minhas costas, fazendo o

contorno da bunda.

- Eu amo ... Amo tudo que fazem comigo.

- Tudo? – Afastou a mão e deu um tapa firme na lateral da minha nádega esquerda. Pedro enfiou a língua mais forte.

- Oh ... – Gemi, me esfregando na parede molhada, respirando irregularmente. – Sim ... sim ...

- Eu sei que gosta. – Heitor continuou, dizendo pornografias em meu ouvido, deixando-me mais enlouquecida. Deu outro tapa,

queimando minha pele. – Gosta de apanhar na bunda. De ser beijada. De ter nossos dedos e paus dentro de você. De ser chupada e chupar. Não é, Lara Maria?

- Adoro, Heitor ...

Arquejei, delirando. Pedro se afastou. Heitor veio atrás de mim e senti seu pau abrir caminho até minha boceta, entrando lento e gostoso até o fim, me fazendo sacudir contra ele e me empinar, puxando-o para dentro. Estocou firme, indo e vindo, gemendo em meu ouvido.

Pedro se encostou na parede ao

meu lado, olhando-nos, pronto para agir. Fez isso quando Heitor tirou o pau da minha boceta e mirou em meu ânus, empurrando dentro dele, comendo-me apertado até o fim. Gritei, rouca. A mão de Pedro escorregou entre o meu corpo e a parede, desceu por minha barriga, masturbou-me deliciosamente, enquanto murmurava:

- To doido para comer esse cuzinho ...

Fiquei fora de mim, buscando sua boca, movendo-me contra eles, alucinada. Eu palpitava. Dois dedos de

Pedro em penetraram. O pau de Heitor entrou com tudo, bruto, grosso. Comecei a gozar e Pedro meteu outro dedo em minha boca, que chupei, choramingando.

- Delícia do cacete ... – Heitor rosnou, começando a ejacular em mim, metendo e tirando o pau, seu esperma quente se derramando, aumentando meu prazer.

- É linda gozando ... – Pedro murmurou.

Minhas pernas tremiam, eu estava a ponto de desabar, saciada, maravilhada.

Heitor beijou minhas costas, saiu de dentro de mim. Trocaram de lugar, mas daquela vez foi ele quem se encostou na parede e me abraçou de frente, amparando-me com seus corpo moreno e molhado, fitando meus olhos lânguidos, dizendo baixinho:

- Beije minha boca enquanto meu irmão te come.

E eu beijei, segurando-me em seu pescoço, me agarrando nele. Pedro veio por trás, abriu minha bunda, meteu o pau no meio dela, penetrou-me, toda melada e ainda palpitante. Gemi contra a

língua de Heitor, adorando seu corpo contra o meu, adorando ter um pau novamente entrando e saindo do meu cu com decisão, tão grande e grosso, Pedro colando-se atrás de mim.

O pau de Heitor começou a enrijecer de novo contra minha barriga e me rocei nele, presa entre os dois, lambendo sua língua, me dando toda.

- Porra de morena gostosa ... Como eu amo isso ... – Pedro murmurou, exaltado, excitado ao extremo, tornando-se mais bruto.

Eu queria mais. Ondulei e me

exaltei quando Heitor desceu a mão e passou a bolinar meu clitóris, até deixá-lo inchado e sensível. Pedro praticamente me devorava, mordendo meu ombro, rosnando. E o tesão veio como uma explosão, me fazendo gozar de novo, tão fácil, tão certo. Só então ele ejaculou bem no fundo de mim, nós três gemendo, colados, entregues.

Tomamos banho e voltamos para a cama. Gostávamos especialmente disso, de ficar na cama nus, de bate papo, beijando e acariciando. Às vezes Pedro via jogo, enquanto eu e Heitor

líamos um livro juntos, nossas cabeças lado a lado no travesseiro. Outras vezes eu ficava abraçada com Pedro vendo um filme, enquanto Heitor cochilava, sua mão em minha cintura.

Fazendo uma coisa ou outra, estávamos sempre juntos, sempre perto. Tinha horas que eram só carinhos e palavras de amor. Em outras, depravações sujas. De todas as vezes eu amava, eu os queria, eu exaltava maravilhada por estar vivendo aquilo. Não sei se com outras pessoas era tão bom assim. Mas com a gente, era

perfeito.

Ficamos lá, jogando conversa fora. Heitor comentou, sorrindo:

- Theo está numa felicidade só. O moleque é a cara dele!

- Se é! – Pedro olhou para ele. – Será que vai ter o mesmo gênio?

- Acho que Helena é que vai puxar o jeito dele, toda decidida e mandona. Mais fácil o Júnior ser bonzinho como a Eva. – Os dois riram.

- Júnior não. Segundo o Micah, Theo Mirim. – Sorri.

- Micah só arruma ideia. Está

todo bobo por que vai ter duas meninas, como ele queria. Já comprou um monte de charuto para comemorar. – Pedro se divertia.

- Eu é que vou gostar. – Emendou Heitor. – Como é mesmo o nome que escolheram para as meninas, Lara Maria?

- Eduarda e Catarina. – Olhei para eles. – Nomes lindos, não é?

- Sim, fortes. Gosto também de Amanda. – Disse Heitor, então me observou mais atentamente, apoiando um cotovelo na cama e a cabeça na mão. –

Se tivesse uma filha, que nome daria,
Lara Maria?

- Não sei. – Senti um arrepio na
pele. Disfarcei, pois na verdade eu
vinha pensando bastante sobre aquilo. –
Gosto de Manoela. Daniela. Olívia.
Vários nomes.

- Bonitos. – Ele concordou e
olhou para o irmão. – E você, Pedro? Se
tivesse uma filha, que nome teria?

- Só faço filho macho, rapaz!

Nós rimos dele.

- Como sabe disso? – Provoquei.

- Tenho certeza. Se eu fizer um

filho, vai ser macho. – Disse, metido. –
Do Heitor, com certeza vai ser menina.

- Você não sabe de nada. –
Heitor ria.

- Quer apostar?

- Apostado!

- Vocês são doidos. – Balancei a
cabeça.

- E você, morena? Vai ter o que?
Menino ou menina?

Pedro também tinha se apoiado
no cotovelo e me olhava. Dei de
ombros, levando na brincadeira:

- Como vou saber?

- O que você quer? – Perguntou Heitor.

- Não sei. Nunca pensei muito sobre isso. – Menti.

Eles ficaram em silêncio. Heitor ergueu a mão e tocou meu rosto, fazendo-me olhá-lo. Disse baixo, seus olhos como sempre seduzindo os meus:

- Não acha que está na hora de pensarmos?

Não consegui responder, mas meu coração disparou. Ele continuou:

- Outro dia, eu e Pedro estávamos conversando na fazenda. As

casas de Micah e de Theo já estão quase prontas. Logo eles se mudarão, mas continuarão nas nossas terras, perto da gente.

- E? – Murmurei.

- E, morena ... – Pedro me fez olhar para ele, concentrado, seus olhos claros fixos nos meus. – Nós também queremos nossa casa, nossa família. Lá na fazenda.

A felicidade fazia tudo dentro de mim parecer quente, vivo, borbulhando. Mas tentei me manter calma, esperar para ter certeza do que falavam.

- Nós amamos você, Lara Maria.

Praticamente já vivemos juntos. Sabemos que não é permitido um casamento a três no Brasil, mas queremos você com a gente pelo resto da vida.

- Heitor ... — Estremeci, emocionada.

- Podemos oficializar tudo. Uma União Estável entre nós três. Uma casa só nossa. — Pedro afirmou, sua voz cheia de emoções também. — Você aceita, morena?

- Ser ... ser a mulher de vocês? —

Murmurei.

- Isso você já é. – Heitor sorriu e acariciou meu cabelo. – Ser oficial, em um lar nosso.

Comecei a chorar. Eles me abraçaram, me beijaram. Eu os agarrei, fungando, me dando, rindo, puxando-os para mim. Murmurava sem parar:

- Sim, sim, sim ...

Acabaram rindo.

- Eu só posso estar sonhando! –
Falei maravilhada.

- É a pura realidade, morena. –
Pedro deitou a cabeça ao lado da minha,

fitando-me. – Uma União Estável entre três pessoas já aconteceu no Brasil. Não é Inconstitucional. É um acordo, onde você terá as garantias de um casamento e todas as garantias se um dia alguma coisa acontecer comigo ou com Heitor.

- Nem fale isso! – Reclamei. – Para mim não precisa nada disso. Só morar com vocês, em um lar.

- É claro que precisa. – Heitor pousou a mão em minha barriga. – E vai ter tudo que pudermos te dar, Lara Maria.

Eu estava feliz e emocionada

demais.

- Teremos uma família. –

Continuou ele.

- Eu queria muito ter filhos de vocês. – Fui bem sincera. – Mas não sei como as crianças seriam tratadas. Ainda há muito preconceito e ...

- Vão ser tratadas com amor, criada por nós para serem seres humanos dignos, sem preconceitos bestas. – Pedro decidiu logo. – E se alguém se meter com elas, vão se ver comigo!

Eu e Heitor acabamos rindo e

Pedro nos acompanhou.

- Pronto, tudo resolvido! –
Heitor estava feliz também. – Vamos
marcar uma data para comemorar?
Marcamos o dia em que faremos a união
e depois podemos fazer uma festa. O que
acham?

- Por mim, tudo bem.

- Eu preferia algo mais íntimo. –
Falei. – Família e amigos mais
chegados.

- Então, vai ser assim. Eu e
Pedro somos os machos metidos, mas é
você que nos tem nas mãos, minha linda.

– Heitor piscou para mim e dei uma risada.

- Bom saber que sou eu que vou mandar nesse novo lar!

- Vai pensando ... – Resmungou Pedro.

Ao final, agarrei-os, beijei um, beijei outro, murmurei:

- Ninguém no mundo pode ser mais feliz do que eu. Amo vocês. Amo tanto vocês ...

- Eu amo mais ... – Heitor beijou minha orelha.

- Não, ninguém ama mais do que

eu aqui! – Pedro provocou, cheirando meu pescoço.

Ri de novo.

Feliz. Feliz. Feliz.

CAPÍTULO 36

PEDRO

Ainda em agosto nós conseguimos um tabelião em Pedrosa

que aceitou formalizar, através de escritura pública declaratória lavrada em Cartório de notas, a nossa União Estável Poliafetiva. Eu sabia que talvez tivéssemos problemas e tivéssemos que procurar em mais de um cartório, pois ainda no século XXI aquele tipo de união ainda chocava muita gente e esbarrava em alguns entraves legais. Mas felizmente deu tudo certo e assinamos o contrato entre nós três de convivência pública, contínua e duradoura, com o objetivo de constituir família.

Comprometemo-nos por escrito a sermos fiéis e leais uns com os outros, nos respeitar e proteger, com todas as garantias e direitos de um casamento convencional. Eu e Heitor fizemos questão de atribuir ao contrato regime de bens, para que Lara tivesse direito a herança e ficasse bem guardada caso algo acontecesse conosco. E assim, nós nos unimos, felizes e emocionados, cercados por nossa família. Até meu pai foi. Não podia ter sido melhor.

Enquanto voltávamos para a fazenda, onde haveria um grande almoço

para nossas famílias e alguns amigos mais próximos, eu pensava como a vida de uma pessoa podia mudar tanto, em menos de um ano. Eu, que sempre fui cínico e mulherengo, que nunca quis um relacionamento sério, tinha sido dobrado por aquela morena que chegou em Florada com seu corpo de arrasar e seu olhar arrasado, que me seduziu e conquistou e, como se não tivesse satisfeita, fez o mesmo com meu irmão, colocando-o mais na minha vida do que já estivera até então. Ela criou um trio de verdade, para toda a vida. E acho que

nem todos os dias que eu vivesse seriam suficientes para agradecer aquela felicidade completa que eu sentia.

Foi uma alegria e comemoramos até à noite, naquele último dia do mês de agosto. Lara, linda em um vestido de renda cor da pele e o cabelo preso de um lado só, com cachos caindo sedosos sobre um dos ombros, cantou e se divertiu, fez todo mundo dançar, se entregou a uma alegria contagiante. Micah subiu ao palco e cantou com ela, depois, para variar, fez uma declaração de amor à Valentina, que mal podia se

mexer de tão redonda e, como boa grávida que se preze, chorou de soluçar, emocionada.

Os tios de Lara, pais do abusador, não compareceram. Henriqueta comentou que eles haviam se mudado para uma casa de praia na Costa Verde, perto de Angra, confessando como estavam envergonhados e infelizes ao descobrir tudo que o filho havia feito. Mas, mesmo assim, não o abandonaram. Eram os únicos a visitá-lo na prisão e estavam tentando conseguir uma cela isolada para ele, pois contou que ele

sempre aparecia nas visitas machucado. No entanto, não conseguiram. Aquilo não era de nossa conta, embora eu achasse que o castigo era pouco para ele e não tivesse pena nenhuma.

Passamos a morar na fazenda e resolvemos construir uma casa ao lado da principal. Theo e Micah já estavam para se mudar para a casa deles, perto também. Joaquim ia continuar com Gabi no casarão. Eu e Heitor queríamos ficar o mais próximo possível do nosso pai, vê-lo e ajudar a cuidar dele. Ainda mais porque no ano seguinte faria 80 anos de

idade e se debilitava em sua situação naquela cadeira de rodas. E assim, demos início à construção.

No dia 9 de setembro, nasceram Eduarda e Catarina, duas meninas lindas com cabelos escuros e pele branquinha, que deixaram Micah surtando de felicidade. Ele e Cacá choraram abraçados, ele saiu beijando todo mundo no hospital e dizendo que tinham nascido suas duas “Brancas de Neve”, o que fez todo mundo rir dele e se emocionar da sua felicidade pura, de garoto. Por fim, se ajoelhou no chão,

abraçou nosso pai em sua cadeira e chorou de alegria nos braços dele, que ficou tocado, acariciando seu cabelo e sem impedir as lágrimas nos olhos também.

Todo mundo estava radiante. No dia seguinte, Valentina e as bebês foram levadas para a fazenda e teve nova comemoração entre nós. Parecia que, agora que a felicidade tinha se espalhado ali, não sairia mais. E era assim que queríamos, que esperávamos que ficasse.

Enquanto nossa casa não ficava

pronta, abrimos a parede que ligava meu quarto ao de Heitor e tornamos tudo uma suíte só, com dois banheiros, uma cama imensa feita sob medida para nos espalharmos e amarmos à vontade e uma saleta particular. Ali era nosso paraíso. Onde ficávamos juntos, transávamos agora sem Lara tomar anticoncepcionais, para tentar engravidar, e onde apenas curtíamos a companhia uns dos outros.

Conversamos com ela sobre parar de trabalhar no Falconetes. Nos fins de semana ficava presa lá, quando queríamos passear com ela e até fazer

pequenas viagens. Não tínhamos tido lua de mel longa, apenas três dias em Ilhabela, mas tínhamos combinado fazer sempre aquilo, em lugares diferentes. Lara concordou, até porque tentava engravidar. Então, conversou com Abigail para que procurasse uma cantora nova até o fim do ano. Contudo, disse que poderia fazer ocasionais apresentações no restaurante, mas sem compromisso. E assim ficou combinado.

Outubro chegou e com ele nova festa, agora a comemoração de um ano de idade de Caio e Helena. Foi uma

farra na fazenda, os dois se acabaram até não poder mais, Eva e Theo estavam radiantes com o primeiro ano da filha e com o Theo Mirim no colo, de quase dois meses, com aqueles olhos azuis penetrantes do pai, sério e compenetrado. Micah ficava impressionado, dizendo que era um adulto no corpo de uma criança.

Mas criança mesmo era Micah. Eu nunca o vi mais feliz. Vivia com as filhas, cheio de cuidado com elas e Valentina, sempre ao lado de Cacá, que geralmente estava com uma das irmãs no

colo. Valentina ria quando ele dizia que fariam três agora e jurava que sua quota havia acabado.

Joaquim e Gabi viviam uma eterna lua de mel e não queriam filhos tão cedo. Eram ainda muito jovens e aproveitavam a vida juntos. Caio era tudo para eles, assim como os sobrinhos. Por enquanto, decidiam ficar só com ele.

Quando entrou o mês de novembro, eu e Heitor fomos em uma manhã ensolarada e especialmente quente até a cachoeira. Tínhamos

cavalgado e estávamos suados, cheios de poeira. Demos um mergulho e, como tantas vezes fizemos no decorrer dos anos, desde que éramos garotos, sentamos sob o sol em uma pedra plana e ficamos conversando.

- Nunca pensei que a família fosse crescer tão de repente. – Comentei, estendido, com meus braços dobrados sob a cabeça.

- E vai aumentar mais. Logo vem nossos filhos por aí. – Heitor sorriu, observando uma abelha que nos rondava.

Fiquei pensativo um momento. Sem querer, pensei em minha mãe. Mas falei no meu pai:

- O velho está feliz com tantos netos. Adora quando os levam para ele beijar, quando Caio e Helena pulam no colo dele. Às vezes fica lá, só paquerando-os, a expressão que nem dá para descrever. Ele mudou muito.

- Nosso pai parou de ter ódio, Pedro. A volta de Micah mudou tudo. Felizmente. Eu agradeço por ver que aceitou sua vida, que está feliz com ela, mesmo com suas limitações.

- É verdade.

- Em alguns momentos, penso como seria se nossa mãe estivesse aqui.

– Heitor pareceu ler meus pensamentos. E meu peito se apertou.

Lembrei-me de seus olhos castanhos, cheios de doçura e sentimentos, por vezes amorosos, em outros distantes, como se perdesse dentro de si mesma. E acabei desabafando:

- Talvez ela não estivesse feliz.

- Quem sabe? – Heitor parecia calmo. – Há meses atrás conversei com

Tia sobre ela. Falou algo que me surpreendeu.

- O quê? – Virei o rosto para fitá-lo. Heitor olhava para o céu, pensativo.

- Ela disse que nossa mãe amou nosso pai.

Suspirei e me irritei um pouco.

- De onde Tia tirou isso? Se amasse, não o teria traído, nem tentado se matar.

- Foi o que eu disse. – Ele me encarou. – Mas Tia disse que ela era mais complexa do que imaginávamos,

que era tão fechada que ninguém sabia o que pensava.

- Isso eu sei.

- Pedro, Tia viu várias vezes nossa mãe olhar nosso pai com amor. Segundo ela, vivia observando-o, admirando-o, quando achava que ninguém notava. E que, por um bom tempo, eles foram felizes juntos. Antes da notícia sobre a traição surgir.

- Não acredito nisso. – Por algum motivo, fiquei abalado com aquela informação.

Então, imagens do passado

vieram em minha mente. Recordações que há muito tempo eu não me permitia ter.

Vi os dois em um cavalo. Minha mãe na garupa do meu pai, abraçada a ele, seu rosto em suas costas, um sorriso cúmplice, uma expressão de felicidade. Vi os dois subindo os degraus da varanda de mãos dadas, como se tivessem vindo de um passeio. E o rosto dela, corado, como se tivesse saído de algum sonho maravilhoso. Vi minha mãe me beijando e acariciando meu cabelo, sorrindo para mim.

Ela em momentos felizes. Com a mágoa que eu guardei por anos, tinha abafado aquelas lembranças, deixado somente as que estava triste e isolada, com olhar perdido. Mas agora eu percebia que tinham tido muitos outros momentos. E fiquei mudo ali, confuso, emocionado.

- Acho que teve muito mais coisa nessa história, Pedro. Coisas que talvez nem sonhamos. E que nunca vamos saber. Foram com a nossa mãe. – Heitor sentou, passando a mão pelo cabelo úmido, seus olhos nos meus. – Mas sabe

... Ela amou a gente, tenho certeza. Teve seus motivos, suas fraquezas, como qualquer ser humano. E chego a acreditar que amou nosso pai. Fico pensando que nem todo mundo sabe lidar com a dor. Veja a Lara. Ela quase sucumbiu, irmão. Você vê isso na clínica. Pessoas que simplesmente não aguentaram a pressão. Como nossa mãe. Mas isso não quer dizer que não nos amava. Muita coisa deve ter acontecido e só ela sabe.

- Não entendo como o amor pode destruir e não salvar. – Eu sentei

também, desabafando com ele.

- Nunca vamos saber o que a fizeram tomar certas decisões, Pedro. Não dá para mudar o passado. Mas ela nos deu a vida, fez parte da nossa família e nos amou sim. Somos parte dela e do nosso pai. Seu sangue corre nos das crianças, das novas gerações. – Heitor calou-se e respirou fundo, emocionado demais. – E eu sinto falta dela.

- Eu também. – Murmurei e meus olhos arderam.

Olhei para a cachoeira, as

árvores, o céu, as terras lindíssimas. Para mais além, onde ficava o pequeno cemitério e nossa mãe estava enterrada. E não sei como nem por que, eu admiti a mim mesmo que a amava e que não a culpava mais de nada. Eu não podia mudar o passado e trazê-la de volta, assim como não podia mudar as desgraças do passado de Lara. Mas podia fazer um presente diferente, sem mágoas, sem perder tempo com dores antigas. E aquilo me deu alívio, me tornou mais brando.

- Irmão ... – Chamei Heitor e nos

encaramos. Fui muito sincero, a emoção palpável em minhas palavras: - Eu amo meu pai, Tia, toda minha família. Mas você sempre foi especial. Sabe disso. O que temos, vai além do sangue e de amizade. É coisa de alma. Acho que nunca disse. Mas eu te amo, cara. E não vejo como a minha vida poderia ser melhor do que agora, com você e Lara fazendo parte dela.

- Porra, Pedro ... – Ele suspirou, seus olhos ficando vermelhos. Estava tão tocado que pensei que fosse chorar, então, acabei rindo. Heitor riu também

e, surpreendendo-me, deu-me um abraço. Quando se afastou, murmurou: - Onde você escondeu meu irmão, estranho?

Rimos juntos. Heitor emendou:

- Isso me fez pensar uma coisa.

- O quê?

- Será que há almas gêmeas em trio?

- Claro que sim! Almas trigêmeas! Somos nós.

E rimos de novo.

Tudo estava em seu devido lugar.

LARA

Em novembro eu estava muito preocupada. Eram três meses fazendo sexo constantemente, Heitor e Pedro gozando dentro de mim e nada de engravidar. Eles diziam que era assim mesmo, que quando menos esperassem aconteceria, mas eu sentia que havia algo errado.

Micah pegava no pé deles. Todos levavam na brincadeira quando dizia:

- Dois machos Falcão e não são capazes de fazer um filho? Eu fui logo de duas! Vocês têm que representar a honra dessa família!

Virava uma guerra de palavras entre eles, todo mundo ria, eu também. Mas no fundo, começava a achar que Micah tinha razão. Vivíamos transando, eles eram dois. Por que eu não engravidava?

Resolvi fazer uma série de exames e eles me acompanharam a Pedrosa. O médico passou para nós três e fizemos. Agora, tinha saído os

resultados e fiquei arrasada quando vi que realmente havia um problema comigo. Eu tinha obstrução nas trompas de falópio. Isso impedia que os espermatozoides chegassem até o óvulo no ovário e o fecundassem. E meu caso era tão sério que nem cirurgia daria jeito.

Chorei tanto que fiquei na cama. Todos tentaram me consolar. Micah, se sentindo culpado, pediu desculpas pelas brincadeiras e parou com elas. Tentava me agradar de todas as maneiras. Pedro e Heitor ficaram na cama comigo, me

acariciando, murmurando que aquilo não importava.

- Eu não sou boa pra vocês ... – Eu soluçava, a cabeça enterrada no travesseiro, tão desesperada que parecia a ponto de ter um colapso. – Pensei que pudesse ter filhos ... que ...

- Pare de dizer besteira, Lara Maria. – Heitor beijava minha cabeça. – Você é a mulher que amamos. E vai ser assim, independente se podemos ter filhos ou não.

- Sou incompleta, toda defeituosa ... – Chorava demais.

- Não é nada disso. Morena, se não pudermos ter filhos, adotamos. — Pedro me abraçava.

Mas eu não conseguia parar de chorar.

Em geral, eu vivia bem com minhas lembranças do passado. O apoio de Pedro e Heitor, a prisão de Rubinho, os tratamentos que eu fazia na clínica com Rose, meu trabalho lá, tudo isso havia me dado o equilíbrio que passei anos procurando. Nunca esqueceria, mas aquilo tudo não ditava mais a minha vida. Era apenas uma parte dela, que eu

superava. Ainda mais vendo Letícia começar a reagir e tentar se comunicar. Eu me dedicava muito a ela e isso me fazia bem também.

Mas agora, aquele golpe, me desestruturava. Eu indagava a mim mesma até que ponto os estupros que sofri, desde tão pequena, não teriam afetado meus órgãos genitais. Mais tarde, falei com o médico e ele não descartou a possibilidade, mas disse que poderiam ser outros motivos também, como uma má formação das trompas.

Foi Heitor quem falou em

inseminação artificial. Era um assunto bem conhecido deles na fazenda, tinham até laboratório lá. Perguntou ao médico se a inseminação funcionaria no meu caso.

- Eu recomendaria a Fertilização in vitro. É nas trompas que os gametas, óvulos e espermatozoides, se encontram. Como não há chances de corrigir seu problema de obstrução, a FIV é a melhor indicação, pois apresenta as condições necessárias para que a fertilização aconteça fora do corpo. A inseminação artificial seria introduzir, através de um

tubo, o espermatozoide no óvulo, mas é complicado com o seu problema. – Ele explicou.

- Mas ... – Eu estava mais controlada na consulta, embora ainda abatida, triste. – Isso pode trazer problemas ao bebê? Ele nasce saudável?

- Nenhum problema. É um método muito seguro, feito no Brasil desde o início da década de oitenta. Claro, terão que fazer mais exames, o procedimento pode não dar certo na primeira tentativa, mas pelo que vejo

aqui, não há nada que impeça. Os óvulos e espermatozoides são saudáveis. É só fazer eles se encontrarem. Vou explicar tudo detalhadamente, vocês conversam e decidem.

A esperança já me rondava, quando saímos de lá. Heitor disse, sem muita conversa:

- Por mim, nós tentamos.

- Eu concordo. — Emendou Pedro.

Antes de entrarmos no carro, eu parei e os olhei. Murmurei, com lágrimas nos olhos:

- Eu queria demais ter um filho de vocês. Mas nada é garantido. Também, o espermatozoide de um pode fecundar o óvulo e do outro não. Como o médico falou, podemos ter também gêmeos e trigêmeos. Fico pensando como um de vocês se sentiria se fossem filhos só do outro.

- Isso não importa, morena. — Pedro fitou-me. — Sendo seu e de Heitor, é meu também.

- Digo o mesmo. Assim, como seria nosso se resolvêssemos adotar, Lara Maria. O que você decidir, vamos

apoiar e seguir juntos. Mas, por mim, tentamos a fertilização in vitro.

- Eu ... quero tentar. – Murmurei.

- Então, vamos fazer. E vamos conseguir. – Afirmou Pedro.

Sorri. Abracei-o e depois Heitor. Respirei fundo, me enchi de esperança e decisão, vi como mais um obstáculo a superar na minha vida. Mas eu tinha os dois comigo. Claro que íamos conseguir.

E começamos.

O primeiro passo foi fazer a coleta dos gametas. Os espermatozoides

foram conseguidos por meio de masturbação. Eu tomei uma injeção subcutânea para uma indução maior de óvulos, o que normalmente estimulava até 12 folículos. Esperamos alguns dias e tudo foi coletado. O médico nos explicou que faria uma seleção dos espermatozoides de cada um, depois eles e os óvulos seriam colocados em uma cultura.

O processo era idêntico ao ocorrido dentro do útero, com a diferença que ocorriam no laboratório. Havia um pequeno risco que a

fecundação não ocorresse, mas era raro. Foram utilizados espermatozoides de Pedro e Heitor em igual quantidade e a fecundação ocorreu.

Eu estava nervosa, segurando a mão de cada um deles, enquanto o médico usava uma espécie de bico de pato e um cateter bem fino para inserir em minha vagina e colocar os embriões fecundados. Um ultrassom o orientava, para pôr no local correto no fundo do útero, onde tivesse mais chance de tudo dar certo e a gravidez se desenvolver.

Senti um leve desconforto,

estava nervosa, mas ao mesmo tempo tão esperançosa, que apenas rezei silenciosamente para que Deus nos desse o filho ou quantos filhos pudesse.

Tia tinha ido com a gente e me confortou na saída, dizendo que tinha certeza que teríamos sucesso. Pedro também acreditava. Heitor afirmava:

- Em 12 ou 14 dias, quando Lara fizer o exame, vai constatar gravidez.

- Se Deus quiser! – Emendou Tia.

Contando com tudo, desde a estimulação dos gametas até o exame

que fiz em dezembro, a fertilização in vitro durou 26 dias. Nós três fomos pegar o resultado do exame de sangue no laboratório. E chorei como uma criança quando li a palavra impressa: POSITIVO. Eu estava grávida.

- Ah, porra, eu sabia! – Pedro vociferou, feliz da vida, me agarrando no laboratório e me tirando do chão.

- Cuidado com ela! E com nosso filho! – Alertou Heitor, rindo também, me puxando para me beijar.

Chorei de pura felicidade. Fomos para casa contar as novidades e

comemorar. Foi uma festa na família. Heitor e Pedro começaram com os cuidados, queriam que eu sentasse, não me exaltasse muito, que me alimentasse bem. Parecia que eu era de vidro e ia quebrar.

Mario e Tia ficaram emocionados. Todo mundo indagava se seria um filho só, menino ou menina, gêmeos, trigêmeos. Micah parecia se segurar para não falar uma besteira e eu sabia que se continha por mim. Sorri para ele e disse, bem humorada:

- Pode soltar, Micah. Não vai me

magoar.

- Eu só estava pensando ... –

Seus olhos brilharam.

- Cale a boca. – Ameaçou Pedro.

Joaquim já gargalhava de antecipação.

- Que não se fazem mais Falcão como antigamente! Coitada da Lara. Foi arrumar logo dois com espermatozoides preguiçosos. Precisaram de ajuda para chegar lá!

Todo mundo riu. Eu também, enquanto dizia:

- Nesse caso, havia uma barreira

no caminho. A defeituosa sou eu.

- Que nada, Lara! – Ele continuou, animado. – Se esses dois tivessem bichinhos espertos como os meus, eles pulavam a barreira, escalavam, davam um jeito, mas chegavam no lugar certo!

Ri de me acabar.

- Só fala merda. – Pedro olhou-o, se contendo para não rir.

- Pior, vamos ter que aturar esse assunto para o resto da vida. – Emendou Heitor, fazendo uma careta divertida.

Não reclamei quando nos

primeiros dias Pedro e Heitor cuidaram de mim cheios de mimos. Nem quando não transaram mais, até esperar novos exames e consulta e confirmar se estava tudo bem.

Saí do Falconetes de vez, aproveitando aqueles dias para descansar e só curtir minha gravidez. Gostava de ficar na fazenda conversando com Tia, Valentina, Gabi e Eva. De ajudar com os bebês. De sentar na varanda e jogar xadrez com Mario, pois ele começou a me ensinar. Era tudo belo e calmo, uma alegria sem igual,

uma sensação de que dias ruins tinham acabado e agora a felicidade seria mais do que completa.

Abigail continuou testando novos cantores. Ela e Dalila vieram me visitar e trouxeram uma cesta cheia de coisinhas de bebê, muito delicada, com roupinhas, sapatinhos, meias, tudo lindo demais, que me emocionou. Conversamos e observei Dalila, que se mantinha mais calada, pensando que ela tivera um papel importante naquela história. Desde o início ela alertara Pedro e Heitor sobre mim.

Quando Abigail se distraiu conversando com Tia, indaguei a Dalila:

- Você sempre sabe de tudo que vai acontecer?

Ela me fitou. Percebi o quanto era bonita embaixo daquele cabelo, sob as roupas que a escondiam. Indaguei-me por que vivia assim, se já teria se apaixonado, como era realmente sua vida, seus desejos, seus pensamentos.

- Não. – Disse apenas.

- Mas ...

- Vem sem que eu possa esperar.

Sem saber por que. Só vem.

Acenei com a cabeça.

- Tem visões sobre você também, Dalila? Sobre o seu futuro?

Ficou um momento muito quieta. Olhou para fora, as terras imensas, o dia lindo.

- Minha vida não é aqui. Mas a hora de partir ainda não chegou. – Foi tudo que explicou, baixo, como se não quisesse que a irmã ouvisse.

- Entendo. Dalila ... – Falei com carinho. – Obrigada.

- Eu não fiz nada, Lara. Quem fez foram vocês. As escolhas certas.

E finalizou o assunto se levantando e indo se servir de mais café.

Ela tinha razão. As escolhas eram nossas.

Felizmente, escolhemos o caminho do amor e da alegria, mesmo em meio às minhas dores e aos preconceitos. Tudo tinha valido à pena.

CAPÍTULO 37

HEITOR

Eu tinha ido ao frigorífico, em Florada, resolver umas questões da fazenda com Pedro. Estávamos ambos bem humorados, pois tínhamos passado uma semana de cão, subindo pelas paredes, sem transar com Lara. Bem que ela quis, sugeriu nos aliviar com as

mãos e a boca, mas não permitimos, até termos certeza de que podia fazer algum esforço a mais com uma gravidez tão recente.

Foi terrível dormir ao lado dela castamente por tantos dias, quando estávamos acostumados a transar muito. Mas quando o médico confirmou que estava tudo perfeito e que, dali para frente era vida normal, nós a devoramos. Ainda assim nos contemos um pouco em nossa ansiedade, mas passamos uma noite maravilhosa entre beijos, carícias, muito sexo oral, penetrando-a

deliciosamente. Gozamos em sua bocetinha, primeiro eu, enquanto Pedro a acariciava e beijava, depois ele, enquanto trocávamos de lugar.

Ficamos na cama, os três saciados, falando sobre o futuro, imaginando como seria o bebê ou se haveria mais de um. Não nos incomodava, realmente, se fosse só filho meu ou de Pedro. Era nosso.

Depois, o desejo voltou. Ela ficou de quatro na cama, me deixando chupar sua boceta enquanto Pedro comia seu cuzinho. Depois, montou de frente no

colo dele e ficaram colados, se beijando na boca, tendo seus mamilos sugados, enquanto era minha vez de comê-la por trás. Evitamos penetrações duplas naquele momento, pelo menos no início da gestação. Foi delicioso e dormimos felizes, saciados, fazendo declarações de amor.

Agora, naquela terceira semana de dezembro, eu e ele saíamos do frigorífico, bem humorados, no final do expediente, resolvendo tomar uma cerveja no Falconetes antes de ir para casa. Estava uma tarde linda, quente, por

isso nos sentamos em uma mesa do lado de fora.

Debatíamos, animados, novos contratos da Falcão Vermelho, quando Abigail se aproximou para trazer nossas cervejas e perguntou como estava Lara. Ficamos de conversa, mas então vimos um casal esquisito se aproximar pela calçada. E nós três o observamos.

Eram ambos basicamente da mesma altura, magros, ele arrastando uma mala de rodinhas atrás de si, ela com uma espécie de trouxa nas costas. Pareciam meio cansados. Mas o que

mais nos surpreendeu foi o modo como estavam vestidos.

Ela usava o cabelo preto num daqueles penteados dos anos setenta, amontoado no alto. Um vestido brilhante também parecendo da mesma época, curto, com uma capa branca de seda por cima e botas até os joelhos. Ele parecia um Elvis Presley raquítico, o cabelo com topete e gel, grandes costeletas, camisa colada e aberta no peito, calça branca boca de sino e sapatos brancos. Sua capa bordada estava pendurada em seu braço.

- O que é isso, meu Deus? –

Murmurou Abigail.

E eu sorri amplamente quando os reconheci, mesmo fantasiados daquele jeito e ela com os cabelos pintados de preto.

- Tininha ... – Murmurei.

- E Elvis. – Pedro começou a rir.

- A paz de Florada acabou. –

Brincou Abigail.

Eles chegaram perto, sob nosso olhar e de outros fregueses ali.

Tininha se animou quando nos viu e apressou o passo, chegando perto.

- Hello! – Cumprimentou-nos em inglês, largando a trouxa no chão aos seus pés, sorrindo toda maquiada, inclusive com olhos em formato de gatinho. – We return!

- Muito bem, Tininha. – Elvis cumprimentou-a, orgulhoso. – Seu inglês está cada dia mais perfeito.

- Com um professor desses, marido. – Piscou para ele.

- Marido? Vocês se casaram, Tininha? – Abigail sorria para eles.

- Claro que sim! Somo oficialmente Elvis Presley da Silva e

Priscilla Presley.

Olhei para a cara de Pedro. Ele se controlava para não rir. Murmurei:

- Entendi.

- Viram? – Ela mostrou sua roupa. – Como precisávamos de grana para sobreviver, resolvemos nos apresentar pelos bares da estrada como covers de Elvis e sua senhora. Na verdade, quem cantava era eu, fizemos uns ajustes aí. Elvis é terrível diante de um microfone. Mas ele dançava. Vocês precisam ver meu marido rebolando! Deixa o Elvis verdadeiro no chinelo!

- Imagino. – Pedro tinha um largo sorriso.

- Fizemos um sucesso danado nessa nova vida. Mas tínhamos que voltar. Nosso lugar é aqui.

- E minha licença na escola acaba agora. Preciso retomar meu papel de responsável professor. – Emendou Elvis, muito sério na sua fantasia, com aquelas costeletas todas.

- E cadê a moto de vocês? – Perguntei.

- Nem me fala, Heitor! – Tininha suspirou. – Acabamos passando uns dias

no xilindró, atrás das grades quando descobriram que minha moto era roubada e a placa falsificada. Demorou até que aqueles policiais idiotas entendessem que a culpa não era nossa, que não éramos ladrões e sim vítimas de um ... vamos dizer ... mal entendido.

- E esse não foi o único momento ruim que tivemos. – Elvis olhou-a de cara feia. – Algumas coisas ... aliás, tudo ... foi culpa sua, Tininha.

- Minha nada! Eu tive culpa se o piercing que você colocou no pau infeccionou e se ficou dias internado? –

Colocou as mãos na cintura, encarando-o.

- Você me encheu o saco, desde que saímos daqui, para que eu colocasse o maldito piercing! Quase perdi meu pau!

- Quase! Ficou com uma cicatriz feia, mas confesso, eu adorei. Parece um pau malvado, de um cara perigoso. Combinou demais com você, marido. Isso sem falar, que todas as boas ideias quem teve fui eu! Quem te convenceu a virar cover do Elvis e dançar no palco? Quem cuida das suas costeletas e do seu

cabelo todos os dias? Quem te ensinou a levar uma mulher à loucura sem aquelas frescuras de “não me toque”?

- Tá bom, Tininha, já entendemos. – Abigail falou, rindo.

- Certo. – Elvis suspirou. – Estou cansado demais. Nossa grana acabou e viemos de carona uma parte do caminho e outro a pé. Estou cheio de germes e preciso de um banho.

- Não vai começar com essa palhaçada novamente! – Tininha brigou com ele. Depois, se virou para Abigail:

- Podemos um dia desses fazer uma

apresentação aqui? O público vai delirar.

- Hã ... – Abigail ficou muda.

Eu ria de me acabar. Pedro disse, cínico:

- Vamos lá, Abigail. Você não está procurando uma nova cantora? Vai levar de quebra um dançarino.

- É verdade. – Apoiei.

Ela nos fuzilou com os olhos. Murmurou:

- Tininha, entenda ...

- Amanhã está bom para você? É sexta-feira. Dá tempo de lavar nossas

roupas de show. Tivemos que vir na estrada com elas por que fazem muito volume na mala. Tive até que improvisar uma trouxa para trazer tudo. – Tininha sorriu. – Então, está combinado. Amanhã vamos fazer nosso show. Tchau, gente. Foi bom ver você! Vamos lá, marido.

- Já estou indo, Tininha.

- Priscilla. Já te falei. – Ela corrigiu, seguindo caminho com ele.

- Deus do céu! Olha o que vocês me arrumaram! – Abigail levou a mão à boca.

- Aposto que vai lotar. – Falei rindo. – Não perco esse show por nada amanhã!

Na sexta, fomos com Lara, Joaquim e Gabi para lá. Theo e Micah foram rápido, apenas tomar uma cerveja, pois não queriam deixar Eva e Valentina sozinhas muito tempo, com bebês ainda pequenos. Minha irmã resmungou:

- Não acredito que estou aqui para assistir aquela doida.

Gabi ainda não tinha esquecido

que Tininha havia sido amante de Joaquim e não escondia seus ciúmes.

- Não se preocupe. – Pedro brincou, enquanto nos sentávamos em volta de uma mesa. – Agora ela é a respeitável senhora Priscilla Presley!

Rimos juntos e Lara exclamou, com olhos brilhantes:

- Não vejo a hora de conhecer esses dois!

- O casal se formou graças ao Micah. – Theo comentou, bem humorado.

- Só dei um empurrãozinho,

coisa boba. – Disse ele, seus olhos brilhando como os de um garoto.

Por fim, os artistas chegaram e o Falconetes estava lotado.

Elvis e Tininha entraram travestidos como no dia anterior, ambos com as capas brancas com águia bordada, sorrindo e acenando para seu público, seguidos pelos pais dela, que pareciam orgulhosos, como pais de artistas famosos.

- Meu Deus ... – Lara começou a rir, seguida por Gabi. Joaquim sorriu, murmurando pra gente:

- Olha do que me livreí.

- Pois é, irmão, podia ser você ali, neste momento. – Brinquei.

- Nunca. – Ele se benzeu.

Os pais dela sentaram-se em uma mesa de frente para o palco, com Elvis, que flexionava as mãos e os joelhos, como se estivesse se preparando. Tininha foi até Abigail e falou com ela. Então, subiu ao palco e a luz incidiu sobre ela, enquanto todos se calavam e olhavam atentos.

Ela falou ao microfone:

- Olá, meus conterrâneos.

Depois de um ano em aventuras pelo mundo, eu e meu marido resolvemos voltar e trazer nosso talento para um povo que merece. Antes do nosso show, queria agradecer a presença de todos. E fazer uma pequena homenagem ao homem da minha vida.

Seus olhos bateram em Elvis, que estufou o peito, orgulhoso, olhando em volta para garantir que sabiam se tratar dele.

Tininha também olhou em volta e seu rosto se iluminou ao bater na nossa mesa. Disse, toda animada:

- Olha os Falcão ali! Micah! Gente, graças a ele sou a mulher mais feliz do mundo! Eu persegui Joaquim. Sonhei com um Falcão para mim. Mas foi Micah que me fez entender as previsões da Mãe Menininha da Cigana Preta! – Acenou toda feliz para Micah, que acenou de volta, rindo. – Ele me fez entender que eu pertencia a uma águia poderosa! Ao meu Elvis! E é ao meu amor, meu marido, meu pássaro, que canto esta canção. A nossa música. O nosso hino. Depois, faremos um show juntos. Mas agora ... Minha águia, essa é

para você!

Apontou para ele, respirou fundo e fez um sinal dramático para que o tecladista começasse a tocar. Love me Tender, de Elvis Presley, soou no salão.

- Não acredito ... – Murmurou Micah.

- O que foi? – Lara indagou, curiosa.

- Uma vez a Tininha mandou a letra dessa música com a tradução, para Elvis. – Ele explicou, vermelho, quase chorando de tanto rir. – Só vendo como ela assassinou o inglês e fez a tradução à

sua maneira. Espero, que depois de um ano, tenha melhorado.

Olhamos atento. Séria, Tininha começou a cantar em uma voz até bonita, que surpreendeu a todos. Mas a letra ...

*“Love me de tandra, love me suite
Never let me go
iou ave made my life completamente
And I love iou so*

*Love me de tandra, love me true
All my dreams fiu-fiu
For my darlin' I love iou*

And I always iou”

Lara riu tanto que escondeu seu rosto em meu peito. Gabi chorava. Nós nos acabamos e Micah emendou:

- Eu avisei ...

O pessoal do Falconetes se divertiu demais. Alguns se balançaram ao ritmo da música, sem entender bulhufas de inglês, mas quem entendia, ria e comentava. Tininha se doou no palco, fez gestos dramáticos, olhou para o lado, levou a mão ao coração, apontou para Elvis e bateu no peito. Quando

acabou, caiu de joelhos e com a cabeça baixa, sendo ovacionada com aplausos e assobios animados.

- Mas ela canta bem ... – Lara enxugava os olhos. – Desde que não seja em inglês.

Tininha se ergueu, agradecendo, se curvando. Então, disse alto:

- Agora o show vai realmente começar! Vem aqui, minha águia!

Elvis foi aplaudido enquanto se erguia, jogava a capa para trás e subia ao palco, decidido, orgulhoso. Os bordados de águia brilhavam, refletindo

a luz.

Tininha e ele deram um beijo cinematográfico lá em cima, o que gerou mais palmas e gritaria. Ao lado do palco, Abigail se divertia, vendo o sucesso inesperado da dupla. Elvis pegou o microfone.

- Obrigado, obrigado. Gostei muito da homenagem. O inglês precisa melhorar um pouco, mas estamos trabalhando nisso, não é, Tininha?

- Priscilla, querido. – Ela corrigiu. – Priscilla Presley, lembra? Vamos arrasar? Solta a música aí,

companheiro!

Começou o clássico de Elvis, Jailhouse Rock, ao som do rock animado. Tininha agarrou o microfone, sua águia poderosa foi para o lado e se preparou, meio agachado, pernas viradas para um lado, tronco para o outro. Então, começou a se requebrar todo como o Rei, mexendo a pélvis enlouquecidamente, sacudindo o topete. Ela começou a cantar animada:

*“De warden till a pari in de colo
Jane.*

*de prisão e banda was there and
lelelelelê.*

*De banda was jumpin' and de
joiioiioi sim.*

*aeiou should've heard tosse muito
ruim ruim.*

Let's rock, vamos lá, let's rock.

Everybody in lelelelelê iu bloco

Was dança to de janeiro rock.”

Joguei a cabeça para trás,
gargalhando sem acreditar naquilo. Theo
quase passava mal de tanto rir. As
pessoas gritavam e se levantavam para

dançar o rock. Tininha se animava mais, algumas partes ela não sabia e enrolava com “rorororororock”, movendo-se no palco como uma galinha, enquanto Elvis rebolava até o chão, concentrado, com viradas bruscas e reboladas exageradas.

Abigail sacudiu a cabeça e depois levou as mãos ao rosto, olhando em volta, sem saber se ria ou se chorava. Virou uma alegria só. E uma bagunça. Mas ao final, ela viu todo mundo se divertindo e relaxou, até acabar o show. Os dois foram ovacionados e Elvis deu até um sorriso

de lado, como do Rei, todo suado.

- E eu que pensei que fosse louco ... Tem gente pior do que eu! – Micah gargalhou.

Mas ao final de tudo, Abigail subiu, falou com Tininha e ela concordou, meio na dúvida. Elvis voltou para sua mesa. Tininha avisou:

- A pedido de Abigail, vou cantar uma música em português. Mas não se preocupem. Logo o show vai continuar!

E quando começou a cantar uma moda sertaneja, todo mundo foi se

acalmando. Incrivelmente, cantou bem.
Lara afirmou:

- É, acho que Abigail vai acabar contratando-a.

- Mas ela só vai querer ficar se puder cantar de vez em quando com o Rei ... – Brincou Gabi.

E pior que foi assim mesmo.

Tininha passou a ser a cantora oficial do Falconetes, mas exigiu que aos sábados, no início de cada show, ela e o marido fizessem o cover do Elvis Presley. Abigail concordou temerosa. Mas depois percebeu que sábado era

sempre o dia da semana que o restaurante mais enchia e que o público mais divertia. Assim, tudo se ajeitou.

Passamos um natal maravilhoso em família, a casa cheia, uma sensação de paz e alegria. A mesma coisa foi durante as comemorações do Ano Novo.

Eu trabalhava na fazenda e me sentia realizado, pois foi o que sempre quis, viver ali, na minha terra. E quando voltava para casa, via os alicerces da minha nova residência que começavam a

ser erguidos, sorria para meu pai e Tia, brincava com meus sobrinhos, falava com meus irmãos e cunhadas e, quando via Pedro e Lara, meu mundo se tornava completo. Alguns poderiam dizer que perfeição não existia, mas eu tinha que discordar. Existia sim e eu vivia em uma.

Janeiro chegou e com ele o calor, o trabalho mais árduo na fazenda, novos contratos fechados. Trouxe também o dia de fazer a primeira ultrassonografia e fomos ansiosos, cheios de expectativas, sem saber o que

nos aguardava. Quando começou, fiquei de um lado de Lara e Pedro de outro, cada um segurando uma mão dela, nossos olhos fixos nos borrões cinzas da tela, sem entender nada.

O médico sorria, indagava:

- Estão vendo?

- O quê? – Pedro parecia nervoso.

- Os filhos de vocês. – Ele respondeu.

- Filhos? – Murmurei.

- Sim. São gêmeos.

- Ah, meu Deus ... – Lara

começou a chorar e rir ao mesmo tempo.

- Puta merda! – Pedro olhou-nos, exultante. – Dois!

- Dois ... – Repeti e sorri para ele, depois me inclinei e beijei Lara, emocionado demais. – Tinham que ser dois. Como eu e você, irmão. E, como nós, vão ser inseparáveis.

Apesar de não sermos gêmeos, nossos irmãos sempre brincavam que devíamos ter sido siameses. E agora, teríamos dois filhos de uma vez. Da mulher que amávamos.

Respirei fundo. O médico

avisou:

- Tudo bem com eles, perfeito.

Ainda é cedo para vermos os sexos, mas fiquem tranquilos. A gravidez está ótima e seus filhos também.

Não falávamos de outra coisa ao voltarmos para casa, animados, felizes, maravilhados. E fomos comemorar. Paramos na cachoeira, naquele dia quente e entramos na água, nus.

Nós a beijamos e acariciamos. E fizemos amor entre gemidos e risos, celebrando a vida e as novas oportunidades que ela nos dava, naquele

lugar que parecia ter se tornado só nosso.

Não tive medo do futuro. Eu soube que ele seria lindo. Na nossa terra, com meu irmão, nossa mulher e nossos filhos. O futuro que eu sempre quis.

CAPÍTULO 38

LARA

Eu vi minha barriga crescer e era como me expandir com ela. Não em tamanho, mas por dentro, em emoção. Senti coisas que nunca julguei possível. Uma paz sem igual, uma felicidade suprema, um observar da vida silencioso e terno, cheio de esperanças. A dor foi se tornando uma sombra, ainda ali, mas cada vez mais sobrepujada pela luz da minha vida. Tinha tanta coisa boa, tantas alegrias e motivos para comemorar, que quando alguma lembrança ruim vinha, eu a deixava passar, sem me desesperar. E logo a

substituía por uma lembrança bem melhor.

Theo e Micah foram morar em suas casas, que ficaram lindíssimas, ali perto do casarão. Exatamente ao lado, a nossa tomava forma, Pedro e Heitor tinham contratado uma empreiteira com muitos trabalhadores, queriam que ficasse pronta antes dos bebês nascerem.

Eu dividia meu tempo entre encomendar móveis e objetos de decoração com eles e sair para comprar as coisas para nossos filhos. Cada momento era uma alegria, uma prova de

que eu estava mesmo vivendo tudo aquilo.

Ia dormir feliz nos braços deles. Não paramos de transar, embora um pouco mais comedidos, mas sem perder em nada o prazer. Era comum eu ir para o colo de um quando chegava do trabalho e abaixar sua calça, sentado na cama enquanto chupava seu pau até gozar na minha boca. Então, chegava o outro e eu fazia o mesmo, faminta, ainda mais excitada com os hormônios da gravidez. Então, me deitavam e me lambiam inteira, sugavam meus

mamilos, mordiam meu pescoço, mordiscavam minhas costas, sugavam meu clitóris.

Eu me contorcia com suas línguas se alternando em meu ânus e minha boceta, gozando entre gemidos e delírios, indo ao paraíso. Era sempre maravilhoso, novo, cheio de paixão.

Em outros momentos acordava de madrugada, excitada, buscando-os. E logo estava com Pedro dentro de mim, me penetrando com aquele seu jeito de tomar tudo, de me olhar como se fosse a coisa mais deliciosa do mundo. Ou

montava em Heitor, que beijava meus seios cheios, entrava gostoso em mim, passava a mão em meu corpo, dizendo o quanto me amava.

Transávamos juntos e separados. Mas o que eu amava mesmo era quando estávamos os três, o que tornava tudo tão completo, ainda mais com seus filhos dentro de mim. Era perfeito. Um mar de luxúria, tesão, paixão, carinho e amor. Uma entrega sem fim.

Tornei-me muito amiga de Tia, que me ensinava receitas. Adorava ficar na cozinha com ela, enquanto falávamos

de tudo um pouco. Fiquei sabendo muita coisa sobre Mario e Alice, sobre como foi quando Gabi e Joaquim se apaixonaram e sobre a vingança das Amaro. Surpreendi-me com a história de Theo e Eva, os perigos que passaram, a superação até ficarem juntos. Emocionei-me com a tragédia de Micah e Mario, a separação deles, até tudo ficar bem de novo. E seu amor com Valentina.

Eu era parte da família e agora da história deles. Gostava de cada um, sentia-me no meu lugar. Não havia nada

que eu quisesse mudar ali.

Costumava ver Mario nos fundos, em sua cadeira de rodas, olhando os jardins. Sabendo do seu amor por Alice, eu o observava de longe com um misto de pena e admiração, tocada, muitas vezes com vontade de chorar inexplicavelmente. Tudo ficava mais intenso com a gravidez.

Comecei a me aproximar dele. Além de jogarmos xadrez, também conversávamos, mesmo com suas limitações. Passou a ser comum ficarmos parte da tarde juntos e

tomarmos café com Tia na cozinha. Muitas vezes Gabi nos acompanhava, outras Eva chegava com as crianças ou Valentina, com as gêmeas. Cacá também estava sempre por lá, quando chegava da escola.

Acabei gostando tanto dos jardins de Alice que comecei a me arriscar com jardinagem também, ali perto, quase ao lado de onde nossa casa estava sendo construída. Comecei mais como uma distração, algo para me ocupar. Mas passei a tomar gosto e era comum de manhã ir para lá, com meus

apetrechos que Heitor e Pedro compraram para mim, um grande chapéu na cabeça.

Mario me observava da varanda e eu sorria para ele, indagando:

- Será que um dia meu jardim vai ser tão lindo quanto o de Alice?

Seu semblante se suavizava, olhava para as plantas da esposa, para minhas mudas. Então, acenava com a cabeça e sorria de volta, algo em seu olhar lembrando saudade e nostalgia. Minha vontade era de ir até ele, acariciar seus cabelos cada vez mais

brancos, fazer algum carinho, dizer algo que o confortasse. Mas nunca tinha coragem. Assim, fazia companhia a ele.

Em alguns momentos, se esforçava e me dava alguma dica. Onde ficava melhor cada planta, as melhores mudas, o que eu pretendia fazer. E assim os dias passavam, minha barriga crescia e eu vivia em paz ali.

Estava com sete meses quando descobrimos os sexos dos bebês. Uma menina e um menino. Ficamos maravilhados, felizes até não poder mais. Chegamos em casa eufóricos,

contando para todo mundo.

Imaginava se os dois seriam filhos de Pedro ou de Heitor. Mas rezava para que fosse um de cada. Quatro óvulos fecundados foram colocados dentro de mim, dois de cada um. Como só dois se desenvolveram, não dava para saber de quem era. Sabia que seriam amados por todos nós, independente da paternidade. Mas eu queria muito ter um filho de cada um.

Quando estava com nove meses, fiquei tão pesada e inchada que não pude continuar com a jardinagem. Mas

ainda sentava com Mario à tarde na varanda e apontava para ele as minhas primeiras plantas. Às vezes Tia se juntava a nós e ficávamos ali, preguiçosos, jogando conversa fora.

Uma vez, depois de levá-lo para descansar, Tia voltou e tomamos um café lá fora. Ela apontou para a porta de um cômodo na lateral da casa e disse:

- Está vendo aquele quartinho, Lara?

- Sim.

- Era onde Alice guardava as coisas dela de jardinagem. Estava

sempre lá ou aqui. Era um lugar que ela gostava muito, onde tinha sua privacidade. – Tia sorriu tristemente. – Desde que ela tentou se matar, Mario nunca mais abriu o quartinho ou deixou alguém entrar lá. Tudo que Alice tinha, continua, como que eternizado no tempo, do jeito que ela deixou.

Olhei para a porta de madeira e para a janela, trancados, emocionada.

- Sério, Tia? Mas ninguém entrou lá? Nem para limpar.

- Ninguém. Mario só trancou e avisou que não queria ninguém lá, nunca.

E assim foi.

- Meu Deus ...

Imaginei como seria lá dentro e se os filhos um dia quisessem ignorar as ordens do pai e ir ao quartinho só para se sentirem um pouco mais perto dela. Mas, como o respeitavam tanto, sabia que era quase um lugar sagrado para eles também.

Naquela noite, comentei sobre aquilo com Pedro e Heitor.

- Eu sempre tive vontade. –
Confessou Heitor. – Mesmo quando minha mãe era viva, não entrávamos lá.

Era o lugar particular dela e estava sempre com a chave. Acho que entendo meu pai. Pareceria invadir um local íntimo. Sei lá.

Pedro ficou mais quieto. Mas sentindo meu olhar curioso, emendou:

- Acho que prefiro nem saber o que tem lá. Há muito tempo, parei de pensar sobre isso.

Não tocamos mais no assunto, mas agora, sempre que via a porta fechada, era como se sentisse Alice ali dentro, mesmo nunca a tendo conhecido.

Em julho, meus bebês nasceram de cesariana, pois minha pressão ficou um pouco alta e o médico não quis arriscar alguma complicação no parto.

Quando ouvi um choro, logo seguido por outro, eu chorei junto. Pedro e Heitor, que acompanhavam o parto, riram e choraram ao mesmo tempo.

- Olha como é grande! – Pedro disse, embargado, orgulhoso.

- O outro também. É lindo! – Heitor estava maravilhado.

- Eu quero ver ... – Pedi,

impedida pelo lençol na minha frente, as lágrimas escorrendo dos meus olhos.

- Já estão indo. – Disse uma das pediatras, sorrindo. – Bebês grandes e saudáveis.

E, foi só trazê-los, que me apaixonei perdidamente. Tinham sido limpos e enrolados em uma manta, mas vi logo que um era mais claro e careca, enquanto outro era mais moreno e com tufo de cabelos negros. Ali eu soube. Era um de Pedro e um de Heitor. Beije-os, chorando tanto que ficaram com medo que eu passasse mal.

- Nossos filhos, morena ... –

Pedro beijou cada um deles e depois meus lábios, lágrimas pulando dos olhos dele.

- Nossos filhos ... – Murmurei.

Vi como Heitor olhava apaixonado e encantado para eles, como sorriu para mim. E sussurrou:

- Obrigado, Lara Maria.

Mas era eu quem tinha que agradecer.

Além de me darem minha vida de volta, tinham me dado mais duas, dois pedaços deles. Que eu amaria e

protegeria como uma leoa. Meus filhos nunca chegariam perto de saber o que passei. Eu, Pedro e Heitor garantiríamos que seriam felizes. Que nada nem ninguém faria mal a eles.

Chorei e ri ao mesmo tempo.

Que vida maravilhosa, meu Deus!

Mario ficou emocionado demais quando soube o nome dos bebês. Mario e Alice. Nós escolhemos juntos, em homenagem aos pais deles.

Todo mundo se abalou ao vê-lo chorar enquanto olhava os dois bebês juntos, lado a lado em um carrinho duplo. Ficou um longo tempo fitando-os, seu rosto enrugado cheio de emoções, seus cílios molhados, os olhos azuis mais claros do que nunca. Então, olhou para Tia e todos os filhos, noras e netos reunidos em sua sala e murmurou:

- O ... bri ... ga ... do. Eu ... ham ... fe ... liz ...

Os filhos o beijaram e foram para perto dele. Tia correu para pegar uma máquina e tirar fotos.

Um ciclo havia se fechado.

O que havia começado com Mario e Alice, terminava temporariamente com Mario e Alice, até todos eles crescerem e formarem novas famílias, criando mais entes da Família Falcão.

Naquela noite, quando amamenteei os bebês e deitei, com cuidado, entre Pedro e Heitor, murmurei:

- Alice é sua filha, Pedro. – Eu me referia a bebê clarinha, que com certeza seria loirinha no futuro. E quanto

ao menino robusto e moreno, emendei: -
Mario é filho de Heitor.

- Como você sabe? – Pedro se acomodou no cotovelo, me olhando. – Só vamos saber essa semana, quando chegar os testes de paternidade. Mesmo sendo clarinha como eu, Alice pode ser filha de Heitor.

- Desculpe, querido. – Sorri para ele e acariciei seu rosto. – Sei que disse que só faz filho macho, mas fez uma menininha.

- Não me parece nada mal ... – Virou o rosto e beijou minha mão, com

carinho.

Olhei para Heitor. Falei baixinho:

- Já vejo Mario em cima de um cavalo ao seu lado, se apaixonando pelas terras dos Falcão.

- Que visão linda. – Veio perto e beijou meus lábios. – Mas independente do teste, seremos pais dos dois. Não pai de um e tio de outro. Pais dos dois.

- Sim. – Eu me emocionei e murmurei: - Eles são sortudos demais, não é?

- Muito sortudos. – Emendou

Pedro.

Sorrimos um para os outros e entrelaçamos nossos dedos.

Minha intuição se concretizou.

Alice Avellar Falcão era filha de Pedro.

Mario Avellar Falcão era filho de Heitor.

Legalmente, foi assim na certidão. Mas para quem ligava para lei, com tanto amor?

Enquanto cresciam, foi comum ver Alice no colo de Heitor e Mario no colo de Pedro. E vice versa.

Não havia distinção nem regra pré-estabelecida. Havia uma família, feliz, completa, onde as crianças eram amadas demais, cuidadas com todo carinho. E onde seus pais bendiziam o dia em que não ligaram para preconceito, mas sim para o amor.

A Família Falcão se perpetuaria. Sem vinganças, sem tragédias, sem lutas violentas. Enfrentaria problemas, com qualquer uma. Mas, enquanto eu olhava a foto que Tia tinha pedido para a enfermeira bater, com Mario Falcão no centro, seu olhar azul fixo para frente,

mas cheio de paz. Atrás dele, Theo com Helena no colo, Micah com Eduarda, Joaquim com Caio, Pedro com o bebê Mario nos braços, Heitor com Alice, eu na frente deles, Valentina com Catarina, Cacá ao lado dela, Eva com Theo Júnior, Gabi e Tia abraçadas, todos sorrindo, eu soube que os problemas não seriam nada diante do que aquela família tinha de sobra.

União e amor.

Beijei a foto e sorri, feliz. Eu não era mais uma menina assustada nem uma mulher perdida. Eu fazia parte de

tudo aquilo. Era completa, inteira, tinha meus amores, minha nova história, pertencia àquela família. Era tudo e mais que desejei um dia. Por que eu fazia parte dela.

EPÍLOGO

MARIO FALCÃO

OITO ANOS DEPOIS

Sentado em minha cadeira, na varanda, naquele dia lindo de um sábado de abril, eu olhava para os jardins de Alice. A cada dia eu me sentia mais fraco e debilitado, com as forças

deixando meu corpo. E sabia que estava perto de me encontrar com ela. Talvez fosse tolice de um velho doente e perto da morte. Mas eu parecia senti-la cada vez mais próxima de mim. E isso acalentava meus dias, me dava uma tranquilidade mansa, silenciosa, esperançosa.

Desviei meus olhos e me deparei com um outro jardim, mais à frente. Lara o molhava com uma mangueira, sorrindo para as crianças que brincavam perto dela, correndo para se molharem com os chuveiros que escapavam, animados e

barulhentos. Eram lindos, ela loirinha como Pedro, com longos cabelos lisos, seus olhos como os da mãe. Ele mais alto e moreno como Heitor, olhos escuros, cheio de cachos negros.

Mario e Alice.

Era uma felicidade olhá-los. Adorava quando vinham até mim correndo, contando alguma coisa. Assim como meus outros netos. Cacá já um rapaz de vinte e dois anos, fazendo faculdade em Belo Horizonte e vindo todo final de semana para casa. Caio e Helena, de dez anos estavam sempre

chamando os outros para brincar. Helena tinha a personalidade de Theo e era a líder nata. Mas carinhosa com todos os outros. Júnior era bom e atencioso, Eduarda e Catarina, peraltas como o pai.

Estavam sempre todos por ali, animando a casa, entrando e saindo. Eu gostava disso. Como gostava de observá-los e de ver como todos os meus filhos foram felizes no amor, com suas famílias.

Meus olhos passaram das crianças para Lara, que sorriu para mim, orgulhosa do seu belo jardim. Era uma

boa moça. Ótima mãe, ótima esposa. E estava sempre perto de mim.

Eu gostava de ver que em seus olhos não havia mais dor. Em alguns momentos, quando havia começado a frequentar a casa, eu tinha achado seu olhar parecido com o de Alice, como se guardasse um segredo doloroso. Mas, felizmente, não era mais assim. Ela era feliz.

Vi suas ferramentas de jardinagem no chão e meu olhar seguiu até o quarto fechado há 26 anos, desde que Alice havia tentado se matar. Meu

peito se apertou e, como fiz em cada um daqueles anos, desejei e temi entrar ali. Era um lugar só dela e sempre imaginei que poderia encontrar ali mais dor. E eu não sabia se suportaria mais. Principalmente se houvesse algo relacionado a Pablo Amaro ou ao amor dela por ele.

Mas agora, meu tempo se esvaía. E eu sentia como se devesse enfrentar meus fantasmas pela última vez. Talvez fosse a última coisa a fazer. Conhecer o que ela tanto guardava lá, por que tinha tanto carinho pelo lugar. Havia todo seu

material de jardinagem. E o que mais? Apenas isso? Ou mais segredos?

Era uma parte dela ali. As coisas dela. E uma emoção indescritível me dominava, me incitava a ir em frente, antes que meu tempo se escoasse de vez. O medo ainda estava lá, uma vontade talvez covarde ou respeitosa de simplesmente deixar tudo lá, como sempre fiz. E morrer com aquela paz que eu tinha agora.

Mas nunca fui covarde. E o tempo se fazia presente, como uma voz a sussurrar em meu ouvido. Olhei

novamente para Lara. Ela guardava a mangueira e as crianças entravam correndo na casa deles em frente, de dois andares. Pedro e Heitor estavam lá.

Lara deixou tudo num canto, enxugou as mãos no jeans e veio caminhando até mim, seu rabo de cavalo balançando atrás dela. E ali, eu soube. Abri a boca, mas foi ela quem falou?

- O senhor quer entrar? Precisa de alguma coisa?

- Pre ... ci ... so. – Falei baixo. Era cada vez mais difícil fazer aqueles pequenos esforços.

- O quê?

Ergui lentamente a mão direita e aponte para o quartinho de ferramentas. Lara seguiu a direção e se surpreendeu. Voltar a olhar para mim.

- O que o senhor quer?

- A ... ham ... brir.

- Abrir o quartinho da sua esposa? – Seus olhos se arregalaram, como se não pudesse acreditar. – Mas ...

- Ferra ... men ... tas ... – Parei e respirei fundo. – Ham ... você.

- Abrir para pegar as ferramentas para mim? Não, Mario. –

Falou apressadamente. – Eu sei que está fechado há anos. Eu não poderia ...

- Por ... fa ... vor.

Seus olhos encontraram os meus. Estava um pouco abalada. Acariciou meu braço com carinho e murmurou:

- É o que o senhor quer?

Acenei com a cabeça.

- E onde está a chave? Tia sabe?

- S ... Sim ...

- Vou falar com ela, já volto.

Lara se afastou rapidamente. Olhei para as plantas, nervoso. Por um momento, foi como ver Alice ali,

virando o rosto e sorrindo para mim. Meu peito ficou cheio de amor, como sempre foi desde que a vi pela primeira vez. Mas ela não estava realmente. Embora eu a sentisse em cada parte de mim.

Soltei o ar, um tanto cansado.

Lara voltou e vi o alarme no rosto de Tia, agarrada com a chave antiga, seus olhos buscando o meu.

- Mario, você quer abrir o quarto de ferramentas? Depois de tanto tempo?

Fiz que sim, devagar. Ela se aproximou mais, perscrutando meu

rosto, preocupada.

- Você está bem? Está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame os meninos?

- Não ... não. — Apontei cm dificuldade para o quarto.

- Acho que ele quer ir lá, Tia. Que a gente abra para ele.

Ela ficou na dúvida, ansiosa.

- Mas Mario, e se você passar mal?

Mantive-me firme, encarando-a, mostrando minha vontade. Suspirou e acenou com a cabeça.

- Eu levo ele. – Lara veio para trás da minha cadeira.

Tia seguiu em frente. Fomos pela rampa lateral, contornando o jardim e a casa, até o cômodo. Vi que Tia tremia ao enfiar a chave na fechadura e girar. Eu tremia também, por dentro, todo dormente. Não demonstrei, para que não desistissem de entrar comigo.

Tentei me preparar, quando a porta abriu com um rangido. Tia empurrou-a e foi na frente, acendendo a luz. Lara acariciou suavemente meu ombro. Então, empurrou minha cadeira

para dentro, enquanto meu coração disparava.

Pensei que me depararia com Alice. E foi quase isso. Quando minha cadeira parou no meio do cômodo, eu fui envolvido por tudo dela que restou, que ficou ali, guardado. Foi a última pessoa a estar naquele local e seu cheiro veio dentro de mim com força total, paralisando-me, enchendo-me de lembranças e saudades. Talvez fosse só alucinação minha, depois de tantos anos. Mas eu senti. Era o cheiro de Alice. Eu o reconheceria em qualquer lugar.

E então, meus olhos passaram em volta, correram pelo espaço como se tivessem vida própria. Vi cada ferramenta, cada vaso, a mesa larga a um canto, cheia de coisas em cima. Caixas se espalhavam pelo chão, havia uma estante de ferro na parede e mais coisas ali, deixadas displicentemente, como se ela fosse voltar logo para arrumar. Seu avental florido estava pendurado em um gancho, de qualquer jeito, meio torto.

Era como se o tempo recuasse. Eu a imaginei entrando ali, deixando as

ferramentas no chão, deixando suas luvas na mesa, indo lavar a mão na pia. Depois, tirando o avental e o deixando ali. Então, seguindo até a mesa de novo, olhando para as folhas que estavam lá espalhadas, assim como um copo cheio de canetas. Meus olhos ardiam. Meu coração batia forte demais e cheguei a pensar que não aguentaria.

Alice estava toda ali, em cada pequena coisa, no ar com a respiração dela, nas coisas que tocara e amara, no perfume que deixara. Queria fechar os olhos e aspirá-la, guardá-la mais dentro

de mim do que eu já fazia, mas não pude parar de apreciar tudo que foi dela. E, sem esperar que ninguém me ajudasse, liguei o botão da cadeira e ela se moveu sozinha por ali.

- Mario ... - Tia disse preocupada. Ouvi os passos de Lara. Mas só com uma parte ínfima de mim. Todo o resto se concentrava ali.

Havia ainda resíduos de terra seca no chão. Teias de aranha se espelhavam pela estante. Poeira circulava no ar. Mas eu via mais do que aquilo. Surpreso, tocado, emocionado,

meus olhos se fixavam nos porta retratos na estante, cobertos por resíduos do tempo. Ao contrário da bagunça displicente de todo resto, eles estavam arrumados com capricho, em ordem, num lugar de destaque.

Tudo parou enquanto eu via fotos de nossos filhos, ainda pequenos. Mas o que mais me surpreendeu, me encheu de um misto de tristeza paralisante e alegria extraordinária, foi ver várias fotos minhas. Teve uma época que ela se distraía com fotografias, mas nunca tinha notado que tinha tirado fotos minhas.

Parei em frente a elas, meus olhos estranhamente secos enquanto meu ser chorava, sangrava, se exaltava, se chocava com aquilo. Eu jovem e sério em cima de um cavalo, olhando para as terras a se perder de vista. Deitado na rede da varanda, dormindo. No quintal, com Theo no colo, apontando algo para ele. Esticado em nossa cama, de olhos fechados e dorso nu.

Eram muitas. Havia mais na mesa, em porta-retratos e espalhadas. Eu agarrei uma com dificuldade, empoeirada, levando-a perto do rosto.

Era grande. Eu estava no curral, treinando cavalos bravios, com meu chapéu, cara amarrada, suado. Como ela fizera aquilo sem que eu soubesse? Em que momentos me observara tanto? Por quê?

Lembrei de seus olhos tímidos sempre que eu chegava perto. De suas faces coradas. Do modo como respirava fundo quando eu a tocava e erguia seu rosto para fitar seus olhos. Era como se sempre se guardasse de mim, o que só me dava mais vontade de tê-la. Achei que fosse sempre eu a saber dela, a estar

atento a tudo, sempre acompanhando-a. Mas não. Ela me olhara, me vira, me guardara ali, só para ela.

- Ah ... – Meu gemido escapou como um grito, tudo doeu dentro de mim. Segurei forte a foto e olhei em volta, busquei mais, traído por ela, por mim mesmo.

“Por que nunca me disse?”, tive vontade de gritar. “Por que nunca me deixou saber?”. E então, momentos que pensei terem sido ilusões minhas, meu desejo absurdo de que me amasse como eu amava, vieram com força total. As

vezes que me agarrava na cama, como se não quisesse me deixar escapar, em um desespero mudo enquanto eu a penetrava. As vezes em que me buscou, silenciosa, me deu a mão, apenas caminhou comigo. As lágrimas em seus olhos quando teve nossos filhos. Os beijos que me dava e que eram tão cheios de entrega. Não tinha sido só tristeza nem só atração. Tinha sido mais. Muito mais.

Perdi-me no tempo e em emoções que me golpearam sem dó. Anos de nossas vidas juntos passaram

por minha mente. Ao mesmo tempo, como se uma cortina se abrisse, eu estava ali, vendo tudo que mantivera só com ela. Movi minha cadeira mais para perto de uma parede e vi duas fotos minhas presas ali. Havia anotações ao lado delas, com sua letra floreada, o papel amarelado pelo tempo. Esforcei-me para poder ler.

Numa das fotos, eu estava sentado na varanda e ela parecia ter me pego através de uma janela. Estava sentado nos degraus, distraído. Ao lado, ela escrevera: “O medo nunca passa.

Medo de te perder. Medo de me mostrar. Medo que saiba de tudo e isso nos destrua. Nunca tive tanto medo. Medo que olhe agora para mim e veja, Mario”.

Arquejei, dolorido, atacado. Medo que eu descobrisse que me traiu? Teria se arrependido, descoberto ali que nunca amou Pablo de verdade e sim a mim? Perguntas me golpearam, me fizeram tremer, respirar com dificuldade.

Na outra foto, eu também dormia e pegou só meu rosto, relaxado pelo sono. Escreveu na anotação: “Quando

está assim, é só meu. E nunca canso de olhar para você. Eu o vejo o tempo todo, mesmo quando está longe”.

Havia mais coisa, cadernos, papeis. Eu queria poder me erguer, segurar tudo, ler tudo. Devassar seus pensamentos e sua alma. Gritar por nunca ter me deixado ver que ali não tinha nada de Amaro, só de mim. Em uma adoração muda, que custou anos da minha vida. Eu me torturei sem cessar, por ter sido traído, por nunca ter a única coisa que quis, que foi seu amor. E agora, estava tudo ali. Sentimentos que

Alice escondeu.

- Meu Deus ... – Tia murmurou, então se aproximou de mim. – Mario, você está bem?

Eu não sabia. Eu sentia muita raiva. Indagava a mim mesmo por que nunca disse me amar, se era aquilo que parecia ali, em cada pedaço dela que ficou. E me rejubilava de alívio, me dava conta que nunca foi em vão. O que fiz, o que lutei por ela, o meu amor desesperado. Nada foi em vão nem só meu. Foi nosso. E as provas se espalhavam naquele cômodo que foi só

de Alice.

Fechei os olhos por um momento e a vi, sorrindo para mim, me estendendo a mão. Senti que estava cada vez mais perto o tempo de estar com ela. E então, talvez eu pudesse saber. Entender. Mas ali, já me bastava descobrir mais do que imaginei a vida toda. Alice havia me amado.

- Olha o que achei. – A voz de Lara veio de muito longe.

Não quis sair daquele mundo novo que descobri, daquelas sensações que se espalhavam dentro de mim.

Tentei me agarrar a elas, respirei mais fundo, seu cheiro veio mais forte.

- Acho que é um diário. O diário de Alice. – Lara disse, surpresa.

Abri meus olhos. Virei minha cadeira, a respiração presa em minha garganta.

Fitei o caderno na mão dela.

Meu coração parou de bater. E então, acelerou terrivelmente.

Finalmente eu saberia o que Alice nunca me disse. Tudo que sentiu.

Então, eu poderia deixar aquele mundo. E ir para os braços dela.

NOTAS:

Alguns dados sobre violência sexual contra crianças no Brasil:

“A violência sexual é o segundo tipo de violência mais comum contra crianças de zero a nove anos. Com 35% das notificações, ela está atrás apenas

da negligência e abandono (36%). Os números preliminares fazem parte de um levantamento inédito divulgado nesta terça-feira pelo Ministério da Saúde, com base em dados do sistema de Vigilância de Violências e Acidentes (VIVA). De acordo com o VIVA, em 2011 foram registradas 14.625 notificações de violência doméstica, sexual, física e outras agressões contra crianças menores de dez anos(...).

(Revista Veja, 22/05/2012)

“Estatísticas afirmam que, nos últimos anos, o número de crianças e adolescentes que sofrem ou sofreram abuso sexual é cada vez maior, no Brasil. Porém, apenas uma minoria denuncia o fato e, um dos motivos disso, é o trauma psicológico acarretado, porque na maioria das vezes a criança é vítima de incesto; ou seja, mantém algum grau de parentesco com o agressor (...). Nesses casos, existe ainda o medo de que a denúncia resulte em retaliações.

A Organização Pan-Americana

de Saúde (Opas) e a Organização Mundial da Saúde (OMS) estimam que apenas 2% dos casos de abuso sexual contra crianças, nos casos em que o agressor é parente próximo, chegam a ser denunciados à polícia. Estudo do Unicef revela que, de 2000 até 2005, foram contabilizados 437 casos fatais de violência no lar, causado por agressões físicas. A pesquisa da Abrapia, também analisada no estudo do Unicef, aponta que parentes são responsáveis, em média, por 34,4% dos casos. Quando se trata de abuso sexual, os dados

impressionam pela tenra idade das vítimas: 49% das crianças que sofrem esse tipo de violência dentro de suas casas têm entre dois e cinco anos.

(Fonte: Conselho Regional de Serviço Social , www.cress-sp.org.br, 01 DE FEVEREIRO DE 2007)

“A cada dia, pelo menos 20 crianças de zero a 9 anos de idade são atendidas nos hospitais brasileiros que integram o Sistema Único de Saúde (SUS), após terem sido vítimas de

violência sexual. Os dados são do Ministério da Saúde. De acordo com o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), mantido pelo governo federal, em 2012 houve 7.592 notificações desse tipo de violência. O número corresponde a 27% de todos os casos de violência infantil registrados pelos hospitais. Na maior parte dos casos, a violência aconteceu dentro de casa e o agressor era do sexo masculino.”

(Gazeta do Povo - 23/03/2014)

Onde denunciar:

Conselhos Tutelares – Os Conselhos Tutelares foram criados para zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e adolescentes. A eles cabe receber a notificação e analisar a procedência de cada caso, visitando as famílias. Se for confirmado o fato, o Conselho deve levar a situação ao conhecimento do Ministério Público.

Varas da Infância e da

Juventude – Em município onde não há Conselhos Tutelares, as Varas da Infância e da Juventude podem receber as denúncias.

Outros órgãos que também estão preparados para ajudar são as Delegacias de Proteção à Criança e ao Adolescente e as Delegacias da Mulher.

Ou Disque 100

O serviço do Disque Denúncia Nacional de Abuso e Exploração Sexual contra Crianças e Adolescentes é coordenado e executado pela Secretaria

Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República.

Por meio do 100, o usuário pode denunciar violências contra crianças e adolescentes, colher informações acerca do paradeiro de crianças e adolescentes desaparecidos, tráfico de pessoas – independentemente da idade da vítima – e obter informações sobre os Conselhos Tutelares.

O serviço funciona diariamente de 8h às 22h, inclusive nos finais de semana e feriados. As denúncias recebidas são analisadas e

encaminhadas aos órgãos de defesa e responsabilização, conforme a competência, num prazo de 24h. A identidade do denunciante é mantida em absoluto sigilo.

